UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

HUDA DA SILVA SANTIAGO

A ESCRITA POR *MÃOS INÁBEIS*
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO

VOLUME I
TOMO I

Salvador
2019

HUDA DA SILVA SANTIAGO

A ESCRITA POR *MÃOS INÁBEIS*
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO

VOLUME I
TOMO I

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro
Coorientador: Prof. Dr. Afrânio Gonçalves Barbosa

Salvador
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santiago, Huda da Silva
A escrita por “mãos inábeis”: uma proposta de caracterização / Huda da Silva Santiago. -- Salvador, 2019.
722 f. : il

Orientadora: Zenaide de Oliveira Novais Carneiro.
Coorientador: Afrânio Gonçalves Barbosa.
Tese (Doutorado - Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, 2019.

1. Corpora diacrônicos. 2. Mãos inábeis. 3. Cartas pessoais. I. Carneiro, Zenaide de Oliveira Novais.
II. Barbosa, Afrânio Gonçalves. III. Título.

HUDA DA SILVA SANTIAGO

A ESCRITA POR *MÃOS INÁBEIS*
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro – Orientadora
Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas
Professora Plena na Universidade Estadual de Feira de Santana

Afrânio Gonçalves Barbosa – Coorientador
Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professor Associado na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Rita Braga Marquilhas
Doutora em Linguística pela Universidade de Lisboa
Professora Associada na Universidade de Lisboa

Norma Lucia Fernandes de Almeida
Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas
Professora Titular na Universidade Estadual de Feira de Santana

Emília Helena Portella Monteiro de Souza
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Professora Associada na Universidade Federal da Bahia

Alícia Duhá Lose
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Professora Associada na Universidade Federal da Bahia

Ao Professor Klebson Oliveira (*in memoriam*),
pela generosidade.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Zenaide Carneiro, por acompanhar efetivamente a minha vida acadêmica, estimulando-me, confiando e acreditando em meu trabalho. Sua orientação foi fundamental, não só durante a construção da tese, mas em todo o percurso da pós-graduação, na minha formação como professora-pesquisadora.

Ao Prof. Dr. Afrânio Barbosa, por ter aceitado coorientar este trabalho e pelas sugestões valiosas, leitura e conversas, imprescindíveis para o andamento da investigação e por ter apresentado a mim, durante a banca de mestrado, um plano de trabalho para o doutorado. Serei sempre muito grata.

Às Professoras Dra. Rita Marquilhas e Dra. Emília Helena de Souza, pelas importantes contribuições durante o exame de qualificação. Às Professoras Dra. Alícia Lose e Dra. Norma Lucia de Almeida, pela disponibilidade em participar da banca de defesa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da UFBA: coordenadores, funcionários e professores. Especialmente, aos profs. Tânia Lobo, Célia Telles, Alícia Lose, Emília Helena, Américo Venâncio e Dante Lucchesi, pelos conhecimentos compartilhados durante as aulas.

Às equipes do Programa Para a História do Português (PROHPOR), do Programa História Social da Cultura Escrita no Brasil (Hisculte) e do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB). As reuniões e os eventos proporcionados por essas equipes foram momentos importantes para minha formação e para o andamento da pesquisa.

À equipe do projeto Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS), da UEFS, pelas experiências compartilhadas.

Aos professores e funcionários do Departamento de Letras e Artes, da UEFS, em especial, às professoras da área de Linguística: Norma Lucia, Silvana Araújo, Mariana Fagundes, Eliana Pitombo, Josane Oliveira, Girlene Portela, Rita Queiróz, Márcia Tranzillo, Valéria Marta, Carla Luzia, Nelmira Moreira e demais colegas, que muito contribuem para minha formação, desde a graduação, a especialização, o mestrado, até o período atual, com minha atuação profissional nessa instituição.

Aos queridos estudantes da UEFS, pela torcida, pelo ânimo, pela confiança em meu trabalho e pelos conhecimentos que temos construído juntos.

À equipe do colegiado de Letras da UNEB, *campus* XIII, onde trabalhei durante um ano e meio: funcionários, professores e, especialmente, aos estudantes. Apesar do pouco tempo, uma convivência que, durante momentos decisivos desta pesquisa, me deu ânimo a continuar.

À Secretaria de Educação do Estado da Bahia, mais especificamente ao NTE 4, pela licença concedida, da minha atuação na Educação Básica. À equipe do CEACO, gestores, funcionários, professores e, principalmente, aos estudantes, presença animadora em minha vida.

Aos sertanejos, pelo prazer em contribuir com esta pesquisa e por me receberem sempre com muito afeto em suas casas. Às senhoras Almerinda Oliveira, Josefa da Silva, Ana Helena Santana, Zenilta de Oliveira, Lucidalva Cedraz e Helena Oliveira, por terem disponibilizado seus acervos pessoais. Pelo acesso às informações acerca dos dados biográficos, agradeço a Delvacy, Elza, Selma e em especial, ao amigo Jadione de Almeida, pela disponibilização das cartas de seus pais e por todas as informações que me concedeu. Aos que participaram das gravações de entrevistas, principalmente a Antonio Fortunato, um coração enorme.

A Igor Leal Souza, pela excelente contribuição com a construção do site. A Priscila Tuy, pela colaboração preciosa com a edição modernizada e, também, a Janaina Mascarenhas, que colaborou na primeira parte da edição. Também, a Shirley Guedes, pelas conversas sobre a edição, ajudando a solucionar minhas dúvidas.

A Rosana Brito, pela leitura atenta, apoio durante o processo de gravação e de transcrição das entrevistas e a Lorena Santos, pela leitura cuidadosa da sexta seção, e, também, pela importante companhia na gravação das entrevistas.

A Edivan Almeida, pelo apoio, conversas, contribuição com a diagramação e leitura do texto final.

Aos colegas Adilson Silva e Pedro Daniel, pela companhia durante todo o curso. Sem as viagens, os eventos, os risos, as conversas, o compartilhamento de dúvidas, tudo teria sido mais difícil. À colega Neila Santana, pelo companheirismo, pelos momentos de angústias e alegrias compartilhados e pela companhia nas idas e vindas para Salvador. À amiga Evani Pereira, por estar sempre por perto.

A Nilson e Sula, pelo apoio necessário e por me permitirem a presença de Laís e Gabriel para alegrarem meus dias.

Aos familiares e amigos, pelo carinho e torcida.

A meu pai Tiago, minha mãe Gilda e meu irmão Luan, pelo apoio constante e por acreditarem em mim, sempre.

À permanente presença divina...

RESUMO

O objetivo deste trabalho é estabelecer uma proposta metodológica para identificação do grau de domínio da técnica de escrita de redatores estacionados em níveis iniciais de aquisição da escrita, a partir do estudo de um conjunto de aspectos de inabilidade, usando um *corpus* constituído por 131 cartas pessoais, escritas por sertanejos baianos, no século XX. Busca-se caracterizar a *mão inábil* a partir de um contínuo de inabilidade, cujo nível máximo é identificável pela incidência do maior conjunto possível de marcas (principalmente o desconhecimento do padrão gráfico, como a dificuldade em grafar sílabas complexas), enquanto que níveis intermediários são caracterizados pela incidência parcial desses aspectos. São consideradas propriedades comuns a diferentes grupos de redatores inábeis, já estudadas por Marquilhas (2000), Barbosa (1999) e Oliveira (2006). Essa possibilidade de distribuição é uma tentativa de colaboração para o tratamento mais adequado da caracterização dos redatores nos *corpora* linguísticos, geralmente polarizados entre hábeis e inábeis, sem maiores diferenciações intermediárias. Para o estudo dos aspectos referentes à dimensão externa da escrita, aos perfis sócio-culturais dos redatores, foram produzidas, com base na abordagem da História Oral, entrevistas-narrativas com alguns redatores e destinatários das cartas, pois muitos estão vivos, o que permitiu conhecer os indícios dos processos/espaços escolares e extraescolares, que caracterizaram a difusão da escrita na zona rural do semiárido baiano. Foi possível, assim, estabelecer um melhor cruzamento entre aspectos referentes ao produto gráfico e à história social da cultura escrita. A disponibilização das edições dos documentos, nas versões semidiplomática e modernizada, pretende contribuir para estudos de aspectos linguísticos, sócio-históricos, da difusão da escrita, entre outros.

Palavras-chave: *Corpora* diacrônicos. *Mãos inábeis*. Cartas pessoais.

ABSTRACT

This paper aims to establish a methodological proposal to identify the degree of writing technique of writers stationed at initial levels of writing, from the study of a set of aspects of disability, using a corpus made up of 131 personal letters, written by Bahian *sertanejos*, in the twentieth century. It is sought to characterize the *poor writers* from a continuum of disability, whose maximum level is identifiable by the incidence of the largest possible set of traces (mainly the lack of knowledge of the graphic pattern, such as the difficulty in writing complex syllables), while intermediate levels are characterized by the partial incidence of these aspects. They are considered common properties to different groups of *poor writers*, previously studied by Marquilhas (2000), Barbosa (1999) and Oliveira (2006). This possibility of distribution is an attempt to collaborate for the most appropriate treatment of the characterization of writers in the linguistic corpora, generally polarized between skilled and *poor writers* without major intermediate differentiations. For the study of the aspects related to the external dimension of writing, to the socio-cultural profiles of the writers, were produced, based on the oral history, interview-narratives with some writers and recipients of the letters were possible since many of them are alive, which allowed to know the indications of the processes/spaces that characterized the writing diffusion in rural Bahian semi-arid areas. A better cross-reference between product and the social history of written culture was possible to be established. The availability of editions of the documents, in the semi-modern and modernized versions, aims to contribute to studies of linguistic, socio-historical aspects on the diffusion of writing, among others.

Keywords: Diachronic *corpora*. *Poor writers*. Personal letters.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Critérios de inabilidade em escrita estudados em *corpora* diversos 38
Figura 2 – Contínuo de inabilidade em escrita alfabética 44
Figura 3 – Descrição de aspectos materiais na edição semidiplomática 63
Figura 4 – Exemplo de carta escrita a lápis, em papel de carta (AFS-22) 63
Figura 5 – Exemplo de carta escrita a caneta de tinta azul, em papel de caderno (AOL-72) 63
Figura 6 – Detalhe da carta com desenho de flores (NIN-38) 64
Figura 7 – Detalhe da carta com desenho de corações (APS-43) 64
Figura 8 – Detalhe de carta com manchas e rasgos causados por umidade (JO-128) 65
Figura 9 – Edição semidiplomática com fac-símile 66
Figura 10 – Edição diplomática, com fac-símile, gerada pelo eDictor 68
Figura 11 – Edição modernizada, com fac-símile, gerada pelo eDictor 68
Figura 12 – Mapa da região 77
Figura 13 – Folhas de calendário religioso, presentes na casa dos sertanejos 92
Figura 14 – Folheto de cordel, presente no sertão baiano em meados do século XX 94
Figura 15 – Livro didático da época 95
Figura 16 – Fac-símile da carta de Antônio Fortunato (AFS-20) 118
Figura 17 – Fac-símile da carta de João dos Santos (JS-62) 118
Figura 18 – Fac-símile da carta de Angélica Pereira (APS-43) 119
Figura 19 – Fac-símile da carta de Roma (ROM-73) 119
Figura 20 – Exemplo de contínuo de inabilidade com dados de escriptualidade e índices grafofonéticos 121
Figura 21 – Fac-símile de carta sem sinais de pontuação (ACO-44) 125
Figura 22 – Fac-símile de carta sem sinais de pontuação (MC-37) 126
Figura 23 – Distribuição dos sinais por quantidade de cartas 128
Figura 24 – Fac-símile de fragmento de carta com pontuação em fim de linha (AFS-14) ... 130
Figura 25 – Fac-símile de fragmento de carta com maiúscula em início de linha (GOR-29) 130
Figura 26 – Exemplo de trecho de carta com muitos dados de repetição 138
Figura 27 – Exemplo de trecho de carta com pouca repetição 138
Figura 28 – Fac-símile de carta com marcas de inabilidade físico-caligráficas (AFS-3) 145
Figura 29 – Fac-símile de fragmento de carta com tendência descendente do alinhamento (AFS-25) 146
Figura 30 – Fac-símile de fragmento de carta com tendência ascendente do alinhamento (AFS-45) 147

Figura 31 – Fac-símile de carta com poucas marcas de inabilidade físico-caligráficas (JMA-64) 148
Figura 32 – Distribuição dos redatores no contínuo de inabilidade em escrita alfabética 160
Figura 33 – Distribuição dos dados de concordância nominal por redator, em relação à competência caligráfica 168
Figura 34 – Exemplo de distribuição dos dados de marcação de plural no SN por redator, nas cartas dos sertanejos 174
Quadro 1 – Distribuição dos níveis e aspectos de inabilidade 42
Quadro 2 – Distribuição dos remetentes e destinatários de acordo com o meio de aprendizagem da escrita 88
Quadro 3 – Síntese sobre o processo de letramento dos sertanejos 101
Quadro 4 – Distribuição dos redatores em relação ao uso de sinais de pontuação 127
Quadro 5 – Exemplos de níveis de inabilidade 137
Quadro 6 – Distribuição dos redatores por dimensões de inabilidade em escrita alfabética 156
Quadro 7 – Distribuição dos tipos de ocorrências mais raras de marcação do plural, por redator 166
Quadro 8 – Exemplos de não marcação do plural no SN, na escrita, mais raros na oralidade 171
Quadro 9 – Estruturas de não marcação do plural no SN, na escrita e na fala dos sertanejos 178
Quadro 10 – Uso de relativas com função preposicionada, na escrita 182
Quadro 11 – Construções com relativas, na escrita e na fala dos sertanejos 183
Quadro 12 – Síntese dos aspectos morfossintáticos na escrita inábil 184

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os acervos de cartas dos sertanejos baianos..... 61
Tabela 2 – Distribuição das cartas por período 70
Tabela 3 – Distribuição das cartas por local onde foram escritas 71
Tabela 4 – Distribuição das cartas da Bahia, por local 71
Tabela 5 – Distribuição das cartas por remetentes 74
Tabela 6 – Distribuição dos redatores por data de nascimento 75
Tabela 7 – Distribuição da população, de 5 anos e mais, que sabem ler e escrever – censo de 1950 80
Tabela 8 – Aspectos referentes à escriptualidade, nas cartas dos sertanejos 109
Tabela 9 – Aspectos referentes a índices grafofonéticos, nas cartas dos sertanejos 112
Tabela 10 – Distribuição de redatores em relação aos aspectos de escriptualidade e aos índices grafofonéticos 117
Tabela 11 – Distribuição dos sinais de pontuação por redator 133
Tabela 12 – Distribuição dos dados de segmentação gráfica não convencional por redator 152
Tabela 13 – Taxas de variação da concordância entre os itens do SN, em dados de escrita 172
Tabela 14 – Distribuição dos dados de concordância nominal por redator 173

TABELAS DO APÊNDICE A:

Tabela 1 – Deslocamentos de /r/ em ataque ramificado 207
Tabela 2 – Omissões de /r/ em ataque ramificado 209
Tabela 3 – Deslocamentos de /r/ em posição de coda 210
Tabela 4 – Omissões de /r/ em posição de coda 211
Tabela 5 – Omissões de /s/ em posição de coda 212
Tabela 6 – Grafias irregulares com o /l/ 213
Tabela 7 – Acréscimo de <r> em ataque ramificado 213
Tabela 8 – Acréscimo de <r> em posição de coda 214
Tabela 9 – Acréscimo/repetição de <r> em posição de coda 216
Tabela 10 – Acréscimo de <r> em posição de coda em monossílabos 217
Tabela 11 – Acréscimo de /l/ em posição de coda 218
Tabela 12 – Acréscimo de <s> em posição de coda 219
Tabela 13 – Representação exagerada da nasalidade 220
Tabela 14 – Ausência de representação da nasalidade 221

Tabela 15 – Grafia de sílabas com o dígrafo <qu> 223
Tabela 16 – Grafia de sílabas com o dígrafo <gu> 224
Tabela 17 – Grafia do dígrafo <rr> 225
Tabela 18 – Grafia do dígrafo <ss> 225
Tabela 19 – Grafia do dígrafo <lh> 227
Tabela 20 – Grafia do dígrafo <nh> 228
Tabela 21 – Grafia do dígrafo <ch> 228

TABELAS DO APÊNDICE B:

Tabela 1 – Elevação de vogais médias pretônicas [e] ~ [i] e [ẽ] ~ [ĩ] 230
Tabela 2 – Elevação de vogais médias pretônicas [o] ~ [u] e [õ] ~ [ũ] 233
Tabela 3 – Elevação de vogais médias postônicas [e] ~ [i] 234
Tabela 4 – Elevação da vogal média postônica [o] ~ [u] 239
Tabela 5 – Elevação das vogais médias [e] ~ [i] e [ẽ] ~ [ĩ] em monossílabos 240
Tabela 6 – Elevação das vogais médias [o] ~ [u] e [õ] ~ [ũ], em monossílabos 242
Tabela 7 – Abaixamento de [i] ~ [e] e [ĩ] ~ [ẽ] em posição pretônica 243
Tabela 8 – Abaixamento de [u] ~ [o] e [ũ] ~ [õ] em posição pretônica 243
Tabela 9 – Abaixamento de vogais em posição tônica 244
Tabela 10 – Anteriorização de vogais 244
Tabela 11 – Posteriorização de vogais 244
Tabela 12 – Redução de ditongos orais 245
Tabela 13 – Redução de ditongos nasais 247
Tabela 14 – Ditongação com a inserção da semivogal [y] 248
Tabela 15 – Ditongação com a inserção da semivogal [w] 249
Tabela 16 – Nasalizações 250
Tabela 17 – Palatalizações 251
Tabela 18 – Rotacismos 251
Tabela 19 – Lambdacismos 252
Tabela 20 – Próteses 252
Tabela 21 – Epênteses 253
Tabela 22 – Paragoges 253
Tabela 23 – Aféreses 254
Tabela 24 – Síncopes 255
Tabela 25 – Síncopes por omissões de /r/ 256
Tabela 26 – Assimilação [nd] ~ [n] em verbos no gerúndio 257

Tabela 27 – Apócopes 263
Tabela 28 – Metáteses 264

TABELAS DO APÊNDICE E:

Tabela 1 – Distribuição dos aspectos de escriptualidade por redator 299
Tabela 2 – Distribuição dos aspectos de escrita fonética por redator 302

LISTA DE CONVENÇÕES, SIGLAS E ABREVIATURAS

< >	Representação de grafemas
/ /	Representação de fonemas
[ ]	Representação de realizações fonéticas
x ~ y	x varia com y
Ø	Zero
CE-DOHS	Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão
Cf.	Conferir
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
HISCULTE	História Social da Cultura Escrita no Brasil
HTML	HyperText Markup Language
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NELP	Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa
Ocorr.	Ocorrências
PHPB	Para a História do Português Brasileiro
PROHPOR	Programa Para a História do Português
SN	Sintagma Nominal
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
USP	Universidade de São Paulo
XML	Extensible Markup Language

LISTA DE ABREVIATURAS DOS REMETENTES E DESTINATÁRIOS

ACO	Antonio Carneiro de Oliveira
AFS	Antonio Fortunato da Silva
AHC	Ana Helena Cordeiro de Santana
AML	Antonio Marcellino de Lima
AMO	Almerinda Maria de Oliveira
AO	Ana de Oliveira
AOL	Antonia Oliveira Lima
APC	Antonio Pinheiro Costa
APS	Angélica Pereira da Silva
ASC	Ana Santana Cordeiro
BMO	Bernadete Maria de Oliveira
DCS	Dete Carneiro da Silva
DCO	Doralice Carneiro de Oliveira
FJO	Fernando José de Oliveira
FP	Firmina Petornilha dos Santos
FPS	Filomena Pereira da Silva
GOR	Gildásio de Oliveira Rios
IC	Idelcina C. de O. e Oliveira
ICO	Iraildes Carneiro de Oliveira
IPO	Izaque Pinheiro de Oliveira
IZA	Izaura Cedraz de Oliveira
JCO	Jesuino Carneiro de Oliveira
JJO	José Joaquim de Oliveira
JL	Júlio Luiz
JMA	José Mendes de Almeida
JMS	Josepha Maria da Silva
JOM	Jacob de Oliveira Matos
JPC	João Pitanga Carneiro
JS	João dos Santos
JSS	João Saturnino Santa Anna
LCC	Lucidalva Cordeiro Cedraz
LFO	Lázaro Félix de Oliveira
LM	Luciana Matos da Silva
MAO	Maria [dos Anjos] Oliveira
MC	Mariazinha Carneiro de Oliveira
MCO	Manoel Carneiro de Oliveira
MDC	Maria Dalva Carneiro
MMO	Margarida Maria de Oliveira

ML	Maria Lúcia
NIN	Francisca Carneiro de Oliveira (Nina)
RAC	Raimundo Adilson Cedraz
RCO	Roque Carneiro de Oliveira
ROM	Roma
SFS	Salomão Fortunato da Silva
TB	Terezinha Bispo
VAN	Pedro Vando Paulino (Vandinho)
VO	Valdelice de Oliveira
ZBO	Zenilta Bispo Oliveira
ZJS	Zezete Josina da Silva
ZLS	Zita Lima Silva
ZSS	Zulmira Sampaio da Silva

SUMÁRIO

VOLUME I

TOMO I

INTRODUÇÃO 21

O tema 21

Os objetivos 22

A estrutura da tese 23

PARTE I – A INABILIDADE EM ESCRITA ALFABÉTICA 26

1 SOBRE AS DEFINIÇÕES, OS CRITÉRIOS E A PROPOSTA ASSUMIDA NA ANÁLISE 27

1.1 DEFINIÇÕES E CRITÉRIOS 27

1.1.1 Petrucci (1978) 27

1.1.2 Blanche-Benveniste (1993, 1998) 28

1.1.3 Marquilhas (1996, 2000) 30

1.1.4 Barbosa (1999) 32

1.1.5 Oliveira (2006) 34

1.1.6 Silva (2012) 35

1.1.7 Santiago (2012) 36

1.1.8 Síntese 37

1.2 A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE ANÁLISE 39

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS 45

2.1 CAMPO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA SÓCIO-HISTÓRICA: SOBRE O USO DE FONTES COMO *CORPORA* HISTÓRICOS 45

2.2 CAMPO DA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA: SOBRE A INVESTIGAÇÃO DA DIMENSÃO EXTERNA DA ESCRITA 47

2.2.1 Sobre o recurso à História Oral 50

2.3 CAMPO FILOLÓGICO 54

2.3.1 O trabalho com *corpora* diacrônicos no tempo das humanidades digitais 55

PARTE II – O *CORPUS*, OS REDATORES E O CONTEXTO 59

3 SOBRE A DOCUMENTAÇÃO 60

3.1 OS ACERVOS 60

3.1.1 Os aspectos materiais das cartas 61

3.1.2 As edições realizadas 65

3.1.2.1 *Edição tradicional* 65

3.1.2.2 *Edição digital-eletrônica* 67

3.1.3 Disponibilização das edições 69

3.2 A LOCALIZAÇÃO TEMPORAL 70

3.3 A LOCALIZAÇÃO ESPACIAL 70

3.4 OS REMETENTES E OS DESTINATÁRIOS 72

3.4.1 Quem escreveu? 73

3.4.2 Para quem se escreveu? 76

3.4.3 A região de origem dos redatores e destinatários: alguns aspectos sócio-históricos 77

3.5 SÍNTESE 81

4 SOBRE O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS DOCUMENTOS 83

4.1 OS PROCESSOS/ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E PARTICIPAÇÃO DA/NA CULTURA ESCRITA 83

4.2 AS ENTREVISTAS-NARRATIVAS PRODUZIDAS 85

4.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES NO SERTÃO BAIANO NO SÉCULO XX 86

4.3.1 O espaço doméstico 89

4.3.2 O processo de migração 90

4.3.3 O acesso a materiais impressos e manuscritos 91

4.3.4 A experiência escolar 96

4.4 SÍNTESE 99

PARTE III - PARA A IDENTIFICAÇÃO DA INABILIDADE NA ESCRITA: ANÁLISE DOS DADOS E APLICAÇÃO DA PROPOSTA 104

5 A CARACTERIZAÇÃO DOS REDATORES POR ASPECTOS DE INABILIDADE 105

5.1 A *ESCRIPTUALIDADE* E A ESCRITA FONÉTICA 106

5.1.1 Os aspectos de *escriptualidade* 106
5.1.2 Os índices grafofonéticos 110
5.1.3 O cruzamento dos dados de *escriptualidade* com os índices grafofonéticos 113
5.1.4 Síntese 120
5.2 A DIMENSÃO DA PONTUAÇÃO 121
5.2.1 Estudos sobre pontuação em textos antigos e em dados de aquisição da escrita 122
5.2.2 A pontuação nas cartas dos sertanejos 124
5.2.3 Síntese 134
5.3 A REPETIÇÃO DE VOCÁBULOS 134
5.3.1 Alguns estudos sobre repetição 135
5.3.2 A repetição nas cartas dos sertanejos 137
5.3.3 Síntese 143
5.4 AS DIMENSÕES DA HABILIDADE MOTORA E DA SEGMENTAÇÃO GRÁFICA 144
5.4.1 A habilidade motora 144
5.4.2 A segmentação gráfica 148
5.4.3 Síntese 153
5.5 O *CONTÍNUO* DE INABILIDADE EM ESCRITA 154

6 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS NA ESCRITA INÁBIL: A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SINTAGMA NOMINAL E OUTROS 161
6.1 A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN, EM *CORPORA* ESCRITOS 162
6.1.1 A marcação de plural no SN em cartas do século XX: dados menos transparentes à oralidade 162
6.1.2 Comparação com inábeis de outra sincronia histórica: a marcação de plural no SN em atas do século XIX 166
6.1.3 Dados mais transparentes à oralidade: usos variáveis de marcação de plural no SN, nas cartas 171
6.2 EXEMPLOS DE NÃO MARCAÇÃO DO PLURAL NO SN, NA ORALIDADE DOS SERTANEJOS 175
6.3 OUTROS ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO MORFOSSINTÁTICA, NAS CARTAS DO SÉCULO XX 178
6.3.1 A marcação de gênero no SN 178
6.3.2 Construções com relativas 180
6.4 SÍNTESE 183

CONSIDERAÇÕES FINAIS 185

REFERÊNCIAS 189

VOLUME I

TOMO II

APÊNDICES 205
APÊNDICE A – Dados da dimensão da *escriptualidade* 206
APÊNDICE B – Dados de escrita fonética 229
APÊNDICE C – Dados de repetição de vocábulos 265
APÊNDICE D – Dados de segmentação gráfica 270
APÊNDICE E – Distribuição dos dados por redator – *escriptualidade* e escrita fonética.. 299
APÊNDICE F – Temas para produção das entrevistas-narrativas 305
APÊNDICE G – Termo de consentimento livre e esclarecido 306
APÊNDICE H – Transcrição de trechos das entrevistas-narrativas 307

VOLUME II

1 APRESENTAÇÃO 368

2 NORMAS DE TRANSCRIÇÃO 369

3 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS PESSOAIS DE SERTANEJOS BAIANOS, SÉCULO XX 371
PARTE I 371
3.1 CARTAS PARA JOÃO CARNEIRO DE OLIVEIRA 371
3.2 CARTAS PARA ALMERINDA MARIA DE OLIVEIRA 470
3.3 CARTAS PARA JOSÉ MENDES DE ALMEIDA 503
3.4 CARTAS PARA ANA HELENA CORDEIRO DE SANTANA 520
3.5 CARTAS PARA FIRMINA PETORNILHA DOS SANTOS 527
3.6 CARTAS PARA JOSEFA JOZINA DA SILVA 539
3.7 CARTAS PARA NERALDO LOPES PINTO 551
3.8 CARTAS PARA MARIA INÊS OLIVEIRA COSTA 556

3.9 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS 562

PARTE II 601
3.10 CARTAS PARA ZENILTA BISPO DE OLIVEIRA 601
3.11 CARTAS PARA ANTONIO CARNEIRO DE OLIVEIRA 652
3.12 CARTAS PARA MARIA BISPO DOS SANTOS 666
3.13 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS 683

4 ÍNDICE ANALÍTICO DAS CARTAS 699

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES 722

INTRODUÇÃO

Este trabalho, que está inserido na área de concentração *Linguística Histórica*, do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, na linha de pesquisa *História da Cultura Escrita no Brasil*, representa uma tentativa de colaborar na tarefa de constituição de *corpora* históricos, não literários, com fontes mais próximas da escrita cotidiana, que reflitam certos traços de oralidade, seja pela inabilidade com a técnica de escrita, por parte dos redatores, seja pela relação simétrica de poder entre redator e destinatário.

O TEMA

O estudo dos aspectos de inabilidade em escrita alfabética tem por motivação a localização de 131 cartas pessoais, documentação que compõe o *corpus* deste trabalho, escritas ao longo do século XX, por sertanejos baianos estacionados em fase inicial de aquisição da escrita. A pesquisa começou a ser desenvolvida no mestrado, quando se trabalhou com 91 dessas cartas, o que originou a dissertação intitulada *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de "mãos cândidas" do sertão baiano* (SANTIAGO, 2012). Para o projeto de doutorado, a localização de mais 40 cartas, na mesma região, contribuiu para a significativa ampliação da amostra. É um *corpus* representativo: as cartas foram trocadas entre redatores e destinatários que fazem parte de um contexto sociocultural semelhante e são textos de caráter afetivo, próximos de uma escrita cotidiana.

Segundo Barbosa (2005), o reconhecimento de níveis iniciais de aquisição da escrita em fontes histórico-linguísticas pode ser realizado pelo controle de algumas marcas de inabilidade em escrita alfabética. É, então, um desafio metodológico para o trabalho da Crítica Textual dos materiais não literários, reunidos em *corpora* histórico-diacrônicos, saber o que se considerava informal nas sincronias passadas, uma vez que se conta apenas com uma intuição formada sob os parâmetros atuais de formalidade, sob as concepções contemporâneas de cultura escrita. Para esse autor, há algumas estratégias para diminuir o problema, como reunir informações sobre o perfil sociocultural de cada redator; examinar gramáticas e manuais de cada período, para saber da norma culta predicada, e identificar redatores inábeis ou pouco hábeis, na esperança de que aos seus índices de oralidade na grafia correspondam usos da oralidade em outros níveis gramaticais.

Marquilhas (2000, p. 236), que consagrou o uso da expressão *mão inábil*, lembra que, quando se reúne um *corpus* produzido por *mãos inábeis* que sejam simultaneamente *mãos mortas*, não há a possibilidade de se dialogar com os autores dos textos, "[...] interrogando directamente a sua representação da língua, as suas convicções acerca de conceitos como escrita, leitura, relações entre escrita e oralidade, usos da língua escrita..."; então, a investigação fica circunscrita ao objeto escrito, restando a hipótese, segundo a autora, "[...] de tirar o máximo partido do contraste que emerge entre as suas soluções gráficas e as soluções coevas". Em relação às cartas do sertão baiano, nem todas foram produzidas por *mãos mortas*. Dos 53 remetentes, há muitos vivos; portanto, o perfil sociocultural dessas pessoas, incluindo as informações sobre seus processos de letramento, pode ser mais bem delineado a partir de suas próprias memórias. Com o uso de fontes orais, através da produção de entrevistas-narrativas, torna-se possível um melhor cruzamento entre os aspectos referentes ao produto gráfico e a história social da escrita.

OS OBJETIVOS

A partir de uma perspectiva teórico-metodológica interdisciplinar, o objetivo geral deste trabalho é:

> - Estabelecer uma proposta metodológica de identificação do grau de domínio da técnica de escrita dos redatores das cartas pessoais do sertão baiano, através do estudo de aspectos de inabilidade, considerando-se a possibilidade de uma gradiência, um contínuo, por dimensões, em níveis combinados.

Para a realização desse objetivo, verifica-se como os redatores podem ser distribuídos, em relação ao grau de domínio da técnica de escrita, com a descrição e o cruzamento de algumas marcas de inabilidade de escrita, algumas já estudadas em *corpora* de diferentes períodos e espaços (MARQUILHAS (2000), BARBOSA (1999), OLIVEIRA (2006)). Buscou-se, então, caracterizar a *mão inábil* não como um conjunto definido de aspectos, mas a partir da ideia de um contínuo de inabilidade, cujo nível máximo seria identificável pela incidência do maior conjunto possível de marcas, ao passo que níveis intermediários o seriam pela incidência parcial dessas marcas e a inabilidade mínima seria reconhecida pela presença de poucas marcas produzidas pelos redatores. Essa possibilidade de distribuição é uma tentativa de colaborar para o tratamento mais adequado da caracterização de redatores nos

corpora linguísticos, geralmente polarizados entre hábeis e inábeis, sem maiores diferenciações intermediárias.

Para atingir esse objetivo geral, foram considerados os seguintes objetivos específicos:

- identificar os indícios dos processos de difusão da escrita na zona rural do semiárido baiano, caracterizando práticas de letramento, predominantes, principalmente, até meados do século XX, e correlacionando o desempenho de escrita dos redatores aos seus percursos de participação e apropriação na/da cultura escrita;
- sistematizar as marcas de inabilidade identificadas no *corpus*, descrevendo-as/distribuindo-as em dimensões específicas, por redator;
- verificar se aos índices de inabilidade na grafia correspondem aspectos de inabilidade na dimensão morfossintática, identificando fatos que não seriam de fala, mas da *escriptualidade*;
- disponibilizar a edição, nas versões semidiplomática e modernizada, das 131 cartas pessoais.

A ESTRUTURA DA TESE

O trabalho está organizado em dois volumes. O **Volume I** é dividido em dois tomos. No Tomo I, as seções estão distribuídas em três partes.

Na **Parte I**, *A inabilidade em escrita alfabética*, constam duas seções. Na **seção 1**, *Sobre as definições, os critérios e a proposta assumida na análise*, discute-se acerca de como o conceito de inabilidade em escrita alfabética foi construído, a partir dos critérios estabelecidos por estudos antecedentes, como os trabalhos de Petrucci (1978), Blanche-Benveniste (1993), Marquilhas (2000), e as pesquisas realizadas no âmbito do projeto *Para a História do Português Brasileiro*, como a de Barbosa (1999), Oliveira (2006), Silva (2012) e Santiago (2012). Esta seção termina com a apresentação da proposta para a identificação da inabilidade em escrita, desenvolvida neste estudo.

O objetivo, na **seção 2**, *Aspectos teórico-metodológicos*, é apresentar alguns aspectos referentes à natureza interdisciplinar desta investigação. Discute-se sobre a aproximação ao campo da Linguística Histórica sócio-histórica no que se refere, especificamente, ao uso de fontes documentais como *corpora*, nos estudos dessa área (MATTOS E SILVA, 2008a; BARBOSA, 2008); ao campo da História Social da Cultura Escrita, em relação à necessidade de investigação em torno da dimensão externa da escrita (CASTILLO GÓMEZ, 2003;

GALVÃO, 2007, 2010; PETRUCCI, 2003; CERTEAU, 2013), assim como sobre os aspectos metodológicos referentes ao diálogo com a História Oral, na produção de entrevistas-narrativas do passado (PORTELLI, 1991; BURKE, 1992; STREET, 2010); e ao campo Filológico, comentando sobre as opções filológicas envolvidas no tratamento de *corpora* compostos por documentos produzidos por *mãos inábeis*, na perspectiva das Humanidades Digitais (TELLES, 2008; CRANE, BAMMAN E JONES, 2008; GONÇALVES E BANZA, 2013; PAIXÃO DE SOUSA, 2013, 2014).

Na **Parte II**, *O corpus, os redatores e o contexto*, também dividida em duas seções, apresentam-se, na **seção 3**, *Sobre a documentação*, os manuscritos utilizados na pesquisa, demonstrando-se como os acervos que constituem o *corpus* estão organizados e comentando-se acerca dos aspectos materiais dos manuscritos; das edições realizadas, a semidiplomática e a modernizada, e da disponibilização dessas edições. Em seguida, trata-se da localização temporal e espacial dos documentos e apresentam-se os redatores e os destinatários, além de alguns aspectos sócio-históricos da sua região de origem.

Na **seção 4**, *Sobre o contexto de produção dos documentos*, tem-se por objetivo refletir sobre alguns aspectos da difusão da escrita na zona rural do semiárido da Bahia, mais especificamente nos municípios de onde os redatores são originários – Conceição do Coité, Riachão do Jacuípe e Ichu –, principalmente até meados do século XX, a partir de fontes orais, as entrevistas-narrativas produzidas com os sertanejos. Comenta-se sobre os processos e espaços de participação na cultura escrita e, de forma mais específica, acerca das práticas de letramento em espaços escolares e extraescolares presentes no sertão baiano, na época, como o espaço doméstico, o processo de migração e o acesso a materiais impressos e a manuscritos.

A **Parte III**, *Para a identificação da inabilidade na escrita: análise dos dados e aplicação da proposta*, dividida em duas seções, inicia-se com a **seção 5**, *A caracterização dos redatores por aspectos de inabilidade*. O objetivo dessa seção é estabelecer a proposta metodológica para identificação do grau de inabilidade dos redatores e, para isso, descrevem-se os dados das dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética; da pontuação; da repetição de vocábulos; da habilidade motora e da segmentação gráfica, e, em seguida, apresenta-se o resultado da proposta, com o estabelecimento do contínuo de inabilidade em escrita alfabética. Na **seção 6**, *Aspectos morfossintáticos na escrita inábil: a marcação de plural no sintagma nominal e outros*, são descritos alguns exemplos de fenômenos morfossintáticos na escrita inábil e comparam-se com alguns dados de fala, extraídos das entrevistas gravadas com os sertanejos. Apresentam-se dados da marcação de plural no SN, menos transparentes à oralidade, das cartas, do século XX, e das atas de africanos e afrodescendentes, do século

XIX; e, também, são apresentados dados mais transparentes à oralidade, na escrita inábil, a partir das cartas, comparando-se, em seguida, aos exemplos de não marcação de plural no SN, na oralidade dos sertanejos. De forma adicional, descrevem-se algumas ocorrências de marcação de gênero no SN e de construções com sentenças relativas, na escrita dos sertanejos.

Em seguida, apresentam-se as *Considerações finais* deste trabalho e, logo após, as *Referências* utilizadas. No **Tomo II**, disponibilizam-se os *Apêndices*, contendo, principalmente, a descrição completa dos conjuntos de dados mencionados ao longo do texto: da dimensão da *escriptualidade*, da escrita fonética, da repetição de vocábulos e da segmentação gráfica. Também estão nos apêndices, as tabelas com a distribuição dos dados de *escriptualidade* e de escrita fonética por redator, o roteiro para produção das entrevistas-narrativas, o modelo de termo de consentimento livre e esclarecido e a transcrição de trechos das entrevistas-narrativas.

Por fim, no **Volume II**, disponibiliza-se a edição semidiplomática das 131 cartas pessoais, com o fac-símile, e as fichas com os dados biográficos dos remetentes. A edição está organizada em duas partes: a primeira, constituída por 91 cartas, foi publicada em Santiago (2011, 2012) e, na versão aqui apresentada, foi revisada, os cabeçalhos das cartas e as fichas de remetentes foram ampliados e os fac-símiles, substituídos por imagens de melhor qualidade. A segunda parte é composta por 40 cartas inéditas, escritas por remetentes da mesma região e no mesmo período das demais. Para facilitar a consulta aos documentos, há, após a edição, um índice analítico.

PARTE I

A INABILIDADE EM ESCRITA ALFABÉTICA

1 SOBRE AS DEFINIÇÕES, OS CRITÉRIOS E A PROPOSTA ASSUMIDA NA ANÁLISE

O objetivo, nesta seção, é discutir sobre a construção do conceito de inabilidade em escrita alfabética, em 1.1, a partir dos critérios estabelecidos nos trabalhos de Petrucci (1978), Blanche-Benveniste (1993), Marquilhas (2000), e nas pesquisas que foram realizadas no âmbito do projeto *Para a História do Português Brasileiro*, como a de Barbosa (1999), Oliveira (2006), Silva (2012) e Santiago (2012). Em seguida, em 1.2, apresenta-se a proposta para a identificação da inabilidade em escrita, desenvolvida neste estudo, com base nos trabalhos antecedentes.

1.1 DEFINIÇÕES E CRITÉRIOS

A noção de inabilidade, associada a características de redatores estacionados em fase inicial de aquisição da escrita, tem sido manifestada, no âmbito dos estudos linguísticos e filológicos, através da expressão *mãos inábeis*. Essa expressão, que foi consolidada em língua portuguesa através do trabalho de Rita Marquilhas (2000), é uma versão da expressão francesa *scripteurs maladroits*, usada por Claire Blanche-Benveniste (1993). No entanto, é na paleografia italiana, com Armando Petrucci (1978), que se estabelecem as bases para os estudos sequentes, com a definição de alguns critérios para a caraterização física dos produtos gráficos de inábeis.

1.1.1 PETRUCCI (1978)

No clássico artigo *Scrittura, alfabetismo ed educazione grafica nella Roma del primo cinquecento: da um libretto di conti di Maddalena Pizzicarola in Trastevere*, Petrucci (1978) classifica a capacidade de execução gráfica dos redatores em três níveis.

> [...] è stato necessario ipotizzare, nell'ambito dei due sistemi grafici chiaramente contrapposti cui ciascuna testimonianza apparttiene, diverse gradazioni di capacità esecutiva, distinguendo tre livelli, che ho definito rispettivamente di tipizzazione

> relativamente “pura”, di “usuale” e infine di “elementare di base”.[1] (PETRUCCI, 1978, p. 168).

A escrita produzida sob níveis mais inábeis é classificada como *elementar de base*, contrastando, gradativamente, à competência caligráfica de nível *usual* e à de nível *puro*, em um ponto extremo. Essa classificação é realizada quando o paleógrafo descreve os tipos de escrita de um manuscrito romano do século XVI: um livreto contendo uma série de listas de débitos e créditos da vendedora Maddalena, em registros feitos por 102 mãos. A depender da capacidade caligráfica dos escreventes, algumas caraterísticas físicas são atribuídas a seus produtos gráficos, sem considerar, aqui, as especificidades próprias a cada tipo de escrita[2].

O grupo em que se identifica o nível e*lementar de base* é caracterizado, segundo Petrucci (1978), pela escassez de caracterização estilística da escrita e de alguns elementos subsidiários, mais ou menos presentes nos outros níveis, como pontuação, sinais diacríticos, abreviações e símbolos técnicos. Também há ausência de ligamentos entre os caracteres e uso frequente de algumas letras maiúsculas, mesmo no meio de palavras.

O nível *usual* apresenta características variáveis, com aspectos da escrita e*lementar de base* e da *pura*. São redatores que não ficaram no nível elementar, mas que escrevem por necessidades de trabalho, muitas vezes repetindo modelos, sem uma prática constante. De modo geral, há maior fluidez na escrita, traçado mais regular, uso de abreviações e de ligamentos. Já o nível *puro* refere-se às mãos que escrevem com certo domínio da técnica, evidenciando uso adequado das abreviações e do sistema monetário, com predominância do módulo pequeno, do *ductus* cursivo e do *ductus* semicursivo, e variação na presença de ligamentos entre as letras.

1.1.2 BLANCHE-BENVENISTE (1993, 1998)

A expressão *scripteurs maladroits* foi a usada por Blanche-Benveniste (1993), no texto *Les unités: langue écrite, langue orale*, para se referir aos autores estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita. Uma versão em espanhol para essa expressão é *escritores inexpertos* (BLANCHE-BENVENISTE, 1998).

---

[1] “[...] foi necessário hipotetizar, dentro dos dois sistemas gráficos claramente contrastantes a que cada testemunho pertence, diferentes gradações de capacidade executiva, distinguindo três níveis, que defini respectivamente de ‘puro’, ‘usual’ e, finalmente, ‘elementar de base’.” (Tradução nossa).

[2] São dois tipos de escrita identificados no manuscrito: a *cancelleresca italica* e a *mercantesca* (cf. PETRUCCI, 1978).

Para Blanche-Benveniste, além dos traços possíveis de serem observados nos textos de *scripteurs maladroits*, em inglês *poor writers*, as suas expectativas sobre o significado da escrita divergem das expectativas daqueles cujas mãos são habilmente funcionais. As diferenças são sistematizadas em três pontos principais: "[...] the general equivalence between oral and written language (which kind of language, or sub-part of language can be written); the conception of units in a written language (what is a written word and a written sentence); the uses of written language."[3] (BLANCHE-BENVENISTE, 1994, p. 61). A partir desses pontos, a autora comenta sobre a representação de língua dos *scripteurs maladroits*, observando que o acesso à escrita modifica essa representação e que a relação entre língua oral e língua escrita não é de mera transposição, já que a equivalência não é tão simples.

Alguns aspectos dos textos dos *escritores inexpertos* são semelhantes, segundo Blanche-Benveniste (1998, p. 138-139), aos presentes na escrita medieval. Ao tratar do *establecimiento del texto*, a autora apresenta a necessidade de que, no processo de edição, se realizem as mesmas intervenções aplicadas aos textos antigos e lista exemplos extraídos da escrita de inábeis franceses, crianças e jovens, do século XIX ao XX, ilustrando alguns aspectos, como:

a. segmentação de palavras que não corresponde ao uso padrão:

   - artigos unidos ao substantivo: *aler a lécole* por *aller à l'école* (ir à escola);
   - começo de substantivo unido ao artigo: *boire la peritife* por *boire l'apéritif* (beber o aperitivo);
   - pronomes unidos ao verbo: *sélèvent, sanfoncent* por *s'élèvent, s'enfoncent* (se levantam, se afundam);
   - palavra ou sequência hipersegmentada ou mal segmentada: *jevè a voire um ballon* por *je vais avoir um ballon* (vou ter uma bola);

b. deslocamento na ordem de letras, principalmente, de *r*: *Les commune devert* por *devret*, *devraient* (deveriam);

c. os fenômenos de haplologia (quando uma letra vale para duas funções): *il a vu* por *il l'a vu* (ele a viu);

d. palavras invertidas ou repetidas;

e. pontuação ausente ou não padrão.

[3] "[...] a equivalência geral entre língua oral e escrita (que tipo de língua, ou sub-parte da língua pode ser escrita); a concepção de unidades em uma língua escrita (o que é uma palavra escrita e uma sentença escrita); os usos da língua escrita." (Tradução nossa).

Para interpretação da escrita de *escritores inexpertos*, com a presença desses aspectos, segundo Blanche-Benveniste (1998), é preciso que se estabeleçam as normas modernas da escrita, o que exige uma aposta otimista sobre a coerência desses textos.

1.1.3 MARQUILHAS (1996, 2000)

Ao escolher um termo para designar alguns executantes das produções gráficas seiscentistas, do arquivo da Inquisição portuguesa, Marquilhas (2000, p. 235), em *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII* – obra resultante de sua tese de doutorado, de 1996 –, associa, à expressão *scripteurs maladroits*, de Blanche-Benveniste (1993), a tradução portuguesa aproximada *mãos inábeis*. Segundo a pesquisadora, é preciso evitar designações como "escritor", que possui conotação estética, e também, "escrevente", com conotação ocupacional, sobrando apenas o termo *mão*, consagrado pela tradição paleográfica, para designar o principal fator de uma escrita.

Para a caracterização *interna* dos produtos gráficos de indivíduos pouco familiarizados com a língua escrita – fontes graficamente "cândidas" (MARQUILHAS, 2000, p. 266) –, que escreveram "por pressão das circunstâncias", como os que deixaram registros nas provas judiciais arquivadas pelos promotores da Inquisição, do século XVII, Marquilhas (2000) descreve um conjunto de propriedades. Antes disso, porém, do ponto de vista metodológico, para o reconhecimento dos textos das *mãos inábeis*, a pesquisadora propõe a observação da "[...] aparência física, constituída pela caligrafia da mão e por particularidades do suporte" (MARQUILHAS, 2000, p. 237).

Assim, para a caracterização física da execução caligráfica das mãos pouco exercitadas, Marquilhas (2000, p. 238) sistematiza os aspectos estabelecidos pela paleografia italiana (PETRUCCI, 1978) para a *escrita elementar de base*:

1 - traçado muito inseguro;
2 - incapacidade de alinhar perfeitamente as letras num regramento ideal;
3 - tendência para conferir às mesmas letras uma aparência desenquadrada;
4 - uso de módulo grande;
5 - recurso a letras do alfabeto maiúsculo, mesmo em interior de palavra;
6 - ausência quase total de abreviaturas e elementos de ligação;
7 - rigidez e falta de leveza do conjunto.

Alertando que a presença dessas características não é cumulativa nem equilibrada, a pesquisadora questiona a presença de alguns aspectos nessa lista, tornando-a heterogênea,

pela mistura de propriedades materiais com propriedades sistemáticas do objeto gráfico, que não se referem à falta de exercitação da mão, como a ausência de abreviaturas, que fazem parte de um elenco limitado de convenções logográficas e podem ser adquiridas em níveis básicos de familiarização com a escrita. Não é rara nos textos dos inábeis seiscentistas a presença de abreviaturas. Também em relação à alternância entre maiúsculas e minúsculas, a pesquisadora comenta que não tem a ver com a materialidade do objeto gráfico. A história dessa alternância não é tão simples e relaciona-se à história da tipografia.

Feitas essas ressalvas, as características da paleografia italiana são assim reagrupadas por Marquilhas (2000, p. 239-240), ao aplicá-las ao *corpus* das *mãos inábeis* seiscentistas:

a. *ausência de cursus*: o desenho autônomo de cada caráter, ou mesmo de traços de cada caráter, decorrente da falta de agilidade dos músculos da mão;
b. *uso de módulo grande*: a dificuldade em integrar as letras em um módulo pequeno;
c. *ausência de regramento ideal*: a incapacidade de respeitar um pautado mental;
d. *traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto*: a detecção destas características é bastante subjetiva, possível apenas com o contraste com textos habilmente executados;
e. *irregularidade da empaginação*: falta proporção entre as margens, as quais podem nem sequer estar definidas, ou relegam a mancha gráfica para um extremo da folha;
f. *letras monolíticas*: desconhecimento da alografia combinatória dos sinais em contexto inicial, medial e final.

Sobre os aspectos de natureza supragráfica, a pesquisadora comenta que, apesar de fazerem parte da conjuntura de uma *mão inábil*, não lhe correspondem necessariamente. E cita os vestígios supragráficos da dobragem, do lacre e outras peculiaridades do suporte, que, junto aos aspectos caligráficos, ajudam a distinguir, nos manuscritos arquivados pelos promotores da Inquisição, os que são de *mãos inábeis*.

Também não há correspondência necessária entre os aspectos caligráficos, de modo geral, e a *mão inábil*: a mão pouco exercitada pode se revelar habilidosa no nível da sistematicidade da escrita. Não são raros, segundo Marquilhas (2000, p. 241), "[...] os casos de inversão entre a aparência física do texto e o seu nível ortográfico".

Para a análise gráfica dos manuscritos, o seguinte conjunto de propriedades é apresentado (MARQUILHAS, 2000, p. 243-266):

a. representação silábica da fonologia:

- hipersegmentação: a múltipla inscrição de branco gráfico entre grupos pequenos de letras, distintos de palavras gráficas;
- grafias para sílabas com consoante líquida: principalmente os casos de deslocamento de <r> com valor de líquida em posição de coda, como em *fazre* por

fazer (Doc. XXV) e em posição de ataque ramificado, como em *garca* por *Graça* (Doc. XVIII);

b. fenômenos de mudança fonética e fonológica:

- vocalismo, como a *paragoge* de [i] em *porquei* por *porque* (Doc. VII);
- consonantismo, como a *palatalização* de /s/ em coda em *maix* e *lluix* (Doc. II).

A atestação de fenômenos fonológicos, como os listados em b, é, para a autora, o benefício mais óbvio que a linguística histórica pode retirar desse tipo de fontes, além de permitir a abordagem de outras questões, com motivação morfológica ou sintática, por exemplo.

1.1.4 BARBOSA (1999)

As *cartas de comércio*, do século XVIII, escritas por mercadores portugueses *pouco hábeis* no Brasil colonial (portugueses radicados no Brasil), fazem parte da documentação editada por Afrânio Barbosa (1999) em sua tese de doutorado, *Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio*.

Pelo contraste com o *corpus* constituído por 24 documentos de circulação oficial, também reunido pelo pesquisador, as 93 cartas de comércio, de circulação privada, constituem um *corpus* representativo, e a expressão *pouco hábeis* é usada por ele para designar, a partir das características analisadas, uma gradiência, um ponto intermediário entre redatores inábeis e hábeis. Não são categoricamente inábeis, porque alguns aspectos, como as inversões de letras na representação de sílabas complexas – comuns em inábeis de qualquer época –, não estão tão presentes nessas cartas. A frequência e a tipologia de índices grafofonéticos, aliadas à simplicidade nas latinizações usadas é o que caracteriza melhor as *cartas de comércio* em relação à documentação oficial. Os critérios referentes aos aspectos físicos da escrita, elencados por Marquilhas (1996) para o reconhecimento dos produtos gráficos dos inábeis dos seiscentos, somente podem ser aplicados ao *corpus* das cartas de comércio por contraste com os documentos oficiais – que reúnem maior rigor de aplicação desses critérios –, mas não são aspectos específicos aos textos coloniais.

Barbosa (1999, p. 155-201), a partir das propriedades gerais propostas por Marquilhas (1996), analisa os seguintes critérios para identificação dos textos coloniais com menor grau de cerimônia:

a. dados supragráficos;

b. dados paleográficos: caracterização física da escrita:

- aspectos da aquisição da escrita:
  grafias para sílabas com consoante líquida – /r/ em sílaba complexa, em posição de coda, como em *in**tre**mitente* por *intermitente* (carta 210), e em posição de ataque ramificado, em *pertendo* por *pretendo* (carta 12);

c. atestações grafemáticas de aspectos da oralidade: processos fonéticos:

- monotongação e ditongação: *tr**o**se* por *trouxe* (carta 452) e *bol**ai**xa* por *bolacha* (carta 149);
- síncope de vogais pretônicas: *ofrece* por *oferece* (carta 29);
- flutuação entre <e> e <i> e entre <o> e <u>:
  elevação de [e] > [i] e de [o] > [u] quando pretônicos, em *s**i**ntirei* por *sentirei* (carta 39) e *c**u**mforme* por *conforme* (carta 252);
  variantes em [i] e [u] em monossílabos, em *qu**i*** por *que* (carta 251) e *p**u**r* por *por* (carta 263);
  abaixamento de [i] > [e] e [u] > [o], em *d**e**zer* por *dizer* (carta 260) e *p**o**der* por *puder* (carta 157);
- anteriorização/posteriorização: *ex**e**minado* por *examinado* (carta 329) e *n**o**gocio* por *n**e**gócio* (carta 93);
- centralização: *t**a**nha* por *tenha* (carta 441);
- epênteses: *ad**e**vinhar* por *advinhar* (carta 94);
- nasalização: *mu**in**to* por *muito* (carta 450);
- variação [b] ~ [v]: *li**b**res* por *li**v**res* (carta 407);
- casos peculiares: dados menos numerosos, como os casos de aférese (*té* por *até* (carta 410)), posteriorização (*l**o**var* por *levar* (carta 266)), apócope (*molhe* por *mulher* (carta 266)), sonorização (*bacatela* por *bagatela* (carta 130)), alteamento (*abond**u**ncia* por *abundância* (carta 251)), regularização analógica (*despois* por *depois* (carta 329)), abaixamento e anteriorização (*s**e**stontar* e *sustentar* (carta 266)), síncope (*propia* por *própria* (carta 250));

d. etimologizações na escrita: presença menos frequente de etimologizações gráficas latinizantes, que são marcas de prestígio na literacidade do século XVIII. Ocorrências em vocábulos mais comuns (*elle* por *ele* (carta 441)) e nem sempre espelhadas na escrita latina, com grafias pseudoetimológicas.

De acordo com Barbosa (1999, p. 201), "[...] enquanto as atestações de supostas marcas de oralidade caracterizam as cartas de comércio, as etimologizações são supervalorizadas na circulação oficial". Isso o fez concluir que o confronto das marcas de etimologizações com os testemunhos dos processos fonéticos é o melhor critério para a identificação dos *corpora* coloniais, por ser um critério objetivo e quantificável.

O trabalho contempla, ainda, o estudo da distribuição da forma nominal gerúndio e o infinitivo gerundivo, como forma de contraste entre os dois *corpora* do período.

1.1.5 OLIVEIRA (2006)

No estudo apresentado em sua tese de doutorado, *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*, Klebson Oliveira (2006) disponibiliza a edição de 290 atas escritas por africanos e afrodescendentes na Bahia, no século XIX, pertencentes ao acervo da Sociedade Protetora dos Desvalidos. Os redatores manifestam, nas atas, segundo Oliveira (2006, p. 218), graus distintos de domínio da escrita: muitos dos textos são escritos por *mãos inábeis*, de acordo com a proposta de Marquilhas (2000), e por mãos *pouco hábeis*, como propõe Barbosa (1999).

No estudo linguístico realizado, Oliveira (2006) apresenta a descrição de quatro grupos de fenômenos:

a. segmentação gráfica: grafias hipossegmentadas e hipersegmentadas;

b. aspectos de aquisição da escrita – as grafias para sílabas complexas:

- grafias de sílabas complexas com o /r/, em posição de ataque ramificado (em *enter* por *entre* (AJB, 21.58[4])), e em posição de coda (em *confrome* por *conforme* (FPF, 11.18);
- grafias de sílabas complexas com o /l/, como em *Aberto* por *Alberto* (LSS, 07.29);
- grafias de sílabas complexas com o /s/, como em *avita* por *a vista* (MLF, 07.51);

c. fenômenos gráficos:

- inversões na ordem dos grafemas, como em *apoaido* por *apoiado* (FJS, 03.22);
- omissões de grafemas, como em *acompanhdo* por *acompanhado* (JCB, 13.15);
- substituições de grafemas, como em *alumos* por *alunos* (AJB, 22.145);
- acréscimos de grafemas, como em *apararreceu* por *apareceu* (AJB, 33.07);

d. marcas da oralidade na escrita:

- aférese: *cembleia* por *assembleia* (JCB, 13-34);
- prótese: ***en****preenxer* por *preencher* (SFR, 01.51-51);
- síncope: *brigela por berinjela* (MJR, 13.07);
- epêntese: *ig****i****norava* por *ignorava* (JCB, 22.24);
- apócope: *auto* por *autor* (LSS, 30.38);
- paragoge: *comcordi****o*** por *concorde* (JS, 02.119);
- metátese: *Ba****r****zelio* por *Brasil* (MVS, 03.07);
- elevação de vogais médias: pretônicas: *ant****i****cipado* por *antecipado* (JFO, 11.03) *abs****u****luta* por *absoluta* (JMS, 08.14), postônicas: *Alv****i****s* por *Alves* (JCB, 09.27), *Azil****u*** por *azilo* (LSS, 30.44), e em monossílabos: *lh****i*** por *lhe* (LSS, 37.46), *d****u*** por *do* (LSS, 45.41);
- abaixamento de vogais altas: *b****e****lhetes* por *bilhetes* (LTG, 11.05), *com****o****nicar* por *comunicar* (JFO, 13.10);

[4] A identificação dos exemplos extraídos das atas segue o formato usado por Oliveira (2006), com a indicação da sigla do redator, seguida do número do documento e do número da linha no texto, na edição filológica.

- anteriorização de vogais: *B**e**rtholomeu* por *Bartolomeu* (LSS, 35.33);
- posteriorização de vogais: ***o**nivercario* por *aniversário* (MLF, 11.20-21);
- centralização de vogais: *ant**a**rior* por *anterior* (MLF, 08.32);
- redução de ditongos (orais e nasais): *ab**a**xo* por *abaixo* (TMJ, 01.03), *asinar**o*** por *assinaram* (MES, 02.24);
- ditongação: *dezei**j**o* por *desejo* (FJS, 03.103)
- rotacismos e lambdacismos: *ap**r**icado* por *aplicado* (LSS, 35.51) e *p**l**azo* por *prazo* (AJB, 32.22-23);
- palatalizações: *aniverça**lh**o* por *aniversário* (SRS, 03.22-23);
- despalatalizações: *brilai* por *brilhai* (MLF, 11.19);
- nasalizações: *a**n**diantar* por *adiantar* (FJS, 03.102);
- desnasalizações: *dexar**o*** por *deixaram* (MLF, 09.05).

A escassez de atenção nos estudos sobre o português brasileiro em perspectiva histórica, em torno desses aspectos, é o que motivou, segundo o pesquisador, a descrição minuciosa desses fenômenos, na tentativa de disponibilizar um *corpus* que possa permitir aproximações a aspectos do português popular do passado. Oliveira (2006) conclui ser possível evidenciar, através dos dados identificados, que muitos dos fenômenos fônicos que se assinalam no português brasileiro atual já contavam com representantes nos oitocentos.

1.1.6 SILVA (2012)

Na dissertação de mestrado *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*, Érica Silva (2012) apresenta os resultados do estudo da variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito em um *corpus* constituído por 97 cartas pessoais trocadas por um casal de noivos, Jayme e Maria, na década de 1930, no Rio de Janeiro. Para traçar o perfil sociolinguístico do casal, de modo mais específico, para identificar o seu grau de letramento, na análise filológica das missivas foram considerados aspectos referentes à grafia dos remetentes, de acordo com os critérios de Marquilhas (1996) e de Barbosa (1999). As seguintes características foram estudadas por Silva (2012, p. 75-89):

a. segmentação/junção;

b. desvios grafemáticos:

- monotongação e ditongação, como em *troçe* por *trouxe* (Jayme) e *dezeijo* por *desejo* (Maria);
- alternância entre [e] e [i] e entre [o] e [u], como em *defiçel* por *difícil* (Maria) *irrevugavel* por *irrevogável* (Jayme);
- nasalização e desnasalização, como em *mendingo* por *mendigo* (Jayme) e *nei* por *nem* (Maria);

- síncope de vogais e consoantes, como em *atriteza* por a *tristeza* (Maria) e *idal* por *ideal* (Jayme);

c. etimologização;

d. abreviatura.

A análise foi realizada com base nas técnicas eletrônicas de edição, usando uma metodologia apoiada no programa de edição *eDictor* (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2013), em que os critérios foram assim agrupados: 1) segmentação; 2) junção; 3) modernização, e 4) expansão. Em uma escala que considera os aspectos estudados, a pesquisadora propõe um *continuum* sobre o grau de letramento dos missivistas: a remetente feminina apresentou menor domínio formal da escrita do que o remetente masculino, já que nos textos escritos por ela há, principalmente, mais ocorrências de desvios grafemáticos e de segmentação/junção de palavras.

1.1.7 SANTIAGO (2012)

A partir dos critérios estabelecidos nos trabalhos de Marquilhas (2000), Barbosa (1999) e Oliveira (2006), em Santiago (2012) apresenta-se a descrição de alguns aspectos de inabilidade em escrita alfabética identificados no conjunto de 91 cartas de sertanejos baianos, do século XX, cuja edição é disponibilizada no segundo volume da dissertação de mestrado intitulada *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de "mãos cândidas" do sertão baiano*. Nesse trabalho, cujo título foi motivado pela expressão "fontes graficamente cândidas", usada por Marquilhas (2000, p. 266) ao se referir aos documentos de inábeis portugueses, os manuscritos que compõem o *corpus* apresentam marcas próprias àqueles redatores estacionados em fase inicial de aquisição de escrita.

Para a caracterização das cartas, em Santiago (2012), são descritos os aspectos a seguir[5]:

a. supragráficos e paleográficos;

- ausência de *cursus*;
- uso de módulo grande;
- ausência de regramento ideal;
- traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto;

[5] Os exemplos correspondentes a esses aspectos são apresentados na seção 5 e nos Apêndices A, B, C e D.

- irregularidade da empaginação;
- letras monolíticas;

b. segmentação gráfica: hipossegmentação e hipersegmentação;

c. repetição vocabular;

d. aspectos de aquisição da escrita:

- grafia de sílabas complexas: deslocamentos e omissões de /r/ em posição de ataque ramificado e em posição de coda, e alguns casos com o /l/ e o /s/;
- acréscimos de /r/, /l/ e /s/ em posição de coda, e acréscimo de /r/ em posição de ataque ramificado;
- representação da nasalidade: ausência ou exagero na representação;
- grafia irregular de dígrafos;

e. fenômenos fônicos:

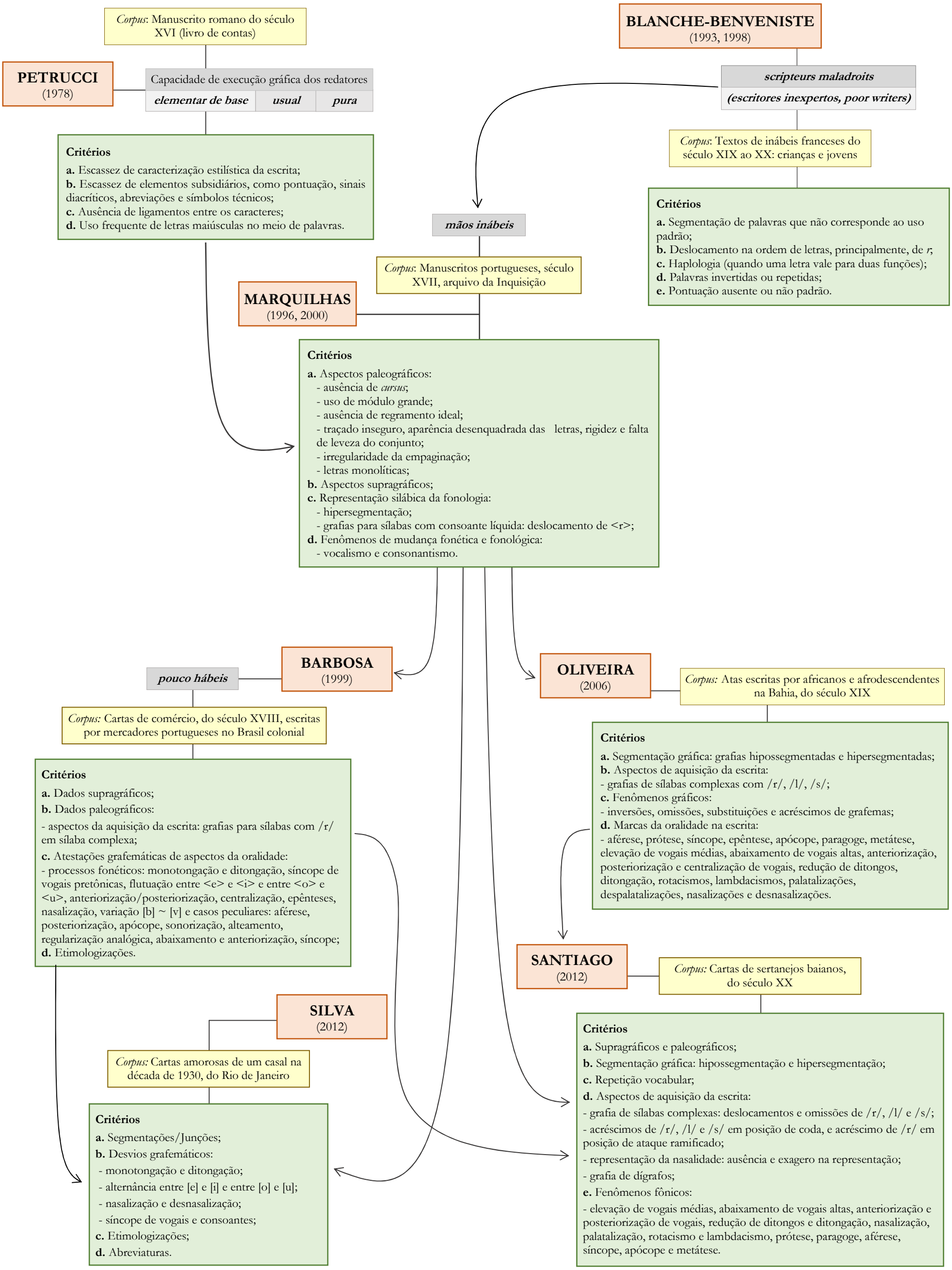
- elevação de vogais médias, em posição pretônica, postônica e em monossílabos;
- abaixamento de vogais altas;
- anteriorização e posteriorização de vogais;
- redução de ditongos e ditongação;
- nasalização;
- palatalização;
- rotacismo e lambdacismo;
- prótese;
- paragoge;
- aférese;
- síncope;
- apócope;
- metátese.

A presença de marcas de inabilidade em vários planos, distribuídas entre os redatores, contribui para indicar que os critérios usados para a caracterização de produtos gráficos de sincronias anteriores são aplicáveis aos textos das *mãos inábeis* dos sertanejos baianos, do século XX.

1.1.8 SÍNTESE

No diagrama a seguir, apresenta-se uma sistematização dos principais aspectos abordados nos estudos antecedentes, que fundamentam a construção da proposta deste trabalho, comentada no próximo item.

Imagem1: Critérios de inabilidade em escrita estudados em *corpora* diversos



1.2 A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE ANÁLISE

Neste estudo, propõe-se uma possibilidade metodológica para o reconhecimento da inabilidade em escrita alfabética, sistematizada a partir dos estudos antecedentes, na tentativa de contribuir com o estabelecimento de parâmetros para o tratamento metodológico de outros *corpora*, sejam do mesmo período ou de outros, através de critérios que sejam mais gerais.

Segundo Marquilhas (2000), os produtos gráficos de redatores inábeis podem ser identificados a partir de sua aparência física; uma possibilidade, do ponto de vista metodológico, através das características caligráficas e das particularidades do suporte; mas, de acordo com a mesma pesquisadora, como já mencionado, não são raros os casos em que a aparência física do texto não corresponde ao seu nível ortográfico. Sobre isso, Barbosa (1999, p. 158) também comenta que "[...] nem sempre os aspectos físicos são suficientes para identificarem-se textos de pessoas com pouca habilidade de escrita. Há mesmo o caso de encontrarem-se textos apresentando uma aparência bem cuidada, mas, na verdade, são obras de mão inábil".

Barbosa (2017), no texto *O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das mãos inábeis em corpora histórico-diacrônicos*, propõe, a partir do trabalho de Marquilhas (2000), a caracterização dos *corpora* através de dimensões, independentes, em alguns casos, ou sobrepostas, em outros casos, quando há uma coocorrência de determinados aspectos. O pesquisador afirma que a inabilidade na escrita alfabética não é, em si, questão histórica de língua, de oralidade, mas diz respeito a questões de *escriptualidade*, e destaca duas suposições errôneas que circulam entre usuários de *corpora* linguísticos: a primeira é "[...] a tentadora ilusão de se supor uma sintaxe mais próxima da fala (em relação a outros tipos de *corpora* linguísticos) por encontrar marcas de oralidade na escrita de um inábil" e a segunda "[...] diz respeito à identificação de um inábil ser, apenas e necessariamente, uma questão de se constatarem marcas físicas oriundas da dificuldade motora de execução caligráfica da mão pouco exercitada" (BARBOSA, 2017, p. 21).

Diante dessas suposições errôneas, Barbosa (2017) estabelece, então, nove dimensões de inabilidade, demonstrando como se dá a independência de algumas delas e procurando discernir a sobreposição de uma dessas dimensões à realidade ortográfica em determinada fase histórica. Para isso, são redistribuídas as características definidas por Marquilhas (2000) e outras, exemplificadas em Barbosa (1999), Oliveira (2006) e Santiago (2012), acrescentando, ainda, outros aspectos, a partir da experiência do autor na organização dos *corpora* do Projeto Para a História do Português Brasileiro.

A seguir, as dimensões propostas por Barbosa (2017, p. 22-28):

1. da escriptualidade – os *grafismos*;
2. da escrita fonética – *índices grafofonéticos*;
3. da pontuação;
4. da repetição de vocábulos;
5. da dificuldade de riqueza na variação e precisão no léxico;
6. dos aspectos sintáticos;
7. das tendências discursivas;
8. da habilidade motora – níveis supragráfico e paleográfico; e
9. da segmentação gráfica – hipersegmentação e hipossegmentação.

As dimensões 8 e 9, de acordo com o autor, são percebidas apenas em *corpora* disponibilizados com fac-símile.

As marcas referentes a cada dimensão podem ser manifestadas em maior ou menor grau, a depender do redator, ou seja, algumas *mãos* podem manifestar mais dados para determinada dimensão que outras. Há aspectos, presentes em determinados documentos, que são características do inábil, mesmo que o redator mostre-se hábil em outros planos. O cruzamento das dimensões pode permitir a oposição entre subgrupos de inábeis, desde uma hipotética inabilidade máxima, até uma mínima.

A depender do período histórico, marcas específicas podem ser consideradas. Como o caso das etimologizações, uma marca de prestígio na cultura escrita do século XVIII, critério testado por Barbosa (1999), em cruzamento com os índices grafofonéticos, no *corpus* de cartas de comércio. Para perceber marcas de prestígio como essa, é necessária a investigação em torno das práticas da cultura escrita de uma dada época. Como afirmam Barbosa e Lima (2019), se um leitor tem contato com textos modelares de sua época, como jornais, ele tende a reproduzir o padrão de escrita desses textos, mesmo sem estudo sistemático de ortografia na escola. Por outro lado, mesmo que a pessoa seja alfabetizada, por exemplo, no século XIX, se somente lê cartas de familiares, sua grafação não refletirá a grafia latinizada dos jornais. Ainda de acordo com Barbosa e Lima (2019), quanto mais diversos forem os gêneros textuais no ambiente cultural dessa pessoa e/ou quanto maior tiver sido o grau de aprendizado de ortografia na escola, mais perto das *normas praticadas* em textos modelares e das *normas predicadas* nos manuais estará a sua grafação. Mas se o indivíduo tem pouco acesso à leitura, ele irá escrever foneticamente, não importa o século.

A proposta geral de análise, neste trabalho, então, pode ser desenvolvida através das seguintes etapas, para caracterização dos perfis dos redatores:

i. estabelecer contrastes aos modelos textuais mais próximos ao padrão culto da época, às tradições escritas de um dado período. Para os *corpora* que foram produzidos em época de maior normatização gráfica e gramatical, como os do século XX, o afastamento às convenções do padrão gráfico é identificado de forma mais direta;

ii. identificar os processos de difusão da escrita, as práticas letradas de uma época específica;

iii. identificar marcas de inabilidade no plano da *escriptualidade*: principalmente a grafia irregular de sílabas complexas: deslocamentos e omissões de /r/ em posição de ataque ramificado e em posição de coda, e os casos com o /l/ e o /s/; acréscimos de /r/, /l/ e /s/ em posição de coda, e acréscimo de /r/ em posição de ataque ramificado. Também podem ser localizadas a representação irregular da nasalidade e a grafia irregular de dígrafos;

iv. identificar marcas de inabilidade no plano da escrita fonética;

v. identificar marcas de inabilidade em outros planos/dimensões: da pontuação, da repetição de vocábulos, da habilidade motora e da segmentação gráfica;

vi. estabelecer cruzamento entre os aspectos de *escriptualidade* e as marcas de escrita fonética, assim como com outros aspectos identificados;

vii. observar se aos índices de inabilidade na grafia ocasionalmente correspondem aspectos de inabilidade na dimensão morfossintática;

viii. definir, a partir das propriedades identificadas, o ponto, no contínuo de inabilidade, em que o redator pode ser situado.

Para uma melhor caracterização das *mãos* redatoras, considerando a possibilidade de que sejam distribuídas em uma gradiência de inabilidade, propõe-se verificar a coocorrência de dimensões e a incidência maior ou menor de marcas em um dos planos, o que irá determinar o ponto específico, em um possível contínuo, em que uma *mão* pode estar situada: inabilidade máxima > inabilidade parcial > inabilidade mínima.

De acordo com os critérios já testados nos estudos antecedentes, para a caracterização dessa distribuição, considera-se que:

– A *inabilidade máxima* é característica dos redatores cujos textos apresentam maior quantidade de marcas na dimensão da *escriptualidade* (desconhecimento de convenções gráficas, como a dificuldade em grafar sílabas complexas com /r/ ou /l/). Esses redatores são os que manifestam coocorrência de marcas em, praticamente,

todas as dimensões, principalmente em relação às que se referem aos aspectos físico-caligráficos.

– A *inabilidade parcial* está relacionada à menor presença, nos textos, de propriedades na dimensão da *escriptualidade*, em coocorrência à escrita fonética e a outras dimensões, como a da pontuação, da repetição e/ou da segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade caligráfica podem ou não estar presentes, não é uma condição determinante.

– A *inabilidade mínima* pode ser caracterizada pela ausência de aspectos relacionados à *escriptualidade*, presença de dados de escrita fonética, além de marcas de mais uma das demais dimensões, raramente, de mais duas, seja a pontuação, a repetição ou a segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade caligráfica também podem ou não estar presentes, pois não é uma marca determinante.

A seguir, no Quadro 1, apresentam-se as propriedades que podem ser estabelecidas como parâmetros para a identificação do tipo de inabilidade e, na Figura 2, a distribuição dessas propriedades de modo mais esquemático, em um possível contínuo.

Quadro 1 – Distribuição dos níveis e aspectos de inabilidade

	Dimensões de inabilidade					
	Marcas de escriptualidade	Escrita fonética	Pontuação	Repetição de vocábulos	Pouca habilidade motora	Segmentação gráfica
Inabilidade máxima	Alta frequência e marcas mais raras	+	Ausência de sinais, ou baixo uso, ou uso não convencional	Tendência a maior frequência de ocorrências, mas não é determinante	Presença de marcas	Grafias hipossegmentadas e hipersegmentadas, mas não é determinante
Inabilidade parcial	Baixa frequência e marcas mais comuns	+	Ausência de sinais, ou baixo uso, ou uso não convencional	Tendência a menor frequência de ocorrências, mas não é determinante	Presença menor de marcas, mas não é determinante	Grafias hipossegmentadas e hipersegmentadas, mas não é determinante
Inabilidade mínima	Ausência de ocorrências	+	Ausência de sinais, ou baixo uso, ou uso não convencional	Poucas ocorrências	Presença menor de marcas, mas não é determinante	Poucas ocorrências

Fonte: elaboração própria.

Na seção 5, a sistematização dessa proposta metodológica está mais detalhada, com a aplicação ao *corpus* constituído pelas cartas pessoais dos sertanejos baianos, através da descrição das seguintes dimensões de inabilidade:

a. da *escriptualidade*:
   - grafia de sílabas complexas (deslocamentos e omissões de /r/, /l/ e /s/);
   - hipercorreções (acréscimos de <r>, <l> e <s> em posição de coda e acréscimos de <r> em posição de ataque ramificado);
   - representação da nasalidade (representação exagerada e ausência da representação);
   - representação de dígrafos;

b. da escrita fonética: *índices grafofonéticos*;

c. da pontuação (ausência de sinais de pontuação, baixo uso e/ou uso não convencional);

d. da repetição de vocábulos;

e. da habilidade motora:
   - ausência de *cursus*;
   - uso de módulo grande;
   - ausência de regramento ideal;
   - traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto;
   - irregularidade da empaginação;
   - letras monolíticas;

f. da segmentação gráfica: hipersegmentação e hipossegmentação.

Figura 2 – Contínuo de inabilidade em escrita alfabética

INABILIDADE MÁXIMA	INABILIDADE PARCIAL	INABILIDADE MÍNIMA
Aspectos de *escriptualidade* - alta frequência: - Grafia irregular para sílabas com consoante líquida - Grafia irregular de dígrafos - Representação irregular da nasalidade **Escrita fonética** **Aspectos referentes à menor habilidade motora** **Mais outro(s) aspecto(s):** - Pontuação: ausência ou uso não convencional - Repetição de vocábulos - Segmentação gráfica: hipossegmentação hipersegmentação	**Aspectos de *escriptualidade* - baixa frequência:** - Grafia irregular para sílabas com consoante líquida - Grafia irregular de dígrafos - Representação irregular da nasalidade **Escrita fonética** **Mais outro(s) aspecto(s):** - Pontuação: ausência ou uso não convencional - Repetição de vocábulos - Aspectos referentes à menor habilidade motora - Segmentação gráfica: hipossegmentação hipersegmentação	**Escrita fonética** **Mais outro aspecto:** - Pontuação: ausência ou uso não convencional - Repetição de vocábulos - Aspectos referentes à menor habilidade motora - Segmentação gráfica: hipossegmentação hipersegmentação

Fonte: elaboração própria.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Discute-se, nesta seção, sobre a natureza interdisciplinar deste estudo, apresentando-se algumas questões teórico-metodológicas que envolvem o trabalho. Inicialmente, em 2.1, do Campo da Linguística Histórica sócio-histórica, aborda-se, especificamente, sobre o uso de fontes documentais como *corpora* nos estudos dessa área; em seguida, em 2.2, do Campo da História Social da Cultura Escrita, sobre a necessidade de investigação em torno da dimensão externa da escrita, assim como sobre os aspectos metodológicos que se referem ao diálogo com a história oral, na produção de narrativas do passado. Por fim, em 2.3, do Campo Filológico, comenta-se sobre as opções filológicas na constituição de *corpora* compostos por documentos produzidos por *mãos inábeis*, na perspectiva das Humanidades Digitais.

2.1 CAMPO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA SÓCIO-HISTÓRICA: SOBRE O USO DE FONTES COMO *CORPORA* HISTÓRICOS

Para o processo de reconstrução da história sócio-linguística, os documentos escritos são materiais empíricos necessários, considerando-se a impossibilidade de acesso à língua de sincronias passadas. Pode-se, apenas, como lembra Mattos e Silva (2008a, p. 20), "[...] entrever ou entreouvir a voz através dos textos: tarefa difícil e apenas aproximativa, 'ouvir o inaudível'". Nesse sentido, os textos mais transparentes na escrita, em relação aos dados da oralidade, têm especial valor. De acordo com Barbosa (2008), é preciso descobrir fontes escritas mais transparentes, com índices que reflitam um pouco melhor certos traços de oralidade, seja pela inabilidade/desconhecimento, por parte dos redatores, de fórmulas textuais, seja pela relação simétrica de poder entre remetente e destinatário, seja ainda pelo caráter intimista de um dado tema.

A tarefa de constituição de *corpora* significativos e representativos para o estudo linguístico do português brasileiro está prevista no primeiro item da agenda de investigação do Projeto Nacional *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), que, coordenado por Ataliba de Castilho, da Universidade de São Paulo (USP), desde 1997, se estrutura em três campos inter-relacionados de trabalho, como mostram Lobo e Oliveira (inédito):

a) um *campo histórico-filológico*, visando à constituição de *corpora* diacrônicos de documentos de natureza vária, escritos no Brasil, a partir do século XVI;
b) um *campo gramatical*, visando ao estudo de mudanças linguísticas depreendidas na análise dos *corpora* constituídos, e
c) um *campo de história social linguística*, visando à reconstrução mais ampla da história social linguística do Brasil e, em particular, do português brasileiro.

Diante dos desafios para a reconstrução da complexa formação sócio-histórica linguística do português brasileiro – uma realidade plural e polarizada entre normas vernáculas e normas cultas[6] –, evidencia-se a necessidade de uma atitude investigativa interdisciplinar. Um dos diálogos necessários, o que deve ocorrer entre historiadores da língua e historiadores da cultura escrita, atende a uma das quatro vias propostas por Antônio Houaiss (1985), para penetrar nessa problemática da história linguística do Brasil, que é a reconstrução da história da *penetração da língua escrita no Brasil*. A quarta via[7] apresentada por Houaiss (1985, p. 128, grifo nosso) é:

> 4. **a penetração da língua escrita no Brasil, das origens aos nossos dias**, não numa leitura estética, que se vem tentando algo em vão, nem histórico-externa, nem sociológica, nem demográfica, nem demopsicológica, nem antropológica, nem política, mas essencialmente linguística – que depois será um componente relevante das "histórias" parciais acima aludidas, cuja conjunção nos possa dar uma história – analítica e sintética – de que já nesta altura tanto necessitamos.

Conforme Lobo e Oliveira (inédito), essa via 4 é o espaço privilegiado "[...] de encontro entre historiadores do português brasileiro e historiadores da cultura escrita no Brasil. Concebido como um espaço interdisciplinar, a sua construção, contrariamente à perspectiva apontada por Houaiss, não poderá ser só ou 'essencialmente linguística'".

A edição e a disponibilização de *corpora* constituídos por documentos pessoais, representativos da escrita cotidiana, com menor grau de formalidade, colaboram, portanto, com a agenda do PHPB, para os pesquisadores interessados em aspectos linguísticos, sócio-históricos e da difusão da escrita. Considerando que documentos desse tipo podem melhor refletir aspectos do vernáculo, podem servir como contraste para estudos aproximativos à vertente popular do português, em relação às vertentes cultas.

---

[6] Cf. Lucchesi (2015), sobre a polarização sociolinguística do Brasil.

[7] As três primeiras vias são: "1. a do levantamento exaustivo de depoimentos diretos e indiretos sobre todos os processos linguageiros havidos a partir (e mesmo antes, para com os indígenas e negros) dos inícios da colonização [...]; 2. o mapeamento confiável da dialectologia brasileira [...] 3. o incremento da dialectologia vertical em tantos quanto possíveis grandes centros urbanos e focos rurais antigos [...]." (HOUAISS, 1985, p. 127-128).

É importante ressaltar que não é pelo fato de um *corpus* ser produto de inábeis, apenas, que ele pode servir ao estudo de aspectos das variedades linguísticas populares, já que a noção de inabilidade está relacionada ao treinamento da escrita. Como comenta Barbosa (2005, p. 38), para a sociedade colonial, por exemplo, pode-se "[...] conceber um inábil, ou mesmo um analfabeto, como conhecedor da cultura dos textos-modelo e vinculado aos círculos do poder por exercer cargos de destaque". Ele poderia, então, ser tido como culto, apenas não dominava a técnica da escrita. Em relação ao *corpus* de inábeis do século XX, constituído pelas cartas do sertão, a possibilidade de acesso a aspectos referentes à dimensão externa da escrita, aos perfis sócio-culturais dos redatores, é fundamental para um melhor controle metodológico da amostra. Documentos desse tipo, representativos da escrita cotidiana, podem contribuir como material empírico para uma aproximação a fenômenos linguísticos diversos, mais especificamente, à vertente popular do português brasileiro[8].

2.2 CAMPO DA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA: SOBRE A INVESTIGAÇÃO DA DIMENSÃO EXTERNA DA ESCRITA

Sob a tendência da História Cultural, que enfatiza o ponto de vista das pessoas comuns, dos anônimos, os estudos da História da Cultura Escrita propõem abordagens que valorizem as práticas cotidianas, que evidenciem as produções dos que estão à margem da sociedade, relegados da história oficial. Nesse sentido, a produção de narrativas do passado constitui-se como uma possibilidade de aproximação à memória coletiva que envolve as práticas de leitura e escrita do lugar, incluindo as práticas daqueles que não passaram pelo processo de alfabetização escolar. Segundo Castillo Gómez (2003), a História da Cultura Escrita busca estudar as práticas sociais de escrever e de ler, em um projeto que reconhece a escrita como algo mais que um mero sistema gráfico, questionando acerca das suas diferentes funções e práticas materiais, sempre em referência às respectivas sociedades históricas, "[...] teniendo

[8] Alguns estudos já foram realizados, em nível de mestrado, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da UEFS, e há outros em andamento, usando parte do *corpus* constituído pelas cartas de inábeis do sertão baiano. As dissertações já concluídas são as de Lorena Santos (2017), intitulada *A variação da concordância nominal de número em cartas de inábeis do sertão baiano (1906-2000)*; a de Janaina Mascarenhas (2016), *Sentenças relativas em cartas de inábeis*, e a de Gutemberg Magalhães, *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX*. Os projetos de dissertação em desenvolvimento são: *Uso variável dos artigos definidos antes de possessivos em cartas pessoais do sertão baiano (século XX),* de Rosana Carvalho; *Para a história do português popular brasileiro: o sistema de tratamento em cartas baianas do século XX*, de Elane Santos, e *A colocação dos clíticos em sentenças finitas: um estudo sócio-histórico das vertentes do PB em cartas do sertão baiano (século XX)*, por Maiara Lemos.

em cuenta que em cada momento la sociedad ha estado formada por alfabetizados y analfabetos"[9] (CASTILLO GÓMEZ, 2003, p. 96).

Nessa mesma direção, Ana Maria de Oliveira Galvão (2007, 2010) afirma que, por meio da descrição minuciosa dos eventos e práticas sociais mediados por material escrito, é possível compreender o lugar que a escrita ocupa em determinada cultura. Uma possibilidade para conceituar "cultura escrita" seria, então, considerá-la como "[...] o lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade" (GALVÃO, 2010, p. 218). A autora propõe *cinco vias*, ou *dimensões*, para o estudo da cultura escrita em uma perspectiva histórica (GALVÃO, 2010, p. 221-223):

i. a que se refere às instâncias ou instituições que ensinam ou possibilitam a circulação do escrito em certas épocas e em certos locais;
ii. fazer uma história dos objetos que lhe dão suporte;
iii. estudar os suportes por meio dos quais ela é difundida e ensinada;
iv. focalizar os sujeitos que, em suas vivências cotidianas, constroem historicamente os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa nos grupos e nas sociedades que os constituem (e que, ao mesmo tempo, ajudam a constituir);
v. investigar os meios de produção e transmissão das múltiplas formas que o fenômeno assume.

Em relação às entrevistas-narrativas produzidas nesta pesquisa, os temas abordados pelos sujeitos perpassam algumas dessas vias, possibilitando identificar alguns indícios, principalmente, sobre o que trata a primeira via (além do espaço escolar, os espaços extraescolares de aquisição da escrita) e, também, a segunda via (além do livro didático, os jornais, os cordéis, os calendários, os textos religiosos).

Chartier (2010) indica algumas modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado: o conhecimento produzido pelos historiadores, as obras de ficção e a memória, seja ela coletiva ou individual. Sem querer priorizar ou indicar a memória como superior, o autor lembra que uma das diferenças entre história e memória é que "[...] à imediata fidelidade (ou suposta fidelidade) da memória opõe-se a intenção de verdade da história, baseada no processamento dos documentos, que são vestígios do passado, e nos modelos de inteligibilidade que constroem sua interpretação" (CHARTIER, 2010, p. 22). Opõe, assim, o reconhecimento do passado, exercido pela memória, à representação do passado, tencionada pelo discurso histórico. Para as comunidades em que a presença do passado no presente é um

[9] "[...] tendo em conta que em cada momento a sociedade foi formada por alfabetizados e analfabetos". (Tradução nossa).

elemento essencial da construção do "ser coletivo", a memória é conduzida, ainda segundo o autor, por essas exigências existenciais.

Esse reconhecimento do passado, através da memória, auxilia na busca por respostas ao conjunto mínimo de questões proposto por Petrucci (2003, p. 7-8), por aqueles que trabalham com a cultura escrita:

> 1. *¿Qué?* En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción.
> 2. *¿Cuándo?* Época en que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando.
> 3. *¿Dónde?* Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción.
> 4. *¿Cómo?* Con qué técnicas, con qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto.
> 5. *¿Quién lo realizo?* A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era en su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura.
> 6. *¿Para qué fue escrito ese texto?* Cuál era la finalidad específica de ese testimonio en particular y, además, cuál podia ser en su época y en su lugar de producción la finalidad ideológica y social de escribir.[10]

Auxiliando, principalmente, na busca por respostas às questões 5 e 6, as narrativas sobre o passado, produzidas nesta pesquisa, contribuem para o acesso a indícios do perfil sociocultural dos redatores e do contexto de produção dos manuscritos, fornecendo pistas acerca de seus processos de letramento. Esses processos ocorriam, muitas vezes, em dimensões não escolares, quando se *inventava*, cotidianamente, *maneiras de fazer* (CERTEAU, 2013), de se estabelecer práticas de escrita e leitura, seja na própria casa ou na de parentes, no convívio com amigos e/ou através do contato com outros materiais de leitura, como cartas, jornais e textos religiosos. A partir desses indícios, reconhecem-se a possibilidade e a necessidade de se produzir empoderamentos, de se legitimar as vozes daqueles que, ao longo do tempo, estiveram às margens das atividades de escrita, mas foram agentes, cujas ações afetaram o mundo (às vezes limitado) em que viviam, como lembra Sharpe (1992), ao tratar da história das pessoas comuns, das classes inferiores.

[10] "1. *O quê?* Em que consiste o texto escrito, que é necessário para transferir o código gráfico habitual para nós, através da dupla operação de leitura e transcrição. 2. *Quando?* Época em que o texto em si foi escrito no testemunho que estamos estudando. 3. *Onde?* Zona ou lugar em que se levou a cabo a obra de transcrição. 4. *Como?* Com que técnicas, com que instrumentos, sobre que materiais, segundo que modelos foi escrito esse texto. 5. *Quem o realizou?* A que ambiente sociocultural pertencia o executor e qual era em seu tempo e ambiente a difusão social da escrita. 6. *Para que foi escrito esse texto?* Qual era a finalidade específica desse testemunho em particular e, além disso, qual poderia ser em sua época e em seu lugar de produção a finalidade ideológica e social da escrever". (Tradução nossa).

2.2.1 SOBRE O RECURSO À HISTÓRIA ORAL

No âmbito dos estudos linguísticos sócio-históricos, quando não se trabalha com *mãos mortas*, a recorrência às fontes orais permite minimizar os desafios envolvidos na busca pelo *controle* dos perfis sociais, no levantamento dos fatores externos à escrita. A construção da história da cultura escrita, que necessita de informações sobre *quem* escreveu e *para que foi escrito o texto*, pode contar com esse tipo de fonte, característico do novo fazer historiográfico (BURKE, 1992; PRINS, 1992). Segundo Peter Burke (1992), ao tratar das novas tendências do fazer historiográfico, a história oral é um dos novos tipos de fonte que suplementam os documentos oficiais, desde que os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, escolhendo novos objetos de pesquisa.

A opção pelas histórias de vida como meio para obtenção de indícios do perfil sociocultural dos sertanejos e, consequentemente, da penetração/difusão da língua escrita na zona rural do semiárido baiano, com o uso de entrevistas-narrativas[11], inspira-se, portanto, nos pressupostos da História Oral, em uma atitude de *dessujeição metodológica*, como sugere Rodrigues (2010), ao justificar sua opção pela pesquisa que força a sair da imobilidade de outras estratégias metodológicas, visando a uma *dessujeição* dos pesquisados e do pesquisador. Considera-se que as fontes históricas orais são fontes narrativas, no sentido proposto pelo historiador oral italiano Alessandro Portelli (1991). Para esse autor, a história oral é, primordialmente, *uma arte da escuta*, e, ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas *cocriadas* pelo historiador, caracterizadas como: "[...] narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador" (PORTELLI, 2016, p. 9).

Ao apresentar as especificidades da história oral, no texto *What makes oral history different*, Portelli (1991) destaca como peculiaridades desse tipo de fonte a oralidade, a forma narrativa, a subjetividade, a credibilidade diferente da memória e a relação entre entrevistador e entrevistado. Sobre essa última peculiaridade, o autor afirma que o resultado final da entrevista é o produto de ambos, tanto do narrador como do pesquisador. Um dos requisitos para a entrevista, então, é que:

> [...] the researcher "accept" the informant, and give priority to what she or he wishes to tell, rather than what the researcher wants to hear, saving any unanswered

[11] Essa expressão tem sido difundida pela Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, ao usar entrevistas-narrativas como importante fonte de produção de dados, possibilitando interpretações acerca das trajetórias de vida (cf. SOUZA, 2015).

> questions for later or for another interview. Communications always work both ways. [...] Historians might as well recognize this fact and make the best of its advantages, rather than try to eliminate it for the sake of an impossible (and perhaps undesirable) neutrality. (PORTELLI, 1991, p. 54)[12]

É nesse mesmo sentido, no trabalho com fontes que são orais, narrativas e subjetivas, que cada entrevistado não deve ser entendido "[...] como uma mera fonte de 'informações' sobre o assunto, mas sim como uma pessoa que, de alguma maneira, vivenciou um pedaço de um momento histórico e se apropriou de forma pessoal de sua experiência", como também defende Worcman[13] (2014, p. 151). Essa autora esclarece que "[...] o sucesso da entrevista depende muito da relação estabelecida entre entrevistado e entrevistador" e o roteiro é entendido apenas como um guia, um apoio (WORCMAN, 2014, p. 151).

Reconhecendo essa importância de uma relação aberta, atenciosa e acolhedora entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, que desencadeie uma narrativa fluente, o mais livre e espontânea possível, o processo de produção das narrativas dos sertanejos conta com uma relação de proximidade entre entrevistado e entrevistador, por compartilharem uma mesma identidade local/geográfica; e, além disso, como foram feitas várias visitas na ocasião da constituição do *corpus* das cartas pessoais, as pessoas demonstram estar bem à vontade no momento das gravações dos relatos, evidenciando receptividade e interesse pelas conversas.

O planejamento da entrevista (cf. Apêndice F), com o estabelecimento de alguns temas previamente, tem a função apenas de fornecer apoio ao pesquisador no desencadeamento da conversa, na provocação ao entrevistado em seu processo de evocação das memórias, já que no decorrer da narrativa podem surgir outros assuntos ou alguns podem não ser mencionados, a depender do fluxo da conversa, pois, como comenta Portelli (2016, p. 10), "[...] o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar". Considerando-se esse aspecto, o planejamento apresenta alguns temas, estabelecidos a partir do desejo de conhecer memórias/lembranças sobre as práticas de escrita e leitura constituídas no cotidiano dos sujeitos:

a. A infância/juventude: onde viveu, primeiros aprendizados, relação com os pais, saberes construídos nesse período.

---

[12] "[...] o pesquisador "aceite" o informante e dê prioridade ao que ela ou ele deseja dizer, de preferência ao que o pesquisador quer ouvir, guardando quaisquer questões não respondidas para depois ou para outra entrevista. A comunicação sempre funciona de ambos os lados. [...] Os historiadores podem reconhecer esse fato e tirar dele vantagens, ao invés de tentar eliminá-lo em razão de uma neutralidade impossível (e talvez indesejável)." (Tradução nossa).

[13] Fundadora e diretora do Instituto Museu da Pessoa, instituição virtual que desenvolve projetos a partir de uma metodologia que pressupõe ser a narrativa de cada pessoa a expressão de sua singularidade. Cf. www.museudapessoa.net.

b. A oralidade: contação de histórias, tipos de histórias, quem contava, onde, quando.
c. A aprendizagem da escrita: sobre como se deu esse aprendizado, relação dos pais com a escrita, presença de professores/escolas na região, a escrita das cartas.
d. A leitura: gosto pela leitura, presença de materiais de leitura em casa, maneiras de ler.

Ao manter o foco na *arte da escuta* (PORTELLI, 2016), também serve de inspiração a este trabalho as produções do cineasta brasileiro Eduardo Coutinho, principalmente o seu documentário *O fim e o princípio*[14], gravado em comunidades rurais do Nordeste, em 2005. Nesta produção, o documentador ouve muito mais do que fala e não há uma produção prévia; é a voz que emerge do cotidiano, das pessoas comuns do sertão, atribuindo autoria e protagonismo ao processo de produção.

Nos encontros com os sertanejos, em suas próprias casas, após leitura e solicitação da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. Apêndice G), garantindo os aspectos éticos da pesquisa, as entrevistas-narrativas foram desenvolvidas a partir dos temas mencionados, ou a partir de outros temas, lembrados por eles. Segundo Street (2010, p. 41), ao tratar das perspectivas etnográficas que ajudam a entender o letramento, deve-se, em vez de falar sobre algo que eles não têm, dizer sobre "o que eles têm", contrapondo-se à maneira dominante de se entender as práticas etnográficas, em que "[...] começamos com a premissa de que todos vivemos na nossa própria cultura, nossos próprios contextos com significados e linguagem. Quando vamos a outro lugar, a primeira coisa que tendemos a fazer é perguntar se eles têm as coisas a que estamos acostumados". E a negação sempre aparece nas possíveis respostas. Para o autor, esse é um problema sério, pois ao se entrar direto com os termos com os quais se está acostumado, vai-se, provavelmente, distorcer a realidade.

Nesse sentido, procura-se evitar, por exemplo, conversar de início com os sertanejos sobre o acesso a livros, mas sim sobre os materiais de leitura a que eles tiveram contato; também se procura evitar conversar, pelo menos inicialmente, sobre a frequência à escola, já que os indícios são de que não havia escolas na região, mas sim sobre as práticas de escrita, sobre os processos que possibilitaram uma apropriação do código escrito. As práticas convencionais de aprendizagem podem dar lugar a diferentes situações de letramento, e são essas situações que também se pretende produzir visibilidades com a pesquisa. Ainda sobre as estratégias para esse tipo de abordagem etnográfica, Street (2010, p. 46) referenda a ideia de que investigar uma prática social não consiste em fazer um inventário de perguntas e respostas, e exemplifica lembrando que um investigador pode estar "[...] indo rápido demais

[14] Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=_VQC51XZ5ow&t=16s>.

com seu entrevistado, quando faz uma pergunta direta como ‘Que dificuldades encontraram como consequência de não saber ler e escrever?’”. Determinadas questões podem envolver relações mais amplas, de identidade, poder e significados sociais.

Assume-se a postura de não atribuir julgamentos de valor no que se refere à veracidade das narrativas. Considera-se, no entanto, que não existe voz pura, porque ela é sempre determinada por um sistema, como o social ou o familiar, e codificada por uma recepção, conforme lembra Certeau (2013). Se a memória é construída de acordo com as redes de poder, com as relações desenvolvidas em experiências passadas, vividas em interação com diferentes grupos, são valorizadas as lembranças, as escolhas realizadas por cada pessoa durante as narrativas, em que a memória individual emerge de uma memória coletiva. Segundo Portelli (1991), essa subjetividade do expositor é um precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador e que nenhuma outra fonte possui em medida igual.

Em relação ao processo de gravação, manteve-se um ambiente informal nas casas, sem utilizar grande aparato tecnológico (apenas uma câmera portátil com poucos recursos), e isso pode não garantir a qualidade técnica dos vídeos/áudios, mas favoreceu narrativas mais espontâneas e livres. As condições acústicas e de iluminação não foram ideais, havendo interrupções por causa da chegada de outras pessoas, barulhos de animais, automóveis etc.; em alguns trechos das falas, a emoção ou a dificuldade de “lembrar” pode ter contribuído para um tom de voz muito baixo e/ou ininteligível, o que dificultou o trabalho posterior de audição e transcrição.

A transcrição das entrevistas-narrativas não foi realizada de modo integral, pois foram escolhidos, principalmente, os trechos que abordam os temas relacionados às práticas de escrita e leitura, foco deste estudo[15]. Realizou-se uma transcrição grafemática, que procura tornar a leitura acessível ao pesquisador, mas isso não dispensa a audição das narrativas, pois há elementos (expressões, entoação etc.) que são próprios ao texto oral, difíceis de serem apresentados em uma transcrição[16]. Os sinais de pontuação inseridos pelo transcritor, a fim de tornar a transcrição legível, quase nunca coincidem com os ritmos e pausas do sujeito falante, de acordo com Portelli (1991). E a duração das pausas, a mudança de ritmo na narrativa, são elementos importantes no discurso: “Of course, this can only be perceived by listening, not by reading” (PORTELLI, 1991, p. 48)[17].

[15] Os trechos transcritos são apresentados no Apêndice H.
[16] A maior parte da transcrição dos trechos das narrativas orais foi realizada por Rosana Brito, estudante do curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, da UEFS/BA com nossa revisão.
[17] “Naturalmente, isto pode somente ser percebido por meio da audição e não da leitura.” (Tradução nossa).

A recorrência às gravações é necessária, portanto, para os que pretenderem desenvolver estudos a partir dessas entrevistas-narrativas, sobretudo para a realização de pesquisas linguísticas no campo da fonética e da fonologia.

Por fim, o acervo de entrevistas-narrativas está disponibilizado/armazenado em um espaço digital (cf. www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/), junto ao conjunto de manuscritos. Assim, garante-se a preservação da memória dos sertanejos, reconhecendo-se a necessidade de que sejam produzidas visibilidades, de ouvir aqueles que, ao longo do tempo, estiveram às margens das atividades de escrita, ofuscados pela história oficial, vistos agora como agentes de suas histórias de vida, disponibilizando-se fontes de especial raridade para os estudos linguísticos, da História Social da Cultura Escrita, e inclusive para atender a interesses de outras áreas do conhecimento.

2.3 CAMPO FILOLÓGICO

Para o trabalho com *corpora* diacrônicos que sejam produtos de *mãos inábeis* é importante que se assegure a confiabilidade da edição, a fim de possibilitar a percepção e a análise de propriedades específicas a esse tipo de documentos, desde os aspectos linguísticos até os físico-caligráficos. Na tentativa de garantir essa fidelidade é que se opta pela edição semidiplomática, acompanhada do fac-símile, neste trabalho.

Há muitas peculiaridades, nesse tipo de manuscritos, que requerem do editor um cuidado especial, já que a investigação sobre alguns aspectos presentes exige informações precisas. Em relação à grafia utilizada, por exemplo, a presença e a frequência de formas não convencionais é que vai fornecer indícios da maior ou menor inabilidade do redator com a escrita, o que implica em uma interferência mínima do editor. Essa necessidade de se fazerem lições conservadoras é enfatizada por Telles (2008, p. 31), ao tratar das relações grafemático-fonéticas e o comportamento metodológico exigido, em filologia textual. De acordo com a autora, o estudo dessas relações "[...] que permite, a partir dos dados textuais, inferir a realização de alguns fonemas, só é possível se a edição mantém fielmente a grafia do manuscrito". E, ainda, mais recentemente, Lose e Telles (2017, p. 289) concluem que "A proposta de uma edição conservadora parece ser mais do que justificada quando se considera que a *scripta* do documento tanto pode mostrar os erros óbvios (ou *lapsus calami*) [...]," como, o que é mais importante, segundo as autoras, "[...] as variantes textuais decorrentes do desempenho do que escreve, do responsável pela *scripta*".

Por outro lado, a necessidade de que seja feita uma *edição interpretativa* é manifestada por Marquilhas (2004), em defesa a uma edição *legível*, dos manuscritos medievais e modernos, com o menor número possível de símbolos e notas, possibilitando assim uma leitura mais fácil para aqueles interessados no conteúdo textual da edição, assim como permitindo a compreensão pelo programa de computador que for utilizado para tratar automaticamente o texto enquanto *corpus*.

Nesse mesmo sentido, Branche-Benveniste (1998, p. 138), ao comentar sobre a questão do *estabelecimento do texto*, isto é, da sua interpretação, afirma que os textos de *escritores inexpertos*, sejam crianças ou adultos, devem receber as mesmas considerações, por parte dos filólogos, que os textos antigos, já que "[...] no son interpretables si no se les establecen las normas modernas de escritura"[18]. E mostra que as mesmas intervenções que se devem realizar sobre os textos medievais se devem aplicar aos textos desses escritores, citando a necessidade de normatização de fenômenos envolvendo, por exemplo, a segmentação de palavras, a pontuação, os casos de deslocamento de letras e outras irregularidades ortográficas, concluindo que "[...] es muy difícil legitimar un texto de un escritor inexperto se no ha sido 'editado' conforme a los hábitos gráficos modernos"[19] (BRANCHE-BENVENISTE, 1998, p. 141).

2.3.1 O TRABALHO COM *CORPORA* DIACRÔNICO NO TEMPO DAS HUMANIDADES DIGITAIS

No domínio das Humanidades Digitais, a passagem do trabalho com o texto do meio analógico para o ambiente eletrônico, digital, exige a atitude colaborativa, integrando o conhecimento da Filologia, das técnicas computacionais, da História da língua. Na introdução da obra *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*, Gonçalves e Banza (2013, p. 4-5) comentam que, no universo das Humanidades Digitais, o texto passa a ser objeto de novas práticas não só na reprodução, mas também em termos de leitura e de investigação. Esse novo domínio exige, portanto, equipes multidisciplinares, "[...] uma vez que apenas o concurso de competências diversas permite responder aos problemas técnicos, filológicos e linguísticos inerentes à manipulação informática de textos, dos antigos em particular".

Segundo Paixão de Sousa (2013), é na passagem entre o século XX e o XXI que se multiplicam iniciativas de construção de repositórios e ferramentas para a edição filológica, e

[18] "[...] não são interpretáveis se as normas modernas de escrita não forem estabelecidas". (Tradução nossa).
[19] "[...] é muito difícil legitimar um texto de um escritor inexperiente se não tiver sido 'editado' conforme os hábitos gráficos modernos". (Tradução nossa).

um grande número de periódicos dedicados ao tema das edições eletrônicas, surgindo, então, o campo denominado *Digital Philology*, ou *e-Philology*. Ao apresentar alguns projetos[20], avanços e desafios que envolvem o desenvolvimento de novas tecnologias para a edição eletrônica, a autora lembra que a edição filológica e a *linguística de corpus* são áreas cada vez mais conexas, mas que não se confundem. Em Paixão de Sousa (inédito), essa pesquisadora trata de "estudos em linguística que usam corpora", sem entrar na discussão sobre a propriedade do termo *linguística de corpus*, para definir uma área de estudos; e prioriza os estudos em Linguística Histórica, como os que quase sempre precisam recorrer a dados em fontes escritas.

Para Paixão de Sousa (2013, p. 127), a edição eletrônica "[...] amplia os horizontes técnicos do trabalho filológico, por libertar as técnicas de representação editoriais das limitações materiais colocadas anteriormente pela tecnologia do impresso". Comparando as práticas emergentes, da *e-Philology*, às práticas do passado, Crane, Bamman e Jones (2008, [n. p.]) também tratam dessas vantagens:

> Print culture gave us expensive distribution by which we could send static documents to a few thousand restricted locations. If we can deliver information to any point on the earth and we can tailor that information to the varying backgrounds and immediate purposes of many people, we can thus address audiences far beyond the physical and, indeed, cultural limitations which communication – oral and print – has imposed.[21]

Ainda de acordo com Crane, Bamman e Jones (2008), no mundo digital há um novo tipo de editor, que deve lidar tanto com o conhecimento da informática quanto com as práticas totalmente manuais de edição tradicional; o editor tradicional torna-se responsável por preparar documentos para uso não só por pessoas, mas por máquinas. Além da crescente disponibilização de *corpora* em formato digital, há a necessidade de garantir que os materiais digitalizados sejam legíveis pelas pessoas e processáveis pelos computadores.

Esse aumento de alcance do texto, um dos grandes impactos do digital nas Humanidades, como reflexo das novidades que as tecnologias eletrônicas permitem, pode ser percebido, por exemplo, na possibilidade de se conceber várias formas de *apresentação* da edição filológica. Enquanto que na edição em meio analógico cada apresentação do texto

---

[20] Cf. Paixão de Sousa (2013), para exemplos de projetos dedicados à edição filológica eletrônica de textos escritos em português.

[21] "A cultura impressa nos deu distribuição dispendiosa pela qual é possível enviar documentos estáticos a alguns milhares de locais restritos. Se pudermos entregar informações a qualquer ponto da Terra e pudermos adaptar essas informações aos diferentes contextos e propósitos imediatos de muitas pessoas, poderemos dirigir-nos a públicos muito além das limitações físicas e, de fato, culturais, que a comunicação – oral e impressa – impôs-se". (Tradução nossa)

corresponde a um objeto separado dos demais, na eletrônica, com as tecnologias computacionais de codificação, múltiplas versões podem ser derivadas de um único objeto. Essa possibilidade, que, segundo Paixão de Sousa (2013), é um *divisor de águas* entre o analógico e o digital, faz com que não haja mais razão para que os *tipos de edição* sejam objetos isolados entre si: "[...] podem, muito melhor, ser compreendidos como **camadas editoriais** possíveis sobre um mesmo texto – um mesmo texto lógico, aberto a múltiplas possibilidades de representação final" (PAIXÃO DE SOUSA, 2013, p. 120, grifo da autora). Para isso, tornou-se recorrente o uso da linguagem XML, uma linguagem comum de anotação – dentre outras linguagens de anotação computacional disponíveis – referente às diversas etapas da edição, adotada por vários projetos.

Destaca-se, aqui, o projeto *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*[22] da Universidade Estadual de Campinas, produzido a partir do projeto de Galves, em 1998[23] – segundo Paixão de Sousa (2014), uma iniciativa pioneira no âmbito da língua portuguesa. Esse projeto faz parceria tecnológica com vários outros, dentre eles o projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS)[24], da UEFS, do qual faz parte o acervo utilizado neste trabalho.

Para a edição, em linguagem XML, esses projetos utilizam o software *eDictor*, desenvolvido por Paixão de Sousa e Kepler (2007) e Paixão de Sousa, Kepler e Faria (2013), um editor de textos voltado ao trabalho filológico e à análise linguística automática, que permite, por exemplo, a geração automática de versões correspondentes a edições diplomáticas, semidiplomáticas e modernizadas, e de versões com anotação morfossintática.

> O aspecto mais importante a ser observado aqui sobre esse sistema é que ele permite a preservação das etapas de interferência sem prejuízo da possibilidade de inúmeras formas de representação [...]. No arquivo de base, a transcrição mais próxima ao original está reunida às interferências do editor, e as diferentes formas de apresentação possível irão selecionar as camadas de informação a serem extraídas, conforme o destino que se queira dar ao texto. (PAIXÃO DE SOUSA, 2013, p. 126)

Então, a versão modernizada, importante para facilitar a busca automática, não compromete as informações relativas ao texto original, que podem ser recuperadas em qualquer etapa do trabalho.

Em relação ao CE-DOHS, é um banco de textos constituído por um conjunto de documentos originados, sobretudo, da grande área do semiárido baiano, editados em

[22] Cf. http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/index.html.
[23] Cf. Projeto *Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística*. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/prfpml/fase1>
[24] Cf. http://www5.uefs.br/cedohs/.

linguagem XML, com o uso do *eDictor*, do *Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do Português Brasileiro* (CNPq. 401433/2009-9), coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda; um dos projetos do Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP), da UEFS, na Bahia[25]. O CE-DOHS integra o *Programa Para a História do Português* (PROHPOR), fundado por Rosa Virgínia Mattos e Silva, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), e o já mencionado, Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB).

Para a constituição desse banco, após a etapa de localização e seleção de documentos, eles são transcritos segundo normas filológicas conservadoras e, a partir dessa transcrição, realiza-se a edição digital, finalizando com o preenchimento dos metadados. No CE-DOHS, os textos-fonte são apresentados em edição semidiplomática, segundo as normas de transcrição do PHPB, sendo oferecidas informações sobre os documentos, sua descrição extrínseca e intrínseca, e, sempre que possível, dados biográficos sobre os autores. Com o uso do editor, é feita a codificação dos dados, textuais e extratextuais (ou metadados), "o que possibilita a conversão dos textos para diferentes formatos (TXT, XML, HTML) e evita problemas de processamento eletrônico" (CARNEIRO; LACERDA; SANTIAGO, 2016, p. 135).

A seguir, apresenta-se um dos conjuntos de documentos do CE-DOHS, o acervo de cartas dos sertanejos baianos, utilizado neste trabalho.

[25] Como resultado da primeira fase de pesquisa, "[...] o projeto CE-DOHS já disponibiliza diversos acervos, sobretudo de cartas manuscritas, organizando-as por grau de escolaridade e por grau de habilidade com a escrita; são 1084 cartas particulares (1808-2000), num total de 350.850 palavras**,** escritas por 422 remetentes (nascidos entre 1724 e 1980), extraída a maior parte de Carneiro et al (2011)" (CARNEIRO; LACERDA; SANTIAGO, 2016, p. 129). Além dos acervos de cartas, são disponibilizados livros de fazenda, manuscritos (séculos XVIII e XIX); textos impressos (séculos XX e XXI), e amostras de fala (século XX). Atualmente, os textos que compõem o CE-DOHS estão na forma não-anotada, ou seja, sem informações linguísticas. Essa tarefa será desempenhada na próxima fase do projeto.

PARTE II

O *CORPUS*, OS REDATORES E O CONTEXTO

3 SOBRE A DOCUMENTAÇÃO

Nesta seção, apresentam-se os documentos manuscritos utilizados para o desenvolvimento do trabalho. Inicialmente, em 3.1, demonstra-se como os acervos que constituem o *corpus* estão organizados. Este item está dividido em três partes: em 3.1.1, comenta-se acerca dos aspectos materiais dos manuscritos; em 3.1.2, das edições realizadas, a tradicional e a digital-eletrônica, e em 3.1.3, da disponibilização das edições. Em seguida, nos itens 3.2 e 3.3, aborda-se sobre a localização temporal e espacial dos documentos, respectivamente. Em 3.4, apresentam-se os redatores e os destinatários: em 3.4.1, sobre *quem* escreveu; em 3.4.2, sobre *para quem* os documentos foram escritos e, em 3.4.3, sobre alguns aspectos sócio-históricos da região de origem dos redatores e destinatários.

3.1 OS ACERVOS

A "exploração de arquivos", que caracteriza a nova fase dos estudos histórico-diacrônicos do português brasileiro, em fins do século XX e início do XXI, é marcada, segundo Oliveira e Lobo (2012), por duas possibilidades, uma que se refere à reconstrução mais aproximada do chamado português popular brasileiro e outra que diz respeito à análise das práticas de leitura e escrita de indivíduos integrantes de grupos sociais subalternos.

Foram essas possibilidades que motivaram a busca e a localização de 131 cartas, de acervos pessoais, escritas por sertanejos dos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, no semiárido baiano, ao longo do século XX, entre os anos de 1906 e 2000, com uma maior quantidade de textos correspondente às décadas de 1950, 1960 e 1970. Inicialmente, foi localizado, em 2011, um conjunto de 91 cartas, escritas por 43 remetentes, que foi utilizado como *corpus* da dissertação *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de 'mãos cândidas' do sertão baiano* (SANTIAGO, 2012). Posteriormente, em 2016, durante as visitas realizadas a alguns desses sertanejos para produção de entrevistas-narrativas, localizou-se um acervo com 40 cartas pessoais, datadas, primordialmente, da década de 1970, muitas escritas pelos mesmos redatores do primeiro conjunto de cartas.

Com a localização desses acervos, evidenciou-se, portanto, a recorrência à prática da escrita por indivíduos oriundos da zona rural da Bahia, espaço em que as escolas, na época, eram pouco presentes, como será discutido na seção 4. São correspondências que possuem um

caráter afetivo, enviadas por amigos, compadres, namorados, parentes em geral, para expressar saudades, obter notícias de familiares e fazer pedidos diversos. Os acervos pessoais, considerando cada proprietário, estão assim distribuídos:

Tabela 1 – Os acervos de cartas dos sertanejos baianos

Acervos	Quantidade de cartas
Arquivo de João Carneiro Oliveira (AJCO)	54
Arquivo de Zenilta Bispo de Oliveira (AZBO)	40
Arquivo de Josefa Josina da Silva (AJJS)	14
Arquivo de Ana Helena Cordeiro de Santana (AAHCS)	12
Arquivo de Maria Inês Oliveira Costa (AMIOC)	5
Arquivo de Lucidalva Cordeiro Cedraz (ALCC)	2
Arquivo de Maria Delvacy Cedraz (AMDC)	2
Arquivo de Helena Oliveira (AHO)	2
Total	**131**

Fonte: elaboração própria.

Esses acervos constituem um *corpus* representativo e homogêneo, considerando-se que as cartas foram trocadas entre redatores e destinatários que mantêm relações simétricas e fazem parte de um contexto sociocultural semelhante.

Para a maioria das cartas, foi possível a identificação de *quem* escreveu, *quando*, *onde* e *para quem* foram escritas, o que, para Mattos e Silva (2002, p. 23), é uma importante e difícil tarefa do processo de constituição de *corpora* apropriados aos estudos linguísticos sócio-históricos. No âmbito da História da Cultura Escrita, essas também são algumas das questões, propostas por Petrucci (2003, p. 7-8), para qualquer tempo histórico, retomadas aqui: *o quê?* Em que consiste o texto escrito; *quando e onde?* Época e lugar em que o texto foi escrito; *como?* Quais técnicas, instrumentos, materiais e modelos utilizados; *quem?* Ambiente sociocultural a que pertencia o redator e ambiente da difusão social da escrita, na época; *para que o texto foi escrito?* Qual era a finalidade do texto e qual poderia ser, em sua época e lugar, a finalidade ideológica e social da escrita.

3.1.1 OS ASPECTOS MATERIAIS DAS CARTAS

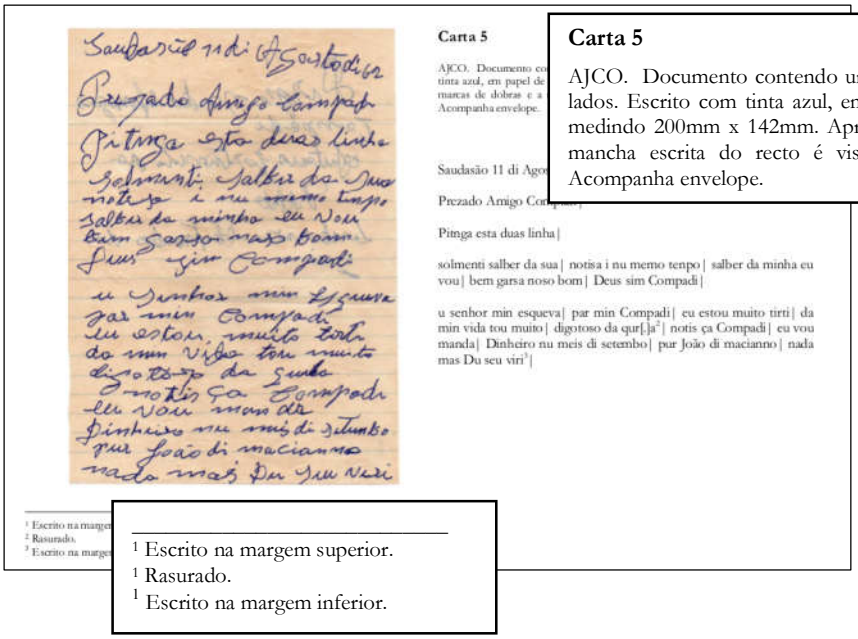
A descrição de características supragráficas dos documentos, a partir da avaliação de seu suporte físico, pode contribuir para "[...] sugerir aspectos do valor do documento em sua época de uso", como observa Barbosa (1999, p. 155). Em se tratando de cartas privadas, o

conjunto das características físico-materiais pode reafirmar as propriedades de uma escrita cotidiana, rápida, informal. Marquilhas (2015), ao discutir sobre a importância de que sejam considerados todos os recursos mobilizados pelos autores para a produção do significado do discurso, destaca a materialidade da escrita como um aspecto fundamental, incluindo o *layout*, os desenhos, os números e o suporte material. A autora, em uma abordagem sociopragmática, analisa, por exemplo, a relação entre os espaços em branco nos cabeçalhos de cartas (escritas entre 1550 e 1970), assim como a presença de desenhos, e o comportamento social do autor. No gênero epistolar, um registro muito próximo da oralidade espontânea, esses recursos funcionam como uma forma de compensar algumas características específicas da comunicação face a face.

Considerando a importância desses aspectos, na edição filológica do *corpus* optou-se por apresentar alguns deles no cabeçalho de cada carta, assim como é feito nos demais acervos que compõe o projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS). São descritas algumas informações sobre os principais aspectos materiais dos manuscritos, como a quantidade de fólios, o tipo e as dimensões do papel, a cor da tinta e outras peculiaridades, como a presença de manchas, rasgos, anotações posteriores, ornamentos etc. No *Índice analítico*, disponível no Volume II deste trabalho[26], na coluna "Aspectos materiais", também consta a descrição desses aspectos, para facilitar o acesso do pesquisador ao conjunto de informações. Detalhes mais específicos, como a indicação de trechos ilegíveis, de rasuras, de danos no suporte, de trechos escritos nas margens, entre outros, são fornecidos em nota de rodapé, ao longo da edição semidiplomática, conforme critérios estabelecidos nas normas de transcrição utilizadas (apresentadas no Volume II, antecedendo a edição das cartas). Na Figura 3, apresenta-se um exemplo de como esses aspectos são descritos na edição semidiplomática.

[26] O *Índice analítico* também está disponível no endereço <http://www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/downloads.html>.

Figura 3 – Descrição de aspectos materiais na edição semidiplomática



Carta 5

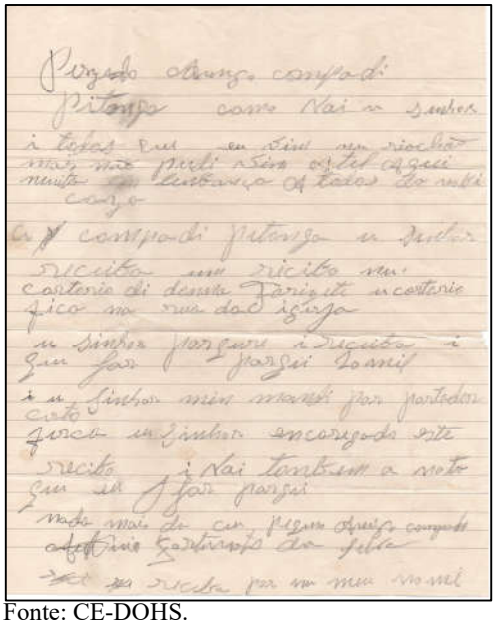
AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 200mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha escrita do recto é visível no verso e vice-versa. Acompanha envelope.

[1] Escrito na margem superior.
[1] Rasurado.
[1] Escrito na margem inferior.

Fonte: CE-DOHS.

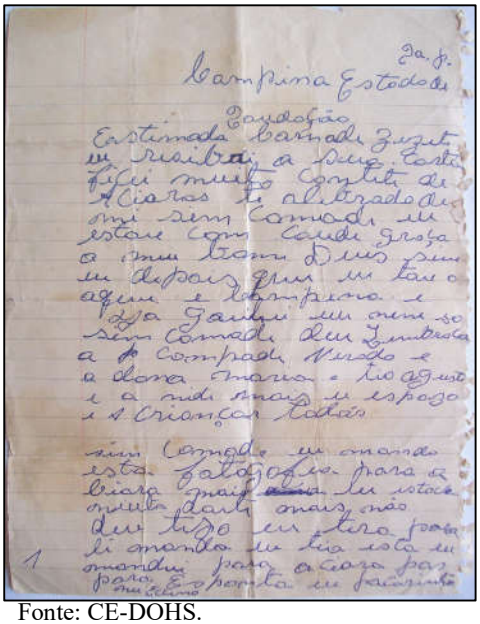
A maioria das cartas foi escrita em papel de caderno, com pautas, e há muitas, principalmente as escritas até a década de 60, em papel de carta. A tinta predominante é a de cor azul, mas há algumas que foram escritas em tinta preta, verde, vermelha e, ainda, há várias a lápis. Nota-se, nas cartas da segunda metade do século, o uso da caneta esferográfica, e não mais do tinteiro.

Figura 4 – Exemplo de carta escrita a lápis, em papel de carta (AFS-22)



Fonte: CE-DOHS.

Figura 5 – Exemplo de carta escrita a caneta de tinta azul, em papel de caderno (AOL-72)



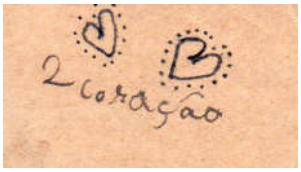
Fonte: CE-DOHS.

Em alguns manuscritos, há presença de ornamentos, como desenhos de flores e de corações, identificados, principalmente, em cartas escritas por mulheres, destinadas tanto a amigas e comadres, como a namorados. As imagens a seguir exemplificam alguns desses desenhos:

Figura 6 – Detalhe da carta com desenho de flores (NIN-38)



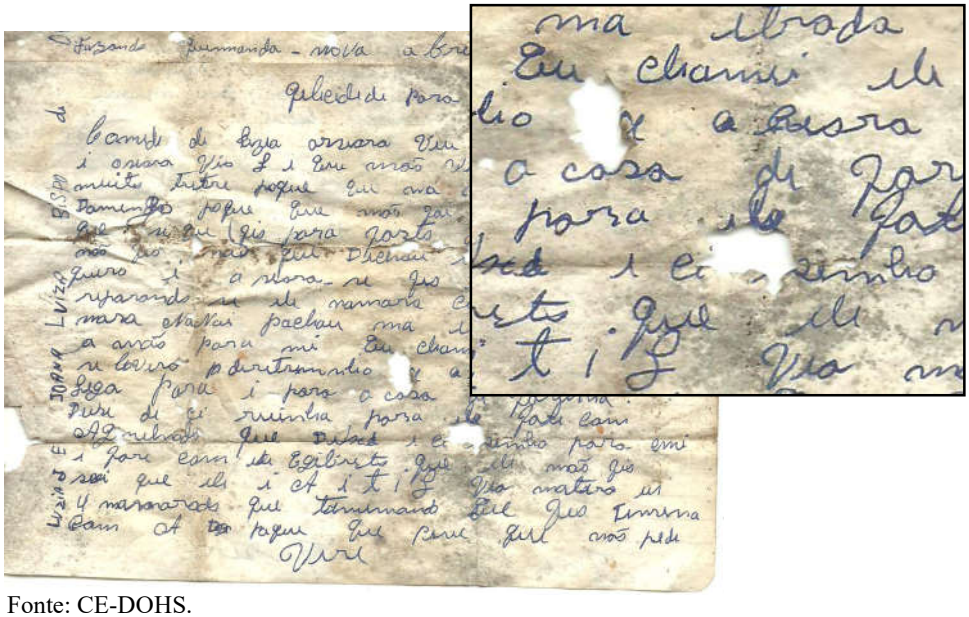
Figura 7 – Detalhe da carta com desenho de corações (APS-43)



Os vincos, causados pelas dobras, comuns às correspondências privadas e mais fortes pela ação do tempo, estão presentes em, praticamente, todas as cartas. A ação do tempo, aliada às condições de armazenamento, também contribuiu para o escurecimento do papel e a sujidade, em alguns documentos.

De modo geral, os manuscritos estão em bom estado de conservação. Um desgaste maior é notado nas cartas do acervo de Zenilta Bispo de Oliveira (AZBO): apesar de serem mais recentes, estavam acondicionadas em local com umidade e poeira, essas cartas foram guardadas, por muito tempo, em uma sacola plástica, em uma casa quase abandonada na zona rural, pelo casal proprietário. Por isso, muitas apresentam rasgos e manchas de umidade, algumas acentuadas por marcas da ação de fungos, como é possível notar na carta da Figura 8.

Figura 8 – Detalhe de carta com manchas e rasgos causados por umidade (JO-128)



Fonte: CE-DOHS.

3.1.2 AS EDIÇÕES REALIZADAS

A fim de servir aos mais variados estudos, principalmente aos de teor linguístico, a edição das cartas pessoais dos sertanejos está disponível na versão semidiplomática, conservadora, com fac-símile e, também, na versão modernizada, em linguagem XML, ambas detalhadas a seguir.

3.1.2.1 *EDIÇÃO TRADICIONAL*

Realizou-se uma edição semidiplomática dos documentos, garantindo uma preservação maior de propriedades próximas ao original, já que a única intervenção realizada durante a transcrição foi o desenvolvimento das abreviaturas [27]. Considera-se que a interferência mínima do editor é uma necessidade, como afirma Telles (2008), para o estudo das relações grafemático-fonéticas de um manuscrito – principalmente daqueles produzidos por *mãos inábeis* –, assim como para o estudo de outras propriedades.

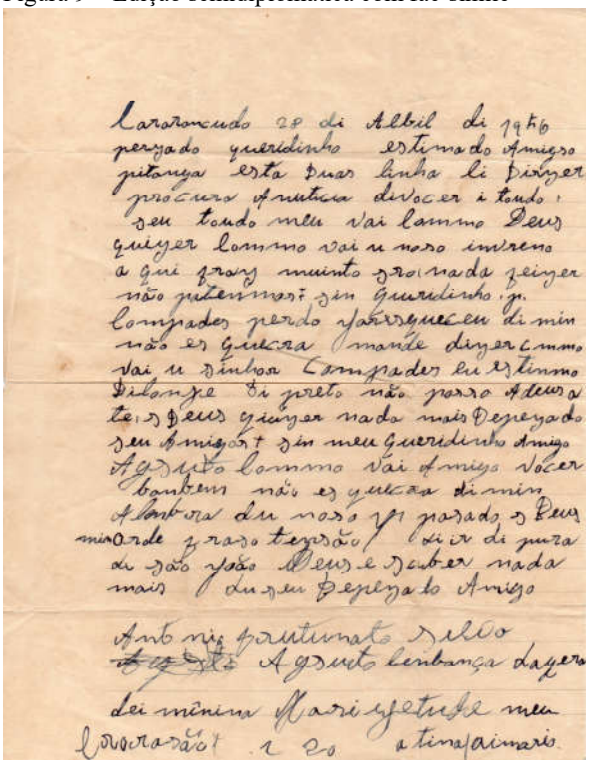
[27] A presença das abreviaturas, nas cartas, é preponderante nos textos mais antigos, mais especificamente, naquelas escritas em 1906, 1907 e 1908 (Cartas 66, 67, 68, 78, 79, 80, 81 e 88). Eis alguns exemplos de abreviaturas identificadas, com os desdobramentos em itálico: Obr*igadíssimo* e q*ue* (por suspensão); m*ui*ta e q*uan*do (por contração); cazame*n*^{to} e D*on*^{a} (por contração e letra sobrescrita) – classificação baseada em Flexor (2008).

Os critérios para a edição das cartas foram elaborados com base nas normas de transcrição para documentos manuscritos *do Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) (MATTOS E SILVA, 2001) e são apresentados no Volume II deste trabalho, antecedendo a edição das cartas.

Quanto à reprodução em fac-símile, as imagens foram digitalizadas e apresentadas na edição ao lado da transcrição dos textos, um processo que evita o desgaste dos documentos originais, facilitando o uso. Além disso, a avaliação de alguns aspectos, importantes na caracterização dos manuscritos, torna-se mais segura com a visualização das imagens, como os dados físico-caligráficos. Barbosa (2017, p. 26) demonstra a importância da disponibilização de *corpora* com fac-símiles, no sentido de possibilitar ao pesquisador a percepção dos aspectos de inabilidade relacionados à habilidade motora e à segmentação gráfica: "[...] mesmo com edições mecanográficas e conservadoras, sem o empenho de sempre inserir o fac-símile o usuário não tem como perceber de imediato o alto grau de inabilidade do redator do documento à sua frente".

A seguir, um exemplo da edição, na versão semidiplomática:

Figura 9 – Edição semidiplomática com fac-símile



Fonte: elaboração própria.

Carta 1

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 262mm x 205mm. Apresenta marcas de dobras.

Cararancudo 28 di Albil di 1956|
perzado queridinho estimado Amigso| pitanga esta Duas linha li Dirzer| procura A nuticia divocer i toudo| seu toudo meu vai commo Deus| quizer commo vai u noso invreno| a qui frais muinto sro. nada feizer| não patenmos sin queridinho. p.| compades perdo jasesqueceu di min| não es quecra mande dizer cmmo| vai u sinhor compader eu estinmo| Dilonje Di preto não posso Adeus a| te, s*e* Deus qiuzer nada mais Depezado| seu Amigor sin meu queridinho Amigo| Agsuto commo vai Amigo vocer| banbem não es quec[.] a di min| Alenbra du noso [?] pasado s*e* Deus| min orde fraso tensão di ir di pura| di são João Deus e saber nada| mais du seu Depezado Amigo|

Antonio frutunato silva|
~~Agsto~~ Agsuto lenbança daqera|

dei mênina Mari Jetude meu |
Crorasão [?] a tina aimario|

Das 131 cartas que compõe o *corpus*, a edição de 91 delas foi realizada durante o mestrado e apresentada no Volume II da dissertação (SANTIAGO, 2012). Na versão atual da edição dessas 91 cartas, a transcrição foi revisada, os cabeçalhos das cartas foram ampliados e os fac-símiles, substituídos por imagens de melhor qualidade.

3.1.2.2 *EDIÇÃO DIGITAL-ELETRÔNICA*

A edição modernizada[28], em linguagem XML, foi realizada tendo como ponto de partida a edição semidiplomática, com o uso da ferramenta *eDictor*, o editor de textos desenvolvido por Paixão de Sousa e Kepler (2007) e Paixão de Sousa, Kepler e Faria (2013). Essa versão se dá com a total padronização da grafia, da acentuação e o desenvolvimento de abreviaturas, de modo que as alterações ficam visíveis ao leitor, o que possibilita o controle das intervenções realizadas nos textos, garantindo recuperar as formas originais. Além da preservação dos aspectos morfossintáticos, são respeitados, na edição digital, as mudanças de parágrafo, de linha, as correções do redator, os acidentes do suporte etc. Com isso, oferece-se uma versão eletrônica de textos sem perder o rigor filológico (CARNEIRO; LACERDA; SANTIAGO, 2016).

Para o *corpus* de *mãos inábeis*, há uma dificuldade maior em relação a essa edição, pois existe uma grande quantidade de variação ortográfica nos manuscritos e, por vezes, até mesmo a presença de palavras ou expressões ininteligíveis, que dificultam a padronização (como *a tina aimario* (Carta 1) e *mantinto* (Carta 41)).

O *eDictor* permite que diferentes camadas de edição sejam aplicadas a um único documento, o que possibilita a recuperação das palavras como grafadas originalmente. A camada *modernização* é o nível de interferência mais alto, entretanto, qualquer camada de edição, abaixo desse nível, também pode ser gerada, o que resulta em edições automáticas nas versões diplomática, semidiplomática e modernizada. No que concerne à edição modernizada, aplicada nesta pesquisa, as interferências feitas nos documentos são feitas através dos vários mecanismos de edição possibilitados pela ferramenta (junção, segmentação, expansão, rasgado, furo, borrado, rasurado, sobrescrito, tachado e padronização)[29]. Nas Figuras 10 e 11, apresenta-se um exemplo de uma das cartas que constitui o *corpus* deste trabalho, nas versões diplomática e modernizada, respectivamente, no *eDictor*:

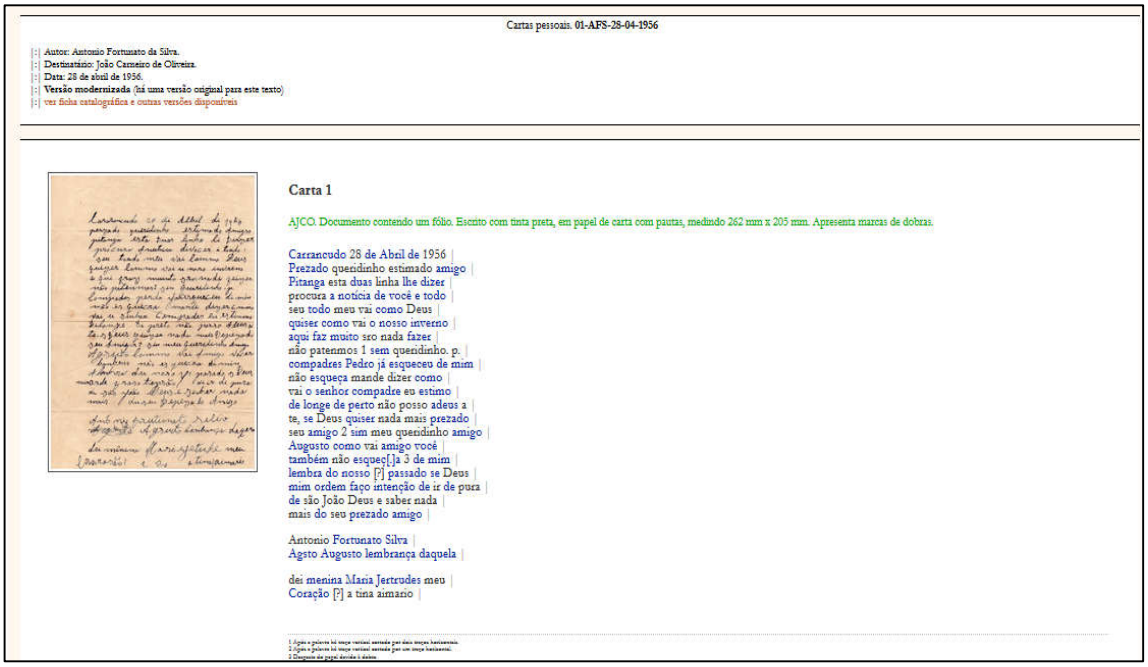
[28] A maior parte dessa edição foi realizada por Janaina Mascarenhas e por Priscila Tuy Batista, pesquisadoras integrantes do CE-DOHS, com nossa revisão.
[29] Cf. <https://edictor.net/edictor/>, para maiores detalhes sobre os níveis de edição utilizando *eDictor*.

Figura 10 – Edição diplomática, com fac-símile, gerada pelo eDictor



Fonte: CE-DOHS.

Figura 11 – Edição modernizada, com fac-símile, gerada pelo eDictor



Fonte: CE-DOHS.

3.1.3 DISPONIBILIZAÇÃO DAS EDIÇÕES

A edição semidiplomática, com fac-símile, das 131 cartas pessoais dos sertanejos, está disponível no Volume II deste trabalho, com a seguinte organização:

- primeira parte: 91 cartas (1-91) escritas por 43 remetentes;
- segunda parte: 40 cartas (92-131) escritas por 14 remetentes (4 são remetentes também de cartas da primeira parte).

Em cada parte, as cartas foram distribuídas em blocos, de acordo com o destinatário, e em cada bloco, organizadas pela ordem alfabética dos remetentes, mantendo a ordem cronológica das correspondências, pela data em que foram escritas. Antecedendo as cartas de cada remetente, há uma ficha com seus dados biográficos e, para facilitar a consulta aos documentos, há, após a edição, o *Índice analítico* das cartas (contendo informações relativas à localização e à datação, aos nomes do remetente e destinatário, ao assunto e aos aspectos materiais de cada carta).

A primeira parte da edição está disponibilizada, também, no Volume II da dissertação de mestrado *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de 'mãos cândidas' do sertão baiano* (SANTIAGO, 2012) e no terceiro volume da obra *Cartas brasileiras: coletânea de fontes para o estudo do português*, organizada por Carneiro, Oliveira e Santiago (2011). A segunda parte é constituída por cartas inéditas, escritas por remetentes da mesma região e no mesmo período das demais.

A edição digital-eletrônica está disponibilizada no site do CE-DOHS (cf. http://www5.uefs.br/cedohs/), onde as cartas integram o acervo denominado *Cartas em sisal: Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu (1906-2000)*, e, com o objetivo de facilitar ainda mais o acesso ao *corpus* e de garantir a reunião de tudo que lhe é relacionado, desenvolveu-se um site[30] específico (cf. www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/), em que se disponibiliza, além das cartas, editadas nas versões semidiplomática, com fac-símile, e modernizada, as fichas com o perfil biográfico dos remetentes, as entrevistas-narrativas e todos os demais trabalhos produzidos a partir desse acervo.

[30] O site foi desenvolvido pelo engenheiro da computação Igor Leal Souza, integrante da equipe do CE-DOHS/UEFS.

3.2 A LOCALIZAÇÃO TEMPORAL

As cartas foram escritas entre os anos de 1906 e 2000, com uma concentração maior nas décadas de 1950, 1960 e 1970. São 88 datadas e 43 sem datas, mas foi possível identificar o período provável em que foram escritas, através de informações das próprias cartas, das entrevistas-narrativas e das relações estabelecidas com outras cartas que compõe o *corpus*, dos mesmos remetentes.

Tabela 2 – Distribuição das cartas por período

Período	Quantidade de cartas Datadas	Quantidade de cartas com datas prováveis, por inferência[31]
Primeira década do século XX	6	2
Década de 1950	16	1
Década de 1960	24	6
Década de 1970	33	28
Década de 1980	4	3
Década de 1990	4	3
2000	1	-
Total	**88**	**43**

Fonte: elaboração própria.

Muitas das cartas escritas entre as décadas de 1960 e 1970 refletem o processo de migração dos sertanejos para os centros urbanos do país, considerando que, das cartas escritas fora da Bahia, primordialmente em São Paulo, apenas uma não foi escrita nesse período.

3.3 A LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

A maioria das 131 cartas é originária da Bahia; muitas, da zona rural de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, no semiárido baiano. Em 85 cartas, do conjunto total, há indicação do local onde foram escritas. Para as demais 46, que não possuem a indicação do local, a identificação de onde foram escritas foi realizada por inferência, através do conteúdo das correspondências, da relação com outras cartas dos mesmos remetentes e das entrevistas realizadas com alguns remetentes e destinatários. A seguir, apresenta-se a distribuição geral, por local.

[31] Inferências possíveis a partir das entrevistas realizadas com os redatores e destinatários, das relações estabelecidas com outras cartas dos mesmos remetentes e das informações obtidas nas próprias cartas.

Tabela 3 – Distribuição das cartas por local onde foram escritas

Estado	Quantidade de cartas		
	Com indicação de local	Por inferência[32]	Total
Bahia	67	31	98
São Paulo	17	15	32
Goiás/Brasília	1	-	1
Total	**85**	**46**	**131**

Fonte: elaboração própria.

As cartas de São Paulo e de Goiás foram escritas por sertanejos que saíram da Bahia para trabalhar nas grandes cidades, como Antônio Fortunato da Silva, que escreveu 25 cartas de São Paulo: 9 com identificação de local e 16 sem identificação (que foram escritas durante o mesmo período em que escreveu as demais, de São Paulo, na década de 1960, como indica o teor das cartas e a confirmação do próprio remetente, através de entrevista). Na Tabela 4, demonstram-se os locais das cartas escritas na Bahia:

Tabela 4 – Distribuição das cartas da Bahia, por local

Município/Fazenda/Distrito	Quantidade de cartas	Número da carta
Riachão do Jacuípe		
Fazenda Amargoso	11	ACO-44, 94, 95, 96, 97; DCO-99, 100, 101, 102; JPC-82; JL-114
Fazenda Pau de Colher	2	FJO-26; IZA-87
Campo Alegre	5	GOR-27, 28; MC-36, 37, 50
Fazenda Rancho Alegre	1	LM-75
Pocinho	1	ML-77
Fazenda Vaca Brava	1	APC-83
Fazenda Primeira Malhada	1	ZBO-130
Riachão do Jacuípe	2	ZBO-115, 125
Total	**24**	
Conceição do Coité		
Goiabeira	2	JMA-64, 65
Fazenda Cachorrinha	1	ZJS-74
Juazeirinho	1	AML-81
Fazenda Flores	1	BMO-91
Fazenda Balagão	1	MDC-84
Fazenda Queimada Nova	5	ZBO-52, 116, 123, 124; JO-128
Fazenda Vitória	1	MNO-121

[32] Inferências realizadas através da análise do conteúdo das cartas e das entrevistas com os remetentes e destinatários.

Fazenda Vassoura	1	LA-120
TOTAL	**13**	
Ichu		
Fazenda Mumbuca (Ichu)	1	AHC-54
Fazenda Cabana (Ichu)	7	AHC-55, 56, 57, 58, 59, 60, 61
Total	**8**	
Outras localidades		
Fazenda Carrancudo (Mairi)	5	AFS-1; SFS-40, 41; APS-43; FPS-47
Baliza (Candeal)	4	MCO-34, 35; DCO-46; ICO-48
Bonfim	3	FPS-78, 79, 80
Fazenda Capoeira do Algodão	2	VO-111, 129
Bela Vista (Serrinha)	1	MCO-33
Rodiador (Mairi)	1	SFS-42
Fazenda Taboa (Ipirá)	1	JCO-31
Fazenda Viva Deus (Ipirá)	1	ZSS-53
Fazenda Boa Esperança	1	ACO-127
Fazenda Terra Vermelha	1	AO-92
Camaçari	1	JOM-30
Salvador/Mata de São João	1	JS-62
Total	**22**	
Total geral	**67**	

Fonte: elaboração própria.

As demais cartas, provavelmente escritas na Bahia, sem identificação do local (30 cartas), pelas inferências, foram escritas na mesma região, principalmente, na zona rural de Riachão do Jacuípe e Conceição do Coité. O teor das cartas e as informações obtidas durante as entrevistas-narrativas realizadas com os remetentes e destinatários, foram fundamentais para essas inferências.

3.4 OS REMETENTES E OS DESTINATÁRIOS

A construção do perfil biográfico de *quem* escreveu e recebeu as correspondências ocorreu a partir de conversas com alguns destinatários, remetentes e seus familiares – dos 69 remetentes e destinatários, identificaram-se 33 que estão vivos. Também foram consultados documentos pessoais de alguns remetentes, e informações relevantes foram encontradas nas próprias cartas. Os primeiros diálogos ocorreram no período de constituição do *corpus*,

quando foram realizadas algumas visitas às casas de destinatários, onde estava arquivada boa parte das cartas, como a fazenda Pau de Colher (54 cartas), em Riachão do Jacuípe, e a fazenda Cachorrinha (14 cartas), em Conceição do Coité. Os moradores forneceram valiosas informações sobre *quem* e *para quem* as cartas foram enviadas, além de terem permitido o acesso às fotografias da família, fontes de informação na reconstituição do passado[33].

Durante o processo de produção das entrevistas-narrativas, foram realizadas novas visitas aos redatores (quando se localizou mais um acervo, na fazenda Pau de Colher (40 cartas)) e foi possível ampliar consideravelmente os dados referentes a *quem* escreveu os documentos, principalmente sobre seus processos de letramento, permitindo uma melhor caracterização do contexto social da época, principalmente em relação às práticas sociais de escrever e de ler, conforme será abordado na seção 4.

3.4.1 QUEM ESCREVEU?

De modo geral, os redatores das cartas são lavradores[34], com baixas condições financeiras, trabalham com agricultura de subsistência e criação de animais (principalmente os de pequeno porte). No período que produziram as cartas, viviam distante dos centros urbanos, com poucos meios de transportes e de comunicação. O envolvimento com o trabalho rural pode ser notado mesmo com relação àqueles que foram trabalhar nas grandes cidades, em outras regiões do país, mas continuaram envolvidos com a vida na roça, como evidenciam nos assuntos tratados nas cartas, sobre os animais que criavam, os trabalhos a serem feitos e pagos, dentre outros. A maioria dos redatores teve contato com as primeiras letras em espaços extraescolares, como a própria casa ou a de parentes, por causa da ausência e/ou precariedade das escolas e seu funcionamento irregular, na época, na zona rural dessa região da Bahia.

São 53 remetentes (43 da primeira parte do *corpus* e 10 da segunda), 31 mulheres e 22 homens. Na tabela seguinte, há a quantidade de cartas escritas por cada um.

---

[33] Todas as informações e imagens foram concedidas mediante leitura e solicitação da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. Apêndice G).

[34] Sobre a denominação "lavrador", que os próprios sertanejos usam ao serem questionados sobre a sua ocupação, em um estudo acerca das relações de trabalho no sertão da Bahia de fins do século XIX, Medrado (2012, p. 74) comenta, a partir dos documentos que analisou, que essa denominação é ambígua, já que não deixa claro se o trabalho é para si ou para outra pessoa, e porque "[...] nem sempre um lavrador se ocupava especificamente da atividade de lavrar a terra para o cultivo de frutas, verduras e raízes, sendo possível também que trabalhasse na limpeza de fontes de água, no conserto de cercas e na limpeza de pastos", como é comum até os dias atuais.

Tabela 5 – Distribuição das cartas por remetentes

Código do remetente	Remetente	Quantidade de cartas	Quantidade de palavras
AO	Ana de Oliveira	3	251
AHC	Ana Helena Cordeiro de Santana	8	1.274
ASC	Ana Santana Cordeiro	1	155
APS	Angélica Pereira da Silva	1	146
AOL	Antonia Oliveira Lima	1	143
ACO	Antonio Carneiro de Oliveira	7	1.180
AFS	Antonio Fortunato da Silva	26	4.171
AML	Antonio Marcellino de Lima	1	154
APC	Antonio Pinheiro Costa	1	83
BMO	Bernadete Maria de Oliveira	1	142
DCS	Dete Carneiro da Silva	1	114
DCO	Doralice Carneiro de Oliveira	5	501
FJO	Fernando José de Oliveira	1	61
FPS	Filomena Pereira da Silva	1	180
FP	Firmina Petornilha dos Santos	3	602
NIN	Francisca Carneiro de Oliveira (Nina)	4	557
GOR	Gildásio de Oliveira Rios	3	374
IC	Idelcina C. de O. e Oliveira	3	440
ICO	Iraildes Carneiro de Oliveira	1	234
IPO	Izaque Pinheiro de Oliveira	1	70
IZA	Izaura Cedraz de Oliveira	1	147
JOM	Jacob de Oliveira Matos	1	88
JCO	Jesuino Carneiro de Oliveira	1	180
JO	Joana	1	258
JS	João dos Santos	1	199
JPC	João Pitanga Carneiro	1	64
JSS	João Saturnino Santa Anna	1	85
JJO	José Joaquim de Oliveira	1	47
JMA	José Mendes de Almeida	2	341
JMS	Josepha Maria da Silva	3	1.182
JL	Júlio Luiz	1	133
LFO	Lázaro Félix de Oliveira	1	83
LA	Lindaura Almeida	1	140
LM	Luciana Matos da Silva	1	132
MBS	Manoel Bispo dos Santos	1	149
MCO	Manoel Carneiro de Oliveira	3	213
MMO	Margarida Maria de Oliveira	1	79
MDC	Maria Dalva Carneiro	1	324
MAO	Maria dos Anjos Oliveira	1	98
ML	Maria Lúcia	1	138
MNO	Maria Nailda de Oliveira	1	67
MC	Mariazinha Carneiro de Oliveira	3	591
VAN	Pedro Vando Paulino (Vandinho)	1	316

RAC	Raimundo Adilson Cedraz	2	333
ROM	Roma	1	137
RCO	Roque Carneiro de Oliveira	1	61
SFS	Salomão Fortunato da Silva	3	406
TB	Terezinha Bispo	2	227
VO	Valdelice de Oliveira	4	902
ZBO	Zenilta Bispo Oliveira	11	2173
ZJS	Josefa Josina da Silva Pinto (Zezete)	1	77
ZLS	Zita Lima Silva	2	423
ZSS	Zulmira Sampaio da Silva	1	166
Total		**131**	**20791**

Fonte: elaboração própria.

Os remetentes são todos baianos, naturais da zona rural dos seguintes municípios:

- Riachão do Jacuípe: 31 remetentes;

- Conceição do Coité: 13 remetentes;

- Ichu: 2 remetentes.

Uma das remetentes nasceu em Pintadas (na época, município de Ipirá) e, dos seis redatores com local de nascimento não identificado, foi possível inferir, através das entrevistas, que três podem ter nascido na zona rural de Conceição do Coité e três, na zona rural de Riachão do Jacuípe.

Dos 53 remetentes, há 40 com data de nascimento identificada ou estabelecida por inferência, que nasceram entre o século XIX e a década de 1970, como especificado a seguir:

Tabela 6 – Distribuição dos redatores por data de nascimento

Período	Quantidade de remetentes	Quantidade de remetentes com datas de nascimento estabelecida por inferência[35]
Século XIX	-	4
Década de 1920	3	2
Década de 1930	5	3
Década de 1940	2	2
Década de 1950	6	4
Década de 1960	3	3
Década de 1970	2	1
Total	**21**	**19**

Fonte: elaboração própria.

[35] Inferências possíveis a partir da data de escrita das cartas e das entrevistas realizadas com os redatores e destinatários.

As informações detalhadas sobre o perfil dos remetentes são apresentadas em formato de fichas individuais, disponíveis no Volume II, antecedendo a edição das cartas de cada redator e, também, no site (cf. www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/redatores.html).

3.4.2 PARA QUEM SE ESCREVEU?

Os destinatários fazem parte do mesmo contexto sociocultural dos redatores: possuem pouca escolarização, baixas condições financeiras e trabalham, principalmente, com agricultura de subsistência e criação de animais de pequeno porte. As cartas foram escritas para 28 destinatários (19 das cartas da primeira parte do *corpus* e 9 da segunda), assim distribuídos:

Primeira parte (91 cartas):

- 42 cartas para João Carneiro de Oliveira;
- 11 cartas para Almerinda Maria de Oliveira;
- 9 cartas para José Mendes de Oliveira;
- 3 cartas para Ana Helena Cordeiro de Santana;
- 3 cartas para Firmina Petornilha dos Santos;
- 4 cartas para Josefa Jozina da Silva;
- 2 cartas para Neraldo Lopes Pinto;
- 3 cartas para Maria Inês Oliveira Costa;
- 14 cartas avulsas para vários destinatários: receberam duas cartas – Jozepha Maria da Silva, Lucidalva Cordeiro Cedraz (Dalva) e Helena; receberam uma carta – Pérola de Vasconcello, Juvenal Saturnino de Santa Anna, José Adrianno, Didi, Fernando José de Oliveira, Antonio e Regina Maria de Jesus Oliveira. Há uma carta em que não aparece o nome do destinatário, apenas a indicação "comadre e compadre".

Segunda parte (40 cartas):

- 22 cartas para Zenilta Bispo de Oliveira;
- 6 cartas para Antonio Carneiro de Oliveira;
- 6 cartas para Maria Bispo dos Santos;
- 6 cartas avulsas para vários destinatários: receberam uma carta – Manoel Bispo dos Santos, Manuel Virgínio, Luzia (Pitico), João, Maria de Lurdes Bacelar e Nei.

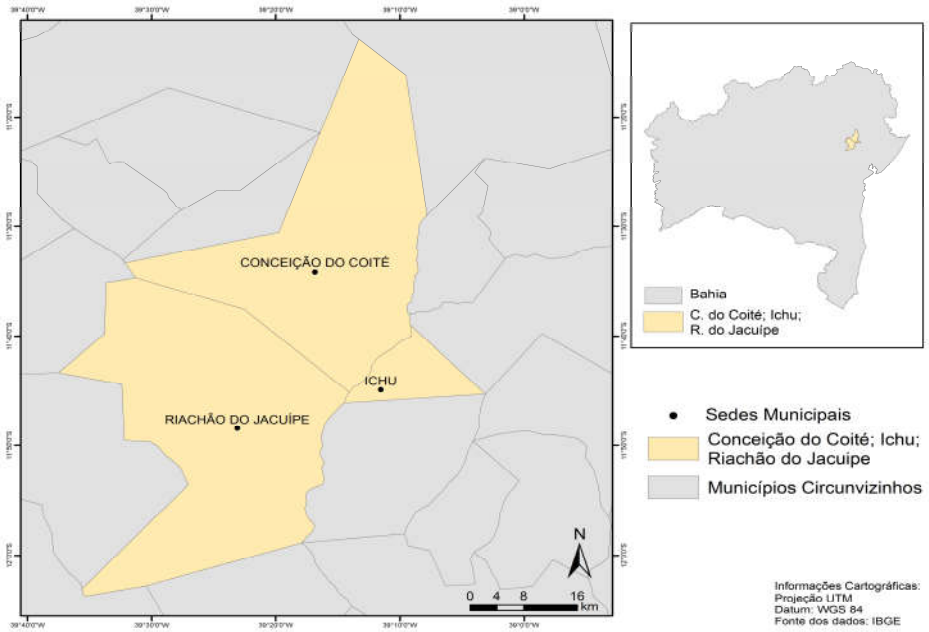
Ainda que os destinatários das "cartas avulsas" tenham recebido uma menor quantidade de cartas (por isso elas foram assim agrupadas), são correspondências que mantêm ligação com o restante do *corpus*, pois a maioria desses destinatários tem relação de parentesco com os demais.

3.4.3 A REGIÃO DE ORIGEM DOS REDATORES E DESTINATÁRIOS: ALGUNS ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

Muitas das cartas foram escritas na zona rural do sertão baiano, principalmente nos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, região semiárida, de onde os redatores são naturais. Essa região é identificada, na maioria das vezes, em função de seu clima, definido pela irregularidade temporal e espacial das precipitações, além de sua insuficiência. Segundo Lobão e Silva (2013), muitas políticas públicas e a própria delimitação da região foram justificadas por suas características físicas, principalmente pelo clima semiárido.

Esses municípios fazem limites geográficos entre si e possuem, historicamente, estreitas relações políticas, econômicas e sociais. Atualmente, Conceição do Coité e Ichu integram o Território de Identidade do Sisal e Riachão do Jacuípe, o Território de Identidade da Bacia do Jacuípe.

Figura 12 – Mapa da região



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014.

A região da Bahia que corresponde aos municípios do semiárido, mais especificamente ao espaço sisaleiro – como assim ficou conhecida, a partir de meados do século XX[36] – tem suas origens de povoamento não autóctone ligadas ao processo de

[36] Atualmente, Riachão do Jacuípe não integra o Território de Identidade do Sisal, mas até a década de 1990, era um dos municípios que compunha a chamada Região Sisaleira, por participar do processo produtivo de sisal, a

expansão do gado e da construção de rotas boiadeiras para abastecimento das cidades mais populosas do estado (SANTOS, NETO, SILVA, 2015).

Na historiografia sobre os sertões da Bahia[37], há poucos estudos voltados para o período colonial. Um desses é o de Santos (2010), na tese *Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750*, em que analisa a ocupação territorial dos sertões como uma trajetória multidirecional, descontínua e irregular. Sobre a região que aqui interessa, outrora conhecida como Sertão dos Tocós[38], o pesquisador informa, a partir de uma declaração emitida por Antônio Guedes de Brito, filho do português Antônio de Brito Correa, a pedido da Coroa Portuguesa, em 1676, sobre as terras por ele possuídas. Segundo essa declaração, ele foi o primeiro povoador dos Tocós, lugar onde estabeleceu fazendas de gado, abriu estradas e se aliou a índios cariocas, orizes, sapóias e carapaus, utilizados pelo sertanista como barreira contra os ataques dos índios rebeldes às fronteiras (SANTOS, 2010). João Peixoto Viegas, que adquiriu terras da região, foi outro grande repovoador desse espaço, estabelecendo fazendas de gado, depois de combater várias comunidades indígenas, como informa Freire (2011), alertando que não há consenso, entre os estudiosos, sobre os primeiros proprietários das terras do Sertão dos Tocós.

Até meados do século XIX, a pecuária era uma das principais atividades. Também de acordo às informações de Freire (2011), que tem como fonte os inventários de moradores da região, havia uma multiplicidade de pequenas e médias propriedades, e os grandes pecuaristas eram donos de várias fazendas de gado, muitas delas concentradas em Riachão do Jacuípe e Conceição do Coité. Entre os séculos XVII e XIX, dentre os vários caminhos de boiadas do sertão da Bahia, a denominada "Estrada Real do Gado" passava por Conceição do Coité (FREIRE, 2011, p. 45); esses caminhos de boiadas contribuíram, no século XIX, para o repovoamento do semiárido, com a criação das vilas[39]. Com a suspensão do sistema de sesmarias, os grandes latifúndios foram se reduzindo, dando origem a diversas fazendas, que depois resultaram em muitos municípios, como a fazenda "Riaxão", situada às margens do rio

---

agave sisalana – uma planta bastante resistente ao clima semiárido, cuja fibra extraída de sua folha é utilizada na fabricação de cordas, tapetes, bolsas, dentre outros produtos.

[37] Para uma historiografia sobre o passado dos sertões, nas mais variadas perspectivas teóricas e metodológicas, Neves (2016), na obra *Crônica, memória e história: formação historiográfica dos sertões da Bahia*, apresenta um amplo referencial.

[38] Tocós é o nome de um rio que banha, dentre outros, os municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu. "Tocó", "Tocós" ou "Tocoiós" designava uma antiga comunidade indígena que habitava a região antes da ocupação pelos portugueses e, possivelmente, pertencia ao grupo linguístico kariri, como informa Freire (2011, p. 40).

[39] Carneiro e Almeida (2011, p. 608-609) discutem sobre demografia e norma linguística no semiárido baiano (séculos XVIII e XIX), e afirmam que, com os caminhos das boiadas, "[...] o processo da agropecuária deve ter sido um fator importante para a difusão e propagação da língua portuguesa pelos sertões da Bahia. Essa difusão inicialmente deve ter se dado através da boca de brancos pobres e descendentes de índios e escravos brasileiros." (CARNEIRO; ALMEIDA, 2011, p. 608-609).

Jacuípe. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (1958; 2007), em 1878, Riachão do Jacuípe foi elevado à categoria de vila, e em seguida foi criado o município de Villa de Nossa Senhora da Conceição do Riaxão do Jacuhype. Uma das freguesias anexadas a esse município foi a de Nossa Senhora da Conceição do Coité. Apenas em 1890 é que o município de Conceição do Coité é desmembrado de Riachão do Jacuípe. Mais recente foi a criação do município de Ichu, em 1962, quando, também, deixa de ser distrito pertencente a Riachão do Jacuípe.

Não há muitas informações sobre o processo de escolarização formal, nesse espaço, durante o século XIX. Nos Atos do Governo da Província, disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia, há algumas nomeações de professores de primeiras letras para a região; porém, não foram identificados estudos que comprovem a atuação efetiva de todos esses professores em Riachão do Jacuípe e em Conceição do Coité[40]. As poucas aulas, provavelmente, eram ministradas nas residências, por professores leigos, assim como ocorreu em boa parte do século XX, conforme se discute na seção 4.

Em relação à presença de africanos/afrodescendentes, há alguns indícios. A predominância da atividade pecuária e do cultivo de gêneros agrícolas voltados para a subsistência minimizou a necessidade da presença negra na região, dada a menor quantidade de escravos que existia nas fazendas, comparando-se a regiões como o Recôncavo baiano, por exemplo. No entanto, o trabalho escravo fez parte das relações de poder e de produção da região, como evidenciam alguns estudos que atestam a posse de negros, a partir de inventários, cartas de alforria e outras fontes (cf. RIOS, 2003; FREIRE, 2011; LACERDA, 2008; MEDRADO, 2012, e outros). Predominam, de modo geral, a figura do vaqueiro, no trabalho com o gado, e, depois, a do lavrador, na cultura de cereais, marcando as relações de trabalho na região.

No século XX, nesse espaço do semiárido passou a prevalecer a agricultura de subsistência, com o cultivo de espécies de ciclos rápidos (milho, feijão e mandioca) ou vegetais adaptados a períodos de grande estiagem (sisal). O trabalho com sisal, que durante

---

[40] As primeiras cadeiras de primeiras letras são estabelecidas nos Atos das décadas de 60, 70 e 80 do século XIX, como o transcrito a seguir: "Ato do Governo da Província de 3 de dezembro de 1861 – Restabelece as cadeiras de primeiras letras em diversas localidades: vila de Tapera, e das freguesias da Amargosa, Pedra Branca, **Coité**, **Riachão do Jacuípe**, Monte Gordo e Açu da Torre, continuando no ensino delas os respectivos professores." (p. 108, grifo nosso) – (Atos do Governo da Província. Arquivo Público do Estado da Bahia: Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Maço 972. 1ª seção, 1860).
Há, também, com teor semelhante, algumas Leis dos Presidentes de Províncias, como esta: "Lei n. 1.505 de 4 de junho de 1875 – criando uma cadeira de instrução primária, para o sexo feminino na freguesia de **Nossa Senhora da Conceição do Coité**." (p. 77-78, grifo nosso) – (Leis e Resoluções da Província da Bahia, n. 1.448-1.588, votadas em 1875. Bahia: Imprensa Econômica, 1875).

muito tempo constituiu-se a base econômica da região, associou-se, de várias formas, à anterior pecuária extensiva (SANTOS, NETO, SILVA, 2015). E a produção agrícola dos pequenos produtores, às vezes, é complementada com a criação de pequenos rebanhos de bovinos e/ou caprinos, inclusive com a produção de leite em pequena escala. Tal cenário não é muito diferente do geral da Bahia, cuja população predominante, em meados do século XX, é a rural; consequentemente, a agricultura e a pecuária são os principais ramos da atividade econômica do Estado[41].

Esses são alguns aspectos que caracterizam o espaço/tempo em que as cartas foram produzidas e recebidas; no entanto, as enviadas de outros locais do Brasil refletem o processo de migração interna, quando muitos sertanejos saem do Estado em busca de trabalho nas grandes cidades, especialmente em São Paulo, principal centro industrial do país. O período em que há uma maior concentração de cartas, as décadas de 50, 60 e 70, é marcado por um aumento considerável do êxodo rural, devido ao crescimento industrial, por um lado, e, por outro, às dificuldades com o trabalho agrícola, dada a ausência de políticas públicas voltadas para a convivência com os longos períodos de estiagem, por exemplo[42].

Em relação aos aspectos demográficos, a publicação, pelo IBGE, em 1958, da *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, contendo informações baseadas no censo de 1950 – época em que viveram muitos dos redatores das cartas –, apresenta um panorama de alguns dados relativos a esses municípios; destaca-se, aqui, a distribuição da população alfabetizada. A tabela a seguir resume o percentual dos "que sabem ler e escrever" em Riachão do Jacuípe e Conceição do Coité,[43] em meados do século XX, segundo essa obra:

Tabela 7 – Distribuição da população, de 5 anos e mais, que sabem ler e escrever – censo de 1950

Municípios	**População de 5 anos e mais**	**Que sabe ler e escrever**		
		Homens	**Mulheres**	**Total**
Riachão do Jacuípe	33.832	3.418/10,1%	2.877/8,5%	6.295/18,6
Conceição do Coité	31.388	4.254/13,5%	2.294/7,3%	6.548/20,8

Fonte: dados do IBGE, 1958, p. 156 e 184.

[41] Isso pode ser confirmado pelo conteúdo das cartas que, muitas vezes, trata das atividades no campo: "[...] voceis olha aminha| Mandioca que eu vor ajudar as disman-|xa de voceis todos" (MC-37). "[...] Sim Neraldo mande mi dize quanto| gusta um dia de um tarbalhador e 1| saco de farinha e 1 saco <↑de> feijão e 1| saco de milho" (ROM-73).

[42] Em algumas entrevistas-narrativas produzidas durante esta pesquisa, as dificuldades financeiras e com o trabalho na roça são muito enfatizadas pelos sertanejos, como é expresso neste trecho: "[...] e naquele tempo eu pegava mais meu pai em cinquenta e dois numa seca que teve... eu pegava uma xica de farinha... uma xica de farinha daquela de tomar café... e botava numa mochila ia trabalhar no garimpo carregano cesto de barro na cabeça e comia aquelas... aquela farinha seca meio dia e bebia água [...] (AFS).

[43] O município de Ichu, nessa época, ainda não havia sido desmembrado de Riachão do Jacuípe.

Evitando uma leitura anacrônica para os dados apresentados na tabela, é preciso considerar que o parâmetro de alfabetização, utilizado pelo censo de 1950, é o que se entende como *sabendo ler e escrever*, as pessoas *capazes de ler e escrever um bilhete simples*, não sendo consideradas aquelas que apenas assinassem o próprio nome. Reconhecem-se as imprecisões e subjetividades que subjazem ao critério de se considerar alfabetizadas as pessoas que *declararam* ser capazes de ler e escrever, já que isso implica em um julgamento sobre a própria condição; e "[...] a condição de analfabeto vem carregada de preconceitos, discriminação e estigmatização", como comenta Ferraro (2002, p. 32)[44].

O percentual de alfabetizados apresentado para esses dois municípios (Riachão, 18,6%; Coité, 20,8%) é um pouco mais baixo em relação à quota de alfabetização informada para o conjunto do Estado da Bahia, de 27,2%.

Dada a pouca presença de escolas na região, na primeira metade do século XX, principalmente na zona rural, de onde os redatores das cartas são originários, conforme será discutido na seção 4, torna-se difícil recuperar indícios sobre como se deu, efetivamente, o processo de aquisição da leitura e da escrita, por meio apenas das fontes oficiais/institucionais; as vias devem ser outras e, para isso, a história oral pode ser uma das alternativas, eficiente e desafiadora.

3.5 SÍNTESE

As 131 cartas, localizadas em 8 acervos pessoais, na zona rural dos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, são a correspondência ativa e passiva de sertanejos que fazem parte de um contexto sócio-histórico comum. Esses documentos foram editados nas versões semidiplomática, com fac-símile, e modernizada. A verificação de aspectos relacionados à dimensão externa da escrita permite concluir que:

a) os manuscritos, de modo geral, estão em bom estado de conservação, apesar de alguns apresentarem desgaste e escurecimento do papel, devido às precárias condições de armazenamento;

[44] Para uma discussão sobre as concepções e os critérios que envolvem os censos demográficos em relação ao analfabetismo, cf. Ferraro (2002) e Soares (2006).

b) as cartas foram trocadas em relações simétricas, por familiares, compadres, amigos e namorados, para obter notícias familiares, fazer pedidos, manifestar afeto e expressar saudade;
c) as cartas foram escritas ao longo do século XX, com uma maior concentração de documentos nas décadas de 1950, 1960 e 1970. São 98 cartas escritas na Bahia (67 datadas e 31 não datadas), principalmente em fazendas diversas de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu. As demais foram escritas em São Paulo e Brasília;
d) os 53 remetentes são lavradores, com baixa escolarização, baianos naturais de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu (apenas uma redatora é natural do município de Pintadas). Nasceram entre o século XIX (4 remetentes) e a década de 1970;
e) os 28 destinatários fazem parte do mesmo contexto sociocultural dos remetentes.

Na próxima seção, comenta-se sobre os indícios acerca do processo de aquisição da leitura e da escrita dos sertanejos, tendo como aliada a perspectiva teórico-metodológica da história oral.

4 SOBRE O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS DOCUMENTOS

Nesta seção, o objetivo é apresentar alguns aspectos da difusão da escrita na zona rural do semiárido da Bahia, mais especificamente nos municípios de Conceição do Coité, Riachão do Jacuípe e Ichu, ao longo do século XX, a partir das entrevistas-narrativas produzidas com os sertanejos, buscando-se, também, a partir das memórias, constituir perfis de letramento dos redatores. A questão motivadora é: como ocorreu o processo de participação desses sertanejos na cultura escrita, apesar de muitos deles não terem frequentado o espaço escolar formal?

No item 4.1, há uma introdução sobre os processos/espaços de ingresso e participação da/na cultura escrita e, no item 4.2, apresentam-se as entrevistas-narrativas realizadas para este trabalho. De forma mais específica, no item 4.3, discute-se sobre as práticas de letramento em espaços escolares e não escolares presentes no sertão baiano, no século XX, a partir das narrativas: desde as experiências extraescolares, como o espaço doméstico, em 4.3.1; o processo de migração, em 4.3.2; o acesso a materiais impressos e a manuscritos, como os textos religiosos e os folhetos de cordéis, em 4.3.3; até a experiência escolar, em 4.3.4. Por fim, em 4.4, apresenta-se um quadro-síntese com as principais informações produzidas.

4.1 OS PROCESSOS/ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E PARTICIPAÇÃO DA/NA CULTURA ESCRITA

Durante o século XX, principalmente na primeira metade – período que corresponde à infância ou adolescência de boa parte dos redatores/destinatários das cartas[45] – na zona rural da Bahia, o processo de garantia do letramento através da criação e do funcionamento efetivo de escolas ainda ocorria com pouca frequência, mesmo que, nesse período, nas maiores cidades do estado, comece a existir um crescimento da preocupação com a escolarização da população. As poucas escolas que existiam, na zona rural, funcionavam de modo precário, muitas vezes com professoras itinerantes. Isso se confirma a partir de estudos como o de Antonio Roberto Seixas da Cruz (2012), ao comentar que, nesse período, a "[...] educação primária na zona rural do Estado da Bahia estava, em grande medida, nas mãos de leigos.

[45] Dos remetentes com data de nascimento identificada, a maior parte nasceu entre as décadas de 1920 e 1950. Quatro deles nasceram no século XIX.

Além do mais, o número de escolas desse nível de instrução não correspondia às necessidades da população baiana em idade escolar [...]" (CRUZ, 2012, p. 45).

Essa realidade não é muito diferente da situação do país, de modo geral. Segundo Galvão (2007), para a construção de uma história da cultura escrita no Brasil, é necessário considerar que o país, assim como outros de escolarização e imprensa tardias, até meados do século XX, foi marcado pela oralidade e pelo analfabetismo. Diante disso, algumas questões propostas por essa pesquisadora em relação ao geral do Brasil colaboram para a problematização, neste trabalho, do que ocorre no contexto rural baiano: i. "[...] de que maneira, numa sociedade marcada pelo analfabetismo, os indivíduos, as famílias e os grupos sociais distanciados, em maior ou menor grau, da cultura escrita, construíram modos de participação nessa cultura?", e ii. "Numa sociedade de parcimoniosa produção e circulação de impressos, por meio de que práticas esses sujeitos desenvolveram táticas de incursão numa cultura que não era, de origem, a sua?" (GALVÃO, 2007, p. 11-12).

No âmbito das pesquisas na área de Educação, há estudos significativos referentes ao processo histórico de educação formal na Bahia. Tais estudos geralmente têm por foco a história da escola como instituição formal de educação, o ponto de vista dos professores e as políticas educacionais. Como exemplo, pode-se citar o estudo de Rita de Cássia Carneiro (2014), sobre os percursos formativos das professoras leigas da região semiárida da Bahia, dos municípios de Riachão do Jacuípe, Ichu e Candeal, entre as décadas de 50 e 70; o trabalho de Jane Adriana Rios (2015), acerca da profissão docente na roça, em que analisa a trajetória de professores da região do Piemonte da Diamantina, interior da Bahia; além do conjunto de trabalhos reunido por Souza e Cruz (2012), sobre as Escolas Normais na Bahia.

A ideia, neste estudo, é deslocar o olhar, das instituições formais para os espaços extraescolares de aprendizagem da escrita; dos espaços urbanos, para os espaços rurais; da história narrada por professores, para as memórias daqueles que vivenciaram os processos de letramento, na perspectiva de uma história "vista de baixo", que, segundo Jim Sharpe (1992, p. 41), é a corrente que explora as experiências históricas das pessoas comuns, "daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história".

É com essa perspectiva, considerando a memória como um processo ativo de criação de sentidos (PORTELLI, 1991), que se fundamenta a tentativa de recuperar informações sobre as práticas de escrita e os processos de letramento dos sertanejos baianos, a partir de suas narrativas orais. O termo *letramento* é utilizado aqui em seu sentido mais amplo, associado à noção *de letramento como prática social*, segundo abordagem de Street (2014),

assim como, de forma mais específica aos estudos da história da cultura escrita, a ideia de letramento está associada aos *eventos e práticas sociais mediadas por material escrito*, conforme Soares (2006).

As cartas escritas pelos sertanejos são pistas de que, mesmo com a ausência ou precariedade das escolas e seu funcionamento irregular, na zona rural de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, na época, alguns adquiriram a escrita; no entanto, o pouco domínio da técnica de escrita percebido nos manuscritos, através dos aspectos caligráficos e ortográficos, indica que são redatores que tiveram pouco contato com os modelos normativos prescritos pela escola. Como muitos dos remetentes e destinatários dessas cartas estão vivos, torna-se possível, através de suas memórias, obter pistas acerca de aspectos socioculturais e sobre o processo de participação na cultura escrita.

4.2 AS ENTREVISTAS-NARRATIVAS PRODUZIDAS

Foram realizadas 12 entrevistas-narrativas (com 10 remetentes e 2 destinatários das cartas). Dos redatores e destinatários que estão vivos, foram priorizados, na escolha dos que seriam entrevistados, os mais velhos e os que possuem uma quantidade significativa de cartas escritas ou recebidas, conforme lista a seguir:

- Almerinda Maria de Oliveira (AMO)
- Ana Santana Cordeiro (ASC)
- Antonio Carneiro de Oliveira (ACO)
- Antonio Fortunato da Silva (AFS)
- Doralice Carneiro de Oliveira Jesus (DCO)
- Izaura Cedraz de Oliveira (ICO)
- Lucidalva Cordeiro Cedraz – Dalva (LCC)
- Francisca Carneiro de Oliveira – Nina (NIN)
- Raimundo Adilson Cedraz (RAC)
- Zenilta Bispo Oliveira (ZBO)
- Josefa Josina da Silva Pinto – Zezete (ZJS)
- Zulmira Sampaio da Silva (ZSS)

As gravações, registradas em vídeos, têm duração, em média, entre 15 e 30 minutos. As transcrições (disponíveis no Apêndice H) não foram realizadas de modo integral, pois foram transcritos, principalmente, os trechos que abordam os temas relacionados às práticas de escrita e leitura, interesse maior deste estudo. Na íntegra, as entrevistas abordam temas variados, uma vez que, considerando os pressupostos da história oral, como discutido na

seção 2, procurou-se provocar narrativas mais livres e espontâneas. Então, os diálogos envolveram temas que inicialmente não faziam parte do planejamento da entrevista (cf. Apêndice F), como as dificuldades da vida na roça, a rotina do trabalho, a vida de outros familiares etc. No caso de alguns entrevistados que demonstraram certa introspecção, com dificuldade para desencadear o fluxo da narrativa, foi necessária a realização de mais intervenções, por parte da pesquisadora, propondo mais questões.

4.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES NO SERTÃO BAIANO NO SÉCULO XX

Nas narrativas, os sertanejos expressam sobre seu passado na roça, sobre como inventaram, com as possibilidades cotidianas, maneiras de apropriação e de produção das práticas de escrita. Sobre esse papel ocupado pelos sujeitos na produção da cultura escrita, vale destacar que Galvão (2010, p. 219, grifos da autora) comenta ser "[...] pouco fértil, do ponto de vista da pesquisa, afirmar que os indivíduos e/ou sociedades *entram* e se *inserem* na cultura escrita ou *têm acesso* a ela". Pode-se, no limite, usar essas expressões em referência à cultura legítima, afinal, segundo a autora, os seres humanos "[...] *produzem* cotidianamente bens materiais e simbólicos em várias dimensões de sua vida, consequentemente também em relação ao escrito".

Através das memórias, nota-se o desejo que nutriam de aprender a escrever: "eu ficava só olhando, observano, né? Observano eles leno aquilo ali e eu ficava naquela vontade [...]" (AFS[46]) e "olha eu tinha vontade de... de aprender a ler, era uma vontade grande [...]" (IZA). Em várias falas, esse envolvimento emocional com a aprendizagem da leitura e da escrita é percebido, como nesse trecho, em que a narradora descreve a emoção dos pais com a aprendizagem dos filhos:

> [...] agora quando a gente pegou a... a fazer o nome da gente, o nome de pai, de mãe, dos irmão de dento de casa todo né... aí tinha dia que a gente pegava fazia, pai chorava mais mãe... porque diz que a gente já tava sabeno o que eles num sabia né... porque naquele tempo era tudo assim atrasado. (ASC)

A necessidade de escrever, muitas vezes, é motivada pelo próprio prazer que sentem com a prática da escrita, como sugerem os trechos das narrativas. Uma das narradoras deixa

[46] A identificação das entrevistas é realizada com a indicação, nos parênteses, da mesma sigla usada para se referir aos redatores das cartas, a fim de facilitar o cruzamento dos dados.

explícita a emoção que sobressai do desejo de escrever cartas: “Gostava... era o que mais eu gostava... quando dizia assim, vou escrever pra uma amiga, pra mim era meu sonho, sem saber... toda doida que não escrevia direito... mas mesmo assim... eu tinha o prazer de dizer... eu falar com eles por carta era meu sonho” (NIN).

Como, para muitos, não era possível ir à escola regularmente, esse desejo contribuiu para que inventassem *maneiras de fazer* (CERTEAU, 2013), em seu cotidiano, não se conformando a sua realidade. São as táticas usadas para se apropriar de uma prática, considerada por Certeau (2013, p. 206), como responsável pela iniciação na sociedade dos últimos três séculos, ao afirmar que “[...] aprender a escrever define a iniciação por excelência em uma sociedade capitalista e conquistadora. É a sua *prática* iniciática fundamental”. Prática a que muitos dos sertanejos não tiveram acesso quando criança, mas que tentam recuperar na fase adulta, pela necessidade que sentem, de inserção no mundo letrado.

Sobre essa inserção no mundo letrado, Petrucci (1999, p. 105) afirma que:

> De este modo se crea una situación dinámica de tensión, en la que categorías y grupos sociales hasta entonces excluidos del uso de la escritura advierten a la vez su necesidad y su carencia, también porque la progresiva burocratización de las relaciones sociales y económicas requiere a todos aquellos que desarrollan cualquier tipo de actividad una mínima capacidad gráfica.[47]

Foi possível recuperar informações sobre o processo de aquisição da escrita de 44 dos redatores e destinatários. Além das entrevistas-narrativas, as conversas com os familiares possibilitaram obter indícios de como aprenderam a escrever, ainda que não tenha sido possível o contato com alguns deles (porque já são falecidos ou porque não foi possível encontrar a residência atual): para 28 sertanejos, a aprendizagem das práticas de escrita ocorreu em casa; quatro estudaram apenas os primeiros anos; dez estudaram até a quarta série; uma estudou até a quinta série, e um declara ter aprendido por meio da convivência com os amigos, que sabiam escrever, e do contato com textos religiosos, conforme distribuição no quadro a seguir.

[47] “Deste modo cria-se uma relação dinâmica de tensão, em que as categorias e grupos sociais até então excluídos do uso da escrita advertem, por sua vez, sua necessidade e sua carência, também porque a progressiva burocratização das relações sociais e econômicas exige a todos aqueles que desenvolvem qualquer tipo de atividade uma mínima capacidade gráfica”. (Tradução nossa).

Quadro 2 – Distribuição dos remetentes e destinatários de acordo com o meio de aprendizagem da escrita

Remetentes	Convivência com amigos e contato com textos escritos	Estudou pouco em casa	Estudou os primeiros anos	Estudou até a quarta série	Estudou até a quinta série
Antonio Fortunato da Silva	+				
Ana de Oliveira		+			
Angélica Pereira da Silva		+			
Antonia Oliveira Lima		+			
Antonio C. de Oliveira		+			
Antonio Pinheiro Costa		+			
Dete Carneiro da Silva		+			
Fernando José de Oliveira		+			
Filomena Pereira da Silva		+			
Firmina P. dos Santos		+			
Gildásio de Oliveira Rios		+			
Idelcina C. de O. e Oliveira		+			
Iraildes Carneiro de Oliveira		+			
Izaura Cedraz de Oliveira		+			
Jacob de Oliveira Matos		+			
Jesuino Carneiro da Silva		+			
João Carneiro de Oliveira		+			
João dos Santos		+			
José Joaquim de Oliveira		+			
Josefa Josina da S. Pinto		+			
Lázaro Félix de Oliveira		+			
Manoel Carneiro de Oliveira		+			
Mariazinha C. de Oliveira		+			
Roma		+			
Roque Carneiro da Silva		+			
Salomão Fortunato da Silva		+			
José Mendes de Almeida			+		
Zita Lima Silva			+		
Doralice C. de O. Jesus			+		
Zulmira Sampaio da Silva			+		
Ana Helena C. de Santana				+	
Ana Santana Cordeiro				+	
Bernadete Maria de Oliveira				+	
Francisca C. de Oliveira				+	
Margarida Maria de Oliveira				+	
Pedro Vando P. de Oliveira				+	
Raimundo Adilson Cedraz				+	
Terezinha Bispo Oliveira				+	
Zenilta Bispo Oliveira					+
Destinatários					
Almerinda Maria de Oliveira		+			
Neraldo Lopes Pinto		+			
Maria Inês Oliveira Costa		+			
Lucidalva Cordeiro Cedraz				+	
Helena				+	

Fonte: elaboração própria.

Em termos de habilidade com a escrita, não há muita diferença entre aqueles que nunca frequentaram uma instituição de ensino e os que estudaram os primeiros anos, ou seja, todos os remetentes, independente de como tiveram acesso às primeiras letras, apresentam, nos seus produtos gráficos, aspectos próprios a adultos em fase de aquisição da escrita. Um dos narradores demonstra ter consciência de sua falta de habilidade com a escrita, quando se refere à própria caligrafia, como "garranchos", termo que comumente é atribuído a letras pouco legíveis, também usado para designar gravetos, galhos finos e contorcidos de árvores: "tinha vez de escrever dez carta pra Bahia... aqueles garrancho, aquelas cartinha..."; e, no decorrer da narrativa, lembra que "aí fazia aquela letra toda garranchada... [...] fazia aquelas carta toda doidada, esgarranchada, sem saber o quê... (rindo)" (AFS).

De acordo com Galvão (2001, p. 81), por vezes, "[...] tem-se a impressão de que, entre as camadas analfabetas ou semi-alfabetizadas, a única mediação entre a leitura e a escrita é realizada pela escola", mas a autora complementa, afirmando que "[...] práticas educativas têm ocorrido, ao longo do tempo, fora da escola e, às vezes, com maior força do que se considera, principalmente para determinados grupos sociais e em determinadas épocas". E, nas narrativas, foram identificados alguns elementos que podem ter favorecido a aproximação e a participação desses sujeitos na cultura escrita, além da experiência escolar: o ambiente doméstico, o processo de migração, as práticas religiosas, o acesso a materiais impressos e a manuscritos foram elementos fundamentais. A seguir, comenta-se sobre a presença desses elementos, a partir das narrativas.

4.3.1 O ESPAÇO DOMÉSTICO

Muitas vezes, a própria casa ou a de parentes serviu como espaço de aprendizagem, seja através da intermediação dos pais, de outros membros da família ou de uma professora. Em algumas narrativas, é bastante mencionada a contribuição dos pais na aprendizagem, ainda que fiquem explícitas as limitações que existiam, pois os pais estudaram pouco ou eram analfabetos: "[...] esse tantinho que eu tenho... que eu sei... foi aprendido aqui porque papai ensina boca de noite com aquela letra grande... depois xixilô..." e diz que "mamãe ensinou o ABC que ela sabia... ela sabia um pinguim de nada (rindo) meu pai também... depois ele se... [...] ele não dava muito valor a mulher aprender" (ZJS).

Três dos narradores são de uma mesma família – a mãe, um filho e uma filha. E, nas falas dos três, a "casa" é mencionada como lugar de aquisição da escrita. A mãe, que aprendeu com a irmã, depois, ensinou aos filhos: "Ah, eu aprendi dento de casa com a minha

irmã... foi aí eu... só... pratiquei o pouco que aprendi ficava leno livro, letra graúda ne jorná, até que... aprendi fazer [...] É, eu ensinava meus fi dento de casa... foi... todos ele eu ensinava que não tinha escola aí eu ensinava aí...” (AMO). Os filhos lembram-se desses momentos:

> Ah... com muito trabalho, eu ia pa roça, quando era mei dia mãe dava... que eu num tive ne escola, eu aprendi com mãe... mãe dava era... era lição... chamava lição, enquanto num desse... enquanto num desse num... num ia pra roça... [...] Rapaz, a escola daqui só era mãe que ensinava a da gente. (ACO)

> Mãe é que dento de casa mãe tinha livro... comprou um ABC, eu lembro como hoje, comprou um ABC que naquele tempo também quase que eles não saía, mas ele comprou... ela comprou... ensinava a gente dentro de casa... meus irmão tudo. (DCO)

Ao lembrar-se da presença passageira de uma professora na região, um dos narradores do município de Riachão do Jacuípe, que não vivenciou esses espaços domésticos, porque seus pais eram analfabetos, e que também não frequentou escolas, descreve o espaço em que as aulas, onde suas irmãs “aprendeu pouquinho assinar o nome”, aconteciam: “e essa mulé veio, ensinou poucos dia [...] Era uma casa... a casa de meu avô... era a casa de meu avô, ensinava assim, numa salinha assim, como essa assim, era na roça” (AFS). A seguir, uma descrição semelhante, em que as casas dos familiares foram usadas por uma professora para as aulas:

> É uma casa (rindo). Primeiro começou na casa de tio Gidásio... depois passou pra casa de meu irmão, aí ela casou e... começou... ela saiu e depois voltou, aí ela fez a casa dela aí ela ensinava lá na casa dela... a gente inda estudou uns dois anos ainda na casa dela... e daí eu... chegou o tempo de... de eu me casar... aí eu também... eu num estudei mais. (DCO)

Esses trechos evidenciam que, muitas vezes, o espaço doméstico confundia-se com o escolar. Ao comentar que estudou pouco tempo em uma escolinha e ao ser questionada sobre como era o espaço, a narradora diz que “era em casa, era na casa da... da mulher, da dona da casa mesmo...” (ZSS). Então, na ausência de um espaço específico para o funcionamento da escola, a “casa” (de algum morador do lugar ou da própria professora) era usada para as aulas, quando alguém da região resolvia ministrar aulas de primeiras letras ou quando aparecia alguma professora vinda de outros lugares e que permanecia, às vezes, por alguns meses apenas.

4.3.2 O PROCESSO DE MIGRAÇÃO

A necessidade de manter comunicação com os familiares e amigos que ficaram no sertão motivou os sertanejos, que viajaram para as grandes cidades em busca de trabalho, a

produzirem cartas, de modo que 32 (17 com indicação de local e 15 por inferência), das correspondências que constituem o *corpus*, foram emitidas, principalmente entre as décadas de 1950, 1960 e 1970, de São Paulo, centro industrial da época, e uma de Brasília, durante a construção dessa cidade[48]. Nesse sentido, o processo de migração também colaborou para a aprendizagem da escrita. Principalmente nesse período, expressivos movimentos de migração interna ocorreram no país, tendo como principal origem a região Nordeste, em consequência tanto do crescimento industrial, nas grandes cidades, quanto das dificuldades com o trabalho agrícola, devido aos longos períodos de seca, no caso dos que saíram do semiárido baiano. Nesses casos de migração, a distância dos familiares e amigos que ficaram na terra natal foi decisiva para que, mesmo sem muito domínio da escrita, enviassem cartas escritas a próprio punho, como é possível perceber nesta narrativa:

> E aí eu escrevi ne São Paulo ne cinquenta e... essas carta aí que eu fiz foi de cinquenta e oito... escrevi pra Bahia... lembrava dos amigos tinha sodade dos amigo... muita sodade... aí os os cara que tinha carta escrevida... olhava olhava [inint.] ia fazeno... eles ia me ensinano, e aí escrevia quato, cinco... oito... dez... tinha vez de escrever dez carta pra Bahia... aqueles garrancho, aquelas cartinha [...]. (AFS)

A convivência com amigos que escreviam cartas e que forneciam "modelos"; o contato com outros materiais escritos, como *A Gazeta*, jornal da época, e a experiência urbana, de modo geral, contribuíram para o desenvolvimento da prática de escrever cartas: "essas carta eu fiz de lá sem saber a ler [...] eu via as carta dos outros, eu pegava as carta... olhava pras carta assim e escrevia essas... se eu lhe dizer que eu já tive um dia de escola to lhe contando falso... nunca tive um dia" (AFS). Apesar de esse narrador afirmar que produziu as cartas sem saber ler, em um segundo encontro, quando questionado novamente sobre o que aprendeu primeiro, se a leitura ou a escrita, ele demonstra dificuldade para lembrar e, depois de algum esforço para rememorar, diz que foi a leitura e depois a escrita, mas não demonstra certeza quanto a isso.

4.3.3 O ACESSO A MATERIAIS IMPRESSOS E MANUSCRITOS

De acordo com Galvão (2010), muitas vezes, são os objetos de leitura menos consagrados pelos cânones literários, pela cultura legitimada, aqueles que mais contribuem para a aproximação da cultura escrita de grande parte da população brasileira.

[48] As já conhecidas dificuldades, próprias a esse processo migratório vivido pelos nordestinos, são sugeridas em um trecho da carta enviada de Brasília para a zona rural de Riachão do Jacuípe, em 1959: "[...] Compadre diga a Jução nasimento| que brazilha e iluzão i so vem quem não| sabe" (GOR-29).

No caso dos sertanejos, para aqueles que não frequentaram nem mesmo os espaços de aprendizagem nas casas, o contato com alguns materiais de leitura, como os textos religiosos, os folhetos de cordel e com as cartas de outras pessoas, pode ter contribuído significativamente para a sua participação na cultura escrita. Os textos religiosos são fortes motivadores, como em relação ao narrador do trecho a seguir, que não frequentou os espaços de aprendizagem e explica a própria aquisição da escrita pela ação divina: "[...] que na Bibla diz, Salomão foi o rei mais sábio que existiu na face da terra [...] aí eu fiquei nesta aí e leno aquelas passage... procurano ler pra entender e eu sei que... foi por Deus mehmo que abriu a minha mente e colocou quilo ali" (AFS).

Para os que estudaram com uma professora – alguns, apenas poucos meses –, a presença desses escassos materiais de leitura é algo a mais, como para essas duas narradoras: "Assim... eu leio um... como bem... o livrinho que retira o folheto da... que vem da igreja" (ASC) e "As vez eu pego uma revista de Nossa Senhora Aparecida aí sento ali no banco e olho, de letra mais graúda" (NIN). A presença de elementos de caráter religioso, nas memórias, é recorrente, associados a contextos de leitura: "Eu leio a Bíblia, leio folheto, eu leio livro religioso e leio arguma bobage que aparecer de... de qualquer coisa que eu ver escrito quero ver o que tem dento" (AMO).

Figura 13 – Folhas de calendário religioso, presentes na casa dos sertanejos



Fonte: acervo pessoal de José Messias, sertanejo da região.

Além disso, alguns sertanejos tiveram contato com os folhetos de cordel, conhecidos como "ABC de poesia": "Neso botou uns abc, daqueles abc de poesia den-... numa caxinha assim de papelão, botou meu livro junto, quando deu fé o rato tinha (bombado)... roeu um

bocado de página do meu... do meu livro" (ASC). Em uma das casas onde as entrevistas-narrativas foram produzidas, foi encontrado um acervo constituído por vários exemplares desses cordéis. Galvão (2007, p. 41) comenta, ao tratar de situações em que a entrada na escrita é mediada por uma aproximação entre oralidade e escrita, tornando-a mais natural, menos marcada por tensões, que na leitura coletiva de cordéis, há essa aproximação entre oral e escrito, "[...] facilitando a participação na cultura escrita daqueles que não sabem ler nem escrever, na medida em que o cordel é um gênero escrito com profundas marcas da oralidade". A autora lembra, a partir de um estudo anterior, que, nas décadas de 1930 e 1940, em Pernambuco, principalmente na zona rural, a leitura de cordéis em voz alta era bastante valorizada, e aqueles que detinham essa competência exerciam poder sobre os demais; por outro lado, "[...] principalmente os que viviam na zona rural, não tinham a dimensão de que aquele domínio da leitura e da escrita era pouco valorizado em outras práticas de letramento, principalmente urbanas" (GALVÃO, 2007, p. 38).

Essa necessidade da leitura em voz alta dos folhetos de cordel também esteve presente durante a gravação das entrevistas-narrativas, na casa de um casal onde um conjunto desses folhetos, das décadas de 1950, 1960 e 1970, foi encontrado. Entre uma conversa e outra, o marido fez questão de ler vários deles, demostrando o domínio da leitura e o valor afetivo-emocional dado às histórias: "Foi quem mais cresceu minha leitura foi livro de história, [...] eu tenho oh (rindo)... eu tenho um feche assim de livro assim de cordel... de muitos tempo, muitos ano, mas tem livro bonito... tem livro bonito... tem livro que o cara lê corre água dos olho" (Antônio Carneiro, marido de Zulmira-ZSS). Nos folhetos, há indícios de que foram manuseados por várias pessoas da região, parentes e amigos do dono do acervo, pela presença de assinaturas e outros escritos (inclusive, em um deles, na Figura 14, há a assinatura de Antonio Fortunato da Silva, um dos narradores/remetentes).

Figura 14 – Folheto de cordel, presente no sertão baiano em meados do século XX



Fonte: acervo pessoal do casal Antonio Carneiro e Zulmira Sampaio (ZSS).

Constata-se, então, que esses cordéis chegaram até a região, comprados, segundo o dono do acervo, nos dias de feira, em Conceição do Coité ou em Riachão do Jacuípe; e, seja através da sua leitura ou da audição da leitura, esses textos contribuíram de algum modo para o processo de difusão da cultura escrita na região.

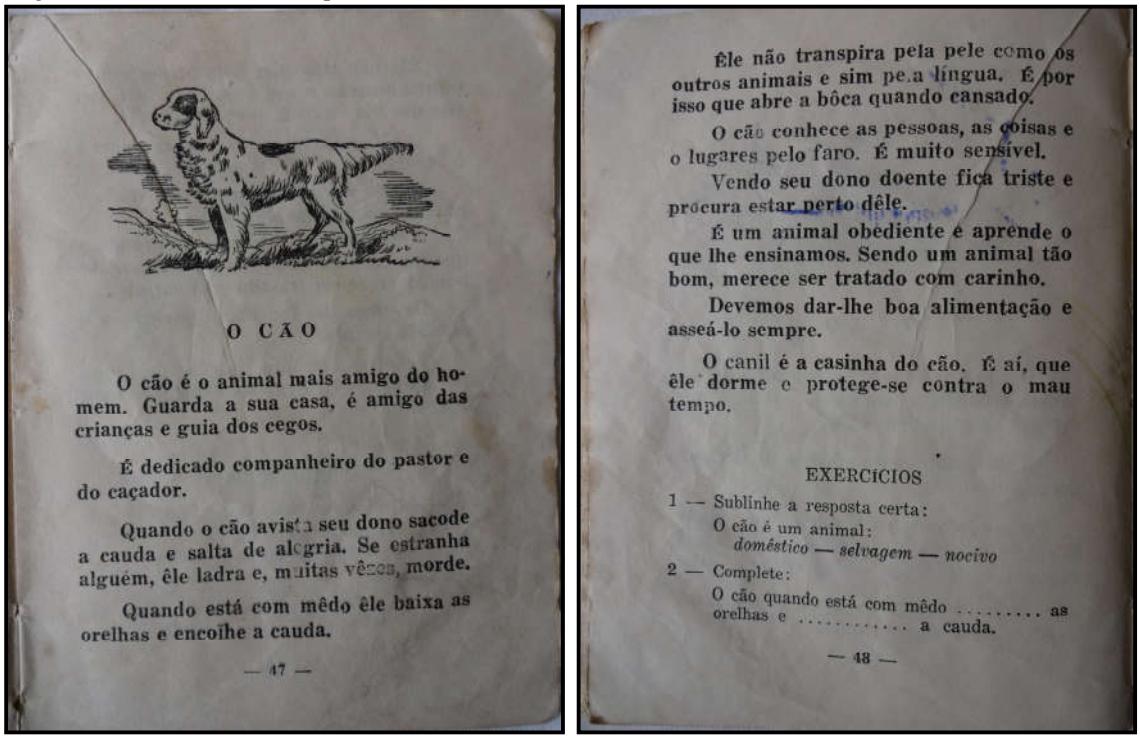
Outro tipo de material impresso mencionado nas falas de alguns é o texto jornalístico, que fez parte dos processos de letramento, mesmo de forma rudimentar, como é expresso em uma das narrativas: “As veze, minha filha, vinha jornaus velho antigo, embrulhando alguma coisa, as veze com tecido, alguma coisa que vinha... aí a gente aproveitava queles jorná pra ler, a gente lia muito, falar a verdade, eu mesmo, eu e compadre José, compadre José gostava [...]” (IZA). Nas memórias da vida em São Paulo, também aparece a imagem do jornal: “[...] aqueles cara que... que sabia ler ficava leno pegava aquelas gazeta, aqueles papel ia leno, eu ficava só olhando, observano, né? Observano eles leno aquilo ali e eu ficava naquela vontade” (AFS). Os amigos que liam *A Gazeta*, como já comentado, também escreviam cartas, e esse contato com os manuscritos produzidos pelos companheiros, para os que estavam morando longe de casa, ajudou a uma melhor familiarização com a escrita.

Sobre livros didáticos, as cartilhas (também chamadas de “ABC”) são mencionadas em algumas narrativas; no entanto, não foi possível recuperar lembranças muito precisas sobre os detalhes dessas cartilhas, como títulos, autores etc.

> Mas só que num tinha condições nem de comprar os livro... aí ela [a mãe] comprou, lembro como hoje, que ela comprou três cartilha... chamava Paulinho, essas cartilha um pra mim, uma pra minha irmã, uma pro meu irmão, a gente ia pra Jiboia, dá mais ou menos uns... [...] uns quatro quilômetro daqui pá lá, mas a gente ia todo dia [...] Ia de pé... nós ia andano de pé... [...] e aí eu estudei trinta dias a gente... eu e meus irmão estudemo trinta dias, mas era com siedade de aprender. (IZA)

Os livros também foram lembrados por uma das narradoras que fala da presença de romances em sua casa: “eu... tinha romance, logo a gente começou, ficou, tinha muitos romance e eu tentava, eu lia muito romances, né? Num tinha televisão na época, era romance mesmo e livros” (LCC). O único livro didático encontrado nos acervos pessoais, que foi conservado pelo filho de um dos casais (JMA e AHC), redatores das cartas, é o que tem algumas páginas representadas na Figura 15, provavelmente utilizado entre as décadas de 1960 e 1970. Como não apresenta capa e nem contracapa, não foram identificadas informações sobre título, autor e editora.

Figura 15 – Livro didático da época



O CÃO

O cão é o animal mais amigo do homem. Guarda a sua casa, é amigo das crianças e guia dos cegos.

É dedicado companheiro do pastor e do caçador.

Quando o cão avista seu dono sacode a cauda e salta de alegria. Se estranha alguém, êle ladra e, muitas vêzes, morde.

Quando está com mêdo êle baixa as orelhas e encolhe a cauda.

— 47 —

Êle não transpira pela pele como os outros animais e sim pela lingua. É por isso que abre a bôca quando cansado.

O cão conhece as pessoas, as coisas e o lugares pelo faro. É muito sensível.

Vendo seu dono doente fica triste e procura estar perto dêle.

É um animal obediente e aprende o que lhe ensinamos. Sendo um animal tão bom, merece ser tratado com carinho.

Devemos dar-lhe boa alimentação e asseá-lo sempre.

O canil é a casinha do cão. É aí, que êle dorme e protege-se contra o mau tempo.

EXERCÍCIOS

1 — Sublinhe a resposta certa:
O cão é um animal:
doméstico — *selvagem* — *nocivo*

2 — Complete:
O cão quando está com mêdo ..... as orelhas e ..... a cauda.

— 48 —

Fonte: acervo pessoal de Ana Helena Cordeiro.

4.3.4 A EXPERIÊNCIA ESCOLAR

A existência de um espaço escolar é sempre associada, nas narrativas dos sertanejos que frequentaram de algum modo esse espaço, à dificuldade de acesso, geralmente por causa da distância geográfica e/ou pelas baixas condições financeiras, como ilustrado neste trecho da fala de um dos narradores, de Riachão do Jacuípe:

> [...] naquele tempo pai era difíço botar um filho na escola, num tinha condições... pai não tinha condições nem pra comer nem pra sustentar um filho [inint] botar ne escola... e quando existia uma escola era bem longe só botava quem tinha dinheiro... as criança ia montado de animal, nós não... (AFS)

Essa narrativa reflete a afirmação de Rios (2015), de que a educação oferecida aos sujeitos que moram em áreas rurais, durante um longo período da história da educação no Brasil, sempre foi silenciada e relegada a segundo plano. No início do século XX, segundo essa autora (2015, p. 25), a inserção da educação rural nos textos constitucionais surge apenas em 1930, com o "[...] objetivo fundante de apaziguar as tensões sociais decorrentes do êxodo rural, estando a serviço dos interesses políticos e econômicos da época".

A dificuldade de acesso à escola também fica evidente na fala de uma das narradoras, de Conceição de Coité, nascida em 1936. Após ter mencionado sua ida à escola, explica onde ela era localizada e lembra-se das dificuldades enfrentadas:

> Ah, minha fia, era longe... era como daqui na Barra... a gente ia de pé, os camim dentro numas Catinga, passava duas turma de animal carregado, de manhã e de tarde, e a gente ia tudo com as percatinha na mão e a lama atolano [inint] quando chegava na... era Deus que na chegada da escola tinha um tanque... aí agora a gente lavava os pé pra cabar de chegar. (ASC)[49]

Na maioria das vezes que esse espaço foi mencionado, a descrição física é associada ao ambiente doméstico, como já foi comentado; e nas falas, percebe-se a imagem do que era considerada uma escola naquela época, no meio rural, em que se *inventavam* espaços de ensino-aprendizagem. Na maioria das descrições, é a *casa* da própria professora que serve como espaço escolar:

> [...] a escola era na residência dela... lembro, num quartinho na residência mesmo na frente, aí ela ensinava... ensinava a gente... ensinava um grupo lado de lá de Cansanção, lá da Jiboia, do pessoal deles lá, viu? E de Riachão acho que só tinha a gente mesmo... mas era a siedade que a gente tinha... a gente estudou trinta dias lembro. (IZA)

[49] O percurso a que a narradora se refere ("era como daqui na Barra"), equivale a uma distância aproximada de 8 km.

> [...] Era na residência da professora Netinha... [...] Aí ela ensinava, tinha duas sala, tinha uma que era na frente, como o povo chamava... varanda, e no fundo tinha uma sala grande, aí quando o menino... os menino vinha muito, num era todo dia que vinha todo mundo, aí ela ensinava na sala que era maior e era mais fresca, tinha aqueles banco, a gente sentava e ensinava aí estudei até...a terceira série. (ZBO)

A informalidade que caracterizava a existência desses espaços escolares pode ser notada, por exemplo, na maneira em que eram nomeados: "o nome da escola, era o mesmo nome que era o nome dela [da professora] que era... aqueles pessoal quando, antigamente, quando vinha uma professora aquele nome que a prof... que a professora viesse, aquele nome ficava dano a gente nos caderno [...]" (ASC). Também há descrições que coincidem, em relação à disposição dos móveis, em que os bancos substituíam as cadeiras: "Tinha banco (rindo) esse tempo era uns baquin-... o povo tinha uns banquinho a mesa com uns banco... de primeiro era tudo pobre num tinha nem cadeira (rindo) era difícil não era?" (ZSS) e "[...] não tinha cadeira não, botava os banco aí, sentava, cada um... não existia cadeira nesse tempo não (rindo)" (NIN).

A rara presença de professores, quase sempre itinerantes, na região, é explicada pela ausência de políticas públicas, nesse período, voltadas para a educação do campo. No século XX, a partir de 1934, surgem as primeiras escolas normais rurais, no Nordeste (no Ceará, em 1934; em Feira de Santana, na Bahia, em 1935), com o objetivo de formar professores da zona rural; no entanto, muitos locais, como o interior da Bahia, "[...] não contavam com docentes formados(as) em escola normal, prevalecendo, por várias décadas do século XX, a forte presença de docentes leigos(as) nestas escolas rurais" (RIOS, 2015, p. 27). Poucos professores formados na Escola Normal Rural atuavam na zona rural, pois preferiam trabalhar nas cidades[50].

Por causa dessa raridade de professores, duas das narradoras comentam que, mesmo com pouco estudo, tiveram que ministrar aulas; uma para substituir a professora, quando se ausentava, e a outra pelo desejo de ver os jovens aprenderem, pelo menos, a assinar o nome:

> [...] aí eu estudei, estudava e ensinava ao mesmo tempo, que ela fazia curso, aí eu ficava no lugar dela pra ensinar assim os menino do primeiro ano, do pré, era pré... pré até o segundo... aí eu já ensinava, ela dizia "Olha [inint] aqui tem o dever aqui tu passa tu mesmo se eles não acertar tu ensina eles". (ZBO)

[50] Na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (IBGE, 1958), consta que, em 1956, o ensino primário em Riachão do Jacuípe era realizado em 14 escolas estaduais e 25 municipais, e em Conceição do Coité, em 49 escolas de ensino primário, sendo 39 municipais e 10 estaduais. Não é especificada a quantidade de escolas localizadas nas sedes desses municípios e nas "aglomerações urbanas", como eram consideradas as diversas vilas (que depois passaram a sediar municípios, como Ichu) e povoados; no entanto, provavelmente, como indicam as narrativas em estudo, eram poucas as localizadas na zona rural.

> Não... não estudei, mas... mas eu... quando eu vim pra qui, minha fia, num... cada um rapaz, cada uma moça assim [...] esses menino de vinte ano, vinte e um ano, num sabia fazer um nome, num conhecia letra [...] tudo assim pior do que eu... aí eu inventei de botar uma escolinha... aí "vocês quer aprender um pouquinho assinar o nome de vocês? Muito não, mas com nada aprender a fazer o nome de vocês" [inint] ah... foi menino, foi muito menino, era dezenove aluno. (NIN)

Ainda sobre a presença de professores na região, um dos narradores comenta que suas irmãs foram as únicas pessoas de sua casa que chegaram a frequentar uma escola. Ele lembra que uma professora veio para ensinar poucos dias na casa do seu avô: "[...] ensinava assim numa salinha assim... como essa... assim... era na roça". A presença da professora, trazida por um comerciante de gado, foi bastante passageira, o que confirma a ideia da raridade desse espaço:

> Essa escola, a mulé chamava quem? Dinamérica... tinha o apelido de Lua [...] O nome dela verdadero era Dinamérica... Lua... ela num era daqui não [...] ensinou poucos dia na casa do meu avô... de Zé de Angerca... do meu avô [...] as menina aprendero... negoço de poucos dias um mês... um mês e meio... e pouco [...] essa mulé, essa professora [inint] que era professora... quem trouxe foi um homem, chamava Antonho do Sobrado... ele era machante de gado... aqui ne Riachão tinha... (AFS)

Esse mesmo narrador, que afirma não ter frequentado a escola, diferente de suas irmãs, justifica isso com a necessidade de ajudar o pai com o trabalho da roça: "eu é quem trabalhava com meu pai com doze treze ano... quatorze ano... quem trabalhava era eu pra sustentá a família". Além disso, a distância e as dificuldades de acesso foram impedimentos, como é possível notar nos trechos a seguir, em que expressa a relação entre o nível socioeconômico das pessoas e o acesso à escola:

> [...] num tinha escola... num existia escola... existia escola, mas quem estudava naquele tempo? Filho de ó... uma pessoa naquele tempo pa formar um filho ter um médico... um filho formado, ele é burguês é... nem a certo arguma pessoa da roça fazendero, que já era fazendero... que tinha umas condiçãozinha... às vez tinha pena de gastar ou num gastava, ou num queria... (AFS)

Percebe-se, nesse último trecho, que ele titubeia em relação à afirmação sobre a existência ou não de escolas na região, reiterando inicialmente que não havia, mas depois faz uma afirmação positiva, dizendo que "existia escolas". Talvez ele pense inicialmente na não existência, justamente porque os moradores do meio rural ficavam excluídos, ainda que possuíssem boas condições financeiras, ou seja, fossem fazendeiros. Esse trecho apresenta indícios do valor que era dado à escola, já que a falta de condições financeiras não era o único entrave, pois os fazendeiros podiam "ter pena de gastar" ou simplesmente, não queriam gastar com escola. É importante ressaltar a função dessas aulas, de acordo com a memória desse

narrador, quando o que se aprendia, tendo por base suas irmãs, era "só assinar o nome... era só assinar o nome só, a leitura de minhas irmã foi essa, só de assinar o nome... aí... leiturinha pouca..." (AFS)[51]. As irmãs desse narrador também escreveram algumas cartas, e em seus textos, percebe-se a pouca familiaridade com o código escrito, como os demais redatores, são adultos estacionados em fase incipiente de aquisição da escrita.

4.4 SÍNTESE

As entrevistas-narrativas produzidas no sertão baiano revelam o reconhecimento de um passado marcado pelo desejo e pela necessidade de escrever e de ler, por aqueles que ficaram à margem do processo de alfabetização escolar formal. São pistas de que, durante o século XX, principalmente até meados desse século, na zona rural da Bahia, o processo de garantia do letramento através da criação e do funcionamento efetivo de escolas ainda ocorria com pouca frequência. A pouca habilidade com a escrita reflete, então, a falta de contato dos redatores com as normas prescritas via escolarização formal; por outro lado, as práticas de escrita, produzidas em espaços como a própria casa ou a de algum familiar, evidenciam a necessidade de estabelecer comunicação, por motivações diversas, seja a distância da terra natal ou o contato com textos religiosos. A partir das memórias expressas, pode-se concluir que:

a) as práticas de escrita são práticas de resistência, pois mesmo com as dificuldades que o contexto social oferecia, eles desenvolveram processos de letramento diversos, possibilitando a difusão da escrita na região;
b) os sertanejos construíram, *inventaram* modos próprios de se apropriar do processo de escrita, criaram os seus espaços de participação na cultura escrita, com as possibilidades cotidianas;

[51] Sobre o que se aprendia na escola, a afirmação desse narrador encontra correspondência nas memórias que fazem parte do Projeto "Memórias do Rural", publicadas na obra "Entre as trilhas da memória: velhos da Terra do Sisal", de Freixo e Teixeira (2011), um trabalho desenvolvido com velhos moradores de comunidades rurais da região sisaleira. Na fala de Seu Zezé Primo, de Valente, município que também faz parte do Território do Sisal, ele comenta: "Fui pra escola... naquele tempo não tinha escola, só se fazia aprender a assinar o nome, e qualquer coisa aí... tinha uns veios que ensinavam, um pouco mais, mas já ia embora, acabava aquela escola... eu aprendi a ler e escrever, estudando lá, com esse pedaço de tempo" (FREIXO; TEIXEIRA, 2011, p. 117-118).

c) os espaços domésticos, o processo de migração, o acesso a materiais de leitura (como textos religiosos, folhetos de cordel, cartilhas, jornais e cartas), ainda que raro, muitas vezes, foram a garantia de uma aproximação à cultura escrita;
d) a busca de sentidos no passado permite perceber que os narradores atribuem legitimidade a seus processos de letramento, a suas práticas de escrita;
e) considerando a presença de marcas de inabilidade na escrita das cartas que produziram, o fato de alguns terem frequentado um espaço escolar durante mais tempo que outros não faz com que tenham maior habilidade com a técnica da escrita. Isso pode ser associado à precariedade do sistema escolar no período, com professoras leigas, muitas vezes, itinerantes.

A seguir, um quadro em que se sintetizam algumas informações envolvendo os processos de letramento dos sertanejos, a partir das narrativas produzidas.

Quadro 3 – Síntese sobre o processo de letramento dos sertanejos

Narrador	Nascimento	Processo de aquisição da escrita	Relação dos pais com a leitura e a escrita	Presença de materiais de leitura em casa
01 - AMO	1936	"Ah... eu aprendi dento de casa com a minha irmã [...] pratiquei o pouco que aprendi, ficava leno livro, letra graúda ne jorná até que... aprendi fazer."	"[...] eles era analfabeto eles num sabia nada nem fazer a letra dele o nome deles num fazia."	"[...] só alembro uma cartilha... era uma cartilha." "Ficava leno livro letra graúda ne jorná."
02 - ASC	1936	"[...] caminhei de uns, assim de uns oito ano em diante pra... pa escola... até quando eu... fui até quarto ano... daí por lá... também parei por aí"	"[...] nem pai nem mãe neum estudaro... neum sabia ler."	"[...] só tinha o da gente quando a gente começou a estudar... nem pai nem mãe neum estudaro... neum sabia ler."
03 - ACO	1957	"[...] eu num tive nem escola... eu aprendi com mãe... mãe dava era... era lição chamava lição enquanto num desse... enquanto num desse... num... num ia pra roça [...] a escola daqui só era mãe que ensinava a da gente."	"[...] Sabia... mãe e pai sabia."	"Ela... comprava os livro pra gente ler... a gente pegou o ABC primeiro... depois... depois de Abc parece que vem o quê?... cartilha."
04 - AFS	1936	"[...] foi nessa data que eu... ne cinquenta e oito eu tava em São Paulo mermo... uns pessoal escrevia pa Bahia, uns amigo escrevia pa Bahia, eu tinha vontade." "[...] até que eu Deus... Deus abriu minha mente e eu aprendi essa leitura."	"Não, nunca soube, nem minha mãe nem meu pai nunca soube ler...nunca souber ler não... ela nunca aprendero a leitura, né?"	"Não tinha... naquele tempo [inint] era difiço... era difiço... naquele tempo... via falar em Bibla e nem conhecia a Bibla."
05 - DCO	1960	"Mãe é que dento de casa, mãe tinha livro... comprou um ABC, eu lembro como hoje [...] ensinava a gente dentro de casa." "[...] eu já tava, o quê? Com uns catoze ano... porque naquele tempo num tinha escola assim... lugar de... professor pra ensinar aí quando eu já tava grande... aí nós fomo, né? [...] Até a terceira, aí foi o tempo do meu casamento aí eu... eu num fui mais."	"Só fazia os nome, eles num tinha estudo como eu mesmo, que eu num tenho."	"Mãe é que dento de casa mãe tinha livro... comprou um ABC eu lembro como hoje, comprou um ABC que naquele tempo também quase que eles não saía mas ele comprou ela comprou [...]"

Narrador	Nascimento	Processo de aquisição da escrita	Relação dos pais com a leitura e a escrita	Presença de materiais de leitura em casa
06 - IZA	1948	"[...] eu estudei trinta dias... a gente eu não meu e meus irmão estudemo trinta dias."	"[...] pra fazer um tito de eleitor quem ensinou a ele foi Margarida da Jiboia minha professora foi quem ensinou a ele... a ele escrever o nome... assinar o nome dele naquele tempo sinava só o nome [...]"	"[...] num tinha não, livrano dos livro de escola da gente esse aí e as vezes a gente arrumava livro assim com as... com as amigas, né? Que as vezes que tinha mais condições minhas primas a gente arrumava, a gente gostava, eu mesmo gostava de ler, gostei... li muito, jorná, a gente num guentava ver um jorná que a gente num ler."
07 - LCC	1966	"[...] eu tinha quatro anos de idade e eu estudei aqui ne Sítio Novo e minha pró era minha madrinha... eram setes irmãos e eu ficava querendo vim apesar d'eu ser medrosa e... [...] e eu cabei vindo com minha irmã mais velha e logo eu... eu comecei logo a escrever mesmo pegando na mão, né?"	(assunto não abordado)	"[...] tinha romance, logo a gente começou, ficou, tinha muitos romance e eu tentava, eu lia muito romances, né? Num tinha televisão na época, era romance mesmo e livros."
08 - NIN	[1945]	"[...] tinha lá uma... uma professora... chamava Rosenita [...] aí meu pai pegou e colocou a gente nessa escola [inint] a gente estudava... até... estudemo até o quarto ano... aí meu pai tirou era muito pobre [...] tirou a gente da escola pra trabalhar que a gente vivia no trabalho."	"Meu pai, ele sabia um pouco... muito não mas ele sabia [...]"	"Tinha, meu pai sempre gostou de estudar a Bíblia, né? mas ele não confiava entregar a Bíblia dele a menino... ele sentava ia ler pra gente escutar... a vez ele comprava argum ABC... alguma coisa de leitura assim..."
09 - RAC	1961	"Rapaz... eu aprendi na... na doida, teve escola aqui que a minha irmã que estudar... ensinava. [...] Auricélia ensinava aqui... e... depois... eu fui estudar aqui... perto dali, do município de Coité, [...] lá na... parece que a fazenda... era de Elenita... [...]"	"Sabia. [...] tinha uma escola na casa do pai... o pai dele botou... botava uma professora [inint.] ele ia estudar, parece que era seis... seis irmão... seis irmão estudava na casa."	"Tinha livro. [...] eu comprava livro na época por meus dezessete ano, comprei livro pra fazer carteira de motorista, fiquei estudano [...]"

Narrador	Nascimento	Processo de aquisição da escrita	Relação dos pais com a leitura e a escrita	Presença de materiais de leitura em casa
10 – ZBO	1957	"[...] aí eu estudava... os menino... eu já era quarta, os menino era pré... antigamente era ABC, cartilha, ia passando po segundo, né?"	(assunto não abordado)	"Os livros... eu não sei, sei que a gente estudava (cartilha) não sei se era minha mãe que comprava, acho que sim, ou era pela prefeitura, acho que não, não sei [...]"
11 – ZJS	1940	"Esse tantinho que eu tenho que eu sei foi aprendido aqui porque papai ensina boca de noite com arquela letra grande depois xixilô"	"O João Minduba era... era bem sabido dizia meu pai aí foi quem foi o professor de meu pai."	"Não, tinha uns livro aqui... uns livro véi de... de... da escola da da... que eu... que eu fiquei... papai comprou uns livrinho a gente estudou só (tinha) esses livrinho assim...[...] os ABC aquela coisa assim... pouca. "
12 - ZSS	1939	"Tinha uma escolinha aí na roça...minha mãe colocou a gente lá... [...] fiquei lá na casa da professora um tempo... aprendi pouco"	"Meu pai inda fazia o nome dele, só o nome e o sobrenome, minha mãe num sabia não."	"O ABC minhas irmã me ensinou em casa, depois minha mãe comprou uma cartilha..." [presença de folhetos de cordel na casa]

Fonte: elaboração própria.

PARTE III

PARA A IDENTIFICAÇÃO DA INABILIDADE NA ESCRITA: ANÁLISE DOS DADOS E APLICAÇÃO DA PROPOSTA

5 A CARACTERIZAÇÃO DOS REDATORES POR ASPECTOS DE INABILIDADE

O objetivo desta seção é estabelecer a proposta metodológica para identificação do grau de inabilidade dos redatores, considerando-se a possibilidade de uma gradiência, um contínuo, por dimensões, em níveis combinados. Para isso, verifica-se como os redatores das cartas pessoais do sertão baiano podem ser distribuídos, a partir da descrição e do cruzamento de algumas marcas de inabilidade de escrita. Reconhecendo as *mãos inábeis* que escreveram essas cartas, no século XX, é possível construir um contínuo de inabilidade, em que, a depender dos índices que apresentam, há alguns redatores mais inábeis em escrita alfabética que outros. É tentador, ao usuário desse *corpus*, reconhecer essa diferença a partir apenas da aparência física dos textos, já que nos fac-símiles são bem visíveis as características físico-caligráficas estabelecidas por Marquilhas (2000), conforme será discutido no item 5.4. No entanto, a análise de outras dimensões, como a da *escriptualidade*, faz perceber que outras marcas, associadas ou não ao plano físico-caligráfico, são determinantes na definição de alguns redatores como mais inábeis.

A seguir, serão retomadas as marcas de inabilidade descritas em Santiago (2012), distribuindo-as por redator e associando-as a outras, como a pontuação, além de sistematiza-las a partir das dimensões propostas por Barbosa (2017), no sentido de melhor estabelecer os perfis dos redatores. Serão consideradas, portanto, as dimensões:

1. da *escriptualidade*:
   - grafia de sílabas complexas (deslocamentos e omissões de /r/, /l/ e /s/);
   - hipercorreções (acréscimos de <r>, <l> e <s> em posição de coda e acréscimos de <r> em posição de ataque ramificado);
   - representação da nasalidade (representação exagerada e ausência da representação);
   - representação de dígrafos;
2. da escrita fonética: *índices grafofonéticos*;
3. da pontuação;
4. da repetição de vocábulos;
5. da habilidade motora;
6. da segmentação gráfica:
   - hipersegmentação;
   - hipossegmentação.

A estrutura desta seção é a seguinte: em 5.1, apresentam-se as dimensões da ***escriptualidade*** e da **escrita fonética**; em 5.2, da **pontuação**; em 5.3, da **repetição de vocábulos**; em 5.4, da **habilidade motora** e da **segmentação gráfica**; e, em 5.5, apresenta-se

o resultado da proposta, com o estabelecimento do contínuo de inabilidade em escrita alfabética.

5.1 A *ESCRIPTUALIDADE* E A ESCRITA FONÉTICA

Considerando-se que a presença de propriedades referentes à *escriptualidade* é o que melhor caracteriza a escrita inábil, recorrente em diferentes *corpora*, de diferentes períodos e espaços, a presença de *índices grafofonéticos* é apenas mais um aspecto da dificuldade de representação escrita. Para os textos do século XX, quando já se tem uma ortografia padrão única, esses *índices* tornam-se mais significativos para a definição do nível de inabilidade do redator. Analisa-se, então, o cruzamento dessas duas dimensões e discute-se sobre como é possível, a partir da relação entre elas, reconhecer a maior ou menor inabilidade.

5.1.1 OS ASPECTOS DE ESCRIPTUALIDADE

De acordo com Barbosa (2017, p. 24), a *dimensão da escriptualidade*, para os usuários de *corpora*, na prática, "[...] se traduz em observar insegurança (ou em grau maior, o quase desconhecimento do redator) em (a) assumir sistematicamente *grafismos* (convencionalismos motivados por tradições culturais [...]) ou (b) grafar sílaba complexa com /r/ ou /l/". Os seguintes aspectos são reunidos pelo autor em relação aos grafismos:

> a) grafação, ou não, de dígrafos (<qu> ~ <q> ~ <c>, <ph> ~ <f>);
> b) latinismos (<u> ~ <v> ou <sch> ~ <c>);
> c) diacríticos variando com letras na representação de uma mesma qualidade sonora (a nasalidade indicada por <n> ~ <m> ~ < ~ >); e
> d) a dificuldade de grafação de líquidas (/r/ ou /l/) em coda ou em ataque ramificado.

Para os textos anteriores ao século XX, deve-se considerar a possibilidade das pluriortografias, no entanto, em relação ao século XX, quando a ortografia brasileira assume o "[...] caráter homogeneizante de prever uma única forma de escrever cada palavra" (BARBOSA, 2017, p. 41), o mapeamento da gradiência de habilidades e inabilidades de conhecimento das convenções do padrão gráfico se estabelece de forma mais direta. Para a *mão inábil*, aumenta a proporção de "erros" de um dado redator em relação ao grafismo determinado pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* e pelos dicionários.

Para as cartas dos sertanejos, escritas no século XX[52], foram identificados os aspectos em a, c e d. Sobre o aspecto da grafação, ou não, de dígrafos, mencionado no item a, os redatores parecem usar a hipótese de que há uma correspondência biunívoca entre sons da fala e letras do alfabeto, ou seja, cada grafema corresponde a um som e cada som a um grafema. A maior parte dos casos parece obedecer a esse princípio, de relação monogâmica[53] entre letra e som (LEMLE, 1991). Ocorrem, portanto, representações dos dígrafos com a omissão do <u>, na redução dos dígrafos <qu> e <gu>; a substituição de <rr> por <r>, de <ss> por <s>, e de <sc> por <s>, e a omissão do <h> na grafia de <nh>, <lh> e **<ch>**. Há casos em que a dúvida com a transcrição desses dígrafos gera outras possibilidades: a omissão do <l>, como em *tarbahi* por *trabalhe* (AFS-4) e *sombranseha* por *sombrancelha* (AHC-54); o deslocamento do <l>, no sentido de procurar estabelecer o padrão CV, como em *o**l**iha* por *olha* (VAN-86); e, nas ocorrências referentes a <nh>, há casos em que se deixa de transcrever o <n>, como na grafia *diheiro* por *dinheiro* (AFS-11)[54].

Quanto ao aspecto descrito no item c, por Barbosa (2017, p. 24), "[...] diacríticos variando com letras na representação de uma mesma qualidade sonora (a nasalidade indicada por <n> ~ <m> ~ <~>)", nas cartas, a dificuldade com a representação da nasalidade não envolve propriamente os diacríticos, e sim o uso de <nm> ~ <mm> ~ <m> e <nn> ~ <mn> ~ <n>[55], casos considerados como representação gráfica exagerada da nasalidade, como em i***n***maginava por *imaginava* (RAC-85), co***m***madi por *comadre* (AFS-6), cu***m***nhado por *cunhado* (GOR-28) e peque***n***na por *pequena* (AML-81)[56]. Há, também, a ausência de representação, em que a consoante nasal é omitida (<Ø> ~ < m> ~ <n>), como em *votadi* por *vontade* (JMA-64).

Há certa sistematicidade no uso dessas estratégias, já que os redatores que mais exageraram na representação da nasalidade foram os que menos omitiram a consoante nasal e vice-versa. Dos 114 casos de representação exagerada, 87 são identificados nas cartas de

[52] Das cartas que compõe o *corpus*, há oito que foram escritas na primeira metade do século, entre 1906 e 1910. Identificam-se, nestes textos, alguns registros de uma ortografia etimológica ou pseudo-etimológica: *ella* por *ela*, *huma* por *uma* (FP-79); *hia* por *ia*, *occazião* por *ocasião* (JMS-66); *suffrido* por *sofrido* (JMS-67).

[53] Segundo Lemle (1991, p. 26), ao comentar sobre a primeira etapa da alfabetização, o "[...] grande progresso na aprendizagem dá-se quando o alfabetizando atina com a ideia de que há, na escrita, representação de sons por letras. Faz sentido supor que a ideia construída por ele sobre essa relação é a mais simples possível: a relação monogâmica, ou biunívoca, para usar linguagem técnica.".

[54] A identificação dos exemplos será feita, ao longo do texto, com a indicação da sigla do remetente, seguida do número da carta em que a ocorrência está localizada, conforme numeração usada na edição semidiplomática.

[55] A variação gráfica entre <mm> ~ <m> e <nn> ~ <n> em manuscritos anteriores ao século XX, quando ainda não havia uma ortografia padronizada, pode não ser reflexo de uma representação exagerada da nasalidade, mas sim vestígio de uma grafia etimológica.

[56] Explicando ocorrências desse tipo em dados da escrita infantil, Simões (2006, p. 53) afirma que "[...] a criança percebe a *nasalação fonética regressiva* pela contaminação com o aclive consonantal nasal da sílaba posterior e marca graficamente essa diferença".

Antônio Fortunato da Silva, com apenas um dado de ausência de representação; enquanto que das 137 omissões, 23 ocorrências estão na carta de João dos Santos e 14 na de Vandinho, redatores que não manifestaram nenhum caso de exagero. Essa sistematicidade demonstra que o comportamento dos redatores é semelhante ao que Simões (2006) descreve para os dados infantis. Afirma a autora que, captando a nasalidade ou não, a criança resolve sua grafia de forma sistêmica e estruturada, "[...] ou a ignora e, portanto, não usa marcas, ou a percebe e elege uma marcação uniforme: põe travador (consoante nasal após a vogal fechando sílaba) ou til em todas as sílabas que apresentem qualquer vestígio de som nasal (nasaladas e nasalizadas)" (SIMÕES, 2006, p. 52).

Sobre o aspecto em d, a dificuldade de grafação de líquidas (/r/ ou /l/) em coda ou em ataque ramificado, ou seja, das sílabas que não possuem a estrutura canônica CV, os dados identificados foram em número bastante significativo, como demonstram as ocorrências exemplificadas na Tabela 8, adiante. Segundo Oliveira (2006, p. 269), "[...] grafias irregulares para sequências silábicas complexas com segmentos líquidos, principalmente o /r/, parecem ser traço atemporal e a-histórico, pelo menos em algumas línguas". Essas grafias irregulares foram identificadas por esse pesquisador, nas atas do século XIX, como em *Ande**r*** por *André e ap**r**ate* por *aparte*; nas cartas de comércio do século XVIII, por Barbosa (1999), como em *pe**r**zente* por *presente, det**r**eminar* por *determinar*; e, por Marquilhas (2000), nos textos da Inquisição, em ocorrências como *b**r**etolameu* por *bertolameu* e *p**r**ato* por *parto*, afirmando ser essa ortografia irregular de formas com cadeias de consoantes que incluam /r/ "a característica mais recorrente das mãos inábeis seiscentistas" (MARQUILHAS, 2000, p. 246).

Nas cartas do século XX, além de os redatores desfazerem a grafação CCV ou CVC com inclusão de vogal, com o apagamento ou com a inversão de posição de <r> (como em *po**r**otad**r**o* por *portador* (MC-36)) ou <l> – e há também dados de apagamento envolvendo a sibilante /s/ –, registra-se a frequência de irregularidades envolvendo o acréscimo dessas consoantes: hipercorreções, que se configuram como um caso peculiar de inabilidade, como em *amig**r**o* por *amigo* (JS-62) e *fa**r**zenda* por *fazenda* (AFS-12). Marquilhas (2000, p. 237) afirma que "[...] ao produto do inábil preside uma representação 'deslumbrada' da língua escrita, altamente sensível às suas marcas de prestígio". Esse "deslumbramento" com a escrita alfabética faz com que os inábeis busquem algumas soluções gráficas distantes das regularidades, incorrendo em hipercorreções. E o <r> parece ser uma marca propícia a essas hipercorreções, dada a frequência das irregularidades envolvendo esse segmento, seja em posição de coda ou de ataque ramificado; é uma espécie de grafema *curinga*, como bem indica Oliveira (2006), por ser um segmento bastante instável, já que pode estar em vários

lugares dentro da palavra. Os exemplos em que o <r> é inserido em uma palavra monossilábica reforçam ainda mais essa ideia, evidenciando um índice de inabilidade maior, como em *nar* por *na* (AFS-4) e *var* por *vá* (MC-36).

Na Tabela 8, sintetizam-se alguns aspectos referentes à *escriptualidade* [57], identificados nas cartas:

Tabela 8 – Aspectos referentes à *escriptualidade*, nas cartas dos sertanejos

Grafia de sílabas complexas		
Aspectos	Exemplos	Quantidade de ocorrências
Grafias com o /r/ em ataque ramificado (deslocamento e omissões)	*lenba**r**nsa* por *lembrança* (AFS-5) *estada* por *estrada* (AFS-9)	251
Grafias com o /r/ em posição de coda (deslocamento e omissões)	*ap**r**eto* por *aperto* (SFS-40) *pedão* por *perdão* (RAC-90)	60
Grafias com o /l/ (deslocamento e omissões)	*fo**l**ris* por *flores* (VO-113) *ato* por *alto* (FPS-47)	4
Grafias com o /s/ (omissões)	*eteve* por *esteve* (AHC-61)	37
Hipercorreção		
Acréscimo de <r> em ataque ramificado	*çanet**r**a* por *caneta* (JS-62)	41
Acréscimo de <r> em posição de coda	*de**r**vo* por *devo* (AFS-6) *pa**r**gar* por *pagar* (AFS-12)	161
Acréscimo de <r> em posição de coda em monossílabos	*ja**r*** por *já* (LFO-32) *la**r*** por *lá* (ROM-73)	249
Acréscimo de /l/ em posição de coda	*sa**l**bi* por *sabe* (AFS-4)	73
Acréscimo de <s> em posição de coda	*fa**s**zer* por *fazer* (MC-36)	18
Representação da nasalidade		
Representação exagerada <nm> ~ <mm> ~ <m> e <nn> ~ <mn> ~ <n>	*va**n**mos* por *vamos* (AFS-2) *co**m**mader* por *comadre* (FP-79)	114
Ausência de representação <Ø> ~ < m> ~ <n>	*Romaci* por *romance* (JMA-64) *mado* por *mando* (VAN-86)	137
Representação de dígrafos		
<qu> ~ <q>	*pi**q**enno* por *pequeno* (AFS-19)	21
<gu> ~ <g>	*entre**g**e* por *entregue* (MC-36)	28
<rr> ~ <r>	*co**r**eios* por *correios* (AFS-7)	18
<ss> ~ <s>	*no**s**a* por *nossa* (AFS-7)	84
<lh> ~ <l>	*traba**l**o* por *trabalho* (JS-62)	94
<nh> ~ <n>	*te**n**o* por *tenho* (VAN-86)	29
<ch> ~ <c>	*Ria**c**ão* por *Riachão (*ACO-44)	4

Fonte: elaborada pela autora.

[57] Os dados detalhados são descritos no Apêndice A.

5.1.2 OS ÍNDICES GRAFOFONÉTICOS

A dimensão da *escrita fonética*, segundo Barbosa (2017, p. 25), refere-se à representação gráfica de sons vocálicos e consonantais que "[...] busca formas de imitar a pronúncia e tende a se afastar das convenções gráficas".

Os *índices grafofonéticos* foram identificados nas produções das *mãos inábeis* seiscentistas portuguesas, por Marquilhas (2000). A autora indica que "[...] a criatividade na aplicação dos princípios do sistema de escrita constitui um dos resultados possíveis de uma exposição só ocasional a amostras ortográficas" (MARQUILHAS, 2000, p. 257-258), atestando a hipótese de uma correspondência estável entre símbolos do alfabeto e segmentos consonânticos e vocálicos. Para ela, recuar a atestação de fenômenos fonológicos é o benefício mais óbvio que a Linguística Histórica pode retirar de fontes graficamente "cândidas" como são os documentos do século XVII, além da possibilidade de investigações com outra motivação, como a morfológica ou sintática.

Barbosa (1999) também identificou dados que espelham realizações próprias à fala, nas mãos *pouco hábeis* dos documentos coloniais. O conjunto de dados recolhidos pelo autor serve de instrumento para contraste entre os *corpora* do material de circulação oficial e particular. Oliveira (2006), ao reunir os dados produzidos pelos negros da Sociedade Protetora dos Desvalidos, mostra que, na procura da relação monogâmica entre letra e fonema, os escritores, no século XIX, apresentam traços fônicos típicos da linguagem oral da atualidade.

Para os textos de épocas em que convivem mais de uma ortografia, é preciso considerar a variação gráfica normal ao período, pois "[...] grafar *coração* ou *curaçao*, *semelhante* ou *similhante* não estava vinculado ao grau de erudição. Tudo isso era normal aos olhos de redatores que não viviam, como nós, sob ortografia única" (BARBOSA, 2008, p. 196). No caso das cartas de comércio do século XVIII, Barbosa (2008, p. 200) observa, para além dessa variação gráfica comum ao período colonial, uma pluriortografia que incluía (ao lado de latinismos artificializados) as "[...] várias ocorrências de reflexos das características fonéticas no plano gráfico – os chamados *índices grafofonéticos*".

Isso implica dizer que não é a simples presença de marcas fonéticas ou de aparentes desvios de normas gráficas que caracterizariam uma *mão inábil* no século XVIII, mas sim o balanço contrastivo de suas distribuições em diferentes materiais da mesma época. Assim sendo, as cartas de comércio, como um conjunto, poderiam, então, ser consideradas mais fonéticas que os documentos oficiais da mesma época, editados pelo pesquisador. Nas cartas de comércio, Barbosa (2008) levantou 127 ocorrências de índices grafofonéticos, enquanto

que nos documentos oficiais, também editados por ele, só foram localizados 26 casos desse tipo. Contudo, dentre essas cartas de comércio, pelo ponto de vista metodológico assumido, alguns redatores poderiam ser inábeis em grau intermediário pela incidência das duas dimensões de inabilidade aqui expostas: maior presença de marcas grafofonéticas e a inversão de <r> em sílaba complexa. No entanto, os casos de inversão de letras, na representação de sílabas que fogem ao padrão básico CV, por exemplo – aspecto de *escriptualidade* comum a inábeis de qualquer época –, não são frequentes nessas cartas de comércio. Para Barbosa (2008, p. 198), os redatores podem ser considerados como *pouco hábeis*: "[...] essas cartas não seriam nem oficiais, nem particulares, nem de redatores profissionais, nem de inábeis: um ponto intermédio de relação sob menor estado de vigília – o que é próprio de quem escreve afastado dos modelos de escrita [...]".

É preciso, então, considerar que esses e outros aspectos apresentam uma frequência maior na escrita de *mãos inábeis* independente da época em que aparecem, seja sob a pluriortografia do século XVIII, seja em tempos em que se tem uma ortografia padrão única, como no século XX. Se as cartas de comércio são um ponto intermediário, em relação ao nível de habilidade de escritura, as cartas dos sertanejos baianos situam-se em um grau maior de inabilidade, já que esses textos apresentam evidências de um maior afastamento da norma ortográfica do período.

Nos textos dos sertanejos baianos, há alguns índices grafofonéticos mais gerais, comuns mesmo entre os mais hábeis, como as grafias para a elevação de vogais médias pretônicas, em *s**i**gundo* por *segundo* (AHC-54) e *n**u**vidadi* por *novidade* (JMS-66); para a elevação de vogais médias postônicas, como em *saudad**i*** por *saudade* (FP-78) *e ador**u*** por *adoro* (JMA-64). Bastante expressiva é a presença, nos textos, da grafia para a elevação das vogais médias em monossílabos, ilustradas, por exemplo, em *lh**i*** por *lhe* (MC-36) e *n**u*** por *no* (SFS-40). Outros fenômenos comuns, não muito marcados: as grafias para a apócope, como em *pusive* por *possível* (MDO-84) e *chora* por *chorar* (AHC-55); para a redução de ditongos, em *importans**a*** por *importância* (AFS-4), e para a ditongação, *dez**ei**jado* por *desejando* (JMS-68). Índices como esses podem não se constituir propriamente como marcas de inabilidade, mas serem considerados como indícios, coocorrendo junto àqueles mais raros, que podem, até mesmo, refletir variantes diatópicas.

Na Tabela 9, que apresenta os índices grafofonéticos identificados nas cartas dos sertanejos baianos, há alguns exemplos de fenômenos mais estigmatizados, como as grafias para os casos de palatalização, em *fami**lh**a* por *família* (ASC-63); rotacismo e lambdacismo, em *a**r**merinda* por *Almerinda* (AFS-6) e *Ca**l**nero* por *Carneiro* (SFS-42), respectivamente; de

prótese, em ***a****lembra* por *lembra* (AFS-1); de aférese, em *rastando* por *arrastando* (MC-50); e de metátese, em *p**r**egontar* por *perguntar* (MC-50). Alerta-se que uma classificação sempre implica em hesitações em relação a "[...] que rótulo se pode embalar os dados" (OLIVEIRA, 2006, p. 349), ou seja, determinados fatos da fala podem ser fatos da escrita e vice-versa[58].

Tabela 9 – Aspectos referentes a *índices grafofonéticos*, nas cartas dos sertanejos

Aspectos	Exemplos	Quantidade de ocorrências
Elevação das vogais médias em monossílabos	*d**i*** por *de* (FP-79) ***u****s* por *os* (AFS-6)	1334
Elevação de vogais médias postônicas	*somenti* por *somente* (NIN-38) *tod**us*** por *todos* (ACO-44)	664
Síncope	*diero* por *dinheiro* (VAN-86) *nevozo* por *nervoso* (JMA-64) *pencanno* por *pensando* (AFS-16)	419
Elevação de vogais médias pretônicas	*r**i**cibo* por *recibo* (AHC-22) *p**u**rtanto* por *portanto* (JMS-67)	299
Apócope	*responsave* por *responsável* (MDO-84) *conta* por *contar* (BMO-91)	298
Ditongação	*voç**ei**s* por *vocês* (ROM-73) *t**ou**do* por *todo* (ICO-48)	213
Redução de ditongos	*s**o**dadi* por *saudade* (ZSS-53) *estej**i*** por *estejam* (MC-36)	170
Nasalização	*mu**i**nta* por *muita* (DCS-69)	67
Prótese	***a****voar* por *voar* (ACO-44)	44
Abaixamento das vogais altas	*D**e**stinto* por *distinto* (SFS-40) *c**o**rzeiro* por *cruzeiro* (AFS-3)	38
Aférese	*duentada* por *adoentada* (ZSS-53)	34
Rotacismo	*Dicu**r**pi* por *desculpe* (AFS-45)	25
Posteriorização de vogais	*t**o**mbem* por *também* (VAN-86)	20
Paragoge	*veiz**i*** por *vez* (AFS-24)	17
Palatalização	*Brazi**lh**a* por *Brasília* (GOR-28)	15
Lambdacismo	*si**l**vido* por *servido* (NIN-38)	10
Metátese	*po**r**cura* por *procura* (ZLS-70)	10
Anteriorização de vogais	***e****smerinda* por *Almerinda* (SFS-40)	10

Fonte: elaborada pela autora.

Há casos de fenômenos que apresentam menor representatividade nos textos, expressos em poucos dados, como, por exemplo, a centralização, em *b**a**rbuleta* por *borboleta* (VO-112), e a epêntese, em *ob**e**ter* por *obter* (GOR-28).

[58] Os dados detalhados são descritos no Apêndice B.

Sem pretensão de desenvolver uma análise quantitativa, verificou-se, em trechos das gravações das entrevistas de três dos sertanejos, redatores das cartas (AFS, ASC e NIN), se há casos de fenômenos mais estigmatizados, como os encontrados em seus textos escritos, considerando-se, porém, o intervalo temporal entre a época de escrita das cartas e a de gravação das falas. A seguir, alguns exemplos identificados.

- Exemplos de fenômenos fônicos, identificados na oralidade dos sertanejos:

a) aférese: *credita* por *acredita*, *diantou* por *adiantou*, *devogado* por *advogado*, *garrar* por *agarrar*, *tigamente* por *antigamente* (AFS), *inda* por *ainda* (NIN), *cabar* por *acabar* (ASC);

b) síncope: *tito* por *título, competo* por *completo*, *quato* por *quatro* (AFS);

c) apócope: *própri* por *próprio*, *papé* por *papel* (AFS), *camim* por *caminho* (ASC);

d) prótese: ***a****defensor* por *defensor* (AFS), ***a****lembro* por *lembro* (NIN);

e) redução de ditongo: *s**o**dade* por *saudade* (AFS), *g**o**abeira* por *goiabeira* (ASC);

f) rotacismo: *a**r**cançaro* por *alcançaram*, *a**r**guma* por *alguma, p**r**ano* por *plano* (AFS), *vo**r**tava* por *voltava* (NIN), *comp**r**eto* por *completo* (AFS, ASC);

g) palatalização: *fami**lh**a* por *família* (AFS);

h) metátese: *d**r**oba* por *dobra* (ASC).

Essas ocorrências de alguns fenômenos evidenciam a possibilidade de que os casos identificados na escrita podem ser traços de oralidade, ou seja, marcas dialetais ou sociolinguísticas. Não foram identificados casos como os listados na Tabela 8, de deslocamentos e acréscimos de /r/, por exemplo.

5.1.3 O CRUZAMENTO DOS DADOS DE *ESCRIPTUALIDADE* COM OS ÍNDICES GRAFOFONÉTICOS

Para ilustrar a coocorrência, nas cartas, dos aspectos de *escriptualidade*, com os índices grafofonéticos, caracterizando um grau maior de inabilidade, observam-se os exemplos (01) e (02):

(01) Saudasão 28 di outubro di 19[.][59]|
meu querido Amigo pitanga Estimado Adeus di| lonje que di perto não posso ir querido ieu di|
jeijo saiber Commo vai voicre i toudos ceu|
eu não Esgeisodi voicre Commo vai us [.] 2|

[59] [.] indica rasura.

garotão ou [.] ou liage [?] min manda dizre|
Commo vai u seiu peçroar [.] toudos meu| commo Deus qre|
tou commo Deus qisre Maria Jetude manda| dizre As touda Amiguinha Esta Commo Deus qizre| lenbras lenbransa A touda Amiga dera|
pitanga min Reponda E [.]uis Crata| lenbansa A toudos Amigo [.] nada mais du ceu| depezado Amigo|
Antonio frutunato da silva|

(AFS-20)

(02) Salvadro Mata de São João Ba - 31-maio-10-1-1|
Saudração|
Em prmero Lugra pegei Netra Çanetra Çoprade| José medis de Almedra dezejo Çei estra duas linha| Liçotre çopefetra caude i felisdrade çoprade zezitro| Ceu Amigo Juão vai Bei de Caude i de felisdrade Agora mado| Cabe Su Cere Vai Be de Caude i de traBalo çoprade| ze[.] zezitro Agora madro caBe comovai u cero vai Bei| de Begria de maçina o lá zezitro Cua grata| xegu ci minha nau mas vou pude [?] dri madro| mas madro dizre Agora Au Cero Josê ipere| ceu Amigro João dos Santos pelo u Cão Juau qi eu| vo parala i u dinha [.] 3 Atre e u dinha 25 eu Apare-| co para A jetre toma uar pigra eu iu cero i coprade| zizegra. zizegra u cere coprade parece [?]| zagrado comigo nau mada dize nadra para ceu| Amigro i Croprade Ju[?] [?]|
madro LeBraca para dona dina i para meu Amigro| [.] zizegra i zezitro i Ramudro|
Coprade zezito faca u piceno favo para ceu| coprade João madra leBraca para [.] Joje i dona| lolitra i para meu Amigro [.] Veveio i Drazi| i u Velo pai mas nadra de Ceu Amigro|
João dos Santos|

(JS-62)

No exemplo (01), uma carta de Antônio Fortunato da Silva, aspectos de escrita fonética coocorrem com os da dimensão da *escriptualidade*, como a dificuldade na representação de sílabas complexas com consoante seguida de vogal e de outra consoante (CVC). Nas grafias com o /r/ em posição de coda, há casos de deslocamento desse grafema, como em *f**r**utunato* por *Fortunato*; *c**r**ata* por *carta*; *qis**r**e* e *qiz**r**e* por *quiser*; *diz**r**e* por *dizer*; *sinh**r**o* por *senhor*, e *q**r**e* por *quer*, formando grupos ilegítimos em português, como *nhr* e *qr*. Já em *peç**r**oa**r*** por *pessoal*, nota-se a possibilidade de um rotacismo, de modo que a repetição do segmento resultou em uma estrutura inaceitável em português, que é a sequência *çr*. Em *voic**r**e* por *você* há um acréscimo de <r> em ataque ramificado e em *reponda* por *responda*, há uma omissão de /s/ em posição de coda. Também são encontradas irregularidades na grafia do dígrafo <qu>, como em ***q**izre* e ***q**isre* por *quiser*. Os *índices grafofonéticos* são manifestados na elevação das vogais médias em monossílabos, em *d**i*** por *de*; ***i*** por *e*; *d**u*** por *do*, e ***u**s* por *os*; na ditongação com a inserção da semivogal [w], em *to**u**dos* por *todos* e *to**u**da* por *toda*, e na síncope por omissão do /r/ em *Jetude* por *Jertrudes*.

O exemplo (02), carta de João dos Santos, ilustra 41 casos de irregularidades gráficas envolvendo o /r/, em casos de deslocamentos, omissões e, principalmente, acréscimos, como em: *çop**r**ade* por *compadre*; *lug**r**a* por *lugar* e *amig**r**o* por *amigo*. Coincidindo com isso, há 23

palavras que registram a ausência de representação da nasalidade, como em *madro* por *mando* e *pigra* por *pinga*. Assim como no exemplo (01), nessa carta há grafias irregulares com os dígrafos, em *pe**g**ei* por *peguei* e *traba**l**o* por *trabalho*, e *índices grafofonéticos*, como os casos de elevação de vogais médias, em *q**i*** por *que* e *a**u*** por *ao*; redução de ditongos, em *Alm**e**dra* por *Almeida*, e apócope, em *Cabe* por *saber*.

Esses exemplos confirmam a afirmação de Barbosa (2017) de que um documento com inversão de <r> sempre apresenta vários casos de escrita fonética. E isso ocorreu de forma regular no *corpus*: em todas as cartas em que há essa inversão de <r>, e em todas em que há omissões e acréscimos, há a presença de *índices grafofonéticos*.

Em relação aos exemplos (03) e (04), a seguir, os redatores apresentam muitos índices grafofonéticos, mas, ainda que se evidenciem alguns aspectos de *escriptualidade*, a incidência é bem menor que nos exemplos (01) e (02):

(03) Distito Mairi|
Fazênda Carrancudo Em 24 di Maio 1956|
Quridinha Amiguînha Amerinda|
As minha saudações|
faço voto a Deus quê estas duas linha| vai lhi encontrando gozando perfeita saude| Amerinda as horas...|
siliçioza da minha vida que pêgo| nu meu radio lapes para ti.| ênviar-l as minha noticias i di todos| mêus estamos <↑com> saudê garça nosso bom Jeus| vou treminar enviando <↑lembranças> para voce i tambem| muita lembrança <↑a> Pitanga lêmbrança Ana i| muita lembrança Augusto i tambem a| Pedirnho [.]2 bençao nus meninos|

Roza branca|	leta A ê leta|
da Bahia|	querida foi a leta que|
Ramo|	Deus Deixou quem não|
verde|	ama a leta A não|
e sperança|	ama a nosso sinhor|
Aceite|	
di sua querida|	Desculpe os eros que tem|
saudades|	i tambem as falta di saber|
e muita lembrança|	
	Angelica Pereira da silva|

< Resposte mi esta Carta ja ouviu Destinta|>

(APS-43)

(04) Campinas 15 de janeiro de 1979|
Saudação|
Meu amigo Nerado|
Nerado nois aqui estamos todos| bem garsa a Deus.|
Nerado resebir tua carta vir todo| que vinha dizendo|
Sim Nerado mande mi dize quanto| qusta um dia de um tarbalhador e 1| saco de farinha e 1 saco <↑de> feijão e 1| saco de milho e se a vaca barca já| pario e se tar vivo si e maxo uo| fima e quanto tar valendo.|
bote uma bensa nus meninos Romario| Jose Hogusto Comceição nevi.|
mais nada [.]Antonio Silva|

> Zizete Roma manda lhi pedir 1| favor e que que [.]voçe fasa que que| conpre n 6 vela e senda no per do santo| in tesão da alma de Miro Olhe não| esquesa. Lembransa Roma Edevaldo| Derado para voçeis Mais Nada|
> Roma|
> <quando chega lar da o denheiro|>
>
> (ROM-73)

Angélica Pereira da Silva e Roma podem ser consideradas redatoras inábeis, no entanto, em um nível menor que Antônio Fortunato e João dos Santos. Há, na carta escrita por Angélica Pereira da Silva, no exemplo (03), alguns registros da dificuldade em grafar sílaba complexa envolvendo o /r/, como nos casos de inversão, em *pedi**r**nho* por *Pedrinho*, *ga**r**ça* por *graças* e *t**r**eminar* por *terminar*; e omissão, em *distito* por *distrito* e *leta* por *letra*. Há um exemplo de irregularidade da grafia do dígrafo <rr>, em *e**r**os* por *erros*. A maior parte dos fenômenos correspondem a índices grafofonéticos, como a elevação de vogais médias pretônicas, em *s**i**nhor* por *senhor*, *d**i**stito* por *distrito*, *sil**i**çioza* por *silenciosa*; além da elevação das vogais médias em monossílabos (*d**i***, ***i***, *lh**i***, *m**i***, *t**i***, *n**u***, *n**u**s*). Há, ainda, o abaixamento de [i] ~ [e], em *d**e**stinta* por *distinta*, e a síncope, em *amerinda* por *Almerinda*.

A carta escrita por Roma, no exemplo (04), apresenta alguns casos de deslocamento de /r/, em *ga**r**sa* por *graças*, *ta**r**balhador* por *trabalhador* e *ba**r**ca* por *branca*, em que há, também, a ausência de representação da nasalidade; e acréscimos de /r/ em posição de coda silábica (*recebi**r*** por *recebi*, *la**r*** por *lá*, *vi**r*** por *vi*, *pe**r*** por *pé*). Os demais casos envolvem marcas grafofonéticas, como elevações das vogais médias em monossílabos (*lh**i***, *s**i***, *m**i***, *n**u**s*); reduções de ditongo, em *fim**a*** por *fêmea* e *bens**a*** por *benção*; ditongações, em *no**i**s* por *nós* e *voçe**i**s* e *vocês*; aféreses, em *tesão* por *intenção*, *tar* por *está* e *senda* por *acenda*; síncope, em *nerado* por *Neraldo*, e apócopes, em *dize* por *dizer*, *chega* por *chegar* e *garsa* por *graças*.

A quantidade significativa de aspectos relacionados à *escriptualidade* em coocorrência com os índices grafofonéticos é o que caracteriza as *mãos* redatoras das cartas exemplificadas em (01) e (02) como mais inábeis que as dos exemplos (03) e (04), cujos redatores, mesmo não deixando de manifestar dificuldades com a grafia de /r/, por exemplo, fazem-no em menor proporção, como é demonstrado na Tabela 10.

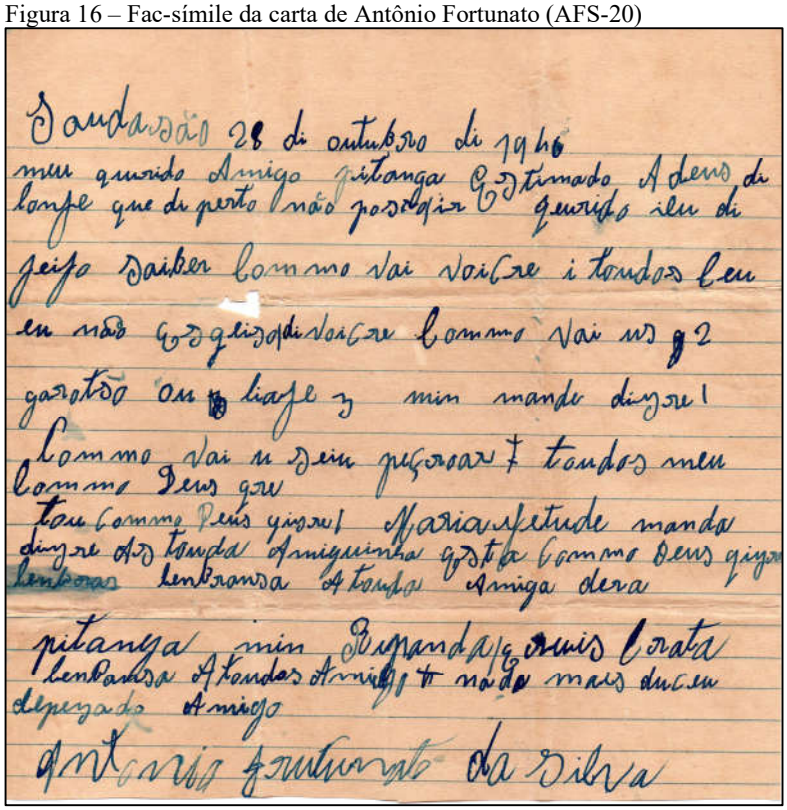
Tabela 10 – Distribuição de redatores em relação aos aspectos de *escriptualidade* e aos índices grafofonéticos

Aspectos de inabilidade		**Inabilidade máxima**		**Inabilidade parcial**	
		Redatores/quantidade de ocorrências			
		Antônio Fortunato (106 palavras)	João dos Santos (202 palavras)	Angélica Pereira (146 palavras)	Roma (137 palavras)
Dimensão da *escriptualidade*	Irregularidades na grafia com /r/ em sílaba complexa	11	13	8	3
	Acréscimos de /r/	3	28	-	4
	Irregularidades na grafia de dígrafo	4	3	1	-
	Irregularidades na representação da nasalidade	6	23	1	1
	Total	**24**	**67**	**10**	**8**
Dimensão dos índices grafofonéticos	Elevação das vogais médias	9	27	17	4
	Abaixamento de [i] ~ [e]	-	-	1	-
	Ditongação	7	2	-	2
	Aférese	1	-	-	3
	Síncope	1	1	2	1
	Apócope	-	4	1	3
	Prótese	1	-	-	-
	Nasalização	2	-	-	-
	Redução de ditongos	-	3	-	2
	Ditongação	-	-	-	2
	Total	**21**	**37**	**21**	**17**

Fonte: elaborada pela autora.

Esses aspectos coincidem com a aparência física dos textos (ainda que em outras cartas essa coincidência não ocorra), como é visível na comparação entre as Figuras 16, 17, 18, e 19, que mostram os fac-símiles das cartas em análise. Enquanto as cartas de Antônio Fortunato da Silva e João dos Santos formam um conjunto com maior ausência de *cursus*, traçado inseguro e irregularidade na empaginação, as de Angélica Pereira da Silva e Roma apresentam esses aspectos físico-caligráficos em menor evidência:

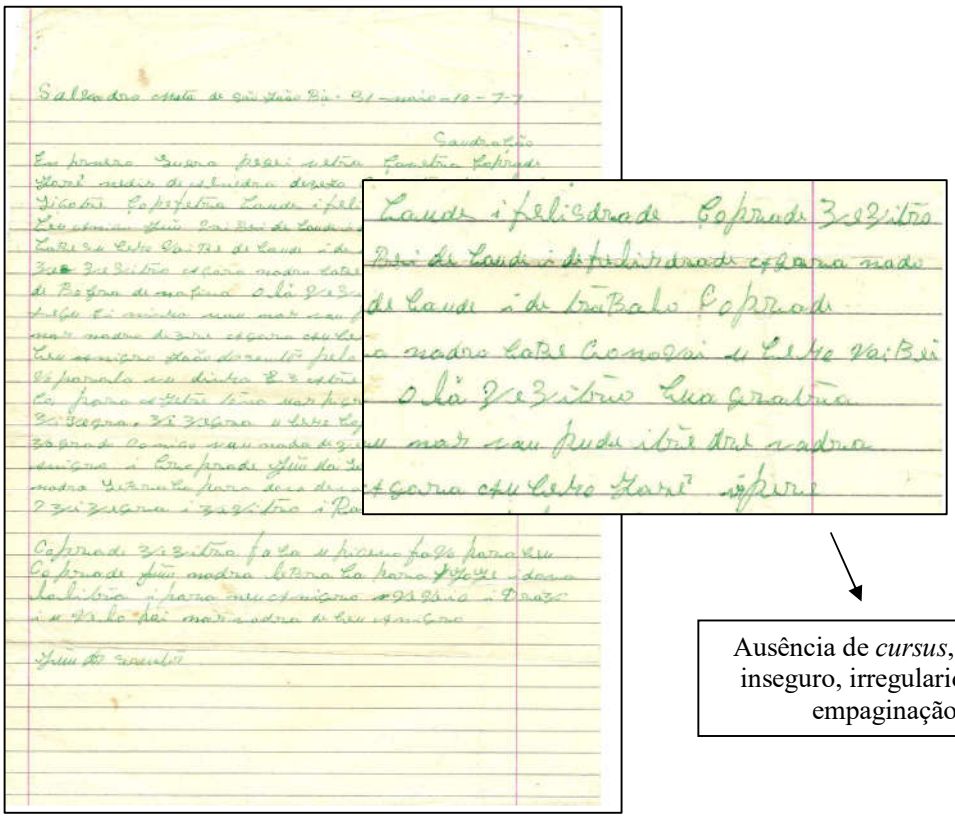
Figura 16 – Fac-símile da carta de Antônio Fortunato (AFS-20)



Ausência de *cursus*, traçado inseguro, aparência desenquadada das letras, rigidez e falta de leveza ao conjunto.

Fonte: CE-DOHS.

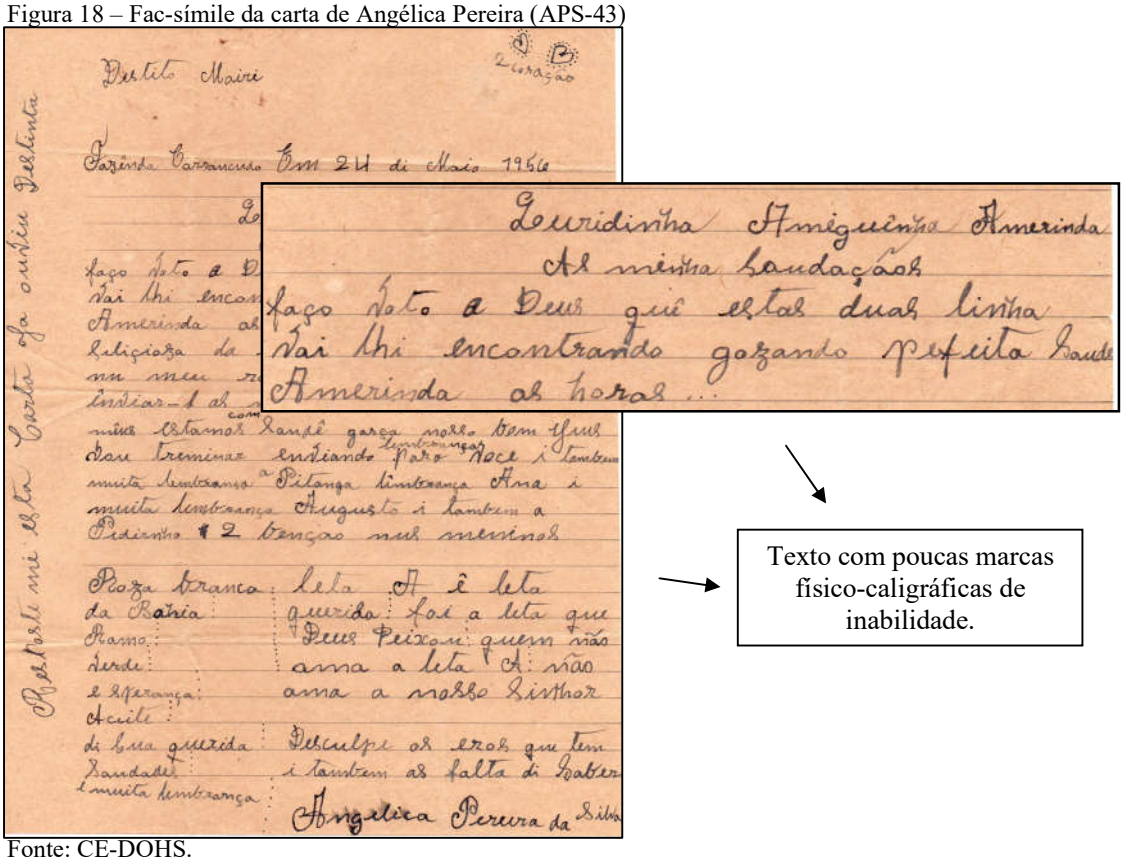
Figura 17 – Fac-símile da carta de João dos Santos (JS-62)



Ausência de *cursus*, traçado inseguro, irregularidade da empaginação.

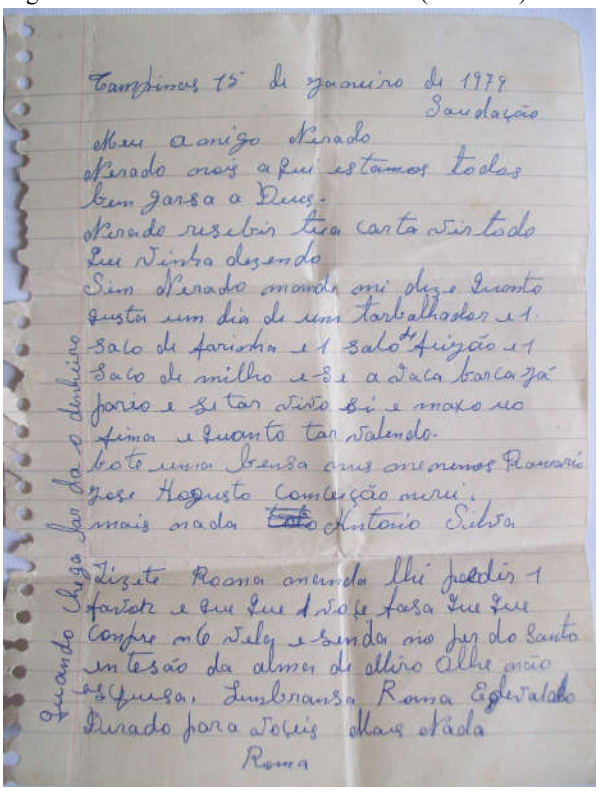
Fonte: CE-DOHS.

Figura 18 – Fac-símile da carta de Angélica Pereira (APS-43)



Fonte: CE-DOHS.

Figura 19 – Fac-símile da carta de Roma (ROM-73)



Fonte: CE-DOHS.

Assim como AFS, redator de 26 das cartas que compõe o *corpus*, e JS, outros redatores manifestam uma expressiva quantidade de dados referentes à dimensão da *escriptualidade*, em coocorrência com a escrita fonética e também com outros aspectos, pois os que apresentam muitos dados de *escriptualidade*, geralmente evidenciam inabilidade em outras dimensões[60]. Os redatores VAN, LA, JMA, AOL, AO, VO, MBS, JO e MC são, também, exemplos que apresentam uma escrita em um nível de inabilidade maior que os demais, como se demonstra, no Quadro 6, no fim desta seção.

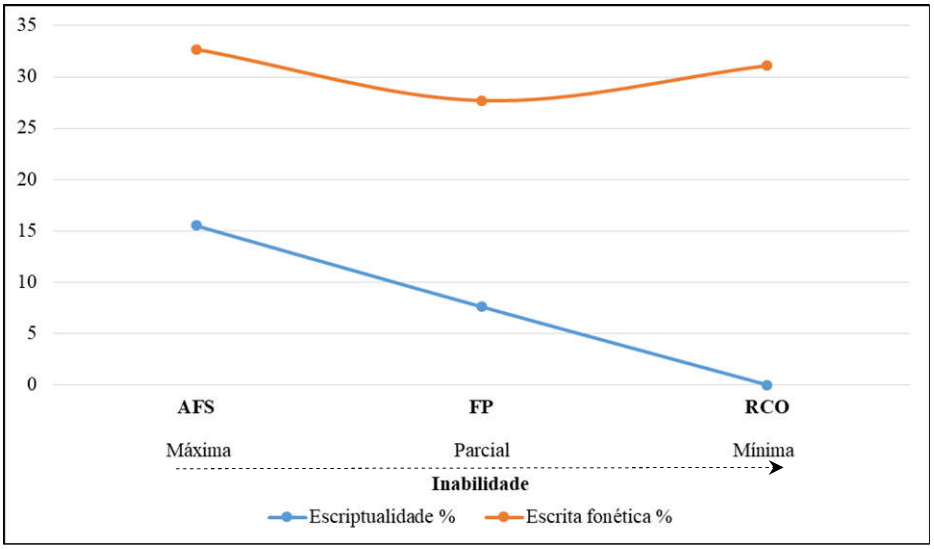
5.1.4 SÍNTESE

Os aspectos referentes à dimensão da *escriptualidade* são determinantes para definir a inabilidade dos redatores, seja em sincronias anteriores, seja em relação aos manuscritos do século XX, quando já há uma ortografia padrão. A combinação desses aspectos com a escrita fonética permite concluir que:

a) em todas as cartas em que há inversões, omissões e/ou acréscimos de /r/, /l/ e /s/, há também uma ocorrência expressiva de índices grafofonéticos;
b) a maior quantidade de dados relacionados à *escriptualidade*, em coocorrência com os índices grafofonéticos, é determinante para caracterizar uma maior inabilidade com a escrita, como ilustra o gráfico a seguir, em que se comparam os dados correspondentes a três dos redatores:

[60] A quantidade de dados por redator é apresentada no Apêndice E.

Figura 20 – Exemplo de contínuo de inabilidade com dados de *escriptualidade* e índices grafofonéticos



Fonte: elaborado pela autora.

c) as marcas de inabilidade no nível físico-caligráfico podem coincidir com as dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética – e no *corpus* são vários os textos que apresentam essa combinação –, mas nem sempre isso ocorre, pois há redatores que demonstram maior habilidade motora (as três cartas escritas por Firmina Petornilha (FP-78, 79, 80) são exemplo disso), e seus textos apresentam muitos dados de *escriptualidade*, além de índices grafofonéticos.

No próximo item, será observado como a dimensão da pontuação pode ser acrescida às dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, no reconhecimento do nível de inabilidade do redator.

5.2 A DIMENSÃO DA PONTUAÇÃO

A dificuldade em usar os sinais gráficos é caracterizada por Barbosa (2017) pelo uso de um elenco reduzido de sinais, quase unicamente o ponto e a vírgula, e sem variedade ao marcar funções sintático-discursivas como, por exemplo, indicar intercalações. O autor exemplifica uma gradiência entre inábeis e hábeis elementares, a partir do século XIX, com a inversão de orações circunstanciais: “Do praticamente zero de uso no inábil e aumentando em progressão tanto em uso, quanto em sua marcação visual por vírgula, a inversão cresce no hábil elementar e continua a crescer conforme sobe o grau de letramento dos redatores”

(BARBOSA, 2017, p. 25). Para os manuscritos dos sertanejos, no século XX, as inversões de orações não são tão frequentes, e a gradiência, dentro do contínuo de inabilidade, pode ser construída com a verificação dos textos que apresentam ausência total de sinais, um uso reduzido e/ou um uso em desacordo com o sistema de pontuação convencional.

Essa é uma dimensão ainda não muito explorada em *corpora* históricos, no que se refere a sua relação com as *mãos inábeis*. Ressalta-se que, assim como ocorre com o plano da escrita fonética, a depender da época em que o texto foi produzido, a pontuação não deve ser considerada da mesma forma; para sincronias anteriores a uma maior normativização da escrita, por exemplo, deve-se reconhecer a possibilidade de variação, com tendências determinadas mais pela prosódia ou mais pela sintaxe.

5.2.1 Estudos sobre pontuação em textos antigos e em dados de aquisição da escrita

No texto *A pontuação em manuscritos medievais portugueses e em livros impressos na primeira metade do século XVI em Portugal*, Mattos e Silva (2008b) apresenta alguns estudos, no âmbito da língua portuguesa, que tratam da pontuação em *corpora* históricos. Sobre a pontuação em manuscritos medievais, a autora comenta o trabalho de Azevedo Ferreira, de 1987 (um estudo a partir do Foro Real de Afonso X); o de Ana Maria Martins, de 1986 (que tem como *corpus* o códice alcobacense CCLXVI); o da própria Mattos e Silva, de 1993 (a partir do fólio 78 da versão do século XIV dos *Diálogos de São Gregório* e a *Vida de Santo Aleixo*, nos códices alcobacenses 36 e 266), e a dissertação de mestrado de Machado Filho, de 1999, baseada em *corpus* abrangente, como ela destaca (o *corpus* constituído pelo autor é composto por três versões do *Diálogo de São Gregório*; o *Livro das Aves*; duas versões do *Testamento de Afonso II*, e um *Flos Sanctorum*). Sobre a pontuação em impressos na primeira metade do século XVI, a ênfase é para o trabalho de Maria Carlota Rosa, de 1994 (utiliza como *corpus* obras impressas, em prosa e em português, por Valetim Fernandes); o de Machado Filho, de 2001, que analisa os *preceitos* de João de Barros em relação ao uso da pontuação; e o de Eliete Oliveira Santos, de 2001, sobre a pontuação na Carta de Caminha.

Dentre esses estudos, destacam-se aqui os resultados da dissertação de mestrado de Machado Filho, apresentados na obra *A pontuação em manuscritos medievais portugueses* (MACHADO FILHO, 2004). O pesquisador objetivou conhecer os elementos linguísticos que interferiam e condicionavam o uso da pontuação em manuscritos da primeira fase do período arcaico da língua portuguesa, assim como demonstrar as possíveis relações entre os elementos

identificados e sua regularidade de uso, a partir de uma amostra representativa. São descritas, minuciosamente, as ocorrências de cada sinal presente nos manuscritos, demostrando as possíveis correlações com a pontuação moderna e atestando similaridades ou constâncias entre os manuscritos da mesma sincronia.

Uma das discussões desenvolvidas por Machado Filho (2004) é motivada pelas hipóteses assumidas em diversos estudos acerca do fenômeno, que percebem a pontuação como uma propriedade diretamente relacionada à língua escrita, sem relação com a fala, privilegiando a tendência lógico-gramatical. De forma diferente, o autor propõe que os sinais de pontuação se situam no *limbo* das duas modalidades, "[...] ora servindo como elemento funcional às necessidades de expressão da escrita, ora procurando representar características moduladoras da expressão oral" (MACHADO FILHO, 2004, p. 40). Nessa mesma direção, a análise empreendida pelo autor o fez concluir que a pontuação medieval reflete tanto as características sintáticas da escrita, em um uso lógico-gramatical, quanto os aspectos prosódicos da língua oral.

Diferente do que ocorre nos textos antigos, em que pode haver essas motivações, sejam baseadas na prosódia ou nos critérios lógico-gramaticais, no caso dos redatores em fase inicial de aquisição da escrita, o uso de sinais de pontuação nos manuscritos pode ser reflexo de uma exposição ocasional às marcas específicas da escrita, e a ausência dos sinais pode indicar um maior distanciamento aos modelos convencionais da escrita, como será discutido adiante. Fayol (2014), ao tratar das características linguísticas da escrita, comenta sobre a dificuldade de se definir as unidades gráficas: "A palavra aparece entre dois brancos. A frase começa com uma maiúscula e termina com um ponto final". No entanto, pelo "[...] nosso contato precoce e prolongado com o impresso, elas [as unidades gráficas] nos parecem 'naturais'" (FAYOL, 2014, p. 23). Para os redatores que não tiveram esse contato intenso, uma falta de naturalidade pode ser percebida através de um uso não convencional da pontuação, assim como na dificuldade de segmentação gráfica e na organização do formato gráfico do texto, de modo geral.

Na perspectiva dos estudos sobre aquisição da escrita, Rocha (1996, 2012) analisou o uso da pontuação por crianças de séries iniciais, verificando os critérios que parecem motivar o modo de pontuar, principalmente, os que se relacionam à concepção gráfico-espacial e à concepção prosódico-discursiva. Para a autora, o domínio da pontuação ocorre paralelamente ao domínio do formato gráfico do texto, assim como da percepção das pausas e do ritmo da fala.

Kato (2002) verificou, em textos infantis, longitudinalmente, as redações produzidas por uma criança durante as quatro primeiras séries do primeiro grau, objetivando identificar as estratégias que ela utilizou para obter um texto coerente e coeso. A autora observa que a criança usa a pontuação como uma das estratégias para segmentar o texto em unidades menores, garantindo a coesão e a coerência, a partir da hipótese de que, desde o início, a criança tem a concepção de que o texto é uma unidade formal e conceptual.

Também em uma perspectiva longitudinal, Cardoso (2002) apresenta um amplo estudo sobre a pontuação, como parte da pesquisa que tem como um dos objetivos "[...] explicitar alguns mecanismos de textualização que aparecem em textos narrativos escritos", a partir da análise de duas unidades linguísticas: a pontuação e os organizadores textuais (CARDOSO, 2002, p. 110). A hipótese assumida é a de que essas unidades se constituem em indicadores da organização temática e sequencial dos textos, cuja apreensão traduz formas de planejamento cada vez mais sofisticadas. O *corpus* utilizado pela pesquisadora é constituído por 97 textos narrativos correspondentes aos quatro anos de escolarização das catorze crianças envolvidas na pesquisa. Cardoso (2002, p. 120) observou que as crianças começam muito cedo a usar os sinais de pontuação: "De modo tateante, nem sempre formalmente correto, aparece, nos textos iniciais, sobretudo o ponto final". Comparando os usos em textos das quatro séries iniciais, percebeu que, na medida em que o processo de escolarização avança, aumentam, nos textos, os tipos e a quantidade de marcas de pontuação.

Com o intuito de discutir a representação feita pelas crianças da relação entre fala e escrita, Abaurre (2002) afirma que os aspectos convencionais da escrita são, desde cedo, incorporados, o que pode ser explicado pelo forte apelo social das atividades de escrita e leitura: "[...] se é verdade que, em alguns momentos, por trás das hipóteses de escrita está a fala, [...] é também verdade que ela [a criança] já incorpora em muitos outros momentos as marcas específicas dessa escrita que está sendo chamada a contemplar" (ABAURRE, 2002, p. 137).

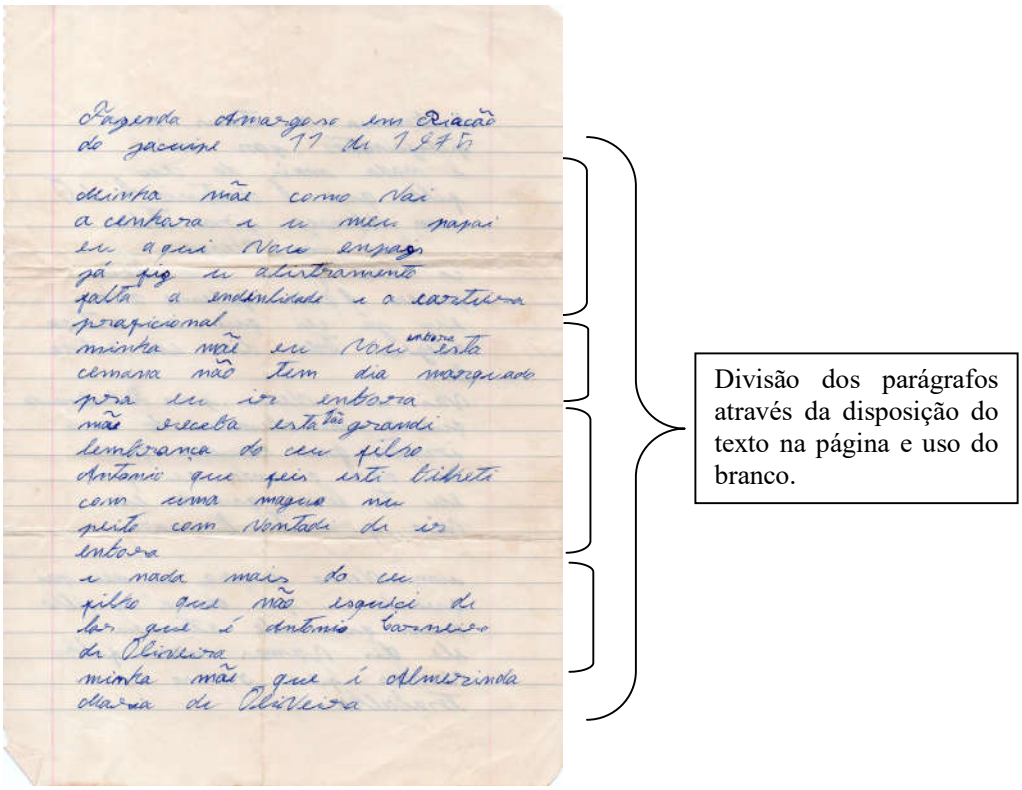
A presença da pontuação nos textos de redatores adultos, estacionados em fase inicial de aquisição, pode, como nos textos infantis, ser motivada por hipóteses construídas pelo próprio contato, ainda que incipiente, com as marcas da escrita.

5.2.2 A PONTUAÇÃO NAS CARTAS DOS SERTANEJOS

Dos 53 redatores sertanejos, 25 não usaram sinais de pontuação em todas as cartas ou

em algumas das que escreveram[61]. Do total de 131 manuscritos, há 63 em que **não foram usados sinais**. Isso não significa que, em algumas dessas cartas, não haja outros recursos que podem indicar uma intenção de pontuar, como a disposição dos parágrafos, o uso da maiúscula e os espaços em branco, que podem ser considerados como marcas pontuacionais[62]. Na carta de ACO, na Figura 21, por exemplo, mesmo sem a presença dos pontos, a disposição do texto na página indica a divisão dos parágrafos. Diferente das cartas de MCO, que não apresentam nem mesmo espaços para sugerir uma pontuação; a redatora apenas separa a saudação inicial, como ilustrado na Figura 22. Quando a ausência de sinal coincide com a pouca organização gráfica do texto, isso pode indicar uma maior dificuldade com a representação do texto escrito[63].

Figura 21 – Fac-símile de carta sem sinais de pontuação (ACO-44)



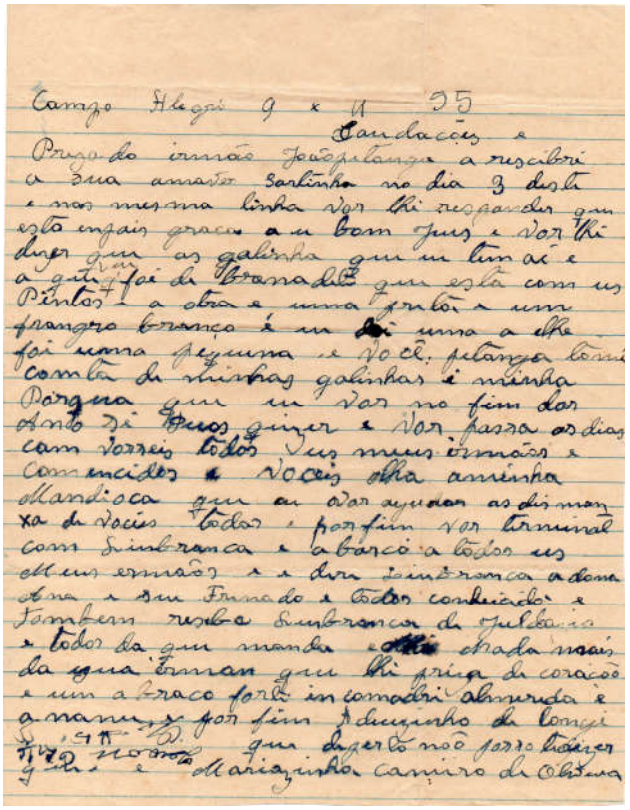
Fonte: CE-DOHS.

[61] Foram desconsiderados os casos de uso da vírgula na escrita de números ("outra por| 200,00 cruzeiro uma sendo Nova| e outra já uzada" (JOM-30); "Vai 10,000 cruzeiro| da otra que Veio|" (ZSS-53)) e dos poucos casos de uso do ponto para abreviar palavras ("amigor p. Compadi" (AFS-4); "Jacob de O. Matos" (SFS-30)).

[62] Ao analisar a pontuação nos *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, Telles e Souza (2017) identificam, além dos sinais de pontuação, o uso de "marcas pontuacionais", como os marcadores discursivos e as maiúsculas.

[63] Cardoso (2002, p. 128) verificou, na escrita infantil, um número significativo de textos, "[...] sobretudo, mas não exclusivamente, nos meses iniciais da 1ª série, que aparecem sem nenhuma marca de pontuação". Segundo a autora, ainda na 1ª série, a grande maioria dos textos apresenta, pelo menos, um sinal de pontuação.

Figura 22 – Fac-símile de carta sem sinais de pontuação (MC-37)



Texto sem divisão de períodos e parágrafos.

Fonte: CE-DOHS.

Dentre os redatores que não usaram sinais de pontuação estão aqueles que apresentam uma quantidade significativa de dados correspondentes às dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, como os redatores dos manuscritos ilustrados nas Figuras 21 e 22. Alguns de seus textos ainda evidenciam esse pouco domínio do formato gráfico do texto, como a carta de MCO, assim como observou Rocha (1996), para os dados da escrita infantil. No entanto, apenas a ausência de pontuação não é suficiente para caracterização de um grau maior de inabilidade. Algumas das cartas que não apresentam sinais foram escritas por redatores que não estão entre aqueles que podem ser considerados como mais inábeis, como ZBO (Carta 52), ZSS (Carta 53) e BMO (Carta 91), já que não apresentam uma quantidade significativa de dados nas dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética. A seguir, a distribuição dos redatores em relação ao uso dos sinais[64].

[64] No Quadro 4, não foram considerados os casos de redatores que usaram a divisão de parágrafos para pontuar.

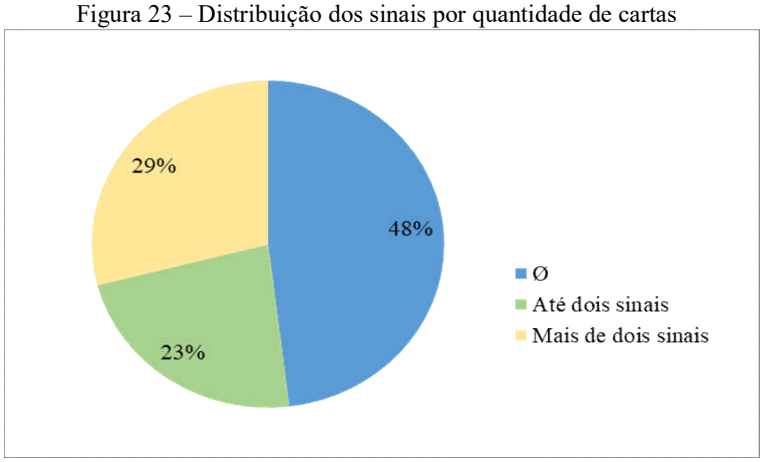
Quadro 4 – Distribuição dos redatores em relação ao uso de sinais de pontuação

Ø		**Até dois sinais**		**Mais de dois sinais**	
Redatores	N. das Cartas	Redatores	N. das Cartas	Redatores	N. das Cartas
RCO	39	ASC	63	AHC	54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61
AFS	3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 15, 20, 21, 22, 24, 25, 45	AFS	1, 2, 9, 11, 16, 17, 18	AFS	14, 19, 23
BMO	91	APS	43	AML	81
FJO	26	AOL	72	APC	83
FP	78, 79, 80	IZA	87	DCS	69
GOR	27, 28, 29	JCO	31	DCO	46, 99, 100, 101, 102
ICO	48	JS	62	FPS	47
JOM	30	JPC	82	IPO	89
JSS	88	LFO	32	MMO	76
JJO	49	LM	75	MDC	84
JMA	64, 65	NIN	51, 107	ML	77
JMS	66, 67, 68	VAN	86	RAC	85, 90
MCO	33, 34, 35	JL	114	ROM	73
MC	36, 37, 50	VO	113	SFS	40
NIN	38, 108	TB	109, 110	ZLS	70, 71
ACO	44, 97, 127	ACO	95, 96	ACO	94, 98
SFS	41, 42	IC	105	IC	103, 104
ZBO	52, 118, 124, 125, 130	ZBO	115, 116, 119, 123	ZBO	117, 131
ZJS	74	-	-	LA	120
ZSS	53	-	-	MNO	121
AO	92, 93, 126	-	-	-	-
MAO	106	-	-	-	-
VO	111, 112, 129	-	-	-	-
MBS	122	-	-	-	-
JO	128	-	-	-	-

Fonte: elaboração própria.

O **pouco uso da pontuação** é percebido nos textos em que há apenas um sinal (em 20 cartas isso ocorre) ou dois (10 cartas). Essa distribuição do uso de sinais no *corpus* pode ser melhor observada no gráfico a seguir:

Figura 23 – Distribuição dos sinais por quantidade de cartas



Fonte: elaboração própria.

Comportamento semelhante ao dos sertanejos, em relação ao não uso dos sinais de pontuação, pode ser notado em algumas atas do século XIX, editadas por Oliveira (2006). Mesmo que ainda não tenha sido realizada uma análise sistemática da pontuação nessas atas, uma breve observação de alguns textos permite perceber que algumas *mãos*, como a do africano Manuel da Conceição (redator de duas atas), não usaram sinais ou outros recursos para pontuar. A seguir, a transcrição de um dos textos redigidos por Manuel da Conceição, datado de 2 de maio de 1841:

o dia da Reuniaõ 2 de Majo de 1841
Sobre o Altigo 38 e 39 q*ue* Aparicendo deste
dia p*o*r diente areprezentacaõ daComm-
icaõ a Ilustre Meza p*ar*a Despacha
o Requirimento da Deuocaõ Comadata
do dia 20 de Abril do Corente an no
Protes tou q*ue* todá q*ua*l q*ue*r falta doIr*mã*o
que deze zaõ entar e dos Ir*mã*o q*ue* pederem
asua dimisaõ p*o*r Cauza d*o* Compemen-
to do Art*i*go aSima de Clarado naõ
aparicendo apena neste Artr*i*go que
aILustre Miza athe areforma do-
nosso Compremisio Igiga do Mencaes
da Deuocaõ as murta q*ue* os Ir*mã*o tiuerem
de Comprir pagar elle ficara res-
ponca vel pella as fatas do andam*en*to
des ta de uo caõ Visto negar o despaxo
q*ue* a Commicaõ emViov emNome da De-
uocaõ ev q*ue* fis easiner Manoel da Com*cei*cam

(OLIVEIRA, 2006, p. 518)

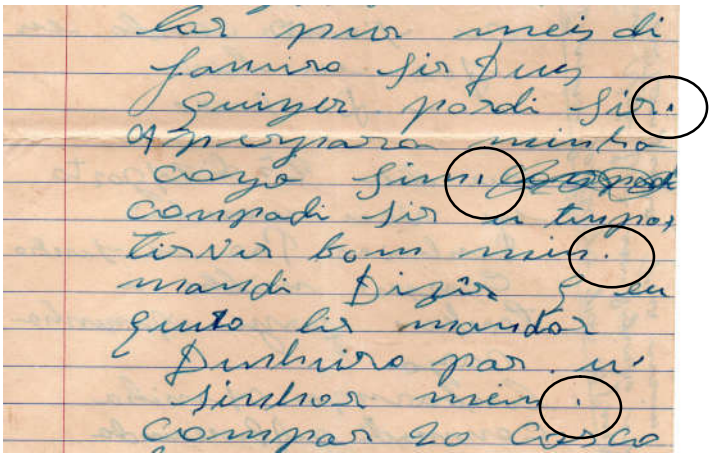
Nessa ata, a ausência da pontuação coincide com a presença de dados das dimensões da *escriptualidade* (como *Compemento* por *cumprimento*) e da escrita fonética (como ***Al**tigo* por *artigo*; *Compr**e**mis**io*** por *compromisso* e *mu**r**ta* por *multa*), além de vários casos

correspondentes à dimensão da segmentação gráfica (como em *Protes tou* por *protestou*, *de Clarado* por *declarado*).

Nas cartas do século XX, mesmo naquelas em que há mais de dois sinais, no geral, não há variedade de tipos: predominam o ponto e a vírgula, muitas vezes em um uso não convencional, e, raramente, são registrados os pontos de interrogação e de exclamação, os dois pontos e as reticências, que também ocorrem em usos distantes da convenção. Alguns parecem se basear no critério gráfico-visual, semelhante ao que observa Rocha (1996) na escrita infantil, ao defender a ideia de que a organização gráfica do texto e a pontuação se desenvolvem paralelamente. As crianças, segundo a autora, marcam primeiro os limites externos do texto, mais visíveis, como final de texto e de parágrafos, depois é que focalizam o detalhamento interno, como frases e partes de frases.

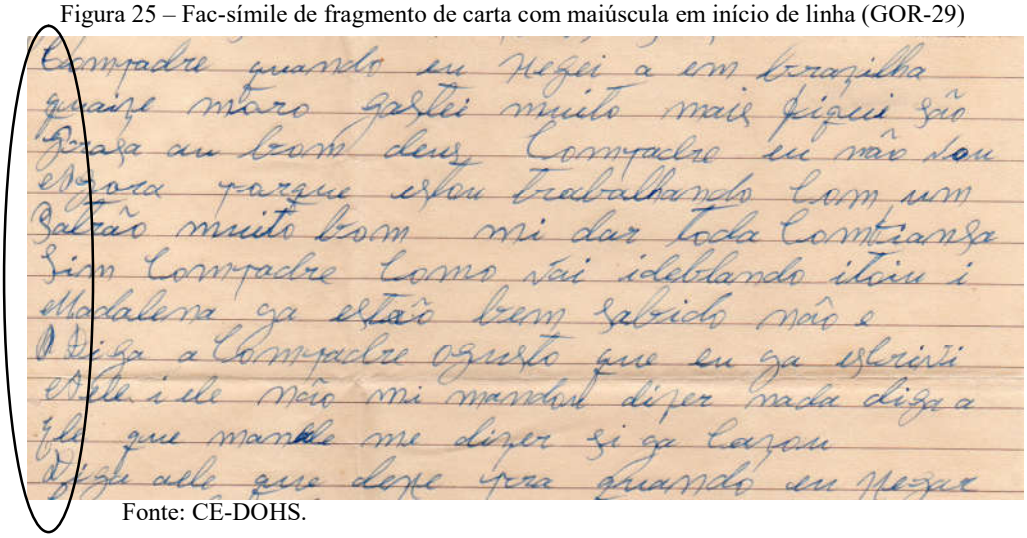
Em várias cartas, os redatores demonstram dificuldade em estabelecer esses limites e parecem se basear nas experiências anteriores com a escrita: o ponto é usado para marcar o fim de linha, enquanto que a maiúscula é frequente no início da linha. Ocorrências como essas foram analisadas por Kato (2002), ao verificar as estratégias usadas por uma criança para pontuar um texto. E considerou como primeira a estratégia que chama de “espacial”, que consiste justamente no uso do ponto final em cada fim de linha, o que, segundo ela, pode ser uma reminiscência do treinamento escolar de escrever frases, quase sempre do comprimento de uma linha. É a recuperação do lugar espacial do ponto, em lugar de sua função. A escrita dos adultos em fase de aquisição também apresenta essa estratégia, sinal de que elaboraram hipóteses a partir de marcas específicas da própria escrita a que tiveram um contato incipiente. Em algumas cartas, o ponto é usado no fim da linha, ainda que não coincida com o fim do período ou do parágrafo, como exemplifica o fragmento da carta de AFS, na Figura 24; em outros casos, há redatores que iniciam cada linha com a maiúscula, mesmo que não seja o início do período ou do parágrafo, como faz GOR, em texto ilustrado na Figura 25:

Figura 24 – Fac-símile de fragmento de carta com pontuação em fim de linha (AFS-14)



Fonte: CE-DOHS.

Figura 25 – Fac-símile de fragmento de carta com maiúscula em início de linha (GOR-29)



Fonte: CE-DOHS.

Em relação ao ponto, além desse uso não convencional, em fim de linha, ocorre o uso entre duas palavras, em sequências que não correspondem a unidades sintáticas, apenas preenchendo o espaço em branco.

(05) eu farso esta Duas| linha solmenti **.** lida| A miha notis ca (AFS-9)

(06) Dinheiro par**.** u | sinhor min.| compar 20 casco| di milho par**.** mim| (AFS-14)

(07) Venho por meio desta atrevidas.| Linhas**.** pedir-lhi á mão de vossa.| Filha Maria Inez: á cazamento.| para o laço do mat[.]imonio**.** so ella (APC-83)

Rocha (1996, p. 4), ao verificar que muitas crianças preferem inserir pontos entre palavras que deixar espaços, comenta que "[...] deixar espaços é um procedimento altamente abstrato para a criança manejar". O ponto no lugar do branco pode ser uma tentativa, no caso do redator dos exemplos (05) e (06), para lidar com a segmentação gráfica, já que também

manifesta muitos dados de irregularidade envolvendo essa dimensão, com casos de hipersegmentação e hipossegmentação, como será comentado adiante.

O uso de vírgulas está concentrado em poucas *mãos*: Ana Helena (9 ocorrências nas 8 cartas); Antônio Fortunato (1 ocorrência nas 26 cartas); Raimundo Adilson (7 ocorrências em 2 cartas); Antônio Marcellino (3 ocorrências em 1 carta); Antônio Pinheiro (1 ocorrência em 1 carta), Izaque (2 ocorrências em 1 carta), Izaura (1 ocorrência em 1 carta), Margarida (1 ocorrência em 1 carta), Maria Lúcia (5 ocorrências em 1 carta). Desses usos, em dez casos a vírgula foi usada no lugar do hífen, nas datas, como em: "03, 02, 83| Querida Dalva|" (RAC-85); "Fazenda Cabana 6,6,77 Ichù Bahía|" (AHC-57). Nos mesmos textos em que a vírgula foi usada adequadamente, há sua ausência em espaços em que seria necessária, de acordo com a convenção; como no exemplo (08), extraído na carta de Maria Lúcia, que usa a vírgula para separar termos coordenados, porém, na mesma sequência, deixa de usá-la, e, em seguida, coloca um ponto no lugar da vírgula.

(08) lembrança minha**,** José**,** Valdo**,**| Vânia Cérgio Nem Vam-Vam| C*omadre* Maria**,** Com*padre* David. Zome Nem (ML-77)

O ponto de interrogação foi identificado em 11 ocorrências, no conjunto das 131 cartas: seis com um uso convencional (Cartas 51, 89, 99, 102, 104 (2 ocorr.)) e cinco que não ocorrem em contexto interrogativo (Cartas 54 (2 ocorr.), 103, 110, 115). Os dois pontos de interrogação no final da carta 54 parecem apenas indicar uma ênfase:

(09) [...] Querido fiquem bastante alege| recebe a Sua carta consigo| asim ti amando Querido Ti amo| amor**?**| Nada mais da Sua| Querida Tá o que|
Ana Helena Cordeiro de Santana|
páz é amor**?!**| (AHC-54)

As sentenças interrogativas, presentes nas cartas, de modo geral, só podem ser assim identificadas pelo contexto, pois não há o uso do sinal de interrogação, como em (10) e (11):

(10) [...] irman nanu como vai de caudi eu| vor indo como formi deus e civido| (MC-50)

(11) [...] prezada amiga elena boã tarde| como passou daqueli dia para| car passou bem olhe elena eu pasei| muito bem (BMO-91)

Há dez pontos de exclamações concentrados em três cartas. Em uma dessas, escrita por Antônio Pinheiro, o uso de três exclamações coincide com um uso exagerado de outros sinais, em um texto de pequena extensão (são 17 sinais na Carta 83):

(12) [...] so ella É q*ue* poude conçagrá o meu amôr**!**| Para reconheçer á verdade: que eu dela-| já estou certo. espero em Deus á| Nossa feliçidade juntamente á| Vossa familha**!**... e sempre as| Ordens [...] (APC-83)

Os dois pontos são registrados oito vezes, em seis textos. Mais uma vez, o uso exagerado é na carta de Antônio Pinheiro, que apresenta três sinais de dois pontos. Os demais casos também não se aproximam de um uso mais convencional: nos exemplos (13) e (14), a motivação parece ser prosódica, e no (15) pode estar indicando ênfase à expressão seguinte.

(13) u sinhor dar| Lembrança a Pedro e a Françisca e a Augusto| mais tatá**:** Lembrança a meus tio todos| aseite u meu a deuzinho de longe (JCO-31)

(14) que a vijem santiszima derramais la du| alto seu as maiores felicidades sobre a ti i todos| que ti sercam**:** então meu queridinho como passas bem| (SFS-40)

(15) Comadi fasso| tenção de i lá breve se**:** Deus quizer sim| comadi Merie comadi Zulmira t teve criança| (NIN-51)

Das doze reticências, nove são identificadas em apenas uma das cartas de Salomão Fortunato (ele escreveu três cartas) – algumas registradas com apenas dois pontos em lugar de três, como em (16). Novamente, um uso exagerado, que pode ser influência de certa sensibilidade às marcas de prestígio do sistema de escrita[65].

(16) O finalizo abrasando todos du Amiguinho | sincerio**...** sim Pitanga eu estava fazendo tenção| di ir la nu meis di Outubro mais eu não poso que| estou fazendos rosa**...** qui eu ainda não comprei| trera **...** eu faso tensão di ir la nu meis di janeiro [...] para esmerinda dar a ela i 1 apreto| di mão**..** lembranca a Anna i angelica manda| lembranca para esmerinda i todos**..** i Filomena emvia| lembrança (SFS-40)

Na Tabela 11, a seguir, apresenta-se, de modo geral, a quantidade de sinais usados por cada redator:

[65] Analisando a presença das reticências na escrita infantil, identificadas em uma etapa mais avançada do processo de escolarização, Cardoso (2002, p. 145) comenta que esse é um traço de um planejamento textual "mais sofisticado". Com o uso das reticências, o enunciador "[...] sugere interrupção da fala, continuidade, surpresa, dúvida".

Tabela 11 – Distribuição dos sinais de pontuação por redator

Remetentes	Sinais							
	.	;	,	?	!	:	...	Nº de cartas escritas
ACO	9							7
AFS	28		1					26
AHC	45		12	2	2			8
AML	2		3					1
AOL	1							1
APC	9		1		3	3	1	1
APS	1						1	1
ASC	2							1
DCO	19			2		1		5
DCS	4							1
FPS	2				4		1	1
IC	9			3				3
IPO	4		2	1				1
IZA	1		1					1
JCO						1		1
JL	1							1
JPC	1							1
JS	1							1
LA	5							1
LFO	1							1
LM	2							1
MDC	12							1
ML	6		5					1
MMO	4	2	1					1
MNO	5							1
NIN	1			1		1		4
RAC	11		7					2
ROM	4							1
SFS						1	9	3
TB	1			1				2
VAN	1							1
VO	1							4
ZBO	10			1		1		11
ZLS	7							2
Total	210	2	33	11	9	8	12	-

Fonte: elaboração própria.

5.2.3 SÍNTESE

A análise da dimensão da pontuação, nas cartas dos sertanejos, permite constatar que, na escrita inábil do século XX, predomina a ausência ou o pouco uso da pontuação, de modo que:

a) os redatores mais inábeis não usam sinais de pontuação em seus textos: nas cartas em que há muitos dados correspondentes às dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, também consta o zero de uso de sinais;
b) a pontuação não é um aspecto determinante para caracterizar a escrita inábil, considerando que em textos de redatores com um nível de inabilidade menor, também se verifica a ausência de sinais;
c) a ausência da pontuação, ainda que não seja uma característica determinante, é uma marca identificada na escrita inábil de outras épocas, como em textos produzidos por africanos no século XIX.
d) alguns redatores exploram os sinais de pontuação tentando se aproximar de uma convencionalidade, mas como não dispõem de conhecimento suficiente sobre o conjunto dos recursos que organizam a escrita, incorrem em um uso não convencional desses sinais. Esse uso pode ser, portanto, reflexo da exposição ocasional às marcas da escrita, da construção de hipóteses motivadas por essa exposição;
e) assim como na escrita infantil, alguns redatores baseiam-se no critério gráfico-visual: marcam mais os limites externos ao texto, ao parágrafo, em relação ao detalhamento interno, como frases e partes de frases. Em muitas cartas, a ausência de sinais coincide com a falta de organização gráfica do texto e com a segmentação irregular.

No próximo item, verifica-se como a repetição, nos textos escritos, pode colaborar para caraterização da identificação da inabilidade do redator.

5.3 A REPETIÇÃO DE VOCÁBULOS

De acordo com Barbosa (2017, p. 25), a repetição de vocábulos em sequência na mesma sentença ou em sentenças subsequentes é um "[...] sinal objetivo ligado em direto à oralidade" e pode ser o reflexo "[...] da busca de uma riqueza lexical não apreendida no

contato com textos modelares da cultura escrita de sua época". Essa repetição não é aquela com os "termos lado a lado", ou seja, não são os lapsos próprios da cópia em mais de uma via[66].

Em algumas cartas, a presença excessiva da repetição, com características próximas às dos usos da oralidade, é mais um indício de que são textos espontâneos, sem planejamento e revisão. O que se tem é a primeira versão de uma escrita ao "calor da hora". Considerando a possibilidade de um contínuo, essa dimensão coincide, na escrita dos mais inábeis, com outras características, como os aspectos relacionados à *escriptualidade*; a presença da escrita fonética, e a pouca habilidade no plano motor e na organização gráfica do texto, o que pode indicar um maior distanciamento aos modelos da escrita convencional.

5.3.1 ALGUNS ESTUDOS SOBRE REPETIÇÃO

Na escrita, a presença da repetição – com outras funções e em menor proporção que na modalidade oral – é uma estratégia que pode contribuir para a textualidade (ANTUNES, 2005)[67]. Na oralidade, segundo Marcuschi (1996, p. 97), essa é uma das estratégias de formulação textual mais presentes, e consiste na "[...] produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo". O "segmento discursivo" designa, conforme o autor, qualquer produção linguística da oralidade, seja um segmento fonológico, uma unidade lexical, um sintagma ou uma oração. Sob esse ponto de vista, de acordo com o segmento repetido, as repetições podem ser: fonológicas, morfológicas, lexicais, sintagmáticas e oracionais[68].

A análise das funções da repetição na oralidade permite, de acordo com Marcuschi (1996), constatar que o texto falado progride e se constitui localmente, on-line. Segundo ele, a presença da repetição na superfície do texto falado é alta, já que, em média, a cada cinco palavras, uma é repetida, enquanto que "[...] na escrita, com a possibilidade de revisão e editoração, com apagamentos sucessivos, só se obtém a versão final, diminuindo a presença da repetição" (MARCUSCHI, 1996, p. 95). Nesse mesmo sentido, Fávero et al. (2012, p. 34), ao tratar dos fatores de coesão e coerência na fala, afirmam que "[...] a alta incidência de

[66] Telles e Lose (2010, p. 113) incluem essas repetições (com os "termos lado a lado") entre os "erros óbvios (ou *lapsus calami*)" que podem ser motivados a partir da *escripta* do documento.

[67] A repetição é considerada por Antunes (2005, p. 51) como um procedimento de uma das relações textuais de coesão, a reiteração. Como procedimento coesivo, a repetição envolve os seguintes recursos: *paráfrase*, *paralelismo* e *repetição propriamente dita*.

[68] No âmbito dos estudos da língua falada, Castilho (1997) situa, teoricamente, a busca em torno dos processos constitutivos da língua falada e apresenta o fenômeno da repetição como processo cognitivo de *reativação* de itens lexicais, com consequências para um dos caminhos da gramaticalização, a sintaticização.

repetições no texto falado é perceptível com facilidade e favorece a coesão, além de contribuir para a organização tópica".

Em textos escritos em que predomina a espontaneidade, sem um planejamento global, refletindo condições de produção ligadas ao tempo real, os segmentos repetidos podem expressar funções semelhantes àquelas da fala. Isso pode ser notado na escrita de indivíduos em fase de aquisição do código escrito, seja em textos infantis, como demonstra o trabalho de Dutra (2003), com redações escolares, ou em textos históricos, como exemplifica Marquilhas (2004), a partir de dados de cartas populares do século XVII.

Dutra (2003) analisa a repetição, incluída, pela autora, entre os princípios de organização da gramática da língua oral, como um reflexo da tentativa da criança em criar na escrita o mesmo dinamismo, a mesma fluidez e o mesmo ritmo, ou seja, as mesmas relações que, inconscientemente, aprendeu a desenvolver para o registro oral, por ter dificuldades em perceber que as regras de concatenação que operam no discurso escrito são diferentes das que operam no discurso oral. Nas redações infantis, a repetição pode, então, ter sido usada para realçar, enfatizar, ou mesmo retomar o curso dos eventos numa história, por exemplo.

Em textos históricos, esse aspecto ainda não é muito explorado, principalmente quando se trata de observar a sua relação com a questão da inabilidade em escrita. Marquilhas (2004), ao comentar que cartas populares e familiares, em contraposição às literárias e institucionais, são o testemunho linguístico mais próximo que se tem da língua oral, apresenta um exemplo de repetição de formas lexicais em cartas do século XVII, do arquivo da Inquisição portuguesa:

> (17) "Sua mãe [e] irmã, consoantes nestas **cousas**, que todas três trato nesta **cousa**". (Carta V, MARQUILHAS, 2004, p. 723).

Esse exemplo, ao lado de exemplos de outros fenômenos[69], é apresentado pela pesquisadora para demonstrar que, em amostras desse tipo, podem-se encontrar todos os fenômenos que hoje se observam ao nível do léxico, da sintaxe e do discurso oral.

A seguir, no sentido de melhor compreender algumas motivações para o uso desse fenômeno pelos redatores, serão descritos alguns casos de repetição identificados no *corpus*, tendo por base o estudo de Marcuschi (1996), em que, através de uma abordagem funcional, esse autor identifica funções básicas para as repetições da oralidade: no plano da composição

[69] Além da repetição de formas lexicais, Marquilhas (2004, p. 723) cita e exemplifica os seguintes fenômenos: os processos de redobro, sobretudo o da recomplementação; as constantes focalizações e topicalizações; a modalidade; o recurso às interjeições, aos bordões, à deixis textual com aparente abuso de pronomes catafóricos, à deixis pessoal pela repetição da forma de tratamento do destinatário do discurso e ao tratamento informal.

do texto, há as relações de coesividade; e, no plano discursivo, as repetições colaboram para compreensão, continuidade tópica, argumentatividade e interatividade.

5.3.2 A REPETIÇÃO NAS CARTAS DOS SERTANEJOS

De modo geral, os casos de repetição no *corpus* aparecem bem distribuídos em cartas de 31 dos redatores: para cada um deles há uma média de um a três casos (exceção de AFS, com 11 dados, distribuídos em 11 cartas; VO, com 4 dados em 3 cartas; e JMS, com 7 dados, em apenas 1 carta, das 3 que escreveu). Acrescido a outras dimensões, esse é um aspecto que contribui para caracterizar uma maior inabilidade; mas não é tão decisivo, já que há textos, como a carta de JS, redator que é considerado como mais inábil, pela quantidade de dados em outras dimensões – especialmente em relação aos dados referentes à *escriptualidade* –, em que não foram identificadas muitas repetições. No Quadro 5, comparam-se alguns dados desse redator com os de JMS, cuja carta apresenta muitas repetições, mas, pela pouca presença de irregularidades na dimensão da *escriptualidade* (como os desvios na grafia de sílabas complexas com o <r>) e da habilidade motora, é considerado como parcialmente inábil.

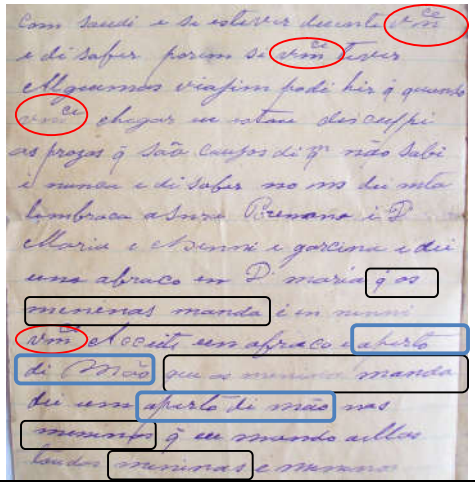
Quadro 5. Exemplos de níveis de inabilidade

Aspectos de inabilidade	**Inabilidade máxima**	**Inabilidade parcial**
	Redatores/quantidade de ocorrências	
	JS (202 palavras – 1 carta)	**JMS** (1204 palavras – 3 cartas)
Escriptualidade	34,2 %	0,9 %
Escrita fonética	19,8 %	23 %
Aspectos no plano da habilidade motora	Ausência de *cursus*, irregularidade da empaginação e letras monolíticas	--
Repetição	2 casos	7 casos (concentrados apenas na carta 66 - 499 palavras)

Fonte: elaboração própria.

Nas Figuras 26 e 27, a seguir, apresentam-se trechos da edição fac-similar e semidiplomática das cartas de JMS e JS, respectivamente:

Figura 26 – Exemplo de trecho de carta com muitos dados de repetição

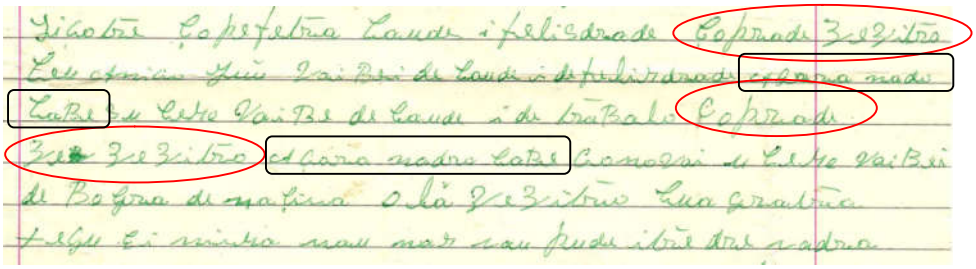


JMS - Carta 66
[fol. 2r]

com saudi e se estiver duente **vosmece**| e di saber porem si **vosmece** tiver| Algumas viajim podi hir q*ue* quando| **vosmece** chegar eu estou desculpi| as prozas q*ue* são cauzos di q*ue*m não sabi| i nunca e di saber no m*ai*s dei m*uit*a| lembraca as*enho*ra Rumana i D*ona*| Maria e Nenni e garcina e dei| um abraço em D*ona* maria **q*ue* as**| **meninas manda** i em nenni| **vosmece** Acceite um abraco e **aperto**| **di mão que as menina manda**| dei um **aperto di mão** nas| **meninas** q*ue* eu mando aellas| toudas **meninas** e meninos|

Fonte: CE-DOHS.

Figura 27 – Exemplo de trecho de carta com pouca repetição



JS - Carta 62
[fol. 1r]

Liçotre çopefetra caude i felisdrade **çoprade zezitro**| Ceu Amigo Jução vai Bei de Caude i de felisdrade **Agora mado**| **Cabe** Su Cere Vai Be de Caude i de traBalo **çoprade**| **ze[.] zezitro Agora madro caBe** comovai u cero vai Bei| de Begria de maçina o lá zezitro Cua grata| xegu ci minha nau mas vou pude [?] dri madro|

Fonte: CE-DOHS.

No trecho ilustrado na Figura 26, uma carta datada de 1906, com uma boa aparência dos aspectos caligráficos (habilidade motora), identifica-se a repetição de *vosmece* (4 vezes), palavra que aparece abreviada; da expressão *que as menina manda* (2 vezes), de modo que a palavra menina/s é registrada 4 vezes; da expressão *aperto di mão* (2 vezes) – na continuação da carta, no verso desse fólio, constam mais dois casos de *um aperto di mão* –, e a repetição do verbo dar (*dei*). No entanto, na Figura 27, o trecho de uma carta escrita no início da segunda metade do século XX (não é datada, mas foi possível fazer essa inferência pelas demais correspondências recebidas pelo mesmo destinatário), são poucas as repetições: *çoprade zezitro* (por *compadre Zezito*) e *Agora mado Cabe* (por *agora mando saber*). Além de se notar uma dificuldade motora, há um alto índice de grafias irregulares, envolvendo,

principalmente, inversão e acréscimo de <r>, como em *çopefetra* (por *com perfeita*) e *felisdrade* (por *felicidade*).

A repetição não é, portanto, uma dimensão independente e só combinada a outras irá ajudar na caracterização do nível de familiaridade dos redatores com o código escrito, assim como as que se referem à pontuação e à segmentação gráfica.

Quanto à distribuição de alguns exemplos de itens repetidos, a seguir, de acordo com as possíveis funções que estejam manifestando (baseadas nas funções que Marcuschi (1996) propôs para a oralidade), é preciso ressaltar que isso não é feito de forma rígida, pois uma ocorrência que pode estar sendo motivada pela intenção de estabelecer a coesividade, pode também estar expressando funções relacionadas a aspectos discursivos, como facilitar a compreensão ou a continuidade tópica[70].

a) **Coesividade**: do ponto de vista da organização textual, a repetição é usada, principalmente, para promover a sequenciação e o encadeamento dos enunciados. Uma estratégia comum de coesão sequencial é o princípio da listagem, que, além de ser uma estratégia para a "conexão inter-frástica", cria um ritmo especial na interação e possibilita maior envolvimento. As listas são "[...] facilmente identificadas como paralelismos sintáticos, geralmente com variações lexicais e morfológicas e manutenção de uma estrutura nuclear" (MARCUSCHI, 1996, p. 107). Os exemplos seguintes ilustram encadeamentos do texto por meio de listagens:

(18) [...] **lembrança** para voce **i lembrança** esmerinda| **i lembrança** Ogusto **i lembrança** Pedrinho **lembrança**| luizinha que é para esmerinda dar a ela i 1 apreto| di mão.. **lembranca** a Anna i angelica manda| **lembranca** para esmerinda i todos.. i Filomena emvia| **lembrança** para esmerinda i todos da bôa [.] caza| [...] (SFS-40)

(19) [...] Amiga **aceiti** muita **lembranca** di qui minha mai m*an*da| i **1 abarco aceiti lembranca** qui maria i garcina i nenen| li manda i**1abarco** i **aceiti** as minha **lenbraca**| **1 abraco** i muita saudadi des ta di minuta amiga| [...] (FP-78)

(20) [...] Sim Nerado mande mi dize quanto| qusta um dia de um tarbalhador e **1**| **saco** de farinha e **1 saco** <↑de> feijão e **1**| **saco** de milho e se a vaca barca já| pario [...] (ROM-73)

Com exceção do exemplo (20), que apresenta uma lista de produtos, os demais expressam listas de saudações enviadas, seja aos destinatários ou a outras pessoas; é uma forma de sustentar o tópico, como no exemplo (18), de SFS, em que a palavra *lembrança* aparece oito vezes em um trecho de pequena extensão. Muitas vezes a repetição é usada por causa da dificuldade do redator em utilizar algumas estratégias convencionais de coesão

[70] Os dados detalhados são descritos no Apêndice C.

textual, como os elementos anafóricos e os conectivos. Assim, nos trechos seguintes, há a repetição dos itens lexicais e não a sua pronominalização:

(21) [...] sim conpadi| eu estou farzenno| tencão di li mandar| Dinheiro pa u sinhor| f farzêr **A miha caza**| q*ue* eu quero enbora| mais eu solvou condo| **miha caza** liver ponta|[...] (AFS-18)

(22) [...] Zezito quando você vi traga um| retrato da **lapinha** para a gente ve que| nunca vi[.] e Deseijo vir Sua **lapinha**| [...] (AHC-56)

b) **Compreensão**: as repetições podem colaborar para facilitar o entendimento do que se quer dizer ao interlocutor, seja no sentido de intensificação ou de maior esclarecimento. Observa-se, nos exemplos, a tentativa de atribuir certa ênfase ao item repetido, intensificando-o:

(23) [...] tenha fêrz **ni mim** q*ue* eu tenho| **ni Deus**| Sim tenhor Fers| **ni Deus** i **mi**| **mim**| boti umma bença| ni meu Pitico i ni Dês| [...] (AFS-15)

(24) [...] diga a| ela que e com muita **Saudade** da qui| e com **Saudade** que [.] recordo meus pasado e| com vontade de chega os relembralo.| (AHC-55)

(25) [...] fis o| pusive para viver [.] jonto| ate o dia que Deus vimhese| buscar eu ou ele. mas foi **nada**| tudo que eu fazia era **nada**| nomca vi um coração tão| imgrato naquela forma. [...] (MDC-84)

Marcurschi (1996, p. 113) informa que os casos de intensificação podem estar obedecendo ao "princípio de iconicidade", em que a um maior volume de linguagem idêntica corresponde um maior volume de informação. Segundo Dutra (2003, p. 44), que apresenta a iconicidade como um dos princípios fundamentais da gramática da língua oral, esse "[...] é um princípio de organização gramatical que tenta refletir o mais diretamente possível, como uma fotografia reflete o objeto fotografado, um certo estado de coisas no mundo real que experienciamos". Os itens lexicais repetidos nos trechos exemplificados são, portanto, icônicos, uma vez que tentam traduzir os desejos, estados e sentimentos de modo mais imediato, tornando-os mais transparentes e facilitando a compreensão.

A necessidade de um maior esclarecimento das informações pode ter motivado as repetições a seguir:

(26) [...] u sinhor| farsa A miha caza| que eu vou sir Deus| quizer Derta que eu| mando u **Dinheiro**| ou sirnão condo eu| for eu leivo| u **Dinheiro**| nu dia 25 di Agosto| eu vou mandar| **Dinheiro** Par u sinho| conpar milho i| tonbem farzer A minha| caza| [...] (AFS-14)

(27) [...] eu nuca tive votadi de **temina** com voce| oli S*e* voce gue **termina** e distui u nocu-|la tomi esta tiludi S*e* ceu pai não ge| gi [.] voce conciga o nocu Romaci e voce| ge [.] **temina** com migo peri e mi responda| gi eu não temino com voci [.] meu bei| [...] (JMA-64)

(28) [...] Elena eu lhi| pergunto se já chigou a pozetadoria| de Esmerado porque a que este| meis chegou de muita jente e eu| espero em Deus que a dele tenha| **xegado** tambem que para mi sera| alegria Olhe Elena segue estes| 50 mil se não **tever xegado**| a pozetadoria dele você da a ele e| se **tever xegado** você com este| dinhero mi conpre 1 Toalha de| meza de Renda [...] (ASC-63)

c) **Continuidade tópica**: algumas ocorrências de repetições podem estar refletindo a necessidade de dar continuidade ao texto, seja com a intenção de introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos (MARCUSCHI, 1996). A repetição da palavra *diga*, no exemplo (29), situa o interlocutor, marcando a introdução de um novo pedido:

(29) [...] **Diga** a compadre ogusto que eu ja escrivi| A ele i ele não mi mandou dizer nada **diga** a| Ele que mande me dizer si ja cazou| **Diga** aele que dexe pra quando eu xegar| Compadre **diga** a Juão nasimento| que brazilha e iluzão i so vem quem não| sabe [...] (GOR-29)

Na carta de BMO, as três repetições da palavra *conversa* colaboram para dar continuidade ao tópico em questão:

(30) elena aquela **converça** com seu nomi| ja acabou olha as mesma **converça**| saiu aqui com meu nomi não vou| conta porque não tenho tempo porque| quando jose falou de ir eu alembrei| di te escrever esta duas linha so para| te fala que eu fique um mui tristi| quando eu subi di **converça** que eu| não posso aseita elena [...] (BMO-90)

d) **Argumentatividade**: as repetições, sobretudo as de orações, apresentam um papel importante na condução da argumentação, de acordo com Marcuschi (1996, p. 118), e "[...] servem como estratégia para *reafirmar, contrastar* ou *contestar* argumentos". Nos dados, nota-se que, com os raros casos de repetições oracionais, o objetivo principal é a reafirmação de um argumento:

(31) Eu li escrevo para li pedi Comadre| Doralice para ficar mais eu ate no| dia 2 a te pelo amor de Deus que| eu tenho tanto trabalho que **eu não**| **Poso fazer** olhe tia não mi falter| e para ela me ajudar eu arumar| A casa que **eu não poso fazer** so| Ai mãe manda li dizer que ela estar| Andano doemte não estar podemo mi| Ajudar nos trabalho e **eu não poso**| **Fazer** sozinha [...] (ICO-48)

(32) [...] Tenho uma posi de terra| de Antonio no terreno di| sucavão eu quro a preferen|ça **não Venda a nigem| sem mi uver** eu quero| Ser u comprador **não| Venda a nigem sem mi| Ver** mas nada| [...] (JSS-88)

No exemplo (31), a oração *eu nao poso fazer* é repetida na tentativa de convencer a destinatária a atender sua solicitação. Além disso, como o pedido está centrado no seu

problema pessoal, a remetente focaliza a primeira pessoa, de modo que o pronome *eu* aparece sete vezes e o *mi/me*, três vezes. Também para reafirmar um pedido, no exemplo (32), o redator não constrói uma estratégia de argumentação muito forte, mas repete a oração *não venda a nigem sem mi ver*, provavelmente, para convencer o leitor a realizar o que deseja.

e) **Interatividade**: se, no plano discursivo da oralidade, a repetição contribui para o envolvimento interpessoal, nas cartas, gênero escrito que tem por base justamente as relações interpessoais, os redatores podem ter usado esse recurso como estratégia para manter tal envolvimento. A repetição da forma de tratamento do destinatário do discurso, frequente no *corpus*, pode ser um indício disso[71]. Em algumas cartas, a repetição manifesta um teor vocativo, uma tentativa de atrair a atenção do leitor, ratificando o papel do ouvinte.

(33) [...] jetudis firgou entega Au **simhor**.| i A compadi farsa um tudo purmin detas q*ue* nois| ten tempo par Acerta tudo s u **simhor** min esqeiva| i mandi dizer com vai di s saudi u **simho** i toudo| eu não tênho tenpo parmada [...] (AFS-23)

(34) [...] eu nuca tive votadi de temina com **voce**| oli S*e* **voce** gue termina e distui u nocu-| la tomi esta tiludi S*e* ceu pai não ge| gi [.] **voce** conciga o nocu Romaci e **voce**| ge [.] temina com migo peri e mi responda| gi eu não temino com **voci** [.] meu bei| eu co não micaco cmo **voci** S*e* **voci** não| gize com liliaca cua vai um Bejo (JMA-64)

(35) [...] eu não mi esqueco| di **v*os*m*e*ce** tanto **v*os*m*e*ce** si lembri di mim| eu nada tenho a lhi dizer pur q*ue* **v*os*m*e*ce**| q*uan*do mi escrevi nada mi diz [...] (JMS-66)

(36) Estimado querido| Amigo **Compadi**| pitanga Eu mando| Dez mil Corzeiro| pur metodi [.]|s s **sim compadi**| u simhor sir puder| pargi A [.]| Farncico mota| Zacarias Er di ou| tar veizi **sim Compadi**| eu não [.] Ainda não mandei| A mas s tenpo [...] (AFS-3)

(37) [...] ficei muito contete de| A cioras te alebrado de| mi **sim comade** eu| estou com coude graça| a meu bom Deus sim| eu depois que eu tou o| aqui e Campina e| ja Ganhei uu nene so| **sim comade** deu Lembraca| a [.] compade Nerado e| a dona maria e tio agusti| e a nide mais u espozo| e A criançar todás| **sim Comade** eu mando| esta fotogafia [...] (AOL-72)

Predominam as repetições dos itens *senhor/senhora, você, vosmecê, compadre/comadre*, com as variações gráficas específicas a cada carta. Nos exemplos (36) e (37), há ainda a presença do marcador *sim*, contribuindo para ratificar o papel do ouvinte. Para os dados da oralidade, Marcuschi (1996) comenta que essa função interativa, assim como o uso dos marcadores *sim*, *claro*, *ahã, sei*, expressam a ideia de que o outro pode continuar a palavra. No caso da escrita, essas repetições parecem ter o objetivo de envolver o leitor, atraindo sua atenção, mas confirmando que ele, o redator, continua com a palavra. Nos

[71] Esse fenômeno, "[...] a dêixis pessoal pela repetição da forma de tratamento do destinatário do discurso", foi citado por Marquilhas (2004, p. 723), como uma das características das cartas populares e familiares.

trechos a seguir, o item lexical repetido é o próprio nome do destinatário, como se o redator objetivasse mantê-lo atento:

(38) [...] Saudasão **sim Juão** nois Cegemos| Empaz grasa adeus **sim Juão** eu| Comprei 8000 tarefa deterra i uma| Comprei uma vaca [.]| Nada mais dei lembransa a| Comprade pedro i agusto i atodos| que pergumta pormi **Juão** eu| vou no mes di setembro [...] (GOR-27)

(39) Meu amigo **Nerado**| **Nerado** nois aqui estamos todos| bem garsa a Deus.| **Nerado** resebir tua carta vir todo| que vinha dizendo| Sim **Nerado** mande mi dize quanto| qusta um dia de um tarbalhador [...] (ROM-73)

5.3.3 SÍNTESE

A presença excessiva da repetição no *corpus*, essa que é uma estratégia básica de formulação da fala, é um indício de que as cartas dos sertanejos, escritas no século XX, registram uma escrita espontânea, mais próxima da oralidade. Nesse sentido, os exemplos analisados permitem constatar que:

a) assim como outras dimensões de inabilidade, a repetição não é determinante na caracterização de uma maior dificuldade com o código escrito; só combinada a outros aspectos é que contribui para indicar um nível de escrita mais inábil. Isso porque há textos que apresentam muitos dados de outros aspectos, como os relacionados à dimensão da *escriptualidade* (irregularidades na grafia de sílabas complexas com o <r>, por exemplo), mas poucos termos repetidos;
b) por serem adultos em fase de aquisição da escrita, os redatores transferem para o registro escrito mecanismos de coesão e coerência comuns à modalidade oral. Motivadas por diversos fatores, tanto no plano textual como no discursivo, as repetições mais frequentes foram aquelas usadas para estabelecer a coesividade e também as que buscam facilitar a interatividade com o destinatário.

A fim de verificar a relação entre os casos de segmentação gráfica e os aspectos físico-caligráficos do texto (relação que tem sido observada na escrita infantil), nos próximos itens, apresenta-se o cruzamento dos aspectos das dimensões da habilidade motora e da segmentação gráfica.

5.4 AS DIMENSÕES DA HABILIDADE MOTORA E DA SEGMENTAÇÃO GRÁFICA

Barbosa (2017) inclui, nas dimensões supragráfica e paleográfica, a habilidade motora e a segmentação gráfica; as mais perceptíveis, segundo o autor, mas somente com fac-símiles inseridos nas edições, para que o usuário de *corpora* possa observar a imagem do original. Como já mencionado, é tentador ao usuário do *corpus* constituído pelas cartas do sertão baiano, atribuir a alguns redatores um grau de inabilidade maior, considerando apenas a aparência física do texto, dada a significativa incidência dessas propriedades, relacionadas à falta de exercitação da mão, em alguns manuscritos. No entanto, há casos de textos com poucas características de inabilidade no plano motor e muitas marcas correspondentes às dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética.

Tem sido observado, em estudos sobre aquisição da escrita infantil (cf. ROCHA, 1996; KATO, 2002; CARDOSO, 2002), que assim como a pontuação, a habilidade para organização gráfico-espacial do texto é algo complexo, e as crianças exploram os aspectos dessa organização "na busca da convencionalidade da escrita", como comenta Rocha (1996, p. 4).

A seguir, os aspectos relacionados ao nível físico-caligráfico e, depois, à segmentação gráfica, com os casos de hipossegmentação e hipersegmentação, identificados nas cartas.

5.4.1 A HABILIDADE MOTORA

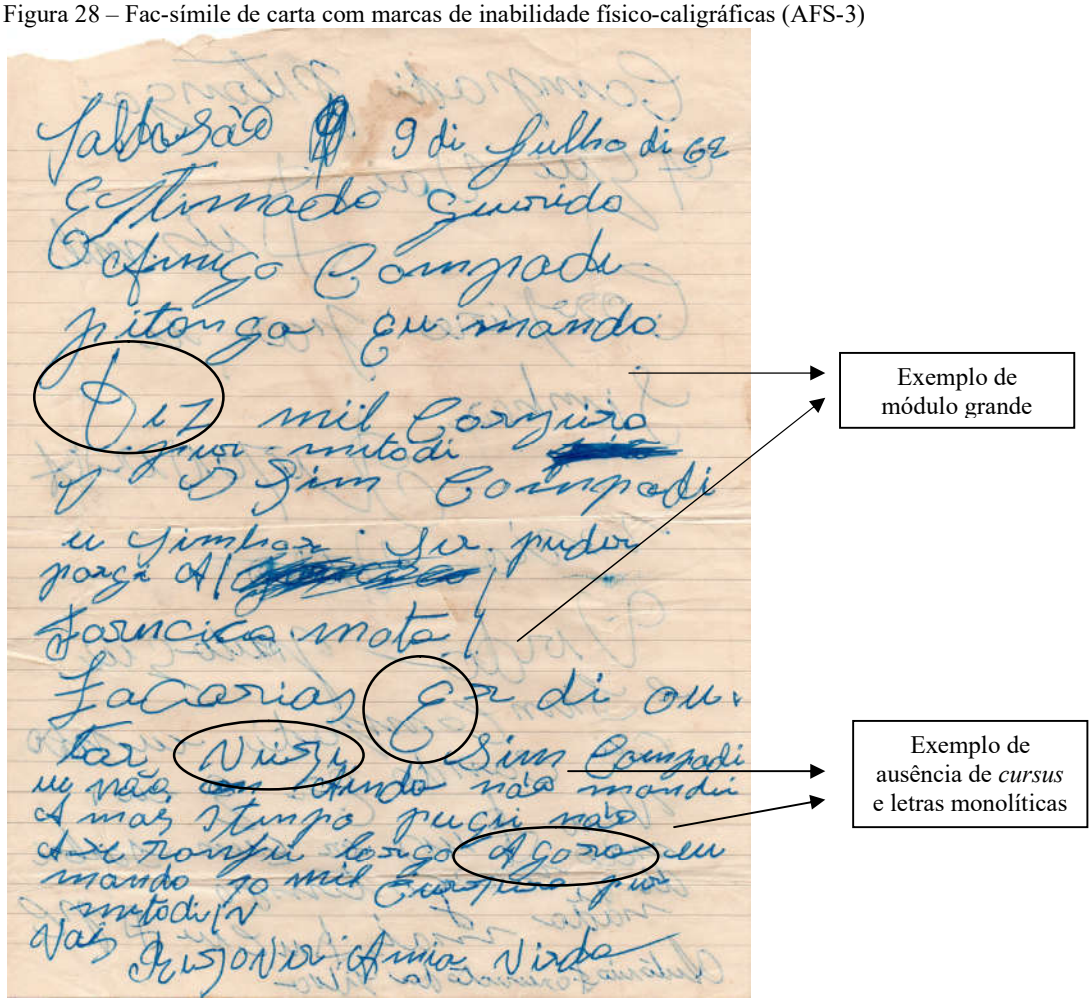
Barbosa (2017, p. 11) inclui nessa dimensão da habilidade motora, relacionada ao "[...] treinamento literalmente da mão que escreve (níveis supragráfico e paleográfico)", as características físico-caligráficas consolidadas por Marquilhas (2000). O autor discute e exemplifica o fato de que nem sempre há coincidência entre as dimensões da *escriptualidade*, da escrita fonética e a habilidade motora. Dentre os exemplos apresentados pelo autor, o fac-símile do documento escrito por um ex-escravo, no século XIX, editado por Oliveira (2006), que apresenta uma "caligrafia segura", ou seja, é hábil no nível motor, mas com marcas de inabilidade em outros planos, como a inversão de <r> e <l> em sílaba complexa, traço indubitável de inabilidade, segundo Barbosa (2017).

Para as cartas dos sertanejos, a aparência distante dos modelos caligráficos do século XX[72] pode ser associada a outras marcas de inabilidade, apesar de haver textos com uma

[72] Stephanou e Bastos (2012), no texto "Da sensibilidade das mãos à harmonia da escrita: memórias, artefatos e gestos da caligrafia na história da educação", analisam cadernos de caligrafia, de circulação e uso na escola brasileira durante o século XX, mais especificamente entre as décadas de 1930 a 1960, e comentam que a

aparência mais *cuidada* e, assim como o documento do ex-escravo, apresentar muitos aspectos em outras dimensões. O caso mais representativo, entre os redatores sertanejos, de uma *mão inábil* no nível motor, sobrepondo-se a várias outras dimensões, é o de Antônio Fortunato da Silva. Nas suas 26 cartas, há evidências de uma escrita sem cursividade, uso do módulo grande, letras monolíticas, traçado inseguro e falta de leveza ao conjunto, como ilustra a Figura 28.

Figura 28 – Fac-símile de carta com marcas de inabilidade físico-caligráficas (AFS-3)



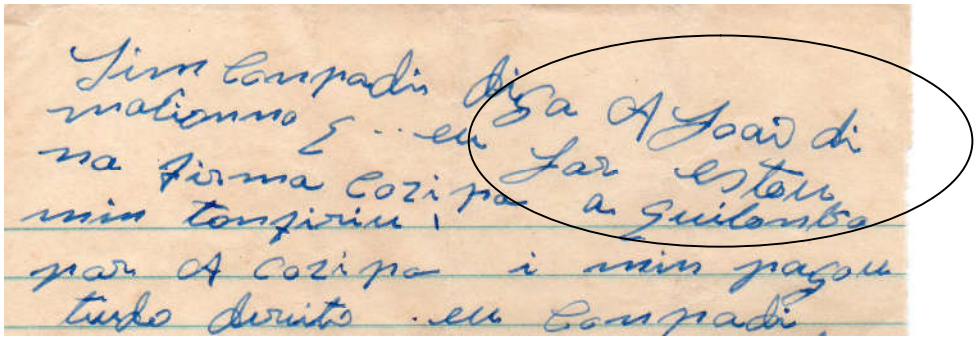
Fonte: CE-DOHS.

observação desses artefatos possibilita, além do exame dos processos de didatização do ensino da Caligrafia e, portanto, dos temas de escrita e complexidade dos traçados, "[...] uma reflexão acerca da produção de um determinado modo de ser e portar-se diante da escrita, particularmente como identidade do sujeito escolarizado" (STEPHANOU; BASTOS, 2012, p. 127). As autoras comentam sobre a importância atribuída pela escola, historicamente, à prática da caligrafia – a habilidade de escrever com letra bela e bem formada – como etapa imprescindível nos primeiros estágios de aquisição da escrita; não basta apenas a identificação das letras do alfabeto, mas desenhá-las com clareza, destreza, domínio da mão e dos instrumentos necessários. As autoras acrescentam que a escrita escolar, pensada como uma habilidade, ensina a coordenar o uso da folha branca, distribuindo bem os espaços segundo uma estética própria, e informam sobre os modelos adotados: "[...] no século XIX, era recomendada a escrita inclinada; após 1920, a escrita reta com linhas oblíquas, depois verticais e sempre à esquerda, a linha vermelha da página pautada delimitando a margem reservada a quem a corrigiria." (STEPHANOU; BASTOS, 2012, p. 116).

A *ausência de cursus* é caracterizada, segundo Marquilhas (2000, p. 239), pelo "[...] desenho autônomo de cada carácter, ou mesmo de traços de cada carácter", devido à falta de agilidade dos músculos da mão. Percebe-se, em determinadas palavras da carta da Figura 28, que os grafemas foram desenhados um a um, sem ligação entre si, o que pode indicar certa dificuldade em manter o curso natural da escrita. Em alguns casos, essa dificuldade é manifestada também no uso do *módulo grande*, mesmo que isso não seja mantido em todo documento, já que há uma oscilação; o texto apresenta grafemas maiores que outros, principalmente os iniciais de algumas palavras, e até palavras inteiras em proporção maior, gerando certa desproporção ao conjunto. A presença de *letras monolíticas,* caracterizada pelo desenho autônomo dos caracteres, também se relaciona com a falta de cursividade, quando não há uma combinação entre os grafemas de cada palavra, uma vez que estes parecem ser desenhados de forma isolada.

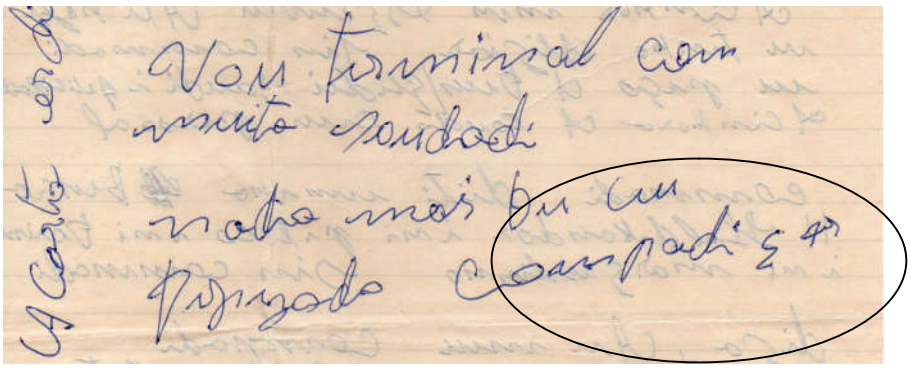
É importante ressaltar que a detecção de um *traçado inseguro*, das *letras com aparência desenquadrada*, da *rigidez* e *falta de leveza ao conjunto* é, segundo Marquilhas (2000), bastante subjetiva, já que só o contraste com textos habilmente executados permitiria afirmar que esses aspectos seriam próprios a um principiante. No caso das cartas dos sertanejos baianos, mesmo com certa subjetividade, percebe-se, pelo conjunto de propriedades físicas que evidenciam, a pouca habilidade de quem as escreveu. A pesquisadora refere-se também à *ausência de regramento ideal*, em relação à incapacidade de respeitar um pautado mental, o que se manifesta, sobretudo, na tendência descendente do alinhamento, ao se aproximar da margem direita da folha, como na Figura 29. Além dessa tendência descendente, há a ascendente, como na Figura 30, que demonstra a dificuldade em estabelecer o pautamento.

Figura 29 – Fac-símile de fragmento de carta com tendência descendente do alinhamento (AFS-25)



Fonte: CE-DOHS.

Figura 30 – Fac-símile de fragmento de carta com tendência ascendente do alinhamento (AFS-45)

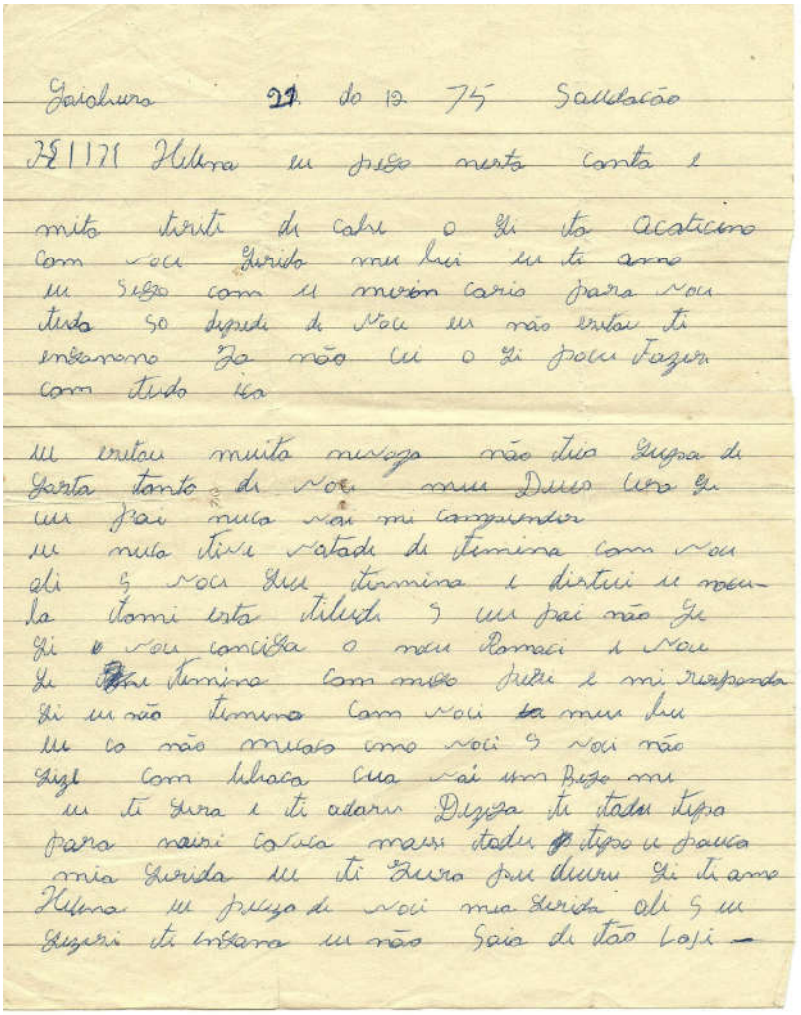


Fonte: CE-DOHS.

É comum, em muitas cartas, a *irregularidade da empaginação*, com a falta de proporção entre as margens e há alguns casos em que a mancha gráfica é estruturada em um extremo da folha. Além dessa falta de alinhamento nas margens, ocorre, em alguns manuscritos, o aproveitamento de todo o espaço do papel, às vezes com o texto escrito nas margens superior e/ou inferior; ou verticalmente, nas margens direita e/ou esquerda. Essas não são características específicas do redator inábil, porém, associadas a outras propriedades, podem ser uma marca das manifestações gráficas com indícios de inabilidade.

Contrastando com os textos de Antônio Fortunato – em que podem ser encontrados exemplos de todas as características físico-caligráficas citadas – em relação ao plano da inabilidade motora, mas não em outros planos, há o exemplo de José Mendes de Almeida. Mesmo que as características caligráficas de suas cartas não estejam dentro do padrão de habilidade motora, é uma escrita visivelmente com maior cursividade, como ilustra a Figura 31; no entanto, há muitas marcas nas dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, indicadoras de uma maior inabilidade.

Figura 31 – Fac-símile de carta com poucas marcas de inabilidade físico-caligráficas (JMA-64)



Carta com poucas marcas na dimensão da habilidade motora e muitos dados na dimensão da *escriptualidade* e da escrita fonética.

Fonte: CE-DOHS.

Além de uma maior cursividade no conjunto do texto – mesmo que em algumas palavras note-se a falta de leveza da mão –, não há, na carta de José Mendes, muita dificuldade na segmentação gráfica: apenas duas segmentações não convencionais, aspecto apresentado a seguir.

5.4.2 A SEGMENTAÇÃO GRÁFICA

Interpretar as fronteiras das palavras é uma das dificuldades para os indivíduos em fase de aquisição da escrita, considerando-se que o processo de segmentação gráfica da escrita não coincide com a segmentação da oralidade[73]. Marquilhas (2000, p. 243), ao tratar da

[73] Ferreiro (2010) afirma que aceitar as segmentações é aceitar algo difícil, porque a noção de palavra que as crianças elaboram em nível oral não serve tal qual para a escrita, e assim elas têm que reelaborar essa noção em virtude das restrições que a escrita impõe. Dentre os estudos desenvolvidos com dados de textos infantis, pode-

aquisição da escrita segmental, afirma que a conciliação "[...] entre a capacidade para escrever consoantes e vogais e a incapacidade de analisar a estrutura interior da sílaba constitui um estado de aquisição em que se podem fixar definitivamente as mãos inábeis".

Para os manuscritos portugueses do século XVII, Marquilhas (2000, p. 243) identificou vestígios de uma escrita lenta, através das hipersegmentações, "[...] a múltipla inscrição do branco gráfico entre grupos pequenos de letras, distintos de palavras gráficas". Associando esse aspecto às características caligráficas dos inábeis, a pesquisadora comenta sobre o ritmo forçosamente lento da escrita, decorrente da falta de perícia, que determina também a amplitude do módulo, o desenho autônomo dos caracteres e a insegurança do traço. A identificação desse fenômeno gráfico não deixa, segundo a autora, de "[...] implicar subjectividade, uma vez que é bastante frequente a semelhança entre o espaço que separa duas letras autônomas, mas adjacentes, e o que corresponde a uma fronteira voluntária" (MARQUILHAS, 2000, p. 244).

A partir desse estudo, Kajita (2009), na dissertação de mestrado *A segmentação inábil: um estudo da segmentação ortográfica não-canônica*, com o *corpus* constituído por cartas de denúncia e bilhetes dos arquivos da Inquisição portuguesa escritos nos séculos XVII e XVIII, relaciona as segmentações não-canônicas aos aspectos rítmicos da língua falada. Para essa pesquisadora, os casos de hipersegmentação e hipossegmentação nesses textos não são aleatórios, pois os sujeitos parecem ter usado critérios bem definidos para decidir onde deviam separar ou juntar elementos, seja por motivação semântica ou fonológica.

Na escrita de africanos e afrodescendentes do século XIX, Oliveira (2006) encontrou grafias hipersegmentadas e hipossegmentadas. No caso da hipersegmentação, uma das hipóteses é a de que a semelhança entre uma parte da palavra e uma forma independente pode ter resultado no uso do espaço em branco: as sílabas iniciais são percebidas como palavras independentes, dada a semelhança com vocábulos gramaticais, como artigos, pronomes, conjunções e preposições, ou com formas lexicais. As experiências anteriores dos redatores com a escrita podem servir de parâmetro para a construção dessa hipótese. Oliveira (2006) constatou que a percepção, por parte dos redatores, do artigo definido como palavra autônoma é bastante forte, já que são muitas as ocorrências que distanciam uma porção equivalente a essa forma gramatical; isso também pode ser constatado nas hipersegmentações identificadas em Santiago (2012), nas cartas do século XX, como exemplificado em (40). Outra hipótese, para alguns casos, é a de que o uso não convencional do branco pode ser motivado pelo

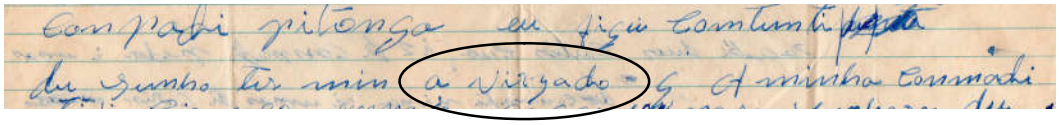
---

se citar os de Silva (1994), Abaurre (2002) e Chacon (2011); com dados da escrita de adultos em fase de aquisição, há, por exemplo, as pesquisas de Tenani (2008) e Ferreira (2011).

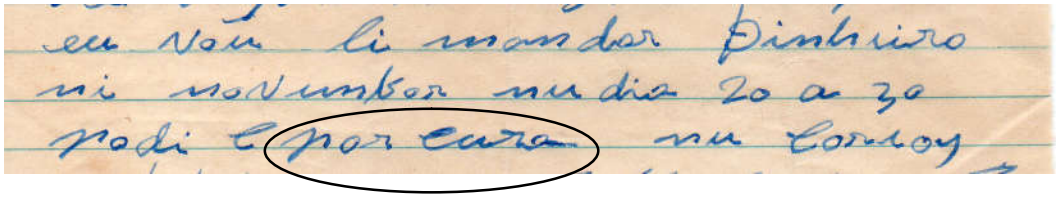
deslocamento do <r> na escrita de sílabas complexas, que faz com que uma parcela da palavra torne-se semelhante a uma forma autônoma na escrita, como em (41), ou pela dificuldade de representação da nasalidade, porque, nesses casos, a sílaba inicial também se torna semelhante a palavras autônomas, como em (42) e (43).

A seguir, alguns exemplos de hipersegmentação, acompanhados do fac-símile do fragmento de cada carta, todos extraídos de Santiago (2012)[74]:

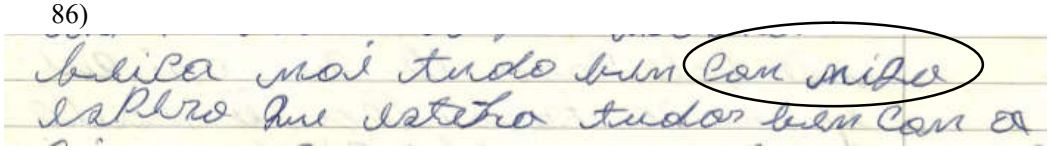
(40) [...] conpadi pitanga eu fiqei comtemti [.]| du senho ter min **a virzado** q*ue* A minha conmadi| [...] (AFS-7)



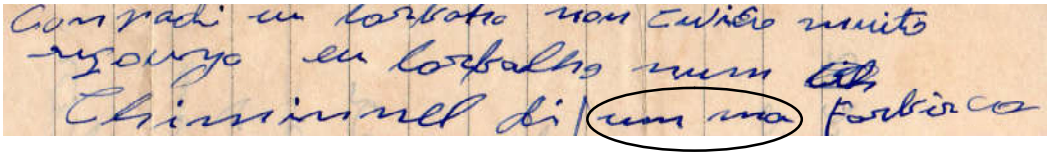
(41) [...] eu vou li mandar Dinheiro| ni novembor nu dia 20 a 30| podi c **por cura** nu coreos| (AFS-25)



(42) [...] beica mai tudo bem **com migo**| espero que esteha tudor bem com a| siorra [...] (VAN-86)



(43) Conpadi eu larbaho non civico muito| riqouzo eu larbalho num [.]| Chiminnel di **um ma** Farbirca (AFS-8)



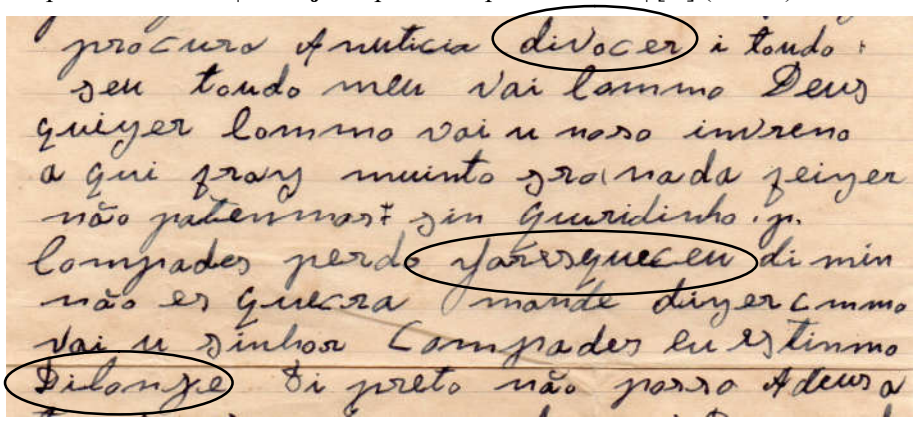
Barbosa (2017, p. 27) ressalta que a percepção dessa marca de inabilidade exige a presença do fac-símile, pois é o tamanho do espaço em branco que melhor denuncia a inabilidade, e não o fato em si de haver espaço. O autor lembra que é importante não se deixar confundir essa dificuldade com a prática normal para redatores coloniais hábeis, "[...] pela

[74] Os dados detalhados são descritos no Apêndice D.

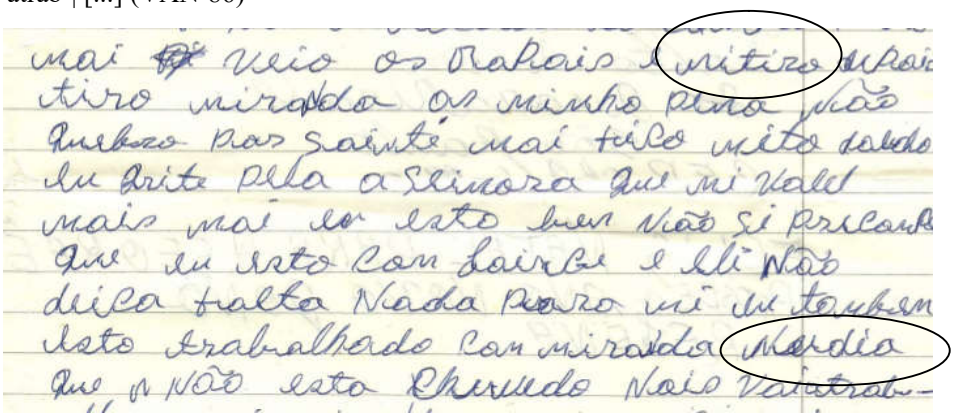
percepção de que sua aplicação não co-opera com o alinhamento do final de linha, que deixa a mancha gráfica com o efeito de um texto justificado".

A inserção não convencional do branco foi manifestada por 21 dos redatores das cartas sertanejas. Com exceção de três, todos também incorreram em grafias hipossegmentadas, a grafia contínua de palavras que deveriam ser separadas, que foi identificada nos textos de 31 dos redatores, como nos exemplos (44) e (45):

(44) [...] procura A nuticia **divocer** i toudo| seu toudo meu vai commo Deus| quizer commo vai u noso invreno| a qui frais muinto sro nada feizer| não patenmos sin queridinho. p.| compades perdo **jasesqueceu** di min| não es quecra mande dizer cmmo| vai u sinhor compader eu estinmo| **Dilonje** Di preto não posso Adeus a| [...] (AFS-1)



(45) [...] veio os rapais e **mitiro** depois| tiro miranda as minho pena não| quebro por Sointe mai fico mito doedo| [...] esto trabalhado com miranda **Nudia**| que Não esta chuvedo Nois vai atrab-| [...] (VAN-86)



Os casos de hipossegmentação podem ser interpretados pela hipótese atribuída por Oliveira (2006) às ocorrências do século XIX, uma vez que, para segmentar, os redatores podem ter por base a percepção da fala, já que as grafias contínuas de palavras que deveriam

ser autônomas parecem estar refletindo grupos de força e, em menor proporção, grupos tonais[75].

As *mãos* que mais produziram segmentações não convencionais foram as de AFS, FP, JMS, MC e ZBO. Os textos desses remetentes apresentam também uma quantidade expressiva de dados das dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética. São redatores que não usaram sinais de pontuação em seus textos, ou usaram pouco, como no caso de Antônio Fortunato. Na Tabela 12, mostra-se a distribuição dos dados de segmentação gráfica, por redator:

Tabela 12 – Distribuição dos dados de segmentação gráfica não convencional por redator

Redatores	Hipersegmentação	Hipossegmentação	Total
ACO	5	3	8
AFS	21	17	38
AHC	3	3	6
AML	3	4	7
AO	1	1	2
DCO	-	1	1
FJO	-	1	1
FP	12	14	26
GOR	-	11	11
IC	-	1	1
ICO	1	-	1
JCO	1	-	1
JL	-	1	1
JMA	1	1	2
JMS	4	14	18
JO	-	5	5
JS	-	3	3
JSS	-	1	1
LA	-	1	1
LM	1	1	2
MAO	1	2	3
MBS	-	3	3
MC	8	10	18
MDC	1	-	1
NIN	2	1	3
RAC	-	1	1
SFS	1	1	2
TB	1	1	2

[75] O grupo de força é definido por Câmara Jr. (2004, p. 132) como um "[...] sintagma de dois ou mais vocábulos que constituem numa frase um conjunto fonético significativo, enunciado sem pausa intercorrente e subordinado a um acento tônico predominante que é o vocábulo mais importante do grupo". O grupo tonal é, segundo Silva (1994, p. 39), "[...] uma unidade rítmica, entoacional e, portanto, uma unidade de significação", envolvendo palavras autônomas do ponto de vista prosódico.

VAN	1	3	4
VO	4	8	12
ZBO	28	5	33
ZLS	1	1	2
ZSS	-	2	2

Fonte: elaboração própria.

Em alguns textos, de redatores que registram muitos casos de irregularidades nas dimensões da *escriptualidade* e da escrita fonética, não foram identificadas dificuldades na segmentação, como José Mendes (JMA), com apenas duas grafias de segmentação irregular. Por outro lado, todos que manifestaram muitos dados de hipersegmentações e hipossegmentações apresentam, também, muitos dados de irregularidades na dimensão da *escriptualidade* e muitos índices grafofonéticos. Então, a segmentação gráfica é um aspecto a mais para a definição do nível de inabilidade do redator. Apenas associado às outras dimensões é que esse aspecto contribui para caraterização de uma *mão* mais ou menos familiarizada com a escrita.

5.4.3 SÍNTESE

A maior incidência da escrita com aspectos físico-caligráficos, que podem ser associados à inabilidade, e de casos de segmentação não convencional ocorre nos textos de redatores que apresentam uma quantidade significativa de dados de aspectos de *escriptualidade* e da escrita fonética. No entanto, nem todos os redatores que manifestam dados nessas dimensões apresentam dificuldade motora ou segmentação não convencional. Observa-se, então, que:

a) para os redatores com expressiva inabilidade no plano motor, a segmentação não convencional é uma propriedade a mais, ainda que o contrário não ocorra: nem todos que têm dificuldade com a segmentação manifestam inabilidade no plano motor, como Firmina Petornilha (FP), Josepha Maria da Silva (JMS) e Gildásio de Oliveira Rios (GOR);
b) nos textos em que há marcas no plano da habilidade motora e que a presença de hipersegmentações e hipossegmentações é mais expressiva, há, também, ausência de pontuação. Como tem sido percebido em textos infantis, a aquisição de aspectos

da organização gráfica do texto e o uso da pontuação parecem ser habilidades paralelas;

c) todos que apresentam pouca habilidade no plano motor, e muitos casos de segmentação irregular, manifestam muitos dados de inabilidade relacionados à *escriptualidade*, à escrita fonética e, ainda, à pontuação.

5.5 O *CONTÍNUO* DE INABILIDADE EM ESCRITA

Para o estabelecimento do contínuo de inabilidade em escrita, considera-se que a coocorrência de aspectos de diferentes dimensões e a incidência maior ou menor de marcas de um dos planos podem determinar o ponto específico em que cada *mão* está situada. A partir dos resultados descritos, dos aspectos identificados em cada dimensão de inabilidade, usando a proposta de contínuo demonstrada na seção 1.2, os redatores são distribuídos, caracterizando-os, de acordo com a seguinte gradiência, já apresentada e aqui retomada:

Inabilidade máxima

Textos que apresentam maior quantidade de marcas na dimensão da *escriptualidade* (desconhecimento de convenções gráficas), como a dificuldade em grafar sílabas complexas com /r/ ou /l/, a dificuldade com a representação gráfica da nasalidade e com a representação de dígrafos. São textos que também manifestam marcas relacionadas aos aspectos físico-caligráficos, no entanto, ressalta-se que a identificação dessas propriedades referentes a pouca habilidade motora envolve certa subjetividade. Esses redatores são os que registram coocorrência de marcas em, praticamente, todas as dimensões: escrita fonética; ausência de sinais de pontuação, baixo uso ou uso não convencional; repetição de vocábulos; segmentação gráfica não convencional.

Inabilidade parcial

Menor presença, nos textos, de propriedades na dimensão da *escriptualidade*, em coocorrência à escrita fonética, além de uma ou mais dimensões, como os aspectos relacionados à pontuação, à repetição e/ou à segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade motora podem ou não estar presentes, não é uma condição determinante.

Inabilidade mínima

Ausência de aspectos relacionados à *escriptualidade*, presença de dados de escrita fonética, além de marcas de mais uma das demais dimensões, raramente, de mais duas, seja a pontuação, a repetição ou a segmentação gráfica. Os aspectos referentes a pouca habilidade motora podem ou não estar presentes, não é uma marca determinante.

A escrita de 11 dos 53 redatores foi caracterizada como correspondente a uma inabilidade máxima, a de 33 como inabilidade parcial e a de 9 deles como mínima. No quadro a seguir, os redatores das cartas pessoais baianas são distribuídos, de acordo com a presença, em seus produtos gráficos, das propriedades de cada dimensão de inabilidade e, logo depois, na Figura 32, apresenta-se essa mesma distribuição, no contínuo, de modo mais esquemático.

Quadro 6 – Distribuição dos redatores por dimensões de inabilidade em escrita alfabética[76]

	Redatores	Dimensões de inabilidade						Nº de cartas	Nº de palavras
		Escriptualidade %	Escrita fonética %	Pontuação	Repetição	Pouca habilidade motora	Segmentação gráfica		
Inabilidade máxima	AFS	15,5	32,7	Ø (Cartas 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 13, 15, 20, 21, 22, 24, 25, 45) Até 2 sinais (Cartas 1, 2, 9, 11, 16, 17, 18) + de 2 sinais (Cartas 14,19, 23)	+	Ausência de *cursus* Módulo grande Ausência de regramento ideal Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação Letras monolíticas	38	26	4.171
	JS	34,7	20,1	Até 2 sinais	+	Ausência de *cursus* Irregularidade da empaginação Letras monolíticas	3	1	199
	VAN	12,3	20,9	Até 2 sinais	+	Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	4	1	316
	LA	17,1	8,6	+ de dois sinais		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	1	1	140
	JMA	7,9	19,4	Ø	+	Traçado inseguro, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	2	2	341
	AOL	9,8	16,8	Até 2 sinais	+	Módulo grande Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação		1	143

[76] Os percentuais relativos à *escriptualidade* e à *escrita fonética* foram obtidos considerando-se a quantidade de dados (apresentados nas tabelas do Apêndice E) pela quantidade de palavras. Os dados referentes à pontuação são gerais; não se considerou, nesse quadro, que muitas das ocorrências referem-se a usos não convencionais dos sinais.

	Redatores	Dimensões de inabilidade						Nº de cartas	Nº de palavras
		Escriptualidade %	Escrita fonética %	Pontuação	Repetição	Pouca habilidade motora	Segmentação gráfica		
Inabilidade máxima	AO	9,2	23,9	Ø		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	2	3	251
	VO	9,0	19,2	Ø (Cartas 111, 112, 129) Até 2 sinais (Carta 113)	+	Ausência de *cursus* Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	12	4	902
	MBS	7,4	19,5	Ø		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto	3	1	149
	JO	7,4	10,1	Ø		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto	5	1	258
	MC	5,9	16,8	Ø	+	Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação	18	3	591
Inabilidade parcial	LFO	10,8	18,1	Até 2 sinais				1	83
	LM	9,1	7,6	Até 2 sinais	+		2	1	132
	JJO	8,5	10,6	Ø		Irregularidade da empaginação		1	47
	FP	7,6	27,7	Ø	+	Irregularidade da empaginação	26	3	602
	MAO	7,1	51,0	Ø	+	Irregularidade da empaginação	3	1	98
	APS	6,2	14,2	Até 2 sinais	+			1	146
	ROM	5,8	13,9	+ de 2 sinais	+	Ausência de *cursus* Irregularidade da empaginação		1	137
	RAC	5,4	6,6	+ de 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação	1	2	333
	ZLS	5,0	10,4	+ de 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação	2	2	423
	ZSS	4,8	30,1	Ø		Ausência de regramento ideal Irregularidade da empaginação	2	1	166
	SFS	4,7	16,7	Ø (Carta 41, 42) + de 2 sinais (Carta 40)	+	Irregularidade da empaginação	2	3	406

	Redatores	Dimensões de inabilidade						Nº de cartas	Nº de palavras
		Escriptualidade %	Escrita fonética %	Pontuação	Repetição	Pouca habilidade motora	Segmentação gráfica		
Inabilidade parcial	JSS	4,7	14,1	Ø	+	Ausência de regramento ideal	1	1	85
	ZBO	4,7	8,9	Ø (Cartas 52, 118, 124, 125, 130) Até 2 sinais (Cartas 115, 116, 119, 123) + de dois sinais (Cartas 117, 131)	+	Irregularidade da empaginação	33	11	2173
	FPS	4,4	15,0	+ de 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação		1	180
	GOR	3,2	17,4	Ø	+	Irregularidade da empaginação	11	3	374
	NIN	3,6	17,6	Ø (Carta 38) Até 2 sinais (Carta 51)		Ausência de *cursus* Irregularidade da empaginação	2	4	557
	BMO	3,5	16,9	Ø	+	Ausência de *cursus* letras monolíticas		1	142
	DCS	3,5	4,4	+ de 2 sinais		Irregularidade da empaginação		1	114
	ACO	3,2	14,8	Ø	+	Irregularidade da empaginação	1	7	1.180
	TB	2,6	21,1	Até 2 sinais		Irregularidade da empaginação	2	2	227
	ICO	2,6	10,3	Ø	+	Irregularidade da empaginação	1	1	234
	IC	2,5	9,1	Até 2 sinais (Carta 105) + de dois sinais (Cartas 103, 104)		Irregularidade da empaginação	1	3	440
	MDC	2,2	6,8	+ de 2 sinais	+		1	1	324
	ASC	1,9	7,1	Até 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação		1	155
	AML	1,9	9,1	+ de 2 sinais			7	1	154
	AHC	1,5	7,7	+ de 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação	6	8	1.274
	JL	1,5	4,5	Até 2 sinais		Irregularidade da empaginação	1	1	133
	DCO	1,4	5,6	+ de 2 sinais		Irregularidade da empaginação		5	501
	MMO	1,3	1,3	+ de 2 sinais	+	Ausência de regramento ideal		1	79
	JCO	1,1	7,2	Até 2 sinais		Ausência de *cursus* Irregularidade da empaginação	1	1	180
	JMS	0,9	23,5	Ø	+	Irregularidade da empaginação	18	3	1.182

	Redatores	Dimensões de inabilidade						Nº de cartas	Nº de palavras
		Escriptualidade %	Escrita fonética %	Pontuação	Repetição	Pouca habilidade motora	Segmentação gráfica		
	MCO	0,9	2,8	Ø		Traçado inseguro, aparência desenquadrada das letras, rigidez e falta de leveza do conjunto Irregularidade da empaginação		3	213
	IZA	0,7	4,8	Até 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação		1	147
Inabilidade mínima	RCO	0,0	31,1	Ø		Ausência de *cursus* Irregularidade da empaginação		1	61
	JPC	0,0	23,4	Até 2 sinais	+	Irregularidade da empaginação		1	64
	FJO	0,0	19,7	Ø		Irregularidade da empaginação	1	1	61
	ZJS	0,0	9,1	Ø		Irregularidade da empaginação		1	77
	APC	0,0	6,0	+ de 2 sinais				1	83
	IPO	0,0	2,9	+ de 2 sinais				1	70
	MNO	0,0	1,5	+ de dois sinais				1	67
	JOM	0,0	1,1	Ø				1	88
	ML	0,0	0,7	+ de 2 sinais		Irregularidade da empaginação		1	138

Fonte: elaboração própria.

Figura 32 – Distribuição dos redatores no contínuo de inabilidade em escrita alfabética

INABILIDADE MÁXIMA	INABILIDADE PARCIAL	INABILIDADE MÍNIMA
Aspectos de *escriptualidade* - alta frequência: - Grafia irregular para sílabas com consoante líquida - Grafia irregular de dígrafos - Representação irregular da nasalidade **Escrita fonética** **Aspectos referentes à menor habilidade motora** **Mais outro(s) aspecto(s):** - Pontuação: ausência ou uso não convencional - Repetição de vocábulos - Segmentação gráfica: hipossegmentação hipersegmentação	**Aspectos de *escriptualidade* - baixa frequência:** - Grafia irregular para sílabas com consoante líquida - Grafia irregular de dígrafos - Representação irregular da nasalidade **Escrita fonética** **Mais outro(s) aspecto(s):** - Pontuação: ausência ou uso não convencional - Repetição de vocábulos - Aspectos referentes à menor habilidade motora - Segmentação gráfica: hipossegmentação hipersegmentação	**Escrita fonética** **Mais outro aspecto:** - Pontuação: ausência ou uso não convencional - Repetição de vocábulos - Aspectos referentes à menor habilidade motora - Segmentação gráfica: hipossegmentação hipersegmentação

DISTRIBUIÇÃO DOS REDATORES

AFS JS VAN LA JMA AOL	AO VO MBS JO MC	LFO LM JJO FP MAO APS ROM RAC	ZLS ZSS SFS JSS ZBO FPS GOR NIN	BMO DCS ACO TB ICO IC MDC ASC	AML AHC JL DCO MMO JCO JMS MCO IZA	RCO JPC FJO ZJS APC IPO MNO JOM ML

Fonte: elaboração própria.

6 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS NA ESCRITA INÁBIL: A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SINTAGMA NOMINAL E OUTROS

Nesta seção, pretende-se verificar se a presença de alguns fatos de aspectos morfossintáticos, no *corpus*, poderiam ser indicadores de representação de escrita de inábeis e não simplesmente o reflexo de dados de fala, transpostos ao código escrito. Essa hipótese tem por base a análise da distribuição desses aspectos a partir de dados identificados em outros trabalhos e no *corpus* deste estudo. Trata-se de um cruzamento buscando ocorrências entre o já sabido como marca de inabilidade em alguns planos da *escriptualidade* e outro plano somente explorado como hipótese. Nesse sentido, Barbosa (2017, p. 26) propõe a possibilidade da presença desses aspectos na escrita inábil quando os redatores tenderiam "[...] a reproduzir aspectos sintáticos complexos em imitação a estruturas não vernáculas encontradas na leitura (ou memória da audição de leitura) de intercalações e ordenações de sentenças de tradições discursivas não vernáculas, de ambiência religiosa, jurídica, cartorial, etc.". Como foi observado na seção sobre a pontuação (cf. seção 5.3), são raras, nos textos dos mais inábeis, as estruturas "complexas", com intercalações ou inversões de orações circunstanciais, por exemplo.

No entanto, no sentido de constatar se os redatores estão tentando "imitar", de algum modo, a morfossintaxe de textos modelares ou reproduzindo o que falam, a questão motivadora desta seção é:

> – há fatos morfossintáticos que identifiquem um inábil em escrita alfabética, ou seja, fatos que não seriam vernaculares, de fala, mas da *escriptualidade*?

No caso da resposta ser negativa, os fatos morfossintáticos presentes na escrita refletiriam traços de oralidade, do vernáculo. Seriam aspectos cuja presença marcaria variantes da oralidade, na escrita dos que têm pouco contato com a leitura de textos modelos da época, pouca escolarização. Em outras palavras, a questão tenta dar conta da correspondência entre a presença desses fatos e a maior ou menor inabilidade do redator, tal como se estabelece com os índices grafofonéticos. A ênfase da abordagem é para a variação na marcação de plural no sintagma nominal (SN), mas também serão comentados casos envolvendo a marcação de gênero e as construções com sentenças relativas.

Apresentam-se aspectos da escrita inábil e comparam-se com alguns exemplos da fala, extraídos de algumas das entrevistas-narrativas gravadas com os sertanejos. O item 6.1, a marcação de plural no SN, em *corpora* escritos, é dividido em três partes: em 6.1.1, trata-se de dados menos transparentes à oralidade, em cartas dos sertanejos, do século XX; em 6.1.2, de dados em atas de africanos e afrodescendentes, do século XIX; em 6.1.3, de dados mais transparentes à oralidade, na escrita inábil. Em 6.2, comenta-se sobre alguns exemplos de não marcação de plural no SN, da oralidade dos sertanejos e, em 6.3, apresentam-se dados de outros aspectos morfossintáticos: em 6.3.1, exemplos de marcação de gênero no SN e, em 6.3.2, exemplos de construções com relativas.

6.1 A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN, EM *CORPORA* ESCRITOS

São raros os trabalhos que verificam a questão da marcação de plural no âmbito do SN em dados de escrita de sincronias passadas. Os poucos estudos identificados estão voltados para a verificação da variação na concordância de número no SN, em abordagens próximas aos trabalhos com *corpora* orais[77], atestando condicionamentos linguísticos e extralinguísticos semelhantes. É o caso das pesquisas de Oliveira, Soledade e Santos (2009) e de Avelar e Carneiro (inédito), a partir, respectivamente, de atas escritas por africanos e por afro-brasileiros, durante o século XIX, na Bahia; e da investigação de Santos (2017), que utilizou como *corpus* parte do conjunto de textos dos sertanejos baianos, aqui estudado[78]. Com base nesses estudos, descrevem-se, adiante, alguns exemplos de marcação de plural no SN.

6.1.1 A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN EM CARTAS DO SÉCULO XX: DADOS MENOS TRANSPARENTES À ORALIDADE

Nas 131 cartas pessoais que constituem o *corpus* desta pesquisa, buscou-se identificar

[77] Dentre os estudos com *corpora* de linguagem oral, do português brasileiro, são exemplos o trabalho de Scherre (1988), a partir de dados do português falado do Rio de Janeiro, da década de 1980, e o de Lopes (2001), com amostras de fala da cidade de Salvador, ambos apresentados como teses de doutoramento; além do trabalho realizado por Baxter (2009), contrastando os dados da comunidade baiana afro-brasileira de Helvécia aos da comunidade africana dos tongas, na República de São Tomé e Príncipe.

[78] Das investigações que tratam do processo de aquisição do número gramatical em dados produzidos por sujeitos em fase de aquisição da linguagem, mais especificamente, por crianças brasileiras, destacam-se os estudos apresentados por Capellari e Zilles (2002) e Ferrari-Neto (2003).

casos de não marcação do plural no SN, como os listados de (01) a (14)[79], que, como mostram os trabalhos com *corpora* de fala, são mais raros na oralidade[80].

a) Estruturas com todos (um ou mais de um) os elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

(01) [...] I la eu tenho tido anoticiaqui **noØ dumingos** esta muito bom| [...]. (FP- 79)

(02) [...] conpadi sir **uØ tenpos**| tirver bom min.| mandi Dizêr [...]. (AFS- 14)

(03) [...] São as horas mais filiz quando pego| Nesta caneta para da **minhaØ noticias**| [...]. (AHC- 59)

(04) [...] Vou finalizar minha carta porque **minhaØ**| **horas** São vazia [...]. (AHC- 59)

(05) [...] pitanga farsa **aØ miaØ vesis**| por mia farmiria| [...]. (AFS- 2)

(06) [...] Sin eu viraci um cannarinnho| D Dar queri| bem cantador par| carnta nu seu tereiro| par carbar **aØ minhaØ dores**| [...]. (AFS- 8)

(07) [...] u sinhor | tiri **uØ ceuØ retartos** ir| min mandi par min| [...]. (AFS- 10)

(08) [...] D*ona* Maria lenbrancas|para **suaØ familias**| (MNO-121)

(09) [...] pesso desculpa **nestaØ mal**| **feitaØ Lenhas** [...]. (JCO- 31)

(10) [...] sin commadi Deus lommi| comta da s sinhora di **ceuØ**| **filihos** i di nois toudos| [...]. (AFS-45)

(11) [...] eu| estou com muita vontadi di| cormer **aquelaØ furtas**| **b boaØ i gostozaØ** [...]. (AFS- 25)

(12) [...] espero o neu amo com **orØ meuØ braços**| **abertoØ** [...]. (RAC- 85)

(13) [...] sim comade deu Lembraca| a [.] compadi Nerado e| a dona maria e tio agusti| e a nide mais u espozo| e **aØ criançarØ todás**| [...]. (AOL- 72)

(14) [...] der Lenbranca atodos| da nobri caza e **aØ vrizinacaØ todas**| [...]. (MC-36)

Ainda que não sejam muitos casos, esses exemplos, que parecem sistemáticos em coocorrência com os demais aspectos que indicam inabilidade, são ilustrativos da dificuldade dos redatores em manter o padrão ortográfico e gramatical predicado à escrita, quando se trata de textos do século XX, o que se traduz em índices grafofonéticos e representação de variantes morfossintáticas de seu vernáculo. Diferente do que geralmente ocorre na oralidade, que tem a propensão de apresentar mais marcação de plural nos elementos flexionáveis que se encontram à esquerda do núcleo, adjacentes a ele ou não[81], a informação de plural, nos casos

[79] A sequência de exemplos foi reiniciada em cada seção, para facilitar a leitura.
[80] Dentre os exemplos listados, muitos foram extraídos do trabalho de Santos (2017), que usou como *corpus* 91 das cartas pessoais dos sertanejos, para estudar a variação da concordância nominal de número.
[81] Cf. Scherre (1988), Lopes (2001) e Baxter (2009).

de (01) a (10), é registrada apenas no núcleo do sintagma. Nos exemplos (11) e (12), "**aquelaØ furtas**| **b boaØ i gostozaØ**" e "**orØ meuØ braços**| **abertoØ**", além da ausência de marca no elemento que precede o núcleo, os da direita também não são marcados. E, nos exemplos (13) e (14), a informação de plural está no elemento pós-nuclear, representado pelo quantificador *todas*.

Nos exemplos de (15) a (21), a seguir, há contextos menos raros na fala, em que a marca de plural está no núcleo e em apenas um dos elementos pré-nucleares, como de (15) a (19), ou somente em um ou dois dos elementos pré-nucleares, como em (20) e (21). Ainda que estejam presentes em dados de oralidade, esses contextos não são predominantes, principalmente, quando o elemento marcado não está adjacente ao núcleo. Segundo Lopes (2001, p. 264), "[...] além da posição à esquerda do núcleo, a de adjacência a ele é um importante condicionador para a realização da concordância; em itens à esquerda do núcleo mas não adjacentes a ele há maior probabilidade de ausência de concordância". Na escrita dos sertanejos, a ausência da marca de plural é identificada também em elementos adjacentes ao núcleo, como mostram os exemplos de (15) a (18).

b) Estruturas com pelo menos um ou mais elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

(15) Quridinha Amiguînha Amerinda|**as minhaØ saudações**| [...]. (APS- 43)

(16) [...] abraco en **todaØ as minhaØ amigas** que ainda selinbra de min. (MC-50)

(17) [...] pego| no lapis pra dà-te **as minhaØ| noticias** [...] (NIN-108)

(18) [...] Deus der **us bomØ tempos** para nois| todos [...]. (MC-50)

(19) [...] Venho por meio **destaØ atrevidas**.| **linhas**. pedir-lhi á mão de vossa.| Filha Maria Inez: á cazamento.| [...]. (APC- 83)

(20) [...] perzado| a amigor p. Compadi esta duas linha solmenti| par lidar **aØ mihas notissaØ** [...]. (AFS- 4)

(21) [...] si a senhora| mi vendi **algumas**| **daØ suas maquinaØ**|[...] (TB-109)

Lopes (2001) comenta, a partir da teoria dos 4 M, proposta por Myers-Scotton e Jake (2000 apud LOPES, 2001), que há uma ordem na aquisição dos morfemas numa língua[82], e os morfemas funcionais, classificados como *gramaticais precoces* (*early system morphems*) são adquiridos concomitantemente aos *morfemas de conteúdo* (*content morphemes*),

[82] Segundo essa teoria, todas as línguas possuem quatro tipos de morfemas: de conteúdo (substantivos, adjetivos e verbos, por exemplo), gramaticais precoces (como os artigos), gramaticais tardios pontes (como as preposições) e gramaticais tardios exteriores (como o morfema de terceira pessoa -mos, em *estudávamos*), de acordo com detalhamento realizado por Lopes (2001, 2016).

proporcionando a eles a definitude necessária, por exemplo, para atender às intenções do falante. A observação da forma como a concordância no SN se realiza indica que, segundo Lopes (2001, p. 265), "[...] a marca de plural do elemento imediatamente anterior ao núcleo é um *early system morpheme*, ou seja, é gerado juntamente com os *content morphemes*, daí a sua probabilidade maior de concordância que as outras marcas de plural, que são introduzidas posteriormente [...]". Nos sintagmas com possessivo ou outra classe na segunda posição antes do núcleo, a informação de definitude pode ser expressa por esse elemento pré-nuclear. Há muitos dados, nas cartas dos sertanejos, em que a informação de plural está concentrada no numeral, elemento pré-nuclear que contém marca semântica de concordância, como em "Conpadi pitanga| u sinhor b boti| umma bença **nuØ**| **teis meninoØ**| [...]" (AFS- 24) e "[...] Detar .que mando| Dinheiro **nestiØ 60 diaØ** [...]" (AFS- 23).

Essa é a pertinente explicação atribuída por Lopes (2001) para os casos identificados em sua pesquisa, principalmente, os que envolvem a presença do possessivo adjacente ao núcleo. No entanto, isso não se aplica aos exemplos de (15) a (17), como "**as minhaØ saudações**", e em muitos dos listados no item *a*, já que são sintagmas com possessivos adjacentes ao núcleo, que estariam expressando essa informação de definitude, mas que não receberam a marca de plural, assim como em sintagma com adjetivo, como em (18), "**us bomØ tempos**".

Há, ainda, os casos de acréscimos do grafema <s> em palavras dentro de sintagmas que, pelo contexto, não expressam ideia de plural, como ocorre nos exemplos de (22) a (30). Considerados como um aspecto da dimensão da *escriptualidade*, assim como o acréscimo de <r> (cf. Tabela 8, na seção 5), esses dados são possíveis hipercorreções.

c) Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural:

(22) [...] ficei muito contete de| **a cioras** te alebrado de| mi [...]. (AOL- 72)

(23) [...] eu solu u memo **Aqueri minno Amigos**| [...]. (AFS- 4)

(24) [...] eu sou **a queri menmo amigos** seu| [...]. (AFS- 4)

(25) [...] nada mas du **seu** viri **despesado amigos**| [...]. (AFS- 5)

(26) **perzado querido amigos**| Conpadi pitanga [...]. (AFS- 6)

(27) [...] commo vai u sinhor di saudi| com **A mihas conmadi** Almerinda| [...]. (AFS- 12)

(28) eu Arecibi| A coua Almavi| cartinnha i firquei| muito saltifeito du| têr mim Avizado| q*ue* u têmpo esta| muito rouis| conpadi foi A maor| Aligial que eu tivi. na.| miha vida condo eu| recibi **a suas cartinha**| | 13 di julho [...]. (AFS- 18)

(29) **Fazendas vasoura** [?]| saudacão felicidade.| (LA-120)

(30) [...] para um bom| emtendedor abasta **meia palavras**| (JMS-66)

O acréscimo do <s> ocorreu principalmente no núcleo dos sintagmas, mas também em elementos à esquerda, como em (28), "a suas cartinha", e até mesmo em um numeral, elemento que já contém a ideia de plural, em "[...] João eu fasso tenção de aparicer| por tá lá **nos quinzes dias** [...]" (MCO- 34). Os textos com dados desse tipo são, principalmente, de redatores com maior dificuldade de escrita; assim como em relação às estruturas listadas em *a* e *b*, extraídas de cartas cujos redatores situam-se, a maior parte, no ponto do contínuo de inabilidade referente à *inabilidade máxima*, a exemplo de AFS, AOL e MC, ou à *inabilidade parcial*, como FP, AHC e RAC.

Quadro 7 – Distribuição dos tipos de ocorrências mais raras de marcação do plural, por redator

Posição do constituinte em relação ao núcleo	**Redatores**		
	Inabilidade máxima	Inabilidade parcial	Inabilidade mínima
Todos os elementos (um ou mais de um) à esquerda sem marcação de plural	AFS, AOL, MC	FP, AHC, JCO, RAC	MNO
Pelo menos um ou mais elementos à esquerda sem marcação de plural	AFS, MC	TB, APS, NIN	APC
Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural	AFS, AOL, LA	JMS, MCO	-

Fonte: elaboração própria.

6.1.2 COMPARAÇÃO COM INÁBEIS DE OUTRA SINCRONIA HISTÓRICA: A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN EM ATAS DO SÉCULO XIX

Em *Concordância nominal (cenas da variação em palcos do século XIX)*, Oliveira, Soledade e Santos (2009) verificaram a variação das regras de concordância de número dentro do SN, a partir de atas, escritas por seis africanos, que fazem parte do *corpus* constituído por documentos da Sociedade Protetora dos Desvalidos, na Bahia. Em uma abordagem descritivo-interpretativista, foram consideradas variáveis linguísticas e sociais através da análise atomística[83].

Dos 559 constituintes passíveis de receberem concordância, identificados pelos pesquisadores, 422 (75%) obtiveram a marcação de plural e 137 (25%) não receberam a marca. Os autores atribuem os altos índices de marcação do plural ao fato de serem textos escritos bastante formais, como são as atas, uma tradição discursiva de contornos bem definidos.

[83] Nesse tipo de análise, cada elemento passível de receber a marca de concordância é analisado separadamente, ao contrário da análise sintagmática ou não-mórfica, em que o SN inteiro é considerado como unidade de análise.

Diante disso, alguns dados sem marcação de plural merecem atenção, porque podem ser indicativos da dificuldade de alguns redatores com a escrita. É o caso de exemplos sem marcação de plural em elementos pré-nucleares, adjacentes ao núcleo ou não, em estruturas sintagmáticas de constituição variada, como se visualiza nas listas a seguir, organizadas a partir dos dados apresentados por Oliveira, Soledade e Santos (2009).

– Exemplos das atas dos africanos:

a) Estruturas com todos (um ou mais de um) os elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

a Leis (MVS, 02, 19.02.1834)[84]
a Leis (MVS, 04, 05.04.1835)
Actual aDeministradores (JFO, 01, 18.10.1835)
o Senhores (MSR, 13, 06.06.1835)
qualquer Mezários (LTG, 08, 02.02.1833)
meza Mensaes (LTG, 08, 02.02.1833)
seu mensaes (MSR, 15, 11.10.1835)
do termos (JFO, 04, 05.06.1836)
do Mencaes (MC, 02, 02.05.1841)
o novo Estatutos (MSR, 08, 08.02.1834)
o dito Estatutos (MSR, 08, 08.02.1834)
prunanamine Vondades (MVS, 03, 29.03.1835)
da despozicoens Geral (JFO, 02, 01.11.1835)
O pogetos oferecidos (MC, 01, 21.10.1834)
O numeros de cinco (MSR, 15, 11.10.1835)

b) Estruturas com pelo menos um dos elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

o seos trabalho (GMB, 02, 29.12.1834)
a suas Somas (MSR, 15, 11.10.1835)
o socios Adiminstradores (MSR, 06, 07.01.1835)
do Nossos estatutos (JFO, 02, 01.11.1835)
do nossos deveres (JFO, 08, 02.10.1836)
do Nossós Estatuto (JFO, 12, 02.10.1842)
do Novos Adremenetador (MVS, 08, 16.10.1835)
as **nossa** irmãs (MSR, 12, 02.08.1835)
dos **pertencente** Bilhetes (MSR, 15, 11.10.1835)
do Senhores Devedores (MSR, 15, 11.10.1835)

Há, também, estruturas com elementos pré-nucleares sem marcação de plural, mas que integram sintagmas com numeral, categoria que contém marca semântica de concordância, como em: "Nossa Senhora do Ruzario **do** 15 Misterio" (MVS, 03, 29.03.1835), "**pela** 8 ora da Menha" (MC, 01, 21.10.1834), "**ao** dois dia do Mez de Fevereiro" (MVS, 01, 02.02.1834),

[84] A identificação dos exemplos das atas segue o formato usado por Oliveira, Soledade e Santos (2009), com a indicação da sigla do redator, número do documento e data de escrita.

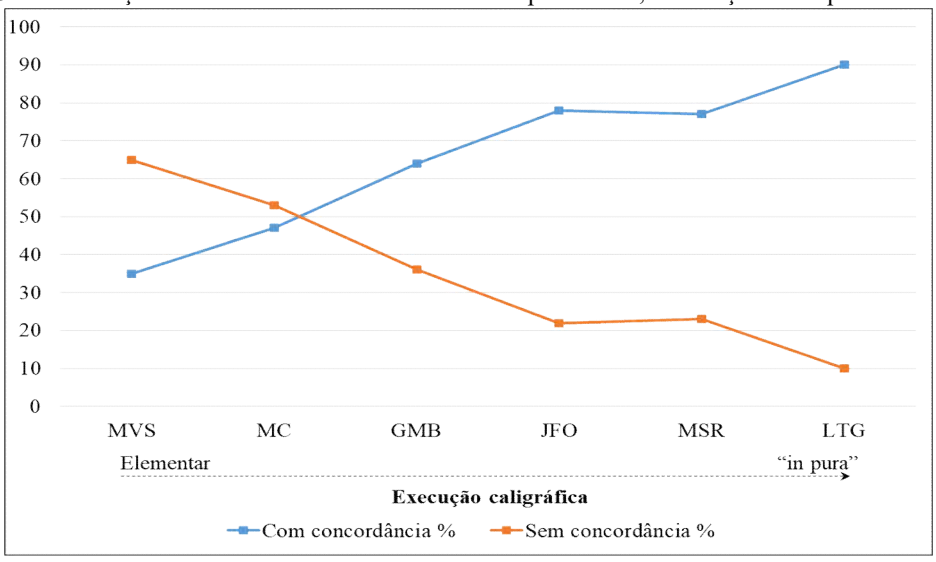
"**ao** deNove dia do Mez de Feverero" (MVS, 02, 19.02.1834), "**ao** Cinco dia do Mez de Abril" (MVS, 04, 05.04.1835), "os **primeiro** fundadores" (MSR, 02, 23.02.1834).

Ainda que, no geral dos dados, ao analisar a *posição do constituinte em relação ao núcleo* – uma das variáveis consideradas pelos pesquisadores –, tenha sido constatada a tendência de que os constituintes pré-nucleares parecem exibir mais a marca de plural que os constituintes pós-nucleares, os exemplos listados em *a* e *b*, que não seguem essa tendência, podem indicar, no caso de redatores com pouca habilidade com a escrita, uma maior dificuldade. Os exemplos saídos das mãos de Manuel da Conceição (MC) e de Manuel Vítor Serra (MVS), por exemplo, coincidem com a menor competência caligráfica exibida em seus textos.

A partir da classificação proposta por Petrucci (1978), quanto às características físicas da execução caligráfica, Oliveira, Soledade e Santos (2009) caracterizam esses dois redatores (MC e MVS) como representantes da competência gráfica *elementar ou de base*, por manifestarem, em seus produtos gráficos, traçado descuidado, incapacidade de alinear as letras num regramento ideal, aspecto desenquadrado das letras, uso de módulos grandes, falta de ligação entre os caracteres das palavras, rigidez e falta de leveza ao conjunto do texto. Ao controlar a variável não linguística *redator do documento*, os pesquisadores identificaram a correspondência que pode ser feita entre a execução caligráfica e a variação na concordância nominal.

No gráfico a seguir, nota-se a relação entre esses redatores estacionados em competência gráfica elementar e os índices mais altos de ausência de marca de concordância:

Figura 33 – Distribuição dos dados de concordância nominal por redator, em relação à competência caligráfica



Fonte: Adaptado de Oliveira, Soledade e Santos (2009, p. 310).

Os índices mais altos de formas pluralizadas são dos textos de Luís Teixeira Gomes (LTG), cuja execução caligráfica é classificada como *in pura*, com características relacionadas a uma escrita tecnicamente bem executada, com presença do módulo pequeno, produzido com segurança e perícia. Seguido aos textos desse redator, estão os de Manuel do Sacramento e Conceição Rosa (MSR), José Fernandes do Ó (JFÓ) e Gregório Manuel Bahia (GMB). O gráfico se inverte quando chega ao ponto representado por Manuel da Conceição (MC) e Manuel Vítor Serra (MVS), com maior ausência de marca de concordância. Essa relação entre execução caligráfica e índices de concordância nominal é semelhante a que é identificada para os redatores sertanejos, como será demonstrado em gráfico apresentado na próxima subseção.

Avelar e Carneiro (inédito), em *Concordância nominal*, analisaram os dados das atas escritas por 23 brasileiros (de nacionalidade comprovada ou não), descendentes de africanos, que também fazem parte do *corpus* da Sociedade Protetora dos Desvalidos, do século XIX, e apresentam um panorama descritivo sobre o fenômeno. Dos 1.755 dados de constituintes nominais com expressão de plural, foi verificada uma taxa de concordância de 72%, contra 28% de não-concordância. Taxas muito semelhantes às encontradas por Oliveira, Soledade e Santos (2009), nas atas dos africanos (75% de concordância, contra 25% de não concordância).

Dos dados levantados por Avelar e Carneiro (inédito), destacam-se, aqui, as estruturas sem marcação de plural em elementos pré-nucleares, mais raras na oralidade e que podem refletir a dificuldade dos redatores com a escrita.

- Exemplos das atas dos afrodescendentes (brasileiros ou prováveis brasileiros):

a) Estruturas com todos (um ou mais de um) os elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

do yurios (AJB, 1864)
o yurios (AJB, 1864)
esta medias (AJB, 21.02.1864)
este artigos (AJB, 06.03.1864)
meu Sen*hore*s (AJB, 06.03.1864)
Seu decumentos (AJB, 06.03.1864)
do SoCios (AJB, 17.04.1864)
algum Socios (AJB, 17.04.1864)
do regi-mentos (AJB, 01.05.1864)
na Sei-coes (AJB, 22.05.1864)
da fintas (AJB, 16.10.1864)
do Socios (AJB, 06.10.1867); (AJB, 21.02.1864); (AJB, 21.01.1867); (MAC, 06.10.1867); (SRS, 29.11.1868)
do socios (AJB, 21.01.1867)
a explicaçoes (FB, 09.11.1887)

da reprezentaçaões (FPF, 17.05.1846)
o seu tratos (FPF, 05.07.1846)
o trabalhos (FPF, 13.09.1846)
esse aran-ranjos (FPF, 13.09.1846)
no Art*ig*os (FJS, 13.03.1873)
do lemites (FJS, 18.05.1873)
pello apartes (FJS, 15.06.1873)
ao Socios (FJS, 13.03.1873)
a actas (FJS, 03.08.1873)
deste conselhos (FJS, 03.08.1873)
da leituras (FJS, 03.08.1873)
o numeros (FSF, 16.11.1894)
omezes (MJR, 18.10.1840)
da dispezas extarordinarias (MJR, 02.05.1841)
usocios (SFR, 20.10.1873)
este papeis (SFR, 20.10.1873)
inuito pedidos (SFR, 20.10.1973)
da Dispezas (SRS, 29.11.1868)
da Cartas (SRS, 03.01.1869)
do Soçios (SRS, 03.01.1869)
do Sosios (SRS, 14.02.1869)

b) Estruturas com pelo menos um dos elementos à esquerda do núcleo do SN sem marcação de plural:

o S*enhore*s Socios (AJB, 06.03.1860)
da nossas escreturas (AJB, 06.03.1864)
OSen*hore*s Socios (AJB, 10.07.1864); (AJB, 10.07.1864)
do siguintis s*enhore*s (MLF, 04.05.1968)
eo Ir*mã*os Secretarios (MJR, 25.02.1841)
Todos **o** Sosios (SRS, 29.11.1868)
ho Segintes Senhores (SRS, 03.01.1869)

Além desses, há os casos de elementos pré-nucleares sem marcação de plural adjuntos ao numeral, categoria que expressa marca semântica de plural, como em: "**Ao** oito dias" (MCS, 08.11.1846) e "**do** dois menores filhos" (AJB, 06.03.1860). De outro modo, há os acréscimos de <s> em palavras que, de acordo com o contexto, não denotam plural, como nos seguintes SNs: "que Se Referia a ho Dizer **do mesm*o* Sosio<u>s</u>** Jerado:" (SRS, 03.01.1869); "i mandor ler o o Art*igo* 27/ **do estatuto<u>s</u>**" (FJS, 13.03.1873).

No quadro a seguir, os exemplos identificados nos *corpora* são comparados:

Quadro 8 – Exemplos de não marcação do plural no SN, na escrita, mais raros na oralidade

Posição do constituinte em relação ao núcleo	Em atas de africanos, séc. XIX	Em atas de afrodescendentes, séc. XIX	Em cartas de sertanejos, séc. XX
Todos os elementos à esquerda sem marcação de plural	***o*** *Senhores*	***do*** *yurios*	***a minha*** *dores*
Pelo menos um dos elementos à esquerda sem marcação de plural - adjacente	*as* ***nossa*** *irmãs*	*Todos* ***o*** *Sosios*	*as* ***minha*** *saudaçãos*
Pelo menos um dos elementos à esquerda sem marcação de plural - não adjacente	***o*** *seos trabalho*	***do*** *siguintis senhores*	***desta*** *atrevidas. linhas.*
Elementos pré-nucleares sem marcação de plural, em sintagmas com numeral	***do*** *15* ***Misterio***	***Ao*** *oito dias*	***nu*** *teis* ***menino***
Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural	-	*do mesmo* ***Sosios*** *Jerado*	*a* ***cioras***

Fonte: elaboração própria.

É possível notar certa semelhança entre as estruturas de não marcação do plural no SN, nas atas, de africanos e de afrodescendentes, e as que foram identificadas nas cartas dos sertanejos. São, principalmente, estruturas sem marcação de plural em elementos pré-nucleares, exemplos menos comuns na oralidade e podem indicar marca de menor habilidade na dimensão da *escriptualidade*.

6.1.3 DADOS MAIS TRANSPARENTES À ORALIDADE: USOS VARIÁVEIS DE MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN, NAS CARTAS

Pretende-se discutir, aqui, sobre a presença, nas cartas, de dados de não concordância que sejam possíveis reflexos da fala, contrastando com os dados apresentados nos itens anteriores, que seriam marcas de inabilidade no nível da *escriptualidade*.

Segundo Barbosa (2017, p. 21), por vezes o usuário de *corpora* supõe a relação entre a "[...] escrita de redatores inábeis (que abriga, por vezes, variantes escritas mais transparentes de processos fonéticos) e uma maior abertura à oralidade mais vernácula em outros planos da língua, como o sintático e o morfológico". Então, busca-se verificar se esses dados da escrita estão presentes em dados orais, já que se supõe encontrar, nesse tipo de texto, uma sintaxe mais próxima da fala, por causa da presença de marcas de oralidade na escrita. A questão motivadora é então, saber se há alguma aproximação entre marcas de inabilidade da escrita, do século XX, e aspectos da oralidade, mesmo que em dados de fala, produzidos décadas

depois da escrita das cartas, extraídos das entrevistas-narrativas gravadas com os sertanejos que estão vivos.

Santos (2017), em *A variação da concordância nominal de número em cartas de inábeis do sertão baiano (1906-2000)*, faz uma análise minuciosa da concordância gramatical de número plural entre os elementos flexionáveis do SN em 91 das cartas dos sertanejos (o *corpus* total é constituído por 131 cartas).

A pesquisadora identificou 318 sintagmas nominais passíveis de receber a concordância de número plural nos textos. Através de análise na perspectiva sintagmática, foi considerada a presença de marca de plural formal em todos os elementos flexionáveis do SN *versus* ausência de marca em pelo menos um dos elementos flexionáveis do SN, apresentando o seguinte resultado: dos constituintes, apenas 99 (31%) receberam a marcação de plural, enquanto que 219 (69%) não receberam essa marca. Foi realizada, também, uma análise na perspectiva atomística, em que se considerou como dado cada um dos constituintes flexionáveis dos SNs plurais. Dos 710 constituintes passíveis de receber a concordância de número dentro do SN, 420 (59%) obtiveram a marcação de plural, ao passo que 290 (41%) não receberam a marca, índices de ausência de marcação mais altos que os encontrados por Oliveira, Soledade e Santos (2009), nas atas do século XIX (25%).

Tabela 13 – Taxas de variação da concordância entre os itens do SN, em dados de escrita

	Cartas dos sertanejos, séc. XX		**Atas dos africanos, séc. XIX**	
	Frequência	%	Frequência	%
Com concordância	420/710	59	422/559	75
Sem concordância	290/710	41	137/559	25

Fonte: Adaptado de Santos (2017) e Oliveira, Soledade e Santos (2009).

Esses índices mais altos de ausência de marcação do plural podem ser reflexo do maior grau de informalidade das cartas, em relação às atas, que, como Oliveira, Soledade e Santos (2009) afirmam, são textos de uma tradição discursiva com contornos bem definidos.

Para a tabela a seguir, distribuíram-se, aqui, os constituintes por redator, a partir dos 318 dados gerais de Santos (2017), relativos à análise sintagmática (31% com concordância e 69% sem marca de concordância), a fim de verificar quais *mãos* refletem esse aspecto morfossintático variável, que é comum à oralidade, de modo mais expressivo na escrita. Em textos de 39, dos 43 redatores (considerando-se, apenas, os redatores da primeira parte do *corpus* – 91 cartas), foram localizados sintagmas passíveis de receber a marcação de número plural.

Tabela 14 – Distribuição dos dados de concordância nominal por redator

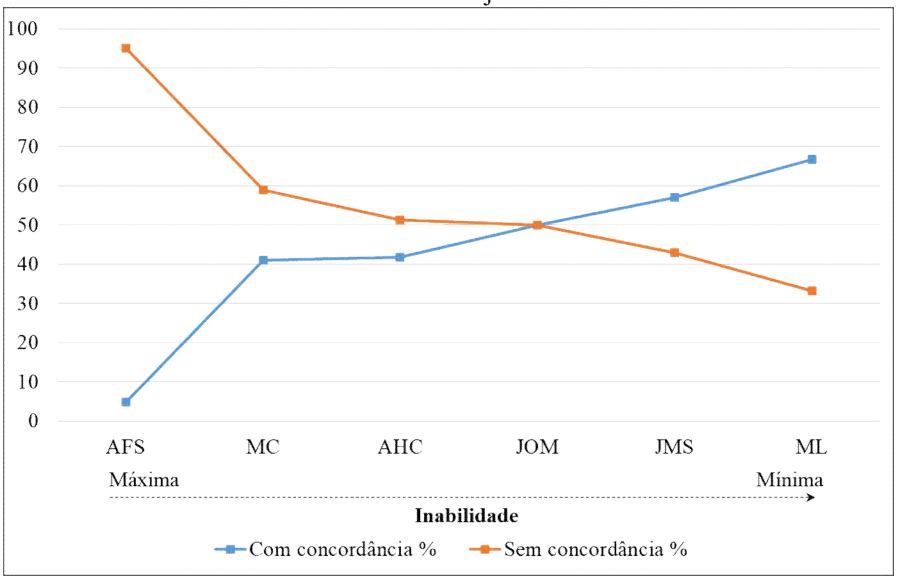
Redatores	SNs com concordância		SNs sem concordância		Total
	Ocorrências	%	Ocorrências	%	
AFS	4	4,8	80	95,2	84
GOR	9	90	1	10	10
JOM	1	50	1	50	2
JCO	2	28,6	5	71,4	7
LFO	1	33,3	2	66,7	3
MCO	1	12,5	7	87,5	8
MC	9	41	13	59	22
NIN	5	71,4	2	28,6	7
RCO	-	-	1	100	1
SFS	4	57,1	3	42,9	7
APS	3	33,3	6	66,7	9
FPS	3	50	3	50	6
ICO	-	-	1	100	1
ZBO	1	25	3	75	4
ZSS	-	-	8	100	8
AHC	10	41,7	14	58,3	24
JS	-		1	100	1
ASC	1	100	-	-	1
JMA	-	-	2	100	2
JMS	20	57,1	15	42,9	35
DCS	2	66,7	1	33,3	3
ZLS	2	20	8	80	10
AOL	-	-	2	100	2
ROM	1	50	1	50	2
ZJS	-	-	2	100	2
LM	-	-	1	100	1
MMO	2	100	-	-	2
ML	2	66,7	1	33,3	3
FP	2	11,8	15	88,2	17
AML	-	-	3	100	3
JPC	-	-	1	100	1
APC	1	50	1	50	2
MDC	6	66,7	3	33,3	9
RAC	3	30	7	70	10
VAN	1	33,3	2	66,7	3
IZA	2	100	-	-	2
JSS	-	-	1	100	1
IPO	1	100	-	-	1
BMO	-	-	2	100	2
Total	**99**	**31**	**219**	**69**	**318**

Fonte: elaboração própria.

Dos 39 redatores, 24 manifestaram, em seus textos, um maior percentual de SNs sem marcação de plural. Relacionando os dados ao contínuo de inabilidade construído na seção 5 (cf. Figura 32 e Quadro 6), observa-se uma correspondência entre maior inabilidade do redator com a escrita e maiores índices de ausência de concordância nominal. Todos os redatores que se situam no ponto do contínuo referente à *inabilidade máxima* apresentam um maior percentual de constituintes sem marca de plural formal, como AFS (95,2%), MC (59%), VAN (66, 7%), JS, JMA e AOL (100 %).

Para melhor visualização, no gráfico seguinte, comparam-se os seis redatores, dois de cada ponto do contínuo.

Figura 34 – Exemplo de distribuição dos dados de marcação de plural no SN por redator, nas cartas dos sertanejos



Fonte: elaboração própria.

Desses seis redatores, os que apresentam um índice maior de constituintes sem concordância são AFS e MC, cujos textos exibem, também, um conjunto de características próprias ao que se considera, aqui, como *inabilidade máxima*. Em seguida, os que correspondem a uma *inabilidade parcial* (AHC, JMS) e *mínima* (JOM). No sentido inverso do gráfico, ML, cuja inabilidade é, também, considerada *mínima*. Os dados referentes às cartas de redatores com menor inabilidade (JOM e ML) são poucos, considerando-se que, tal como em relação às demais cartas de remetentes assim caracterizados, os textos são curtos, na grande maioria dos casos, contendo menos de cem palavras.

As sentenças de (31) a (36) exemplificam casos de ausência de concordância no SN, identificados na escrita desses seis redatores citados, dois ilustrando cada ponto do contínuo de inabilidade.

(31) [...] lenbarnca **As| meninaØ** da| qui [...]. (AFS- 10)
(32) [...] **as galinhaØ** que eu tem aí e| a que <↑?> foi de brenadete que esta com us| Pintos [...] (MC- 37)
(33) Quero Ser **teus olhoØ**, te sequir de| perto e Ser todo certo o teu camin-|har. [...]. (AHC- 57)
(34) [...] Encontrei a Safra de ferreiro| uma de 360 cruzeiros e outra por| **200,00 cruzeiroØ** [...]. (JOM- 30)
(35) [...] lhi pesco **as minhas desculpaØ** que| são as minhas poucas praticas [...]. (JMS- 66)
(36) [...] Quando a senhora| escrever para ele mande **lembran**| **ças minhaØ** <↑de josé> e dos meninos.| [...]. (ML- 77)

Diferente dos dados que caracterizam a inabilidade na dimensão da *escriptualidade*, apresentados em 6.1.1, os exemplos de (31) a (36) podem estar mais próximos das estruturas de oralidade. Os resultados de estudos que trabalham com *corpora* orais indicam a propensão de haver muito mais marcação de plural nos elementos flexionáveis que se encontram à esquerda do núcleo, adjacentes a ele ou não (cf. LOPES, 2001; BAXTER, 2009). Nesses exemplos, a marcação de plural é predominante nos elementos à esquerda e a não marcação ocorre no núcleo ou nos elementos à direita.

6.2 EXEMPLOS DE NÃO MARCAÇÃO DO PLURAL NO SN, NA ORALIDADE DOS SERTANEJOS

Para verificar se há alguma aproximação entre a não marcação do plural no SN em dados da fala dos redatores e o que foi observado na escrita, realizou-se um levantamento de alguns exemplos, extraídos das entrevistas-narrativas. Por conta da distância temporal (tempo da escrita das cartas e tempo das gravações), não foi realizado um estudo quantitativo dos dados, com controle de variáveis, mas apenas uma descrição de alguns exemplos, extraídos da fala de três dos entrevistados (AFS, ACO e RAC), para verificação do tipo de estrutura em que ocorre a ausência da marca de plural.

– Exemplos de dados de não concordância, na oralidade dos sertanejos:

meus filhoØ hoje que mora tudo pra lá (AFS)
hoje **meus filhoØ** mora tudo lá (AFS)
É... **essas cartaØ** eu fiz de lá sem saber a ler (AFS)
eu via **as cartaØ dos outroØ** (AFS)
eu pegava **as cartaØ** (AFS)
olhava **pras cartaØ** assim (AFS)
eu olhava pra caneta **dos outroØ** escrevia a (AFS)
as criançaØ ia montado de animal, nós não (AFS)
essas cartaØ aí que eu fiz foi de cinquenta e oito (AFS)
tinha sodade **dos amigoØ** muita sodade (AFS)
aí os... **os caraØ** que tinha carta escrevida (AFS)
aqueles garranchoØ, **aquelas cartinhaØ** (AFS)
em São Paulo mesmo... **uns pessoalØ** escrevia pra Bahia (AFS)
uns amigoØ escrevia pra Bahia,
pegava **umas letraØ** escrevia (AFS)
as vezeØ o pessoal pegava aquele livro (AFS)
papel que tinha **aquelas letraØ** (AFS)
ali eles via [inint] **meus amigoØ** lá de São Paulo (AFS)
a noite e o dia eles ficava e **aqueles caraØ** que (AFS)
pegava **aquelas gazetaØ**, **aqueles papelØ** ia leno (AFS)
e leno **aquelas passageØ** (AFS)
cê vê que **os pessoalØ** mais desenvolvido (AFS)
meus irmãoØ era tudo menor (AFS)
eu não sei se ele... **essas cartaØ** que ele fez (AFS)
aí também foi **poucos diaØ** de escola (AFS)
a leitura de **minhas irmãØ** foi essa (AFS)
eles contava **aquelas historiaØ** (AFS)
ninguém credita **nas historiaØ** (AFS)
votava pra traz, **os paiØ** sentado ali, elas não vinha (AFS)
porque **as outraØ** tá verdinha, chamava de novo era verde (AFS)
as outraØ tá verdinha (AFS)
dispois **os paiØ** da moça pegava a moça (AFS)
Contava **aqueles casoØ todoØ** (AFS)
isso tudo eu me lembro, é **os casoØ** de... é (AFS)
e a gente lembra dos... **dos passadoØ** tudo, **dos amigoØ** (AFS)
e a Bibla **naqueles tempoØ** era escondida (AFS)
os padeØ tinha ela num mostrava pa ninguém (AFS)
falava **as coisaØ** que você nem sabia (AFS)
quando eu peguei leno lá com **os meninoØ** lá (AFS)
pedia **as pessoaØ** "me ensina aqui" é? (AFS)
Aí a pessoa me ensinava, né? **As pessoaØ** que num (AFS)
perguntava **aquelas pessoaØ** que entendia mai do que eu (AFS)
ensinou **poucos diaØ** na casa do meu avô (AFS)
teve essa escola [inint.] **as meninaØ** aprendero (AFS)
dos titoØ veiØ de tigamente aquele (AFS)
Não teve **aqueles tito** de papé que tem (AFS)
deste tamanho, **aqueles cartão**? (AFS)
Pra **esses titoØ novoØ**... pras **esses tito** (AFS)
renovar **aqueles tito** (AFS)
fazeno **esses cadastro**, eu cadastrei muitos (AFS)
olhava pra o... pra o... **as letraØ dos outroØ** e fazia olhano (AFS)
Pitanga tem **essas cartaØ**... provavelmente que tem, né? (AFS)
que eles guardaro essa carta... **essas cartaØ** lá (AFS)

olhano **pelas outraØ**, letra **das outraØ** assim e fa... fazeno né? (AFS)
os amigoØ aí... aí eu escre... fazia **aquelas cartaØ** toda doidada (AFS)
as letraØ toda... fazia olhano por uma, né? (AFS)
com **aquelas letraØ** que o pessoal (AFS)
dano merguio, era **os diaØ** de domingo era **os diaØ** de foga da gente (ACO)
aqui só quem nasceu aqui só foi a galerinha... **meus filhoØ**... foi (ACO)
ela... comprava **os livroØ** pra gente ler (ACO)
aqui eu era dento **desses pastoØ** aí limpano mandioca (ACO)
se eu lembro **quantas cartaØ**? (ACO)
Santa Luz... Queimada, é **os lugarØ** que eu já tive trabalhano (ACO)
assim como... **pocos diaØ** mehmo fui fazer uma carteira (ACO)
mas **as vezØ** intrapalha por causa que a visão tá mei poca (ACO)
aí quem fez **os otos irmãoØ** teve uns que foi estudar em... em Coité (RAC)

Não há muita variação quanto às estruturas dos SNs identificados, a maioria é constituída por um determinante e um nome, e a ausência de marca de plural incidiu, predominantemente, no núcleo dos SNs. A não marcação no núcleo e no elemento à direita é identificada apenas em três exemplos: "aqueles **casoØ todoØ**", "dos **titoØ veiØ**" e "esses **titoØ novoØ**". Há muitas ocorrências de sintagmas com numeral, classe que contém marca semântica de concordância, em que o elemento não marcado de plural é, também, o núcleo.

– Exemplos de SNs com numeral, com núcleo sem marca de plural, na oralidade:

eu tenho **oito filhoØ** em São Paulo (AFS)
tinha vez de escrever **dez cartaØ** pra Bahia (AFS)
de uns... **cinquenta anoØ** pra cá (AFS)
o desenvolvimento é de **cinquenta anoØ** pra cá (AFS)
quem trabalhava com meu pai, com **doze anoØ**, **teze anoØ**, catoze (AFS)
e já tinha casado a **quinze diaØ** ou a vinte ou **trinta diaØ** (AFS)
e aí... de dois a **três anoØ** (AFS)
com a gente com doze, treze, **dez anoØ**, **oito anoØ**, **nove anoØ** (AFS)
que se passou comigo com oito, **nove anoØ**, me lembro de tudo (AFS)
agora o que se passa daqui a **quinze diaØ** atrás (AFS)
eu cadastrei... **mil e oitocentos titoØ** aqui de Riachão (AFS)
cê vê com uns quatro, cinco, **seis anoØ** de escola (AFS)
e quando a gente já tava com **seis anoØ** pai já botou na roça (ACO)
Desde **os nove anoØ** (RAC)
na época por **meus dezessete anoØ** (RAC)
parece que era seis... **seis irmãoØ**... **seis irmãoØ** estudava na casa (RAC)

Com uma comparação entre esses exemplos de oralidade e os dados da escrita dos sertanejos, nota-se que alguns contextos de não marcação do plural percebidos na escrita não foram localizados na fala, como a ausência de marca nos elementos à esquerda do núcleo, ainda que em poucos casos, registrada nas cartas. No quadro a seguir, sistematiza-se a comparação entre as estruturas de não marcação identificadas:

Quadro 9 – Estruturas de não marcação do plural no SN, na escrita e na fala dos sertanejos

Posição do constituinte não marcado	Na escrita dos sertanejos	Na fala dos sertanejos
Todos os elementos à esquerda do núcleo sem marcação de plural	+	-
Pelo menos um dos elementos à esquerda do núcleo, sem marcação de plural - adjacente	+	-
Pelo menos um ou mais elementos à esquerda do núcleo, sem marcação de plural - não adjacente	+	-
Elementos pré-nucleares sem marcação de plural, em sintagmas com numeral	+	-
Núcleo sem marcação de plural, em sintagmas com numeral	+	+
Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural	+	-
Apenas o núcleo sem marcação de plural	+	+
Elementos à direita do núcleo, sem marcação do plural	+	+

Fonte: elaboração própria.

6.3 OUTROS ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO MORFOSSINTÁTICA, NAS CARTAS DO SÉCULO XX

Apresentam-se, adicionalmente, alguns exemplos de outros fatos morfossintáticos na escrita inábil, como a marcação de gênero no SN e alguns casos de construções com relativas, a partir das cartas que constituem o *corpus*.

6.3.1 A MARCAÇÃO DE GÊNERO NO SN

Ainda que em pouca quantidade, na escrita dos sertanejos foram identificados alguns casos com variação na marcação de gênero, fenômeno que não é um traço típico do português brasileiro. Segundo Lucchesi (2009), a variação na concordância de gênero só é registrada, em nível mais significativo, em dados de comunidades que vivenciaram um contato linguístico mais intenso.

Nos exemplos das cartas, a marcação irregular de gênero, reflexo da dificuldade dos redatores com a escrita, ocorre em alguns contextos menos prováveis de variação, como os sintagmas que se referem a seres animados, nos exemplos de (37) a (42), em que o gênero tem uma relação com a distinção entre os gêneros/sexos dos seres. Nesses casos, o gênero deve

expressar, mais que um índice gramatical, uma correlação semântica com o item lexical, no plano referencial.

a) Estruturas com marcação irregular de gênero:

(37) [...] pidindo-lhi a Vossa Ex*celentíssi*ma Senhorita| **sua ir<u>mão</u> Ana** em casamento [...] (RCO-39)

(38) Conpade pitanga eu jar li| mandei 2 carta i **do Senhor<u>a</u>**| eu So Resibil [.] uma|(LFO-32)

(39) Conpade **o Senhor<u>a</u>** pase uma| bensão ni antonia [...] (LFO-32)

(40) Quando **a cinhorØ** min escreveu (AFS-45)

(41) **Perzada queri<u>do</u> estimad<u>o</u>| Commadi Almerinda Maria di| Oliveira** commadi u destas| duas linha ir solmenti par dar| (AFS-45)

(42) **Ex*celentíssi*m<u>o</u> Senhora**| Amerinda Carneiro de Oliveira| (FPS-47)

(43) Teus beijos ficaram nos meus lábios com **<u>o</u> mesma suavidade**... (RAC-90)

(44) eu vou passando como que Jeus e sîntindo| **e numer<u>os</u> as saudades** das nossa paslestar.. formidavel|[85] (SFS-40)

(45) [...] par li dar **As minh<u>o</u> notícia** i di toudo ceu percoal| (AFS-15)

(46) [...] non civico muito| riqouzo eu larbalho **numØ** [.]| **Chiminnel** di um ma Farbirca (AFS-8)

(47) a ricibi **sua carta** i| Fice siente de tudo que **nel<u>o</u>** eci[?]va | Nela e ci vio (SFS-41)

Nesses exemplos, há estruturas com marcação irregular de gênero em elementos à esquerda do núcleo, em alguns, na posição de adjacência a ele, como em (45), "As **minh<u>o</u>** notícia" (AFS-15). São estruturas ainda mais raras, pois assim como nos casos da marcação da concordância de número no SN, os estudos demonstram que a regra de concordância é favorecida pelas estruturas mais integradas, de modo que os elementos mais próximos ao núcleo, à esquerda dele, adjacentes, tendem a uma maior marcação da concordância de gênero (LUCCHESI, 2009).

Há dados em que não há clareza sobre a intenção do redator, como na sentença "Dejiso que esta linha va li emc<u>o</u>|ntra gosado saude i filicidade com| **Tod<u>os</u> sua familia**" (SFS-41), que pode conter uma marcação irregular do gênero, se o SN for interpretado como "com toda sua família", mas pode ter havido uma omissão da preposição "da", equivalendo a "com todos da sua família".

[85] Interpretou-se "e números" por "inúmeros" porque, na carta 47, há uma sentença semelhante, com marcação adequada do gênero: "sintindo enumeras as saudades das nossa| palestar" (FPS-47).

A maior parte dos dados com marcação irregular de gênero está em textos de redatores que estão situados, no contínuo de inabilidade, nos pontos de *inabilidade máxima* (AFS-4 ocorr.) e *parcial* (LFO-2 ocorr., FPS, RAC e SFS).

Na fala de três dos sertanejos entrevistados (AFS, ACO e RAC), foi identificada apenas uma ocorrência de uso não-padrão da concordância de gênero:

(48) aqueles tito de papé que tem **aquel<u>e</u> foto** deste tamanho, aqueles cartão? (AFS-fala)

O nome "foto" é feminino, mas com tema em -o, o que pode gerar maior dificuldade para estabelecer a concordância. Diferente dos dados identificados na escrita desse mesmo redator, em que há, diante de nomes com correspondência entre o gênero e o tema, alguns casos de marcação irregular nos elementos pré-nucleares, como em "Perzada **querid<u>o</u> estimad<u>o</u>** Commadi" (AFS-45). A ausência de dados desse tipo, na oralidade, pode indicar que sua presença, na cartas, é um traço de inabilidade no nível da *escriptualidade*.

6.3.2 CONSTRUÇÕES COM RELATIVAS

As sentenças relativas, nas cartas dos sertanejos, foram estudadas por Mascarenhas (2016), com o objetivo de identificar quais as estratégias são mais usadas pelos redatores e se estariam mais próximas às variantes populares do português brasileiro e/ou se seriam semelhantes a processos comuns de indivíduos em fase de aquisição de escrita, com construções próximas às encontradas em estudos sobre aquisição. Dos 121 dados levantados pela pesquisadora, em 91 das cartas que compõem o *corpus* (no geral, são 131 cartas), a maioria corresponde a funções sintáticas não preposicionadas (relativas padrão com função de sujeito ou predicado), como em (49), e apenas 07 referem-se a casos de relativas em funções preposicionadas, como em (50) e (51). Devido a essa pouca fequência de dados que correspondem a funções preposicionadas, não foi possível chegar a verificações acerca dos processos de variação e mudança no sistema linguístico do português brasileiro, em relação às estratégias de relativização[86].

A maior frequência de relativas em funções sintáticas não preposicionadas ocorre, segundo explicação de Corrêa (1998) – que analisou os vários empregos de relativas, na

[86] Estudos (TARALLO, 1993; RIBEIRO, 2009, dentre outros) têm evidenciado as seguintes variantes para as estruturas relativas do português brasileiro: relativa padrão com preposição (*pied-piping*), relativa não-padrão cortadora e relativa não-padrão cortadora com pronome lembrete.

perspectiva dos estudos de aquisição[87] –, porque não precisam ser aprendidas na escola, têm o mesmo *output* em qualquer nível de escolaridade. As relativas preposicionadas, por outro lado, só passam a ter um uso produtivo, por meio da educação formal.

(49) Relativa padrão com função de sujeito:

[...] i aceiti as minha lenbraca|1 abraco i muita saudadi desta di minuta amiga| **qui** muito li estima com todo o meu coração| [...] (FPS-78)

(50) Relativa padrão com preposição (*pied-piping*) – função de objeto indireto:

[...] so mi aquexo da minha poça| sorti não mi aquexo di ninguem| porem **a quem** deus prometi vintei| não dar dirreis entritanto estou| bem [...] (JMS-67)

(51) Relativa não-padrão cortadora – função de adjunto:

[...] Sim compadi condo u sinhor| min esquever eu tenho esti indereço| Bom da firma **q*ue*** eu tarbalho| Rua Camacan nº 2/0 Vila.| Anastacio São Paulo So funji (AFS-13)

Dos 07 dados que se referem a casos de relativas em funções preposicionadas, apenas dois foram registrados na forma padrão, com presença da preposição, e em relação ao exemplo (50), a sentença é uma reprodução do provérbio popular "a quem Deus promete vintém, não dá dez réis", ou seja, um dado que reproduz uma estrutura mais complexa, mas pouco espontânea.

Foram localizados, também, dois casos de prováveis hipercorreções em relativas com função de objeto direto, através da inserção da preposição *de* acompanhada do marcador relativo *que*, construção não-padrão conhecida como *dequeísmo*, em (52) e (53).

(52) [...] estou| bem satisfeita com os incombodo| **de q*ue*** deus tem mi dado com*adr*e (JMS-67)

(53) Amiga aceiti muita lembrança **di qui** minha mai m*an*da| i 1 abarco (FPS-78)

Destacam-se aqui, alguns casos não contabilizados no trabalho de Mascarenhas (2016), mas que podem ser ilustrativos da dificuldade dos redatores com a escrita. São construções consideradas pela pesquisadora como *erros de performance*, que demonstram a dificuldade na produção das sentenças relativas e de outros elementos interligados a essas estruturas, como nos exemplos (54) e (55).

[87] A pesquisadora examinou o que as crianças falam, o que acontece na escola enquanto adquirem a forma aceita como a melhor e o que os adultos cultos produzem, a partir de narrativas orais e produções escritas, de escolares (1º e 2º grau) e de informantes não escolarizados; e de dados da fala urbana culta.

(54) por fim Adeuzinho de longi| que deperto não posso traizer| **qui** e Mariazinha Caneiro di Oliveira| [...] (MC-37)

(55) [...] e resebra Lenbran| **que** e a sua irman| Mariazinha Carneiro de Oliveira| [...] (MC-50)

Essas construções são semelhantes a outras relativas que aparecem em fórmulas (expressões cristalizadas, que se repetem) de despedida, mas não há clareza na estrutura. Muitos dos casos de relativas com função não preposicionada foram identificadas em contextos de fórmulas: 47 casos em fórmulas de despedida e dois em fórmulas de saudação inicial.

Dos 43 redatores da primeira parte do *corpus* (91 cartas), 30 produziram algum tipo de sentença relativa. Quanto às estratégias de relativização em estruturas com função preposicionada, apenas 5 redatores produziram algum tipo de estratégia: LM, JMS e MDC, situados no ponto do contínuo que corresponde à *inabilidade parcial*; VAN e AFS, que se situam no ponto de *inabilidade máxima*. Desses, apenas LM e JMS produziram a relativa padrão com preposição, os demais produziram a relativa não-padrão cortadora, ou seja, sem a realização da preposição.

Quadro 10 – Uso de relativas com função preposicionada, na escrita

Estratégias	**Redatores**	
	Inabilidade máxima	**Inabilidade parcial**
Uso da relativa padrão, com preposição	-	LM, JMS
Uso da relativa não-padrão, cortadora	VAN, AFS	MDC

Fonte: elaboração própria.

Sem a pretensão de um estudo quantitativo, com controle de variáveis, verificou-se, na fala de dois dos sertanejos entrevistados (ACO e RAC), quais as estratégias de relativização foram mais usadas. Identificaram-se poucos dados (16 ocorrências) com construções de sentenças relativas. A maioria refere-se a funções sintáticas não preposicionadas (relativas padrão com função de sujeito e predicado), como em (56). Dos dados que correspondem a funções preposicionadas (7 ocorrências), nenhum foi registrado na forma padrão, ou seja, a preposição não foi usada, como em (57).

(56) Relativas padrão com funções não preposicionadas, na fala:

a. aqui só **quem** nasceu aqui só foi a galerinha. (ACO)
b. aí **quem** fez os otos irmão teve uns que foi estudar em... (RAC)
c. A professora **que** tinha aqui era... dá quase uma légua. (ACO)

(57) Relativa não-padrão cortadora, na fala:

a. Santa Luz... Queimada, é os lugar **que** eu já tive trabalhano. (ACO)
b. eu lembro de tanta coisa do tempo **que** a gente brincava eu mais Zeca e compade Hidebrando. (ACO)
c. Ah, eu não sei não... na hora **que** dava vontade, escrevia. (RAC)

Nos dados de fala, não foram localizadas construções que se parecem relativas, mas que não há clareza na estrutura, como foram encontradas na escrita, nos exemplos (54) e (55) e, também, não foram identificados casos de *dequeísmo.* Construções como essas podem ser indicativas de uma maior dificuldade com a escrita, uma marca de inabilidade na dimensão da *escriptualidade*.

Ainda que, no geral, os dados de relativas com funções preposicionadas sejam poucos, no quadro a seguir sintetizam-se os tipos de construções identificadas.

Quadro 11 – Construções com relativas, na escrita e na fala dos sertanejos

Contruções	**Na escrita dos sertanejos**	**Na fala dos sertanejos**
Relativas padrão em função não preposicionada	+	+
Relativa padrão com função preposicionada (*pied-piping*)	+	-
Relativa não-padrão cortadora (sem uso da preposição)	+	+

Fonte: elaboração própria.

6.4 SÍNTESE

A presença de alguns fatos de aspectos morfossintáticos, no *corpus*, principalmente da marcação de plural no SN – já que os dados de outros aspectos observados são em pequena quantidade – permite perceber que, para os textos de inábeis do século XX, há uma aproximação a traços da oralidade. Por outro lado, há fatos que não são mero reflexo da fala, mas são indicativos de uma maior dificuldade dos redatores com a escrita, ou seja, são marcas de inabilidade no nível da *escriptualidade*, como detalhado a seguir e no Quadro 12:

a) há dados de marcação de plural no âmbito do SN, identificados nas cartas do século XX, que, pelo visto, não são vernaculares, mas da *escriptualidade*, como os casos de não marcação nos elementos flexionáveis à esquerda do núcleo, adjacentes a ele ou não. Dados desse tipo foram identificados também em atas de africanos e afrodescendentes, do século XIX. Há, também, casos de hipercorreção,

com o acréscimo do grafema <s> em final de palavras dentro de sintagmas que, pelo contexto, não expressam ideia de plural. Comparando-se os exemplos da escrita aos dados da oralidade dos sertanejos, nota-se que, na fala, não há casos de não marcação do plural nos elementos à esquerda do núcleo, ainda que em poucos dados, registrado nas cartas;

b) os dados de marcação irregular de gênero parecem ser reflexo da dificuldade dos redatores com a escrita, ocorrendo em alguns contextos menos prováveis de variação, como os sintagmas que se referem a seres animados. Não foram identificadas marcações de gênero desse tipo, nos dados de fala;

c) há uma baixa ocorrência de sentenças relativas com maior complexidade estrutural, isto é, daquelas que possuem funções sintáticas preposicionadas, o que pode estar relacionado à dificuldade dos redatores com a escrita, como já foi observado em dados infantis (CORRÊA, 1998). Na oralidade, também foram poucas, as ocorrências de relativas preposicionadas e nenhuma na forma padrão;

d) a maior parte dos dados de representação morfossintática com construções irregulares, nos aspectos observados, está registrada em textos que manifestam uma inabilidade máxima ou parcial de seus redatores.

Quadro 12 – Síntese dos aspectos morfossintáticos na escrita inábil

Marcas de inabilidade – dimensão da *escriptualidade*
Estruturas de marcação de plural no SN Todos os elementos à esquerda do núcleo sem marcação de plural. Elementos pré-nucleares sem marcação de plural, em sintagmas com numeral. Estruturas com acréscimo de <s> em um dos elementos do SN sem ideia de plural.
Marcação irregular de gênero (principalmente em sintagmas que se referem a seres [+ animados])
Marcas de inabilidade - reflexo da oralidade
Estruturas de marcação de plural no SN Apenas o núcleo sem marcação de plural. Elementos à direita do núcleo, sem marcação do plural. Núcleo sem marcação de plural, em sintagmas com numeral. Pelo menos um dos elementos à esquerda do núcleo, sem marcação de plural – adjacente ou não adjacente (ainda que ausentes nos dados de fala dos sertanejos, dados desse tipo são registrados por estudos com *corpora* de fala[88], em poucas ocorrências).
Construções com relativas Relativa não-padrão cortadora (sem uso da preposição)

Fonte: elaboração própria.

[88] Cf. Scherre (1988), Lopes (2001, 2016) e Baxter (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação buscou estabelecer uma proposta metodológica para o reconhecimento da inabilidade em escrita alfabética, a partir do estudo de um conjunto de aspectos de inabilidade, usando um *corpus* constituído por 131 cartas pessoais, escritas por sertanejos baianos, no século XX, na tentativa de contribuir com o estabelecimento de parâmetros para o tratamento metodológico de outros *corpora*. Para a caracterização das *mãos inábeis*, realizou-se a descrição de várias propriedades, em diferentes dimensões, algumas já sistematizadas em estudos antecedentes, em *corpora* de outras sincronias. Os aspectos externos à escrita, relacionados ao perfil sociocultural dos redatores e ao contexto de produção dos documentos, foram caracterizados por meio de entrevistas-narrativas com alguns remetentes e destinatários. Apresentam-se, a seguir, os principais resultados deste trabalho.

a) Para a primeira etapa, a identificação de indícios sobre os processos de difusão da escrita na região estudada, das práticas letradas da época, apostou-se na potencialidade do uso de fontes orais e foi possível concluir que:

i. no semiárido baiano, principalmente até meados do século XX, o processo de escolarização formal não foi um fator determinante para a apropriação das práticas de escrita pelos sertanejos. Correlacionando o desempenho na técnica de escrever aos percursos de participação na cultura escrita, dos redatores envolvidos nesta pesquisa, verifica-se que não há muita diferença entre aqueles que frequentaram mais tempo um espaço escolar e os que aprenderam a escrever através de outros processos;
ii. os sertanejos *inventaram* modos próprios, legítimos, de se apropriar do processo de escrita, com as possibilidades cotidianas: além do espaço escolar (muitas vezes, improvisado, com professoras leigas), também os espaços domésticos, o acesso a materiais de leitura e o processo de migração para grandes cidades propiciaram formas de participação nas práticas de letramento. Ainda que circulassem na região folhetos de cordel, cartas, textos religiosos, cartilhas e, de forma mais rara, jornais, o acesso a textos modelares do período foi limitado.

b) Para a etapa de identificação dos aspectos de inabilidade em escrita, a descrição das marcas por dimensões específicas e o cruzamento de algumas dessas dimensões permitiram verificar que:

i. não há um único padrão de inabilidade. Neste estudo, foi possível estabelecer uma gradiência de tipos de inabilidade, caracterizada em um contínuo, com os níveis máximo, parcial e mínimo.
ii. a inabilidade *máxima* pode ser identificada pela maior presença, nos textos, de aspectos referentes à *escriptualidade* (desconhecimento de convenções gráficas, como a dificuldade em grafar sílabas complexas com /r/ ou /l/), em coocorrência aos índices grafofonéticos. São textos que apresentam marcas de inabilidade em, praticamente, todas as dimensões, como a ausência de sinais de pontuação, o baixo uso ou o uso não convencional; a repetição de vocábulos e a segmentação gráfica não convencional. Os aspectos relacionados à menor habilidade motora são mais evidentes, já que os redatores podem ter menor treino caligráfico, por terem pouca prática de escrita.
iii. os aspectos físico-caligráficos não são determinantes para a caracterização da maior inabilidade, uma vez que há textos que apresentam maior cursividade, mas muitos desvios em relação às convenções gráficas. A situação contrária também é possível, ou seja, o redator pode apresentar uma escrita pouco cursiva, mas com poucos índices de inabilidade no nível ortográfico.
iv. a inabilidade *parcial* é caracterizada pela incidência menor dos aspectos, principalmente daqueles referentes ao desconhecimento de convenções gráficas, ao passo que a inabilidade *mínima* pode ser identificada pela ausência desses aspectos de *escriptualidade* e a presença de outros, como a escrita fonética, a pontuação ausente ou não convencional, a repetição e a segmentação irregular.

c) Na etapa de identificação de marcas de escrita inábil na dimensão morfossintática, consideraram-se aspectos referentes à marcação de plural no SN e, adicionalmente, exemplos de marcação de gênero e de construções com relativas. Constatou-se que:

i. há aspectos que não são reflexo da fala, mas são indicativos de uma maior dificuldade dos redatores com a escrita, isto é, marcas de inabilidade no nível da *escriptualidade*, como: os casos de não marcação de plural no SN nos elementos

flexionáveis à esquerda do núcleo, adjacentes a ele ou não, e os casos de hipercorreção, com o acréscimo do grafema <s> em final de palavras dentro de sintagmas que, pelo contexto, não expressam ideia de plural; os exemplos de marcação irregular de gênero, principalmente em sintagmas que se referem a seres animados. Ocorrências desse tipo não foram identificadas nos trechos de fala considerados na análise.

ii. para os textos de inábeis do século XX, há uma aproximação dos aspectos de escrita a traços da oralidade em relação à concordância nominal, em dados com predominância de marcação de plural nos elementos à esquerda e a não marcação no núcleo ou nos elementos à direita. Há uma correspondência entre maior inabilidade do redator e maiores índices de ausência de concordância nominal, na escrita.

iii. a baixa ocorrência de sentenças relativas com maior complexidade estrutural, isto é, daquelas que possuem funções sintáticas preposicionadas, pode estar relacionada à dificuldade dos redatores com a escrita, mas também pode ser reflexo da oralidade, uma vez que, nos trechos de fala, também foram poucas as ocorrências de relativas preposicionadas e, dentre estas, não houve ocorrências na forma padrão.

iv. a maioria dos dados de aspectos morfossintáticos com construções irregulares, nos aspectos observados, está em textos que manifestam uma inabilidade máxima ou parcial de seus redatores.

Diante disso, reconhece-se que documentos escritos em nível máximo de inabilidade podem ser mais transparentes aos usos da oralidade. Aos aspectos relacionados à aquisição da escrita, no nível da *escriptualidade*, corresponde a presença de índices grafofonéticos e possíveis aspectos morfossintáticos. No caso de textos escritos no século XX, essa correspondência é mais direta. Assim, no âmbito dos estudos linguísticos sócio-históricos, documentos desse tipo, representativos da escrita cotidiana, podem contribuir como material empírico para uma aproximação aos contextos do passado, em relação a fenômenos linguísticos diversos. No caso das cartas pessoais dos sertanejos, podem permitir aproximações à vertente popular do português brasileiro.

Com a edição dos documentos, nas versões semidiplomática e modernizada, colabora-se com a disponibilização de fontes para estudos de aspectos linguísticos, sócio-históricos, da

difusão da escrita, entre outros. Muito ainda está por fazer e outros desdobramentos são possíveis, como por exemplo:

a) a realização de investigações de aspectos linguísticos ainda não estudados a partir do *corpus* constituído pelas cartas dos sertanejos, em variados níveis;
b) o aperfeiçoamento da classificação dos dados da categoria da *escriptualidade* (considerando a dimensão grafemática e a ortográfica), a partir de teorias que tratam da lógica dos sistemas de escrita, em geral;
c) o desenvolvimento de estudos no âmbito das tradições discursivas;
d) a produção da versão com anotação morfossintática, a partir da edição modernizada, a fim de possibilitar a busca automática de dados;
e) a exploração de outros aspectos relacionados às práticas de letramento do sertão baiano, como a reconstrução dos perfis sócio-culturais das professoras leigas mencionadas nas narrativas e as práticas educativas que desenvolveram;
f) o estudo de aspectos linguísticos variados, desde os fenômenos fonético-fonológicos e lexicais, até os morfossintáticos, a partir dos dados orais das entrevistas-narrativas;
g) a ampliação das fontes orais, com gravação de outros sertanejos, que também foram remetentes/destinatários de cartas, a fim de, possivelmente, obter novas informações sobre o processo de difusão da escrita na região.

Para o que foi feito, muitas foram as *mãos* que contribuíram; para o que está por fazer, muitas outras *mãos* serão necessárias.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, Mary Aizawa (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002. p. 135-142.

ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Org.). **Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano**. 4 CDs. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

AVELAR, Juanito Ornelas de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Concordância nominal**. (inédito).

BAHIA. Atos do Governo da Província 1861. Maço nº 972.581, Arquivo Público do Estado da Bahia – APEB, Seção Colonial e Provincial. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/2_Pombalino/atos_governo_provincia_1835_1848.htm>. Acesso em: 24 fev. 2018.

BAHIA. Leis e Resoluções da Província da Bahia, n. 1.448-1.588, votadas em 1875. Bahia: Imprensa Econômica, 1875. <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/2_Pombalino/1_indice_leis_assembeia_legislativa_bahia_1835_1838.htm>. Acesso em: 24 fev. 2018.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). **História social da língua nacional**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, p. 181-211, 2008. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_Historia_social_da_lingua_nacional.pdf >. Acesso em: 04 maio 2015.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. O controle de marcas de inabilidade na escrita alfabética e a identificação das *mãos inábeis* em *corpora* histórico-diacrônicos. **Revista da ABRALIN**, v.16, n.2, p. 19-43, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51997/32039>. Acesso em: 09 maio 2017.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. **Para uma história do português colonial**: aspectos linguísticos em cartas do comércio. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In. LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). **A norma brasileira em construção**: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2005. p. 25-43.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves; LIMA, Alexandre Xavier. O controle indireto de perfis sócio-históricos em *corpora* histórico-diacrônicos: a identificação de graus de letramento pela grafia etimológica no século XIX. In: CASTILHO, Ataliba T. de. (Coord.). **História do Português Brasileiro** - v. 2. *Corpus* diacrônico do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019. p. 168-205.

BAXTER, Alan Norman. A concordância de número. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A. N.; RIBEIRO, I. (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 269-293.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Establecimiento del texto. In: BLANCHE-BENVENISTE, Claire. **Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura**. Barcelona: Gedisa, 1998. p. 129-150.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Les unités: langue écrite, langue orale. In: PONTECORVO, Clotilde; BLANCHE-BENVENISTE, Claire (Ed.). **Proceedings of the workshop on Orality versus Literacy**: concepts, methods and data. Siena, Italy, 24-26 September 1992. Estrasburgo: Science European Foundation, 1993. p. 133-194.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire. The construct of oral and written language. In: VERHOEVEN, Ludo (Ed.). **Functional literacy**: theoretical issues and educational implications. Amsterdam-Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1994. p. 61-74.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 7-37.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CAPELLARI, Elaine T.; ZILLES, Ana. M. S. A marcação de plural na linguagem infantil – Estudo Longitudinal. **Revista da Abralin**, v. 1, n. 1, p. 185-218, 2002.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. **A socioconstrução do texto escrito**: uma perspectiva longitudinal. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

CARNEIRO, Rita de Cássia Oliveira. História de vida e trajetória de professoras leigas no sertão da Bahia. In: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica: modos de viver, narrar e guardar, 2014, Rio de Janeiro. **Anais**... Rio de Janeiro: BIOgraph, 2014.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Org.). **Cartas brasileiras (1809-2000)**: coletânea de fontes para o estudo do português. Feira de Santana: UEFS, 2011.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Cartas brasileiras (1809-1904)**: um estudo linguístico-filológico. 2005. 4 v. 2.329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. Demografia e norma linguística no semiárido baiano nos séculos XVIII e XIX: uma introdução. In: NEVES, Erivaldo Fagundes (Org.). **Sertões da Bahia** – Formação social,

desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural. Salvador: Arcádia, 2011. p. 599-617.

CARNEIRO, Zenaide de O. Novais; LACERDA, Mariana F. de Oliveira; SANTIAGO, Huda da Silva. Corpus eletrônico de documentos históricos do sertão: as cartas de inábeis. **A Cor das Letras**, v. 17, n.1. Feira de Santana, p. 127-143, 2016. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1463>. Acesso em: 26 jun. 2017.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista brasileira de história da educação**, n. 5, p. 93-124, jan/jun. 2003.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Para uma sintaxe da repetição: língua falada e gramaticalização. **Língua e Literatura**, n. 23, p. 293-330, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/114270/112162>. Acesso em: 27 jan. 2018.

CORPUS CE-DOHS. Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (FAPESB 5566/2010 - Consepe UEFS 202/2010). Coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda(UEFS). [Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do português brasileiro (CNPq. 401433/2009-9 - Consepe UEFS 102/2009). (CNPq. Processo 401433/2009-9/Consepe: 102/2009) Disponível em: <www.uefs.br/cedohs>. Acesso em 04 jan. 2019.

CORPUS Histórico do Português Tycho Brahe. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>. Acesso em: 10.ago. 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHACON, Lourenço. Segmentações não convencionais na escrita de pré-escolares: entrecruzamentos entre convenções ortográficas e constituintes prosódicos. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (Org.) **Aquisição da linguagem**: estudos recentes no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 251-261.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CORRÊA, Vilma Reche. **Oração Relativa**: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. 1998. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1998.

CRANE, Gregory; BAMMAN, David; JONES, Alison. ePhilology: when the books talk to their readers. In: SIEMENS, Ray; SCHREIBMAN, Susan (Ed.). **A Companion to Digital Literary Studies**. Oxford: Blackwell, não paginado, 2008. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/companionDLS/>. Acesso em: 22 de fev. de 2018.

CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. Mestras para o sertão: criação e funcionamento da Escola Normal de Feira de Santana. In: SOUZA, Ione C. J. de; CRUZ, Antonio R. S. da. **Escolas Normais da Bahia**: olhares e abordagens. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012. p. 43-65.

DUTRA, Rosália. **O falante gramático**: introdução à prática do estudo e ensino do português. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

FÁVERO, Leonor Lopes et al. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino da língua materna. São Paulo: Cortez, 2012.

FAYOL, Michel. **Aquisição da escrita**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FERRARI-NETO, José. **Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do português brasileiro**. 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

FERREIRA, Carmen R. Gonçalves. **Um estudo sobre a segmentação não-convencional na aquisição da escrita de alunos de EJA**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas**: manuscritos dos séculos XVI ao XIX. 3. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

FREIRE, Luiz Cleber Moraes. **Nem tanto ao mar nem tanto à terra**: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

FREIXO, Alessandra Alexandre; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. **Entre as trilhas da memória**: velhos da Terra do Sisal. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita (1930-1950). **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 81-94, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Oralidade, memória e narrativa: elementos para a construção de uma história da cultura escrita. In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al. (Org.). **História da cultura escrita**: séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. p. 9-46.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 218-248.

GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula. In limine - Património textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova filologia. In: GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula (Org.). **Património textual e Humanidades Digitais**: da antiga à nova

filologia. Évora: CIDEHUS, 2013. p. 3-9. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/10468>. Acesso em: 12 fev. 2018.

HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE-Centro de Cultura. 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**, Rio de Janeiro, RJ, 1958. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=227295>. Acesso em: 11 fev. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Municípios do Semiárido Brasileiro**, 2007. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_regionais/sociedade_e_economia/semi_arido/lista_municipios_semiarido.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

KAJITA, Angela Satomi. **A segmentação inábil**: um estudo da segmentação ortográfica não-canônica. 2009. 223 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

KATO, Mary Aizawa. A busca da coesão e da coerência na escrita infantil. In: KATO, Mary Aizawa (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002. p. 193-206.

LACERDA, Ana Paula Carvalho Trabuco. **Caminhos da liberdade**: a escravidão em Serrinha-Bahia (1868-1888). 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8840>. Acesso em: 03 fev. 2018.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1991.

LOBÃO, Jocimara S. Britto; SILVA, Barbara-Christine M. Nentwig. **Análise socioambiental na região semiárida da Bahia**: geoprocessamento como subsídio ao ordenamento territorial. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

LOBO, Tânia Conceição Freire; OLIVEIRA, Klebson. **História da cultura escrita no Brasil**: um programa de investigação. (inédito).

LOPES, Norma da Silva. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. 2001. 408 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

LOPES, Norma da Silva. A variação da concordância nominal de número no português falado em Feira de Santana-BA. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de, et al. (Org.) **Variação linguística em Feira de Santana-BAHIA**, Feira de Santana: UEFS Editora, 2016. p. 99-118.

LOSE, Alícia Duhá; TELLES, Célia Marques. Qual edição e o que editar. **A Cor das Letras**, v. 18, n. 2. Feira de Santana, p. 271-193, 2017.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. A concordância de gênero. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I., (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 295-318.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **A pontuação em manuscritos medievais portugueses**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado**. v. 6. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996. p. 95-129.

MARQUILHAS, Rita. **A faculdade das letras**: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MARQUILHAS, Rita. **Leitura e Escrita em Portugal no Século XVII**. 1996. 420 f. (Mimeo). Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996.

MARQUILHAS, Rita. O preço da ilegibilidade. Nota em defesa das edições interpretativas, seguida de edição de cartas privadas e de cartas testemunhais portuguesas (séc. XVII). In: AGRELO, Ana Isabel Boullón (Ed.). **Novi te ex nomin**: estudos filolóxicos ofrecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, p. 721-747, 2004.

MARQUILHAS, Rita. Grandes marges: Une approche sociopragmatique de textes manuscrits et de leurs graphismes. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Org.). **Culturas del escrito en el mundo occidental**: del Renacimiento a la contemporaneidad [on-line]. Madri: Casa de Velázquez, 2015. Disponível em: <http://books.openedition.org/cvz/1336>. Acesso em: 27 nov. 2017.

MASCARENHAS, Janaina de Oliveira Costa. **Sentenças relativas em cartas de inábeis**. Feira de Santana, 2016. 232 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica** – "ouvir o inaudível". São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico** – Uma aproximação. v. 2. Sintaxe e fonologia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008b.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). **Para a história do português brasileiro**: primeiros estudos. t. II. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP/FAPESP, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Reflexões e questionamentos sobre a constituição de *corpora* para o projeto Para a história do português brasileiro. In: DUARTE, M. E. L.; CALLOU, D. (Org.). **Para a história do português brasileiro** – Notícias de *corpora* e outros estudos. v. 4. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ; FAPERJ, 2002. p. 17-28.

MEDRADO, Joana. **Terra de vaqueiros**: relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1900. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MYERS-SCOTTON, Carol; JAKE, Janice L. Four types of morpheme: evidence from aphasia, code switchim, and second-language acquisition. In. KLEIN, Wolfgang et alii (Ed.). **Linguistics**: an interdisciplinary journal of the language sciences. v. 38-6. 2000. p. 1053-1100.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Crônica, memória e história**: formação historiográfica dos sertões da Bahia. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

O FIM e o princípio. Documentário. Direção: Eduardo Coutinho. Roteiro: Eduardo Coutinho e Jacques Cheuiche. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2005. (110 min.), son., color.

OLIVEIRA, Klebson. **Negros e escrita no Brasil do século XIX**: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico. 2006. 3 v. 1144 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

OLIVEIRA, Klebson; LOBO, Tânia Conceição Freire. O nome dela era Rosa: epistolografia de uma ex-escrava no Brasil do século XVIII. In: LOBO, Tânia C. F.; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais et al. (Org.). **ROSAE**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 623-646.

OLIVEIRA, Klebson; SOLEDADE, Juliana; SANTOS, Verônica de Souza. Concordância nominal (cenas da variação em palcos do século XIX). In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Org.). **África à vista**: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 255-316.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. A Filologia digital em língua portuguesa: alguns caminhos. In: GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula (Org.). **Património textual e Humanidades Digitais**: da antiga à nova filologia. Évora: CIDEHUS, 2013. p. 113-138. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/10468>. Acesso em: 12 fev. 2018.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Humanidades Digitais e Linguística Histórica**: novos desafios para uma velha disciplina. (inédito).

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. O *Corpus Tycho Brahe*: contribuições para as humanidades digitais no Brasil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 16, número especial, p. 53-93, dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/88404>. Acesso em: 20 fev. 2018.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; KEPLER, Fabio Natanel. **E-Dictor**: Uma ferramenta integrada para a anotação de edição e classe de palavras. VI Encontro de Linguística de *Corpus*, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/edictor/presentation/edictor_2007.html>. Acesso em: 19 fev. 2018.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; KEPLER, Fabio Natanel; FARIA, Pablo Picasso F. **e-Dictor**. Versão 1.0 beta 10, 2013. Programa de Computador. Disponível em: <http://edictor.net/download/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

PETRUCCI, Armando. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona: Gedisa, 1999.

PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura**: primera lección de paleografía. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.

PETRUCCI, Armando. Scrittura, alfabetismo ed educazione grafica nella Roma del primo cinquecento: da um libretto di conti di Maddalena Pizzicarola in Trastevere. **Scrittura e Civiltá**, Roma, n. 3. p. 163-207, 1978.

PLATAFORMA de *corpora* do PHPB. Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb>. Acesso em: 03 maio 2017.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. What makes oral history different. In: **The death of Luigi Trastulli and other stories**: form and meaning in oral history. Albany: State University of New York Press, 1991.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 163-198.

RIBEIRO, Ilza. As sentenças relativas. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 185-208.

RIOS, Iara Nancy Araújo. **Nossa Senhora da Conceição do Coité**: poder e política no século XIX. 2003. 155 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: <https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/2003._rios_lara_nancy_araujo._nossa_senhora_da_conceicao_do_coite_poder_e_politica_no_seculo_xix.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2018.

RIOS, Jane Adriana V. Pacheco. **Profissão docente na roça**. Salvador: EDUFBA, 2015.

ROCHA, Iúta Lerche Vieira. Pontuação e formato gráfico do texto: aquisições paralelas. **D.E.L.T.A**., v. 12, n. 1, p. 1-34, 1996.

ROCHA, Iúta Lerche Vieira. Aquisição da escrita: o que as crianças sabem sobre a pontuação que usam. **Revista de Letras**, v. 1/2, n. 31, p. 17-24, jan./dez., 2012.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. A história oral como intercessor: em favor de uma dessujeição metodológica. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, UERJ, ano 10, n. 1, p. 190-203, 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a13.pdf> Acesso em: 12 dez. 2018.

SANTIAGO. Huda da Silva. **Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de "mãos cândidas" do sertão baiano**. 2012. 2v. 421 f. Dissertação (Mestrado em

Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTOS, Edinusia M. Carneiro; NETO, Agripino S. Coelho; SILVA, Onildo A. da. De Região Sisaleira a Território do Sisal: desvelando as nuances do processo de delimitação da diferenciação espacial no Semiárido Baiano. **GeoTextos**, vol. 11, n. 2, p. 131-151, 2015. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/13472>. Acesso em: 4 fev. 2018.

SANTOS, Lorena Enéas Rosa. **A variação da concordância nominal de número em cartas de inábeis do sertão baiano (1906-2000)**. 2017. 239 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2017.

SANTOS, Márcio Roberto Alves dos. **Fronteiras do sertão baiano**: 1640-1750. 2010. 433 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SHARPE, Jim. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 39-62.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 1988. 2 v. 555 f. (Mimeo). Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, Ademar da. **Alfabetização**: a escrita espontânea. São Paulo: Contexto, 1994.

SILVA, Érica Nascimento. **Cartas amorosas de 1930**: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita**: fonologia em nova chave. Rio de Janeiro: HP Comunicações, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **(Auto)biografias e documentação narrativa**: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015.

SOUZA, Ione Celeste Jesus de; CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. **Escolas Normais da Bahia**: olhares e abordagens. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Da sensibilidade das mãos à harmonia da escrita: memórias, artefatos e gestos da caligrafia na história da educação. In: TRINCHÃO, Gláucia M. Costa (Org.). **Do desenho das Belas Letras à livre expressão no desenho da escrita**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 109-153.

STREET. Brian V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Brian V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 33-53.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.). **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

TELLES, Célia Marques. Textos escritos por mãos inábeis, sua importância para o estudo da fonologia. **Calidoscópio** (UNISINOS), v. 6, p. 28-36, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/5243-16599-1-SM.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2016.

TELLES, Célia Marques; LOSE, Alícia Duhá. Escrita e fala: o que ensinam os textos não literários. **Línguas e letras**, v.11, n. 20, p. 107-132, 2010. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/4140/3199>. Acesso em: 26 jun. 2017.

TELLES, Célia Marques; SOUZA, Risonete Batista de. Marcas pontuacionais nos *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia. **Revista da ABRALIN**, v.16, n.1, p. 93-127, Jan./Fev./Mar./Abril de 2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/51931/32012>. Acesso em: 14 nov. 2017.

TENANI, Luciani. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, n. 16, p. 231-245, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2488>. Acesso em: 04 jan. 2019.

WORCMAN, Karen. Narrativas digitais: eu, nós e quem mais? A relação entre histórias de vida e museus digitais. In: OSWALD, Maria L. M. Bastos; JUNIOR, Dilton R. do Couto; Worcman, Karen (Org.). **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2014. p. 145-155.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

HUDA DA SILVA SANTIAGO

A ESCRITA POR *MÃOS INÁBEIS*
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO

VOLUME I
TOMO II

Salvador
2019

HUDA DA SILVA SANTIAGO

A ESCRITA POR *MÃOS INÁBEIS*
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO

VOLUME I
TOMO II

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro
Coorientador: Prof. Dr. Afrânio Gonçalves Barbosa

Salvador
2019

SUMÁRIO

VOLUME I

TOMO I

INTRODUÇÃO 21

O tema 21

Os objetivos 22

A estrutura da tese 23

PARTE I – A INABILIDADE EM ESCRITA ALFABÉTICA 26

1 SOBRE AS DEFINIÇÕES, OS CRITÉRIOS E A PROPOSTA ASSUMIDA NA ANÁLISE 27

1.1 DEFINIÇÕES E CRITÉRIOS 27

1.1.1 Petrucci (1978) 27

1.1.2 Blanche-Benveniste (1993, 1998) 28

1.1.3 Marquilhas (1996, 2000) 30

1.1.4 Barbosa (1999) 32

1.1.5 Oliveira (2006) 34

1.1.6 Silva (2012) 35

1.1.7 Santiago (2012) 36

1.1.8 Síntese 37

1.2 A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE ANÁLISE 39

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS 45

2.1 CAMPO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA SÓCIO-HISTÓRICA: SOBRE O USO DE FONTES COMO *CORPORA* HISTÓRICOS 45

2.2 CAMPO DA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA: SOBRE A INVESTIGAÇÃO DA DIMENSÃO EXTERNA DA ESCRITA 47

2.2.1 Sobre o recurso à História Oral 50

2.3 CAMPO FILOLÓGICO 54

2.3.1 O trabalho com *corpora* diacrônicos no tempo das humanidades digitais 55

PARTE II – O *CORPUS*, OS REDATORES E O CONTEXTO 59

3 SOBRE A DOCUMENTAÇÃO 60

3.1 OS ACERVOS 60

3.1.1 Os aspectos materiais das cartas 61

3.1.2 As edições realizadas 65

3.1.2.1 *Edição tradicional* 65

3.1.2.2 *Edição digital-eletrônica* 67

3.1.3 Disponibilização das edições 69

3.2 A LOCALIZAÇÃO TEMPORAL 70

3.3 A LOCALIZAÇÃO ESPACIAL 70

3.4 OS REMETENTES E OS DESTINATÁRIOS 72

3.4.1 Quem escreveu? 73

3.4.2 Para quem se escreveu? 76

3.4.3 A região de origem dos redatores e destinatários: alguns aspectos sócio-históricos 77

3.5 SÍNTESE 81

4 SOBRE O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS DOCUMENTOS 83

4.1 OS PROCESSOS/ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E PARTICIPAÇÃO DA/NA CULTURA ESCRITA 83

4.2 AS ENTREVISTAS-NARRATIVAS PRODUZIDAS 85

4.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES NO SERTÃO BAIANO NO SÉCULO XX 86

4.3.1 O espaço doméstico 89

4.3.2 O processo de migração 90

4.3.3 O acesso a materiais impressos e manuscritos 91

4.3.4 A experiência escolar 96

4.4 SÍNTESE 99

PARTE III - PARA A IDENTIFICAÇÃO DA INABILIDADE NA ESCRITA: ANÁLISE DOS DADOS E APLICAÇÃO DA PROPOSTA 104

5 A CARACTERIZAÇÃO DOS REDATORES POR ASPECTOS DE INABILIDADE 105

5.1 A *ESCRIPTUALIDADE* E A ESCRITA FONÉTICA 106

5.1.1 Os aspectos de *escriptualidade* 106
5.1.2 Os índices grafofonéticos 110
5.1.3 O cruzamento dos dados de *escriptualidade* com os índices grafofonéticos 113
5.1.4 Síntese 120
5.2 A DIMENSÃO DA PONTUAÇÃO 121
5.2.1 Estudos sobre pontuação em textos antigos e em dados de aquisição da escrita 122
5.2.2 A pontuação nas cartas dos sertanejos 124
5.2.3 Síntese 134
5.3 A REPETIÇÃO DE VOCÁBULOS 134
5.3.1 Alguns estudos sobre repetição 135
5.3.2 A repetição nas cartas dos sertanejos 137
5.3.3 Síntese 143
5.4 AS DIMENSÕES DA HABILIDADE MOTORA E DA SEGMENTAÇÃO GRÁFICA 144
5.4.1 A habilidade motora 144
5.4.2 A segmentação gráfica 148
5.4.3 Síntese 153
5.5 O *CONTÍNUO* DE INABILIDADE EM ESCRITA 154

6 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS NA ESCRITA INÁBIL: A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SINTAGMA NOMINAL E OUTROS 161
6.1 A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN, EM *CORPORA* ESCRITOS 162
6.1.1 A marcação de plural no SN em cartas do século XX: dados menos transparentes à oralidade 162
6.1.2 Comparação com inábeis de outra sincronia histórica: a marcação de plural no SN em atas do século XIX 166
6.1.3 Dados mais transparentes à oralidade: usos variáveis de marcação de plural no SN, nas cartas 171
6.2 EXEMPLOS DE NÃO MARCAÇÃO DO PLURAL NO SN, NA ORALIDADE DOS SERTANEJOS 175
6.3 OUTROS ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO MORFOSSINTÁTICA, NAS CARTAS DO SÉCULO XX 178
6.3.1 A marcação de gênero no SN 178
6.3.2 Construções com relativas 180
6.4 SÍNTESE 183

CONSIDERAÇÕES FINAIS 185

REFERÊNCIAS 189

VOLUME I

TOMO II

APÊNDICES 205
APÊNDICE A – Dados da dimensão da *escriptualidade* 206
APÊNDICE B – Dados de escrita fonética 229
APÊNDICE C – Dados de repetição de vocábulos 265
APÊNDICE D – Dados de segmentação gráfica 270
APÊNDICE E – Distribuição dos dados por redator – *escriptualidade* e escrita fonética.. 299
APÊNDICE F – Temas para produção das entrevistas-narrativas 305
APÊNDICE G – Termo de consentimento livre e esclarecido 306
APÊNDICE H – Transcrição de trechos das entrevistas-narrativas 307

VOLUME II

1 APRESENTAÇÃO 368

2 NORMAS DE TRANSCRIÇÃO 369

3 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS PESSOAIS DE SERTANEJOS BAIANOS, SÉCULO XX 371
PARTE I 371
3.1 CARTAS PARA JOÃO CARNEIRO DE OLIVEIRA 371
3.2 CARTAS PARA ALMERINDA MARIA DE OLIVEIRA 470
3.3 CARTAS PARA JOSÉ MENDES DE ALMEIDA 503
3.4 CARTAS PARA ANA HELENA CORDEIRO DE SANTANA 520
3.5 CARTAS PARA FIRMINA PETORNILHA DOS SANTOS 527
3.6 CARTAS PARA JOSEFA JOZINA DA SILVA 539
3.7 CARTAS PARA NERALDO LOPES PINTO 551
3.8 CARTAS PARA MARIA INÊS OLIVEIRA COSTA 556

3.9 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS 562

PARTE II 601
3.10 CARTAS PARA ZENILTA BISPO DE OLIVEIRA 601
3.11 CARTAS PARA ANTONIO CARNEIRO DE OLIVEIRA 652
3.12 CARTAS PARA MARIA BISPO DOS SANTOS 666
3.13 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS 683

4 ÍNDICE ANALÍTICO DAS CARTAS 699

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES 722

APÊNDICES

APÊNDICE A – DADOS DA DIMENSÃO DA *ESCRIPTUALIDADE*[1]

1 GRAFIA DE SÍLABAS COMPLEXAS

Deslocamentos de /r/ em ataque ramificado

Omissões de /r/ em ataque ramificado

Deslocamentos de /r/ em posição de coda

Omissões de /r/ em posição de coda

Omissões de /s/ em posição de coda

Grafias irregulares com o /l/

2 HIPERCORREÇÃO

Acréscimo de <r> em ataque ramificado

Acréscimo de <r> em posição de coda

Acréscimo/repetição de <r> em posição de coda

Acréscimo de <r> em posição de coda em monossílabos

Acréscimo de /l/ em posição de coda

Acréscimo de <s> em posição de coda

3 REPRESENTAÇÃO DA NASALIDADE

Representação exagerada da nasalidade

Ausência de representação da nasalidade

4 REPRESENTAÇÃO DE DÍGRAFOS

Grafia de sílabas com o dígrafo <qu>

Grafia de sílabas com o dígrafo <gu>

Grafia do dígrafo <rr>

Grafia do dígrafo <ss>

Grafia do dígrafo <lh>

Grafia do dígrafo <nh>

Grafia do dígrafo <ch>

[1] Alguns dados apresentados no Apêndice A podem ser interpretados como reflexos da fala e não como fenômenos de *escriptualidade*, assim como alguns do Apêndice B podem não ser considerados como aspectos grafofonéticos, mas como fatos da escrita. Segundo Oliveira (2006, p. 349), esse tipo de classificação sempre implica em hesitações em relação a "que rótulo se pode embalar os dados".

1 GRAFIA DE SÍLABAS COMPLEXAS

Tabela 1 – Deslocamentos de /r/ em ataque ramificado

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 103-105)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
pe**r**zado	(prezado)	AFS-1, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22	15
pe**r**zada	(prezada)	AFS-45	1
ga**r**sa	(graças)	AFS-2, 5, 9, 13; ROM-70, 73	6
pe**r**gar	(empregar)	AFS-1	1
co**r**zeiro	(cruzeiro)	AFS-2 (2 ocorr.),4, 6, 25	5
cu**r**zeiro	(cruzeiro)	AFS-3, 6, 17 (2 ocorr.), 23	5
fa**r**ncico	(Francisco)	AFS-3	1
outa**r**	(outra)	AFS-3, 7, 24	3
ta**r**bahi	(trabalhe)	AFS-4	1
ta**r**baho	(trabalho)	AFS-10	1
ta**r**balho	(trabalho)	AFS-13, 24	2
ti**r**ti	(triste)	AFS-5	1
lenba**r**nsa	(lembrança)	AFS-5, 6 (2 ocorr.),	3
lenba**r**nnsa	(lembrança)	ZLS-70	1
lenba**r**nçia	(lembrança)	AFS-6	1
lenban**r**ça	(lembrança)	AFS-7	1
lenba**r**nça	(lembrança)	AFS-7 (2 ocorr.), 8, 9, 13, 14 (2 ocorr.), 15 (2 ocorr.), 16, 17, 19 (2 ocorr.), 24	14
lenba**r**nca	(lembrança)	AFS-10	1
lemba**r**nça	(lembrança)	FPS-47 (2 ocorr.)	2
lemba**r**nsa	(lembrança)	ZLS-70	1
lemba**r**nsia	(lembrança)	ZLS-70	1
otubo**r**	(outubro)	AFS-7, 8	2
setembo**r**	(setembro)	AFS-7	1
novenbo**r**	(novembro)	AFS-7, 8	2
novembo**r**	(novembro)	AFS-25	1
pedo**r**	(Pedro)	AFS-7	1
pe**r**do	(Pedro)	AFS-1	1
ci**r**ança	(criança)	AFS-7	1
dezembo**r**	(dezembro)	AFS-8	1
dezenbo**r**	(dezembro)	AFS-10	1
po**r**quri	(procure)	AFS-8	1
po**r**qura	(procurar)	AFS-8	1
po**r** cura	(procurar)	AFS-25	1
farbi**r**ca	(fábrica)	AFS-8	1
reta**r**tos	(retrato)	AFS-10	1
ento**r**	(entro)	AFS-10	1
te**r**	(três)	AFS-12	1
fa**r**quinho	(fraquinho)	AFS-12	1
Ande**r**za	(Andreza)	AFS-12	1
conpa**r**	(comprar)	AFS-14	1
compa**r**	(comprar)	AFS-14	1

aba**r**so	(abraço)	AFS-12, 16; ZLS-70	3
aba**r**co	(abraço)	MC-37; FP-78 (2 ocorr.)	3
aba**r**ço	(abraço)	FPS-47	1
comp**r**ade	(compadre)	GOR-27	1
enconte**r**	(encontre)	ICO-48	1
pe**r**zo	(prezo)	AFS-16	1
jertu**r**di	(Jertrudes)	AFS-17	1
tinta**r**	(trinta)	AFS-17	1
lenba**r**do	(lembrado)	AFS-19	1
Hilderba**r**ndo	(Hildebrando)	AFS-19	1
Hildebando**r**	(Hildebrando)	AFS-45	1
ideba**r**ndo	(Hildebrando)	FPS-47	1
po**r**nta	(pronta)	AFS-21	1
bi**r**nca	(brincar)	AFS-21	1
bi**r**mcar	(brincar)	AFS-25	1
ige**r**ja	(igreja)	AFS-22	1
po**r**qure	(procure)	AFS-22	1
ta**r**balhando	(trabalhando)	AFS-22	1
enpe**r**gado	(empregado)	AFS-24	1
fu**r**tas	(frutas)	AFS-25	1
esce**r**vi	(escrevi)	SFS-40	1
pedi**r**nho	(Pedrinho)	APS-43;FPS-47	2
ga**r**ça	(graças)	APS-43	1
retato**r**	(retrato)	AFS-45	1
aligia**r**	(alegria)	AFS-45 (2 ocorr.)	2
palesta**r**	(palestra)	FPS-47	1
aba**r**sando	(abrasando)	FPS-47	1
p**r**obi	(pobre)	ZBO-54	1
çop**r**ade	(compadre)	JS-62 (3 ocorr.)	3
cop**r**ade	(compadre)	JS-62 (4 ocorr.)	4
c**r**op**r**ade	(compadre)	JS-62	1
e**r**civo	(escrevo)	JMA-65	1
e**r**ceveu	(escreveu)	JMA-65	1
nobe**r**	(nobre)	JMS-66, 67	2
be**r**ve	(breve)	ZLS-70	1
esque**r**ver	(escrever)	ZLS-71	1
ta**r**balhador	(trabalhador)	ROM-73	1
ba**r**ca	(branca)	ROM-73	1
pa**r**ze	(prazer)	FP-78 (2 ocorr.)	2
be**r**vi	(breve)	FP-78	1
aleta**r**	(a letra)	FP-78	1
commade**r**	(comadre)	FP-79 (2 ocorr.)	2
co**r**xe	(crochê)	FP-80	1
pe**r**co	(preço)	FP-80	1
Total			**147**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
pe**r**zada	(prezado)	AO-93; VO-111	2

pi**r**ma	(prima)	VO-111 (2 ocorr.), 112, 113	4
aligi**r**a	(alegria)	VO-111	1
bi**r**ncadeira	(brincadeira)	VO-111	1
ga**r**ça	(graça)	VO-113	1
alembo**r**	(lembro)	VO-113	1
ta**r**zer	(trazer)	VO-113	1
Total			**11**
Total geral			**158**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 2 – Omissões de /r/ em ataque ramificado

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 106-107)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
depezado	(prezado)	AFS-1, 2, 6, 9, 10, 12 (2 ocorr.), 13, 14, 20, 24, 45	12
despesado	(prezado)	AFS-4, 5	2
despezado	(prezado)	AFS-8, 9, 23	3
derpezado	(prezado)	AFS-7	1
lenbança	(lembrança)	AFS-1, 22	2
lenbançia	(lembrança)	AFS-2	1
lenbansa	(lembrança)	AFS-4 (2 ocorr.), 20	3
lenbansas	(lembrança)	AFS-23	1
linbança	(lembrança)	AFS-23	1
linbaca	(lembrança)	VAN-86	1
albil	(abril)	AFS-1, 2	2
abil	(abril)	AFS-45 (2 ocorr.)	2
setenbo	(setembro)	AFS-4	1
setembo	(setembro)	AFS-5, 8	2
gaça	(graças)	AFS-7	1
quato	(quatro)	AFS-7	1
entega	(entregue)	AFS-23	1
Hirdebando	(Hildebrando)	AFS-7, 12	2
estada	(estrada)	AFS-9	1
esquevi	(escrevi)	AFS-4, 45	2
esquivi	(escrevi)	AFS-11	1
esqueva	(escreva)	AFS-5, 6, 8, 11, 21	5
esquevo	(escrevo)	AFS-9, 10, 12, 15, 24	5
esquevol	(escrevo)	LFO-32	1
esquever	(escrever)	AFS-13	1
esqeiva	(escreva)	AFS-23	1
esqueveu	(escreveu)	AFS-45	1
tenzinnho	(trenzinho)	AFS-12	1
palava	(palavra)	AFS-16	1
ponta	(pronta)	AFS-18	1
nobi	(nobre)	AFS-22	1
teleganna	(telegrama)	AFS-23	1
gandi	(grande)	AFS-24	1

teis	(três)	AFS-24	1
tanfiriu	(transfiriu)	AFS-25	1
distito	(destrito)	APS-43	1
leta	(letra)	APS-43 (4 ocorr.)	4
alege	(alegre)	AHC-54	1
compiender	(compreender)	JMA-64	1
distui	(destruir)	JMA-64	1
entegue	(entregue)	JMA-64	1
esceva	(escreva)	JMA-65 (2 ocorr.)	2
pezada	(prezada)	JMS-67	1
cento	(centro)	DCS-69	1
Alixande	(Alexandre)	ZLS-71	1
fotogafia	(fotografia)	AOL-72	1
entege	(entregue)	AOL-72	1
peisa	(presas)	VAN-86	1
peiso	(preso)	VAN-86	1
Total			**83**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
tabalho	(trabalho)	MAO-106	1
a legi	(alegre)	MAO-106	1
testi	(triste)	VO-112	1
tez	(trez)	VO-112	1
cuzeiro	(cruzeiro)	MBS-122	1
resisto	(registro)	ZBO-124	1
abaco	(abraço)	AO-126	1
alexadina	(Alexandrina)	AO-126	1
alebado	(lembrado)	AO-92	1
Total			**9**
Total geral			**92**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 3 – Deslocamentos de /r/ em posição de coda

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 107)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
inv**r**eno	(inverno)	AFS-1	1
p**r**eto	(perto)	AFS-1	1
f**r**utunato	(Fortunato)	AFS-1, 20	2
civ**ir**so	(serviço)	AFS-10	1
c**r**ata	(carta)	AFS-20	1
qiz**r**e	(quizer)	AFS-20	1
qis**r**e	(quizer)	AFS-20	1
diz**r**e	(dizer)	AFS-20 (2 ocorr.); JS-62	3
sinh**r**o	(senhor)	AFS-20	1
C**r**aneiro	(Carneiro)	AFS-20	1
b**r**enadete	(Bernadete)	MC-37	1
pe**r**ga	(pegar)	AFS-11, 17	2

a**r**mança	(amansar)	AFS-7	1
q**r**e	(quer)	AFS-20	1
t**r**eminar	(terminar)	APS-43	1
porotad**r**o	(portador)	MC-36	1
ap**r**eto	(aperto)	SFS-40	1
Salvad**r**o	(Salvador)	JS-62	1
lug**r**a	(lugar)	JS-62	1
g**r**ata	(carta)	JS-62	1
poque**r**i	(porque)	JMA-65	1
pid**r**i	(pedir)	FP-79	1
pud**r**i	(poder)	FP-79	1
po**r**de	(poder)	VAN-86	1
a**r** ceito	(acerto)	AFS-12	1
çopefet**r**a	(com perfeita)	JS-62	1
Total			**30**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
t**r**eminar	(terminar)	MAO-106	1
ap**r**eto	(aperto)	VO-12	1
F**r**amacia	(farmácia)	ZBO-117	1
p**r**egute	(pergunte)	ZBO-117	1
p**r**eguntar	(perguntar)	MBS-122	1
p**r**oque	(porque)	ZBO-117, 118	2
inp**r**otante	(importante)	ZBO-118	1
ap**r**etado	(apertado)	ZBO-130	1
dis**r**e	(dizer)	LA-120	1
tiv**r**e	(tiver)	LA-120	1
gis**r**e	(quiser)	LA-120	1
Egib**r**eto	(Egberto)	JO-128	1
t**r**emimando	(terminando)	JO-128	1
Total			**14**
Total geral			**44**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 4 – Omissões de /r/ em posição de coda

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 108)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
eteno	(eterno)	MC-36	1
puqui	(porque)	AFS-3	1
amagurado	(amargurado)	AHC-61	1
temino	(termino)	JMA-64	1
pena	(pernas)	VAN-86 (2 ocorr.)	2
pugante	(purgante)	VAN-86	1
pedão	(perdão)	RAC-90	1
Total			**8**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
covesar	(conversar)	VO-111	1

aseto	(acerto)	LA-120	1
poque	(porque)	JO-128 (4 ocorr.)	4
covesa	(conversar)	JO-128	1
Total			**7**
Total geral			**15**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 5 – Omissões de /s/ em posição de coda

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 109-110)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
reto	(resto)	AFS-6	1
memo	(mesmo)	AFS-4, 7, 11, 12, 13, 17, 45	7
mimo	(mesmo)	AFS-4	1
minno	(mesmo)	AFS-4	1
digotoso	(desgostoso)	AFS-5	1
dipeiza	(despesa)	AFS-12	1
dicupanno	(desculpando)	AFS-13	1
reponda	(responda)	AFS-20	1
deta	(desta)	AFS-8	1
mêmo	(mesmo)	AFS-8	1
areporta	(a resposta)	AFS-17	1
neti	(neste)	AFS-23	1
etou	(estou)	AFS-8	1
eteve	(esteve)	AHC-61	1
netra	(nesta)	JS-62	1
ipere	(espere)	JS-62	1
reposta	(resposta)	ZLS-70	1
meno	(menos)	FP-79	1
trite	(triste)	MDC-84 (2 ocorr.)	2
triteza	(tristeza)	MDC-84	1
trepasado	(transpassado)	NIN-38	1
farncico	(Francisco)	AFS-3	1
Total			**29**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
cotora	(costurar)	VO-112	1
eta	(esta)	LA-120	1
etou	(estou)	LA-120	1
tritesa	(tristeza)	LA-120	1
etes	(este)	LA-120	1
meno	(menos)	MBS-122	1
tritre	(triste)	JO-128	1
etrada	(estrada)	JO-128	1
etava	(estava)	LA-120	1
Total			**9**
Total geral			**38**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 6 – Grafias irregulares com o /l/

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 108-109)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
		Omissões	
ato	(alto)	FPS-47	1
siva	(silva)	AFS-10	1
		Deslocamento	
a**l**mavi	(amável)	AFS-18	1
Total			**3**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
		Deslocamento	
fo**l**ris	(flores)	VO-113	1
Total			**1**
Total geral			**4**

Fonte: elaboração própria.

2 HIPERCORREÇÃO

Tabela 7 – Acréscimo de <r> em ataque ramificado

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 111-112)			
GRAFIA		**Nº DA CARTA**	**TOTAL DE OCORRÊNCIAS**
f**r**aiz	(faz)	AFS-1	1
es quec**r**a	(esqueça)	AFS-1	1
f**r**aso	(faço)	AFS-1	1
falt**r**e	(falte)	ICO-48	1
v**r**izinaca	(vizinhança)	MC-36	1
voic**r**e	(você)	AFS-20 (2 ocorr.)	2
alist**r**amento	(alistamento)	ACO-44	1
d**r**i	(dê)	JJO-49	1
çanet**r**a	(caneta)	JS-62	1
almed**r**a	(Almeida)	JS-62	1
saud**r**ação	(saudação)	JS-62	1
net**r**a	(nesta)	JS-62	1
est**r**a	(estas)	JS-62	1
felisd**r**ade	(felicidade)	JS-62 (2 ocorr.)	2
Zezit**r**o	(Zezito)	JS-62 (4 ocorr.)	4
mad**r**o	(mando)	JS-62 (4 ocorr.)	4
amig**r**o	(amigo)	JS-62 (5 ocorr.)	5
jet**r**e	(gente)	JS-62	1
pig**r**a	(pinga)	JS-62	1
zag**r**ado	(zangado)	JS-62	1
nad**r**a	(nada)	JS-62 (2 ocorr.)	2
Ramud**r**o	(Raimundo)	JS-62	1

recebri	(recebi)	ZLS-70	1
Total			**36**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
Felicidadre	(felicidade)	LA-120	1
Outrubro	(outubro)	ZBO-123	1
tritre	(triste)	JO-128	1
diretrimnho	(direitinho)	JO-128	1
Total			**4**
Total geral			**40**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 8 – Acréscimo de <r> em posição de coda

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 112-113)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
persoal	(pessoal)	AFS-4, 14, 19, 23, 45	5
percoal	(pessoal)	AFS-15 (2 ocorr.)	2
farsa	(faça)	AFS-4, 6, 2, 14, 17 (2 ocorr.), 21, 23	8
porso	(posso)	AFS-4	1
tarbahi	(trabalhe)	AFS-4	1
porso	(posso)	AFS-6	1
dervo	(devo)	AFS-6	1
firgo	(fico)	AFS-6	1
firco	(fico)	AFS-13	1
sirnão	(se não)	AFS-14	1
firgou	(ficou)	AFS-23	1
lardo	(lado)	AFS-6, 7	2
amigor	(amigo)	AFS-1, 4, 6, 7,	4
parqi	(pague)	AFS-6	1
tirvi	(tive)	AFS-7	1
vidar	(vida)	AFS-3 (2 ocorr.), 7	3
avirzado	(avisado)	AFS-7	1
perqeninho	(pequenininho)	AFS-7	1
acarbo	(acabo)	AFS-7	1
armancou	(amansou)	AFS-7	1
farso	(faço)	AFS-11, 9	2
pordi	(pode)	AFS-8, 11, 14, 16, 23	5
feirta	(feita)	AFS-11	1
merdo	(medo)	AFS-11	1
lardo	(lado)	AFS-8, 13	2
marquina	(máquina)	AFS-12	1
ater	(até)	AFS-8; JMS-68; FP-78 (2 ocorr.), 79	5
farzenda	(fazenda)	AFS-12, 8	2
contor	(quanto)	AFS-12	1
firqei	(fiquei)	AFS-12	1
farmilha	(família)	AFS-13, 8	2

fa**r**miria	(família)	AFS-2	1
voce**r**	(você)	AFS-1; SFS-41	2
vce**r**	(você)	SFS-42	1
divoce**r**	(de você)	AFS-1	1
xe**r**gada	(chegada)	AFS-2	1
pe**r**gei	(peguei)	AFS-2	1
lo**r**go	(logo)	AFS-3	1
sa**r**bi	(sabe)	AFS-3	1
ca**r**nta	(canta)	AFS-8	1
conta**r**	(conta)	AFS-13	1
aqui**r**	(aqui)	JJO-49	1
esqueci**r**	(esqueci)	AFS-9	1
fa**r**zenno	(fazendo)	AFS-13, 18	2
fa**r**zendo	(fazendo)	AFS-19	1
bo**r**ti	(bote)	AFS-16, 17, 19	3
mando**r**	(mando)	AFS-15	1
tenho**r**	(tenho)	AFS-15	1
pe**r**gi	(pegue)	AFS-15	1
podi**r**	(pode)	AFS-17, 23	2
fi**r**quei	(fiquei)	AFS-18, 19	2
di**r**ga	(diga)	AFS-19	1
i**r**ço	(isso)	AFS-21	1
pa**r**gei	(paguei)	AFS-22 (2 ocorr.)	2
fi**r**ca	(fica)	AFS-22	1
fi**r**qou	(ficou)	AFS-21	1
pe**r**go	(pego)	AFS-24	1
dezi**r**jo	(desejo)	NIN-38 (2 ocorr.)	2
po**r**demos	(podemos)	RAC-90	1
cazo**r**	(casou)	MC-50	1
ua**r**	(uma)	JS-62	1
caze**r**	(casei)	JMS-67	1
peso**r**	(pesso)	LM-75	1
pesso**r**	(pesso)	LM-75	1
jove**r**	(jovem)	RAC-85	1
ama**r**	(amam)	RAC-90	1
agabo**r**	(acabou)	RAC-90	1
paze**r**	(pazes)	RAC-90	1
nuga**r**	(nunca)	RAC-90	1
tudo**r**	(tudo)	VAN-86	1
mado**r**	(mando)	VAN-86	1
nada**r**	(nada)	VAN-86	1
Total			**110**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
esta**r**	(está)	ACO-98; ZBO-118; MBS-122	3
aqui**r**	(aqui)	DCO-100	1
nasci**r**	(nasci)	DCO-102	1
receber	(recebi)	IC-104	1

termino**r**	(terminou)	MAO-106	1
voçe**r**	(você)	VO-112	1
ate**r**	(até)	AO-93; VO-113	2
ama**r**	(ama)	ZBO-118	1
domigo**r**	(domingo)	LA-120	1
escrevi**r**	(escrevi)	ZBO-123	1
vendi**r**	(vendi)	ZBO-124	1
cai**r**	(saí)	ZBO-124	1
Total			**15**
Total geral			**125**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 9 – Acréscimo/repetição de <r> em posição de coda

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 114)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
pe**r**ga**r**	(pegar)	AFS-6, 15	2
di**r**ze**r**	(dizer)	AFS-1, 6	2
ti**r**ve**r**	(tiver)	AFS-14	1
fa**r**ze**r**	(fazer)	AFS-11 (3 ocorr.), 14, 15, 17, 23, 24; MC-50	9
fa**r**zê**r**	(fazer)	AFS-17 (2 ocorr.), 18	3
fi**r**ma**r**	(firma)	AFS-12 (2 ocorr.)	2
pa**r**ga**r**	(pagar)	AFS-12	1
A**r**ma**r**gôzo	(Amargoso)	AFS-22	1
co**r**me**r**	(comer)	AFS-25	1
bu**r**ca**r**	(buscar)	SFS-40	1
po**r**oguer	(por que)	JMA-65	1
escrivi**r**	(escrevi)	ZLS-70	1
c**r**iançar	(crianças)	AOL-72 (2 ocorr.)	2
po**r**que**r**	(porque)	LM-75	1
g**r**avata**r**	(gravatá)	MMO-76	1
o**r**menta**r**	(aumentar)	AFS-16	1
pe**r**de**r**	(perdi)	AHC-61	1
pu**r**a**r**gora	(por agora)	SFS-42	1
ma**r**qu**r**linno	(Marcolino)	AFS-45	1
Total			**33**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
po**r**qui**r**	(porque)	MAO-106	1
pra**r**	(para)	VO-129	1
a**r**mor	(amor)	VO-129	1
Total			**3**
Total geral			**36**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 10 – Acréscimo de <r> em posição de coda em monossílabos

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 115)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
na**r**	(na)	AFS-4	1
e**r**	(é)	AFS-6, 7 (2 ocorr.), 8, 9 (2 ocorr.), 12 (5 ocorr.), 10 (3 ocorr.), 13, 14 (2 ocorr.), 15 (2 ocorr.), 16, 19, 25, 45 (2 ocorr.)	24
i**r**	(é)	AFS-45	1
i**r**	(e)	AFS-11 (5 ocorr.), 12 (11 ocorr.), 13 (7 ocorr.), 10 (3 ocorr.), 16, 21 (4 ocorr.), 22 (6 ocorr.), 45	38
jja**r**	(já)	AFS-7	1
ja**r**	(já)	AFS-11, 12, 21, 22 (2 ocorr.), 25 (3 ocorr.); LFO-32	9
da**r**	(dá)	AFS-12; JCO-31; ACO-44; JMS-67	4
va**r**	(vá)	AFS-9, 12, 13; MC-36, 50; ZLS-71 (3 ocorr.)	8
vá**r**	(vá)	ZLS-70	1
la**r**	(lá)	AFS-8, 14; NIN-38; ACO-44 (2 ocorr.); DCO-46; ROM-73	7
si**r**	(se)	AFS-3, 15 (2 ocorr.), 16, 17 (2 ocorr.); VAN-86	7
li**r**	(lhe)	AFS-4, 14, 15, 24	4
fê**r**z	(fé)	AFS-15	1
fe**r**s	(fé)	AFS-15	1
fe**r**	(fé)	BMO-91	1
de**r**	(dê)	MC-36 (2 ocorr.), 50; DCS-69; LM-75; IZA-87	6
ca**r**	(cá)	DCO-46; BMO-91	2
si**r**	(sei)	MC-50	1
co**r**	(só)	JMA-65 (2 ocorr.)	2
vi**r**	(vi)	ROM-73	1
pe**r**	(pé)	ROM-73	1
de**r**	(dei)	FP-79	1
se**r**	(se)	RAC-85	1
o**r**	(os)	RAC-85; RAC-90	2
que**r**	(que)	DCS-69	1
ai**r**	(aí)	ZLS-70 (3 ocorr.); LM-75	4
vo**r**	(vou)	MC-37 (6 ocorr.); NIN-38, MC-50 (2 ocorr.); FP-78 (3 ocorr.)	12
Total			**142**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
la**r**	(lá)	AO-92; ACO-94, 97; 99; VO-111 (2 ocorr.), 112; JL-114; VO-129 (3 ocorr.); ZBO-125, 130 (3 ocorr.)	15
vo**r**	(vou)	ACO-97	1
do**r**	(dou)	TB-110	1
va**r**	(vá)	ACO-97; IC-104; VO-112 (2 ocorr.); ZBO-115, 117, 119	7
da**r**	(dá)	ACO-98; VO-112; ZBO-123, 130	4
da**r**	(da)	VO-111	1
ai**r**	(aí)	DCO-99; IC-103, 104 (3 ocorr.), 105	6

ca**r**	(cá)	DCO-102; ZBO-116	2
ta**r**	(tá)	MAO-106	1
e**r**	(é)	TB-110; VO-111 (3 ocorr.), 113 (3 ocorr.), 129; ZBO-117 (2 ocorr.), 118	11
li**r**	(lhe)	VO-111, 113 (2 ocorr.)	3
le**r**	(lhe)	VO-112	1
na**r**	(na)	VO-112 (2 ocorr.)	2
ja**r**	(já)	VO-113, ZBO-131, 117, 124 (2 ocorr.), 125 (2 ocorr.)	7
fe**r**	(fé)	VO-113	1
si**r**	(se)	VO-113; ZBO-118, 130	3
mi**r**	(mim)	ZBO-117, 118 (2 ocorr.), 119, 130	5
mi**r**	(me)	ZBO-115 (2 ocorr.), 116 (3 ocorr.), 117, 118 (6 ocorr.), 119, 124 (4 ocorr.), 130 (2 ocorr.), 131 (3 ocorr.); VO-129 (6 ocorr.); LA-120	29
ia**r**	(ia)	ZBO-118	1
o**r**	(o)	ZBO-118	1
so**r**	(só)	MBS-122	1
vi**r**	(vi)	AO-92; ZBO-123, 130	3
vii**r**	(vi)	AO-92	1
Total			**107**
Total geral			**249**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 11 – Acréscimo de /l/ em posição de coda

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 116)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
sa**l**bi	(sabe)	AFS-4	1
so**l**menti	(somente)	AFS-4, 5, 8, 9, 12, 14, 15, 17, 23, 45	10
so**l**mente	(somente)	AFS-2, 11	2
sa**l**ber	(saber)	AFS-5, 2 (2 ocorr.), 4 (3 ocorr.), 8, 13, 17, 45; ZSS-53	11
ssa**l**ber	(saber)	AFS-6	1
sa**l**bemno	(sabendo)	AFS-6	1
sa**l**benno	(sabendo)	AFS-17	1
firga**l**	(ficar)	AFS-17	1
ssa**l**tisfeito	(satisfeito)	AFS-7	1
sa**l**tifeito	(satisfeito)	AFS-18, 19	2
ate**l**	(até)	AFS-23	1
tonmi**l**	(tome)	AFS-13	1
qi**l**zê**l**	(quizer)	AFS-17	1
aligia**l**	(alegria)	AFS-18	1
resibi**l**	(recebi)	LFO-32	1
esquevo**l**	(escrevo)	LFO-32	1
silva**l**	(silva)	SFS-41	1
termina**l**	(terminar)	AFS-13, 45; NIN-51	3
terminna**l**	(terminar)	AFS-23	1

so**l**dade	(saudade)	DCS-69	1
sadaso**l**	(saudação)	VAN-86	1
vale**l**	(valeu)	VAN-86	1
vo**l**	(vou)	VAN-86 (2 ocorr.)	2
so**l**	(só)	AFS-6, 10, 24; VAN-86	4
fo**l**	(for)	VAN-86	1
va**l**	(vá)	AFS-9, 13	2
Total			**54**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
so**l**	(só)	ACO-95, 98; VO-111, 112, 113; ZBO-115, 116, 125	8
sa**l**tisfeita	(satisfeita)	NIN-108	1
sa**l**tisfação	(satisfação)	NIN-108	1
va**l**	(vá)	VO-111	1
so**l**dadi	(saudade)	VO-111	1
se**l**	(se)	VO-112 (2 ocorr.)	1
Sa**l**bado	(sábado)	ZBO-123 (2 ocorr.), 124, 125, VO-129	5
Total			**18**
Total geral			**72**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 12 – Acréscimo de <s> em posição de coda

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 117)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
amigo**s**	(amigo)	AFS-4, 5, 6	3
tenpo**s**	(tempo)	AFS-6, 14, 45	3
vai**s**	(vai)	AFS-3, MC-36	2
roui**s**	(ruim)	AFS-8	1
ca**s**pital	(capital)	AFS-24	1
vo**s**cê	(você)	MC-36	1
fa**s**zer	(fazer)	MC-36	1
re**s**cibri	(recebi)	MC-37	1
fazendo**s**	(fazendo)	SFS-40	1
ciora**s**	(senhora)	AOL-72	1
dumingo**s**	(domingo)	FP-79	1
a**s**	(a/preposição)	MC-37	1
Total			**17**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
feli**s**cidade	(felicidade)	ACO-127	1
Total			**1**
Total geral			**18**

Fonte: elaboração própria.

3 REPRESENTAÇÃO DA NASALIDADE

Tabela 13 – Representação exagerada da nasalidade[2]

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 118-119)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
co**m**mo	(como)	AFS-1, 2, 4, 12, 13, 19, 20 (6 ocorr.), 23, 45; FP-78	15
co**n**mo	(como)	AFS-11, 12, 15	3
esti**n**mo	(estimo)	AFS-1, 7	2
u**m**mas	(umas)	AFS-2, 21	2
u**m**ma	(uma)	AFS-8 (2 ocorr.), 10, 11, 12, 15 (2 ocorr.), 16, 17, 19, 24, 45	12
va**n**mos	(vamos)	AFS-2	1
va**n**mo	(vamos)	AFS-13	1
esto**m**mos	(estamos)	AFS-2	1
esto**n**mo	(estamos)	AFS-13	1
to**n**mil	(tome)	AFS-13	1
co**m**madi	(comadre)	AFS-4, 6 (2 ocorr.), 12, 13, 17 (2 ocorr.), 19 (2 ocorr.), 23, 24, 45 (8 ocorr.)	19
co**n**madi	(comadre)	AFS-7 (3 ocorr.), 9 (2 ocorr.), 14, 15	7
co**m**madre	(comadre)	ZSS-53 (2 ocorr.)	2
co**n**madri	(comadre)	ZSS-53	1
co**n**madre	(comadre)	ZSS-53 (2 ocorr.)	2
co**m**mader	(comadre)	FP-79 (2 ocorr.)	2
macia**n**no	(Marciano)	AFS-5, 6, 25	3
carti**n**nha	(cartinha)	AFS-7, 18	2
Douri**n**nhas	(Dorinha)	AFS-7	1
mi**n**nha	(minha)	AFS-7	1
to**m**mi	(tome)	AFS-8	1
ca**n**narinho	(canarinho)	AFS-8, 16	2
co**n**migo	(comigo)	AFS-12	1
tenzi**n**nho	(trenzinho)	AFS-12	1
me**n**no	(menos)	AFS-11	1
marquri**n**no	(Marcolino)	AFS-12	1
marquli**n**no	(Marcolino)	AFS-19	1
marqurli**n**no	(Marcolino)	AFS-45	1
pitangi**n**nhas	(Pitanguinha)	AFS-12	1
qu**m**nhados	(cunhados)	GOR-27	1
qu**m**nhado	(cunhados)	GOR-27	1
cu**m**nhado	(cunhado)	GOR-28	1
co**n**meu	(comeu)	AFS-16	1
esti**n**mado	(estimado)	AFS-18	1
a**n**no	(ano)	AFS-19; FP-79	2

[2] Os poucos casos de variação gráfica entre <mm> ~ <m> e <nn> ~ <n> em manuscritos da primeira década do século XX (FP-78, 79; AML-81; JSS-88), quando ainda não havia uma ortografia padronizada, pode não ser reflexo de uma representação exagerada da nasalidade, mas sim vestígio de uma grafia etimológica.

piqe**n**no	(pequeno)	AFS-19	1
do**n**na	(dona)	AFS-22	1
telega**n**na	(telegrama)	AFS-23	1
pe**n**na	(pena)	JMS-67; FP-79	2
peque**n**na	(pequena)	AML-81	1
i**n**maginava	(imaginava)	RAC-85	1
i**n**magino	(imagino)	RAC-85 (2 ocorr.)	2
va**n**mu	(vamos)	RAC-85	1
reco**m**mendaçã	(recomendação)	JSS-88	1
Total			**107**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
a**n**mo	(amo)	ACO-96	1
a**n**ma	(ama)	ACO-98	1
a**n**mar	(amar)	ACO-98	1
a**n**mado	(amado)	ACO-98	1
e**n**mocão	(emoção)	ACO-98	1
pla**n**no	(plano)	NIN-107	1
diretri**m**nho	(direitinho)	JO-128	1
Total			**7**
Total geral			**114**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 14 – Ausência de representação da nasalidade

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 119-120)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
mado	(mando)	AFS-4; JS-62; VAN-86 (2 ocorr.)	4
achado	(achando)	NIN-38	1
Fernado	(Fernando)	MC-36	1
quato	(canto)	GOR-28	1
lebransa	(lembrança)	LFO-32	1
linbaca	(lembrança)	VAN-86	1
ci	(sim)	SFS-41	1
tabem	(também)	GOR-28	1
Almerida	(Almerinda)	MC-37; SFS-42 (2 ocorr.)	3
lebranca	(lembrança)	NIN-38 (3 ocorr.)	3
medis	(Mendes)	JS-62	1
bei	(beim)	JS-62	1
be	(bem)	JS-62	1
çoprade	(compadre)	JS-62 (3 ocorr.)	3
coprade	(compadre)	JS-62 (4 ocorr.)	4
croprade	(compadre)	JS-62	1
madro	(mando)	JS-62 (4 ocorr.)	4
jetre	(gente)	JS-62	1
pigra	(pinga)	JS-62	1
zagrado	(zangado)	JS-62	1
mada	(manda)	JS-62; ZLS-70	2

nuca	(nunca)	JMA-64 (2 ocorr.)	2
romaci	(romance)	JMA-64	1
votadi	(vontade)	JMA-64	1
Ramudro	(Raimundo)	JS-62	1
lebraca	(lembrança)	JS-62 (2 ocorr.)	2
pozetadoria	(aposentadoria)	ASC-63 (2 ocorr.)	2
lembraca	(lembrança)	JMS-66; AOL-72	2
loji	(longe)	JMA-64	1
coveca	(conversar)	JMA-64	1
bezinho	(benzinho)	JMA-65	1
prisipamentis	(principalmente)	JMS-66	1
carregado	(carregando)	JMS-67	1
dezeijado	(desejando)	JMS-68	1
lembraça	(lembrança)	DCS-69 (2 ocorr.); AOL-72	3
contete	(contente)	AOL-72	1
alebrado	(lembrado)	AOL-72	1
doiti	(doente)	AOL-72	1
tepo	(tempo)	AOL-72	1
barca	(branca)	ROM-73	1
didinha	(dindinha)	LM-75 (2 ocorr.)	2
didinho	(dindinho)	LM-75	1
pobinha	(pombinha)	LM-75	1
casada	(cansada)	LM-75 (2 ocorr.)	2
co	(com)	FP-78	1
e	(em)	FP-78	1
azagada	(zangada)	FP-79	1
aida	(ainda)	FP-79	1
madi	(mande)	VAN-86 (2 ocorr.)	2
mi	(mim)	AHC-55; ASC-63; ZLS-70; AOL-72; VAN-86 (4 ocorr.); RAC-90 (2 ocorr.)	10
mirada	(Miranda)	VAN-86	1
doedo	(doendo)	VAN-86	1
trabalhado	(trabalhando)	VAN-86	1
chuvedo	(chovendo)	VAN-86	1
mador	(mando)	VAN-86	1
lenbraca	(lembrança)	JSS-88	1
passado	(passando)	BMO-91	1
escrevedo	(escrevendo)	BMO-91	1
Total			**92**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
mi	(mim)	AO-92 (2 ocorr.), 93; ACO-95, 97 (3 ocorr.), 98 (2 ocorr.), 127 (2 ocorr.); DCO-100; IC-103; TB-109 (3 ocorr.); VO-113; ZBO-116; JO-128 (3 ocorr.)	21
aida	(ainda)	MA0-106	1
madou	(mandou)	MAO-106	1
Lembraça	(lembrança)	NIN-108	1

quado	(quando)	TB-110	1
si	(sim)	TB-109	1
covesar	(conversar)	VO-111	1
tepo	(tempo)	VO-112	1
liçiça	(licença)	VO-112	1
colhedo	(colhendo)	VO-113	1
coviti	(convite)	VO-113	1
Cobina	(combinar)	JL-114	1
domigo	(domingo)	AO-126, ZBO-117	2
Lebranca	(lembrança)	LA-120	1
sobria	(sombrinha)	LA-120	1
veder	(vender)	LA-120	1
made	(mande)	LA-120	1
domigor	(domingo)	LA-120	1
qumedo	(comendo)	MBS-122	1
asuto	(assunto)	MBS-122	1
sniqueta	(cinquenta)	MBS-122	1
nuca	(nunca)	ZBO-123, 124	2
alexadina	(Alexandrina)	AO-126	1
covesa	(conversar)	JO-128	1
mada	(manda)	JO-128	1
domigo	(domingo)	VO-129	1
rui	(ruim)	ZBO-130	1
alebado	(lembrado)	AO-92	1
Total			**50**
Total geral			**142**

Fonte: elaboração própria.

4 REPRESENTAÇÃO DE DÍGRAFOS

Tabela 15 – Grafia de sílabas com o dígrafo <qu>

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 121-122)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
qilzêl	(quizer)	AFS-17	1
qêr	(quer)	AFS-19	1
es**q**eiso	(esqueço)	AFS-20	1
qre	(quer)	AFS-20	1
pur**q**ei	(porque)	AFS-11	1
qizre	(quizer)	AFS-20	1
qisre	(quizer)	AFS-20	1
pi**q**enno	(pequeno)	AFS-19	1
pe**q**eno	(pequeno)	AFS-22	1
qi	(que)	SFS-42; JS-62	2
ni**q**inha	(niquinha)	MC-50	1
joa**q**in	(Joaquim)	JJO-49	1

joa**q**im	(Joaquim)	JJO-49	1
fir**q**ei	(fiquei)	AFS-12	1
fi**q**ei	(fiquei)	AFS-7	1
mar**q**ei	(marquei)	AFS-4	1
per**q**eninho	(pequenininho)	AFS-7	1
Total			**18**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
a**g**i	(aqui)	LA-120	1
gisre	(quiser)	LA-120	1
qe	(que)	AO-126	1
Total			**3**
Total geral			**21**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 16 – Grafia de sílabas com o dígrafo <gu>

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 122)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
pe**g**ei	(peguei)	GOR-28; JS-62	2
xe**g**ei	(cheguei)	GOR-29	1
emtre**g**e	(entregue)	GOR-29	1
entre**g**e	(entregue)	MC-36	1
per**g**ei	(peguei)	AFS-2	1
par**g**ei	(paguei)	AFS-22 (2 ocorr.)	2
pe**g**i	(pegue)	AFS-16, 23	2
per**g**i	(pegue)	AFS-15	1
ami**g**inho	(amiguinho)	SFS-42	1
porotu**g**esi	(português)	JMA-65	1
ente**g**e	(entregue)	AOL-72	1
ni**g**em	(ninguém)	JSS-88 (2 ocorr.)	2
pa**g**i	(pague)	AFS-6	1
par**g**i	(pague)	AFS-6	1
pitan**g**innhas	(Pitanguinha)	AFS-12	1
pitan**g**eiro	(Pitangueiro)	AFS-12	1
pa**g**i	(pague)	AFS-6	1
par**g**i	(pague)	AFS-6	1
che**g**ei	(cheguei)	AFS-9 (2 ocorr.)	2
par**q**i	(pague)	AFS-3	1
Total			**25**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
consi**g**io	(conseguiu)	ZBO-119	1
conci**g**io	(conseguiu)	ZBO-119	1
xe**g**ei	(cheguei)	LA-120	1
Total			**3**
Total geral			**28**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 17 – Grafia do dígrafo <rr>

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 122-123)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
co**r**eios	(correios)	AFS-7	1
co**r**eos	(correios)	AFS-25	1
enca**r**egado	(encarregado)	AFS-22	1
abu**r**ecer	(aborrecer)	AFS-23	1
mo**r**o	(morro)	GOR-29	1
Ca**r**ancudo	(Carrancudo)	SFS-41	1
e**r**os	(erros)	APS-43	1
e**r**o	(erro)	MC-50	1
so**r**ir	(sorrir)	AHC-55	1
a**r**umar	(arrumar)	ICO-48	1
mo**r**endo	(morrendo)	JMA-65	1
ba**r**acco	(barraco)	VAN-86	1
te**r**eiro	(terreiro)	AFS-8	1
Total			**13**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
a**r**anjar	(arranjar)	ZBO-118	1
e**r**ár	(errar)	ZBO-117	1
abo**r**ecida	(aborrecida)	ZBO-119	1
te**r**a	(terra)	LA-120	1
ama**r**ada	(amarrada)	ZBO-130	1
Total			**5**
Total geral			**18**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 18 – Grafia do dígrafo <ss>

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 123)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
di**s**o	(disso)	AFS-4	1
no**s**o	(nosso)	AFS-5, 2, 9, 13 (3 ocorr.)	6
no**s**a	(nossa)	AFS-7 (2 ocorr.); ZLS-71	3
poel**s**oal	(pessoal)	AFS-15	1
por**s**o	(posso)	AFS-6 (2 ocorr.)	2
po**s**o	(posso)	AFS-13 (2 ocorr.); MC-36; NIN-38 (3 ocorr.); SFS-40; ICO-48 (3 ocorr.)	10
po**s**a	(possa)	JMA-65	1
pude**s**i	(podesse)	JCO-31	1
pa**s**e	(passe)	LFO-32	1
pa**s**ei	(passei)	GOR-28; BMO-91	2
a**s**inatura	(assinatura)	MCO-35 (2 ocorr.)	2
trepa**s**ado	(transpassado)	NIN-38	1
a**s**unto	(assunto)	ZBO-52; ZSS-53; FP-79	3
fo**s**i	(fosse)	ZSS-53	1

pa**s**a	(passa)	AHC-54	1
a**s**im	(assim)	AHC-54, 55; FP-79	3
a**s**i	(assim)	VAN-86 (3 ocorr.)	3
pa**s**aje	(passagem)	AHC-55, 56	2
gezes**i**	(quisesse)	JMA-64	1
a**s**egura	(assegura)	ZLS-70	1
pe**s**or	(pesso)	LM-75	1
pu**s**ive	(possível)	MDC-84	1
vimhe**s**e	(viesse)	MDC-84	1
fize**s**e	(fizesse)	MDC-84	1
pos**i**	(posse)	MDC-88	1
pe**s**oa	(pessoa)	RAC-90	1
pa**s**ado	(passado)	AFS-1; AHC-55	2
Total			**54**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
pe**s**oa	(pessoa)	AO-92	1
pe**s**oâ	(pessoa)	ZBO-124	1
no**s**o	(nosso)	AO-93	1
a**s**unto	(assunto)	AO-93, VO-113	2
pa**s**ando	(passando)	ACO-95; ZBO-123, 125	3
pre**s**a	(pressa)	ACO-96	1
pre**s**ça	(pressa)	ACO-98	1
di**s**ci	(disse)	ACO-98	1
intere**s**ada	(interessada)	IC-103	1
a**s**im	(assim)	IC-103	1
a**s**cim	(assim)	VO-111	1
pa**s**eiu	(passeio)	VO-12	1
a**s**entada	(assentada)	VO-113	1
po**s**ivel	(possível)	ZBO-116	1
a pre**s**á	(apressar)	ZBO-117	1
a pre**s**i	(apresse)	ZBO-117	1
mi**s**a	(missa)	ZBO-119	1
asuto	(assunto)	MBS-122	1
di**s**i	(disse)	ZBO-123	1
pa**s**ei	(passei)	ZBO-123	1
po**s**o	(posso)	VO-129; ZBO-130 (2 ocorr.)	3
di**s**e	(disse)	VO-129	1
po**s**ço	(posso)	NIN-108	1
pa**s**çou	(passou)	VO-113	1
va**s**oura	(vassoura)	LA-120	1
Total			**30**
Total geral			**84**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 19 – Grafia do dígrafo <lh>

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 124)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
fi**l**inho	(filhinho)	AFS-7	1
fi**l**inhos	(filhinhos)	AFS-45	1
fi**l**ihos	(filhinhos)	AFS-45	1
li	(lhe)	AFS-2, 7, 11, 15 (2 ocorr.), 17, 25; LFO-32 (3 ocorr.); MC-37; SFS-41; AOL-72; FP-78 (5 ocorr.), 79; AML-81	20
o**l**i	(olhe)	AFS-4, 21 (2 ocorr.); JMA-64 (2 ocorr.)	5
o**l**ia	(olha)	JMA-65 (2 ocorr.)	2
traba**l**o	(trabalho)	JS-62	1
liama	(lhe amar)	FP-79	1
liachar	(lhe achar)	FP-80	1
dezer**l**i	(dizer-lhe)	AML-81	1
le	(lhe)	AHC-57 (2 ocorr.), 58 (2 ocorr.), 61	5
lé	(lhe)	AHC-61	1
lir	(lhe)	AFS-4, 8, 9, 10 (2 ocorr.), 12 (3 ocorr.), 14, 15, 24	11
lida	(lhe dar)	AFS-9	1
liver	(lhe ver)	AFS-13	1
lidar	(lhe dar)	AFS-4; FP-79; RAC-90	3
bi**l**etinho	(bilhetinho)	AFS-19	1
bi**l**ete	(bilhete)	MC-36	1
bi**l**itinho	(bilhetinho)	FP-78	1
estibi**l**itinho	(este bilhetinho)	FP-79	1
tarba**h**i	(trabalhe)	AFS-4	1
sombranse**h**a	(sobrancelha)	AHC-54	1
o**l**i**h**a	(olha)	VAN-86	1
Total			**63**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
be**l**eti	(bilhete)	AO-92, 93	2
bi**l**eti	(bilhete)	ACO-98; TB-109, AO-126	3
bi**l**ete	(bilhete)	IC-103	1
li	(lhe)	ACO-97 (2 ocorr.), 98 (2 ocorr.); VO-112; ZBO-118 (3 ocorr.); LA-120 (2 ocorr.); AO-126; JO-128, 129; ZBO-130 (3 ocorr.)	16
lir	(lhe)	VO-111, 113 (3 ocorr.)	4
ler	(lhe)	VO-112	1
le	(lhe)	ZBO-118	1
fi**l**inho	(filhinho)	NIN-108	1
bi**l**eite	(bilhete)	MBS-122	1
maravi**l**osa	(maravilhosa)	AO-126	1
Total			**31**
Total geral			**94**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 20 – Grafia do dígrafo <nh>

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 125)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
ga**n**anno	(ganhando)	AFS-11	1
vrizi**n**aca	(vizinhança)	MC-36	1
sei**n**ora	(senhora)	VAN-86	1
te**n**o	(tenho)	VAN-86	1
se**n**ora	(senhora)	VAN-86	1
mia**h**a	(minha)	AFS-8	1
mi**h**a	(minha)	AFS-8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 18 (3 ocorr.), 19, 23 (2 ocorr.)	13
mi**h**as	(minhas)	AFS-12, 23	2
mi**h**s	(minhas)	SFS-42	1
li**h**as	(linhas)	SFS-42	1
di**h**eiro	(dinheiro)	AFS-11	1
di**h**aro	(dinheiro)	SFS-42	1
ni**h**uma	(nenhuma)	FP-78 (2 ocorr.)	2
cumpa**h**ia	(companhia)	FP-80	1
Total			**28**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
di**h**eiro	(dinheiro)	MBS-122	1
Total			**1**
Total geral			**29**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 21 – Grafia do dígrafo <ch>

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 121)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
cegemos	(chegamos)	GOR-27	1
cegar	(chegar)	AFS-7	1
Ria**c**ao	(Riachão)	ACO-44	1
Total			**3**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
Ria**c**ao	(Riachão)	VO-111	1
Total			**1**
Total geral			**4**

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE B – DADOS DE ESCRITA FONÉTICA

1 ELEVAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS
Elevação de vogais médias pretônicas [e] ~ [i] e [ẽ] ~ [ĩ]
Elevação de vogais médias pretônicas [o] ~ [u] e [õ] ~ [ũ]

2 ELEVAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS POSTÔNICAS
Elevação de vogais médias postônicas [e] ~ [i]
Elevação da vogal média postônica [o] ~ [u]

3 ELEVAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS EM MONOSSÍLABOS
Elevação das vogais médias [e] ~ [i] e [ẽ] ~ [ĩ] em monossílabos
Elevação das vogais médias [o] ~ [u] e [õ] ~ [ũ], em monossílabos

4 ABAIXAMENTO DAS VOGAIS ALTAS
Abaixamento de [i] ~ [e] e [ĩ] ~ [ẽ] em posição pretônica
Abaixamento de [u] ~ [o] e [ũ] ~ [õ] em posição pretônica
Abaixamento de vogais em posição tônica

5 ANTERIORIZAÇÃO E POSTERIORIZAÇÃO DE VOGAIS

6 REDUÇÃO DE DITONGOS
Redução de ditongos orais
Redução de ditongos nasais

7 DITONGAÇÃO
Ditongação com a inserção da semivogal [y]
Ditongação com a inserção da semivogal [w]

8 NASALIZAÇÃO

9 PALATALIZAÇÃO

10 ROTACISMO E LAMBDACISMO

11 PRÓTESE

12 EPÊNTESE

13 PARAGOGE

14 AFÉRESE

15 SÍNCOPE
Síncopes
Síncopes por omissões de /r/
Assimilação [nd] ~ [n] em verbos no gerúndio

16 APÓCOPE
Apagamento do /R/ em verbos na forma infinitiva
Apócopes

17 METÁTESE

1 ELEVAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

Tabela 1 – Elevação de vogais médias pretônicas [e] ~ [i] e [ẽ] ~ [ĩ]

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 127-129)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
s**i**nhor	(senhor)	AFS-1, 2, 4 (3 ocorr.), 6 (2 ocorr.), 8, 9, 10 (2 ocorr.), 11 (3 ocorr.), 12 (2 ocorr.), 13 (5 ocorr.), 14 (2 ocorr.), 15, 16, 17 (2 ocorr.), 18, 21 (3 ocorr.), 22 (5 ocorr.), 24 (2 ocorr.); JCO-31; APS-43	40
s**i**mhor	(senhor)	AFS-3 (2 ocorr.), 4, 6 (3 ocorr.), 8, 13 (2 ocor.), 19 (2 ocorr.), 23 (2 ocorr.), 25	14
ss**i**nhor	(senhor)	AFS-6	1
sinho	(senhor)	AFS-7, 8 (2 ocorr.), 12 (3 ocorr.), 14, 16 (2 ocorr.), 17 (2 ocorr.), 21, 25	13
ss**i**nho	(senhor)	AFS-7	1
s**i**nhora	(senhora)	AFS-9 (2 ocorr.); NIN-38; AFS-45; NIN-51; JMS-66 (2 ocorr.); JMS-67; FP-79; FP-80 (2 ocorr.)	11
c**i**nhora	(senhora)	AFS-45 (4 ocorr.)	4
c**i**nhor	(senhora)	AFS-45	1
s**i**ora	(senhora)	ZSS-53; VAN-86	2
s**i**or	(senhor)	ZSS-53 (2 ocorr.)	2
c**i**oras	(senhora)	AOL-72	1
c**i**ora	(senhora)	AOL-72 (2 ocorr.)	2
p**i**dir	(pedir)	AFS-4; JMS-67	2
p**i**dindo	(pedindo)	GOR-29; RCO-39	2
m**i**ninos	(meninos)	AFS-6; JCO-31; NIN-38; MDC-84	4
m**i**nino	(menino)	AFS-8, 16	2
m**i**nina	(menina)	AFS-7; FP-78	2
c**i**vico	(serviço)	AFS-8	1
rec**i**bir	(recebi)	AFS-8; JMS-67	2
rec**i**bi	(recebi)	AFS-13, 18 (2 ocorr.), 19	4
r**i**c**i**bi	(recebi)	AFS-13; SFS-41	2
res**i**bil	(recebi)	LFO-32	1
resc**i**bri	(recebi)	MC-37	1
c**i**virso	(serviço)	AFS-10	1
d**i**peiza	(despeza)	AFS-12	1
esqu**i**vi	(escrevi)	AFS-11	1
escr**i**vi	(escrevi)	GOR-29	1
escr**i**vir	(escrevi)	ZLS-70	1
indereço	(endereço)	AFS-13	1
al**i**gial	(alegria)	AFS-18	1
d**i**zembro	(dezembro)	FJO-26	1
c**i**vido	(servido)	FJO-26; MC-50	2
inviando	(enviando)	LFO-32 (2 ocorr.)	2
apar**i**cir	(aparecer)	MCO-34	1
atr**i**vimento	(atrevimento)	RCO-39	1
c**i**ntimento	(sentimento)	AFS-16	1

ri**c**ibo	(recibo)	AFS-22	1
liva	(levar)	AFS-23	1
milhor	(melhor)	AFS-24; GOR-28; JMS-67 (2 ocorr.)	4
fal**i**cida	(falecida)	JCO-31	1
r**i**m**i**tente	(remetente)	MC-36	1
rem**i**tente	(remetente)	MC-37; FPS-47	2
p**i**qenno	(pequeno)	AFS-19	1
dismanxa	(desmanchar)	MC-37	1
linbranca	(lembrança)	MC-37 (3 ocorr.)	3
linbança	(lembrança)	AFS-23	1
limbraca	(lembrança)	SFS-41	1
limbranci	(lembrança)	SFS-41	1
linbaca	(lembrança)	VAN-86	1
ausent**i**mente	(ausentemente)	SFS-40	1
r**i**al	(real)	SFS-40; FPS-47	2
f**i**licidade	(felicidade)	SFS-41	1
distito	(destrito)	APS-43	1
sil**i**çioza	(silenciosa)	APS-43	1
end**i**nlidade[3]	(identidade)	ACO-44	1
dicurpi	(desculpe)	AFS-45	1
al**i**giar	(alegria)	AFS-45 (2 ocorr.)	2
al**i**gria	(alegria)	ZBO-52	1
cand**i**al	(Candeal)	DCO-46; ICO-48	2
auzent**i**mente	(ausentemente)	FPS-47	1
sintindo	(sentindo)	FPS-47	1
sigundo	(segundo)	AHC-54	1
intregui	(entregue)	AHC-54	1
des**i**jando	(desejando)	AHC-57	1
f**i**liz	(feliz)	AHC-59, 60	2
pac**i**ar	(passear)	AHC-61	1
ipere	(espere)	JS-62	1
p**i**ceno	(pequeno)	JS-62	1
comp**i**ender	(compreender)	JMA-64	1
distui	(destruir)	JMA-64	1
qu**i**rida	(querida)	JMA-65	1
t**i**ria	(teria)	JMS-66	1
entr**i**tanto	(entretanto)	JMS-66, 67	2
singuinti	(seguinte)	JMS-66	1
ar**i**c**i**bi	(recebi)	JMS-67	1
dipois	(depois)	JMS-67	1
istimo	(estimo)	JMS-67	1
dismamxar	(desmanchar)	MC-37	1
Al**i**xande	(Alexandre)	ZLS-71	1
bil**i**tinho	(bilhetinho)	FP-78	1
estibil**i**tinho	(este bilhetinho)	FP-79	1
nihuma	(nenhuma)	FP-78 (2 ocorr.)	2

[3] O autor não cortou a letra “t”.

pac**i**a	(passear)	FP-78 (2 ocorr.)	2
d**i**s culpi	(desculpe)	FP-78	1
ar**ici**bido	(recebido)	FP-79	1
p**i**dri	(pedir)	FP-79	1
d**i**s culpa	(desculpa)	FP-79	1
d**i**s culpada	(desculpada)	FP-79	1
imbora	(embora)	FP-79	1
m**i**lho	(melhor)	AML-81	1
p**i**dino	(pedindo)	JPC-82	1
discanso	(descanso)	MDC-84	1
imf**i**lisidade	(infelicidade)	MDC-84	1
d**i**scanço	(descanso)	MDC-84	1
esqr**i**vi	(escrevi)	MDC-84	1
s**i**orra	(senhora)	VAN-86	1
al**i**xandrina	(Alexandrina)	VAN-86	1
isquese	(esquece)	RAC-90	1
p**i**der	(pedir)	RAC-90	1
agr**i**tita	(acredita)	RAC-90	1
Total geral:			**207**
		2ª PARTE – CARTAS 92 A 131	
d**i**zejo	(desejo)	ACO-94, 95, VO-111	3
d**i**sejo	(desejo)	ACO-98	1
d**i**zijo	(desejo)	MAO-106	1
c**i**ntindo	(sentindo)	ACO-95, 96	2
c**i**nhora	(senhora)	MAO-106 (2 ocorr.)	2
s**i**nhora	(senhora)	VO-111	1
as**i**ora	(a senhora)	VO-111	1
ars**i**ora	(a senhora)	JO-128	1
rec**i**bi	(recebi)	MAO-106	1
qui**i**ridinho	(queridinho)	MAO-106	1
r**i**al	(real)	TB-109	1
istou	(estou)	VO-112	1
discope	(desculpe)	VO-12	1
al**i**gria	(alegria)	VO-113	1
istava	(estava)	VO-113	1
f**i**licidade	(felicidade)	DCO-101; ZBO-115	2
c**i**timetro	(centímetro)	ZBO-116 (2 ocorr.)	2
disgraçado	(desgraçado)	ZBO-124	1
Pr**i**zado	(prezado)	ZBO-117	1
al**i**gria	(alegria)	LA-120	1
p**i**dir	(pedir)	LA-120 (2 ocorr.)	2
r**i**ceba	(receba)	MBS-122	1
as**i**nhora	(a senhora)	MBS-122	1
a L**i**chandre	(Alexandre)	MBS-123	1
qu**i**ria	(queria)	ZBO-125	1
es cr**i**vi	(escrevi)	AO-126	1
intrega	(entregue)	VO-129	1

ap**i**lide	(apelido)	IC-103 (2 ocorr.)	2
imtão	(então)	ZBO-118	1
L**i**ão	(Leão)	DCO-102	1
Total			**38**
Total geral			**245**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 2 – Elevação de vogais médias pretônicas [o] ~ [u] e [õ] ~ [ũ]

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 130-131)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
n**u**ticia	(notícia)	AFS-1	1
n**u**tisia	(notícia)	JCO-31; MDC-84	2
n**u**tisa	(notícia)	ZSS-53	1
fr**u**tunato	(Fortunato)	AFS-1, 20	2
f**u**tunato	(Fortunato)	SFS-41	1
p**u**rqui	(porque)	AFS-4; FP-79	2
p**u**rqei	(porque)	AFS-11	1
p**u**der	(poder)	AFS-12, 23	2
p**u**dece	(podesse)	ICO-48	1
p**u**desi	(podesse)	JCO-31	1
ab**u**recer	(aborrecer)	AFS-23	1
J**u**ão	(João)	GOR-27 (4 ocorr.), 28 (4 ocorr.), 29 (3 ocorr.); JS-62	12
J**u**au	(João)	JS-62	1
j**u**se	(José)	GOR-28	1
c**u**lhe	(colher)	MC-37	1
p**u**rargora	(por agora)	SFS-42	1
s**u**brinha	(sobrinha)	ICO-48	1
marq**u**rlinno	(Marcolino)	AFS-45	1
d**u**entada	(adoentada)	ZSS-53	1
d**u**ente	(doente)	JMS-66	1
n**u**vidadi	(novidade)	JMS-66	1
p**u**rtanto	(portanto)	JMS-67	1
p**u**rque	(porque)	JMS-67; 68	2
s**u**ffrido	(sofrido)	JMS-67	1
imp**u**civil	(impossível)	JMS-68	1
m**u**liqui	(moleque)	FP-78	1
d**u**mingos	(domingo)	FP-79	1
c**u**mpahia	(companhia)	FP-80	1
p**u**sive	(possível)	MDC-84	1
ch**u**vedo	(chovendo)	VAN-86	1
z**u**ada	(zoada)	MDC-84	1
s**u**brinho	(sobrinho)	IPO-89	1
Total:			**48**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
p**u**der	(poder)	ACO-98 (2 ocorr.)	2
n**u**tica	(notícia)	MAO-106; MBS-122	2

J**u**azeiro	(Joazeiro)	JO-128	1
d**u**na	(dona)	VO-112	1
Total			**6**
Total geral			**54**

Fonte: elaboração própria.

2 ELEVAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS POSTÔNICAS

Tabela 3 – Elevação de vogais médias postônicas [e] ~ [i]

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 131-135)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
compad**i**	(compadre)	AFS-2, 3 (5 ocorr.), 4 (8 ocorr.), 5 (5 ocorr.), 6 (8 ocorr.), 7, 12, 13 (12 ocorr.), 17 (3 ocorr.), 18, 19 (6 ocorr.), 22 (3 ocorr.), 23 (8 ocorr.), 45 (2 ocorr.)	64
conpad**i**	(compadre)	AFS-6 (4 ocorr.), 7 (8 ocorr.), 8 (2 ocorr.), 9 (5 ocorr.), 10 (3 ocorr.), 11 (7 ocorr.), 12 (10 ocorr.), 14 (5 ocorr.), 15 (4 ocorr.), 16 (2 ocorr.), 17, 18 (2 ocorr.), 19, 21 (4 ocorr.), 24 (5 ocorr.), 25 (6 ocorr.)	69
compadr**i**	(compadre)	MC-36; ZSS-53 (3 ocorr.); JMS-66	5
conpadr**i**	(compadre)	MC-36	1
commad**i**	(comadre)	AFS-4, 6, 12, 13,17 (2 ocorr.), 19 (2 ocorr.), 23, 24, 45 (8 ocorr.)	18
conmad**i**	(comadre)	AFS-6, 7 (3 ocorr.), 12, 14, 15	7
comadr**i**	(comadre)	MC-37	1
conmadr**i**	(comadre)	ZSS-53	1
comad**i**	(comadre)	NIN-51 (6 ocorr.); DCS-69	7
olh**i**	(olhe)	AFS-2, 6 (2 ocorr.); ICO-48	4
ol**i**	(olhe)	JMA-64	1
doent**i**	(doente)	AFS-2	1
deit**i**	(deite)	AFS-2, 45; JMS-67; FP-78	4
mand**i**	(mande)	AFS-2, 4 (2 ocorr.), 6, 9, 10, 11 (2 ocorr.), 12, 14, 15, 22, 23, 25, 45; SFS-42; ZSS-53; JMS-68 (2 ocorr.); FP-79, 80	21
mad**i**	(mande)	VAN-86 (2 ocorr.)	2
saud**i**	(saúde)	AFS-2, 7, 11, 12, 15, 17 (2 ocorr.), 23, 45 (2 ocorr.); FJO-26, JMS-66 (3 ocorr.), 67 (2 ocorr.); FP-78 (2 ocorr.), 79 (2 ocorr.); JPC-82; JSS-88	22
caud**i**	(saúde)	MC-50	1
ves**i**s	(vezes)	AFS-2	1
veiz**i**	(vezes)	AFS-11	1
vez**i**	(vezes)	AFS-12	1
sarb**i**	(sabe)	AFS-3	1
solment**i**	(somente)	AFS-4, 5, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 17, 23, 45	11
soment**i**	(somente)	NIN-38; FP-79	2
salb**i**	(sabe)	AFS-4	1
cemp**i**	(sempre)	AFS-23	1

sab**i**	(sabe)	AFS-25; NIN-38; JMS-66, 67; FP-78	5
tirt**i**	(triste)	AFS-5	1
vir**i**	(vire)	AFS-5, 7, 12, 23, 45; ZSS-53; JMS-66 (2 ocorr.), 67 (2 ocorr.); FP-78, 79; AML-81; IZA-87	14
virl**i**	(vire)	AFS-8	1
lonj**i**	(longe)	AFS-6	1
long**i**	(longe)	MC-37, 50	2
vil**i**	(vire)	AFS-6	1
vint**i**	(vinte)	AFS-6	1
pag**i**	(pague)	AFS-6	1
jauguip**i**	(Jacuipe)	AFS-6	1
teiv**i**	(teve)	AFS-7	1
pod**i**	(pode)	AFS-7, 11 (4 ocorr), 25; JMS-66, 67 (2 ocorr.)	9
pord**i**	(pode)	AFS-8, 11, 14, 16, 23	5
tomm**i**	(tome)	AFS-8	1
tom**i**	(tome)	MC-37; JMA-64	2
virac**i**	(virasse)	AFS-8, 16	2
dar quel**i**	(daquele)	AFS-8	1
porqur**i**	(procure)	AFS-8	1
bot**i**	(bote)	AFS-8, 12, 15, 24	4
jetud**i**	(Jertrudes)	AFS-5	1
jetudis	(Jertrudes)	AFS-23 (2 ocorr.)	2
jertud**i**	(Jertrudes)	AFS-13	1
jerturd**i**s	(Jertrudes)	AFS-17	1
Jertud**i**s	(Jertrudes)	AFS-19	1
tir**i**	(tire)	AFS-10, 45	2
noit**i**	(noite)	AFS-10, 45	2
tard**i**	(tarde)	AFS-10	1
como form**i**	(conforme)	MC-50	1
aquer**i**	(aquele)	AFS-14	1
fort**i**	(forte)	AFS-12 (2 ocorr.), 16; MC-37; ML-77	5
aond**i**	(aonde)	AFS-12	1
farz**i**	(fazem)	AFS-12	1
saldad**i**	(saudade)	AFS-12; BMO-91	2
sodad**i**	(saudade)	ZSS-53	1
repar**i**	(repare)	AFS-12	1
amizad**i**	(amizade)	AFS-13; JMS-66 (2 ocorr.)	3
est**i**	(este)	AFS-13; ACO-44; FP-78; VAN-86 (2 ocorr.)	5
saudad**i**	(saudade)	AFS-13, 21, 45; FP-78 (2 ocorr.)	5
cient**i**	(ciente)	RCO-39	1
el**i**	(ele)	AFS-14, 45; VAN-86	3
tonm**i**l	(tome)	AFS-13	1
aceit**i**	(aceite)	AFS-16; FP-78 (4 ocorr.), 80	6
bort**i**	(bote)	AFS-16, 17, 19	3
hoj**i**	(hoje)	AFS-17; MC-36; JMS-67	3
tiv**i**	(tive)	AFS-18; MC-36; AFS-45; JMS-67	4

oje**nti**	(urgente)	AFS-17	1
de**lis**	(deles)	AFS-19	1
pu**di**	(pude)	AFS-22	1
no**mi**	(nome)	AFS-22; BMO-91 (2 ocorr.)	3
ne**sti**	(neste)	AFS-23	1
pa**ssi**	(passe)	AFS-23	1
poqu**ri**	(procure)	AFS-23	1
ne**ti**	(neste)	AFS-23	1
gan**di**	(grande)	AFS-24	1
gran**di**	(grande)	ACO-44	1
vontad**i**	(vontade)	AFS-25; ACO-44; JMS-66, 67, 78	5
su**bi**	(soube)	JCO-31; BMO-91	2
aleg**ri**	(alegre)	MC-36 (2 ocorr.); MC-37 (2 ocorr.), 50; ACO-44	6
nob**ri**	(nobre)	MC-36; JSS-88	2
vomtad**i**	(vontade)	NIN-38	1
sin**pi**	(sempre)	AFS-24	1
abenco**i**	(abençoe)	NIN-38	1
bilhe**ti**	(bilhete)	ACO-44	1
esquec**i**	(esquece)	ACO-44	1
felicidad**i**	(felicidade)	AFS-45; LFO-82	2
dicurp**i**	(desculpe)	AFS-45	1
dei**li**	(dele)	AFS-45	1
de**li**	(dele)	ZBO-52	1
abmco**i**	(abençoe)	ICO-48	1
feliçidad**i**	(felicidade)	NIN-51	1
jen**ti**	(gente)	MC-50	1
comdr**i**	(comadre)	MC-50	1
fa**li**	(fale)	NIN-51; VAN-86 (2 ocorr.)	3
Doralic**i**	(Doralice)	ZBO-52	1
deix**i**	(deixe)	ZBO-52; JMS-68	2
fos**i**	(fosse)	ZSS-53	1
prob**i**	(pobre)	AHC-54	1
intregu**i**	(entregue)	AHC-54	1
adoes**i**	(adoece)	AHC-55	1
sempr**i**	(sempre)	AHC-57; JMS-66	2
med**is**	(Mendes)	JS-62	1
votad**i**	(vontade)	JMA-64	1
romac**i**	(romance)	JMA-64	1
loj**i**	(longe)	JMA-64	1
tivess**i**	(tivesse)	JMS-66	1
prazerr**is**	(prazeres)	JMS-66	1
dev**i**	(deve)	JMS-66, 67	2
nuvidad**i**	(novidade)	JMS-66	1
escrev**i**	(escreve)	JMS-66	1
entr**i**	(entre)	JMS-66, 67	2
hoj**in**	(hoje)	JMS-66	1
hoj**im**	(hoje)	JMS-67 (2 ocorr.), 68	3

lembr**i**	(lembre)	JMS-66	1
ve**vi**	(vivem)	JMS-66	1
te**vi**	(tive)	JMS-67	1
singuint**i**	(seguinte)	JMS-66	1
trist**i**	(triste)	JMS-66, 67; BMO-91	3
disc**i**	(disse)	JMS-66	1
brev**i**	(breve)	JMS-66	1
desculp**i**	(desculpe)	JMS-66, 67 (2 ocorr.)	3
viaj**i**m	(viagens)	JMS-66	1
continu**i**	(continue)	JMS-66	1
acceit**i**	(aceite)	JMS-66	1
maldad**i**	(maldade)	JMS-66	1
comtinu**i**	(continue)	JMS-67	1
caz**i**	(case)	JMS-67	1
viv**i**	(vive)	JMS-67	1
sort**i**	(sorte)	JMS-67	1
promet**i**	(promete)	JMS-67	1
contrariedad**i**	(contrariedade)	JMS-67	1
dignidad**i**	(dignidade)	JMS-67	1
impuciv**i**l	(impossível)	JMS-68	1
amisad**i**	(amizade)	JMS-68	1
felisidad**i**	(felicidade)	JMS-68	1
emtend**i**	(entende)	JMS-68	1
cient**i**	(ciente)	JMS-68	1
asseit**i**	(aceite)	JMS-68	1
tapet**i**	(tapete)	DCS-69	1
novidad**i**	(novidade)	ZLS-70	1
doit**i**	(doente)	AOL-72	1
midic**i**	(me disse)	FP-78	1
berv**i**	(breve)	FP-78	1
indiant**i**	(em diante)	FP-78	1
muliqu**i**	(moleque)	FP-78	1
dis culp**i**	(desculpe)	FP-78	1
amant**i**	(amante)	FP-79	1
purist**i**	(por este)	FP-79	1
brevidad**i**	(brevidade)	FP-79	1
import**i**	(importe)	FP-79	1
vizit**i**	(visite)	FP-80	1
pid**i**m**i**	(pede-me)	AML-81	1
cerv**i**	(serve)	AML-81	1
vend**i**	(vende)	AML-81	1
ol**i**o	(óleo)	VAN-86	1
pos**i**	(posse)	JSS-88	1
agredit**i**	(acredite)	RAC-90	1
daquel**i**	(daquele)	BMO-91	1
Total:			**478**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			

bastant**i**	(bastante)	AO-92 (2 ocorr.)	2
basstant**i**	(bastante)	MAO-106	1
dest**i**	(deste)	AO-92; 93; MBS-122; ZBO-131	4
belet**i**	(bilhete)	AO-92, 93	2
bilet**i**	(bilhete)	ACO-98; TB-109; AO-126	3
saud**i**	(saúde)	AO-92, 93; MAO-106; TB-109 (2 ocorr.), 110; VO-112, 113 (2 ocorr.); MBS-122	10
el**i**	(ele)	AO-92 (2 ocorr.), 93; MAO-106 (2 ocorr.); VO-113 (4 ocorr.); ZBO-119, 124, 125; MBS-122 (2 ocorr.)	14
tard**i**	(tarde)	ACO-94; ACO-98; MAO-106; TB-110; AO-126	5
tev**i**	(teve)	ACO-94 (2 ocorr.)	2
grand**i**	(grande)	ACO-94	1
ólh**i**	(olhe)	ACO-94	1
olh**i**	(olhe)	ACO-98 (2 ocorr.); IC-103 (2 ocorr.); ZBO-119	5
O lh**i**	(olhe)	ZBO-119	1
vontad**i**	(vontade)	ACO-95, 98 (2 ocorr.); TB-110	4
vir**i**	(vire)	ACO-95; TB-110; VO-111, 112, 113; MBS-122	6
fal**i**	(fale)	ACO-95; IC-103; ZBO-124, 125	4
esper**i**	(espere)	ACO-95, 97	2
aquel**i**	(aquele)	ACO-96, 127	2
entregu**i**	(entregue)	ACO-96; DCO-101	2
cempr**i**	(sempre)	ACO-98	1
sempr**i**	(sempre)	IC-105, NIN-107	2
disc**i**	(disse)	ACO-98	1
ench**i**	(enche)	ACO-98	1
procur**i**	(procure)	IC-103, TB-109	2
abençó**i**	(abençoe)	IC-103	1
abençoi	(abençoe)	NIN-107	1
abencoi	(abençoe)	NIN-108	1
nom**i**	(nome)	IC-103	1
hoj**i**	(hoje)	IC-105 (2 ocorr.); TB-109; ZBO-131	4
comad**i**	(comadre)	MAO-106 (11 ocorr.); VO-111 (2 ocorr.)	13
Comadr**i**	(comadre)	TB-109 (2 ocorr.), 110 (3 ocorr.)	5
compad**i**	(compadre)	MAO-106	1
feliçidad**i**	(felicidade)	MAO-106	1
felicidad**i**	(felicidade)	JL-114	1
a leg**i**	(alegre)	MAO-106	1
sodad**i**	(saudade)	MAO-106; VO-111, 112	3
soldad**i**	(saudade)	VO-111	1
encontr**i**	(encontre)	NIN-108; TB-109	2
est**i**	(este)	TB-109; AO-126	2
vend**i**	(vende)	TB-109	1
mand**i**	(mande)	TB-110 (2 ocorr.); VO-112 (3 ocorr.), ZBO-119 (3 ocorr.), 130, 131	10
Jacuip**i**	(Jacuípe)	VO-111	1
nest**i**	(neste)	VO-111	1

tiv**i**	(tive)	VO-111	1
auzent**i**	(ausente)	VO-111	1
lonj**i**	(longe)	VO-111	1
bondad**i**	(bondade)	VO-111	1
saudad**i**	(saudade)	VO-111	1
caudad**i**	(saudade)	VO-113	1
firm**i**	(firme)	VO-111	1
voç**i**	(você)	VO-112 (3 ocorr.), 113	4
Valdeliç**i**	(Valdelice)	VO-112	1
valdelic**i**	(Valdelice)	VO-113, 117, 129	3
soment**i**	(somente)	VO-113	1
noit**i**	(noite)	VO-113, ZBO-119	2
covit**i**	(convite)	VO-113	1
disç**i**	(disse)	VO-113	1
coment**i**	(somente)	AO-126	1
fort**i**	(forte)	AO-126	1
ped**i**	(pede)	MBS-122	1
bot**i**	(bote)	MBS-122	1
dic**i**	(disse)	MBS-122	1
dis**i**	(disse)	ZBO-123	1
quaz**i**	(quase)	ZBO-123	1
Mamã**i**	(mamãe)	ZBO-124	1
chegu**i**	(chegue)	ZBO-124	1
distant**i**	(distante)	ZBO-125	1
sub**i**	(soube)	ZBO-125	1
viec**i**	(viesse)	ZBO-125	1
fiqu**i**	(fique)	JO-128	1
dest**i**	(deste)	ZBO-131	1
subec**i**	(soubesse)	AO-126	1
Total			**164**
Total geral			**642**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 4 – Elevação da vogal média postônica [o] ~ [u]

p. 136)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
mag**u**a	(mágoa)	ACO-44	1
tod**u**s	(todos)	ACO-44 (2 ocorr.)	2
tod**u**	(todo)	ACO-44; JMA-64 (2 ocorr.)	3
ti**u**	(tio)	ICO-48	1
noc**u**	(nosso)	JMA-64	1
ador**u**	(adoro)	JMA-64	1
poc**u**	(posso)	JMA-65	1
envi**u**	(envio)	FJO-26	1
vanm**u**	(vamos)	RAC-85	1
Total geral:			**12**

2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
muit**u**s	(muitos)	ACO-95	1
tod**u**s	(todos)	ACO-95, 96 (2 ocorr.), 97, 127 (2 ocorr.)	6
pasei**u**	(passeio)	VO-12	1
Total			**8**
Total geral			**20**

Fonte: elaboração própria.

3 ELEVAÇÃO DE VOGAIS MÉDIAS EM MONOSSÍLABOS

Tabela 5 – Elevação das vogais médias [e] ~ [i] e [ẽ] ~ [ĩ] em monossílabos

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 136-137)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
d**i**	(de)	AFS-1 (10 ocorr.), 2 (5 ocorr.), 3 (3 ocorr.), 4 (12 ocorr.), 5 (5 ocorr.), 6 (6 ocorr.), 7 (10 ocorr.), 8 (5 ocorr.), 9 (5 ocorr.), 10 (3 ocorr.), 11 (4 ocorr.), 12 (10 ocorr.), 13 (5 ocorr.), 14 (6 ocorr.), 15 (7 ocorr.), 16 (6 ocorr.), 17 (5 ocorr.),18 (4 ocorr.), 19 (5 ocorr.), 20 (5 ocorr.), 21 (2 ocorr.), 22 (5 ocorr.), 23, 24 (3 ocorr.), 25 (7 ocorr.); FJO-26 (5 ocorr.); GOR-27 (5 ocorr.), 28 (6 ocorr.), 29 (2 ocorr.); MCO-33 (2 ocorr.); MC-36 (6 ocorr.), 37 (4 ocorr.); NIN-38 (2 ocorr.); RCO-39 (3 ocorr.), SFS-40 (8 ocorr.); APS-43 (4 ocorr.); ACO-44 (3 ocorr.); AFS-45 (7 ocorr.); FPS-47 (2 ocorr.); MC-50; NIN-51 (2 ocorr.); ZBO-52 (4 ocorr.); ZSS-53 (2 ocorr.); JMS-66 (20 ocorr.), 67 (22 ocorr.), 68 (5 ocorr.); ZJS-74; AHC-78 (11 ocorr.); FP-79 (4 ocorr.), 80 (5 ocorr.); JPC-82; VAN-86 (2 ocorr.); RAC-90; BMO-91 (4 ocorr.)	283
l**i**	(lhe)	AFS-1, 7, 11, 15 (2 ocorr.), 17, 19, 23 (2 ocorr.), 25, LFO-32; NIN-38; SFS-41; ICO-48 (6 ocorr.); ZSS-53, AHC-57; JMA-65 (2 ocorr.); AOL-72; FP-78 (5 ocorr.), 79 (2 ocorr.)	31
l**i**r	(lhe)	AFS-4, 14, 15, 24	4
lh**i**	(lhe)	MC-36, 37 (2 ocorr.); RCO-39; APS-43; NIN-51; ZBO-52; ZSS-53; ASC-63; JMS-66 (5 ocorr.), 67 (9 ocorr.), 68 (6 ocorr.); ROM-73; LM-75 (3 ocorr.), APC-83; JSS-88 (2 ocorr.)	36
i	(e)	AFS-1, 4 (5 ocorr.), 6 (2 ocorr.), 7 (6 ocorr.), 8, 11, 14, 15 (3 ocorr.), 17 (7 ocorr.), 18, 19 (10 ocorr.), 20, 22 (5 ocorr.), 25 (5 ocorr.); FJO-26; GOR-27 (3 ocorr.), 28 (2 ocorr.), 29 (3 ocorr.); LFO-32 (3 ocorr.); MC-36 (2 ocorr.), 37; NIN-38 (5 ocorr.); RCO-39 (9 ocorr.); SFS-41 (3 ocorr.), 42 (3 ocorr.); APS-43 (5 ocorr.); ACO-44 (2 ocorr.); AFS-45 (7 ocorr.); FPS-47 (6 ocorr.); JJO-49; MC-50 (2 ocorr.); NIN-51 (8 ocorr.); ZBO-52; ZSS-53 (5 ocorr.); JS-62 (13 ocorr.); JMS-66 (12 ocorr.), 67 (17 ocorr.), 68 (8 ocorr.); FP-78 (17 ocorr.), 79 (12 ocorr.), 80 (2 ocorr.); JPC-82 (6 ocorr.); VAN-86	209
ir	(e)	AFS-6, 10 (3 ocorr.), 11 (5 ocorr.), 12 (11 ocorr.), 13 (7 ocorr.)	27

ir	(é)	AFS-45	1
s**i**r	(se)	AFS-3, 8, 14 (3 ocorr.), 15 (2 ocorr.), 16, 17 (2 ocorr.)	10
s**i**	(se)	GOR-28, 29; MC-37; NIN-38 (2 ocorr.); SFS-40; MC-50; ZBO-52; ZSS-53; AHC-59; JMS-66 (2 ocorr.), 67 (5 ocorr.), 68; ZLS-70 (4 ocorr.); ROM-73; FP-78, 79; AML-81 (2 ocorr.); JPC-82; VAN-86 (2 ocorr.); BMO-91	31
c**i**	(se)	ACO-44	1
in	(em)	MC-37	1
qu**i**	(que)	AFS-4, 19 (2 ocorr.); MC-37; SFS-40; ZBO-52 (2 ocorr.); JMS-67; FP-78 (12 ocorr.), 79 (8 ocor.), 80 (6 ocorr.); VAN-86	35
q**i**	(que)	SFS-42; JS-62	2
g**i**	(que)	JMA-64 (6 ocorr.), 65 (5 ocorr.)	11
m**i**	(me)[4]	GOR-28, 29; MC-36; NIN-38; RCO-39; APS-43; ACO-44; FPS-47; ICO-48 (2 ocorr.); MC-50 (2 ocorr.); ZSS-53 (2 ocorr.); AHC-55 (5 ocorr.), 60, 61; ASC-63 (2 ocorr.); JMS-66 (4 ocorr.), 67 (8 ocorr.), 68 (8 ocorr.); ZLS-70 (6 ocorr.); ROM-73; FP-78 (2 ocorr.), 79 (3 ocorr.); VAN-86 (2 ocorr.); JSS-88	58
t**i**	(te)	SFS-40 (2 ocorr.); APS-43; ACO-44; FPS-47 (3 ocorr.); AHC-54 (2 ocorr.), 55, 57, 58, 59 (2 ocorr.), 60; JMA-65 (2 ocorr.); JMS-68; ZLS-70; RAC-90 (2 ocorr.)	21
ma**i**	(mãe)	FP-78 (2 ocorr.); VAN-86 (8 ocorr.)	10
mã**i**	(mãe)	IZA-87	1
dr**i**	(dê)	JJO-49	1
Total geral:			**773**
		2ª PARTE – CARTAS 92 A 131	
d**i**	(de)	AO-92 (2 ocorr.); 93 (2 ocorr.); 126 (2 ocorr.); ACO-95; 97; 98 (3 ocorr.); 127; IC-103; 104; 105; TB-110 (3 ocorr.); VO-111 (12 ocorr.); 112 (4 ocorr.); 113 (12 ocorr.); 129 (4 ocorr.); ZBO-115 (2 ocorr.); 116 (6 ocorr.); 118 (2 ocorr.); 123 (6 ocorr.); 124 (3 ocorr.); 125 (3 ocorr.); 130 (3 ocorr.); 131; LA-120; JO-128	78
i	(e)	AO-92, 93, 126 (3 ocorr.); ACO-95 (3 ocorr.); MAO-106 (4 ocorr.); NIN-107 (4 ocorr.); 108 (5 ocorr.); ZBO-115; 125 (3 ocorr.), 130 (3 ocorr.); MBS-122 (3 ocorr.); JO-128 (6 ocorr.); VO-129	38
t**i**	(te)	ACO-94, 98; NIN-107; TB-109 (2 ocorr.); ZBO-118, 131; AO-126 (3 ocorr.)	10
c**i**	(se)	ACO-95 (2 ocorr.), 98 (3 ocorr.)	5
s**i**	(se)	IC-103 (6 ocorr.), 104, 105; NIN-107, TB-109 (3 ocorr.), 110; ZBO-115 (4 ocorr.), 116, 117 (2 ocorr.), 118, 119 (4 ocorr.), 124 (2 ocorr.), 125 (7 ocorr.), 130 (5 ocorr.), 131; LA-120 (2 ocorr.); AO-126	43
m**i**	(me)	AO-92; ACO-95, 97 (3 ocorr.), 98 (2 ocorr.), 127 (2 ocorr.); DCO-100; IC-103 (2 ocorr.), 104; TB-109 (2 ocorr.), 110; VO-113; ZBO-116; JO-128	19
l**i**	(lhe)	ACO-97 (2 ocorr.), 98 (2 ocorr.); VO-112; ZBO-118 (3 ocorr.), 130 (3 ocorr.); LA-120 (2	16

[4] Com o interesse de observar apenas a elevação da vogal média, considerou-se, aqui, o *mi* como pronome átono *me* quando usado com as formas verbais, ainda que algumas ocorrências possam, nas cartas, ter sido usadas para representar o pronome tônico *mim* (considerou-se como pronome tônico o *mi* usado com preposição).

		ocorr.); AO-126; JO-128, 129	
lh**i**	(lhe)	DCO-100; IC-103; TB-110; ZBO-116, 117, 123, 124, 131	8
l**i**r	(lhe)	VO-111, 113 (3 ocorr.)	1
qu**i**	(que)	VO-113 (4 ocorr.); ZBO-115, 123, 124, 125 (2 ocorr.)	9
ma**i**	(mãe)	MBS-122	1
mã**i**	(mãe)	ZBO-115, 123, 124	3
Total			**231**
Total geral			**1004**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 6 – Elevação das vogais médias [o] ~ [u] e [õ] ~ [ũ], em monossílabos

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 138)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
d**u**	(do)	AFS-1, 3, 4, 5, 6, 7 (4 ocorr.), 8, 9, 10 (2 ocorr.), 11, 12 (4 ocorr.), 13 (8 ocorr.), 14, 15, 16, 17 (2 ocorr.), 18 (4 ocorr.), 19, 20, 21 (3 ocorr.), 23 (2 ocorr.), 25; GOR-29; SFS-40 (3 ocorr.); AFS-45 (2 ocorr.); JPC-82 (2 ocorr.)	51
d**u**s	(dos)	JMA-65	1
d**u**r	(do)	AFS-8	1
u	(o)	AFS-1 (2 ocorr.), 3 (2 ocorr.), 4 (7 ocorr.), 5, 6 (8 ocorr.), 7 (6 ocorr.), 8 (5 ocorr.), 9 (2 ocorr.), 10 (4 ocorr.), 11 (4 ocorr.), 12 (9 ocorr.), 13 (8 ocorr.), 14 (8 ocorr.), 15 (3 ocorr.), 16 (6 ocorr.), 17 (7 ocorr.), 18 (2 ocorr.), 19 (4 ocorr.), 21 (3 ocorr.), 22 (6 ocorr.), 23 (6 ocorr.), 24 (3 ocorr.), 25 (3 ocorr.); GOR-27; SFS-40, 41, 42 (2 ocorr.); ACO-44 (5 ocorr.); AFS-45 (3 ocorr.); MC-50; ZSS-53 (4 ocorr.); JS-62 (7 ocorr.); AOL-72 (2 ocorr.); AML-81; JPC-82 (2 ocorr.); JSS-88	140
us	(os)	AFS-6, 13, 17, 20; MC-36 (5 ocorr.), 37 (3 ocorr.), AFS-45; MC-50	14
n**u**	(no)	AFS-2, 4, 5, 7 (5 ocorr.), 8 (6 ocorr.), 9, 10, 11, 12 (2 ocorr.), 13, 14 (3 ocorr.), 15 (2 ocorr.), 16 (2 ocorr.), 17 (3 ocorr.), 21, 22 (3 ocorr.), 24, 25 (2 ocorr.); SFS-40 (3 ocorr.); APS-43; ACO-44; AFS-45; AOL-72	44
n**u**s	(nos)	AFS-17; APS-43; ROM-73; FP-78	4
a**u**	(ao)	AFS-2, 13, 17, 19, 23; GOR-29; LFO-32; MC-37; AFS-45; NIN-51; AHC-56 (2 ocorr.); JS-62	13
p**u**r	(por)	AFS-3 (2 ocorr.), 4, 5, 14, 23; JMS-66 (7 ocorr.), 67 (6 ocorr.), 68 (2 ocorr.)	21
p**u**	(por)	AFS-23	1
ur	(o)	AFS-12 (2 ocorr.)	2
c**u**m	(com)	FP-78	1
Total:			**293**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
u	(o)	AO-92 (3 ocorr.); 93 (3 ocorr.); ACO-95, 96, 97, 127 (4 ocorr.); MAO-106; VO-111; 113 (2 ocorr.), 129 (2 ocorr.); MBS-122; ZBO-130	21
us	(os)	ACO-96, 97; ZBO-115, 124, 125; JO-128 (2 ocorr.)	7
a**u**	(ao)	ACO-94, 95, 96 (2 ocorr.); 97; 127	6

d**u**	(do)	ACO-98, 127; MBS-122 (2 ocorr.); AO-126; VO-129	6
d**u**s	(dos)	ACO-95; MBS-122 (3 ocorr.);	4
n**u**	(no)	ACO-96; AO-126; VO-129	3
Total			**47**
Total geral			**340**

Fonte: elaboração própria.

4 ABAIXAMENTO DAS VOGAIS ALTAS

Tabela 7 – Abaixamento de [i] ~ [e] e [ĩ] ~ [ẽ] em posição pretônica

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 139)			
	Grafia	**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
ermãos	(irmãos)	MC-37	1
erman	(irmã)	MC-37	1
entiramente	(inteiramente)	RCO-39	1
d**e**stinto	(distinto)	SFS-40	1
d**e**stinta	(distinta)	APS-43	1
entero	(inteiro)	ACO-48	1
enumeras	(inúmeras)	FPS-47	1
emternada	(internada)	ZLS-70	1
enbu	(imbu)	ZJS-74	1
pr**e**meiro	(primeiro)	VAN-86	1
d**e**se	(dizer)	VAN-86	1
Total:			**11**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
engratidão	(ingratidão)	ACO-98	1
pr**e**meira	(primeira)	NIN-107	1
Total			**2**
Total geral			**13**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 8 – Abaixamento de [u] ~ [o] e [ũ] ~ [õ] em posição pretônica

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 139)			
	Grafia	**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
c**o**rzeiro	(cruzeiro)	AFS-3, 4, 6, 25	4
m**o**nicipi	(município)	AFS-6	1
m**o**nicípio	(município)	AFS-22 (2 ocorr.)	2
porg**o**ntar	(perguntar)	AFS-13	1
preg**o**ntar	(perguntar)	MC-50	1
perg**o**nta	(perguntar)	MC-21; JMS-67	2
tab**ô**a	(tábua)	MCO-33	1
c**o**tural	(cultural)	MC-36	1
cost**o**ramo	(costurando)	ICO-48	1
c**o**dado	(cuidados)	MC-37	1

l**o**ga	(lugar)	AHC-54	1
n**o**mero	(número)	AHC-61	1
c**o**nhada	(cunhada)	ZLS-71	1
q**o**nhada	(cunhada)	BMO-91	1
Total			**19**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
b**o**sca	(buscar)	VO-112	1
m**o**lher	(mulher)	ZBO-123	1
Total			**2**
Total geral			**21**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 9 – Abaixamento de vogais em posição tônica

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 138)			
	Grafia	**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
v**e**vi	(vivem)	JMS-66	1
v**e**ve	(vive)	MDC-84	1
conti n**o**i	(continui)	FP-79	1
aparece**o**	(apareceu)	AHC-54	1
Total geral			**4**

Fonte: elaboração própria.

5 ANTERIORIZAÇÃO E POSTERIORIZAÇÃO DE VOGAIS

Tabela 10 – Anteriorização de vogais

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 140)				
VOGAIS	**Grafia**		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
[a] ~ [e]	**e**smerinda	(Almerinda)	SFS-40 (4 ocorr.)	4
	tr**e**pasado	(transpassado)	NIN-38	1
	trat**e**mos	(tratamos)	COM-33	1
[u] ~ [i]	qardalo**i**sa	(guarda-louça)	ZSS-53	1
Total:				**7**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131				
[a] ~ [e]	plant**e**mos	(plantamos)	NIN-108	1
[o] ~ [e]	apilid**e**	(apelido)	IC-103 (2 ocorr.)	2
Total				**3**
Total geral				**10**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 11 – Posteriorização de vogais

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 141)				
VOGAIS	**Grafia**		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
[a] ~ [o]	t**o**nbem	(também)	AFS-8, 12 (2 ocorr.), 13, 14, 16, 17, 22	8

	to**m**bem	(também)	AFS-19 (2 ocorr.), 45; VAN-86	4
	to**b**em	(também)	FP-78 (2 ocorr.), 79	3
	est**o**mmo	(estamos)	AFS-2	1
	ofilhada	(afilhada)	LM-75	1
[e] ~ [o]	p**o**rgontar	(perguntar)	AFS-13	1
	pr**o**guntar	(perguntar)	SFS-42	1
	intereç**o**	(interesse)	ZBO-52	1
Total geral				**20**

Fonte: elaboração própria.

6 REDUÇÃO DE DITONGOS

Tabela 12 – Redução de ditongos orais

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 103-105)				
DITONGO	**Grafia**		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
[ya]	notis**a**	(notícia)	AFS-2, 4	2
	notiss**a**	(notícia)	AFS-4	1
	notiç**a**	(notícia)	AFS-4, 6, 7, 11 (2 ocorr.), 45	6
	notisç**a**	(notícia)	AFS-5, 12, 19	3
	notisc**a**	(notícia)	AFS-9	1
	notic**a**	(notícia)	SFS-42; FP-78	2
	nutis**a**	(notícia)	ZSS-53	1
	esperiênç**a**	(experiência)	AFS-25	1
	preferênç**a**	(preferência)	JSS-88	1
	fim**a**	(fêmea)	ROM-73	1
	fe**i**	(feia)	FP-79	1
	importans**a**	(importância)	AFS-4	1
[yu]	Virgin**o**	(Virgínio)	ZSS-53 (2 ocorr.)	2
	negoç**o**	(negócio)	AML-81	1
[ay]	c**a**xa	(caixa)	AFS-8	1
	r**a**va	(raiva)	AFS-21; FP-79	2
	m**a**or	(maior)	AFS-18, 45	2
[aw]	**o**rmentar	(aumentar)	AFS-16	1
	agusto	(Augusto)	AFS-7; GOR-27; ZLS-71	3
	ogusto	(Augusto)	GOR-29; SFS-40; ZLS-70	3
	agusti	(Augusto)	AOL-72	1
	s**o**dade	(saudade)	NIN-38 (2 ocorr.)	2
	s**o**dadi	(saudade)	ZSS-53	1
	s**o**ldade	(saudade)	DCS-69	1
	c**o**dade	(saudade)	NIN-51	1
	s**o**dacão	(saudação)	BMO-91	1
[ey]	ent**i**ramente	(inteiramente)	RCO-39	1
	ent**e**ro	(inteiro)	ICO-48	1
	cor**e**os	(correios)	AFS-25	1
	b**e**jinho	(beijinho)	ICO-48; AFS-14, 16, FPS-	5

			47, 48	
	Calnero	(Carneiro)	SFS-42	1
	dexe	(deixe)	GOR-29	1
	a cete	(aceite)	MC-36 (3 ocorr.)	3
	feverero	(fevereiro)	ZJS-74; FP-80	2
	dinhero	(dinheiro)	SFS-41; ASC-63	2
	quera	(queira)	SFS-40; JMS-68	2
	janero	(janeiro)	SFS-42	1
	Almedra	(Almeida)	JS-62	1
	çopefetra	(com perfeita)	JS-62	1
	bejo	(beijo)	JMA-64	1
	aquexo	(queixo)	JMS-67 (2 ocorr.)	2
	Comçesão	(Conceição)	ZLS-70	1
	eleção	(eleição)	AHC-55	1
	paceo	(passeio)	FP-78	1
	res	(reis)	AML-81	1
	passero	(parceiro)	MDC-84	1
	quexoza	(queixosa)	IZA-87	1
	primero	(primeiro)	RAC-90	1
[ow]	otubor	(outubro)	AFS-7, 8	2
	pôco	(pouco)	JCO-31	1
	poca	(pouca)	JMS-67	1
	pocas	(poucas)	JMS-67	1
	utros	(outros)	LFO-32	1
	subi	(soube)	JCO-31; BMO-91	2
	otros	(outros)	JCO-31	1
	otro	(outro)	ZSS-53	1
	otra	(outra)	MC-37; ZSS-53	2
	só	(sou)	AHC-55	1
	fico	(ficou)	MDC-84; VAN-86	2
	poco	(pouco)	MDC-84	1
	quebro	(quebrou)	VAN-86	1
	tiro	(tirou)	VAN-86	1
	mitiro	(me tirou)	VAN-86	1
	robado	(roubado)	MMO-76	1
	lovado	(louvado)	SFS-41; FP-78, 79	3
	vo	(vou)	ZSS-53; JS-62; MDC-84	3
	estor	(estou)	AFS-16; JCO-31 (2 ocorr.); MC-36	4
	esto	(estou)	MC-37; VAN-86 (4 ocorr.)	5
	o	(ou)	AFS-11	1
[uy]	codado	(cuidados)	MC-37	1
[ɛw]	procupacão	(preocupação)	AHC-58	1
	precupe	(preocupe)	VAN-86	1
Total:				**114**
		2ª PARTE – CARTAS 92 A 131		
[ya]	nutica	(notícia)	MAO-106; MBS-122	2
	notiça	(notícia)	VO-113	1

[yu]	Virgin**o**	(Virgínio)	ACO-127	1
	Vergin**o**	(Virgínio)	ACO-127 (2 ocorr.)	2
[ay]	ap**a**chonado	(apaixonado)	ZBP-118	1
[aw]	s**o**dadi	(saudade)	MAO-106; VO-111, 112	3
	s**o**ldadi	(saudade)	VO-111	1
[ey]	fiqu**e**	(fiquei)	AO-92, JO-128	2
	d**e**xei	(deixei)	ACO-97	1
	qu**e**mada	(queimada)	ACO-98	1
	b**e**jo	(beijo)	ACO-94; ZBO-118	2
	D**e**chou	(deixou)	JO-128	1
[ow]	p**o**quinho	(pouquinho)	ACO-98	1
	s**u**beci	(soubesse)	AO-126	1
	otra	(outra)	LA-120	1
[oy]	g**o**sa	(coisa)	LA-120	1
Total				**22**
Total geral				**136**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 13 – Redução de ditongos nasais[5]

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 143)				
DITONGO	**Grafia**		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
[w̃ã]	c**o**ndo	(quando)	AFS-11 (2 ocorr.), 13 (2 ocorr.), 14, 16, 18	7
	c**o**mdo	(quando)	AFS-21, 45; RAC-85	3
	c**o**ntor	(quanto)	AFS-12	1
[ãw̃]	benç**a**	(benção)	IZA-87; JSS-88	2
	beic**a**	(benção)	VAN-86	1
	bens**a**	(benção)	AFS-21; ZSS-53, ZLS-71; ROM-73	4
	benc**a**	(benção)	MC-36; ICO-48; JMS-67; ZJS-74	4
	omabec**a**	(uma benção)	MC-50	1
	t**o**m	(tão)	AFS-4	1
	vendir**o**	(venderam)	MCO-35	1
	estej**i**	(estejam)	MC-36	1
	Jo**a**zinho	(Joãozinho)	JJO-49	1
	tiver**o**	(tiveram)	ZLS-70	1
[ũỹ]	m**u**to	(muito)	ZLS-70	1
Total:				**29**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131				
[ãw̃]	benç**a**	(benção)	IC-105; NIN-108; ZBO-123	3
[ẽỹ]	viag**e**	(viagem)	ACO-98	1
	viaj**i**	(viagem)	VO-111	1
Total				**5**
Total geral				**34**

Fonte: elaboração própria.

[5] Em alguns casos de redução de ditongos nasais também ocorre o fenômeno da desnasalização, como, por exemplo, em *tivero* (por *tiveram*) e *viage* (por viagem).

7 DITONGAÇÃO

Tabela 14 – Ditongação com a inserção da semivogal [y]

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 144-145)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
fr**ai**z	(faz)	AFS-1	1
d**ai**si	(das)	JMA-65	1
d**ai**s	(das)	ZLS-70 (2 ocorr.)	2
lenbanç**ia**	(lembrança)	AFS-2	1
lenbarnç**ia**	(lembrança)	AFS-6	1
conh**ei**cido	(conhecidos)	MC-37	1
v**ei**ze	(vez)	AFS-3	1
v**ei**zi	(vez)	AFS-11	1
v**ei**s	(vez)	AFS-23 (2 ocorr.)	2
q**ei**n	(quem)	AFS-3	1
m**ei**s	(mês)	AFS-4, 5, 8, 11, 14 (2 ocorr.), 23; SFS-40 (3 ocorr.); AHC-61 (2 ocorr.); ASC-63	13
m**êi**s	(mês)	AHC-54	1
dez**ei**jo	(desejo)	AFS-6	1
dej**ei**jo	(desejo)	AFS-11, 12 (2 ocorr.), 17, 19, 20, 45	7
des**ei**jo	(desejo)	AHC-56	1
dez**ei**jado	(desejando)	JMS-68	1
esq**ei**va	(escreva)	AFS-23	1
t**ei**vi	(teve)	AFS-7	1
emp**ai**s	(em paz)	AFS-7	1
enp**ai**s	(em paz)	MC-36 (2 ocorr.),	2
d**ei**	(dê)	AFS-7, 19, 21; GOR-27, 28, 29; NIN-38; DCO-46; ICO-48; ZBO-52; AHC-55 (2 ocorr.); JMS-66 (4 ocorr.), 67, 68; JSS-88	19
mid**ei**	(me dê)	VAN-86	1
dip**ei**za	(despeza)	AFS-12	1
rec**ei**ba	(receba)	AFS-22	1
n**oi**s	(nós)	AFS-17, 23 (2 ocorr.); FJO-26; GOR-27, 28; JCO-31; AFS-45; MC-50; JMS-67; ZLS-70 (2 ocorr.), 71; ROM-73; FP-80; RAC-85; VAN-86; BMO-91 (2 ocorr.)	19
n**ói**	(nós)	RAC-90	1
voss**ei**s	(vocês)	MC-36	1
voc**ei**s	(vocês)	MC-37 (2 ocorr.), 50; ASC-63	4
voç**ei**s	(vocês)	ROM-73	1
v**ei**jo	(vejo)	SFS-40; FPS-47	2
sincer**io**	(sincero)	SFS-40	1
f**ei**s	(fez)	ACO-44	1
av**oi**o	(voo)	ZSS-53	1
s**ei**ja	(seja)	AHC-56, 58	2
b**ei**	(bem)	JS-62 (2 ocorr.); JMA-64	3

b**ei**zinho	(benzinho)	JMA-65	1
cert**ei**za	(certeza)	JMS-66 (2 ocorr.)	2
conh**ei**co	(conheço)	JMS-66	1
vint**ei**	(vintém)	JMS-67	1
ap**ai**s	(paz)	JMS-68	1
ais	(as)	ZLS-70 (4 ocorr.); ZLS-71 (3 ocorr.); ZJS-74	8
N**ei**s	(Inês)	LM-75 (2 ocorr.)	2
In**ei**s	(Inês)	ML-77	1
f**ai**z	(faz)	FP-79	1
prezenc**ia**	(presença)	MDC-84	1
rap**ai**s	(rapaz)	VAN-86	1
apar**ei**ca	(apareça)	AML-81	1
Total:			**120**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
d**ei**	(dê)	AO-92, 93; ACO-95; DCO-101; IC-103; MAO-106 (2 ocorr.); NIN-107, 108; ZBO-115, 117, 130; MBS-122; AO-126	14
n**oi**s	(nós)	ACO-95, 97, 98 (2 ocorr.); VO-111 (3 ocorr.); AO-126; ZBO-130	9
f**ei**s	(fez)	ACO-96; TB-109	2
m**ei**s	(mês)	DCO-102; IC-103 (3 ocorr.)	4
lembranç**ia**	(lembrança)	MAO-106	1
voc**êi**s	(vocês)	NIN-108 (2 ocorr.)	2
voc**ei**s	(vocês)	TB-109	1
Jez**ui**s	(Jesus)	VO-113	1
s**ei**tafeira	(sexta-feira)	VO-113	1
bil**ei**te	(bilhete)	MBS-122	1
Vermei**l**ha	(vermelha)	AO-92	1
d**ei**pois	(depois)	VO-113	1
av**ei**xada	(avexada)	ZBO-116, 117	2
que**i**m	(quem)	VO-129	1
Total			**41**
Total geral			**161**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 15 – Ditongação com a inserção da semivogal [w]

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 145-146)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
t**ou**do	(todo)	AFS-1, 2, 4, 5, 7 (2 ocorr.), 8, 11, 14, 15 (3 ocorr.), 16 (2 ocorr.), 19, 23, 45; ICO-48; JMS-66 (2 ocorr.)	20
t**ou**dos	(todos)	AFS-20 (3 ocorr.), 45; JMS-66	5
t**ou**da	(toda)	AFS-20 (2 ocorr.); JMS-66 (3 ocorr.); AML-81	6
s**ão**	(sã)	GOR-29	1
t**ou**das	(todas)	AFS-12; JMS-66	2
m**ou**ca	(moças)	AFS-16	1
n**ou**ticia	(notícia)	AFS-2, 23	2

at**ou**do	(a todo)	AFS-6	1
al**ou**	(alô)	DCO-46 (2 ocorr.)	2
p**ou**de	(pode)	APC-83	1
d**ou**ze	(doze)	RAC-85	1
amarg**ou**so	(Amargoso)	AFS-20	1
Total:			**43**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
s**ou**fredor	(sofredor)	ACO-98	1
t**ou**dos	(todos)	VO-112 (2 ocorr.)	2
t**ou**do	(todos)	VO-113	1
oubrigado	(obrigado)	ZBO-130	1
Total			**5**
Total geral			**48**

Fonte: elaboração própria.

8 NASALIZAÇÃO

Tabela 16 – Nasalizações

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 146)			
	Grafia	**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
m**i**n	(me)	AFS-6 (4 ocorr.), 7 (2 ocorr.), 9 (2 ocorr.), 10, 11 (2 ocorr.), 12, 13, 16, 20 (2 ocorr.), 21 (2 ocorr.), 22, 23, 25 (2 ocorr.), 45 (2 ocorr.); JMA-65	25
m**i**m	(me)	AFS-8, 25; LM-75 (2 ocorr.)	4
v**i**m	(vir)	AFS-4, 6, 16, 22; ZBO-52; ZSS-53; AHC-55 (4 ocorr.), 60, 61; ZJS-74; MDC-84	14
v**i**n	(vir)	FPS-47	1
endinlidade	(identidade)	ACO-44	1
s**o**mbranseh a	(sobrancelha)	AHC-54	1
mu**i**nta	(muita)	DCS-69	1
mu**i**nto	(muito)	AFS-1	1
Total:			**48**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
m**i**n	(me)	ACO-98 (2 ocorr.); VO-112	3
v**i**m	(vir)	IC-105; VO-113 (3 ocorr.); JL-114; ZBO-115 (2 ocorr.), 117, 119 (2 ocorr.), 123, 125 (3 ocorr.), 130; AO-126	16
Total			**19**
Total geral			**67**

Fonte: elaboração própria.

9 PALATALIZAÇÃO

Tabela 17 – Palatalizações

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 147)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
fami**lh**a	(família)	AFS-8; ASC-63 (2 ocorr.); FP-80; APC-83 (2 ocorr.)	6
fame**lh**a	(família)	AML-81	1
farmi**lh**a	(família)	AFS-13	1
Brazi**lh**a	(Brasília)	GOR-29 (4 ocorr.)	4
vi**mh**ese	(viesse)	MDC-84	1
conve**nh**os	(convênios)	IZA-87	1
Total:			**14**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
esca**nh**a	(escania)	JL-114	1
Total			**1**
Total geral			**15**

Fonte: elaboração própria.

10 ROTACISMO E LAMBDACISMO

Tabela 18 – Rotacismos

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 148)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
a**r**merinda	(Almerinda)	AFS-6 (2 ocorr.)	2
Hi**r**debando	(Hildebrando)	AFS-6, 12	2
vo**r**to	(volto)	AFS-13	1
peçroa**r**	(pessoal)	AFS-20	1
amave**r**	(amável)	MC-37	1
a ma**r**vi	(amável)	AFS-19	1
pa**r**ntação	(plantação)	AFS-17	1
dicu**r**pi	(desculpe)	AFS-45	1
fo**r**gado	(folgado)	MC-50	1
fa**r**ta	(falta)	FP-78	1
darque**r**i	(daquele)	AFS-8	1
a que**r**i	(aquele)	AFS-4	1
farmi**r**ia	(família)	AFS-2	1
Marqu**r**inno	(Marcolino)	AFS-12	1
marqu**r**ino	(Marcolino)	AFS-15	1
pe**r**o	(pelo)	AHC-55	1
Aule**r**io	(Aurélio)	JJO-49	1
p**r**ano	(plano)	ASC-63	1
Total:			**20**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
descu**r**pe	(desculpe)	ACO-96, 97	2

descu**r**pando	(desculpando)	ACO-97	1
vo**r**tar	(voltar)	MBS-122	1
pa**r**ntado	(plantando)	MBS-122	1
Total			**5**
Total geral			**25**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 19 – Lambdacismos

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 148)			
	Grafia	**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
si**l**vido	(servido)	NIN-38	1
Ca**l**nero	(Carneiro)	SFS-42	1
vi**l**i	(vire)	AFS-6, 13	2
vir**l**i	(vire)	AFS-8	1
Au**l**erio	(Aurélio)	JJO-49	1
ideb**l**ando	(Hildebrando)	GOR-28, 29	2
Total:			**8**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
cu**l**so	(curso)	IC-103	1
termina**l**	(terminar)	VO-111	1
Total			**2**
Total geral			**10**

Fonte: elaboração própria.

11 PRÓTESE

Tabela 20 – Próteses

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 149)			
	Grafia	**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
alenbra	(lembra)	AFS-1	1
alembra	(lembra)	NIN-38	1
alenbanno	(lembrando)	AFS-24	1
alenbo	(lembro)	AFS-13	1
alembro	(lembro)	ACO-44	1
alimbrado	(lembrado)	JCO-31	1
alebrado	(lembrado)	AOL-72	1
alembrei	(lembrei)	BMO-91	1
aperpara	(prepara)	AFS-14	1
adepois	(depois)	GOR-28	1
avoar	(voar)	ACO-44	1
avoio	(voo)	ZSS-53	1
depezado	(prezado)	AFS-1, 2, 6, 9, 10, 12 (2 ocorr.), 13, 14, 20, 24; AHC-45	12
despesado	(prezado)	AFS-4, 5	2

despezado	(prezado)	AFS-8, 9, 23	3
derpezado	(prezado)	AFS-7	1
arespondir	(respondi)	JMS-66	1
abasta	(basta)	JMS-66	1
aricibi	(recebi)	JMS-67	1
arespomdido	(respondido)	JMS-67	1
aquexo	(queixo)	JMS-67 (2 ocorr.)	2
aricibido	(recebido)	FP-79	1
azagada	(zangada)	FP-79	1
Total geral:			**38**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
alebado	(lembrado)	AO-92	1
alembor	(lembro)	VO-113	1
alembrado	(lembrado)	ZBO-115	1
desprezado	(prezado)	ACO-96	1
encomvido	(convido)	ACO-97	1
asentada	(assentada)	VO-113	1
Total			**6**
Total geral			**44**

Fonte: elaboração própria.

12 EPÊNTESE

Tabela 21 – Epênteses

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 159)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
ob**e**ter	(obter)	GOR-28; AHC-56	2
Total			**2**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
obi**j**eto	(objeto)	ZBO-115, 125	2
Total			**2**
Total geral			**4**

Fonte: elaboração própria.

13 PARAGOGE

Tabela 22 – Paragoges

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 149-150)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
veiz**i**	(vez)	AFS-3, 24	1
vez**i**	(vez)	AFS-24	1
dizer**i**	(dizer)	JMA-65 (2 ocorr.)	2
ir**i**	(ir)	JMA-65	1

por**u**	(por)	JMA-65	1
favor**u**	(favor)	JMA-65	1
ler**i**	(ler)	JMA-65	1
caber**i**	(saber)	JMA-65	1
poquer**i**	(porque)	JMA-65	1
que**ri**	(que)	JMA-65	1
dais**i**	(das)	JMA-65	1
dizer**i**	(dizer)	JMA-65	1
porotuges**i**	(português)	JMA-65	1
for**er**	(for)	JMA-65	1
fiz**i**	(fiz)	FP-79	1
Total geral:			**16**

Fonte: elaboração própria.

14 AFÉRESE

Tabela 23 – Aféreses

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 150-151)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
tensão	(intenção)	AFS-1; SFS-40	2
tencão	(intenção)	AFS-18	1
tenção	(intenção)	SFS-40; NIN-51	2
tesão	(intenção)	ROM-73	1
pergar	(empregar)	AFS-2	1
tou	(estou)	AFS-5, 6, 20; NIN-38; AOL-72	5
carbar	(acabar)	AFS-8	1
tiver	(estiver)	AFS-11	1
tivenmo	(estivemos)	AFS-13	1
deus	(adeus)	NIN-38	1
rastando	(arrastando)	MC-50	1
duentada	(adoentada)	ZSS-53	1
notada	(anotada)	JMS-66	1
tar	(está)	ZLS-70 (2 ocorr.); ROM-73 (2 ocorr.)	4
senda	(acenda)	ROM-73	1
Total:			**24**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
tou	(estou)	ACO-94; VO-111	2
tor	(estou)	VO-113	1
tar	(estar)	ACO-98	1
tar	(está)	MAO-106	1
riscado	(arriscado)	ACO-94	1
tencão	(intenção)	ACO-98	1
guentava	(aguentava)	ACO-98	1
liviou	(aliviou)	DCO-102	1
rancar	(arrancar)	ZBO-130	1

Total	**10**
Total geral	**34**

Fonte: elaboração própria.

15 SÍNCOPE

Tabela 24 – Síncopes

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 151-152)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
sideruca	(siderúrgica)	AFS-12	1
non	(em um)	AFS-8	1
num	(em um)	AFS-8; MC-50	2
neum	(nenhum)	GOR-28	1
pur	(para o)	AFS-14	1
pra	(para)	JOM-30; NIN-38 (2 ocorr.); ACO-44 (5 ocorr.); DCO-46 (3 ocorr.); NIN-51 (3 ocorr.); ZSS-53; AHC-55 (2 ocorr.), 59 (2 ocorr.), 60; IZA-87	21
uar	(uma)	JS-62	1
prá	(para)	IPO-89	1
famia	(família)	JSS-88	1
mia	(minha)	AFS-2 (2 ocorr.), 3 (2 ocorr.), 4, 11, 13, 21, 23, 45; JMA-64 (2 ocorr.)	12
diero	(dinheiro)	VAN-86	1
siora	(senhora)	ZSS-53; VAN-86	2
seora	(senhora)	VAN-86	1
seiora	(senhora)	VAN-86 (2 ocorr.)	2
siorra	(senhora)	VAN-86	1
sior	(senhor)	ZSS-53 (2 ocorr.)	2
seor	(senhor)	ZSS-53	1
cioras	(senhora)	AOL-72	1
ciora	(senhora)	AOL-72 (2 ocorr.)	2
tia	(tinha)	AOL-72	1
teio	(tenho)	JMA-64	1
via	(vinha)	FP-78	1
Forizete	(Florizete)	AFS-22	1
probema	(problema)	VAN-86	1
resover	(resolver)	AFS-3 (2 ocorr.)	2
resova	(resolva)	AFS-8	1
rezovido	(resolvido)	AFS-14	1
descupanmo	(desculpando)	AFS-9	1
dicupanno	(desculpando)	AFS-13	1
descupando	(desculpando)	MC-36	1
cotural	(cultural)	MC-36	1
amerinda	(Almerinda)	APS-43 (2 ocorr.); FPS-47 (2 ocorr.)	4
idebarndo	(Hildebrando)	FPS-47	1
resutado	(resultado)	AHC-55	1

gupa	(culpa)	JMA-64	1
prisipamentis	(principalmente)	JMS-66	1
nerado	(Neraldo)	AOL-72; ROM-73 (4 ocorr.)	5
resovir	(resolvir)	LM-75	1
Total:			**82**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
amadismo	(amadíssimo)	ACO-94, 95	2
pra	(para)	ACO-95 (4 ocorr.), 96 (2 ocorr.), 97 (2 ocorr.), 98 (2 ocorr.), 127 (4 ocorr.); DCO-99 (2 ocorr.), 100 (3 ocorr.), 101, 102 (3 ocorr.); NIN-107 (2 ocorr.), 108; TB-109 (2 ocorr.), 110 (2 ocorr.); ZBO-116 (2 ocorr.), 117, 118, 119 (7 ocorr.); VO-129 (4 ocorr.)	45
veaco	(velhaco)	IC-103	1
dieiro	(dinheiro)	TB-110	1
asiora	(a senhora)	VO-111 (2 ocorr.); JO-128 (3 ocorr.)	5
arsiora	(a senhora)	JO-128	1
seora	(senhora)	JO-128	1
ciora	(senhora)	JO-128	1
vespa	(véspera)	VO-112	1
teiu	(tenho)	VO-113	1
via	(vinha)	VO-113	1
vea	(venha)	VO-113	1
neum	(nenhum)	JL-114, ZBO-124	2
meninia	(menininha)	ZBO-118	1
sobria	(sombrinha)	LA-120	1
tito	(título)	ZBO-123, 124	2
Carismo	(caríssimo)	ACO-127	1
niuma	(nenhuma)	ZBO-130	1
pantava	(plantava)	MBS-122	1
descupe	(desculpe)	ACO-127	1
Total			**71**
Total geral			**153**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 25 – Síncopes por omissões de /r/

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 152-153)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
compades	(compadre)	AFS-1	1
compade	(compadre)	NIN-38 (3 ocorr.); AOL-72	4
compader	(compadre)	AFS-1 (2 ocorr.)	2
compadi	(compadre)	AFS-2, 3 (7 ocorr.), 4 (8 ocorr.), 5 (5 ocorr.), 6 (7 ocorr.), 8 (7 ocorr.), 12, 13 (12 ocorr.), 17 (3 ocorr.), 18, 19 (6 ocorr.), 22 (3 ocorr.), 23 (8 ocorr.), 24, 45 (2 ocorr.)	72
conpadi	(compadre)	AFS-6 (4 ocorr.), 7 (8 ocorr.), 8 (2 ocorr.), 9 (5 ocorr.), 10 (3 ocorr.), 11 (7 ocorr.), 12 (10 ocorr.), 14 (5	69

		ocorr.), 15 (4 ocorr.), 16 (2 ocorr.), 17, 18 (2 ocorr.), 19, 21 (4 ocorr.), 24 (5 ocorr.), 25 (6 ocorr.)	
conpade	(campadre)	LFO-32 (3 ocorr.)	3
commadi	(comadre)	AFS-4, 8, 12, 13, 17 (2 ocorr.), 19 (2 ocorr.), 23, 24, 45 (8 ocorr.)	18
conmadi	(comadre)	AFS-6 (2 ocorr.), 7 (3 ocorr.), 2, 14, 15	8
comade	(comadre)	LFO-32; NIN-38 (4 ocorr.); NIN-51 (2 ocorr.); AOL-72 (4 ocorr)	11
comadi	(comadre)	NIN-51 (6 ocorr.); DCS-69	7
Jetudi	(Jertrudes)	AFS-5	1
jetudis	(Jertrudes)	AFS-23 (2 ocorr.)	2
Jertudi	(Jertrudes)	AFS-13	1
Jertudis	(Jertrudes)	AFS-19	1
Jetude	(Jertrudes)	AFS-20	1
pocura	(procurar)	AFS-7	1
poquri	(procure)	AFS-23	1
aligial	(alegria)	AFS-18	1
pecizo	(preciso)	JMA-64	1
vijem	(virgem)	SFS-40	1
convecar	(conversar)	AFS-13	1
ojenti	(urgente)	AFS-17	1
futunato	(Fortunato)	SFS-41	1
civico	(serviço)	AFS-8	1
siderugica	(siderúrgica)	AFS-18	1
civido	(servido)	FJO-26; MC-50	2
vesso	(verso)	ACO-44 (2 ocorr.)	2
maço	(março)	ZBO-52	1
teça	(terça)	AHC-59	1
nevozo	(nervoso)	JMA-64	1
passero	(parceiro)	MDC-84	1
Total:			**219**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
comadi	(comadre)	MAO-106 (11 ocorr.); VO-111 (2 ocorr.)	13
comade	(comadre)	NIN-107; TB-109; JO-128	3
compadi	(compadre)	MAO-106	1
poblema	(problema)	IC-105; ACO-127	2
Total			**19**
Total geral			**238**

Fonte: elaboração própria.

Tabela 26 – Assimilação [nd] ~ [n] em verbos no gerúndio

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 153-154)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
descupan**n**o	(desculpando)	AFS-9	1
discupan**n**o	(desculpando)	AFS-13	1
ganhan**n**o	(ganhando)	AFS-12, 23	2

deven**n**o	(devendo)	AFS-12	1
choran**n**o	(chorando)	AFS-13	1
anda**n**o	(andando)	ICO-48; ZSS-53	2
pode**m**o	(podendo)	ICO-48	1
costora**m**o	(costurando)	ICO-48	1
farzen**n**o	(fazendo)	AFS-13, 18	2
pencan**n**o	(pensando)	AFS-16	1
alenban**n**o	(lembrando)	AFS-24	1
envia**n**o	(enviando)	ZSS-53	1
cuida**n**o	(cuidando)	JMA-65	1
paca**n**o	(passando)	JMA-65	1
se**n**o	(sendo)	JMS-68	1
espera **n**o	(esperando)	FP-79	1
pidi**n**o	(pedindo)	JPC-82	1
salbem**n**o	(sabendo)	AFS-6	1
salben**n**o	(sabendo)	AFS-17	1
Total geral:			**22**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
acha**n**o	(achando)	IC-103	1
respposta**n**o	(respostando)	IC-104	1
chove**n**o	(chovendo)	NIN-108	1
sabe**n**o	(sabendo)	TB-110	1
pedi**n**o	(pedindo)	VO-112	1
canta**n**o	(cantando)	VO-113	1
Total			**6**
Total geral			**28**

Fonte: elaboração própria.

16 APÓCOPE

Apagamento do /R/ em verbos na forma infinitiva:

sim cando| eu **enprega** eu mando dizer sim| mando salber da nouticia di| meu 2 filho sim A menina q*ue*| ficou doenti eu quero salber da| notisa (AFS-2)

Compadi| eu vou **manda**| Dinheiro nu meis di setembo| pur João di macianno| (AFS-5)

conpadi u sinhor podi **pega**| na mia caza ir podi [.] podi| farzer [...] eu não mando Dinhei purqei estou com merdo| di **manda** mais pordi [.] perga ir farzer| ir mandi min Dizer condo tiver feirta eu vou| (AFS-11)

vou mandar Dinheiro por u coreios nu dia 20 a 30 di| novenbor u sinho podi **pocura** nu Riachão| (AFS-7)

eu vou| mandar par u sinho| sim mando u coudado| di Carias pordi **porqura**| lenbarnça A mihar| commadi (AFS-8)

Prezado conpadi| Amigo conpadi| João pilanga| eu farso esta Duas| linha solmenti . li**da**| A miha notis ca (AFS-9)

perzado| querido conpadi| pitanga u sinhor | tiri u ceu retartos ir| min mandi par min| eu vou **tira** u meu ir| vou lir mandar| par u sinhor| conpadi (AFS-10)

conpadi| eu s solvou comdo u| sinhor min **manda**| Dizer q*ue* A carz esta| pornta[.]| (AFS-21)

dei muita| ~~lenbarn~~ lenbarn ça| Amigo q*ue* **pergonta**| por min| (AFS-21)

i A compadi farsa um tudo purmin detas q*ue* nois| ten tempo par **Acerta** tudo (AFS-23)

sim conpadi| eu vou li mandar Dinheiro| ni novembor nu dia 20 a 30| podi c **por cura** nu coreos| (AFS-25)

estou ganhanno.| 527 pur hora mais da par eu **liva** Deis mil curzeiro pu| meis (AFS-23)

Compadre Judo o fim duas linhas| E so pidindo votos adeus a lhe **emcontra**| gozando saude com todos seus| (GOR-29)

Vou **termina**|inviando lenbransa A todos| (LFO-32)

por que não tivi| tempo por que us porotadro não| podia **espera** e der Lenbranca atodos| (MC-36)
Eu li escrevo para li **pedi** Comadre| Doralice para ficar mais eu ate no| dia 2 a te pelo amor de Deus (ICO-48)

eu vor no fim dos| Ano si Deus quizer e vor **passa** os dias| com vosseis todos (MC-37)

então meu queridinho como passas bem| não é rial eu vou passando como **que** Jeus (SFS-40)

Dejiso que esta linha va li **emc<u>o</u>|ntra** gosado saude i filicidade (SFS-41)

eu vou passando como **que** Jeus| sintindo enumeras as saudades das nossa| palestar [...] lembarnça a pitanga i a ana| e a Augusto i a ~~P~~ pedirnho i tu **da**| um abarço ni ana (FPS-47)

eu faco estas duas lihas comen| te Para **da** as mihs notica| (SFS-42)

quando u pai chama u filho| mais que ele atendera| ele dis vamos meu filho| vamos pra rosso| **trabalha**| (ACO-44)

Sim vou mi **caza** no dia 23 di junho. Quem puder vin venha| (FPS-47)

Comadi eu sinto mal **esta** auzente da sinhora e seu| pôvo saudacão i feliçidadi pra a senhora i todos da casa| (NIN-51)

O resutado e sorir pra não| **Chora**| mais eu Só mesmo a de|Sempre| pasaje que mi faz **sofre**| e esta| [...] o Beijo na boca e forte forte pode ate| **mata** prefiro morrer evenenado não|deichar de ti Beijar| Não Sou batom mais| Só queria **anda** nos teus| lábios| (AHC-55)

Aqui todos bem graças au meu| bom. Deuz. Zezito quando você **vi** traga um| retrato da lapinha para a gente **ve** que| nunca vi (AHC-56)

O inicio desta Carta e Só para| le **pergunta** por que você não veio no| São João.| O que foi que aconteceu que voce não veio| olhe Zezito eu não posso fica assim| ti esperando. você não imajina como eu| estou Serra que eu mereço esta toda| ingratidão assim não pode **consegui** nada| de maneira augua (AHC-58)

Vou finalizar minha carta porque minha| horas São vazia mais quando pego na| caneta pra ti **escreve** chega toda minha| alegria. (AHC-59)

E eu foi pedir meu pae| para eu **vi** mais Joninha| ele mi desse que **quere**| não e poder poriço eu| Já perder minha fé| de eu um dia vim aqui| paciar porque meu paê| não deicha. Zezito mande| me dizer quando e que| você pode **aparece** por| Jominha pelo o amôr de Deus (AHC-61)

Agora mado| **Cabe** Su Cere Vai Be de Caude i de traBalo çoprade| ze[.] zezitro Agora madro **caBe** comovai u cero vai Bei| de Begria de maçina o lá zezitro [...] ipere| ceu Amigro João dos Santos pelo u Cão Juau qi eu| vo parala i u dinha [.] 3 Atre e u dinha 25 eu Apare-| co para A jetre **toma** uar pigra eu iu cero i coprade| zizegra. zizegra u cere coprade parece [?]| zagrado comigo nau mada **dize** nadra para ceu| Amigro i Croprade (JS-62)

Jurandy estar fazendo| prano de pasar o natal aqui e| vem com mais A familha voceis| venha tanbem para **encontra** todos| juntos.| (ASC-63)

mito tirite de **cabe** o gi ta acoteceno| com voce gerida [...] não teio gupa de| **gosta** tanto de voce meu Deus cera gi| ceu pai nuca vai mi compiender| eu nuca tive votadi de **temina** com voce| oli S*e* voce **gue termina** e **distui** u nocu-|la tomi esta tiludi S*e* ceu pai não **ge**| gi [.] voce conciga o nocu Romaci e voce| **ge** [.] **temina** com migo peri e mi responda| gi eu não temino com voci [.] meu bei| eu co não micaco cmo voci S*e* voci não| **gize** com liliaca cua vai um Bejo me| eu ti gero e ti adoru Dezejo te todu tipo| para noisi **coveca** mais todu [.] tipo e pouco| [...] oli S*e* eu| gezesi ti **engana** eu não Saia de tão Loji_| (JMA-64)

eu estava| miuto doiti mais não| deu tepo eu **tira** para| li **manda** eu tia esta eu| mandei para a ciora pas| para **Esponta** u pacarinho| nu Evino| [...] ficei muito contete de| A cioras **te** alebrado de| mi sim comade eu| estou com coude (AOL-72)

Sim Nerado mande mi **dize** quanto| qusta um dia de um tarbalhador e 1| saco de farinha e 1 saco <↑de> feijão e 1| saco de milho (ROM-73)

faco li esti bilitinho co ofim di li **manda** as minha| notica i tobem saber da sua [...] Mais eu tenho tido vontadi di **da** 1 paceo la na sua [.] caza| Eu co não vor agora (FP-78)

mandi| Mi dizer as coiza com vai porla para eu [.] pudri **manda** dizer| As [.] coiza todas ca não vai bem (FP-79)
eu nuca tive votadi de **temina** com voce| oli S*e* voce gue **termina** e distui u nocu-| la tomi esta tiludi (JMA-64)

se veve chorando dia e noite| muita vezes sem me **alimenta-**| tenho triteza por não viver| alegre como as outras vive com| seu espozo mas me emtrego| a Jesus. [.] Com*adre* e C*ompadre* eu não| já esqrivi por falta de corajem| vo **termina** em viando Lembra-|nça. (MDC-84)

mai tudo bem com migo| espero que esteha tudor bem com a| siorra porque eu não teno noticia| da Seiora [.] tudos esta bem i madi| **dese** com esta a Seiora [...] eli Não| deixa **falta** Nada para mi eu tombem| esto trabalhado com miranda Nudia| que Não esta chuvedo Nois vai **atrab-|alha** mai miranda sente do pe mai eu| Não sinto mais Nada mae. eu sinto| muita <↑a> falta da seiora e de todos| linbaca para todos que **pergunta** por| mi mãe o que eu sinto mais Não poder| **mora** ai mais eu Vol **trabalha** para| porde **compra** a minha casa aí mais| Sir fol a minha Sina eu Vol **pedi** a Deus| que midei uma bõa Soiti. (VAN-86)

mae fali para ele que asi que| eu **comeca trabalha** eu mado| diero para ele [...] Asi que eu **comeca trabalha**| eu não Esceco da Senora|fali para lena que Asi que|eu **comeca trabalha** eu mado| (VAN-86)

As horas que passo Sozinha desejo| **esta** ao Seu lado. (AHC-57)

com*adre* a Sin*ho*ra| devi **esta** um pouco mal satisfeita com| migo i e com sua razão [...] como eu cei com touda certeiza q*ue* entri| nõz não ten nuvidadi e arazão di **esta**| com 3 ou 4 carta q*ue* v*os*m*e*ce me escrevi i eu| não lhe arespondir nem uma então| hojin chegou a occazião di eu lhe|viri| [...] **comta** os meus pascado para ver [.] si| pur meio dessa eu posso colher as suas| noticias q*ue* as minhas noticias ja vai| (JMS-66)

i lhi pesco as minhas desculpa que| são as minhas poucas praticas não| e pur **esta** correndo di [.] <↑sua> amizadi| e que as couzas vevi toudo contrario| (JMS-66)

olha Mãe estar dizendo que vai **freta**| um carro mais um rapaz para vir par sear| mais eu estou vendo a convesa que ela| vem i~~u~~ eu estou muito triste que Sei| que vou **fiça** com isso eu tiro de ela| vim eu ~~eu~~ fico com ~~a~~ <↑a> turma eu| não quero **fica** eu quro vim (AHC-55)

Olho Zezito eu não foi par resa e nem| pra vaquejada meu coração esta cansado| de **Sofre** (AHC-60)

O que foi que aconteceu que voce não veio| olhe Zezito eu não posso **fica** assim| ti esperando. (AHC-58)

quando **chega** lar da o denheiro (ROM-73)

Dina diga a| ela que e com muita Saudade da qui| e com Saudade que [.] recordo meus pasado e| com vontade de **chega** (AHC-55)

eu pesor que esta duas linha| lhi **encontra** gozando saude| junto com todos da casa.| (LM-75)

so quando voce| chegar pra ir levar la| que ele não pode vim **pusca**| (ZJS-74)

Amiga prazer adeus estima rei qui esta duas linha vão **liacha**| gozando saudi [.] v*os*m*e*ce i todos qui fas da sua estima [...] v*os*m*e*ce midici| qui via [.] bervi **pacia** e minha caza i aida não veio| Mais eu tenho tido vontadi di da 1 paceo la na sua [.] caza|[...] Agosto indianti eu vor commo sem farta nihuma| eu vor **pacia** no peaco si Deus quizer| (FP-78)

Mais mão si importi com esto não mi escreva Gea vizite| A todos i Por fim n m adeus estu com*adre* criada|para **liama** i **estima**| (FP-79)

Muito eu estimarei que esta duas linha va **liacha** com saude| v*os*m*e*ce hi toda sua Ex*celentíssi*ma familha qui para mim| Edi muita alegria (FP-80)

so ella É q*ue* poude **conçagrá** o meu amôr!| Para reconheçer á verdade: que eu dela-| já estou certo. (APC-83)

Jose adrianno Estimo| qu*e* esta duas linha| Vai lhi **encontra** gozando| Boa saudi para V*os*m*ec*ê com| Todos (JSS-88)

Dalva escrevo-te para pider-te| pedão. Dalva eu não posso viver| cem ti, mais voce axá que eu| ia **progura** voce outra vez para| lidar um fora com que cara| Meu amor sempre Amei e| sempre amo di coracão.| [...] por que agora mois pordemos **agaba**| podemos amar, ou melho **Na-|mora.** Dalva podesemos fazer as| pazer (RAC-90)

as mesma converça| saiu aqui com meu nomi não vou| **conta** porque não tenho tempo porque| quando jose falou de ir eu alembrei| di te escrever esta duas linha so para| te **fala** que eu fique um mui tristi| quando eu subi di converça que eu| não posso **aseita** elena **termina** te| escrevedo com muita saldadi di voçê| não vai **demora** nois si ver tenho| fer em deu que um dia nois torna| se **encotra** para **convesa** (BMO-91)

2ª PARTE – CARTAS 92 A 131

e um menino joia| eu nuca axei um| para eu **gosta** como eli| fim di papo Ana| (AO-93)

e eu quero| **acha** um também é| futuro você a til dar| um primeiro| (ACO-94)

si a senhora| poder vim aqui hoji **resa** salma de vento| pois eu não posso levar ela (IC-105)

si Deus quizer pode **espera** em Riachão| que nos vamos se deus quizer nos faz| um planno mais quem sabe é Jezus| (NIN-107)

tenho muito| medo di eu não ter| o dieiro certo quado| a jente tem algumas| coiza pra **ajuda** tudo| bem mais quem não| tem nada as vezi eu| tenho numa cemana| a outra não tenho| e porico que eu tenho| medo mais a sim| mesmo eu queria saber| si eu **fica** com as| duas (TB-110)

dizer direitinho que| er pra eu **fica** sabeno| e ai eu posso ate| **fica** com as duas| (TB-110)

nesti dia que eu peguei| nesta caneta para **manda** minha notici que iu vou| bem com todos (VO-111)

paqueraro moito ou não eu dizejo ~~sabe~~ d[.]ois er ne oma| birncadeira jonto par nois **paquera** moito| (VO-111)

Comadi eu vou **paça** por lar par nois er| por caza di tia Izabel Domingo (VO-111)

foi feita pela mão di Valdelici di Oliveira| fica a toa Pirma que er firmi di **morre**| Zenilta Bispo di Olveira| (VO-111)

sel voçi fol mandi me **dize**| eu fico pedino adeus que voçi| var com migo (VO-112)

sel não fou acim| não dar tepo par fazer| eu mando **pedi** a duna| Maria par tor ir mais eu| sim Zeninha sir voçi fol| mandi min **dizê** sevai ou não| mandi arestosta por meimo| portado sir vir[.] eu quero **sabe**| por que eu vou ler **bosca**| nar vespa da viaji (VO-112)

Cartinha| quando tu [.]| fou var| em tempo di verão| **vezita** Zeninha| da 1 apreto di mão (VO-112)

por que eu estou| com us cazo par lir **conta**| passa oito dia par **conta** ir| [...] Lordis manda lir dizir| qui er par voçi vim aqui| ir tarzer jor e Juana| sicica que vou **termina**| (VO-113)

Seu Pai já compareça| hoje ~~ditardeate~~ ditarde para **Cobina**| ~~com~~ Comigo alguns problema| (JL-114)

o trator vera Quinta| e não podera **da** Vigem perdia| pois a Sudene mandara uma| escanha (JL-114)

eu não cei si vou para| a brincadeira por que eu sol vou| **chega** a tarde si voci for mir| **busca** eu vou| bemzinho var em casa é fale com| Izabel si ela vir mir **busca**| eu vou i si ela não vim| **Busca** eu não vou| (ZBO-115)

ecle di 25 citimetro| para **bota** na costa| do vestido branco| só presta ecle di 25| citimetro| (ZBO-116)

Nada mais da sua| Estimada querida Zeni| mão esqueça di **lembra**| não lembre nunca| di mir esquecer| assim cija amen| (ZBO-116)

e se você| tiver namorando com uma| moça e uma mesmo depoz| que você está falando em **paquera**| com migo (ZBO-118)

O lhi si você consigio| **rejistra** a menina| tudo bem si não| comcigio voci mandi mir| dizir e pode **procura**| o carro fale com| Renaldo pra ele vim| Domingo [...] sim Antônio| voce comp[.] um pano| pra [.] uma camisa| pra [.] e venha| sedo pra dar tempo| **costura** mandi o arroz| (ZBO-119)

mais| vá na casa para **olha**| direito o que falta| [.] aborecida| com tanta espera| (ZBO-119)

diga manoel| que venha siboras para **trabalha**| (LA-120)

q*ue* eli dici q*ue* ia **pega** p[.] a| linpar i precizava du diheiro| e dei muitas lebranca as| menena (MBS-122)

eu acho em Coite **melho**| Cecilia disi que era para a Senhora| **procura** quem tem farinha de goma| fale qui ela quer (ZBO-123)

logo que eu **chega** vou na casa de| Bazinha| estou com muita S[.] ldade di Izabel| Maninho e Dindinha [.] Julieta| Cecilia não teve tempo de **costura**| meus vestidos| Ela não quer que vou embora quando| eu falo ela dar par **chora** eu| não cei o que faco para cair| (BBO-123)

Eu vou fazer meu ~~titulo~~| tito esta cemana e **tira** meu| resisto tambem terça-feira| (ZBO-124)

era para **danca** com ele| e si eu não **namora**| com ele era para **termina**| com Antônio que a Senhora| não quirea era para| **namora** com eli Nada mais| da cua filha (ZBO-124)

a Senhora mandava **pedi**| o animal a eli i José| vinha eu ia com ele| (ZBO-125)

comenti para| ti **fala** qe para você vim| para nois **tira** um retrato| aqui domigo receba a| minha lenbranca [...] si eu subeci q*ue* tu vinha| nu domigo di tardinha eu| mandava **barre** a casa com [.]| ua rosa alexadina Ana| (AO-126)

precisava do| dinheiro e não podia| arrumar que tinha| de **compra** ums trem| da filha (ACO-127)

a ciora filou com| Lega para **i** para a casa de farinha.| Deise de **ci** ruinha para ele (JO-128)

Tabela 27 – Apócopes

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 157-158)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
par	(para)	AFS-2, 3, 4, 5, 6, 8 (2 ocorr.), 10 (2 ocorr.), 11 (2 ocorr.), 12 (6 ocorr.), 13, 14 (3 ocorr.), 15 (2 ocorr.), 16, 17 (2 ocorr.), 23 (4 ocorr.), 24 (2 ocorr.), 25, 45 (3 ocorr.); AHC-54 (3 ocorr.), 60, 61; JMA-65; ZLS-70	43
pa	(para)	AFS-18; SFS-42	2
grasa	(graças)	GOR-27, 29; SFS-41; NIN-51; ZLS-71	5
garça	(graças)	APS-43	1
graça	(graças)	ASC-63; DCO-46	2
garsa	(graças)	AFS-2, 5, 9, 13; ZLS-70; ROM-73	6
nói	(nós)	RAC-90	1
varis	(varizes)	ZLS-70	1
pusive	(possível)	MDC-84	1
responsave	(responsável)	MDC-84	1
Raque	(Raquel)	ZSS-53	1
sinho	(senhor)	AFS-7, 8, 12 (3 ocorr.), 14, 16 (2 ocorr.), 17 (2 ocorr.), 21, 25	12
senho	(senhor)	AFS-12	1
cenho	(senhor)	AFS-12	1
senho	(senhor)	AFS-7	1
pu	(por)	AFS-23	1
culhe	(colher)	MC-37	1
cero	(senhor)	JS-62 (3 ocorr.)	3
la	(lar)	JMA-64	1
parze	(prazer)	FP-78 (2 ocorr.)	2
milho	(melhor)	AML-81	1
melho	(melhor)	MDC-84; IZA-87; RAC-90	3
amo	(amor)	RAC-85 (4 ocorr.)	4
Total geral:			**95**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
graca	(graças)	AO-92, 93; ACO-94; TB-109, 110	5
graça	(graças)	DCO-99, 101, 102	3
grasa	(graças)	ACO-96, 97, 127	3
melho	(melhor)	ACO-94, 95	2
par	(para)	MAO-106, VO-111 (4 ocorr.), 112 (6 ocorr.), 113 (10 ocorr.); ZBO-118, 123; MNO-121	24
camin	(caminho)	VO-111	1
senho	(senhor)	ACO-127	1
portado	(portador)	VO-112	1
Total			**40**
Total geral			**135**

Fonte: elaboração própria.

17 METÁTESE

Tabela 28 – Metáteses

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 158)			
Grafia		**Nº da Carta**	**Total de Ocorrências**
ape**r**para	(prepara)	AFS-14	1
po**r**cura	(procura)	ZLS-70	1
pe**r**ciza	(precisa)	FP-79	1
p**r**oguntar	(perguntar)	SFS-42; AHC-55	2
p**r**egontar	(perguntar)	MC-50	1
p**r**o	(por)	AHC-55	1
Total			**7**
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131			
sa**s**tifeito	(satisfeito)	AO-92	1
p**r**o	(por)	NIN-107	1
sa**s**tifacão	(satisfação)	AO-126	1
Ca**u**peira	(Capoeira)	JO-128	1
Total			**4**
Total geral			**11**

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE C – DADOS DE REPETIÇÃO DE VOCÁBULOS

1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012)

[...] **lembrança** para voce **i lembrança** esmerinda| **i lembrança** Ogusto **i lembrança** Pedrinho **lembrança**| luizinha que é para esmerinda dar a ela i 1 apreto| di mão.. **lembranca** a Anna i angelica manda| **lembranca** para esmerinda i todos.. i Filomena emvia| **lembrança** para esmerinda i todos da bôa [.] caza|[...] (SFS-40)

todos| mêus estamos <↑com> saudê garça nosso bom Jeus| vou treminar enviando <↑**lembranças**> para voce i tambem| **muita lembrança** <↑a> Pitanga **lêmbrança** Ana i| **muita lembrança** Augusto i tambem a| Pedirnho [.] 2 bençao nus meninos| (APS-43)

Aceite **lembarnça** minha i de todos meus| enviando **lembarnça** a pitanga i a ana| e a Augusto i a ~~P~~ pedirnho i tu da| um abarço ni ana 2 bejinho ni Antonio| i 4 ni idebarndo. (FPS-47)

v*os*m*e*ce Acceite um abraço e **aperto| di mão** que as menina manda| dei um **aperto di mão** nas| **meninas** q*ue* eu mando aellas| toudas **meninas** e meninos no m*ai*s viri e co<↑n>tinui| Agora Com*adr*e v*os*m*e*ce dei m*ui*ta|lembranca i **um aperto di mão**| A compadri Ant*oni*o q*ue* eu mando| e v*os*m*e*ce Acceiti vizita i um abraco| [.] e **um aperto di mão** di sua| com*adr*e q*ue* lhi estima di coracão| linpo [.] sem maldadi| (JMS-66)

Amiga **aceiti** muita **lembranca** di qui minha mai m*an*da| i **1 abarco aceiti lembranca** qui maria i garcina i nenen| li manda i**1abarco** i **aceiti** as minha **lenbraca| 1 abraco** i muita saudadi des ta di minuta amiga| qui muito li estima com todo o meu coracão| (FP-78)

[...] Sim Nerado mande mi dize quanto| qusta um dia de um tarbalhador e **1| saco** de farinha e **1 saco** <↑de> feijão e **1| saco** de milho e se a vaca barca já| pario [...] (ROM-73)

çoprade zezitro| Ceu Amigo Jução vai Bei de Caude i de felisdrade **Agora mado| Cabe** Su Cere Vai Be de Caude i de traBalo **çoprade| ze[.] zezitro Agora madro caBe** comovai u cero vai Bei| (JS-62)

[...] sim conpadi| eu estou farzenno| tencão di li mandar| Dinheiro pa u sinhor| f farzêr **A miha caza**| q*ue* eu quero enbora| mais eu solvou condo| **miha caza** liver ponta|[...] (AFS-18)

Zezito quando você vi traga um| retrato da **lapinha** para a gente ve que| nunca vi[.] e Deseijo vir Sua **lapinha**| [...] (AHC-56)

Puristi aSunto| Agora estu espera no huma carta di minha com*adre*| **qui** iu cei **qui** ella mi escrevi não faiz com eu não| Com [.] brevidadi imbora **qui** esta azagada com migo| [...] (FP-79)

Zezete voce teve novidade| e não mandou mi dizer| **foi** você e Neraudo que **foi** o| padrinho de cazamento de Zifirino| si **foi** manda mi dizer.| Zezete voçe mandou mi perguntar| si eu já tinha mi Operado dais| varis mais não **foi** a Operei para não ter| mais filho ti asegura que eu já mi a| seguri Olha minha filha **foi**| emternada 8 dia mais ja tar boa| (ZLS-70)

[...] tem dia que penço| que **vou** ficar paralitica| mas só Deus sabe| estou pençando de procurar| um ortopedista em Riachão| tem um que trabalha toda| quarta mas não sei se| trabalha por todos convenhos| **vou** me informar melho| e **vou**, procurar me cuidar| pois já faz tempo que| estou centindo e nunca| foi ao medico Olhe| aqui **vou** te mandar| o numero do telefone| de Carmelita| 9961-5406 é celular| Olhe Lena **vou** terminar| com muita saudade de| todos bote uma bença| Ne Gil e der lembrança| a compadre Zé| (IZA-87)

Jose Ogusto Jose romaro que eu e toto| e Liza e elsione e Jose Luis **mada**| [.] **manda** mi dizer si tivero muto| mantinento| (ZLS-70)

[...] Zizete Roma manda lhi pedir 1| favor e **que que** [.] voçe fasa **que que**| conpre n 6 vela e senda no per do santo| in tesão da alma de Miro Olhe não| esquesa. Lembransa Roma Edevaldo| Derado para voçeis Mais Nada| (ROM-73)

[...] tenha fêrz **ni mim** q*ue* eu tenho| **ni Deus**| Sim tenhor Fers| **ni Deus** i **mi**| **mim**| boti umma bença| ni meu Pitico i ni Dês| ni Dorinnhar i ni marqurino|[...] (AFS-15)

[...] conpadi eu| estou gananno 305 mil por meis mas| o menno conpadi u sinhor **podi** pega| na mia caza ir **podi** [.] **podi**| farzer s sin conpadi [.] [.] eu| não mando Diheiro mas **podi** farzer|[...] (AFS-11)

[...] eu mais todos meu Vou| indo- eu Vou **sempre** andano| **sempre** duentada commadre| Aseite uma Bensa de Raque| e dos menino **[...]** (MC-50)

Dei lembraça a D*ona* Dina diga a| ela que e com muita **Saudade** da qui| e com **Saudade** que [.] recordo meus pasado e| com vontade de chega os relembralo.| (AHC-55)

[...] Esta duas linha solmenti| par lidar a mihas notissa nu mimo pempo| salber da sua i di **toudo da qui** sim| Compadi p pitanga u purqui u sinhor| min esqrevi par mim serra q*ue* eu sou| tom rui eu solu u memo Aqueri minno Amigos| eu mando lir pidir q*ue* min esqreva par min| eu quero salber A sua notisa i di **toudo dar qui**| lenbansa A minha Commadi Almerinda i u| minino i a **toudo dar qu**i sim Compadi min| mandi Dizer Commo vai Aqui bonpansa eu quero| Salber di **tudo dar qui** [...] (AFS-4)

[...] mais viva **Deus**| eu ei de alcançar a felisidade| algum dia com fé em **Deus** e| nossa Senhora eu me comformo| com as ordem de **Deus Deus** vio| que não era tempo de vim buscar| nem um nem outro me deu mas| um poco de discanço em meu| Joizo porque se eu fizese capricho| para viver com ele eu não ia me| acabar bem porque não é moleza| (MDC-84)

[...] fis o| pusive para viver [.] jonto| ate o dia que Deus vimhese| buscar eu ou ele. mas foi **nada**| tudo que eu fazia era **nada**| nomca vi um coração tão| imgrato naquela forma. [...] (MDC-84)

[...] conpadi u sinhor| farsa A miha caza| q*ue* eu vou sir Deus| quizer Derta q*ue* eu| mando u **Dinheiro**| ou sirnão condo eu| for eu leivo| u **Dinheiro**| nu dia 25 di Agosto| eu vou mandar| **Dinheiro** Par u sinho| conpar milho i| tonbem farzer A minha| caza| [...] (AFS-14)

[...] eu nuca tive votadi de **temina** com voce| oli S*e* voce gue **termina** e distui u nocu-|la tomi esta tiludi S*e* ceu pai não ge| gi [.] voce conciga o nocu Romaci e voce| ge [.] **temina** com migo peri e mi responda| gi eu não temino com voci [.] meu bei| [...] (JMA-64)

[...] Elena eu lhi| pergunto se já chigou a pozetadoria| de Esmerado porque a que este| meis chegou de muita jente e eu| espero em Deus que a dele tenha| **xegado** tambem que para mi sera| alegria Olhe Elena segue estes| 50 mil se não **tever xegado**| a pozetadoria dele você da a ele e| se **tever xegado** você com este| dinhero mi conpre 1 Toalha de| meza de Renda [...] (ASC-63)

[...] Parece que foi robado; mas| peguei sabendo que voces| não queria; estava **perto** do| corredor **perto** de Albertina| quando ela morava.| [...] (MMO-76)

[...] as minho pena não| quebro por Soimte mai fico mito doedo| eu grite pela a Seinora que mi Valel| mais mai eu **esto** bem não si precoupe| que eu **esto** com [?] e eli Não| deixa falta Nada para mi eu tombem| **esto** trabalhado com Miranda [...] (VAN-86)

[...] vose manduo dizer que| Datiu tinha vendido a **galinha**| Olhe a **galinha** não e dele iu| Frango branco i outra **galinha**| tabem não e dele mande dizer| como vai a noca **galinha**| Di rasa com os pintinhos|[...] (GOR-28)

[...] comta os meus pascado para ver [.] si| pur meio dessa eu posso colher as suas| **noticias** q*ue* as minhas **noticias** ja vai| i lhi pesco as minhas desculpa que| são as minhas poucas praticas[...] (JMS-66)

[...] **Diga** a compadre ogusto que eu ja escrivi| A ele i ele não mi mandou dizer nada **diga** a| Ele que mande me dizer si ja cazou| **Diga** aele que dexe pra quando eu xegar| Compadre **diga** a Juão nasimento| que brazilha e iluzão i so vem quem não| sabe [...] (GOR-29)

vai um verço| ci eu fosse um belo| pascaro [.] que podesse avoar| eu já cei que eu estava| alegri todu dia eu estava| lar| **vai um vesso** pra Hildebrando| quando eu alembro do meu| irmão que saudade que| mi dar quando eu fui| eu ti levei quando eu| vin pra ti buscar| **um vesso** [.] pra u meu pai| quando u pai chama u filho| mais que ele atendera| ele dis vamos meu filho| vamos pra rosso| trabalha| (ACO-44)

elena aquela **converça** com seu nomi| ja acabou olha as mesma **converça**| saiu aqui com meu nomi não vou| conta porque não tenho tempo porque| quando jose falou de ir eu alembrei| di te escrever esta duas linha so para| te fala que eu fique um mui tristi| quando eu subi di **converça** que eu| não posso aseita elena [...] (BMO-90)

Eu li escrevo para li pedi Comadre| Doralice para ficar mais eu ate no| dia 2 a te pelo amor de Deus que| eu tenho tanto trabalho que **eu não**| **Poso fazer** olhe tia não mi falter| e para ela me ajudar eu arumar| A casa que **eu não poso fazer** so| Ai mãe manda li dizer que ela estar| Andano doemte não estar podemo mi| Ajudar nos trabalho e **eu não poso**| **Fazer** sozinha Erismar e mesmo que eu| estar so se eu pudece fazer sozinha eu| não mandava li abusar a Senhora| eu e para fazer toudo ~~Quantos~~| Trabalho (ICO-48)

[...] Tenho uma posi de terra| de Antonio no terreno di| sucavão eu quro a preferen|ça **não Venda a nigem**| **sem mi uver** eu quero| Ser u comprador **não**| **Venda a nigem sem mi**| **Ver** mas nada|[...] (JSS-88)

pitanga como vai u **sinhor**| i todos ceu eu vim nu riachão| mais não pudi vim Atel Aqui| muita lenbança A todos da nobi| caza| A [.] compadi pitanga u **sinhor**|receiba um ricibo nu| cartorio di donna Forizete u cartorio| fica na rua da igerja| u **sinhor** porqure i receiba i| que jar pargei 20 mil| i u **sinhor** min mandi por portador| certo| firca u **sinhor** encaregado este| recibo [...] (AFS-22)

tudo jetudis firgou entega Au **simhor**.| i A compadi farsa um tudo purmin detas q*ue* nois| ten tempo par Acerta tudo s u **simhor** min esqeiva| i mandi dizer com vai di s saudi u **simho** i toudo| eu não tênho tenpo parmada [...] (AFS-23)

em[.] Premeiro lugar minha| beica mai tudo bem com migo| espero que esteha tudor bem com a| **siorra** porque eu não teno noticia| da **Seiora** [.] tudos esta bem i madi| dese com esta a **Seiora** oliha mãe| eu tive om probema [...] (VAN-86)

[...] eu não lhi escrevo porquer| não tenho por quem mandar| mais agora eu rezovir escrever| para a **senhora** e pessor que| a **senhora** mim respote| [...] (LM-75)

Dalva eu não posso viver| cem ti, mais **voce** axá que eu| ia progura **voce** outra vez para| lidar um fora com que cara| Meu amor sempre Amei e| sempre amo di coracão.| **Voce** sempre não agritita em-mi| (RAC-90)

[...] mito tirite de cabe o gi ta acoteceno| com **voce** gerida mu bei eu ti amo| eu sigo com u mesim cario para **voce**| tudo so depede de **voce** eu não esitou ti| enganano ja não cei o gi pocu Fazer| com tudo ico| Eu esitou muito nevozo não teio gupa de| gosta tanto de **voce** meu Deus cera gi| ceu pai nuca vai mi compiender| eu nuca tive votadi de temina com **voce**| oli S*e* **voce** gue termina e distui u nocu-|la tomi esta tiludi S*e* ceu pai não ge| gi [.] **voce** conciga o nocu Romaci e **voce**| ge [.] temina com migo peri e mi responda| gi eu não temino com **voci** [.] meu bei| eu co não micaco cmo **voci** S*e* **voci** não| gize com liliaca cua vai um Bejo me| eu ti gero e ti adoru Dezejo te todu tipo| para noisi coveca mais todu [.] tipo e pouco| mia gerida eu ti gero pu diceru gi ti amo| Helena eu pecizo de **voci** mia gerida oli S*e* eu| gezesi ti engana eu não Saia de tão Loji_| (JMA-64)

[...] eu não mi esqueco| di **v*os*m*e*c*e*** tanto **v*os*m*e*c*e*** si lembri di mim| eu nada tenho a lhi dizer pur q*ue* **v*os*m*e*c*e***| q*uan*do mi escrevi nada mi diz purrisco| eu nada lhi digo mas lhe dar toudos| singuinti pur ca esta toudo no que| estava um dia m*ai*s alegre i outro| m*ai*s tristi [...] (JMS-66)

[...] estiver duente **v*os*m*e*c*e***| e di saber porem si **v*os*m*e*c*e*** tiver| Algumas viajim podi hir q*ue* quando| **v*os*m*e*c*e*** chegar eu estou desculpi| as prozas q*ue* são cauzos di q*ue*m não sabi| (JMS-66)

Estimado querido| Amigo **Compadi**| pitanga Eu mando| Dez mil Corzeiro| pur metodi [.]|s s **sim compadi**| u simhor sir puder| pargi A [.]| Farncico mota| Zacarias Er di ou| tar veizi **sim Compadi**| eu não [.] Ainda não mandei| A mas s tenpo puqui não| Ar ranjei lorgo (AFS-3)

Perzado querido Amigor **Conpadi** pitanga **conpadi**| eu ffiquei muito ssaltifeito di saber da soua notiça| **Conpadi** pitanga eu fiqei Comtemti [.]| du senho ter min a virzado q*ue* A minha Conmadi| teivi Cirança empais gaça a nosa senhora du| bom parto **Conpadi** er u q*ue* eu Dezejo i estinmo| minha Conmadi nosa senhora li dei saudi A cenhora ia| Ceu filinho toudo [.]| quatos **ssim Conpadi** eu| vou mandar Dinheiro por u coreios nu dia 20 a 30 di| novenbor u sinho podi pocura nu Riachão| lenbanrça A toudo dar qui i lenbarnça A Dãm esto nu bonconcio| bote umas ni pitico i ni Hirdebando i ni Dourinnhas i ni u| perqeninho **sin Conpadi** nada mais du Ceu Derpezado| **Conpadi** Amigo ffarqinnho q*ue* er u| Antonio Fortunato da Silva| (AFS-7)

[...] **compad**i eu ir jertudi| tivenmo muito Doente mais garsa| Au noso bom Deus estonmo bem| **Compadi** commo vai u simhor| ir mihas commadi ir us menino| **compadi** eu estou com muita| saldade du s sinhor **compadi** eu| recibi 3 carta du sinhor **compadi**| não poso esquecer du sinhor| **compadi** [.] vanmo pedir A| noso bom Deus q*ue* eu vorto A mia| terra| **compadi** condo eu Alenbor| du simhor eu firco qauzi| choranno di ir Amizadi ir du| noso viver **compadi** não vai| não var esquecer [...] (AFS-13)

perzado Amigo[?] estimado| **conp*adre*** pitanga eu a recibi u.| ceu a marvi Biletinho firquei| muito saltifeito du simhor| têr a lenbardo di min **conpadi**| Deus li Dei muito anno di.| vida a i a toudo[?] ceu persoal| **compadi** Borti umma [.] Bença| ni pitico i ni Hilderbarndo i ni| marqulinno i ni Dorarice ini| Luzia [.] sin **compadi** eu Dejeijo| da cua notisça i di compadi| Augusto[?] i tombem **compadi**| [...] (AFS-19)

Saldação **Conmadri** Almerinda| ufim desta duas linha e Sol| mente para lhi dar as minha| nutisa i no mesmo tenpo| Salber das Sua **commadre**| eu mais todos meu Vou| indo- eu Vou sempre andano| sempre duentada **commadre**| Aseite uma Bensa de Raque| e dos menino **conmadre**| eu estou com muita| sodadi da senhora si| eu fosi um passarinho| eu dava um avoio i ia| liver (MC-50)

[...] ficei muito contete de| A cioras te alebrado de| mi **sim comade** eu| estou com coude graça| a meu bom Deus sim| eu depois que eu tou o| aqui e Campina e| ja Ganhei uu nene so| **sim comade** deu Lembraca| a [.] compade Nerado e| a dona maria e tio agusti| e a nide mais u espozo| e A criançar todás| **sim Comade** eu mando| esta fotogafia para a| ciora [...] (AOL-72)

Querido José Mindes de Almeida| **Querido** fiquem bastante alege| recebe a Sua carta consigo| asim ti amando **Querido** Ti amo| amor?| (AHC-54)

[...] eu ti gero e ti adoru Dezejo te todu tipo| para noisi coveca mais todu [.] tipo e pouco| **mia gerida** eu ti gero pu diceru gi ti amo| Helena eu pecizo de voci **mia gerida** oli S*e* eu| gezesi ti engana eu não Saia de tão Loji_| (JMA-64)

minha estimada **Amiga** i querida **com*adre***| Firmina a deos m*ui*ta alegria eu tiria| si tivessi a certeiza que estas mal notada| linhas hia encontra aminha **com*adre*** i| **Am*iga*** com saudi no ajuntamento di| touda nober [...] (JMS-66)

[...] Saudasão **sim Judo** nois Cegemos| Empaz grasa adeus **sim Judo** eu| Comprei 8000 tarefa deterra i uma| Comprei uma vaca [.]| Nada mais dei lembransa a| Comprade pedro i agusto i atodos| que pergumta pormi **Judo** eu| vou no mes di setembro [...] (GOR-27)

Zezete| O fim desta duai linha e so para dar| ais minha notisia e ão mesmo tempo| saber dais sua| **Zezete** nois aqui estanos todos bem| garsa a Deus.| **Zezete** manda me dizer como vai todios| air que eu escrivir par dimisio e não| teve reposta todo dia porcura e mao| tem manda mi dizer ais novidade| por air. **Zezete** voce teve novidade| e não mandou mi dizer| foi você e Neraudo que foi o| padrinho de cazamento de Zifirino| si foi manda mi dizer.| **Zezete** voçe mandou mi perguntar| si eu já tinha mi Operado dais| varis mais não foi a Operei para não ter| mais filho ti asegura que eu já mi a| seguri Olha minha filha foi| emternada 8 dia mais ja tar boa| [...] **Zezete** eu resebir a tua carta e demorei| de te esquever mais não foi nada| foi falta de disposisão| **Zezete** nois estamos pensando em| ir embora en junho se deus quizer| var

rezando para nosa senhora da| Conceição para nos ajudar e var A| guardando ais novidade| **Zezete** bote uma bensa em Jose agusto| são nirei romario diga para eles que| foi tia Zita que mandou [...] (ZLS-70)

Meu amigo **Nerado**| **Nerado** nois aqui estamos todos| bem garsa a Deus.| **Nerado** resebir tua carta vir todo| que vinha dizendo| Sim **Nerado** mande mi dize quanto| qusta um dia de um tarbalhador [...] (ROM-73)

prezada amiga **elena** boã tarde| como passou daqueli dia para| car passou bem olhe **elena** eu pasei| muito bem e espero que você tambem| esteja passado ~~Elena vou~~ bem **elena**| **elena** aquela converça com seu nomi| ja acabou olha as mesma converça| saiu aqui com meu nomi não vou| conta porque não tenho tempo porque| quando jose falou de ir eu alembrei| di te escrever esta duas linha so para| te fala que eu fique um mui tristi| quando eu subi di converça que eu| não posso aseita **elena** termina te| escrevedo com muita saldadi di voçê| não vai demora nois si ver [...] (BMO-90)

no momento em que| escrevo quero lhi dizer que| ficamos bem graças a Deus| [.] ia senhora com **tem**| **passado tem passado** bem| a qui todos tem saudade| de apareser [...] (LM-75)

[...] u fin desta| duas linhas vai pidino| Almerinda a cazamento| i eu estimo **a saber** si e| du seu gosto i stimareis| **a saber** da resposta| i nada mais du seu| criado obr*igad*o| (JPC-82)

2ª PARTE – CARTAS 92 A 131

papo com jose que| é pra **ele** tomar cuidado| na vida| e queria ver Maninho| ci você bem ver **ele**| fali com **ele** que| mi esperi o Domingo| como cem falta.| (ACO-95)

comadre como vai a| senhora com todos tudo bem?| **Comadre** eu é todos meus| estamos com saúde graça| ao nosso senhor do bom fim.| Sim **comadre** só é mãe| que pegou umas quentura| com ela derna da semana| passada [.] eu pegou e não| ficou boa ainda| (DCO-102)

Saudacão i feliçidadi| q*ue* dizijo para| A Cinhora abraco| **Comadi** boa tardi| saudi pilsi| amiga **Comadi**| lembranca par| A cinhora **Comadi**| eu aida não vi Compadi| toi i tar bom| [.] i eli não terminor| u tabalho| **Comadi** fiquei| basstanti a legi| porquir recibi a| sua nutica **Comadi**| eu estou boa comr meu quiiridinho i| eli madou lembrançia| **Comadi** dei l[.]rança| as menina (MAO-106)

Zéne eu i todos estamos com çaude| graças a deus **Zeni** nós vamos batizar| o menino [.] no dia 30 de Agosto.| (NIN-107)

dei Lembrança a comade Almerinda e a **todos**| que pergunta pro mim i a benção de Deus| pra **todos**| (NIN-107)

eu| enconato **asiora** estava mais eu estava tão feliz mais| quando **asiora** foi enbora e u tivi sodadi di tona vil| comadi quando er que **asinhora** vem em caza eu estou| testi (VO-111)

sim| **Zenia** como pasçou u resto| das noiti deipois que eu sair| **Zenia** meu paquéra veio ater| [.] aqui (VO-113)

eu estou| com us cazo par lir **conta**| passa oito dia par **conta** ir| não sei ser **conta** sim| Lordis manda lir dizir| (VO-113)

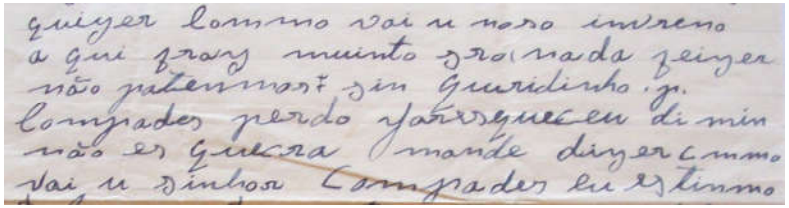
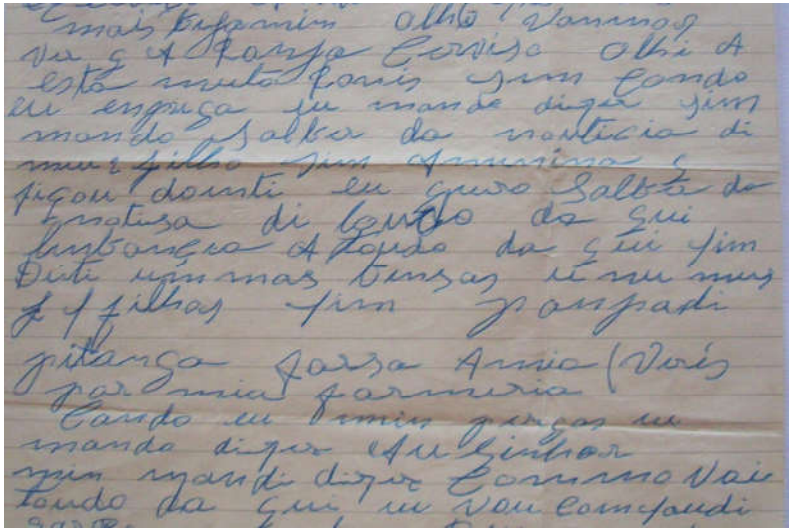
fale com| Izabel si ela vir mir **busca**| eu vou i si ela não vim| **Busca** eu não vou| (ZBO-115)

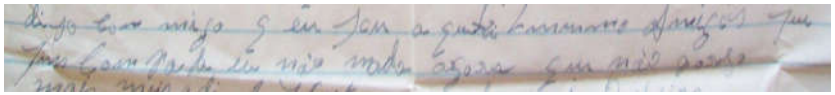
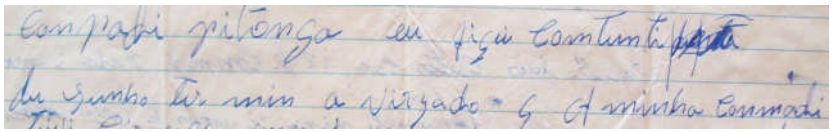
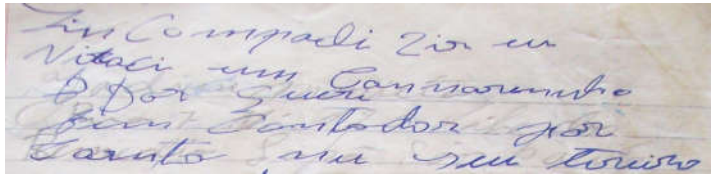
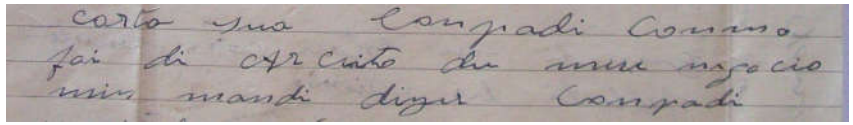
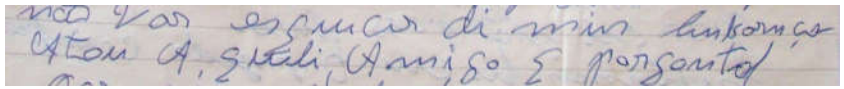
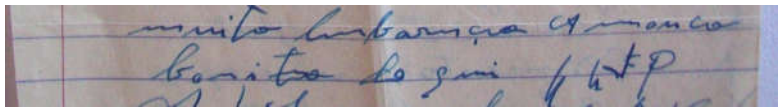
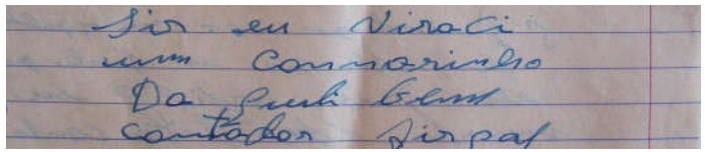
assim como **eu**| falo **eu** agora vou aranjar mais| di 10 manorado meo amor **eu**| le amo **eu** ti adoro **eu** li quero| muito bem e gosto di você não| (ZBO-118)

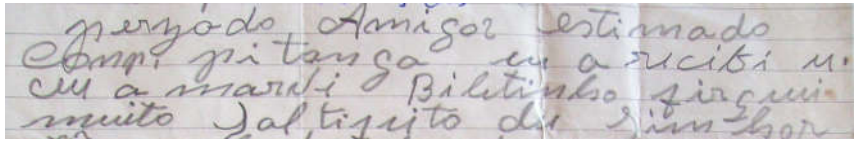
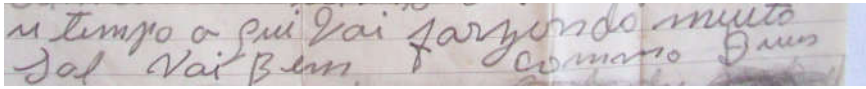
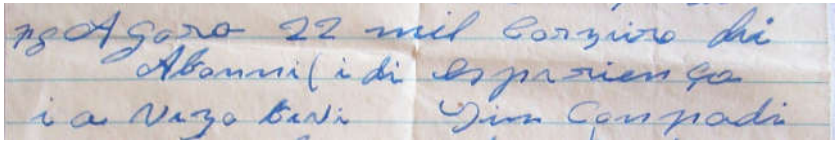
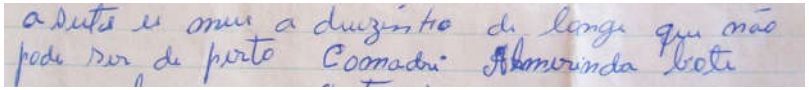
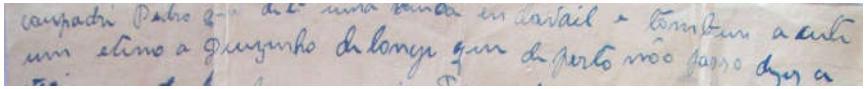
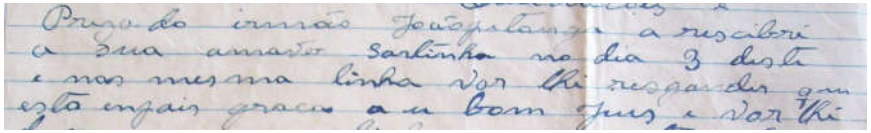
Como vai du **dia** que nos vimos| você vai passando bem eu| a qui com todos vai passando| eu da quele **dia** pra qua estou| bastante triste quando eu vejo| o **dia** di Salbado quando não| vejo você chegar so mir da| vontade de desaparecer (VO-129)

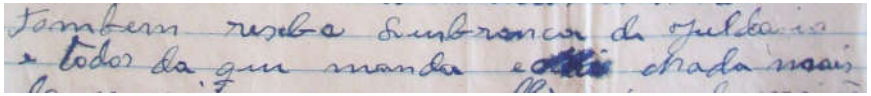
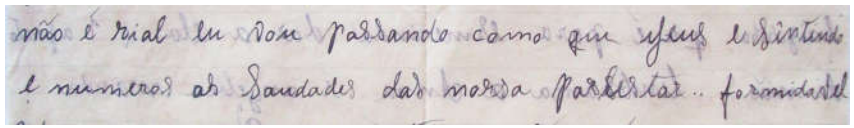
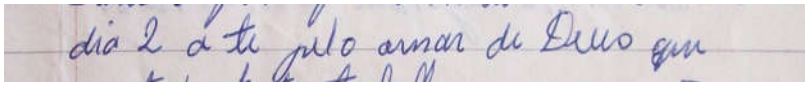
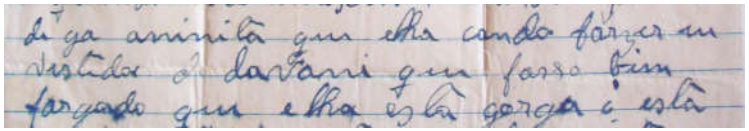
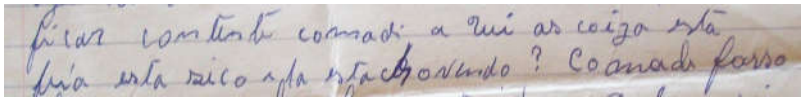
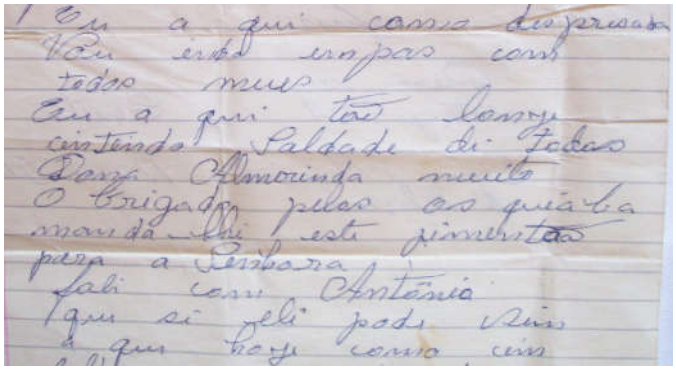
APÊNDICE D – DADOS DE SEGMENTAÇÃO GRÁFICA

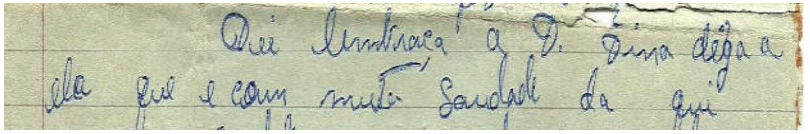
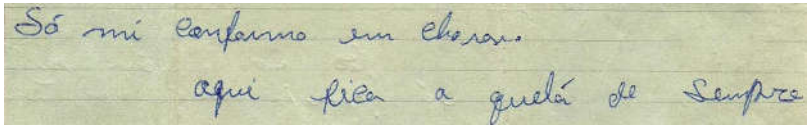
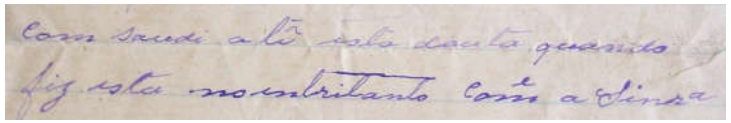
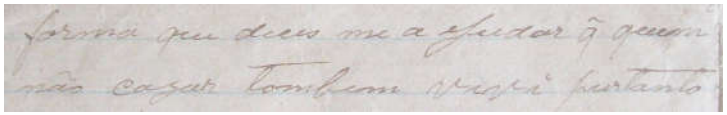
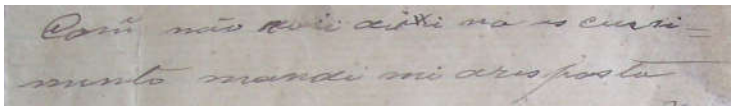
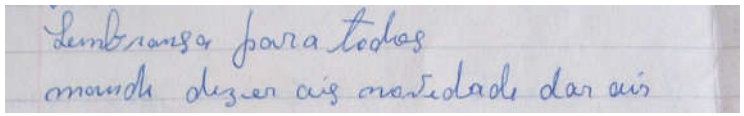
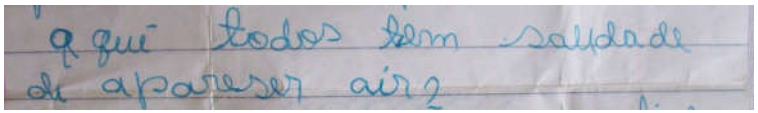
1 HIPERSEGMENTAÇÃO

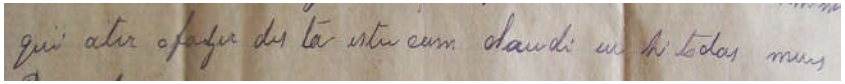
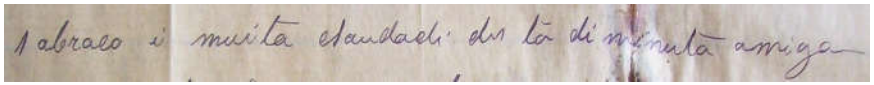
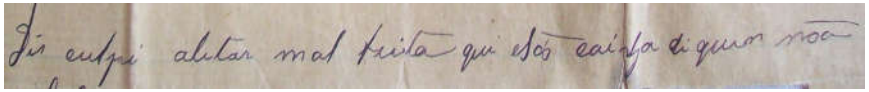
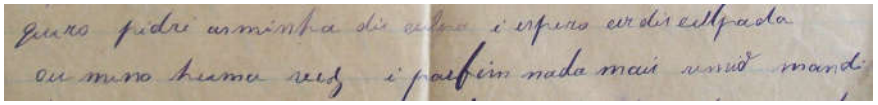
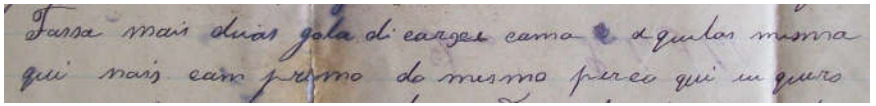
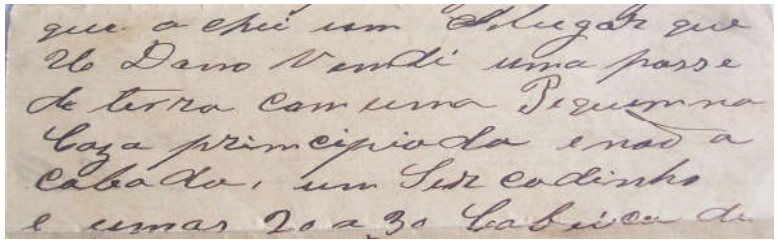
1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 86-90)	
[...] quizer commo vai u noso invreno| **a qui** frais muinto sro nada feizer| não patenmos sin queridinho . p.| compades perdo jasesqueceu di min| não **es quecra** mande dizer cmmo| vai u sinhor compader eu estinmo| [...] (AFS-1)	
[...] mais bejamim olho vanmos| ver q*ue* **A Ranja** cerviso [...] mando salber da nouticia di| meu 2 filho sim A menina q*ue*| ficou doenti eu quero salber da| notisa di loudo **da qui**| lenbançia A toudo **da qui** sim| Deiti ummas bensas u nu mus| f f filhos sim p conpadi| pitanga farsa A mia vesis| por mia farmiria| cando eu min pergar eu| mando dizer Au sinhor| min mandi dizer commo vai| toudo **da qui** eu vou com saudi| [...] (AFS-2)	

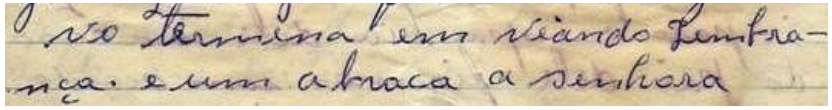
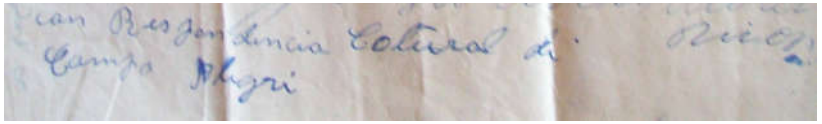
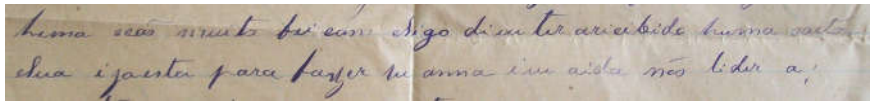
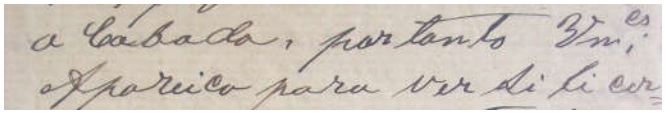
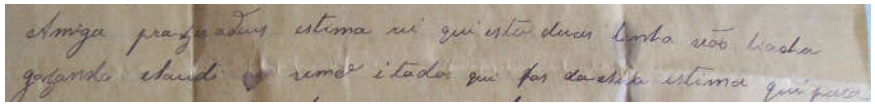
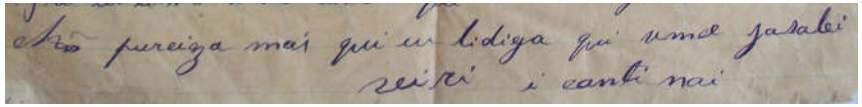
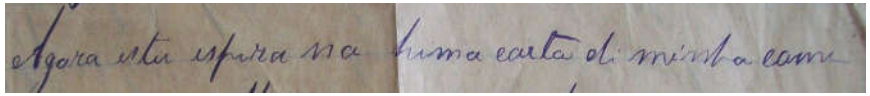
[...]diso com migo q*ue* eu sou eu sou **a queri** mesmo Amigos seu| Sim Compadi eu não mado agora que não porso| [...] (AFS-4)	
[...] conpadi pitanga eu fiqei comtemti [.]| du senho ter min **a virzado** q*ue* A minha conmadi| [...] (AFS-7)	
sim compadi Sir eu viraci um cannarinnho| D **Dar queri**| bem cantador par| carnta nu seu tereiro| [...] (AFS-8)	
[...] carta sua conpadi conmo| foi di **Ar ceito** du meu negocio| min mandi dizer conpadi| [...] (AFS-12)	
[...] não var esquecer di min lenbarnça| A tou **A queli** Amigo q*ue* porgonta| [...] (AFS-13)	
[...] muita lenbarnça A mouca| bonita **da qui**| [...] (AFS-16)	
[...] sir eu viraci| um cannarinho| **Da queli** bem| cantador firgal| [...] (AFS-16)	

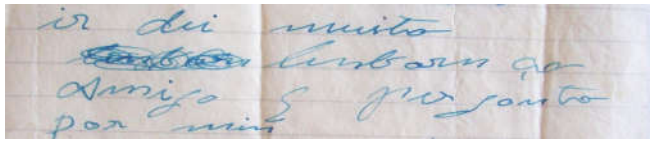
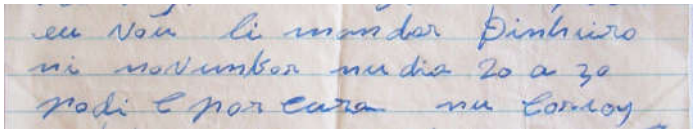
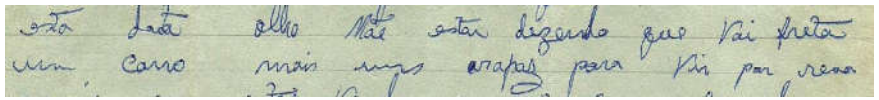
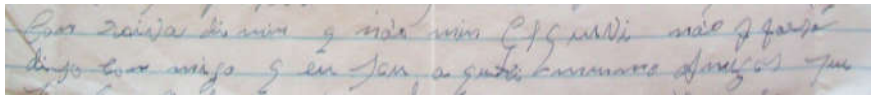
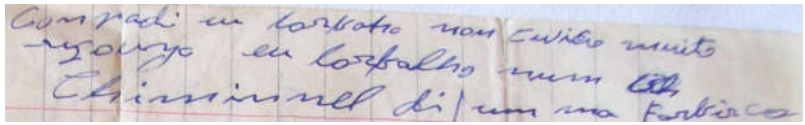
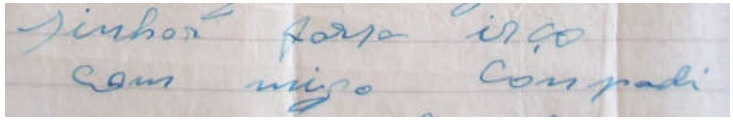
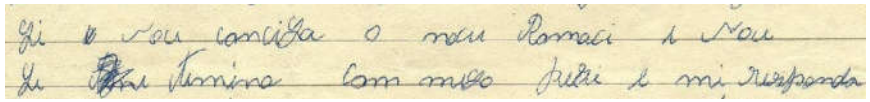
perzado Amigo[?] estimado| conp*adre* pitanga eu a recibi u| ceu **a marvi** Biletinho firquei| muito saltifeito du simhor| [...] (AFS-19)	
[...] u tempo **a qui** vai farzendo muito| sol vai Bem commo Deus| [...] (AFS-19)	
[...] p*agou* Agora 22 mil corzeiro di| Abonni i di esperiença| i **a vizo** bevi sim conpadi| [...] (AFS-25)	
[...] aseite u meu **a deuzinho** de longe que não| pode ser de perto comadri Almerinda bote| [...] (JCO-31)	
[...] nanu que **a cete** um abraso e comadri| Almerinda e e compadri Pedro i Augusto| [...] (MC-36)	
[...] conpadri Pedro que deti uma benca en davail e tambem **a ceite**| um eteno **a Deuzinho** di longe que di perto não posso dizer a| [...] (MC-36)	
Prezado irmão Joãopitanga **a rescibri**| a sua amaver cartinha no dia 3 deste| e nas mesma linha vor lhi responder que| esto enpais graca **a u** bom Jeus e vor lhi| [...] (MC-37)	

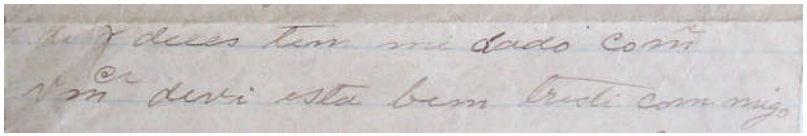
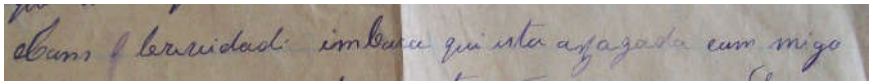
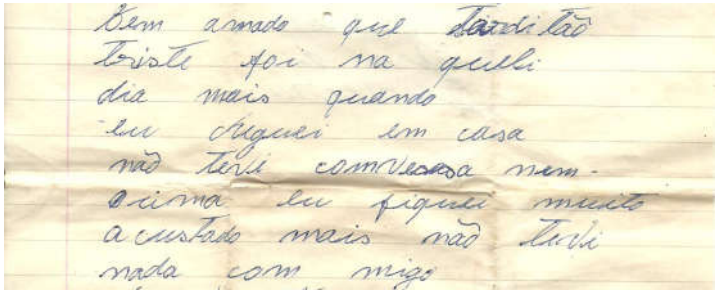
[...] tambem reseba Linbranca di Jildasio| e todos **da que** manda e [.] Nada mais| [...] (MC-37)	
[...] não é rial eu vou passando como que Jeus e sîntindo| **e numeros** as saudades das nossa paslestar.. formidavel| [...] (SFS-40)	
[...] dia 2 **a te** pelo amor de deus que| [...] (ICO)-48)	
[...] **di ga** aninita que elha cando farzer u| vestido d davani que fassa bim| forgado que e lha esta gorga i esta [...] (MC-50)	
[...] ficar contente comadi **a qui** as coiza esta| feia esta sico e la esta chovendo? Comadi fasso| [...] (NIN-51)	
[...] Eu **a qui** como despresada| Vou indo empas com| todos meus|Eu **a qui** tão lonje| cintendo Saldade di todos| Dona Almerinda muito| **O brigado** pelos os quiabo| mando-lhi este pimentão| para a Senhora| fali com Antônio| qui si elê pode vim| **a qui** hoje como cem| [...] (ZBO-52)	

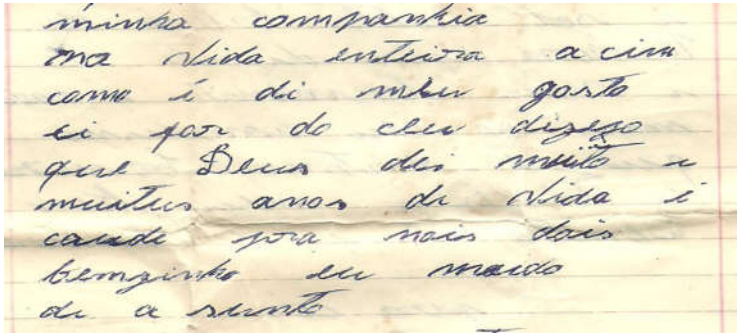
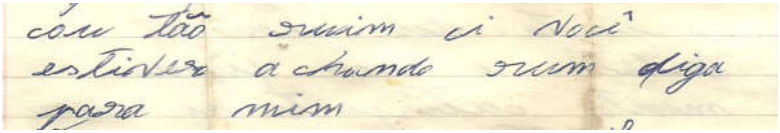
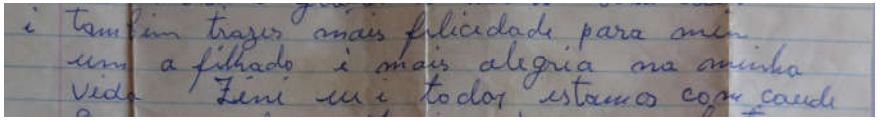
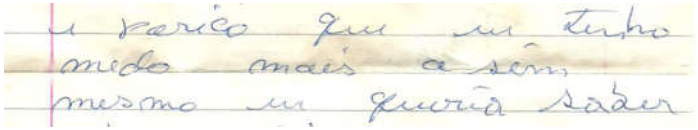
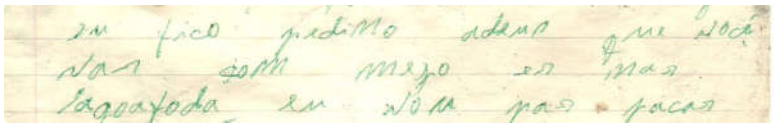
[...] Dei lembraça a D*ona* Dina diga a| ela que e com muita Saudade **da qui**| [...] (AHC-55)	
[...] Só mi conformo em chorar.| aqui fica **a quelá** de Sempre| (AHC-55)	
[...] com saudi **a tê** esta dauta quando| fiz esta no entritanto com*adre* a Sin*ho*ra| [...] (JMS-66)	
[...] forma que deus me **a judar** q*ue* quem| não cazar tambem vivi purtanto| [...] (JMS-67)	
Com*adr*e não [.] deixi no **es cursi-**|**mento** mandi mi aresposta| [...] (JMS-68)	
[...] Lembransa para todos| mande dizer ais novidade **dar air**| (ZLS-71)	
[...] **a qui** todos tem saudade| de apareser air [?] [...] (LM-75)	

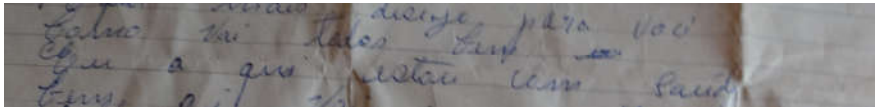
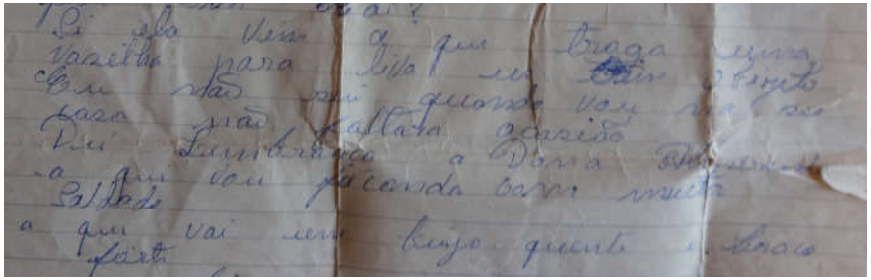
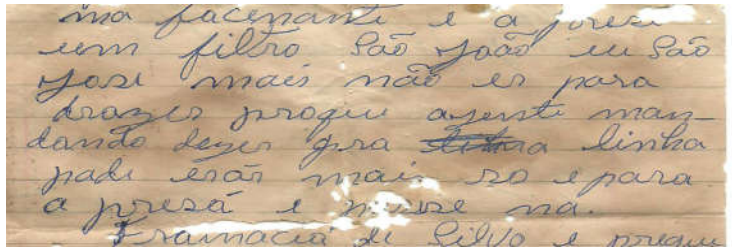
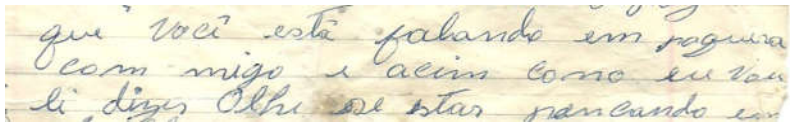
[...] qui ater ofazer **des ta** estu cum Saudi eu hi todos meus| [...] (FP-78)	
[...] 1 abraco i muita saudadi **des ta di minuta** amiga| [...] (FP-78)	
Dis culpi aletar mal feita qui são coiza di quen não| (FP-78)	
[...] quero pidri as minha **dis culpa** i espero cer **dis culpada**| ou meno huma vez i porfim nada mais v*osmec*e mandi| [...] (FP-79)	
[...] Fassa mais duas gola di corxe como [.] aquelas mesma| qui nois **com premo** do mesmo perco qui eu quero| [...] (FP-80)	
[...] que **a chei** um [.] lugar que| U Dono vendi uma posse| de terra com uma Pequenna| Caza primcipiada e não a| cabada, um **Ser cadinho**| e umas 20 a 30 cabeica de| [...] (AML-81)	

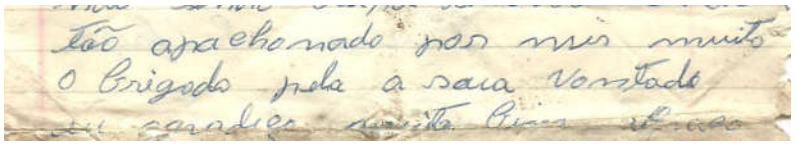
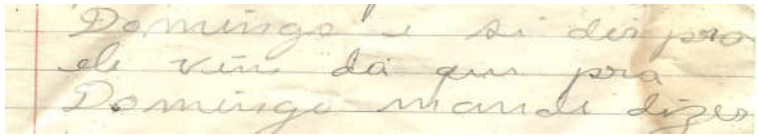
[...] vo termina **em viando** Lembra-| nça e um abraco a senhora| (MDC-84)	
con Respondencia Cotural di| Campo Alegri| (MC-36)	
[...] huma acão muito fei **com Sigo** di eu ter aricibido huma carta| sua i ja esta para fazer 1u anno i eu aida não li der a| [...] (FP-79)	
[...]**a Cabada**, portanto V*os*m*e*ce | Apareica para ver si li cer| (AML-81)	
Amiga prazer adeus **estima rei** qui esta duas linha vão liacha| gozando saudi [.] v*os*m*e*ce i todos qui fas da sua estima qui para|[...] (FP-78)	
[..] Não perciza mas qui eu li diga qui v*os*m*e*ce jasalei| viri i **conti noi**| (FP-79)	
[...] Agora estu **espera no** huma carta di minha com*adre*| [...] (FP-79)	

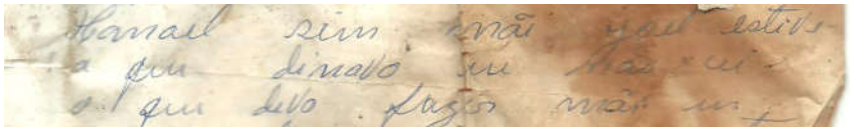
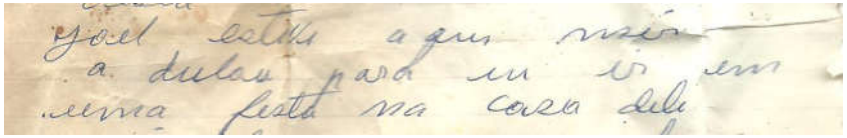
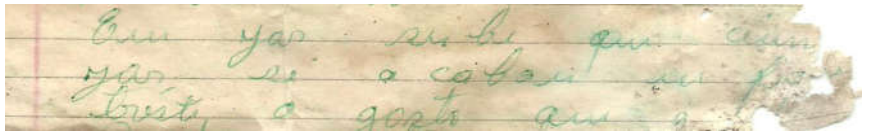
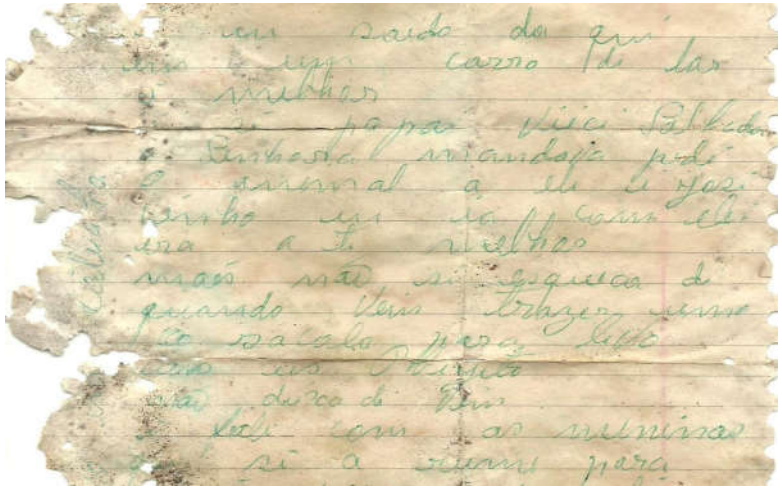
[...] ir dei muita| ~~lenbarn~~ **lenbarn ça**| Amigo q*ue* pergonta| por min| [...] (AFS-21)	
[...] eu vou li mandar Dinheiro| ni novembor nu dia 20 a 30| podi c **por cura** nu coreos| (AFS-25)	
[...] esta data olha Mãe estar dizendo que vai freta| um carro mais um rapaz para vir **par sear**|[...] (AHC-55)	
[...] com raiva di min q*ue* não min Esquevi não f farsa| diso **com migo** q*ue* eu sou a queri menmo Amigos seu| [...] (AFS-4)	
Conpadi eu larbaho non civico muito| riqouzo eu larbalho num [.]| Chiminnel di **um ma** Farbirca (AFS-8)	
[...] sinhor farsa irço| **com migo** conpadi| [...] (AFS-21)	
[...] gi [.] voce conciga o nocu Romaci e voce| ge [.] temina **com migo** peri e mi responda| [...] (JMA-64)	

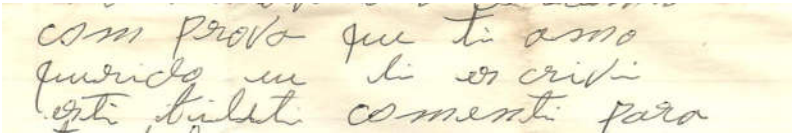
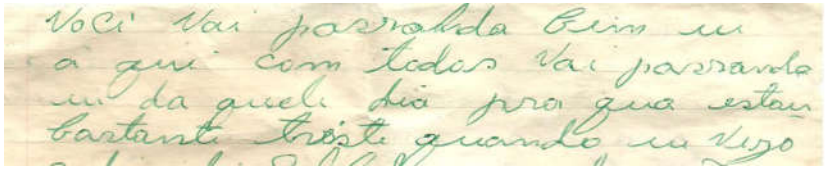
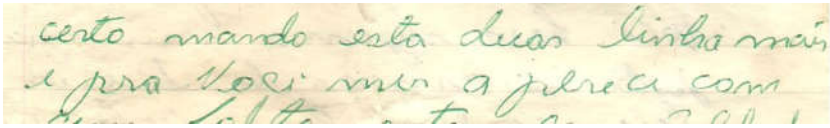
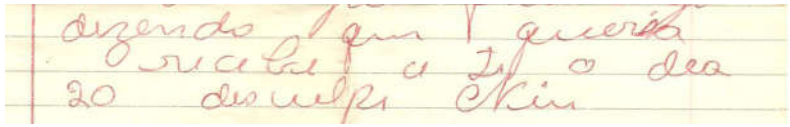
[...] de q*ue* deus tem mi dado com*adr*e| v*os*m*e*ce devi esta bem tristi **com migo**| [...] (JMS-67)	
[...] Com [.] brevidadi imbora qui esta azagada **com migo**| [...] (FP-79)	
[...] beica mai tudo bem **com migo**| espero que esteha tudor bem com a| [...] (VAN-86)	
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131	
[...] bem amado que tardi tão| triste foi **na queli**| dia mais quando| eu cheguei em casa| não tevi comversa nem.| [.] cima eu fiquei muito| acustado mais não tevi| nada **com migo**| [...] (ACO-94)	

[...] minha companhia| na vida inteira **a cim**| como é di meu gosto| ci for do ceu dizejo| que Deus dei muito e| muitus anos de vida i| caude pra nois dois| bemzinho eu mudo| de **a sunto**| [...] (ACO-95)	
[...] veja quem cou eu ci eo| cou tão ruim ci você| estiver **a chando** rum diga| para mim| (ACO-98)	
Comadi fiquei| basstanti **a legi**| porquir recibi a| sua nutica Comadi| [...] (MAO-106)	
[...] i também trazer mais felicidade para mim| um **a filhado** é mais alegria na minha| vida Zéne eu i todos estamos com çaude| [...] (NIN-107)	
[...] a outra não tenho| e porico que eu tenho| medo mais **a sim**| mesmo eu queria saber| [...] (TB-110)	
eu fico pedino adeus que voçi| var **com migo** er nar| lagoafoda eu vou par pacar| (VO-112)	

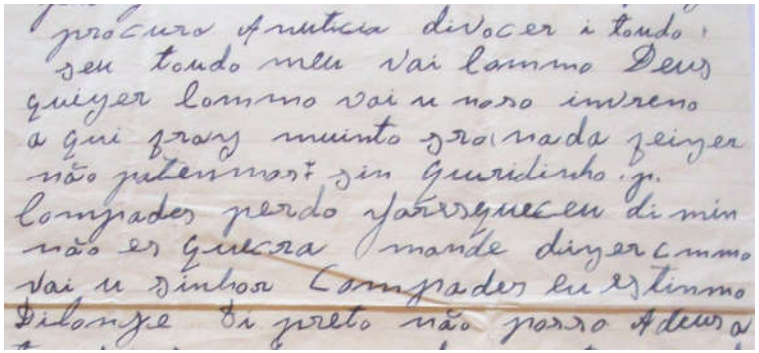
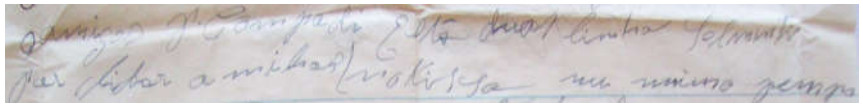
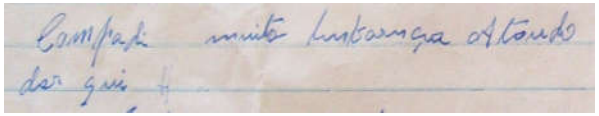
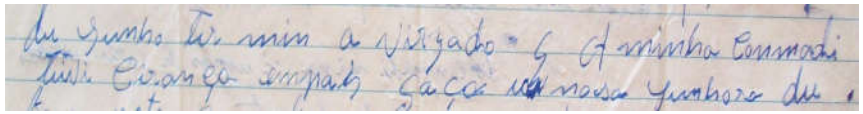
[...] Como vai todos bem [.]| Eu **a qui** estou com Saúde| [...] (ZBO-115)	
Si ela vim **a qui** traga uma| vasilha para liva us ~~trein~~ obijeto| Eu não sei quando vou na su| casa não faltara ocasião| Dei Lembrança a Dona Almerinda| **a qui** vou ficando com muita| Saldade| **a qui** vai um beijo quente e braco| forte| [...] (ZBO-115)	
[...] ma facinante e **a presi**| um filtro São João eu São| Jose mais não er para| drazer proque ajente man-|dando dezer pra ~~lihna~~ linha| pode erár mais so e para| **a presá** e p[.]sse na.| Framacia de Silvo e pregu-|te [...] (ZBO-117)	
[...] Valdelici fale com ela| que venha **a qui** domigo| com [.] Doralici que eu|[...] (ZBO-117)	
[...] que você está falando em paquera| **com migo** e acim cono eu vou| li dizer Olhe se estar pencando em|[...] (ZBO-118)	

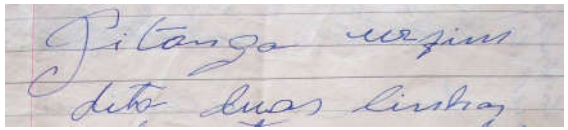
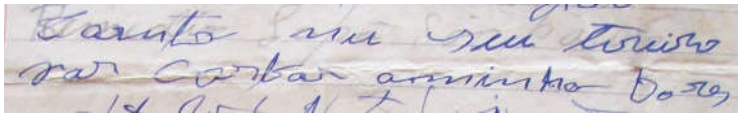
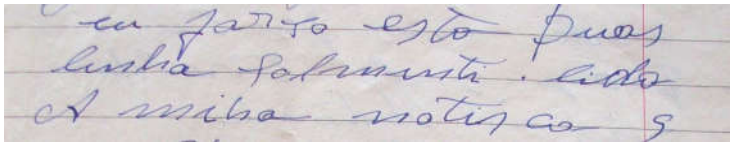
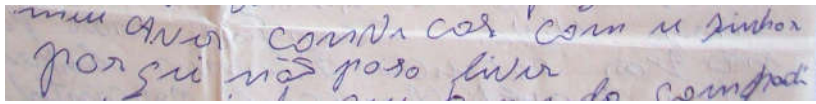
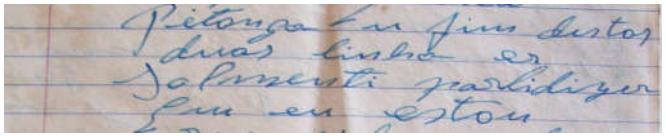
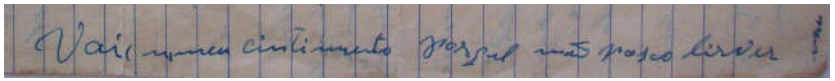
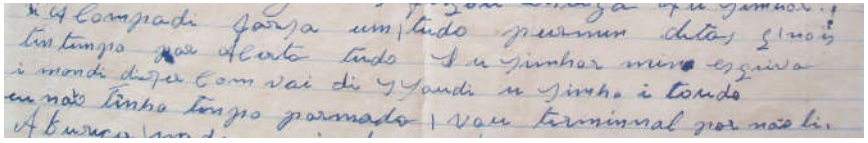
[...] tão apachonado por mir muito| **o brigado** pela a sua vontade| eu agradeço muito bem abraco| [...] (ZBO-118)	
O lhi si você consigio| rejistra a menina| tudo bem si não| [...] (ZBO-119)	
Domingo e si der pra| ele vim **da qui** pra| Domingo mande dizer| (ZBO-119)	
[...] com tanta espera| **a te** no Riachão| batizava a menina| [...] (ZBO-119)	
Como vai a Senhora bem com todos| Eu **a qui** com todos vamos pasando bem| Sim [.] Mamãe eu lhi escrevir um| [...] (ZBO-123)	
[...] eu não queria fazer **a qui** por| que eu acho em Coite melho| (ZBO-123)	
[...] fis sai 2 hora chegu 7 da noite| teve festa **a qui** mais eu não fui| [...] (ZBO-123)	

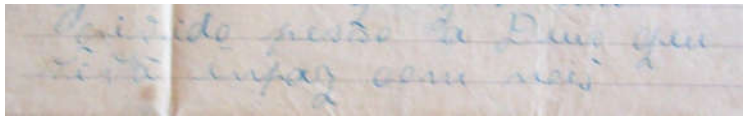
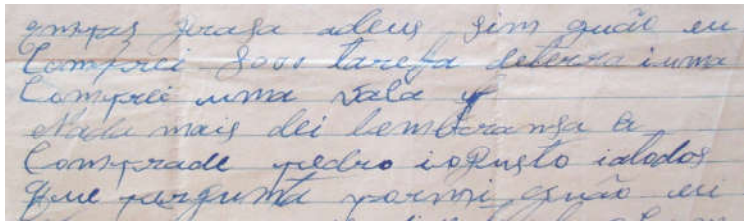
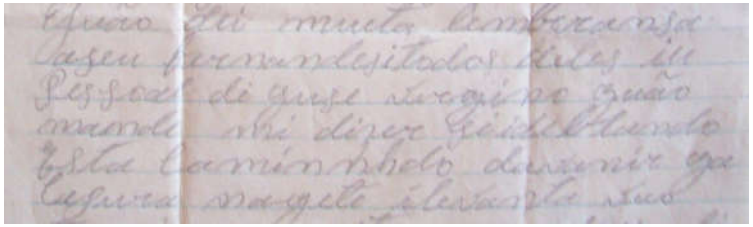
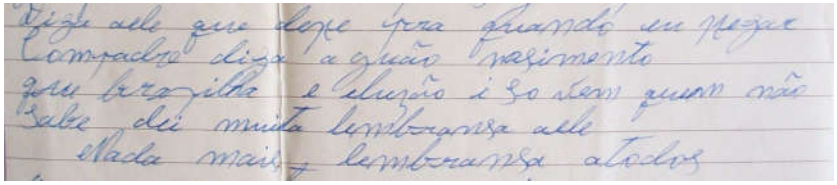
Como vai a Sehora bem| Eu **a qui** com todos vamos| passando bem. (ZBO-124)	
[...] Manoel sim mãe Joel estive| **a qui** dinovo eu não cei| o qui devo fazer mãi eu| [...] (ZBO-124)	
[...] Joel estive **a qui** mir| **a dulou** para eu ir em| uma festa na casa dele| [...] (ZBO-124)	
Eu jar subi qui ciun[.]| jar si **a cabou** eu fi[.]| triste o gosto qui a| [...] (ZBO-125)	
eu saido **da qui**| em um carro di lar| é melhor|[.] si papai vieci Salbado| a Senhora mandava pedi| o animal a eli i José| vinha eu ia com ele| era **a te** melhor| mais não si esqueca di| quando vein trazer uma| [.]sacola para levo| [.] us Obijeto| não deixa di vim|e fali com as meninas| que si **a rume** para| [...] (ZBO-125)	

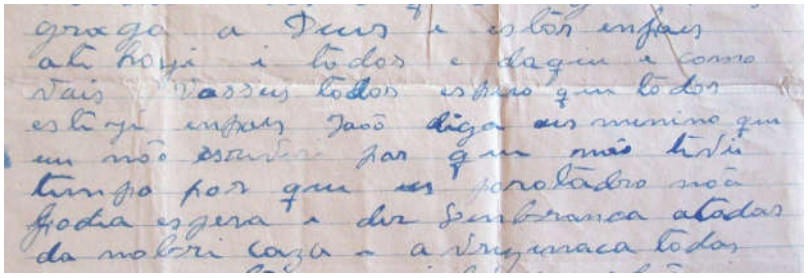
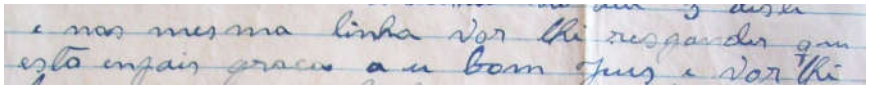
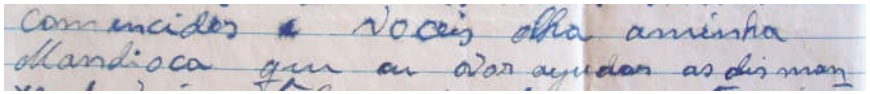
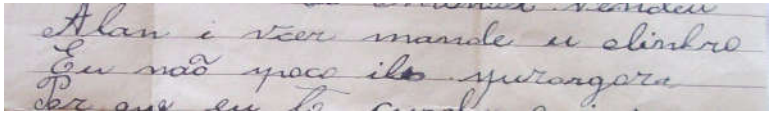
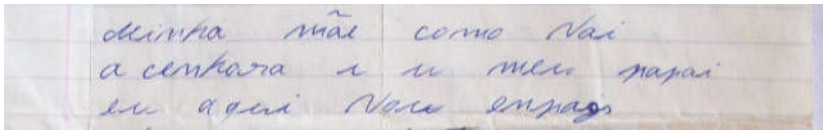
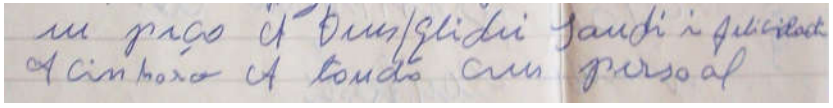
[...] com prova que ti amo| querido eu li **es crivi**| esti bileti comenti para| [...] (AO-126)	
[...] você vai passando bem eu| **a qui** com todos vai passando| eu **da quele** dia pra qua estou| bastante triste quando eu vejo| [...] (VO-129)	
[...] certo mando esta duas linha mais| e pra você mir **a perece** com| [...] (VO-129)	
[...] dizendo que queria| recebe **a te** o dia| 20 desculpe Nin| (ZBO-131)	

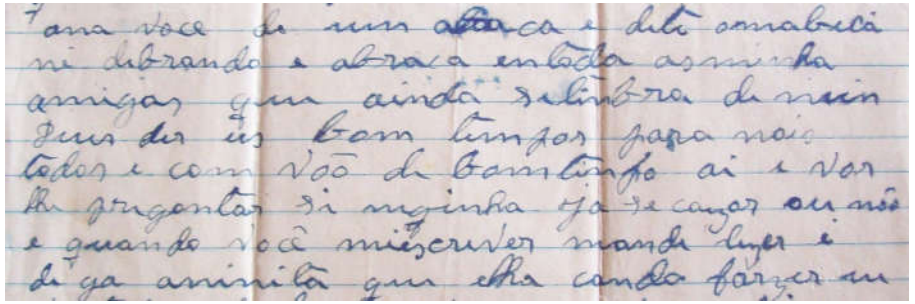
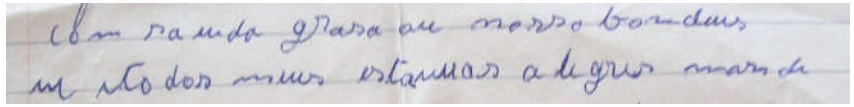
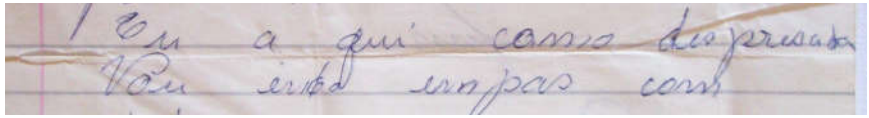
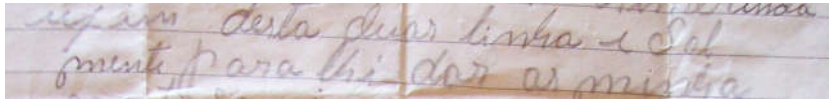
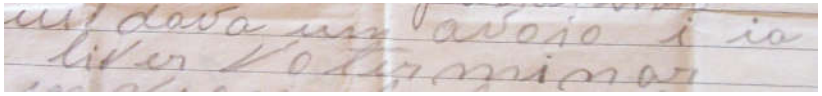
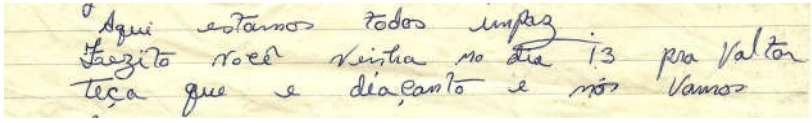
2 HIPOSSEGMENTAÇÃO

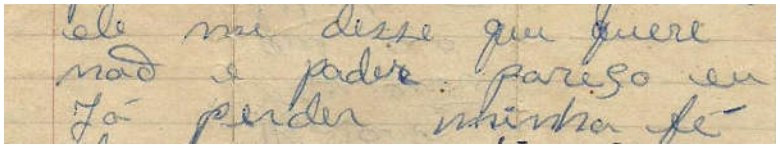
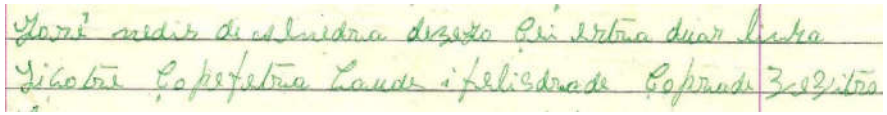
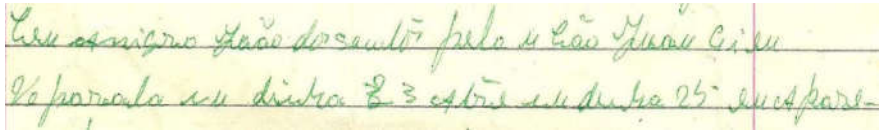
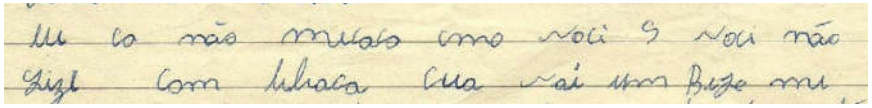
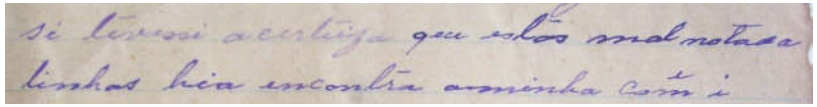
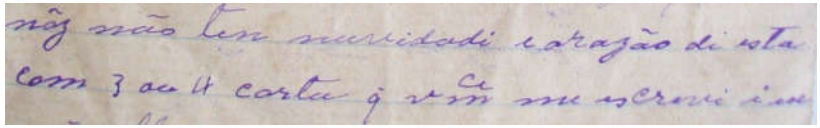
1ª PARTE – CARTAS 01 A 91 (SANTIAGO, 2012, p. 82-86)	
[...] procura A nuticia **divocer** i toudo| seu toudo meu vai commo Deus| quizer commo vai u noso invreno| a qui frais muinto sro nada feizer| não patenmos sin queridinho. p.| compades perdo **jasesqueceu** di min| não es quecra mande dizer cmmo| vai u sinhor compader eu estinmo| **Dilonje** Di preto não posso Adeus a| [...] (AFS-1)	
[...] a amigor p. Compadi Esta duas linha solmenti| par **lidar** a minhas notissa nu mimo pempo| [...] (AFS-4)	
[...] compadi| muita lenbarnsa **Atoudo** dar qui| [...] (AFS-6)	
[...] du senho ter min a virzado q*ue* A minha conmadi| teivi cirança **empais** gaça a nosa senhora du| [...] (AFS-7)	

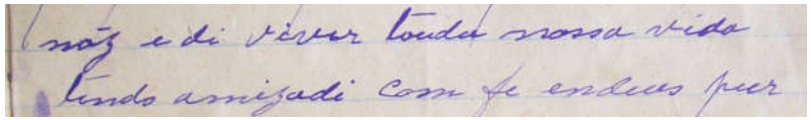
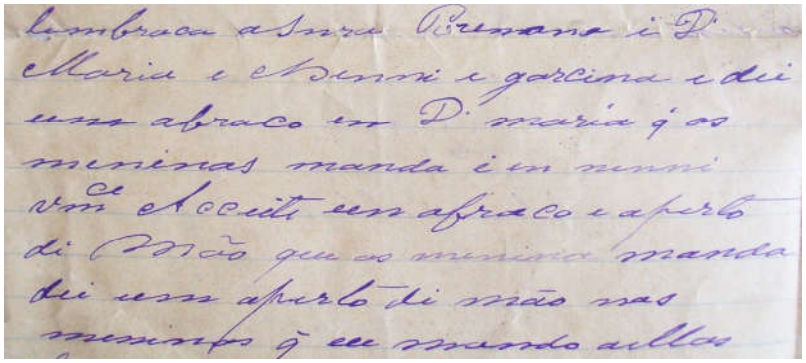
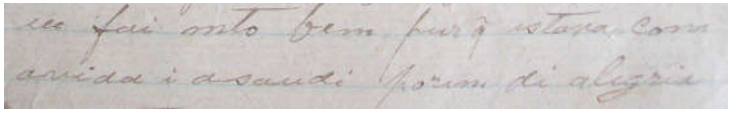
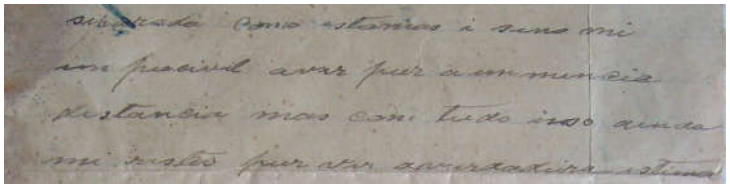
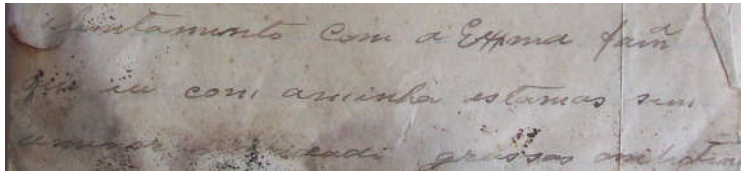
Compadi| Pitanga **urfim**| deta duas linhas| [...] (AFS-8)	
[...] carnta nu seu tereiro| par carbar **aminha** Dores| (AFS-8)	
[...] eu farso esta Duas| linha solmenti . **lida**| A miha notis ca q*ue*| [...] (AFS-9)	
[...] meu Aver convecar com u sinhor| porqui não poso **liver**| [...] (AFS- 13)	
[...] Pitanga u fim destas| duas linha er| solmenti **parlidizer**| que eu estou| [...] (AFS-14)	
vai u meu cintimento porque não posco **lirver**| (AFS-16)	
[...] A compadi farsa um tudo **purmin** detas q*ue* nois| ten tempo par Acerta tudo s u simhor min esqeiva| i mandi dizer com vai di s saudi u simho i toudo| eu não tênho tenpo **parmada** vou terminnal par não li| [...] (AFS-23)	

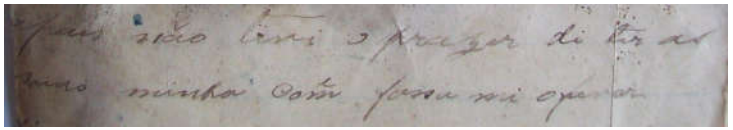
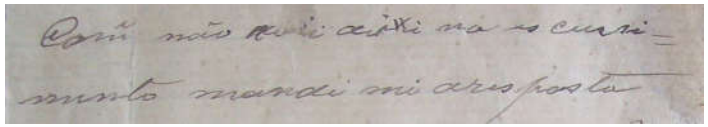
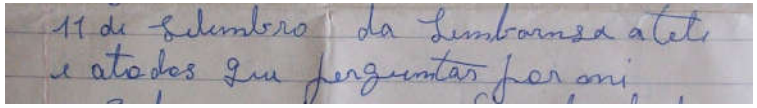
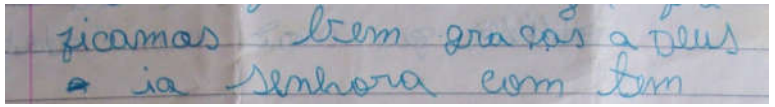
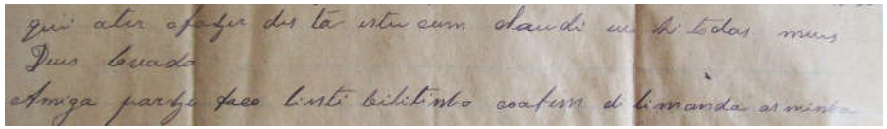
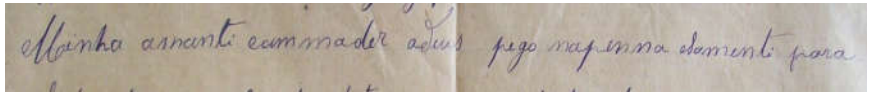
[...] civido pesso a Deus que| vivá **inpaz** com nois| (FJO-26)	
[...] Empaz grasa **adeus** sim Judo eu| Comprei 8000 tarefa **deterra** i uma| Comprei uma vaca [.]| Nada mais dei lembransa a| Comprade pedro i agusto i **atodos**| que pergumta **pormi** Judo eu| [...] (GOR-27)	
[...] Judo dei muita lembransa| **aseu** fernandes i todos deles iu| Pessoal di Juse virgino Judo| mande mi dizer si ideblando| Esta caminnhdo davanir ja| Cegura **nagete ilevanta** vuo| [...] (GOR-28)	
Para ser emtrege| **Ausenhor** Judo Carneiro|di Oliveira| (GOR-29)	
[...] Diga **aele** que dexe pra quando eu xegar| Compadre diga a Judo nasimento| que brazilha e iluzão i so vem quem não| sabe dei muita lembransa **aele**| Nada mais lembransa **atodos**| [...] (GOR-29)	

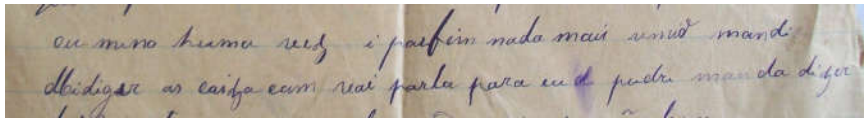
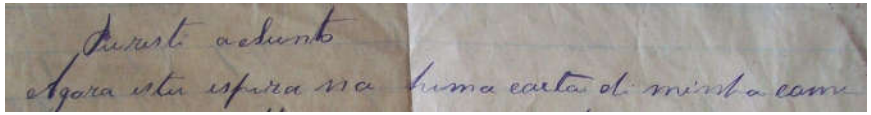
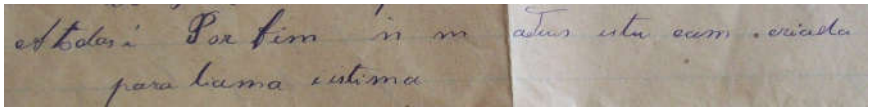
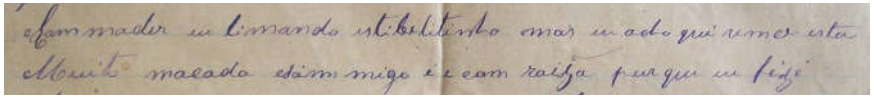
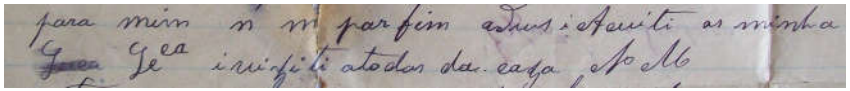
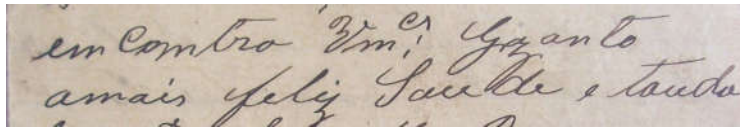
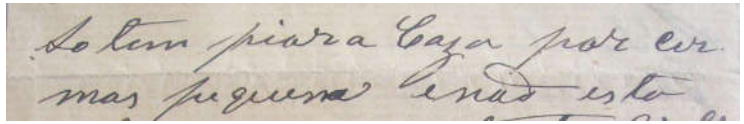
[...] graga a Deus e estor **enpais**| ate hoji i todos e daqui e como| vais vosseis todos espero que todos| esteji **enpais** João diga us menino que| eu não esriviri por que não tivi| tempo por que us porotadro não| podia espera der Lenbranca **atodos**| da nobri caza e a vrizinaca todas| (MC-36)	
[...] e nas mesma linha vor lhi responder que| esto **enpais** graca a u bom Jeus e vor lhi| [...] (MC-37)	
[...] com incidos [.] voceis olha **aminha**| Mandioca que eu vor ajudar as disman| [...] (MC-37)	
[...] Alan i vcer mande u dinhro| Eu não poco il **purargora**| [...] (SFS-42)	
Minha mãe como vai| a cenhora i u meu papai| eu aqui vou **enpais**| [...] (ACO-44)	
[...] eu peço A Deus **qu*e*lidei** saudi i felicidadi| A cinhora A toudo ceu persoal| [...] (AFS-45)	

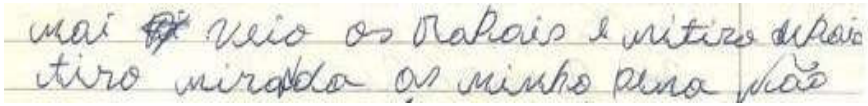
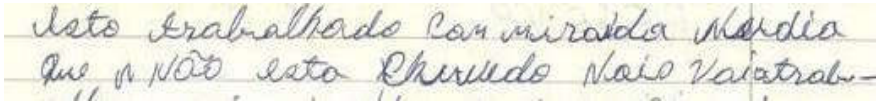
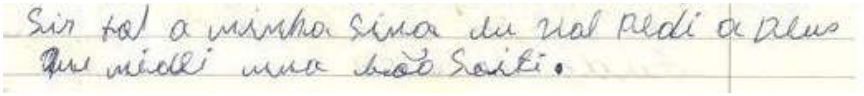
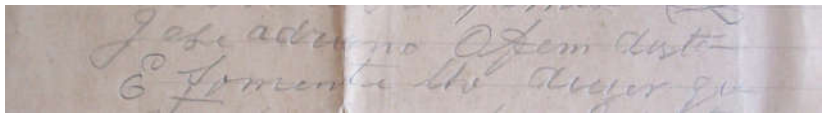
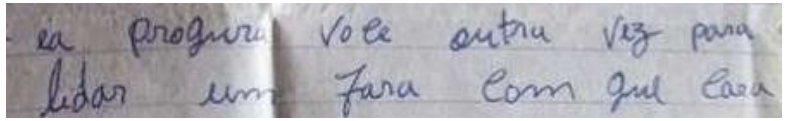
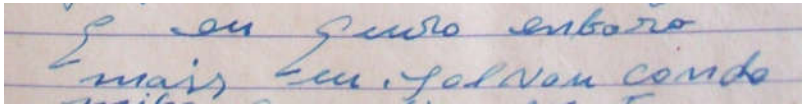
[..] ana voce de um abraco e dete **omabeca**| ni debrando e abraco en toda as minha| amigas que ainda **selinbra** de min| Deus der us bom tempos para nois| todos e com vão de bom tinpo ai e vor| lhe pregontar si niqinha ja se cazor ou não| e quando você **miescrever** mande dizer i| di ga **aninita** que elha cando farzer u| [...] (MC-50)	
[...]com sauda grasa au nosso bom deus| eu **itodos** meus estamos alegres mande| [...] (NIN-51)	
[...] Eu a qui como despresada| Vou indo **empas** com| [...] (ZBO-52)	
[...] **ufim** desta duas linha e Sol| mente para lhi dar as minha| [...] (ZSS-53)	
[...] si| eu fosi um passarinho| eu dava um avoio i ia| **liver** [...] (ZSS-53)	
[...] Aqui estamos todos **impaz**.| Zezito você venha no dia 13 pra voltar| teça que e **diaçanto** e nós vamos| [...] (AHC-59)	

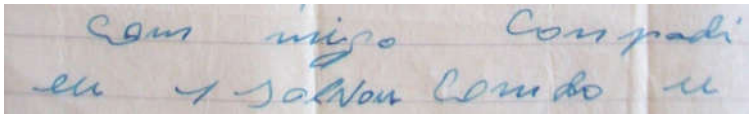
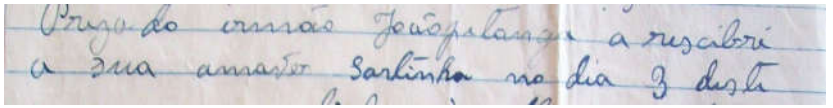
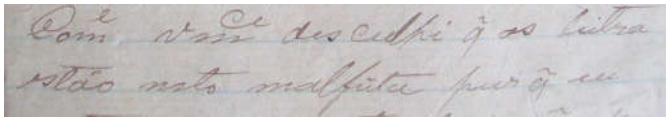
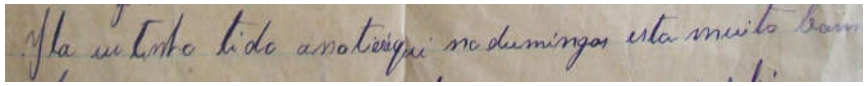
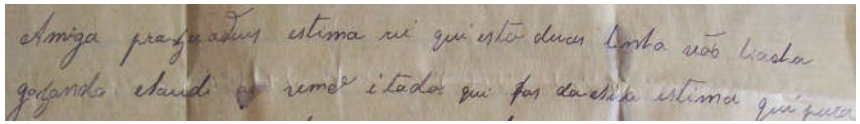
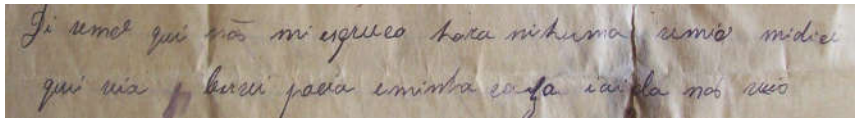
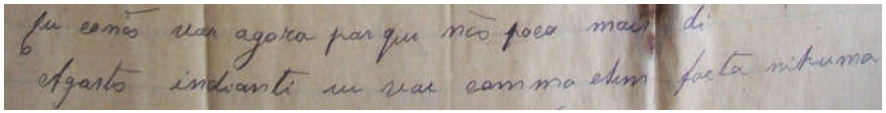
[...] ele mi desse que quere| não e poder **poreço** eu| Já perder minha fé| [...] (AHC-61)	
[...] José medis de Almedra dezejo Çei estra duas linha| **Liçotre çopefetra** caude i felisdrade çoprade zezitro| [...] (JS-62)	
[...] ceu Amigro João dos Santos pelo u Cão Juau qi eu| vo **parala** i u dinha [.] 3 Atre e u dinha 25 eu Apare-| [...] (JS-62)	
[...] eu co não **micaco** cmo voci S*e* voci não| gize com liliaca cua vai um Bejo me| [...] (JMA-64)	
[...] si tivessi a certeiza que estas mal notada| linhas hia encontra **aminha** com*adre* i| [...](JMS-66)	
[...] nõz não ten nuvidadi e **arazão** di esta| com 3 ou 4 carta q*ue* vos*m*ece me escrevi i eu| [...] (JMS-66)	

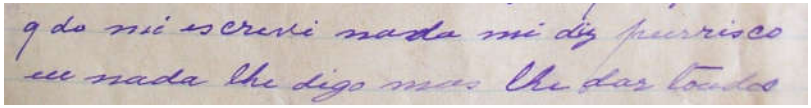
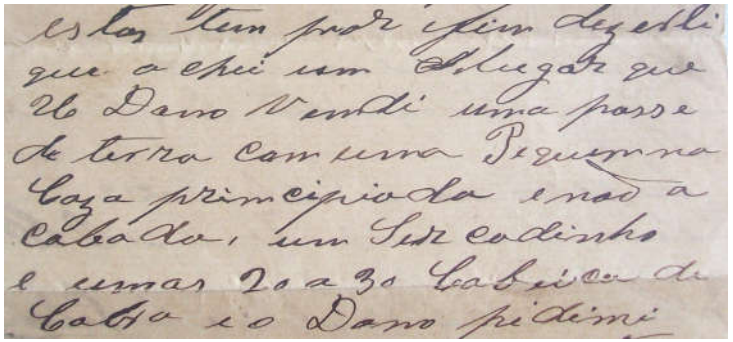
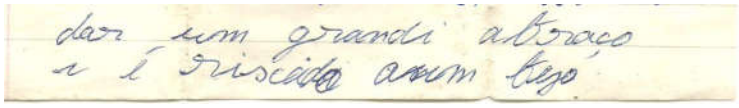
[...] nóz e di viver touda nossa vida| tendo amizadi com fe **endeus** pur| [...] (JMS-66)	
[...] lembraca **as*enhora*** Rumana i D*ona*| Maria e Nenni e garcina e dei| um abraço em D*ona* maria q*ue* as meninas manda i em nenni| v*os*mece Acceite um abraço e aperto| di mão que as menina manda| dei um aperto di mão nas| meninas q*ue* eu mando **aellas**| [...] (JMS-66)	
[...] eu fui m*ui*to bem pur q*ue* estava com| **avida** i a saudi porem di alegria| [...] (JMS-67)	
[...] separada como estamos i seno mi| impucivil **aver** pur a em mencia| distancia mas com tudo isso ainda| mi resta pur ver **averdadeira** estima| (JMS-68)	
[...] juntamento com a Ex*celentíssi*ma fam*íli*a| que eu com **aminha** estamos sim| **amenor** n[.] vidadi grassas [?]| [...] (JMS-68)	

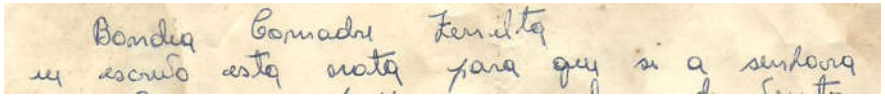
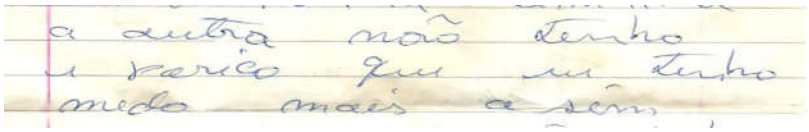
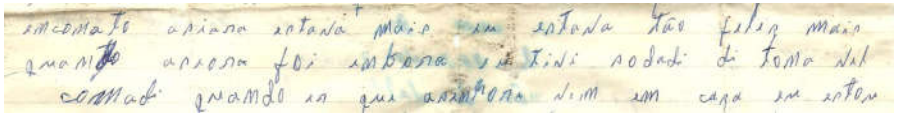
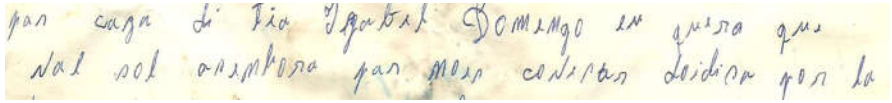
[...] **apais** não tem o prazer di ter as| suas minha com*adr*e fassa mi o favor| [...] (JMS-68)	
[...] Com*adr*e não [.] deixi no es cursi-|mento mandi mi **aresposta**| [...] (JMS-68)	
Zezete e resebri tua carta no dia| 11 de setembro da Lembarnsa a tete| e **atodos** gue pergumtar por mi| a zefa e seo jão e Senedi [...] (ZLS-70)	
[...] ficamos bem graças a Deus|[.] **ia** senhora com tem| [...] (LM-75)	
[...] qui ater **ofazer** des ta estu cum Saudi eu hi todos meus| Deus lovado| Amiga parze faco li esti bilitinho co **ofim** di li manda as minha| [...] (FP-78)	
Minha amanti commader adeus pego **napenna** somenti para| [...] (FP- 79)	

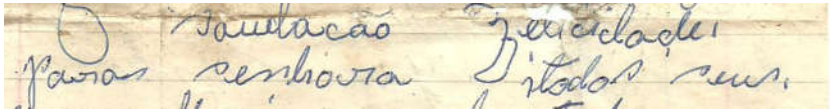
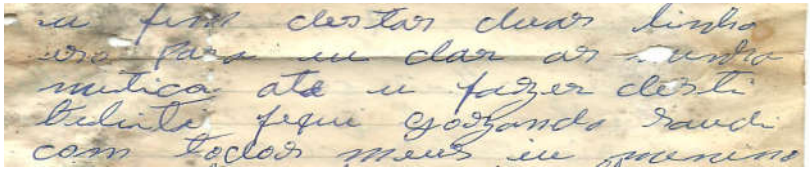
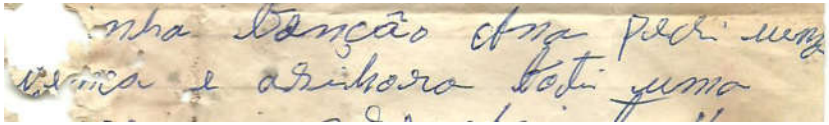
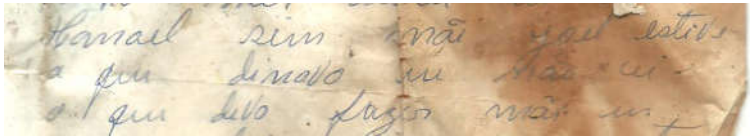
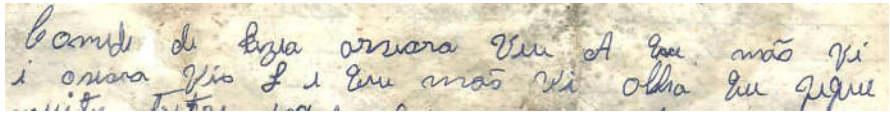
[...] ou meno huma vez i **porfim** nada mais v*os*m*e*ce mandi| Mi dizer as coiza com vai **porla** para eu [.] pudri manda dizer| [...] (FP- 79)	
Puristi aSunto| Agora estu espera no huma carta di minha com*adre* | [...] (FP- 79)	
[...] A todos i Por fim n m adeus estu com*adre* criada| para **liama** i estima| (FP-79)	
[...] Commader eu **limando estibilitinho** mas eu acho qui v*os*m*e*ce esta| Muito macada [?]m migo i e com raizã purqui eu fizi| [...] (FP- 79)	
[...] para mim n m por fim adeus i Aceiti as minha| [.] [?] i viziti **atodos** da caza (FP-80)	
[...] em contra V*os*m*e*ce Gozanto| **amais** feliz Saude e touda| [...] (AML-81)	
[...] so tem pior a Caza por cer| mas pequena **enão** esta| [...] (AML-81)	

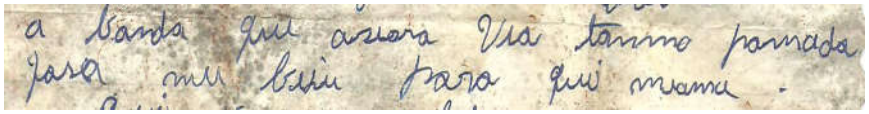
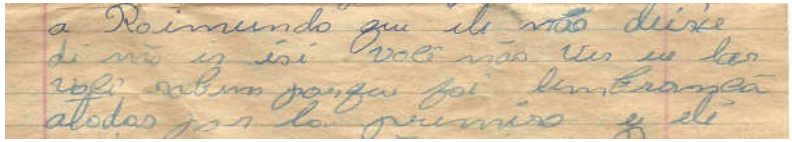
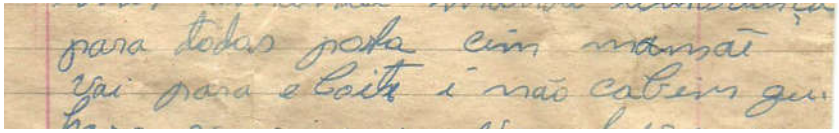
[...] mai [.] veio os rapais e **mitiro** depois| tiro miranda as minho pena não| [...] (VAN-86)	
[...] esto trabalhado com miranda **Nudia**| que Não esta chuvedo Nois vai atrab-| [...] (VAN-86)	
[...] Sir fol a minha Sina eu Vol pedi a Deus| que **midei** uma bõa Soiti.| [...] (VAN-86)	
[...] Jose adriano **Ofim** desta| E somente lhi dizer que| [...] (JSS-88)	
[...] ia progura voce outra vez para| **lidar** um fora com que cara| [...] (RAC-90)	
[...] q*ue* eu quero enbora| mais eu **solvou** condo| [...] (AFS-18)	

[...] com migo conpadi| eu s **solvou** comdo u| [...] (AFS-21)	
Prezado irmão **Joãopitanga** a rescibri| a sua amaver cartinha no dia 3 deste| [...] (MC-37)	
Com*adr*e v*os*me*c*e desculpi q*ue* as leitra| estão m*ui*to **malfeita** pur q*ue* eu| [...] (JMS-67)	
[...] I la eu tenho tido **anoticiaqui** no dumingos esta muito bom| [...] (FP-79)	
Amiga prazer adeus estima rei qui esta duas linha vão **liacha**| gozando saudi [.] v*os*me*c*e i todos qui fas da sua estima qui para| [...] (FP-78)	
[...] Di v*os*me*c*e qui não mi esqueco hora nihuma v*os*me*c*e **midici**| qui via [.] bervi pacia e minha caza i aida não veio| [...] (FP-78)	
[...] Eu co não vor agora porque não poco mais di| Agosto **indianti** eu vor commo sem farta nihuma| (FP-78)	

[...] q*uan*do mi escrevi nada mi diz **purrisco**| eu nada lhi digo mas lhe dar toudos| [...] (JMS-66)	
[...] estas tem por fim **dezerli**| que a chei um [.] lugar que| U Dono vendi uma posse| de terra com uma Pequenna| Caza primcipiada e não a| cabada| um Ser cadinho| e umas 20 a 30 cabeica de| Cabra e o Dono **pidimi**| [...] (AML-81)	
2ª PARTE – CARTAS 92 A 131	
[...] fim desta duas| linha **eso** para| dar as minha notica| [...] (AO-93)	
[...] do dia de Segunda feira| **pracar**| (ACO-94)	
[...] dar um grandi abraço| e é riscado **aum** bejo| [...] (ACO-94)	

Sim comandre estou| pençando de aparecer| air hoje **ditarde** derna| de não sei que dia| [...] (DCO-99)	
Bondia Comadre Zenilta| eu escrevo esta nota para que si a senhora| [...] (IC-105)	
Maria| **Dusanjo**| <Maria| **Dusanjo**|Oliveira|> <Zeniuta| bipo do| Santos|> (MAO-106)	
[...] a outra não tenho| e **porico** que eu tenho| medo mais a sim| [...] (TB-110)	
[...] enconato **asiora** estava mais eu estava tão feliz mais| quando **asiora** foi enbora e u tivi sodadi di tona vil| comadi quando er que **asinhora** vem em caza eu estou| (VO-111)	
[...] par caza di tia Izabel Domingo eu quero que| val sol **asenhora** par nois covesar doidisa por la| (VO-111)	

sim Zeninha sir voçi fol| mandi min dizê **sevai** ou não| mandi **arestosta** por meimo| portado sir vir[.] eu quero sabe| (VO-112)	
João Seu Pai já compareça| hoje ~~ditardeate~~ **ditarde** para Cobina| ~~com~~ Comigo alguns problema| (JL-114)	
[...] saudacão felicidade.| paras senhora **itodos** seus.| [...] (LA-120)	
[...] u fim destas duas linha| **eso** para eu dar as minha| nutica ate u fazer desti| bileite fiqui gozando saudi| com todos meus **iu** menino| [...] (MBS-122)	
[.]nha benção Ana pedi uma| benca e **asinhora** boti uma| [.]nca ni Jose Amiuto vamo| [...] (MBS-122)	
Manoel sim mãe Joel estive| a qui **dinovo** eu não cei| o qui devo fazer mãi eu| (ZBO-124)	
Comede de Lizia **arsiora** viu A que mão vi| i **asiora** vio L i que mão vi olha que fique| [...] (JO-128)	

[...] a banda que **asiora** via tanmo pamada| fasa mu beiu para qui **miama**| [...] (JO-128)	
[...] na **asiora** sera que Terezinha estava| namorando com ele ele mi fiou com| [...] (JO-128)	
[...] coitadinho que pensea dele não| vir ele aqui **dejunto** de mir| vou chorar bastante queim| **midera** um avião para eu| ir lar minha irmãe gostou| [...] (VO-129)	
[...] a Raimundo que ele não deixe| di não ir **isi** você não ver eu lar| você sabem porque foi lembrança| **atodos** por la premiro e ele| [...] (ZBO-130)	
[...] vai dar muita tristesa para| mir mamãe manda lembrança| para todos **porla** cim mamãe| vai para o Coite é não cabem que| [...] (ZBO-130)	

APÊNDICE E – DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS POR REDATOR – ESCRIPTUALIDADE E ESCRITA FONÉTICA

Tabela 1 – Distribuição dos aspectos de *escriptualidade* por redator

Remetente	**Aspectos da *escriptualidade***																					
	Deslocamentos /r/: posição de ataque	Omissões /r/: posição de ataque	Deslocamentos /r/: posição de coda	Omissões /r/: posição de coda	Omissões de /s/	Grafias irregulares com o /l/	Acréscimo de <r>: posição de ataque	Acréscimo de <r>: posição de coda	Acrés./repetição de <r>: posição de coda	Acréscimo de <r> em monossílabos	Acréscimo de /l/: posição de coda	Acréscimo de /s/: posição de coda	Rep. exagerada da nasalidade	Ausência de rep. da nasalidade	Dígrafo <qu>	Dígrafo <gu>	Dígrafo <rr>	Dígrafo <ss>	Dígrafo <lh>	Dígrafo <nh>	Dígrafo <ch>	Nº de cartas
Ana de Oliveira - AO	1	3						1		3				6	1			3	5			3
Ana Helena – AHC		1		1	1				1					1			1	6	7			8
Ana Santana – ASC														3								1
Angélica – APS	2	5	1														1					1
Antonia – AOL		2							2			1		7		1			1			1
Ant. Carneiro – ACO		1					1	1		9	2	1	5	8				4	5		1	7
Ant. Fortunato – AFS	101	63	17	1	20	2	5	87	23	91	42	9	87	1	13	15	5	15	29	18	1	26
Ant.Marcellino – AML													1						2			1
Ant. Pinheiro – APC																						1
Bernadete – BMO										2				2				1				1
Dete – DCS		1								2	1											1
Doralice – DCO								2		4				1								5
Fernando – FJO																						1
Filomena – FPS	7					1																1
Firmina – FP	10		2		1			3		4		1	5	4				2	11	3		3
Gildásio – GOR	1												3	2		3	1	1			1	3
Idelcina – IC								1		6				1				2	1			3

Remetente	Aspectos da *escriptualidade*																				
	Deslocamentos /r/: posição de ataque	Omissões /r/: posição de ataque	Deslocamentos /r/: posição de coda	Omissões /r/: posição de coda	Omissões de /s/	Grafias irregulares com o /l/	Acréscimo de <r>: posição de ataque	Acréscimo de <r>: posição de coda	Acrés./repetição de <r>: posição de coda	Acréscimo de <r> em monossílabos	Acréscimo de /l/: posição de coda	Acréscimo de /s/: posição de coda	Rep. exagerada da nasalidade	Ausência de rep. da nasalidade	Dígrafo <qu>	Dígrafo <gu>	Dígrafo <rr>	Dígrafo <ss>	Dígrafo <lh>	Dígrafo <nh>	Dígrafo <ch>	Nº de cartas
Iraildes – ICO	1						1										1	3				1
Izaque – IPO																						1
Izaura – IZA										1												1
Jacob – JOM																						1
Jesuino – JCO										1								1				1
Joana – JO			2	5	2		2						1	5					2			1
João dos Santos – JS	8		5		2		27	1						23	1	1			1			1
João Pitanga – JPC																						1
João Saturnino – JSS													1	1		2						1
José Joaquim – JJO							1	1							2							1
José Mendes – JMA	2	5	1	1					1	2				7		1	1	2	4			2
Josepha Maria – JMS	2	1						2		1			1	4								3
Júlio Luiz – JL										1				1								1
Lázaro – LFO		1								1	2			1				1	3			1
Lindaura - LA			3	1	5		1	1		1				5	2	1	1	1	2			1
Luciana – LM								2	1	2				6				1				1
Manoel – MCO																		2				3
Manoel Bispo – MBS		1	1	1				1		1				3				1	1	1		1
Margarida – MMO									1													1
Maria Dalva – MDC					3													4				1
Maria Lúcia – ML																						1
Maria Nailda – MNO																						1

Remetente	Aspectos da *escriptualidade*																					
	Deslocamentos /r/: posição de ataque	Omissões /r/: posição de ataque	Deslocamentos /r/: posição de coda	Omissões /r/: posição de coda	Omissões de /s/	Grafias irregulares com o /l/	Acréscimo de <r>: posição de ataque	Acréscimo de <r>: posição de coda	Acrés./repetição de <r>: posição de coda	Acréscimo de <r> em monossílabos	Acréscimo de /l/: posição de coda	Acréscimo de /s/: posição de coda	Rep. exagerada da nasalidade	Ausência de rep. da nasalidade	Dígrafo <qu>	Dígrafo <gu>	Dígrafo <rr>	Dígrafo <ss>	Dígrafo <lh>	Dígrafo <nh>	Dígrafo <ch>	Nº de cartas
Maria Oliveira – MAO		2	1					1	1	1				1								1
Mariazinha – MC	1		2	1			1	1	1	14		5		2	1	1	1	1	2	1		3
Nina – NIN					1			2		2	3		1	5				5	1			4
Raim. Adilson – RAC				1				6		3			4	2				1	1			2
Roma – ROM	4									3				1								1
Roque – RCO																						1
Salomão – SFS	1		1					2	2		1	1		3	1	1	1	1	1	3		3
Terezinha – TB										2				3					1			2
Valdelice – VO	10	2	1	1	1	1		2	2	32	8			7				7	6		1	4
Vandinho – VAN		3	1	3				3		1	6			14			1	3	1	3		1
Zenilta – ZBO	1	1	6				1	5		52	7			5		2	4	12	7			11
Zezete – ZJS																						1
Zita – ZLS	6	1			1		1		1	7				2				2				2
Zulmira – ZSS											1		5					2				1
Total	158	93	44	16	37	4	41	125	36	249	73	18	114	137	21	28	18	84	94	29	4	-

Fonte: elaboração própria.

Tabela 2 – Distribuição dos aspectos de escrita fonética por redator

Remetente	Aspectos de escrita fonética																						
	Elev. vogais médias pretônicas	Elev. vogais médias postônicas	Elev. Vogais médias monoss.	Abaix. vogais altas	Ant. vogais	Post. vogais	Red. ditongos	Ditongação	Nasalização	Palatalizações	Rotacismos	Lambdacismos	Prótese	Epêntese	Paragoge	Aférese	Síncope	Síncope-/r/	Síncope-/nd/	Apócope de /R/ em verbos	Apócope	Metátese	Nº de cartas
Ana de Oliveira - AO	1	17	25				2	5	1				1							4	2	2	3
Ana Helena - AHC	6	4	30	3			3	8	7		1		1	1			6	1		19	5	2	8
Ana Santana - ASC			3				1	2		2	1									1	1		1
Angélica - APS	3		14	1													2				1		1
Antonia - AOL	3	1	4										1			1	5	5		4			1
Ant. Carneiro - ACO	8	37	61	2			8	8	3		3		4			5	23	3		3	7		7
Ant. Fortunato - AFS	110	288	474	8		13	40	64	31	2	14	3	21		2	9	21	183	12	13	57	1	26
Ant.Marcellino - AML	1	4	3				2	2		1											1		1
Ant. Pinheiro - APC			1					1		2										1			1
Bernadete - BMO		6	5	1			2	2					1							7			1
Dete - DCS		2					1		1									1					1
Doralice - DCO	3	1	2					5								1	12				4		5
Fernando - FJO	2	2	6					1										1					1
Filomena - FPS	4		12	1			2	1	1								3			3			1
Firmina - FP	20	29	84	1		3	9	2		1	1		2		1		1		1	9	2	1	3
Gildásio - GOR	15		28				3	6		4		2	1	1	1		1			1	2		3
Idelcina - IC	2	9	15		2		1	4	1			1					1	1	2	1			3
Iraildes - ICO	3	3	8	1			3	2											3	1			1
Izaque - IPO	1																1						1
Izaura - IZA		1	1				2			1							1				1		1
Jacob - JOM																	1						1
Jesuino - JCO	5	1					5	1					1										1

Remetente	Aspectos de escrita fonética																						
	Elev. Vogais médias pretônicas	Elev. Vogais médias postônicas	Elev. Vogais médias monoss.	Abaix. Vogais altas	Ant. vogais	Post. Vogais	Red. Ditongos	Ditongação	Nasalização	Palatalizações	Rotacismos	Lambdacismos	Prótese	Epêntese	Paragoge	Aférese	Síncope	Síncope-/r/	Síncope-/nd/	Apócope de /R/ em verbos	Apócope	Metátese	Nº de cartas
Joana – JO	2	1	12				2										6	1		2		1	1
João dos Santos – JS	4	1	22				3	2									1			4	3		1
João Pitanga – JPC	1	1	12																1				1
João Saturnino - JSS		3	4				2	1									1			1			1
José Joaquim - JJO			2				1				1	1											1
José Mendes - JMA	3	10	11				1	3	1						13		4	2	2	14	2		2
Josepha Maria - JMS	21	67	149	2			6	20					6			1	1		1	4			3
Júlio Luiz - JL		1							1	1							1			2			1
Lázaro - LFO	3	1	5				1											4		1			1
Lindaura - LA	3	5					2										1			1			1
Luciana - LM			3			1		2	2								1			1			1
Manoel - MCO	1		2	1	1		1																3
Manoel Bispo- MBS	4	8	10				1	2			2						1			1			1
Margarida - MMO							1																1
Maria Dalva - MDC	8			1			4	1	1	1								1		2	3		1
Maria Lúcia - ML								1															1
Maria Nailda - MNO																					1		1
Maria Oliveira - MAO	6	20	5				2	3								1		12			1		1
Mariazinha - MC	10	19	34	6			10	9			2					1	3	1		2	1	1	3
Nina - NIN	3	16	34	1	2		4	5				1	1			3	8	16	1	2	1		4
Raim. Adilson -RAC	3	2	3				2	3												3	6		2
Roma - ROM			4				2	2							4	4			2	1			1

Remetente	Aspectos de escrita fonética																						
	Elev. Vogais médias pretônicas	Elev. Vogais médias postônicas	Elev. Vogais médias monoss.	Abaix. Vogais altas	Ant. vogais	Post. Vogais	Red. Ditongos	Ditongação	Nasalização	Palatalizações	Rotacismos	Lambdacismos	Prótese	Epêntese	Paragoge	Aférese	Síncope	Síncope-/r/	Síncope-/nd/	Apócope de /R/ em verbos	Apócope	Metátese	Nº de cartas
Roque - RCO	2	1	14	1			1																1
Salomão - SFS	8	1	30	1	4	1	7	5				1				2		2		3	2	1	3
Terezinha - TB	1	19	13					2									5	1	1	4	2		2
Valdelice - VO	9	40	50				5	10	4			1	2			2	10	2	2	13	22		4
Vandinho - VAN	5	8	16	2		1	10	3									7			14			1
Zenilta - ZBO	8	26	95	1		1	2	8	11				1	2		1	16	1		19	2		11
Zezete - ZJS			1	1			2	1	1											1			1
Zita - ZLS	2	1	11	2			6	15								2					4	1	2
Zulmira - ZSS	5	8	16		1		8	1	1				1			1	5		2		1		1
Total	299	664	1334	38	10	20	170	213	67	15	25	10	44	4	17	34	153	238	28	163	135	10	-

Fonte: elaboração própria.

APÊNDICE F – TEMAS PARA PRODUÇÃO DAS ENTREVISTAS-NARRATIVAS

Nome completo:
Filiação:
Naturalidade:
Data de nascimento:
Idade:
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Lugares onde viveu:
Perfil:
Gravação da narrativa:

A infância/juventude:

1. Onde o senhor/senhora nasceu? Em que ano? Passou a infância inteira nesse lugar?
2. O que o senhor/senhora lembra-se dos ensinamentos de seus pais?
3. Quando começou a trabalhar? Em quê?

A oralidade:

4. O senhor/senhora costumava ouvir histórias? De quem?
5. Que tipo de histórias costumava ouvir? Onde?
6. O senhor/senhora costuma contar histórias para outras pessoas? Para quem? Onde?

A aprendizagem da escrita:

7. O senhor/senhora lembra como aprendeu a escrever? Onde aprendeu? Com quem?
8. Seus pais sabiam escrever?
9. Havia alguma professora/escola na região?
10. O que o senhor/senhora escrevia?
11. E as cartas, por que as escreveu? Para quem?
12. Além das cartas, escrevia o quê?

A leitura:

13. O senhor/senhora lê com frequência? O quê?
14. O quê costumava ler na infância/juventude?
15. Quais os materiais de leitura que havia em sua casa?
16. O senhor/senhora ainda tem algum livro ou caderno daquela época?

APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA
DOUTORADO EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/a Senhor/a está sendo convidado/a a participar da pesquisa *Tratamento metodológico dos graus de inabilidade em corpora histórico-diacrônicos: um estudo a partir das mãos inábeis do sertão baiano*, que tem como responsável Huda da Silva Santiago, estudante do curso de Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro. O objetivo dessa pesquisa é estabelecer uma proposta metodológica para identificar os graus de inabilidade com a escrita, em textos do passado, e estudar os processos de letramento que caracterizaram a difusão da língua escrita na zona rural do semiárido baiano, durante o século XX. Sua participação consiste em fornecer depoimentos, narrando sobre os temas que serão propostos – o que será registrado em forma de vídeos e fotografias –, e fornecer acesso do pesquisador aos possíveis textos manuscritos produzidos pelo/a Senhor/a e/ou que estão sob sua posse. Esse estudo tem como benefício social tornar visíveis as práticas de escrita cotidiana, de pessoas comuns, garantindo a preservação da memória dos sertanejos baianos, historicamente excluídos, a partir de informações sobre o perfil sociocultural dessas pessoas e dos seus processos de letramento. Eventuais riscos estão relacionados a constrangimentos ou desconfortos para responder às perguntas ou a exposição dos dados coletados; no entanto, após as gravações o/a Senhor/a poderá ouvi-las/assisti-las e, caso deseje, pode solicitar a exclusão de alguns trechos ou da entrevista completa. A participação nesta pesquisa é de forma voluntária e há o direito de desistir a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Esta autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso do nome, das narrativas, das imagens e dos textos manuscritos, em todo território nacional e no exterior, exclusivamente para fins acadêmicos e culturais, através da divulgação/apresentação dos resultados em obras de cunho científico; eventos científicos; sites e vídeos educativo-culturais. Para qualquer esclarecimento, o/a senhor/a poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, no Instituto de Letras da UFBA, localizado na rua Barão de Jeremoabo, nº 0147, CEP: 40170-290, Campus Universitário de Ondina, Salvador-BA, telefone: (71) 3283 – 6256, ou através do e-mail huda.santiago@hotmail.com. Caso concorde em participar, autorizando o uso do seu nome, dos seus textos manuscritos, narrativas e imagens, registrados em vídeos e em fotografias, deverá assinar, por livre vontade, este termo em duas vias, ficando com uma cópia.

_____, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador responsável:_____

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS DAS ENTREVISTAS-NARRATIVAS[6]

CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS-NARRATIVAS[7]

Os critérios para a transcrição das narrativas orais foram estabelecidos com base nas normas de transcrição adotadas pelo Projeto "A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano"[8], disponíveis na coleção "Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano"[9]. Seguindo as orientações dessas normas, optou-se, neste trabalho, por não registrar, sistematicamente, fenômenos fônicos que refletem variações mais comuns, presentes também na fala urbana culta, como: elevação de vogais médias em posições pretônica e átona final, como em ***i****screvia* (por *escrevia*) e *quand****u*** (por *quando*); redução dos ditongos ou, ei, ai, como em ***o****to* (por *outro*); queda do "r" dos infinitivos, em *ensiná* (por *ensinar*); ditongação, em *me****i****s* (por *mês*); presença da semivogal palatal nasalizada em formas como *mĩa* (por *minha*), *tĩa* (por *tinha*) etc. No entanto, procurou-se registrar fenômenos fônicos que não são tão característicos das normas cultas, como:

- abaixamento de vogais altas: *f****o****ncionava* (por *funcionava*);
- elevação de vogais médias tônicas: *c****u****mo* (por *como*);
- reduções dos ditongos que não são tão comuns nas normas cultas: *Goabeira* (por *Goiabeira*);
- desnasalização: *estudar****o*** (por *estudaram*);
- palatalização e despalatalização: *famil****h****a* (por *família*); *fi****a*** (por *filha*);
- rotacismo: *comp****r****eto* (por *completo*);
- prótese: ***a****lembro* (por *lembro*);
- aférese: *cabar* (por *acabar*); *rancava* (por *arrancava*);
- síncope: *estudano* (por *estudando*);
- apócope: *camim* (por *caminho*);
- metátese: *d****r****oba* (por *dobra*);
- registro de aspiração, quando bastante marcada: *me****h****mo* (por mesmo).

Buscou-se registrar as variações morfossintáticas, como por exemplo, a ausência de concordância, nominal e verbal, em *duas turma de animal*, e *eles agia* (Narrativa 01). As

[6] A maior parte da transcrição foi realizada por Rosana Brito, mestranda em Estudos Linguísticos, pela UEFS/BA, com nossa revisão.

[7] Foram transcritos os trechos narrados que tratam, principalmente, das práticas de escrita e leitura, dos contextos de letramento dos sertanejos (para as narrativas completas, cf. gravações).

[8] A chave de transcrição desse Projeto foi elaborada a partir das chaves do Projeto Vestígios de Dialetos Crioulos em Comunidades Afro-Brasileiras Isoladas e do projeto Norma Urbana Culta (NURC).

[9] Cf. ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Org.). **Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano**. 4 CDs. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008.

transcrições não dispensam a audição das narrativas, sobretudo para desenvolver estudos no campo da fonética e da fonologia, quando se deve recorrer, obrigatoriamente, às gravações.

A seguir, os critérios utilizados:

1. ... Para marcar hesitações ou interrupções, pausas longas, com posterior continuação do diálogo.
2. [ ] Interrupção do diálogo, por causa de barulhos.
3. ( ) Transcrição duvidosa.
4. “ ” Citações.
5. (rindo) Para indicar os risos.
6. [inint.] Palavra ou trecho ininteligível/inaudível.
7. – Palavra não totalmente pronunciada.
8. [...] Trecho com continuação do diálogo, abordando outros assuntos.
9. (superp.) Para indicar superposição de fala.
10. Doc. para indicar a fala do documentador e Inf. para a do Informante.

NARRATIVA Nº 01 – AMO[10]

Nome completo: Almerinda Maria de Oliveira.
Filiação: Fernando e Ana.
Naturalidade: Riachão do Jacuípe-BA.
Data de nascimento: 05 de julho de 1936.
Idade: 80 anos.
Estado civil: viúva.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: dona de casa.
Lugares onde viveu: morou na faz. Poços, até os cinco anos, depois mudou para faz. Pau de Colher.
Perfil: falante, extrovertida.
Gravação da narrativa: 30 de junho de 2016, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe-BA.

[...] Doc.: A senhora sabe escrever?

Inf.: Eu faço... aparência.

Doc.: E a senhora aprendeu como?

Inf.: Aprendi como?

Doc.: Sim, a escrever?

Inf.: Ah, eu aprendi dento de casa com a minha irmã... foi aí eu... só... pratiquei, o pouco que aprendi ficava leno livro, letra graúda ne jorná, até que... que aprendi fazer.

Doc.: E sua irmã, tinha estudo [...]?

Inf.: Quem disse? A merma coisa, do mei pra o fim eu tava sabeno mais do que ela... que ela não praticou e eu fiquei praticano.

Doc.: E a senhora nunca foi na escola?

Inf.: Não.

Doc.: Mas quando a senhora teve os filhos da senhora, a senhora ensinou a eles? Abelmanto me disse que a senhora deu aula pra ele.

Inf.: É eu ensinava meus fi dento de casa... foi... todos ele eu ensinava porque não tinha escola, aí eu ensinava aí... quando foi... do mei pra o fim surgiu uma escola... de Maria das Neve, aí ela vei chamano botei os menino... os menino foi tudo pra lá, só não foi os dois mais veio, mas depois entraram no Mobral... no Mobral eles já sabia tudo, né? Aí eu sempre ensinava a eles... depois passou, os mais novo foi pa essa escola e terminaram lá na escola eu sempre, todos eles eu ensinei, um pouquinho pra quando chegasse na escola já tava mais... foi tanto que Abelmanto quando entrou... todos ele, todos quando entrou todo ano tirava nota dez, era... todos ele.

[10] A identificação de cada narrador é realizada com a mesma sigla usada para se referir aos redatores das cartas.

Doc.: E na casa da senhora, a senhora lembra dos ensinamentos dos pais da senhora? Eles contavam histórias?

Inf.: Não, não era... eles... eles... se eles... eles era analfabeto eles num sabia nada, nem fazer a letra dele, o nome deles num fazia.

Doc.: Mas contavam história para os filhos?

Inf.: Olha, história pouca que eles contava.

Doc.: A senhora trabalhava na infância, na adolescência? [...]

Inf.: Trabalhava mais assim ajudano meu pai na roça, judano minha mãe dento de casa.

Doc.: E tinha algum material de leitura na casa da senhora? [...]

Inf.: Tinha um que... só alembro uma cartilha... era uma cartilha... aí... aí foi... pegano livro de alguém [inint] até que eu... fui aprendeno mais.

Doc.: E as cartas, a senhora gostava de escrever carta? [...] Naquela época existia muita carta, a senhora escreveu?

Inf.: Eu tinha muita carta, agora eu num acertava escrever carta não, eu escrevia assim mas num era muita coisa não, num tinha uma memória boa pra fazer uma carta.

Doc.: Mas recebeu muitas cartas, não foi?

Inf.: Foi... a gente recebia, que tinha uns colegas que... eu tinha uma... uma cunhada... uma concunhada, ela morava aqui e foi lá pra... pra Taboa lá ne... como é que cha... o nome? Ipirá... aí ela de lá... de lá ela escrevia pra cá a gente fa- tinha vez que fazia também mas... fazia um quebra galho pra ela, respondia as carta.

Doc.: Seu Fortunato escreveu muito pra senhora não foi? [...]

Inf.: Aí esse... esse Antônio Fortunato era meu compade... morou aqui mais eu uns dia, cabou de se criar, casou... aí mudaram pra São Paulo aí onde mandava carta... é mandava carta direto... tem outro que era um um colega casou com uma... uma colega minha se mudou também foi... foi pra...o quê? Parece que eu não sei o... o lugar que ele morava não... não lembro mais onde ele morava... é longe daqui é pra lá de São Paulo... aí ela, eles também costumava escrever.

Doc.: E hoje em dia a senhora ainda lê alguma coisa? [...]

Inf.: Eu gosto de lê bastante, escrever não... de lê até hoje se eu pudesse...

Doc.: O que que a senhora lê? [...]

Inf.: Eu leio a Bíblia, leio folheto eu leio livro religioso e leio arguma bobage que aparecer de... de qualquer coisa que eu ver escrito quero ver o que que tem dento.

Doc.: A cartilha que a senhora falou que tinha não tem mais não, né?

Inf.: Parece que eu não tenho mais não foi não tem mais não... eu a... foi era enquanto era moderna o pessoal largou de escrever.

Doc.: Não. A cartilha, o livro que a senhora disse que estudou quando era pequena.

Inf.: A cartilha num tem mais não. [...]

Doc.: A senhora lembra se na região tinha uma professora chamada Margarida, aqui na região?

Inf.: Tinha.

Doc.: Quem era ela?

Inf.: É... Margarida é uma professora era uma professora que ela... ela morava ali na fazenda Jiboia pra o lado de Coité, ela foi... era catequista, era minha catequista... era...

Doc.: Então a senhora estudou catequese.

Inf.: Eu não estudei não, eu estudei a catequese com ela, agora na escola num fui não.

Doc.: E ela estudou fora foi pra vim dar aula aqui?

Inf.: Ela se estudou fora? Eu acho que não... não sei isso aí eu não sei não.

Doc.: É porque ela era professora né, como ela aprendeu a ser professora?

Inf.: Eu sei que... ela... ela morava lá pra o lado de... a gente custava ver até, acho que morava pra o lado de Coité, ela casou morava aí nessa fazenda Jiboia e a gente num via ela... sempre... peguemo ver depois da... da catequese [...].

Doc.: E a outra professora foi das Neves?

Inf.: A outra dos menino foi Maria das Neve... ela estudava, ela inventou essa escola e vei ensinar os menino aí veio pedir pra os menino entrar na escola aí a gente aceitou.

Doc.: Antônio é seu filho, né?

Inf.: Antônio? Eu tenho um filho chamado Antônio, Hildebrando.

Doc.: Ele escreveu uma carta pra senhora. Eu queria fazer a entrevista com ele também.

Inf.: Escreveu uma carta.

Doc.: Foi. Daquelas que a senhora me deu, tem uma carta de Antônio.

Inf.: Essa de Antônio ele tava ne Salvador, foi... ele tava lá ne Salvador ele escreveu... essa carta pra mim.

Doc.: Ele mora onde hoje?

Inf.: Ele mora no Riachão, quer dizer entre o Riachão e aqui [...].

Doc.: A senhora lembra de Zulmira que escreveu uma carta pra senhora?

Inf.: Zulmira? Ah, lembro é minha comadre ela mora lá ne Taboa também [...].

Doc.: Jesuíno, a senhora lembra?

Inf.: Jesuíno também mora lá.

Doc.: Lázaro?

Inf.: Lázaro, ah, tá ne São Paulo.

Doc.: Mas não vem aqui sempre não, né?

Inf.: Ah custa, menina, eu não sei quando eu vi esse homem, eu não sem se eu ver eu conheço mais [...].

Doc.: E Zulmira vem aqui sempre não?

Inf.: Não, ele custa [...].

Doc.: Manuel de Oliveira?

Inf.: É cunhado. Esse já faleceu.

Doc.: E Nina?

Inf.: Nina? É minha concunhada casada com... com meu cunhado.

Doc.: Ela mora onde?

Inf.: É lá ne... ne Pintada também, essa Taboa.

Doc.: Taboa é uma fazenda? [...]

Inf.: Taboa é roça é, fazenda [...].

Doc.: Porque Jesuíno, Zulmira e Nina moram lá, né?

Inf.: Zulmira, esse Jesuíno, tudo mora pra lá afastado um do outro, mas na mesma fazenda Taboa.

NARRATIVA Nº 02 – ASC

Nome completo: Ana Santana Cordeiro.
Filiação: Alvino Antonio de Santana e Francisca de Almeida Santana.
Naturalidade: Fazenda Lameiro Remoaldo, município de Conceição do Coité.
Data de nascimento: 01 de janeiro de 1936.
Idade: 79 anos.
Estado civil: viúva.
Escolaridade: 4ª série do primário.
Principais atividades: dona de casa.
Lugares onde viveu: Viveu até os 19 anos de idade na faz. Lameiro Remoaldo, no povoado Goiabeira, no município de Conceição do Coité-Ba; passou quatro meses na zona rural de Nova Fátima-Ba; depois três meses na sede do município de Conceição do Coité, até ir morar na faz. Cabana, no município de Ichu-BA. Depois, mudou-se para a zona urbana de Ichu, onde mora no momento da entrevista.
Perfil: calma, descontraída.
Gravação da narrativa: : 21 de fevereiro de 2015, às 14h30, em Ichu.

[...] Doc.: Sim, aí a senhora lembra o que de... dos ensinamentos dos pais da senhora?

Inf.: Sim, meu pai ensinava a gente assim, se errasse eles agia, trabalhar só era trabalho de roça que a gente fazia, num tinha outro trabai... caminhei de uns, assim de uns oito ano em diante pra pra escola... até quando eu... fui até quarto ano... daí por lá... também parei por aí... foi trabalhano de roça mehmo.

Doc.: E a escola da senhora era onde?

Inf.: Ah, minha fia, era longe... era como daqui na Barra... a gente ia de pé, os camim den'numas Catinga, passava duas turma de animal carregado, de manhã e de tarde, e a gente ia tudo com as percatinha na mão e a lama atolano [inint] quando chegava na... era Deus que na chegada da escola tinha um tanque... aí agora a gente lavava os pé pra cabar de chegar. Aí a gente gostava, que ia dezoito numa turma.

Doc.: E como era o nome do lugar onde a escola ficava?

Inf.: Fazenda Mucambo.

Doc.: Hum...

Inf.: Mucambo.

Doc.: É município de Coité?

Inf.: É... é entre... é quem vai de Coité pra Salgadália, aí cando chega assim numas duas légua ou mais... de Coité, droba aqui pra... aonde é o Mucambo, ali da fazenda, a gente dobra agora vai pra Goabeira e segue pra Salgada.

Doc.: A senhora lembra o nome da escola?

Inf.: Ó o nome da escola... era... era... Regina... era Regina... agora num me lembro o sobrenome dela direito, só me lembro de de Regina Matos, agora o outro sobrenome eu não lembro não... sabe? Que era a o nome da escola, era o mesmo nome que era o nome dela que era... aqueles pessoal quando, antigamente, quando vinha uma professora aquele nome que a prof... que a professora viesse, aquele nome ficava dano a gente nos caderno, mas [inint] demorou uns dez ano, eu também já tinha saído de lá.

Doc.: Então a professora não era de lá, ela veio pra...

Inf.: Era de Salvadô mas ela... o pai dela morava em Coité, aí ela vei pra ensinar a gente...aí no Coité, depois deu um desacerto brabo aí com ela e com o marido e tudo, aí desapareceram no mundo, nunca mai eu tive notícia dela e... e... depois dessa a gente ficô... ah... ah... estudano na Goabera mehmo que meu... meu padrinho fez uma casa grande pra escola e arrumou uma professora e aí [inint]... e até até Jade mehmo inda estudou nesse... nesse colejo.

Doc.: E a senhora lembra quando que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Minha fia... ah leitura de hoje é diferente do tempo da gente, do tempo da gente a gente tinha que aprender primero fazer, lê a carta de abc, toda, e também escrever, aprender fazer todas ah letra do abc... até o final [inint] da carta de abc toda também, pra depois agora a gente passava pra cartilha, aí a gente aprendeu mais... o de hoje eu não sei ensinar ninguém não... porque ô... que leitura hoje é diferente, vixe nossa senhora.

Doc.: E os pais da senhora sabiam ler e escrever?

Inf.: Não minha fia, não... é mais difícil pra ler porque num tinha quem ensinasse um nome a gente, que a gente não acertasse, a gente tinha que fazer a marquinha pra levar amanhã pra professora ensinar a gente muitas veze, pra gente aprender [inint].

Doc.: Mas na casa da senhora tinha... na casa dos seus pais tinha livros, tinha materiais de leitura?

Inf.: Não minha fia, só tinha o da gente quando a gente começou a estudar... nem pai nem mãe neum estudaro... neum sabia ler... agora quando a gente pegou a... a fazer o nome da gente, o nome de pai, de mãe, dos irmão de dento de casa todo né... aí tinha dia que a gente pegava fazia, pai chorava mais mãe... porque diz que a gente já tava sabeno o que eles num sabia né... porque naquele tempo era tudo assim atrasado.

Doc.: Mas eles gostavam de contar história? A senhora lembra?

Inf.: Ah eles contava aquelas histo- ... agora não contava pa gente não... que naquele tempo os pai num... num contava histora prus filho não, eles contava prus colega, tempo assim de... de descasca de milho... de... de ranca de mandioca, que rancava um mês dois de mandioca... aí juntava muita gente labutano, final de semana vino pá fazer beju, a famia [inint] das mãe

vinha ajudar com ar mandioca e no... e no dia dos beju vinha pai vinha com tudo, passava a noite, perdia a noite aí contano histora, mas a gente não ia perto não, eles não deixava não, quando a gente ia ficava assim um poquium "que que tá fazeno aí? Que qui tá... quem chamô aí?" a gente não podia escutar nem uma nem uma histora que contava (rindo)... não contava não, agora finado Mirão contava a gente... eu me alembro, antes d'eu casar ele contava tanta histora a gente, só era pra gente dá risada com ele. [...]

Doc.: E hoje em dia, a senhora gosta de ler? Ainda lê alguma coisa?

Inf.: Tem dia que'u lêo mas tem... mas sô mei preguiçosa... pra ler, mas eu leio.

Doc.: O que assim, o que que a senhora pega pra ler?

Inf.: Assim... eu leio um...como bem... o livrinho qui ritira o folheto da... que vem da igreja, tem dia assim que eu leio a historinha ni um livro... sempre assim bestano né... ma é poco... eu não gosto de lê muito muito não... dizer assim eu vô me canfifar por isso não, mas leio mas num precisa muito [inint].

Doc.: Já a educação dos seus filhos como é que foi? [inint]

Inf.: Graças a deus foi bem porque... quer dizer, os mais novo... os mais velho [ ] [inint] só fazia o que [inint] queria, os minino trabalhava ni corte de sisal mais o pai pra sustentar a casa... eles num deixava que Neso deixasse os menino estudar... bem Jurandi, Joaninha [inint], aprendero não... aí depois que eles já tavam graúdo, que apareceu aquela escola do nobral...

Doc.: Sim...

Inf.: Mariquita foi... ensinar essa escola... aí foi que eles pegaro ir toda noite, aprendero a fazer o nome deles... má assim mesmo Joaninha é um nervoso tão medonho, se a gente disser assim "Joaninha fai aqui teu nome" e for prestano atenção... e ficar olhano ele escrever, num sai nada... é só é garrancho.

Doc.: Dona Ana, e dona Ana Helena?

Inf.: Agora He... Helena... Helena foi boa pa estudar [ ] [inint] agora chegô a escola da Mumbuca [inint] trabalhava na roça e vinha pra escola de tarde [inint] Helena num chegou a si formar porque no tempo dela se formar ela casou... agora Eliana se formou... Eliana... Dai... Tuca... An... An... não, foi Eliana, Dai, Antonho, Tuca, esse se formaro.

Doc.: Ana Helena estudou no Mobral também, não foi?

Inf.: Começou.

Doc.: Começou no Mobral?

Inf.: Começou no Mobral.

Doc.: Lá na Mumbuca mesmo?

Inf.: Na casa de Mariquita... Aí quando passo... quando eles passaro pra estudar na Mumbuca, já num foi mais nobral já foi a escola de... de estado... agora só num mi lembro... era Aristela... a professora... era Aristela foi na Mumbuca... ela... ela ia ensinar na Mumbuca... a gente já ria, com Aristela... ela saía da casa dela, ia pra Mumbuca ensinar, trazia uma uma... uma sacolinha com a a marmitinha dela, vinha pra qui, comia, ia pro colejo, quando era amanhã de manhã, ela tornava ir por lá, tornava votar por aqui, era assim...

Doc.: Olha pra isso!

Inf.: Foi... e aí, tudo de pé... tudo de pé... ô mia fia... aquela ladeira que tinha ali... ah ladeira... e assim mehmo... ninguém nunca perdia... mas hoje... quando eu digo aos menino que hoje tudo é fácil [inint] ruim já passou.

Doc.: E as cartas? A senhora escrevia... escreveu algumas cartas, não foi, na época...?

Inf.: O que existia foi os que Jade pegou os papel veio tudo, que ali só presta pra juntar coisa vea... todo dia eu digo a ele.

Doc.: É isso, mas a senhora gostava de escrever carta, né?

Inf.: Eu sempre escrevia, escrevia pra... [inint] a familha da gente pela parte de pai é grande e mora em Calda de Cipó... e tinha um tio da gente que vinha quase toda semana, em quinze em quinze, em mês em mês... os primo também vinha... de pai... aí a gente... a gente conhecia as filha deles de vez em quando a gente dava um pulinho lá... de Jegue... dois dia três, pra chegar lá e aí... a gente tomou conhecimento e escrevia umas pra sosota, pelos pai mehmo quando ia e quando vinha... é essa... mas tirando isso...

Doc.: E os cadernos e os livros de quando a senhora estudou, a senhora tem algum ainda?

Inf.: Ô eu não tenho não... tenho não, porque os menino foram bulino, bulino, até que acabou... eu tinha um resto do quarto livro... que era era compreto, mas Neso botou uns abc daqueles abc de poesia de-... numa caxinha assim de papelão, botou meu livro junto, quando deu fé o rato tinha (bombado)... rueu um bucado de página do meu...do meu livro.

Doc.: Seu Neso era seu esposo...

Inf.: É... Neso li... lia meno de que eu... Neso era igual a Jurandi mais Joninha, só sabia fazer o nome a pulso [inint] [...]

NARRATIVA Nº 03 - ACO

Nome completo: Antonio Carneiro de Oliveira.
Filiação: João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira.
Naturalidade: fazenda Pau de Colher, Riachão do Jacuípe-BA.
Data de nascimento: 1957.
Idade: 59 anos.
Estado civil: casado com Zenilta Bispo Oliveira.
Escolaridade: estudou pouco em casa, com a mãe.
Principais atividades: lavrador.
Lugares onde viveu: nasceu e viveu na fazenda Pau de Colher.
Perfil: pouco falante, introvertido.
Gravação da narrativa: 10 de janeiro de 2017, às 14h, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe.

Doc.: O senhor lembra o quê da sua infância? O senhor lembra da sua infância... como era? (superp. de fala da filha: "trabalhano, né pai?").

Inf.: Ah, lembro de tanta coisa... eu lembro de tanta coisa do tempo que a gente brincava eu mais Zeca e compade Hidebrando... brincava no tempo do... pulava dento do tanque, dano merguio, era os dia de domingo era os dia de foga da gente e jogar bola, somente.

Doc.: O senhor nasceu aqui mesmo na... na... na Pau de Colher?

Inf.: Eu nasci ali na fazenda aí na casa na vea aí, aqui só... aqui só quem nasceu aqui só foi a galerinha... meus filho... foi...

Doc.: E o senhor lembra como que aprendeu a escrever?

Inf.: Ah... com muito trabalho, eu ia pra roça quando era mei dia mãe dava... que eu num tive escola eu aprendi com mãe... mãe dava era... era lição... chamava lição, enquanto num desse... enquanto num desse num... num ia pra roça... era assim era pra dizer desenvolvido... ler desenvolvido a lição era assim enquanto ela num sabia... era...

Doc.: Ela usava algum livro, alguma...

Inf.: Hum?

Doc.: Ela usava algum livro tinha algum material de leitura, pra dar essas lições?

Inf.: Não. Ela... comprava os livro pra gente ler... mas era mehmo da da... da... de escola mesmo agora (rindo)... a gente teve o ABC primeiro... depois... [inint.] cartilha, parece... e a gente só estudou parece que foi segundo ou foi terceiro... ano.

Doc.: Com ela ou chegou a ir em alguma escola?

Inf.: Com ela. Nós num saia pra fora não. Aqui eu era dento desses pasto aí limpano mandioca... era de segunda a sábado, cinco horas da tarde que pai dizia que domingo ia brincar (rindo).

Doc.: Os pais do senhor gostavam de contar história? Aquelas histórias infantis?

Inf.: Ah não... não... história aí não (rindo).

Doc.: E as cartas, o senhor lembrava quando foi que escreveu? O senhor escreveu cartas?

Inf.: Se eu lembro quantas carta?

Doc.: Não, o senhor escrevia cartas, não era?

Inf.: Só pela metade assim (rindo) aí tem muita é... é mais da mulher aí, que ela escrevia antes de eu casar (rindo) aí no tempo que a gente era noivo ela escrevia sempre, nesse tempo não tinha telefone era carta mehmo.

Doc.: Mas o senhor escreveu para ela também?

Inf.: É [inint.] escrevia pra ela... fazia de todo jeito aí ela lá entendia como quisesse (rindo).

Doc.: O senhor trabalhou a vida toda aqui ou viajou algum período?

Inf.: Rapaz oh eu trabalhei desde pequeno que trabalho é aqui... desde pequeno que a gente nasceu... e quando a gente já tava com seis ano pai já botou na roça... e aí a gente tá... hoje não que a roça não dá mais nada [inint] tem que sair pra fora.

Doc.: Mas o senhor trabalhou fora algum período, em Salvador?

Inf.: Não. Eu trabalho só por aqui de Gavião... Gavião... é... Santa Luz... Queimada, é os lugar que eu já tive trabalhano...

Doc.: E hoje o senhor lê alguma coisa, escreve?

Inf.: Não, se for pra... pra eu ler, ler, agora o negócio é a vista que não tá mais vendo. [...]

Doc.2: Hoje, por exemplo, atualmente, o senhor ainda escreve, lê alguma coisa assim, faz algum tipo de trab-?

Inf.: Rapaz, eu faço argum nome... (rindo) faço argum nome... (superp.) o negócio rapaz é que... ó... tem coisa assim que eu vou escrever, arguma coisa assim como... pocos dia mehmo fui fazer uma carteira, a identidade e CPF, CPF não, a profissional... aí... é... eu to veno eu to escreveno, mas as vez intrapalha por causa que a visão tá mei poca.. é... mas nunca perdi o treino inda não (rindo)... é.

Doc.: Mas o senhor lembra-se da sua infância tinha alguma escola na região, alguma professora, não né?

Inf.: A professora que tinha aqui era... dá quase uma légua.

Doc.: Que era onde mesmo?

Inf.: Ficava ali na... perto ali na Queimada Nova é... mas nesse tempo aí pai não botava na escola não (superp.).

Doc.2: O senhor nunca foi numa escola normal, né?

Inf.: Rapaz, a escola daqui só era mãe que ensinava a da gente.

Doc.: Mas ela ensinava pra outros meninos também ou só os filhos?

Inf.: Não, só pra gente mesmo... a gente quando chegava da roça, a gente cabava de almoçar dava um tempinho ali “vai pegar o livro” (rindo) é tanto que conta a gente uma besteirinha que eu sei foi aprendido depois, que ela não sabia... foi.

Doc.: Só dona Almerinda que sabia escrever, seu Pitanga não sabia não, ou sabia também?

Inf.: Pai sabia.

Doc.: Sabia também, né?

Inf.: Sabia... mãe e pai sabia, agora pai na hora que dava uma hora pulava pra roça (rindo).

NARRATIVA Nº 04 - AFS

Nome completo: Antonio Fortunato da Silva.
Filiação: José Vitorino de Souza e Maria Conceição da Silva.
Naturalidade: Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA.
Data de nascimento: 06 de setembro de 1936.
Idade: 79 anos.
Estado civil: casado com Gertrudes. Atualmente é casado com Maura Ribeiro da Silva.
Escolaridade: não frequentou a escola.
Principais atividades: lavrador. Passou uma temporada em São Paulo trabalhando como ajudante de pedreiro.
Lugares onde viveu: morou durante algum tempo na faz. Carrancudo, em Mairi, BA. Em 1958, ele esteve em Ribeirão Preto, SP, para servir ao Exército e, em 1961, voltou para São Paulo, para trabalhar, onde viveu até 1965. Depois também morou no município de Mundo Novo e em Pintadas, município de Ipirá, BA. Atualmente mora em Riachão do Jacuípe, BA.
Perfil: Extrovertido, falante.
Gravação da narrativa: 04 de setembro de 2014, às 15h, no Bairro Santa Mônica, em Riachão do Jacuípe.

[...] Doc.: O senhor foi pra São... pra São Paulo pra trabalhar?

Inf.: Fui trabalhar... fui trabalhar em sessen... ni cinquenta e oito.

Doc.: E por que o senhor decidiu ir lá pra São Paulo, assim?

Inf.: Filha, é porque naquele tempo... era um tempo muito... (superp. de fala da esposa: "ruim").

Inf.: Bom... não. (superp. de fala da esposa: "de seca").

Inf.: Não, um tempo bom a visto hoje mas... ao custo de vida mesmo... era pior de que aqui... a hoje sabe porque hoje... hoje... daí pra cá modificou tudo, diantou tudo, o pessoá diz que hoje tá ruim, tá? Não, ao visto meu tempo hoje tá ótimo... a visto meu tempo hoje nada melhor... é porque... quem arcan... porque o [inint] de hoje não arcançaro aquele tempo mas quem arcançou meu tempo... acha que hoje tá uma maravilha porque no meu tempo ninguém... num conhecia o que era um arroz... um macarrão... nada disso existia nada disso existias... e naquele tempo eu pegava mais meu pai em cinquenta e dois numa seca que teve... eu pegava uma xica de farinha... uma xica de farinha daquela de tomar café... e botava numa mochila ia trabalhar no garimpo carregano cesto de barro na cabeça e comia aquelas... aquela farinha seca meio dia e bebia água... e hoje... [...]

Doc.: E aí, lá em São Paulo o senhor trabalhava em quê?

Inf.: Em São Paulo eu trabalhava minha filha era... serviço braçal... serviço braçal, ajudante de pedreiro e tal... eu servi o exército em cinquenta e oito em São Paulo é... Ribeirão Preto [inint]

e aí... voltei... vim... vim embora e voltei em sessenta e um... sessenta e um até sessenta e quato eu tava em São Paulo, sessenta e quato eu vim não voltei mais.

Doc.: E voltou pra onde, pra...?

Inf.: Fiquei aqui mesmo, por aqui rodano só por aqui mehmo.

Doc.: Na roça?

Inf.: É, na roça... rodano aqui por Ipirá... Mundo Novo... Riachão... fiquei por aqui mesmo, né? meus filho hoje que mora tudo pra lá, eu tenho oito filho em São Paulo... é... hoje meus filho mora tudo lá sempre sempre eu tô lá.

Doc.: Aí quando tava lá o senhor resolveu escrever as cartas?

Inf.: É... essas carta eu fiz de lá sem saber a ler... eu nunca tive um dia de escola... eu via as carta dos outro... eu pegava as carta dos [inint] olhava pras carta assim escrevia essa... se'u li dizer que eu já tive um dia de escola tô li contano farso... nunca tive um dias... nunca tive um dia... eu olhava pra caneta dos outro escrevia a... a minha... a minha... copiava da dos outro eu olhava pela dos outro copiava a minha...eu digo... naquele tempo pai era difíço botar um filho na escola num tinha condições... pai não tinha condições nem pra comer nem pra sustentar um filho [inint] botar ne escola... e quando existia uma escola era bem longe só botava quem tinha dinheiro... as criança ia montado de animal, nós não... e aí eu escrevi ne São Paulo ne cinquenta e... essas carta aí que eu fiz foi de cinquenta e oito... escrevi pra Bahia... lembrava dos amigos tinha sodade dos amigo muita sodade... aí os... os cara que tinha carta escrevida... olhava olhava [inint] ia fazeno eles ia me ensinano, e aí escrevia quato cinco... oito... dez... tinha vez de escrever dez carta pra Bahia... aqueles garrancho, aquelas cartinha... aí foi ino... aí, dispois eu vi um irmão falano na Bibla assim sobre a Bibla sagrada... que Deus... lá mehmo em São Paulo nesse tempo que eu estava assim, né... eu tinha aquela vontade de aprender de a ler e num tinha como, aí eu fui numa... numa vez num... num culto numa... numa... numa reunião de... de evangélico, que toda vida teve, né? Tu sabe, né? Mais difiço mais teve, aí ele... leu uma passage que tem na Bibla... [inint] clesiaste [inint] povérbio "A sabedoria verdadeira é a de Deus, a do mundo muitos dela se torna em locura"... de fato que é mesmo... aí quando eu vi essa palavra eu digo "meu Deus, se a sabedoria verdadeira é a de Deus pra que eu quero aprender do propri home?" aí eu botei aquilo aqui na mente, na cabeça... "meu Deus senhor...". (superp. de fala da esposa: "é isso mesmo").

Inf.: "Se eu tiver merecimento eu quero que me dê sabedoria verdadeira, aquela que tu deu Salomão", que na Bibla diz, Salomão foi o rei mais sábio que existiu na face da terra... Salomão pediu a Deus sabedoria, Salomão num pedia a Deus outra coisa a num ser sabedoria

e Deus deu tudo competo a ele... aí eu... me improrei naquilo fiquei com aquilo... se a sabedoria verdadera é de Deus... (superp. de fala da esposa: “abre o olho mô”)

Inf.: A do mundo... a do mundo diz que é locura pra que eu quero sabedoria do mundo, a vista pra ser um loco? Aí botei aquilo na cabeça, foi nada não e aí eu pedi a Deus... e Deus (fei) que eu tenho um pouquinho de sabedoria um pouquinho de desenvolvimento [ ] [...].

Doc.: Mas o senhor lembra quando foi que o senhor aprendeu a escrever?

Inf.: Rapaz, foi nessa data que eu... ne cinquenta e oito eu tava em São Paulo mesmo... uns pessoal escrevia pra Bahia, uns amigo escrevia pra Bahia, eu tinha vontade, aí eu pedi a eles... eles pegaro [inint] pegava umas letra escrevia aquela letra, me ensinava assim, eles fazia... copiava e eu fazia, né... até que eu... até que eu deus... Deus abriu minha mente e eu aprendi essa leitura [inint] eu tenho letra aí eu tenho rúbrica aí que eu faço ne certidão [inint] té no foru mehmo que eu escrevo no foru, né? Que eu sou um... no foru eu tenho um tito... eu sô um devogado, adefensor espiritual dento do foru de Riachão... e né dento do foru, é ne qualquer lugar na parte do mundo... [...].

Doc.: E o senhor gostava de ler, naquela época?

Inf.: Gostava, eu gostava de ler, eu tinha aquele fanatismo de ler... mas nunca tive ne escola, meu pai nunca teve condiçõe de botar, quando eu via os’outo ler, eu ficava com aquela...aquela... com vontade de aprender e num tinha com’é que ia...vai aprender a... a leitura assim... sem ir na escola, né? E aí...

Doc.: E o senhor lia o quê naquela época?

Inf.: Eu?

Doc.: Hum, o quê que o senhor lia?

Inf.: Que eu lia?

Doc.: Hum, o quê?

Inf.: As veze o pessoal pegava aquele livro [imint] papel que tinha aquelas letra... e ali eles via [inint] meus amigo lá de São Paulo, eles trabalhavon [...] a noite e o dia eles ficava e aqueles cara que... que sabia ler ficava leno pegava aquelas gazeta, aqueles papel ia leno, eu ficava só olhando, observano, né? Observano eles leno aquilo ali e eu ficava naquela vontade, eu dizia “eu tenho vontade” ele dizia assim “com’é que você aprende sem ir na escola?”... eu disse “rapaz eu vi.. um eu vi um irmão na na... eu vi um irmão essa semana falano na... na... lá no... culto lá leno a Bibla e dizeno que a sabedoria verdadeira é a de Deus a do mundo é locura” e aí eu acho que... eu... eu vô pedir a Deus que me dê um pouco de sabedoria [ ] Salomão foi o reis que pediu a Deus sabedoria e ele deu compreto, aí eu fiquei nesta aí e leno aquelas passage... procurano ler pa intender e eu sei que... foi por Deus mehmo que abriu a minha

mente e colocou quilo ali porque pra o home tudo é impossive agora pra deus minha fia, tudo é possive.

Doc.: E quando o senhor morava na roça, lá tinha alguma coisa pra ler?

Inf.: Não... não que morava... nós morava no subúrbio... morava daqui a dizoito quilômetro... (superp. de fala da esposa: “dentro dos mato”).

Inf.: Criei é... trabalhano desde criança mais meu pai é... tempo de seca dá... dava água a animal era... era uma luta... num tinha num tinha escola... num existia escola... existia escola mas quem estudava naquele tempo? Filho de ó... uma pessoa naquele tempo pa formar um filho, ter um médico... um filho formado, ele é burguês é... nem a certo arguma pessoa da roça fazendeiro... que já era fazendeiro... que tinha umas condiçãozinha... às vez tinha pena de gastar o num gastava o num queria... os pessoal... cê sabe que o desenvolvimento de leitura... desenvolvimento mesmo... é o quê? De uns... cinquenta ano pra cá... é d’uns cinquenta ano pra cá... eu tô com setenta e sete [inint] de cinquenta ano pra traz... o desenvolvimento é de cinquenta ano pra cá... cê vê que os pessoal mais desenvolvido [inint] vê que é do quê? D’uns cinquenta ano pra cá... quarenta ano pra cá [inint] [...].

Doc.: Tinha alguma professora na região?

Inf.: Tinha o quê?

Doc.: Tinha alguma professora na região?

Inf.: Não na... na... na casião... nessa ocasião num tinha e se tivesse, era longe, era longe e mesmo se tivesse num... eu num tinha como estudar porque meu pai é... eu é quem trabalhava com meu pai com doze ano, teze ano, catoze, quem trabalhava era eu pra sustentar familha.

Doc.: E seus irmãos?

Inf.: Meus irmão era tudo menor.

Doc.: E Salomão?

Inf.: O Salomão era o mais velho de todo, o Salomão era o mais vei de todo, mais o Salomão era... nesse tempo já era rapaz, já saía pá fora, já tinha saído.

Doc.: Ele aprendeu a escrever também?

Inf.: Não, nunca soube a ler... nunca soube a ler.

Doc.: Mas ele escreveu umas cartas também...

Inf.: Salomão?

Doc.: Sim.

Inf.: Bom! Ele... logo... mas ele... logo nessa data que eu era pequeno não, mais todos que ele aprendeu dipois de... né? Que ele casou [inint] pra Mundo Novo, ele casou em Mundo Novo e

ele... né? eu não sei se ele... essas carta que ele fez, agora a Angélica sabia um pouquinho a ler... a Filomena sabia um pouquinho... a Áquida, que chama fiinha...

Doc.: E elas aprenderam como? O senhor lembra?

Inf.: Elas aprendero... é... porque quando... elas... quando surgiu uma escola... quando surgiu a escola... elas... elas ia estudar... longe, e eu mais meu pai eu num tinha... o Salomão era o mais velho, o Salomão logo saiu foi [inint.] sua vida, ficou eu... Carlos era o pequeno, Carlos era o pequeno era... num podia fazer nada, eu mais meu pai era quem trabalhava pra... pra dar de comer ao...ao resto da familha.

Doc.: E o senhor lembra onde era a escola das meninas?

Inf.: Essa escola dar menina... era no Mo-... num lugar que chamava Mocó... essa escola tinha uma escola numa ocasião... mas eu tinha vontade de ir... ne... na...na escola, mas papai "com'é que eu vô le botar? Quem trabalha comigo? Quem vai lutar mais eu? Quem vai trabalhar?" num tinha... aí também foi poucos dia de escola, aprender pouquinho, só assinar o nome... era só assinar o nome só, a leitura de minhas irmã foi essa, só de assinar o nome...aí... leiturinha pouca... [...]

Doc.: E dos seus pais, o senhor lembra dos ensinamentos deles? Eles gostavam de contar história?

Inf.: Lembro, lembro, do meu pai, eu lembro do meu pai, de minha mãe... eles contava aquelas historia... que hoje o pessoal duvida... ninguém credita nas historia que eles contava naquele tempo... o pessoal acha que seje té mentira.

Doc.: Eram histórias sobre o quê?

Inf.: É... falava daquela... do pessoal... do do pessoal mais velho... do pessoal mais velho... um rapaz pa casar numa casa... ia via ia pra... ia numa casa pra casar, chegava lá as... a moça num saía fora... a vei quando chegava assim, num olhava assim pra fora, uma vinha até aqui, olhava votava pra traz, os pai sentado ali, elas não vinha, os pai sentado ali convessano com rapaz a moça não vinha... a moça num vinha... conversar com aquele rapaz... o rapaz interessava casar com a moça, tinha quatro ou cinco moça interessava casar... falava com o pai da moça pra casar com a filha dele... e...e num escolhia qual era a moça pra casar... ele diz assim "Você vai casar com a... com a mais velha... você vai casar com a mais velha... porque as outra tá verdinha, chamava de novo era verde, as outra tá verdinha, você casa agora"... e fazia o casamento... num sentava de junto não, um de cá outro cá quando [inint] o rapaz falava com o pai da moça "Eu quero casar com sua filha com a filha sua" ele dizia "É" a vez é conhecido, quando num conhecesse a famílha, ia conhecer a familha do rapaz "Você é filho de quem? Da onde assim?" e o pai da moça entrava, pegava, ia lá na casa do pai do rapaz

conhecer a familha, dizia “Seu filho quer casar com minha fia”, tal e tal... aí concordava tanto o pai da moça como o pai do rapaz pa casar... mas a moça chegava [inint] chegasse de cá... [inint] um sentada de lá outro de cá... num chegava pa encostar de junto, num tinha aquele namoro de garrar, não... num tinha... contava tanto caso, né? E aí... casava o casamento, sabe acontecia? Delas que levava quinze dias sem o marido tomar conta da mulé... dispois os pai da moça pegava a moça, o pai e a mãe, pegava, ia levar na casa do rapaz “Já fez a casa?” “Não”. “Vá fazer a casa”. Aí o rapaz ia fazer a casa primeiro, se já tivesse casa [inint.] “Vá fazer sua casa” o rapaz ia fazer, depois que fizesse a casa, juntava os dois pai [inint.] fazia o casamento, a moça casava, passava oito dia, quinze, um mês ou mais de acordo, aí... quem... os pai da moça mais a mãe pegava, chegava, entregava lá na casa do marido, e já tinha casado a quinze dia ou a vinte ou trinta dia. Contava aqueles caso todo... isso tudo eu me lembro, é os caso de... é...

Doc.: E sua mãe? Sua mãe sabia ler e escrever?

Inf.: Não, nunca soube, nem minha mãe nem meu pai nunca soube ler... nunca souber ler não... ela nunca aprendero a leitura, né? E [inint.] caso aí, minha filha, desse pessoal mais velho que ninguém acredita muito mais. [...]

Doc.: A sua casa quando o senhor morava com seus pais era...é... lá perto da Fazenda Pau de Colher?

Inf.: Era ali pertinho, Pau de Colher foi... era ali perto do Pau de Colher mesmo...

Doc.: Perto da casa do seu Pitanga.

Inf.: É isto é [...] tudo ali era meus amigo [...].

Doc.: Quando o senhor foi pra São Paulo seu Pitanga que ficou tomando conta de sua roça?

Inf.: Foi quando eu fui pa São Paulo foi, Pitanga, foi... e aí criemo assim tal porque minha mãe faleceu em cinquenta e dois no dia... minha mãe faleceu no dia vinte e dois de junho de cinquenta e dois, é tanto que eu era menino e aí... de dois a três ano... eu fazia aquela...aquele diversão, sotar foguete e disso pra cá, quando minha mãe morreu... desse dia, eu não... pra mim... parei, eu fico recordano aquele dia [inint] fico recordano esse dia aí... e aí, parou... a festa de São João... eu não tenho diversão com a festa de São João [...] O que se passô com a gente em criança a gente lembra tudo... agora num adianta o que tá passano [inint.] com oito dias a gente esquece de tudo [inint] o juízo era fino decorava tudo e ali num... num, né? o que passou com a gente com doze, treze, dez ano, oito ano, nove ano, se lembra de tudo... caso que se passou comigo com oito, nove ano, me lembro de tudo... agora o que se passa daqui a quinze dia atrás... eu já esqueço... o juízo parece que a mente da gente [inint] naquele tempo a mente da gente é saldio, né? [...]

Doc.: Sua fazenda era no município de Coité ou de Riachão?

Inf.: Ó... ó... Pau de Colher ficava divisão... Pau de Colher, Dormida, Mucambo, é divisão de Riachão com Coité [...].

Doc.: Mas o senhor não guardou nada daquela época? Nenhum escrito daquela época não, né?

Inf.: Não... não... daquela época não... mas eu... e a gente lembra dos... dos passado tudo, dos amigo [...].

Doc.: Mas na época lá na roça o senhor já lia a Bíblia, é? Gostava de ler a Bíblia?

Inf.: Não... que nada... não... a lia não, lia... depois de um... poucos tempo depois que... né? né? Que eu me concentrei pedi a Deus sabedoria e tal e Deus abriu minha mente e eu hoje já leio... [...]

Doc.: Sua mãe tinha uma Bíblia em casa, não tinha não?

Inf.: Hum?

Doc.: Sua mãe tinha uma Bíblia?

Inf.: Não tinha... naquele tempo [inint] era difiço... era difiço... naquele tempo... via falar em Bibla e nem conhecia a Bibla... eu via falar em Bíbla e nem conhecia o que era Bibla no mundo... e a Bibla naqueles tempo era escondida... os pade tinha ela num mostrava pa ninguém, ninguém tinha... ninguém tinha [inint] de pegar numa Bibla... pade... só pade pega lá pra ler assim... latim ainda, falava as coisa que você nem sabia nem o que que tava falano... em latim, hoje tá bom pa todo mundo pegar e lê e decidir se...e conhecer a verdade, né?

Doc.: Quando o senhor começou a ler foi quando? Foi lá em São Paulo?

Inf.: Foi... eu (peguemo) lá de São Paulo, quando eu cheguei na Bahia cabei [inint] aí... me desenvolvi... mais aqui quando eu cheguei... quando eu peguei leno lá com os menino lá... tá... aí eu... quando eu cheguei aqui eu... eu me implorei nisso [inint] pessoa, pedia as pessoa “me ensina aqui” é? Aí a pessoa me ensinava, né? As pessoa que num... num ia (via) que num fui ne escola [inint] “me ensina aqui”, falava...a pessoa a vez falava assim, “e tal e tal”... eu aprendi assim... por lei vontade, por destino mesmo, né? E você sabe quando Deus tem prano e a gente quer, a gente se tem força de vontade... chega onde... onde quer, né?... a gente é o que... o que que... o que tiver força de vontade pa ser aquilo, se num tiver também...

Doc.: Aí quando o senhor tinha essas dúvidas perguntava assim a alguém. Quem era que lhe ajudava?

Inf.: Não, às vezes quando eu tinha assim uma dúvida assim ou (qualquer coisa) a pessoa perguntava aquelas pessoa que entendia mai do que eu, que sabia mais do que eu “Isso assim como é que faz... como é que isso? A pessoa me ensinava... e eu... aí fui... aprendeno assim, né? Aprendeno assim por conta própria, por lei vontade por... né, por minha força de vontade.

Doc.: Essa escola que o senhor falou que tem... tinha lá no Mocó que suas irmãs estudaram, o senhor chegou a conhecer essa escola?

Inf.: Ó, eu nunca fui nessa escola, mas eu sei que teve essa escola, sabe por quê? Que minhas irmã estudô outro dia... poucos dias, aprendeu pouquinho assinar o nome, sa... essa escola, a mulé chamava quem?... Dinamérica... tinha o apelido de Lua.

Doc.: A professora?

Inf.: Lua... Dina... o nome... o nome dela verdadeiro era Dinamérica... Lua... ela num era daqui, não, eles veio... um pessoal... um Antonio do Sobrado, um machante de gado, pro Mocó, comprou ali a fa... que hoje é de João Souza, hoje é a Pindorama ali, perto... de Cha... Chapada... pra cá um pouquinho, perto... encostado ao Mocó... e essa mulé veio, ensinou poucos dia na casa do meu avô... de Zé de Angerca... do meu avô, teve essa escola [inint.] as menina aprendero... negoço de poucos dias um mês... um mês e meio... e pouco... esse Paulo... Paulo que mora nas Campina... estudô nessa escola.

Doc.: Era uma casa?

Inf.: Era uma casa, a casa de meu avô, era a casa de meu avô, ensinava assim, numa salinha assim, como essa assim, era na roça [...]

Doc.: E o senhor saberia quem trouxe essa mulher pra... essa professora?

Inf.: Ó... essa mulé, essa professora [inint] que era professora... quem trouxe foi um homem, chamava Antonho do Sobrado... ele era machante de gado... aqui ne Riachão tinha... [...]

Inf.: [...] Não teve aqueles tito de papé que tem aquele foto deste tamanho, aqueles cartão? Dos tito vei de tigamente aquele... ele é um cartão deste tamanho quadrado com foto, e teve aquela transferência pra esses tito novo... pras esses tito... renovar aqueles tito... eu cadastrei... mil e oitocentos tito aqui de Riachão [...] eu fiz um cadastramento muito grande aqui, eu pegava identidade do povo, registro, certidão de casamento, saía no Riachão todo fazeno esses cadastro, eu cadastrei muitos... mil oitocentos e tantos tito aí...

Doc.: Isso foi quando?

Inf.: Rapaz, isso aí foi quando João Emílio foi deputado... agora cadê lembrar o (nome)... o ano... a data... eu sou esquecido demais... não tô lembrando assim ligeiro assim não... não tô me lembrando não, o ano... foi a primeira vez que ele foi a deputado, na segunda ele não ganhou, não tô lembrano bem não. Tá velho isso... [...]

Inf.: É... eu olhava...

Doc.: Pra o recadastramento, né?

Doc.: É... eu olhava... eu olhava pra o... pra o... as letra dos outro e fazia olhano... copiano de uma fazeno a outra... eu escrevia carta... eu escrevia carta de São Paulo pra qui cinco, seis,

oito carta pra os pessoal [inint] Pitanga tem essas carta... provavelmente que tem, né? Que eles guardaro essa carta... essas carta lá... daquele tempo em sessenta e um... em cinquenta e oito, essas cartas fazia assim, sem saber... pelo... olhano pelas outra, letra das outra assim e fa... fazeno né? E aí fazia aquela letra toda garranchada... e aí... acho que eu ainda tenho cartas ne Pitanga porque quando eu fui pra lá [inint] escrevia pra esse pessoal daí... pra Pitanga, pra Mariazinha pra esse pessoal daí da... da... os amigo aí... aí eu escre... fazia aquelas carta toda doidada, esgarranchada, sem saber o quê... aí... (rindo)

Doc.: Tá certo... (rindo)

Inf.: As letra toda... fazia olhano por uma, né? E fazeno a outra, né? Com aquelas letra que o pessoal... como é... escreveu... e aquela vontade de, né? Aí tinha um amigo meu... um... um parente meu chamava Chico Nambu, ele já faleceu, ele mora lá em Pé de Serra, ne... ne Serra Branca "esse homem, ave Maria se não estudasse um devogado não tinha quem pudesse" (rindo), mas não tenho inveja não... de não... eu... eu sou o que eu sou o que Deus quer que eu...tá bom... não tem...

Doc.: Mas o senhor lê hoje em dia?

Inf.: Lê... eu lê arguma letra que não seja muito embaralhada, até de médico eu lê [inint].

Doc.: E o senhor costuma ler o quê, assim?

Inf.: Qualquer letra eu leio... leio a Bibla, leio qualquer letra... qualquer letra aí... de imprensa...leio tudo... letra de imprensa, leio tudo tudo, só for... e letra de mão se for muito... se for muito... só se for muito esgarranchada... mas se for uma letra visível eu leio... eu decifro... eu leio... tanto eu escrevo como eu leio... eu, bem verdade eu, né me gabano não, mas... eu, realmente tem muitos... pessoa... meninos de hoje cê vê com uns quatro, cinco, seis ano de escola... [...]

NARRATIVA Nº 05 – DCO

Nome completo: Doralice Carneiro de Oliveira Jesus
Filiação: João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira.
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA.
Data de nascimento: 23 de outubro de 1960.
Idade: 56 anos.
Estado civil: casada com José Sebastião Carneiro de Jesus.
Escolaridade: estudou os primeiros anos.
Principais atividades: costureira. Dona de casa.
Lugares onde viveu: quando casou, morou quatro anos na sede do município de Riachão do Jacuípe, mas depois voltou para a faz. Pau de Colher.
Perfil: extrovertida, calma.
Gravação da narrativa: 30 de junho de 2016, às 10h, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe.

[...] Doc.: Tu lembra assim quando que tu aprendeu escrever?

Inf.: Menina, num lembro não... eu já tava, o quê? C'uns catoze ano... porque naquele tempo num tinha escola assim... lugar de... professor pa ensinar, aí quando eu já tava grande... aí nós fomo, né? Aí foi que eu aprendi.

Doc.: E foi pra onde?

Inf.: Aqui mesmo... teve uma... é gente da família da gente mesmo que era professora... aí ela convidou para começar a... a escolinha dela... ela começou com a gente.

Doc.: Tu lembra o nome dela?

Inf.: Maria das Neve. [...]

Doc.: Não mora mais na região não...

Inf.: Não. Tá em Tiúbas hoje.... Queimadas, que diga.

Doc.: Aí você frequentou quanto tempo [...] essas aulas dela?

Inf.: Menina, eu passei uns quatro ano.

Doc.: E onde era?

Inf.: Aonde era? Ali no Mucambo. Ficava pertinho.

Doc.: E como era? Era um prédio ou uma casa?

Inf.: Que menina! É uma casa (rindo). Primeiro começou na casa de tio Gidázio... depois passou pa casa de meu irmão, aí ela casou e... começou... ela saiu e depois voltou, aí ela fez a casa dela aí ela ensinava lá na casa dela... a gente inda estudou uns dois anos ainda na casa dela... e daí eu... chegou o tempo de... de eu me casar, aí eu também eu num estudei mais.

Doc.: E aí você gostava de escrever cartas?

Inf.: É porque naquele tempo a gente num tinha telefone, num é? (rindo) aí num tinha... eu saí... teve um... passei parece que uns dois mês na casa de uma prima minha, aí a gente sentia saudade que naquele tempo a gente num tinha costume de sair... aí eu chegava e escrevia.

Doc.: E além das cartas escrevia mais alguma coisa [...]?

Inf.: Não, só as carta. Não, o caderno... não num num coisava caderno não.

Doc.: Você tem alguma coisa guardada daquela época ainda?

Inf.: Não, joguei tudo fora (rindo).

Doc.: E teus pais, sabiam escrever e ler...

Inf.: Só fazia os nome, eles num tinha estudo como eu mesmo, que'u num tenho... num estudei como os outro irmão.

Doc.: Você é a mais velha?

Inf.: Sou a mais velha... das menina é, agora dos menino é Hidelbrano [...].

Doc.: E teus pais tu lembra se contavam histórias quando era criança aquelas histórias infantis ou não?

Inf.: Menina, as história que contava... as vez pai contava... quand'ele era criança... que ele ficou só que o pai dele morreu ele era pequeno aí... mas ele era o maior era quem tomava conta dos dos irmão... (isso) era mais irmão, só tinha duas irmã e aí ele contava assim, aí ele contava do trabalho quando ele ficou... já rapaz, trabalhava sabe de quê? Carro de boi (rindo) aí dizeno ele que era carreiro, aí é... ia pegano parece que vendia... telha, que tinha um colega dele que fazia telha, aí ele ia lá buscar... lá na Lagoa Funda.

Doc.: Seu Pitanga, né?

Inf.: Pai. Aí ele contava assim... e das estripulia também que ele fazia de criança (rindo) somente.

Doc.: Mas ele também nunca frequentou não, né?

Inf.: Ó ele ele aprendeu porque tu sabe, naquele tempo num num tinha.. o povo aprendia assim... quem tinha quem sabia... é... só como diz soletrar... aí aprendia fazer o nome, o (bem) só é esse.

Doc.: E vocês nesse período trabalhavam também? Você trabalhava?

Inf.: Nesse tempo... nós trabalhava que'le botava pa gente trabalhar na roça que a gente num tinha outra coisa... e quando a gente foi cresceno... eu... deu vontade de costurar, como diz, aprender é... a costura, daí eu ajudava na roça, mas sempre o meu trabalho era esse... hoje.

Doc.: E em casa, quando você era criança, na adolescência, tinha algum material de leitura, livros?

Inf.: Mãe é que dento de casa mãe tinha livro... comprou um ABC eu lembro como hoje, comprou um ABC que naquele tempo também quase que eles não saía mas ele comprou... ela comprou ensinava a gente dento de casa... meus irmão tudo quando saiu pa escola a gente já sabia escrever o nome da gente, mãe ensinava.

Doc.: E ela estudou um pouquinho?

Inf.: Não, eu acho que ela estudou assim, que tinha uma mulher que parece que era até madrinha dela que era professora também, aí ele frequentava esse... esse... essa escola, mas uma escolinha como tu sabe naquele tempo... e ela aprendeu nessa e aí o que aprendeu passou pra gente aí depois foi que veio essa professora aí, a gente estudou mais um pouquinho.

Doc.: Então tinha alguns livros na casa?

Inf.: Tinha.

Doc.: [...] Além do ABC, você lembra quais eram os livros?

Inf.: Ah, menina, eu num lembro mais não, sei que tinha um parece que... eu sei que tinha um nome (Alício)... num tinha antigamente uns livro até graúdo, aí dava esse nome... eu não lembro.... sei que tinha o nome de (Alício) aí a gente estudou bastante com ele... dento de casa (rindo).

Doc.: E hoje em dia você tem... gosta de ler ainda?

Inf.: Não. Ixe que eu sou ruim pra... pa pegar livro num gosto de lê não acho que é por causa do trabalho que as vez a gente lhe dá [inint].

Doc.: E escreve ainda? Não?

Inf.: Escreve por necessidade... p'eu tá fazeno carta essas coisa não faço mais não.

Doc. 2: E a escola tinha série, essas coisas, ano?

Inf.: Tinha, essa que eu estudei tinha.

Doc.: Era até o ano...

Inf.: Eu que não estudei muito... a... os outro estudou até a quarta série que naquele tempo estudava a quarta série, parava que não tinha outro estudo, aí depois foi melhorano apareceu uma aí em Maraíba fazia até a oitava... aí minhas irmã que fez a... que eu não cheguei a fazer a quarta série.

Doc.: Tu fez até que série?

Inf.: Até a terceira... aí... foi o tempo do meu casamento, aí eu... eu num fui mais... aí também não frequentei mais escola, já a minha irmã, duas irmã... aí elas continuou, foi pa Maraíba lá ne Maraíba fez a oitava... aí uma parou e a outra seguiu, foi pra Riachão fez até o... dizendo ela que se formou.

Doc.: E você lembra da escola assim como era? Tinha carteira?

Inf.: Ah, menina, era... tinha... mas era coisa simples, viu? Era aquelas cadeira [inint].

Doc.: A professora escrevia onde?

Inf.: No quadro.

Doc.: Tinha quadro?

Inf.: Tinha. Ela fez um quadro... e aí ela escrevia no quadro.

Doc. 2: E quem pagava a professora? Quem organizou a escola?

Inf.: A prefeitura pagava... ela tentou... a... a ganhar pela prefeitura.

Doc.: Tinha nome a escola?

Inf.: Tinha... era... Nossa... Nossa Senhora das Neve... Maria... vije eu esqueci... eu sei que era negócio de Nossa Senhora das Neve... acho que era assim Escola Nossa Senhora das Neve porque ela, o nome dela é Maria Das Neve e aí ela colocou o nome parecido o dela.

Doc. 2: Então a iniciativa foi da própria professora?

Doc.: Foi aí depois continuou só que até hoje ela ainda é professora mas só que lá em Queimadas.

Inf.: Ela não tem parentes por aqui pela região não, né?

Doc.: Tem o povo dela era daí só que foro tudo pra lá para Queimadas... os irmão dela... tá tudo pra lá... tem gente dela aí [inint]. [...]

NARRATIVA Nº 06 – IZA

Nome completo: Izaura Cedraz de Oliveira.
Filiação: Manuel José e Aída Cedraz.
Naturalidade: fazenda Morrinho.
Data de nascimento: 06 de maio de 1948.
Idade: 68 anos.
Estado civil: casada com João, irmão de Almerinda.
Escolaridade: estudou pouco em casa
Principais atividades: dona de casa.
Lugares onde viveu: sempre na faz. Pau de Colher.
Perfil: extrovertida, falante.
Gravação da narrativa: 30 de junho de 2016, às 11h, na faz. Pau de Colher, em Riachão do Jacuípe.

[...] Doc.: A senhora lembra como foi que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Lembro... olha eu tinha vontade de... de aprender a ler era uma vontade grande, era eu, meu irmão José Joaquim e minha irmã Maria Lúcia, viu? Essa hoje mora em Paraná, Curitiba... e... mas num tinha escola na região da gente... num tinha escola, aí surgiu uma escola aqui em Conceição do Coité, Dona Margarida aqui na Jiboia, Fazenda Jiboia e aí... a gente aquela vontade minha mãe tinha vontade que a gente aprendesse mesmo, viu? Mas só que num tinha condições nem de comprar os livro... aí ela comprou lembro como hoje que ela comprou três cartilha... chamava Paulinho, essas cartilha, uma pra mim, uma pra minha irmã, uma pro meu irmão, a gente ia pra Jiboia, dá mais ou menos uns... sei lá uns... cin- seis... não dá não... uns quatro quilômetro daqui pá lá, mas a gente ia todo dia.

Doc.: Ia como?

Inf.: Ia de pé... nós ia andano de pé... e a gente saía cedo, pra quando a gente chegasse lá, os menino da... da escola num tê chegado ainda... primeiro chegava era a gente... e aí eu estudei trinta dias a gente... eu não... eu e meus irmão estudemo trinta dias, mas era com ansiedade de aprender que eu eu aprendi a escrever melhor do que os outro mas depois meu irmão que foi mais esperto do que eu... tomou um cursinho foi pra Mobral... aprendeu, tornou a aprender mais do que eu, compadre José sabe mais do que eu, né? (rindo) e a outra Maria Lúcia que a gente chama de Menininha foi pra Paraná hoje não sabe pegar nem numa caneta, (superp.) abandonou... ela abandonou... ela não escreve pra ninguém, ela mesmo diz... a gente conversa com ela através de telefone, mas...

Doc.: O nome da professora era...

Inf.: Margarida... o povo chama Margarida da Jiboia [...].

Doc.: E como era a escola a senhora lembra?

Inf.: Ah, minha filha, a escola era na residência dela... lembro num quartinho na residência mesmo na frente, aí ela ensinava... ensinava a gente... ensinava um grupo lado de lá de Cansanção, lá da Jiboia, do pessoal deles lá, viu? E de Riachão acho que só tinha a gente mesmo... mas era a siedade que a gente tinha...a gente estudou trinta dias lembro...

Doc.: Jiboia né município de Riachão não?

Inf.: Jiboia é município de Coité.

Doc.: Coité

Inf.: É Coité

Doc.: Entendi.

Inf.: É tanto que a gente aqui quando vei surgir uma escola, aqui... um prédio escolar... foi... já no tempo de João Campos... porque num tinha... eu lembro que a... a surgiu assim...a gente foi quem juntou os a... a professora Das Neves que já quem ensinava minhas menina, meus menino, num é? E aí ela tinha uma ansiedade de ter um... um cantinho assim, um predinho, um quartinho quando nada pra ela ensinar... que ela ensinava um ano numa casa que ela ensinou na minha casa dois anos aqui... ela ensinou na casa da mãe, mas a mãe ficou achano ruim que menino é bicho sapeca, viu? Aí (rindo) ela passou... vei pra qui daqui foi pra casa de Marcolino aqui oh... lugar que é a fazenda vea do Pau de Colher que hoje é de Marcolino, aí ela ensinou um ano aí, aí ela disse "ói, no próximo ano nós vai juntar, pra nós fazer uns tijolo prá fazer um prédio". Aí Didi [inint.]... Didi [inint.]... deu um cantinho de terra a ela... e ela juntou os menino tudo mais ela, ela pelo mei, nós cavou o barro, nós massô, fez os tijolo, queimou e aí juntou os pai dos menino construíro... o prediozinho pra ela... quando minhas menina estudô minhas menina estudo uns quatro ano com elas aí.

Doc.: Mas aí a prefeitura pagava a ela? Como era?

Inf.: Pagava... aí ela pediu a Doutor João as porta... ele disse pra ela que a prefeitura não tinha condições de dar... eu disse "oxe, Leí, nós chamava ela de Léi, oxe Léi deixa de besteira mas longe já teve... tu fica tranquila que as porta nós vai botar no prédio", mas deus abençoou que Ribeiro Tavares foi quem deu... Ribeiro Tavares deu as porta compade seu Zé (Leão) pediu a ele, ele sempre passava nessa estrada aí e via a dificuldade, né? Que ela tava ensinano no aberto sem porta ele deu as carteira e deu as porta.

Doc.: E os filhos da senhora estudaram lá?

Inf.: Estudaro.

Doc.: Helena?

Inf.: Helena... Carmelita... Marivalda... e Noélia estudaro lá ainda com ela, aí quando tiraro a... a quarta série... foro pra Maraíba. Cê sabe onde é a Maraíba?

Doc.: Sei, sei...

Inf.: Iam de pé, minhas menina iam de pé

Doc.: É longe

Inf.: É longe dá... dá uns seis quilomito daqui na Maraíba, mas ia de pé todas duas. Aí vei Luiz Magno por último, Luiz Magno estudou no Mucambo... aí já... foi quando João foi já passou... João Campos já quem foi o [inint.] de Valfredo, Valfredo construiu esse prédio aí... aí eles já estudaro aí já estudou no no... parece que minhas menina também... Noélia parece que inda chegou a estudar no Mucambo também, a num lembro... sei que Magno estudou aí estudou aí, tirou quarta série... e aí ruim de ir pra escola oh moleque ruim pá estudar mas inteligente, menina precisa ceis vê (teligência) de Magno, ele tirou a quarta série ele disse "Pronto pra Maraíba (não vai não)", olha foi quatro ano eu levava na... na frente empurrado " Bora, boba" ele dizia pra mim "mamãe oh coisa ruim a gente estudar obrigado", eu dizia "Meu filho, tu vai me agradecer um dia"... hoje ele já tá me agradeceno.. aí foi pra Maraíba lá... tirou a... oitava série na Maraíba vortou pra Juazeiro se formou em Juazeirinho.

Doc.: E os pais da senhora? Como era o nome deles?

Inf.: Manuel José e Ailda Cedraz.

Doc.: E eles estudaram, sabiam ler e escrever?

Inf.: Não... meu pai meu pai pra... pra fazer um tito de eleitor quem ensinou a ele foi Margarida da Jiboia, minha professora foi quem ensinou, a ele... a ele escrever o nome assinar o nome dele naquele tempo sinava só o nome... fazia o tito, passou a votar no municipo de Riachão, era uma vergonha mesmo, viu? Que num tinha... eleitor de Riachão, não foi ele só não, teve mais alguém que foi pra sinar, aprender a sinar o nome, pra fazer o tito, pra votar em Riachão, Riachão... Riachão era muito atrasado. [...]

Doc.: E a senhora lembra dos ensinamentos dos pais da senhora? Eles contavam história, história infantil?

Inf.: Não... meus pai num num... os pai de antigamente só pensava em trabalhar num tinha aquele (diálogo) com os filho... isso tinha não falar a verdade... a gente... a gente hoje tem mais [...].

Doc.: A senhora disse que seu pai aprendeu a assinar o título, e a mãe da senhora?

Inf.: Minha mãe assinava, minha assinava não sei com quem aprendeu [...].

Doc.: Essa Margarida que a senhora falou que foi professora era daqui a vida toda ou ela estudou fora e depois voltou, a senhora sabe a história dela?

Inf.: Não sei, eu não sei a história dela, sei que a família dela é daqui mesmo [...].

Doc.: Será que ela foi pra algum lugar estudar e depois voltou?

Inf.: Não, eu acho que não porque naquele tempo era um tempo mais atrasado, n'era? (inint.) aprendia sinar o nome ali qualquer tantinho que soubesse já já tava seno professora n'era? Eu acho que era assim não sei, eu acho que elas num saíro não.

Doc.: A escola dela tinha nome?

Inf.: Não, num lembro não, acho que não, acho que num tinha não, eu acredito que não, num lembro não, se tinha eu não lembro, viu?

Doc.: E na casa da senhora, a senhora trabalhava na infância, na adolescência?

Inf.: Vê Maria muito (rindo) trabalhava de enxada. Olha eu com sete anos... o povo diz que é mentira mas é verdade com sete ano a gente já limpava feijão, tapava cova de feijão... a gente vivia... os pai da gente... limpano com a enxada limpano [inint.] tinha uns [inint.] pequeno que naquele o povo trabalhava até gastar as enxadas ficava pequenininho ele botava um cabinho de enxada pra gente limpar feijão mais ele lembro como se fosse...eu, minha irmã, meu irmão... eu com sete ano já limpava feijão... tapava cova de feijão de milho não fazia ca-capinar assim matos grande porque a gente num [inint.] mas quando a gente passou a... a ter seus dez ano em diante a gente trabalhava muito de roça [...].

Doc.: A senhora lembra se na casa da senhora tinha algum material de leitura, alguma coisa pra ler?

Inf.: Não, num tinha não, livrano dos livro de escola da gente esse aí e as vezes a gente arrumava livro assim com as... com as amigas, né? Que as vezes que tinha mais condições minhas primas a gente arrumava a gente gostava eu mesmo gostava de ler, gostei li muito, jorná, a gente num guentava ver um jorná que a gente num ler, eu mesmo eu e compade José, minha irmã era preguiçosa, aí dona Margarida dizia sim " É eu tenho certeza que se vocês continuar estudano ele vai ser professora" porque eu tinha muita vontade, falar a verdade.

Doc.: E a senhora lia o que além do jornal tinha que tipo de livro?

Inf.: As veze a gente arrumava um livro assim, as veze até de escola mesmo, sabe? dada das colega da gente... as amiga que eles tinha... estudou mais. Tinha um prima minha mesmo chama chamava Maria Madalena chamava era Tatá, comade Tatá mesmo estudou, estudou com Romaviana ali... perto Jiboia também que já foi aluna de dona Margarida... e ela ela dava aula também... [inint] esse povo aí tinha mais condições de comprar os livro estudaro, tinha uns livro bonitinho [ ] e a gente estudou e lia eu lia muito esses livro... depois que eu cair na idade... que ficou ruim de ler... mas eu inda gosto de ler inda... gosto.

Doc.: Esse jornal que a senhora falou vinha de onde? Quem trazia?

Inf.: Esses jorná vinha de onde? As veze, minha filha, vinha jornaus velho antigo, embrulhado alguma coisa, as veze com tecido alguma coisa que vinha... aí a gente aproveitava queles

jorná pra ler a gente lia muito, falar a verdade, eu mesmo, eu e compadre José, compadre José gostava também.

Doc.: José é irmão da senhora?

Inf.: É [...]

Doc.: E as cartas?

Inf.: As cartas?

Doc.: A senhora gosta de escrever?

Inf.: Eu não gostava muito de escrever não... eu escrevia assim... eu num sabia escrever... fazia um doidice aí (rindo) sem sentido.

Doc.: Mas escrevia carta?

Inf.: Escrevia sim, mas o sentido era pouco n'era? (rindo)

Doc.: E recebia muitas cartas?

Inf.: Não... eu recebi... as vezes carta mais de meu sombrinho que mora em Paraná, eu tenho sodade dessas carta, eu não sei se essas cartas num ta em Riachão... eu inda vou dá uma olhada em Riachão porque eu tinha umas aqui numas caixinha sim de de sapato, aí queimaro. [...] mas eu acredito que de Aldeir e o de Antônio Ferreira que era meu cunhado, ah eu recebi muita carta de Antonio Ferreira também, eu acredito que eu tenho carta ni Riachão guardada, eu vou olhar nas gaveta de meu guarda-roupa [...].

Doc.: E hoje a senhora gosta de ler o quê?

Inf.: Eu gosto muito de lê minha bíblia, falar verdade, a bíblia aí eu gosto e também a alguns livro assim eu tenho uns livro aí que foi uma amiga minha que me deu, ela é adventista... do sétimo dia... ela morava vizinha comigo, de frente a minha casa lá na rua que eu tenho um casinha na rua e ela me deu uns livro lá e eu gosto dos livro que ela me deu e eu lembro dela q'ela se mudou pra Feira, viu? ela se mudou pra Feira e me deixou esses livro, é três livro... sempre eu gosto de ler [...].

Doc.: E os livro daquela época, de quando a senhora estudou, os cadernos, tem algum guardado?

Inf.: Minha filha, eu acho... guardar eu guardei mas eu acho que não tem mais não, sei não... eu vou dar uma olhada aí... porque eu tenho umas malinha ali [inint.] eu vou ver se meu livro tá dento... meu livro era guardado mas eu não sei se queimaro, queimaro um bocado de coisa aí, né?

Doc.: A senhora tem uma malinha só com os livros?

Inf.: Ter... assim... eu guardo um bocado de coisa mas sei que tem livro de Luiz Magno sei que tem livros e caderno de Luiz Magno... mas... meu... caderno eu sei que num tem, viu? que

naquele tempo nem existia caderno pra gente e a gente comprava aquelas folha num era nem comprada, Dona Margarida que dava aquelas folhas de papel... eu sei lá como chamava as folha n'era ofício não era outro...

Doc.: Pautado?

Inf.: Parece que é sei lá... ela escrevia fazer os caderninho pra gente... e esse aí não existe mais não... aíqueimaro tudo, eu tinha e meu meu livro minha cartilha eu tinha guardada... eu vou ver s'eu inda tenho... eu sei eu sei que as capa tiraro mas uns tempo atrás aí eu vi ele, eu vou dá uma vou da uma curiada vê se eu acho ele... vou ver se eu acho... porque eu não queria jogar fora... aí Joãozinho diz assim "Mas guardar isso pra quê?"eu digo "Ah eu guardo". É olha eu tem eu tenho bocado de coisa assim dos menino, as provas de Magno, de de Marivalda... de Noélia, de Carmelita, eu tenho provas guardada, Joãozinho... Joãozinho briga porque eu guardo, disse "não eu vou guardar eu vou guardar, é uma lembrança de quando eles estudava". Eu disse a ele que eu disse a Magno a poucos dias que quando eu vou na rua que eu vejo tanto caderno eu tenho saudade de quando eles estudava só pra eu comprar queles cadernos pra eles que eu não achei mas eu tinha vontade de comprar pra eles, comprei muitos caderno pra eles.

NARRATIVA Nº 07 - LCC

Nome Completo: Lucidalva Cordeiro Cedraz.
Filiação: Daurinha e João.
Naturalidade: fazenda Sítio Novo, município de Riachão do Jacuípe, BA.
Data de nascimento: 07 de abril de 1966.
Idade: 52 anos.
Estado civil: casada com Raimundo Adilson Cedraz.
Escolaridade: estudou até a quarta série.
Principais atividades: lavradora, dona de casa.
Lugares onde viveu: sempre na fazenda Sítio Novo.
Perfil: extrovertida, falante.
Gravação da narrativa: 15 de fevereiro de 2018, no povoado de Sítio Novo, em Riachão de Jacuípe.

Doc.: E... lembra, assim, como foi que aprendeu a escrever?

Inf.: Lembro... como se fosse hoje com maior vontade... eu tinha quatro anos de idade e eu estudei aqui ne Sítio Novo e minha pró era minha madrinha... eram setes irmãos e eu ficava querendo vim apesar d'eu ser medrosa e... aí minha madrinha disse "mande ela vai incentivando", e eu cabei vindo com minha irmã mais velha e logo eu... eu comecei logo a escrever mesmo pegando na mão, né?

Doc.: Sim.

Inf.: Aquele medo de pegar na mão e eu era toda incentivada pa ir pa escola logo eu comecei logo a aprender rapidinho, né?

Doc.: Mas morava aqui no povoado?

Inf.: Eu morava aqui Sítio Novo, mas aqui não era povoado ainda, só... só tinha uma residência que era a casa de minha tia e que minha madrinha que era professora... que era prima.

Doc.: Como era o nome dela?

Inf.: Nelsuíta.

Doc.: E Era a primeira escola que tinha aqui antes dela já vi... vinha mais escola mas aí eu comecei vim pra qui vinha pequeninha mesmo... vinha até no braço de minha irmã mais velha... e apesar de ser medrosa, viu? Que tinha um borreguinho enjeitado que eu chorava o tempo todo era segurar na barra da saia e eu tinha medo de todos, mas me surpreendeu eu própria né? Porque eu foi me exibindo rapidinho e apesar disso deu continuidade... não aqui né? Fiquei até... na alfabetização... essa escola acabou, ela foi pra... casou e foi pra Salvador.

Doc.: Mas aí depois continuou a estudar ou não?

Inf.: Continuei, ne outra escola... aí eu fiz até o primário.

Doc.: Onde era essa outra escola?

Inf.: Era no povoado de Coité, é chamava escola Santa Rita, a professora era Elenita, ela mora ne Tanquinho ainda vive ela... já era uma escola já de um primário mais elevado, né?

Doc.: Como é o nome do povoado, lembra?

Inf.: Chamava Santa Fé, existe ainda é... é só a casa, né? Meu irmão fez uma casa lá a escola já cabousse né? Era Santa Fé e eu estudei até... ao primário... logo casei, né? E fiquei... não quis mais fazer o ginásio por falta de oportunidade, quando houve a oportunidade que foi em Juazeirinho eu já tinha filhos e era a noite e meu esposo acabou não aceitano... né? E isso num me fez diferença... porque antes disso eu num tinha uma leitura boa mas ao querer d'eu mesmo, aí comecei pegar outros encargos e... fiquei mais profissional na leitura... eu próprio me alfabetizei... né? Curiosidade... escrevo direitinho, falo direito [inint] das palavras que eu escrevo, por conta própria, né? Não tive oportunidade mais de estudar porque aceitei oto rumo né?

Doc.: A senhora foi colega de Zenilta... nessa escola de Elenita?

Inf.: Quem é Zenilta?

Doc.: Zenilta filha de... que é casada com seu Antônio, que filho de Dona Almerinda.

Inf.: Não.

Doc.: Não, né?

Inf.: Não, algumas pessoas do Mucambo foram os alunos, mas ela se foi não lembro.

Doc.: É... e como era essa escola lá essa da... da do primário? Era um prédio como era o prédio?

Inf.: Era um prédio... como vamos dizer assim, foi ela que fez, era uma professora cursada que foi uma alegria pra comunidade essa pessoa, ela casou com um homem daqui e ela veio e era uma escola que eles mesmo fizeram mas é um nível bom, viu? Apesar de muitos alunos, ela se esforçava muito... num era bom porque existia vários aluno e eram todo uma sala única pra todos né? Era pela manhã e a tarde... pela manhã era quarenta alunos e pela tarde (rindo) uns trintas aluno... numa sala pequeninha que, né? Uma salinha única, um banheiro fora... mas foi uma prioridade, pra quem nunca teve uma escola em nível, né? Duma professora... né? De primário, que ela era professora de primário mesmo, né?

Doc.: Tinha livros, essa escola?

Inf.: Tinha livros sempre teve os livros né? As escolas... ah ela sempre tinha livros.

Doc.: Lembra de algum?

Inf.: Ah... não lembro não... eu tinha esses livro [inint] acredita que'eu tinha esses livros? E não tenho mais, acabei... eu tinha... eu lembro da figura do livro, mas eu... eu sentia

dificuldade nesses livros eu... sentia muita dificuldade mas todos tinham livros... eram cinco livros.

Doc.: A senhora lembra se aprendeu a escrever ou a ler primeiro? Aprendeu a ler ou escrever primeiro?

Inf.: A ler... a dificuldade de eu escrever depois que eu fui... eu logo aprendi a ler Matemática que eu num era muito boa eu num suportava Matemática, mas Estudos Sociais que era o nome, né? Estudos Sociais ah... era uma festa pra mim [inint].

Doc.: A senhora falou que além da escola, que sozinha também estudava...

Inf.: É... estudava...

Doc.: E o quê? Tinha livros em casa, tinha o que pra ler em casa?

Inf.: Não... eu... tinha romance, logo a gente começou, ficou, tinha muitos romance e eu tentava, eu lia muito romances, né? Num tinha televisão na época, era romance mesmo e livros. [...]

NARRATIVA Nº 08 - NIN

Nome completo: Francisca Carneiro de Oliveira.
Filiação:
Naturalidade: fazenda Morrinho, município de Riachão do Jacuípe, BA.
Data de nascimento: 1945 (aproximadamente).
Idade: 74 anos (aproximadamente).
Estado civil: casada.
Escolaridade: estudou até a quarta série.
Principais atividades: lavradora e dona de casa.
Lugares onde viveu: na fazenda Morrinho até 1964. Mudou-se para a faz. Taboa, em Pintadas-BA.
Perfil: calma, falante.
Gravação da narrativa: 26 de janeiro de 2017, no município de Pintadas, BA.

[...] Doc.:A senhora morou lá até quando?

Inf.: Eu morei até sessenta e quatro.

Doc.: A senhora saiu de lá com quantos anos, mais ou menos?

Inf.: Eu tava com... eu tava com... dezoito a dezenove ano quando eu saí.

Doc.: E que que a senhora lembra dessa época que morou lá?

Inf.: Eu alembro que nós ficava lá... [inint] nós tinha nossa devoção, ela rezava de santo Antônio [inint] nós rezava, tempo da quaresma, nós rezava a quaresma toda, cada casa nós rezava o ofício e lutemo até... o tempo de eu vim pra qui [...].

Doc.: A senhora lembra como que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: S'eu alembro?

Doc.: Sim.

Inf.: Eu alembro, meu pai tinha lá uma... uma professora... chamava Rosenita [...] aí meu pai pegou e colocou a gente nessa escola [inint] agente estudava, até... estudemo até o quarto ano, aí meu pai tirou, era muito pobre e aí não podia deixar esses filho trabalhano por vida, oh, estudano... aí, tirou a gente da escola pra trabalhar que a gente vivia no trabalho a gente batalhou muito, minha filha... aí nós era carroça, era pra cavar um tanque, era pra fazer uma cerca, era pra lutar, pra tudo... aí lá vou eu crescemo, lá vou eu crescemo [inint] tava mocinha... arrumou esse casamento, e aí meu pai "e agora?" arrumou serviço aqui esse pedaço de terra aqui... em Ipirá que hoje é Pintadas, nesse tempo chamada... é município de Pintadas [inint] comprou... quinhentas tarefa de terra aqui. [...]

Doc.: E essa escola que a senhora estudou lá, a senhora lembra o que dessa escola?

Inf.: Eu me alembro... a minha... professora que ensinava era até boazinha pra ensinar... ela ensinava... meus irmão x'eu ver quantos irmão... parece que era cinco... nós estudava lá saía

de... de manhã cedo, tomava café saía... aí estudava até meio dia, vinha em casa almoçava e vortava de novo, era o dia todo e nós batalhamo... batalhamo devagazinho e por fim aprendi escrever o nome... depois que vim pra qui depois dessa escola lá, muito boa amiga a professora, eu num sei nem se ela ainda é viva, mas se for Deus que dê muitos ano de felicidade e se já morreu, que Jesus te coloque em um bom lugar... ela tinha paciência e eu era muito descabreada quando eu a vez eu ia dar a lição e eu não acertava, em vez de eu começar eu ia chorar... e ela passava a mão na minha cabeça "Não não precisa chorar não, não sabe depois você vai estudar" mas era muito paciente ela [inint].

Doc.: E como era a escola?

Inf.: Oh minha fia, era numa fazenda... era uma fazenda vea e aí ela ensinava esse povo nessa... nessa fazenda, chamava... Poço do Juazeiro, a fazenda.

Doc.: E a escola tinha nome?

Inf.: Não... [inint] particular, [inint] mas num tinha nome não.

Doc.: Eram os pais da senhora que pagavam?

Inf.: Era... era meu pai que pagava a escola.

Doc.: E como era assim o lugar?

Inf.: Na rua?

Doc.: Na aula, era como o lugar, tinha cadeira para os meninos sentarem?

Inf.: Banco, não tinha cadeira não, botava os banco, aí sentava cada um não existia cadeira nesse tempo não (rindo).

Doc.: E tinha... e os livros como que eram antes, que a professora trabalhava?

Inf.: Os livros não existe mais daquele livro, aquele livro tipo uma cartilha... comecemo do ABC, do ABC tinha a... é... a matemática que era a tabuada que a gente estudava... mas... e tinha os livro, primeiro ano, segundo ano, era umas cartilha, como hoje não, era mei difícil.

Doc.: E os pais da senhora sabiam escrever?

Inf.: Meu pai, ele sabia um poquinho... muito não, mas ele sabia... ele sempre dizia " É eu aprendi, meu padrinho foi quem me ensinou, mas os meus filho eu vou ensinar" [inint] sempre ele dizia... "Eu to botano vocês pra estudar, meus filho, pra não ficar burro que nem eu"... cada um de nós que estudou lá aprendeu um pouquinho, foi eu, Jesuíno, compade Roque, compade Zezé e compade Antônio, foi cinco, era cinco que estudava lá... todos eles aprendeu um pouquinho.

Doc.: De mulher era só a senhora?

Inf.: Na casa do meu pai só tinha eu.

Doc.: E as cartas, a senhora gostava de escrever cartas?

Inf.: Gostava... era o que mais eu gostava... quando dizia assim, vou escrever pra uma amiga, pra mim era meu sonho, sem saber... toda doida que não escrevia direito... mas mesmo assim... eu tinha o prazer de dizer... eu falar com eles por carta era meu sonho.

Doc.: Depois que veio morar aqui a senhora estudou mais um pouquinho ou não?

Inf.: Não... não estudei, mas... mas eu... quando eu vim pra qui, minha fia, num... cada um rapaz, cada uma moça assim que nem tu, minha fia, esses menino de vinte ano, vinte e um ano, num sabia fazer um nome, num conhecia letra... nem dizer assim... mostrasse a letra do A do ABC, ele num sabia [inint] tudo assim pior do que eu... aí eu inventei de botar uma escolinha... aí "vocês quer aprender um pouquinho assinar o nome de vocês? Muito não, mas com nada aprender a fazer o nome de vocês" [inint] ah... foi menino, foi muito menino, era dezenove aluno... e aí eu adquiri um livro foi até um rapaz que adquiriu pra mim... aquele livro foi meu professor... tinha que estudar aquele livro pra eu passar o dever das criança... mas mesmo assim Deus me ajudou que eu ensinei esses dezenove menino e tudo hoje me agradece... de dizer assim "eu sei assinar meu nome eu agradeço a Dona Francisca", "Agradeço a Deus e a coragem de vocês, eu fiz aquilo que eu tinha vontade"... teve um mesmo hoje... hoje mora em São Paulo... vez em quando ele conversa comigo... e diz assim "hoje eu tenho meu emprego agradeço a Deus e a senhora que me ajudou"... "não meu filho, eu num te ajudei nada não"... "ajudou, se não fosse a senhora eu não sabia" [...].

Doc.: Dona Nina, a senhora lembra assim... o que que tinha lá pra ler lá onde... quando a senhora morava lá na sua casa... que que tinha na casa dos seus pais quando a senhora morava lá, tinha alguma coisa pra ler, em casa?

Inf.: Tinha, meu pai sempre gostou de estudar a Bíblia, né? Mas ele não confiava entregar a Bíblia dele a menino... ele sentava, ia ler pra gente escutar... a vez ele comprava argum ABC alguma coisa de leitura assim... pra gente a gente panhava e ia estudar... mas era muito difice... era muito difice... hoje as crianças desse tamainho já lendo, já tá ajudando até a fazer uma celebração... mas naquele tempo, meu Deus, eu não sei nem como foi que a gente aprendeu.

Doc.: Os pais da senhora gostavam de contar histórias quando vocês eram crianças?

Inf.: Sim gostavam... meu pai gostava muito de contar história.

Doc.: História sobre o quê?

Inf.: Ele contava história de quando ele era pequeno, que juntava mais os irmão... ele com... contava arguma coisa de história que acontecia em algum lugar, ele contava... de quando ele começou a trabalhar que ele trabalhou muito... quando ele era rapaz... que ele largou os pais e foi trabalhar num lugar aí po lado do Sul, eu não sei nem o nome, [inint.] ele passou um

bando de tempo, ele diz “eu sofri muito meus filho eu sofri muito, mas hoje eu tenho vocês tenho a coragem de trabalhar”... ele contava história de... de quando começou a vida dele... e o sofrimento que sofria também pra... de ter as coisas... ele era um homem... meu pai não tinha nada... e ele batalhava pra criar os filho e meu pai teve doze filho, inda criou dois dos outro... e aí que que fazia... saía cinco hora da manhã, que trabalhava de... carpinteiro... ele fazia casa, ele fazia cancela, porteira [inint.] o povo procurava ele, era o o jeito dele viver e criar os filho... pai foi um homem batalhador, agradeço a Deus por isso pelo meu pai que criou nós tudo, ensinou nós trabalhar... mas era sim que ele trabalhava... saía cinco hora da manhã e chegava sete da noite e era de a pé mesmo... trabalhava com uma légua, duas légua de a pé com o aió de ferro no ombro pra trabalhar, pra dar de comer a gente [...]

Doc.: A escola onde vocês iam era... era longe?

Inf.: Era bem... três a quatro quilômetro.

Doc.: Aí ia como pra escola?

Inf.: De a pé.

Doc.2: E a senhora escreveu muitas cartas?

Inf.: Hum?

Doc.2: Escreveu muitas cartas?

Inf.: Escrevi. [...]

Doc.: Dona Mariazinha estudou, a senhora lembra?

Inf.: Comadre Maria... ela deve ter estudado mais do que eu porque comadre Maria não foi criada aí mais os... aonde eu fui criada ela comadre Maria criou lá po lado de... como é que chama o lugar...de... é... criada.. lá pro lado de... de Candeal, Ichu, esses lugar aí que ela foi criada e aí lá elas acharo mais portunidade pra estudar. [...]

Doc.: Essa Mariazinha é irmã de Seu Pitanga, é irmã da senhora?

Inf.: É irmã de Pitanga, irmã de Pedro, é minha cunhada.

Doc.: Dona Nina, hoje em dia a senhora gosta de escrever ainda?

Inf.: Eu gosto de ler, só que eu não posso ler que eu não enxergo... eu não enxergo não.

Doc.: A senhora tem alguma coisa pra ler em casa?

Inf.: As vez eu pego uma revista de Nossa Senhora Aparecida aí sento ali no banco e olho, de letra mais graúda e eu... e todo mês eu recebo a revista de Nossa Senhora Aparecida que eu sou devota de Nossa senhora Aparecida aí todo mês vem uma revista pra mim, aí eu sento naquele banco ali na frente... ai meu Deus, quem já foi que já fui... que já ajudei muito nas igrejas e hoje eu tô sem condições, mas é assim mesmo. [...]

NARRATIVA Nº 09 - RAC

Nome Completo: Raimundo Adilson Cedraz.
Filiação: José Cedraz Filho e Clarice Carneiro Cedraz.
Naturalidade: Fazenda Sítio Novo, município de Riachão do Jacuípe, BA.
Data de nascimento: 17 de abril de 1961.
Idade: 57 anos.
Estado civil: casado com Lucidalva Cordeiro Cedraz.
Escolaridade: estudou até a quarta série.
Principais atividades: lavrador.
Lugares onde viveu: sempre na fazenda Sítio Novo.
Perfil: pouco falante, introvertido.
Gravação da narrativa: 15 de fevereiro de 2018, no povoado de Sítio Novo, em Riachão de Jacuípe.

Doc.: E o senhor lembra como que aprendeu a escrever?

Inf.: Rapaz... eu aprendi na... na doida, teve escola aqui que a minha irmã que estudar... ensinava.

Doc.: Como era o nome da sua irmã?

Inf.: Era... Auricélia.

Inf. 2: Era a primeira professora.

Inf.: Foi... Auricélia ensinava aqui... e... depois... eu fui estudar aqui... perto dali, do município de Coité, divisão Coité e Riachão... lá na... parece que a fazenda... era de Elenita... ali perto da... da Sentada ali, fica pertinho... só fiz até a quarta série... eu não sei fazer nada a não ser isso mehmo (rindo).

Doc.: E com sua irmã, o senhor lembra como era a escola?

Inf.: Ah, tinha muita gente da região aqui.

Doc.: E como era o local da escola?

Inf.: Dento de uma casa de farinha... num tinha esse tempo ninguém tinha nada, lugar, quando não era a casa de farinha, quando a casa de farinha [ ] fonceonava, tempo de mandioca vinha pra dento de casa daí da... nossos pai... e era assim.

Doc.: E o nome da escola era como?

Inf.: Aí agora [inint]. [...]

Doc.: Mas a professora era outra ou era a mesma?

Inf.: Qual?

Doc.: A professora do senhor era a mesma...

Inf.: Não.

Inf.2: Porque a minha foi Nelsuíta e a dele foi ...

Inf.: A ota lá foi... é... Elenita.

Doc.: Mas a daqui foi sua irmã...

Inf.: Foi minha irmã... mas falar verdade eu compreendi a estudar mehmo foi lá mehmo era... fazia quebra pau aí dento de casa... num apendia não.

Doc.: E o senhor lembra se tinha livros, era como que, que estudava?

Inf.: Não tinha livro não... estudava no caderno, não sei se tinha argum livrinho, tabuada aquilo ali sei lá o que era... difícil lembrar.

Doc.: E as cartas, o senhor lembra quando... quando começou a escrever?

Inf.: Ah, eu não sei não... na hora que dava vontade, escrevia.

Doc.: E além de escrever pra dona Dalva o senhor escreveu pra mais alguém?

Inf.: Não... escrevi mais não.

Doc.: É... e o senhor começou a trabalhar quando?

Inf.: Desde os nove ano.

Doc.: Em quê?

Inf.: Na labuta de roça, fazendo tudo, destocano... tudo que precisava fazer, fazia e tô fazeno até hoje na labuta, se precisar, tô aqui... junto, fazeno.

Doc.: O senhor saiu daqui da região pra viver fora algum período?

Inf.: Não... só aqui mehmo [ ] não saí, minha vontade só era pra ficar na roça e aí fiquei... não tive essa vocação pra sair.

Doc.: E hoje em dia, o senhor lê alguma coisa?

Inf.: Lê.

Doc.: Gosta de ler ainda?

Inf.: Pouco... faço mais é escrever, conta... lê eu num sou muito bom pa ler não.

Doc.: E naquela época na... na.... na sua infância, na sua adolescência tinha alguma coisa pra ler em casa?

Inf.: Tinha livro.

Doc.: Na casa de seus pais tinha....

Inf.: Tinha.

Doc.: Que tipo de livros, o senhor lembra?

Inf.: Ah, eu não sei (rindo) eu comprava livro na época por meus dezessete ano, comprei livro pra fazer carteira de motorista, fiquei estudano, estudava tudo, estudava.

Doc.: E seus pais sabiam ler?

Inf.: Sabia.

Doc.: Como era o nome de seus pais?

Inf.: José Cedraz Filho e Clarice Carneiro Cedraz.

Doc.: Viviam aqui no Sítio Novo também?

Inf.: É... vivia aqui no Sítio Novo.

Doc.: Os dois sabiam ler e escrever?

Inf.: Sabia.

Doc.2: E eles estudaram?

Inf.: Estudaram.

Doc.2: Aqui também?

Inf.: Não... ele... tinha uma escola na casa do pai... o pai dele botou... botava uma professora [inint] ele ia estudar, parece que era seis... seis irmão... seis irmão estudava na casa [inint] ficava pertinho daqui só que a casa bandonaro e desmancharo a casa... era uma casa que podia até hoje tá lá.

Doc.: O senhor lembra se o senhor aprendeu a ler ou escrever primeiro?

Inf.: Aí ficou difice... (risos) aí eu não sei não... sei que escrevia alguma besteira, aprendi apendi ler e escrever uma bestera na quarta série... as ota eu passa no... no... no tombo no... no... aí eu tenho certeza que só foi nessa na quarta que eu... [...]

Doc.: E depois o senhor ainda frequentou algum curso de jovens e adultos, Mobral?

Inf.: Não.

Doc.: Não, né?

Inf.: Não, só fui até aí mehmo... aí quem fez os otos irmão teve uns que foi estudar em... em Coité... otos fez... foi estudar... otos foi seguir o caminho, sei que cada um tomou rumo. [...]

NARRATIVA Nº 10 - ZBO

Nome completo: Zenilta Bispo Oliveira.
Filiação: Manuel Virgínio e Maria.
Naturalidade: faz. Poços, em Riachão do Jacuípe-BA.
Data de nascimento: 20 de agosto de 1957.
Idade: 59 anos.
Estado civil: casada com Antonio Carneiro de Oliveira.
Escolaridade: até a quinta série.
Principais atividades: dona de casa; costureira.
Lugares onde viveu: na faz. Queimada Nova, depois que casou, morou de oito a dez anos na faz. Amargoso. Atualmente, mora em Riachão do Jacuípe.
Perfil: extrovertida, falante.
Gravação da narrativa: 10 de janeiro de 2017, às 11h, em Riachão do Jacuípe-BA.

[...] Doc.: E senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Aprendi.

Doc.: Como?

Inf.: [...] aí eu estudava os menino eu já era quarta os menino era pré... antigamente era ABC, cartilha, ia passando pro segundo, né?

Doc.: Onde era a escola?

Inf.: É... lá... Queimada Nova, agora perto da casa de Rui... de Rui, Rui da Queimada Nova, que ali... a... Rui ficava no início da fazenda e no meu pai já ficava na... na estrada que ia, Rui morava na estrada que ia pra Juazeiro [...] e a do meu pai ficava na Queimada Nova, que saia no Sítio Novo, era uma estrada bem movimentada [...].

Doc.: E a escola, a senhora lembra da escola? Como era?

Inf.: Era assim... não era... não tinha prédio, sabe? Era na residência da professora Netinha... a mãe dela chamava Jovina. Aí ela ensinava, tinha duas sala, tinha uma que era na frente, como o povo chamava... varanda, e no fundo tinha uma sala grande, aí quando o menino... os menino vinha muito, num era todo dia que vinha todo mundo, aí ela ensinava na sala que era maior e era mais fresca, tinha aqueles banco, a gente sentava e ensinava aí estudei até... a terceira série, a quarta série eu já estudei com Elenita Guimarães, que era professora formada, ela é de Tanquinho só que ela casou com Valdovando... aí passou um tempão aí, aí eu estudei, estudava e ensinava ao mesmo tempo, que ela fazia curso aí eu ficava no lugar dela pra ensinar assim os menino do primeiro ano do pré, era pré... pré até o segundo... aí eu já ensinava, ela dizia "Olha [inint] aqui tem o dever aqui tu passa tu mesmo se eles não acertar tu ensina eles" [...].

Doc.: E nessa primeira escola antes da senhora fazer a quarta série, como é que era?

Inf.: Já a outra que eu estudava com Elenita aí era um colégio já tinha. (superp.).

Doc.: Não a anterior era paga pela prefeitura, era vocês que pagavam, como é que era?

Inf.: Não. Tinha o prefeito de Coité pagava pra ela, né? Pagava. Acho que ela não tinha o curso completo, sei que tinha tempo que ela ia pra Coité fazer esse curso, passava acho que era um mês, juntava aquelas professora e ia fazer esse curso aí não sei que curso era esse.

Doc.: Tinha nome esse curso?

Inf.: Que! A fazenda velha... Vandinho deixou finado Vandinho, era uma casa velha.

Doc.: E tinha livro? Estudava a partir de onde assim, de que, de quais materiais?

Inf.: Os livros... eu não sei, sei que a gente estudava (cartilha) não sei se era minha mãe que comprava, acho que sim, ou era pela prefeitura, acho que não, não sei.

Doc.: A senhora guardou algum livro, algum caderno dessa época?

Inf.: Minha filha, se tiver, eu tenho aqui uns e tinha tinha ficou lá em casa a cartilha tinha cartilha, meus primeiro livro eu tinha todos mas eu deixei em casa. Foi assim que botaro fogo lá na casa e queimou muitas coisas assim de aí queimou.

Doc.: Aí depois que a senhora casou veio morar...

Inf.: Aí já vim morar no Amargoso, que é casa de meu... na fazenda do meu sogro, aí fiquei lá uns oito a dez anos. Aí Antônio vei trabalhar aqui com Marcolino, botaro uma cerraria pra os dois aí fiquei lá sozinha, ainda uma seca tão terrível que não tinha nem água, "Ah Antônio, não vou ficar qui sozinha não" e eu grávida da... da caçula. Aí eu disse "O jeito que tem é ir pra rua". Meu tio chegou e me deu a casa dele aqui na... no Alto Cruzeiro, Antônio Mota que é irmão do meu pai. Aí me deu essa casa "Fica lá, minha fia, fica lá, Antônio tá trabalhando lá, até chover". Foi assim que Antônio trabalhano... eu tenho essa máquina que eu comprei quando eu me casei [...] aí eu trouxe, comecei atrabalhano aí tô aqui até hoje. Sempre a gente vai quando... inverno a gente vai pra roça, planta, quando tinha mandioca, plantava mandioca pra fazer farinha, ia passava quinze, três semana na roça, aí os menino, já os meu filho já estudou aqui, já não estudou lá na roça que não tinha [...] mas antigamente não tinha escola ou ia pra Chapada ou ficada sem estudar. Comadre Almerinda, os menino sabe alguma coisa porque foi ela quem ensinou dento de casa os filho dela. Aí eu vim pra qui botei na escola, primeiro foi no Alto Cruzeiro depois foi pro João Campos, aí se formaro e hoje tão aí tudo formada, graças a Deus.

Doc.: A escola que a senhora disse que foi depois da quarta série ficava onde mesmo?

Inf.: Não. Eu estudei a quarta série nesse lugar lá com essa Elenita, professora Elenita Guimarães, a primeira, só estudava até acho que... a terceira, aí a quarta e quinta já estudei com essa Elenita.

Doc.: Que era onde mesmo?

Inf.:É ali... eu não sei como é o nome daquele lugar... num é Trancada não? Acho que é, faz parte da trancada ali [...].

Doc.: Aí já era uma escola?

Inf.: Ela já tinha o prédio...que ela era formada, né? E tinha o prédio (superp).

Doc.: A senhora lembra o nome do prédio?

Inf.: Num tinha nome não eu sei que era um prédio mas num tinha nome nenhum. Desmancharo [inint] que Valdovando, esposo dela, desmanchou tudo aí tá lá... até a casa velha desmancharo que eu passei lá temo quê? Um mês e pouco... aí desmancharo tiraro as porta não sei se foi robaro as porta porque num tinha ninguém, né? A casa fechada já sabe, né? Aí eu passei "aqui..." eu mostrei as menina "Aqui ó, estudei aqui até a quarta série, na quarta série estudei aqui, quarta e quinta", já a sexta já não fiz mais porque lá já não pegava.

Doc.: Então a senhora estudou até a quinta?

Inf.: Até a quinta... e hoje eu ensino minhas filha também, graças a Deus... sou inteligente [...].

Doc.: A senhora gosta de ler?

Inf.: Demais [...].

Doc.: E a senhora lê o que hoje?

Inf.: Ave Maria eu sou apaixonada por Padre Marcelo eu tenho de CD a livro de Padre Marcelo é tê um eu digo "oh, o padre Marcelo lançou outro livro" aí "Comadre [inint] vê se veio na revista do Avon". Ela diz "oh comadre, veio esse aqui mas já venceu tenho novo", digo "Eu quero", é chegar ela faz o pedido tenho um monte ali, tenho CD... tudo eu tenho.

Doc.: E as cartas?

Inf.: As carta eu tenho lá, deixei em casa... as carta era Antônio que mandava pra mim "Ah, num vô essa semana não vô trabalhar ne tal lugar"aí tenho de minhas prima que ela mora ali em cima "ah comadre a gente vai pra Lagoa Funda, quer ir com a gente?" a gente vai tudo de pé, saia cedinho pra ir lá pra Lagoa Funda, chegava lá de manhã seis hora, sete hora, no outro dia a gente via embora (superp.).

Doc.: A senhora gostava de escrever cartas também?

Inf.: Gosto. Até hoje eu gosto de escrever. Só num tenho é tempo... luto demais, demais, demais.

Doc.: E a senhora escreve carta ainda?

Inf.: Escrevo, num escrevo assim porque hoje ninguém... é tudo é telefone, né? [...] Sei lá eu tinha meus cinco ano, cinco até... meus dezessete ano, que eu me casei com dezessete anos,

mas eu já tinha parado de estudar... estudei só até a quinta série... até meus quinze ano dezesseis eu inda estudava mas porque eu tomava conta da menininha dela, que ela quando ganhou nenê, minha mãe era cozinheira e eu tomava conta da bebê.

Doc.: Ela quem?

Inf.: A Elenita que era professora.

Doc.: Não lembra o ano, né? [...]

Inf.: Então é isso, eu tinha o que... meus treze a catoze anos, hoje eu tô com, pelo ano nós tá no quê?... (superp) tem o quê, uns quarenta e cinco anos, né? Uns quarenta e cinco ano.

NARRATIVA Nº 11 - ZJS

Nome completo: Josefa Josina da Silva Pinto.
Filiação: Augustinho Ambrósio da Silva e Maria Josina da Silva.
Naturalidade: faz. Cachorrinha, município de Conceição do Coité-BA.
Data de nascimento: 13 de novembro de 1940.
Idade: 75 anos.
Estado civil: casada com Neraldo Lopes Pinto.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: dona de casa.
Lugares onde viveu: sempre na faz. Cachorrinha.
Perfil: falante, extrovertida.
Gravação da narrativa: 17 de setembro de 2015, às 14h, na faz. Cachorrinha, em Conceição do Coité.

[...] Doc.: E a senhora lembra quando que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Já tinha uns vinte ano [inint] que eu era aguada pra... pra estudar... e papai num botava não que "fica ousada fica não sei o que" pai tinha [inint] diferente dos outro (rindo).

Doc.: Aí a senhora aprendeu a escrever com uns vinte anos?

Inf.: Não, depois que vim pra cá é que tinha um veim que foi criado junto com minha vó, minha vó morreu, já tinha morrido avó, já tinha morrido avô e esse veim chamava João Tomaz era parente e ficou sem pai e sem mãe era minhas avó que... que dava apoio a ele né? Morava numa casa assim de junto da casa dela depois morava... fizero assim uma casa sim no mei da roça pequenininha, pé ele ficar lá sozinho a vontade [...]

Doc.: E a senhora lembra como foi que a senhora aprendeu a escrever?

Inf.: Aí sim, oh, esse veim logo cedo papai ficou in- diz que num botava menina fêmea ne... ne escola não que só tinha eu e uma que chamava Mimi [...]. Aí eu aprendi ler assim, a ler, acho que eu já tava com uns dez ano ou mais, pareceu uma escola aqui no trecho da... da Cachorrinha [inint] num povo aí por longe em casa num sei, num me lembro se era, num tinha prédio, acho que era em casa... em casa no meu sei que tinha essa escola aí, os povo conhecido botou os filha, botou na escola, aí eu fiquei aí, o véi João sabia... o João Tomaz sabia ler, dizeno ele (rindo), aí ele me ensinou o ABC... aí o vei, chamava João Tomaz, aí era parente de minha mãe [...]. Aí papai chegava e ensina a boca de noite o ABC.

Doc.: Seu pai?

Inf.: Sim.

Doc.: Seu pai sabia ler?

Inf.: Sabia ler e bem sabido [inint] só num dava valor que não sei porque ele aprendeu.

Doc.: Então ele estudou?

Inf.: Estudou numas escolinha, um tinha um cara que eu não conheci não, papai falava muito, num sei Bindo, Midonga, Bindogo um nome bem assim (rindo) o sobrenome dos professor que vinha acho que aqui dessas parte aí pra dentro num sei se era do lado de... de... de Serrinha ou pra cá pro lado de cá, eu sei que era desses trecho, João Minduba era um homem sabido que nem... que nem esses povo do Coité, num tem uns nego que diz que são sabido e entra na política? O João Minduba era... era bem sabido dizia meu pai, aí foi quem foi o professor de meu pai [...]

Doc.: E o seu professor, o senhor Tomaz?

Inf.: Sim, o... o Tomaz era... num era professor não sabia ler bem aí o Tomaz o... o que tinha que sabia ler meu pai num deixava a gente ir não, num matriculou não, aí a gente ficava o João Tomaz foi quem me ensinava o papel de o ABC quelas coisa toda.

Doc.: Na sua casa mesmo?

Inf.: Sim, na casa que... que era de meu pai [...].

Doc.:E tinha mais gente que ele ensinava ou era só a senhora?

Inf.: Só era eu só, porque nesse tempo o povo era pouco. Aí sim, aí pareceu um fazendeiro que chamava senhor da Vage, mora aqui no... no fundo dessa roça bem pra lá [...] aí o senhor da Vage morava acho que na Vage, uma fazenda que chama Vage e depois foi e a fia tinha, num viu falar de um Tote que tinha pra esse trecho [...] Maria Mota era... era fia de Senhor da Vage e tinha Tote, tinha os filho, era Maria Mota, Helena, Tote que a gente chamava Totinho de senhor e o outro tinha outro [...] aí comprou essa fazenda de Peda Branca toda [...]

Doc.: E ele trouxe professor esse senhor?

Inf.: Eh... Eh... Ele trouxe um... acho que trouxe, mas já tava pequena inda, eu tavo bestaiadinha, pequena inda de... de oito a dez ano num prestei atenção nem meu pai deixava a gente sair pro lado de lá. Aí trouxe num tô lembrada o nome do cara que vei ensinar a Maria Mota que Maria Mota já tava bem sabida dele, né? Mas chegou veio nessa fazenda queria um bando de menino pareceu um bando de vizinho que tinha filho aí botou a Maria Mota ganhar dinheiro, né? Que era a filha mais velha e sabia ler aí foi, que foi esse professor, mas só que papai não deixou a gente ir.

Doc.: Ele passou muito tempo aí ensinando, o professor que veio?

Inf.: Passou... que chamava João Munduba [...] Era um veim aí, ensinou ao meu pai ler já tinha ensinado a meu pai e nesse... nessa história de... de Senhor ter vindo trazer os filho dele pra cá, ficou acho que era um... um professor... acho que não era esse não, acho que era gente moderna da rua, que trouxe agora eu que nunca participei da escola num tambe... num...

num... num entendi quem era. Agora o... o de papai que ele disse que era João Mindu-Munduba [...].

Doc.: Mas a senhora mesmo aprendeu aqui em casa como esse?

Inf.: Esse tantinho que eu tenho que eu sei foi aprendido aqui. porque papai ensina boca de noite com aquela letra grande, depois xixilô e a gente aí paraceu num sei quem foi... uma pessoa que... sim, a minha sobrin- a minha prima, a de mais nova do que eu, que é filha do Bartolameu [...] Aí Ester é a... é a fia do Bartolomeu [...].

Doc.: Essa sua prima filha de Bartolomeu ensinou também? E lhe ajudou a aprender? Ela deu aula?

Inf.: Ela ajudou, aí sim... aprender a gente ficou pra... querendo aprender ABC, ficava ensinano mamãe ensinou o ABC que ela sabia, ela sabia um pinguim de nada (rindo) meu pai também, depois ele se num ligou mais de... de... ele não dava muito valor a mulher aprender [...].

Doc.: Dona Zezete, quando a senhora aprendeu a escrever, a senhora lembra o que... que a senhora escrevia? A senhora escrevia o que na sua juventude? Gostava de escrever?

Inf.: Eu escrevia, mas eu não sabia juntar as... ar letra tudo não assim de José mas eu... eu escrevia mais porque eu panhava o que tá feito fazer (rindo) agora pra eu fazer pra mim da coisa não saia nada que preste.

Doc.: A senhora escreveu carta pra alguém?

Inf.: Fazia bilhete assim pra mandar pra... pra menina, pra ver quem sabia mais, mas os meu não ficava... fartava ar letra errada.

Doc.: Mas a senhora gostava de ler?

Inf.: Gostava, mas gostava e gosto mas (rindo) se eu achar pronto pra eu ler, pra eu lutar, se eu entendo mas pra eu fazer sozinha sem olhar nada nunca fazia não [inint] aprendi era olhano o outro.

Doc.: E a senhora recebeu um bocado de carta, né? A senhora lia as cartas que recebeu?

Inf.: Não não ligava muito de ler não e nem eu entendia pra ler assim pa juntar os nom- as letra pra falar o nome da pessoa [inint] tá li os livro...xeu pegar pa... pa nego ver. [...]

Doc.: As cartas, Dona Zezete, que a senhora recebia?

Inf.: Eu lia assim quando acontecia que tinha uns parente que ia pra São Paulo umas amiga as fia de Bartolomeu... não de Bartolomeu num tinha ido pra São Paulo, teve umas aí que era parente e foi pa... pa São Paulo aí de vez em quanto mandava um uma cartinha mas essas eu num liguei de... de guardar.

Doc.: Seu pai e sua mãe gostavam de contar história?

Inf.: Ah! Tinha contava tanta coisa doida (rindo) as piada braba (rindo) [...].

Doc.: Dona Zezete, e a bíblia a senhora gostava de ler?

Inf.: Demorava num ligava muito de ler (muito) que de noite era um... aqui uma zoadeira, uma brigalhada uma... aquela fofoca toda, eu lia mas muita coisa pouca, né?

Doc.: Mas a senhora tinha a bíblia em casa?

Inf.: Tinha e tenho [...].

Doc.: Tinha outros livros além da Bíblia, antigamente?

Inf.: Não, tinha uns livro aqui uns livro véi de... de... da escola da... da... que eu... que eu fiquei papai comprou uns livrinho a gente estudou só (tinha) esses livrinho assim...

Doc.: Mas a senhora não foi na escola, né? Ou foi?

Inf.: Da... a escola de governo não.

Doc.: Mas ele comprou os livros?

Inf.: Foi comprou os livrinho a gen- ou foi a nós mesmo que comprou quando tava grande os ABC aquela coisa assim... pouca.

Doc.: E a senhora tinha costume de escrever sempre alguma coisa ou só essas cartas que a senhora recebeu mesmo?

Inf.: Eu só escrevia (rindo)... eu só escrevia olhano aqui e fazeno (rindo).

Doc.: Ah, só copiando, mas pra escrever pra alguém, pra mandar bilhete pra resolver coisas a senhora não escrevia?

Inf.: Não [...].

Doc.: E seus filhos, Dona Zezete, não estudaram?

Inf.: Mas a sabida só tem eu e Nide [...].

Doc.: Os filhos da senhora?

Inf.: A irmã [...].

Doc.: E os filhos da senhora estudaram?

Inf.: Os meu filho?

Doc.: Ham.

Inf.: Botemo na na escola [...].

Doc.: Aqui na roça mesmo?

Inf.: Foi... foi até... deixa eu ver... [inint] eu mesmo gostava de... pra ir casa do Bartolomeu elas me ensinava um pouquinho eu era ruda por ler muito assim... ruim de... de aprender.

Doc.: E os filhos da senhora iam pra escola?

Inf.: E os filho botemo... botei na escola, na escola lá no Domingo (rindo).

Doc.: Onde?

Inf.: Num povoado que chama Domingo [...]. Sim, aí nesse trecho tinha uma esc- um... um... uma prima que tinha... que ensinava... aí eu botei [inint] meus filho é qua-, seis parece [...].

Doc.: Elas estudaram todas?

Inf.: Quem?

Doc.: Seus filhos.

Inf.: Botei sim, apareceu a escola num to lembrano o lugar que foi essa escola (porque) ali que na Pedra Branca teve escola, Maria Mota era pra eu.... meu pai num deixou, num estudei, quando chegou meus filho já num tinha já a escola já tinha acabado a escola... aí botou na escola... a filha do Bartolomeu ensinou uns dia... e eu não tô lembrada quando foi a escola que eu botei esses filho meu foi. [...]

NARRATIVA Nº 12 - ZSS

Nome Completo: Zulmira Sampaio da Silva
Filiação:
Naturalidade: fazenda Taboa, Pintadas, BA.
Data de nascimento: setembro de 1939.
Idade: 78 anos.
Estado civil: casada com Antonio.
Escolaridade: estudou os primeiros anos.
Principais atividades: dona de casa.
Lugares onde viveu: sempre viveu na fazenda Taboa.
Perfil: calma, pouco falante.
Gravação da narrativa: 26 de janeiro de 2017, às 12h, na fazenda Taboa, em Pintadas.
Inf. 1: Zulmira Inf. 2: Antonio, esposo de Zulmira

[...] Doc.: A senhora nasceu onde?

Inf.: Eu nasci aqui na região.

Inf. 2: Ela nasceu aqui mehmo.

Doc.: A senhora nasceu quando?

Inf.: Eu nasci no ano de junho... de...

Inf. 2: Trinta e nove.

Inf.: Trinta e nove.

Inf.: Setembro de trinta e nove.

Doc.: Ele que nasceu lá, seu esposo?

Inf.: Ele é de lá.

Doc.: Ele é o que de seu... de seu Pitanga?

Inf.: Ele é... parente, Antônio?

Inf. 2: É... nós somos parentes... uns parente longe mas samos. [...]

Doc.: E como que a senhora conheceu seu esposo?

Inf.: Ele vei morar aqui.

Doc.: Hum... Na mesmo época que dona Nina veio mais seu Pedro?

Inf. 2: Eu vim... eu vim primeiro (rindo) eu vim com catoze ano de idade e comade Nina já vei casada... quando eu sai de lá ela já era casada... e... e quando eu vim ela... ela ficou... aí daí a muitos ano, eu já tinha casado, foi que'la vei e comprou aí, eu vim solteiro e pai comprou terreno aqui, a gente vei morar. [...]

Doc.: E a senhora aprendeu a escrever como?

Inf.: Ah, tinha umas escolinha aí na roça e minha mãe colocou a gente lá, era difícil... aí eu fui aprendeno fiquei lá na casa da professora uns tempo... aprendi pouco... depois, o povo

trabalhava muito na roça, queria que os fi trabalhasse (rindo) [...] aí agora nós (superp.) estudamo um pouquinho... estudei pouco.

Doc.: E como era essa escola, a senhora lembra?

Inf.: Era... era em casa, era na casa da... da mulher, da dona da casa mesmo... ela ensinava os aluno, ensinava particular assim, pagava n'era?

Doc.: Tinha nome, a escola?

Inf.: Não.

Doc.: Era aqui?

Inf.: Era no... era o Sítio, chamava Sítio, a fazenda.

Doc.: E como era o lugar da aula, a senhora lembra? Tinha cadeira, como era?

Inf.: Tinha banco (rindo) esse tempo era uns baquin-... o povo tinha uns banquinho a mesa com uns banco... de primeiro era tudo pobre num tinha nem cadeira (rindo) era difícil não era?

Doc.: E os materiais, tinha livro, tinha o que pra estudar?

Inf.: Tinha, sempre era... a gente comprava aqueles livro e estudava aqueles livro chamava cartilha, primeiro lê o... o ABC minhas irmã me ensinou em casa... depois minha mãe comprou a cartilha me deu... eu fui, aprendi... aí depois eu saí dessa escola tornei ir pra outra já mais perto da casa de meu pai, aí aprendi mais um pouquinho, mas aprendi pouco também.

Doc.: Foi até que ano, que a senhora estudou?

Inf.: Só foi até o quarto.

Doc.: Mas a senhora gostava de escrever cartas?

Inf.: Ah eu gostava... eu gostava de escrever.

Doc.: E a senhora recebeu muitas cartas?

Inf.: Recebi. [...]

Doc.: Seu esposo lhe pediu em casamento como? Foi carta?

Inf.: Foi.

Doc.: E a senhora não tem essa carta guardada não?

Inf.: Não sei se tenho mais não, acho que não. [...]

Doc.: Foi o senhor mesmo que escreveu?

Inf. 2: Não... quem escreveu foi minha professora.

Doc.: O senhor estudava?

Inf. 2: (superp.) Eu não estudava na época... é porque minha leitura sempre foi mei pouca pra escrever pra fazer essas coisa... aí quando a gente queria fazer uma carta assim, a gente pedia uma pessoa, mais pedia pra escrever... aí ela fazia, escrevia, uma pessoa que a gente tivesse consideração... aí eu pedi a minha professora e ela escreveu.

Doc.: Era daqui a sua professora?

Inf. 2: Era... era de lá.

Doc.: Como era o nome dela?

Inf. 2: Chamava Rosenita (superp.).

Doc.: Era na roça ou na cidade?

Inf. 2: Era na roça.

Doc.: O senhor lembra o nome da roça?

Inf. 2 2: Da roça? Lembro, a roça chamava... chamava como? Poço Cercado o nome da fazenda chamava Poço Cercado [...].

Doc.: O senhor morava em que fazenda nessa época?

Inf. 2: Eu morava lá ne Riachão, na Fazenda Morrinho... Fazenda Morrinho.

Doc.: Que é perto do Pau de Colher, né?

Inf. 2: Se é perto? É... fica entre meio, da escola... entre meio é... não é pertinho, pertinho não, mas é... é perto.

Doc.: E como era essa escola de lá que o senhor estudou?

Inf. 2: A escola de lá era particular, era meu pai que... que pagava, ô aliás que meu pai botou pa pagar... quando foi pagar ela não quis, ela gostava muito... eles se gostava muito, meu pai, com... com a família deles... ela botou a escola, diz ela que só botou a escola só pra servir aos meninos (rindo) [inint.] aí botou e ficou, quando pai foi pagar ela, ela disse que não botou a escola pra cobrar não... que botou só pra fazer o favor (rindo).

Doc.: Quem era mais da sua turma, o senhor lembrar de quem que estudou junto com o senhor?

Inf. 2: Que estudou junto?

Doc.: Hum.

Inf. 2: Foi Roque, Jesuíno, Francisca, José e eu, o mais novo, estudava era eu e comade Nina... e os outros três era mais velho do que nós.

Doc.: E como era a escola, era um prédio?

Inf. 2: Era na... nós estudava na casa mesmo do... do velho Emílio... na varanda assim colocava uma mesa, tinha uma mesa [inint.] antigamente usava só banco assim grande... sentava todo mundo, ali naquela mesa e estudava ali.

Doc.: E o senhor escreveu mais cartas além da de pedido de casamento?

Inf. 2: Escrevi? Pode ter escrevido assim bilhete, essas coisas... eu escrevi pra um de um pra outro assim quando a gente queria mandar um recado por outro mandava assim aqueles bilhete assim... e pronto... era o que a gente fazia. [...]

Inf.: Meu pai inda fazia o nome dele, só o nome e o sobrenome, minha mãe num sabia não.

Doc.: E eles gostavam de contar histórias durante a infância, a senhora lembra se eles gostavam de contar história?

Inf.: Menina, eles contava assim do... pensa que eu lembro mais (rindo).

Doc.: E além de cartas, a senhora escreveu outras coisas durante a adolescência, a juventude?

Inf.: Eu só escrevia só carta mesmo.

Doc.: E pra ler, tinha o que pra ler?

Inf.: Ler a gente pegava or livro assim... lia, lia romance, lia aqueles livro de história.

Inf. 2: Foi quem mais cresceu minha leitura foi livro de história (superp.), romance assim, folheto de cordel, eu tenho oh (rindo)... [...] eu tenho um feche assim de livro assim de cordel... de muitos temp- muitos ano... mas tem livro bonito, tem livro bonito, tem livro que o cara lê corre água dos olho.

Doc.: O senhor trouxe de lá?

Inf. 2: Truxe de lá foi, já vim, já vim desde eu moleque quando pegou sair q'eu peguei soletrando e leno eu comecei comprar os livro. [...]

Doc. 2: E do material que as professoras usavam, o senhor tem algum guardado também, do que a professora usava na escolinha?

Inf. 2: Não esse negócio da escola nós não tem... nós era moleque eu fui pa escola acho com oito ou foi com oito ano eu estudei, se eu estudei, vamo botar... quatro mês... aí eu saí... eu saí, agora eu aprendi mais foi carregano leite... pai empregou a gente numa fábrica de leite a gente comprava... pai comprava o leite, a gente ia pegar e ia entregar na firma aí a gente via o dono fazer o nome, a gente fazia também, pegava fazia aquele nome sem saber o que tava fazeno, mas depois que a coisa vai (rindo) até que a gente aprendeu.

Inf.: De primeiro a gente trabalhava muito na roça, num tinha tempo nem de guardar essas coisa [...].

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

HUDA DA SILVA SANTIAGO

A ESCRITA POR *MÃOS INÁBEIS*
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO

VOLUME II

Salvador
2019

HUDA DA SILVA SANTIAGO

A ESCRITA POR *MÃOS INÁBEIS*
UMA PROPOSTA DE CARACTERIZAÇÃO

VOLUME II

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais Carneiro
Coorientador: Prof. Dr. Afrânio Gonçalves Barbosa

Salvador
2019

SUMÁRIO

VOLUME I

TOMO I

INTRODUÇÃO 21

O tema 21

Os objetivos 22

A estrutura da tese 23

PARTE I – A INABILIDADE EM ESCRITA ALFABÉTICA 26

1 SOBRE AS DEFINIÇÕES, OS CRITÉRIOS E A PROPOSTA ASSUMIDA NA ANÁLISE 27

1.1 DEFINIÇÕES E CRITÉRIOS 27

1.1.1 Petrucci (1978) 27

1.1.2 Blanche-Benveniste (1993, 1998) 28

1.1.3 Marquilhas (1996, 2000) 30

1.1.4 Barbosa (1999) 32

1.1.5 Oliveira (2006) 34

1.1.6 Silva (2012) 35

1.1.7 Santiago (2012) 36

1.1.8 Síntese 37

1.2 A CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA DE ANÁLISE 39

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS 45

2.1 CAMPO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA SÓCIO-HISTÓRICA: SOBRE O USO DE FONTES COMO *CORPORA* HISTÓRICOS 45

2.2 CAMPO DA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA ESCRITA: SOBRE A INVESTIGAÇÃO DA DIMENSÃO EXTERNA DA ESCRITA 47

2.2.1 Sobre o recurso à História Oral 50

2.3 CAMPO FILOLÓGICO 54

2.3.1 O trabalho com *corpora* diacrônicos no tempo das humanidades digitais 55

PARTE II – O *CORPUS*, OS REDATORES E O CONTEXTO 59

3 SOBRE A DOCUMENTAÇÃO 60

3.1 OS ACERVOS 60

3.1.1 Os aspectos materiais das cartas 61

3.1.2 As edições realizadas 65

3.1.2.1 *Edição tradicional* 65

3.1.2.2 *Edição digital-eletrônica* 67

3.1.3 Disponibilização das edições 69

3.2 A LOCALIZAÇÃO TEMPORAL 70

3.3 A LOCALIZAÇÃO ESPACIAL 70

3.4 OS REMETENTES E OS DESTINATÁRIOS 72

3.4.1 Quem escreveu? 73

3.4.2 Para quem se escreveu? 76

3.4.3 A região de origem dos redatores e destinatários: alguns aspectos sócio-históricos 77

3.5 SÍNTESE 81

4 SOBRE O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DOS DOCUMENTOS 83

4.1 OS PROCESSOS/ESPAÇOS DE PRODUÇÃO E PARTICIPAÇÃO DA/NA CULTURA ESCRITA 83

4.2 AS ENTREVISTAS-NARRATIVAS PRODUZIDAS 85

4.3 PRÁTICAS DE LETRAMENTO EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO ESCOLARES NO SERTÃO BAIANO NO SÉCULO XX 86

4.3.1 O espaço doméstico 89

4.3.2 O processo de migração 90

4.3.3 O acesso a materiais impressos e manuscritos 91

4.3.4 A experiência escolar 96

4.4 SÍNTESE 99

PARTE III - PARA A IDENTIFICAÇÃO DA INABILIDADE NA ESCRITA: ANÁLISE DOS DADOS E APLICAÇÃO DA PROPOSTA 104

5 A CARACTERIZAÇÃO DOS REDATORES POR ASPECTOS DE INABILIDADE 105

5.1 A *ESCRIPTUALIDADE* E A ESCRITA FONÉTICA 106

5.1.1 Os aspectos de *escriptualidade* 106
5.1.2 Os índices grafofonéticos 110
5.1.3 O cruzamento dos dados de *escriptualidade* com os índices grafofonéticos 113
5.1.4 Síntese 120
5.2 A DIMENSÃO DA PONTUAÇÃO 121
5.2.1 Estudos sobre pontuação em textos antigos e em dados de aquisição da escrita 122
5.2.2 A pontuação nas cartas dos sertanejos 124
5.2.3 Síntese 134
5.3 A REPETIÇÃO DE VOCÁBULOS 134
5.3.1 Alguns estudos sobre repetição 135
5.3.2 A repetição nas cartas dos sertanejos 137
5.3.3 Síntese 143
5.4 AS DIMENSÕES DA HABILIDADE MOTORA E DA SEGMENTAÇÃO GRÁFICA 144
5.4.1 A habilidade motora 144
5.4.2 A segmentação gráfica 148
5.4.3 Síntese 153
5.5 O *CONTÍNUO* DE INABILIDADE EM ESCRITA 154

6 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS NA ESCRITA INÁBIL: A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SINTAGMA NOMINAL E OUTROS 161
6.1 A MARCAÇÃO DE PLURAL NO SN, EM *CORPORA* ESCRITOS 162
6.1.1 A marcação de plural no SN em cartas do século XX: dados menos transparentes à oralidade 162
6.1.2 Comparação com inábeis de outra sincronia histórica: a marcação de plural no SN em atas do século XIX 166
6.1.3 Dados mais transparentes à oralidade: usos variáveis de marcação de plural no SN, nas cartas 171
6.2 EXEMPLOS DE NÃO MARCAÇÃO DO PLURAL NO SN, NA ORALIDADE DOS SERTANEJOS 175
6.3 OUTROS ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO MORFOSSINTÁTICA, NAS CARTAS DO SÉCULO XX 178
6.3.1 A marcação de gênero no SN 178
6.3.2 Construções com relativas 180
6.4 SÍNTESE 183

CONSIDERAÇÕES FINAIS 185

REFERÊNCIAS 189

VOLUME I

TOMO II

APÊNDICES 205
APÊNDICE A – Dados da dimensão da *escriptualidade* 206
APÊNDICE B – Dados de escrita fonética 229
APÊNDICE C – Dados de repetição de vocábulos 265
APÊNDICE D – Dados de segmentação gráfica 270
APÊNDICE E – Distribuição dos dados por redator – *escriptualidade* e escrita fonética.. 299
APÊNDICE F – Temas para produção das entrevistas-narrativas 305
APÊNDICE G – Termo de consentimento livre e esclarecido 306
APÊNDICE H – Transcrição de trechos das entrevistas-narrativas 307

VOLUME II

1 APRESENTAÇÃO 368

2 NORMAS DE TRANSCRIÇÃO 369

3 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS PESSOAIS DE SERTANEJOS BAIANOS, SÉCULO XX 371
PARTE I 371
3.1 CARTAS PARA JOÃO CARNEIRO DE OLIVEIRA 371
3.2 CARTAS PARA ALMERINDA MARIA DE OLIVEIRA 470
3.3 CARTAS PARA JOSÉ MENDES DE ALMEIDA 503
3.4 CARTAS PARA ANA HELENA CORDEIRO DE SANTANA 520
3.5 CARTAS PARA FIRMINA PETORNILHA DOS SANTOS 527
3.6 CARTAS PARA JOSEFA JOZINA DA SILVA 539
3.7 CARTAS PARA NERALDO LOPES PINTO 551
3.8 CARTAS PARA MARIA INÊS OLIVEIRA COSTA 556

3.9 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS 562

PARTE II 601
3.10 CARTAS PARA ZENILTA BISPO DE OLIVEIRA 601
3.11 CARTAS PARA ANTONIO CARNEIRO DE OLIVEIRA 652
3.12 CARTAS PARA MARIA BISPO DOS SANTOS 666
3.13 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS 683

4 ÍNDICE ANALÍTICO DAS CARTAS 699

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES 722

APRESENTAÇÃO

Neste Volume II, apresenta-se a edição semidiplomática de 131 cartas pessoais, escritas ao longo do século XX (1906-2000), por 53 remetentes de origem rural, naturais dos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, no sertão baiano[1]. As cartas estão organizadas em duas partes. A primeira parte, constituída por 91 cartas, foi publicada em Santiago (2011, 2012) e, na versão atual, a edição foi revisada, os cabeçalhos das cartas e as fichas de remetentes foram ampliados e os fac-símiles, substituídos por imagens de melhor qualidade. A segunda parte é constituída por 40 cartas inéditas, escritas por remetentes da mesma região e no mesmo período das demais (quatro dos redatores escreveram cartas da primeira parte, também). De acordo com o destinatário, as cartas estão distribuídas nos seguintes blocos:

Parte I (91 cartas):

– cartas para João Carneiro de Oliveira;
– cartas para Almerinda Maria de Oliveira;
– cartas para José Mendes de Oliveira;
– cartas para Ana Helena Cordeiro de Santana;
– cartas para Firmina Petornilha dos Santos;
– cartas para Josefa Jozina da Silva;
– cartas para Neraldo Lopes Pinto;
– cartas para Maria Inês Oliveira Costa;
– cartas avulsas para vários destinatários.

Parte II (40 cartas):

– cartas para Zenilta Bispo de Oliveira;
– cartas para Antonio Carneiro de Oliveira;
– cartas para Maria Bispo dos Santos;
– cartas avulsas para vários destinatários.

Em cada bloco de destinatários, as cartas estão organizadas pela ordem alfabética dos remetentes, mantendo a ordem cronológica das correspondências, pela data em que foram escritas. Antecedendo as cartas de cada remetente, há uma ficha com seus dados biográficos[2]. Para facilitar a consulta aos documentos, há, após a edição, um índice analítico.

[1] A edição também está disponível no site <http://www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/index.html>.
[2] O modelo de ficha utilizado foi adaptado de Carneiro (2005).

2 NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

Na transcrição das cartas, optou-se pela versão conservadora[3]. As intervenções não têm caráter corretor e serão feitas apenas para facilitar a compreensão. Para tanto, serão utilizados os símbolos convencionais da filologia[4].

1. Cabeçalho:

a) Identificação do arquivo.

b) Indicação do número de fólios, das dimensões do suporte, do estado de conservação e empaginação.

c) Indicação de estampilhas, marca d'água, timbre, ornamentos.

d) Anotações do arquivo feitas nos documentos.

2. Marcas supragráficas serão indicadas em nota de rodapé de acordo com as especificações a seguir:

a) [.] Parte do documento não transcrita com indicação em nota do tipo de problema encontrado: rasuras, borrões, dano no suporte etc.

b) [?] Leitura difícil de vocábulo.

c) [??] Trecho de difícil leitura.

3. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se, em itálico, as letras omitidas na abreviatura, obedecendo aos seguintes critérios:

a) Respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiossincrasias ortográficas do redator.

b) No caso de variação no próprio manuscrito, a opção será para a forma atual ou mais próxima da atual, como no caso de ocorrências do tipo "Coraçam" e "Coração", que levam a abreviatura "C" a ser transcrita "C*oração*".

---

[3] Essas normas foram elaboradas com base nas normas de transcrição para documentos manuscritos do 2º seminário do Projeto "Para a História do Português Brasileiro", realizado em Campos de Jordão entre 10 e 15/1998, (cf. MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro*: primeiros estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP/FAPESP, 2001. p. 553-555, t. II).

[4] O processo de transcrição foi feito com base em digitalizações, obtidas dos documentos originais. Esse processo foi utilizado para facilitar o andamento do trabalho e, ainda, para evitar o desgaste dos documentos. Todas as fotos foram catalogadas de acordo com a cota do arquivo. A revisão da edição foi feita a partir do manuscrito original.

4. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplo: “Cegemos| Empaz grasa adeus sim Juão eu| Comprei 8000 tarefa deterra i uma| Comprei uma vaca [.]| Nada mais dei lembransa a| Comprade pedro i agusto i atodos| que pergumta pormi”.

5. A pontuação e a acentuação originais serão rigorosamente mantidas. Exemplo: “eu sigo com u mesim cario para voce| tudo so depede de voce eu não esitou ti| enganano ja não cei o gi pocu Fazer| com tudo ico| Eu esitou muito nevozo não teio gupa de| gosta tanto de voce”.

6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de algumas variações físicas dos sinais gráficos resultarem de fatores cursivos, não serão consideradas relevantes. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução.

7. Supressões feitas pelo redator no original serão tachadas. Exemplo: “olhe elena eu pasei| muito bem e espero que você tambem| esteja passado ~~Elena~~ ~~vou~~ bem elena| elena aquela converça com seu nomi| ja acabou”.

8. A divisão das linhas do documento original será preservada. A indicação será feita na edição pela marca de uma barra vertical | entre as linhas. A mudança de fólio receberá a marcação com o respectivo número na sequência, 1v., 2r., 2v., 3r., etc.

9. Inserções do redator, se na entrelinha, entram na edição entre os sinais <↑>, se na entrelinha superior; <↓>, se na entrelinha inferior; se nas margens superior, laterais ou inferior, entram na edição entre os sinais < >, na localização indicada. Exemplo: “mande mi dize quanto| gusta um dia de um tarbalhador e 1| saco de farinha e 1 saco <↑de> feijão e 1| saco de milho”.

10. A assinatura virá sublinhada. Exemplo: “<u>Jezuino Carneiro di Oliveira</u>”. Serão indicados, em nota, qualquer sinal idiossincrático ou quando a assinatura não corresponder à grafia da carta.

3 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE CARTAS PESSOAIS DE SERTANEJOS BAIANOS, SÉCULO XX

PARTE I

3.1 CARTAS PARA JOÃO CARNEIRO DE OLIVEIRA

REMETENTE N° 1

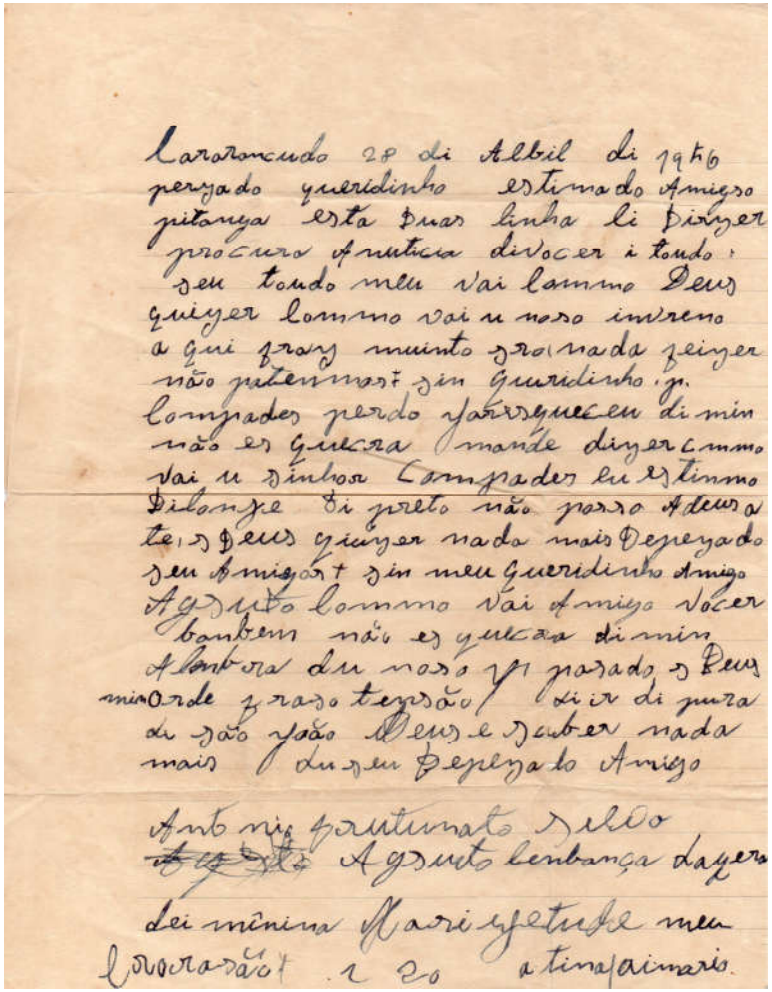
DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Antonio Fortunato da Silva.
Nome Completo: Antonio Fortunato da Silva.
Filiação: José Vitorino de Souza e Maria Conceição da Silva.
Avós paternos/maternos: Antonio Brás Souza e Antonia Brás Souza/José Zeferino da Silva e Angélica Zeferino da Silva.
Naturalidade: Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 06 de setembro de 1936. **Data de falecimento:** (vivo).
Idade do remetente (quando da escrita das cartas): 20 a 29 anos (da primeira à última carta, respectivamente).
Estado civil: casado com Gertrudes. Atualmente é casado com Maura Ribeiro da Silva.
Escolaridade: não frequentou a escola (1).
Principais atividades: lavrador. Passou uma temporada em São Paulo trabalhando como ajudante.
Lugares onde viveu: morou durante algum tempo na fazenda Carrancudo, distrito de Mairi, BA. Em 1958, ele esteve em Ribeirão Preto, SP, para servir ao Exército e, em 1961, voltou para São Paulo, para trabalhar, onde viveu até 1965. Depois também morou no município de Mundo Novo e em Pintadas, município de Ipirá, BA. Atualmente mora em Riachão do Jacuípe, BA. A maior parte das cartas escritas por ele corresponde ao período que residia em São Paulo.
Observações:

(1) Antonio Fortunato afirma que não frequentou a escola e não teve aulas em casa, sua mãe era analfabeta e não tinha condições financeiras para pagar aulas particulares. Argumenta que aprendeu a escrever convivendo com amigos já escolarizados. Desde cedo lia a Bíblia. Atualmente é membro da Igreja Evangélica Petencostal Deus te Ama, exercendo a função de pastor.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.
Depoimento concedido por Antonio Fortunato da Silva e Maura Ribeiro da Silva no dia 12 de março de 2011.
Documento de identidade de Antonio Fortunato.



1. Antonio Fortunato da Silva.



Carta 1

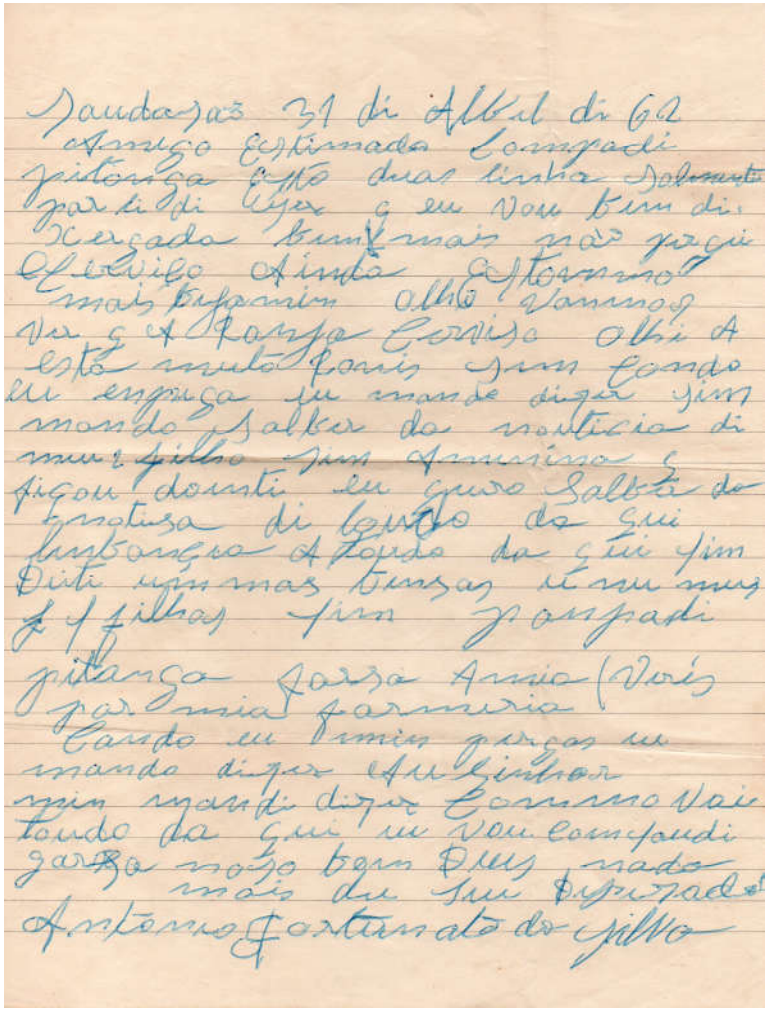
AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 262mm x 205mm. Apresenta marcas de dobras.

Cararancudo 28 di Albil di 1956|
perzado queridinho estimado Amigso| pitanga esta Duas linha li Dirzer| procura A nuticia divocer i toudo| seu toudo meu vai commo Deus| quizer commo vai u noso invreno| a qui frais muinto sro. nada feizer| não patenmos[5] sin queridinho . p.| compades perdo jasesqueceu di min| não es quecra mande dizer cmmo| vai u sinhor compader eu estinmo| Dilonje Di preto não posso Adeus a| te, s*e* Deus qiuzer nada mais Depezado| seu Amigor[6] sin meu queridinho Amigo| Agsuto commo vai Amigo vocer| banbem não es quec[.][7]a di min| Alenbra du noso [?] pasado s*e* Deus| min orde fraso tensão di ir di pura| di são João Deus e saber nada| mais du seu Depezado Amigo|

Antonio frutunato silva|
~~Agsto~~ Agsuto lenbança daqera|

dei mênina Mari Jetude meu |
Crorasão [?] a tina aimario|

[5] Após a palavra há traço vertical cortado por dois traços horizontais.
[6] Após a palavra há traço vertical cortado por um traço horizontal.
[7] Desgaste do papel devido à dobra.



Carta 2

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

Saudasão 31 di Albil di 62|
Amigo Estimado Compadi| pitanga Esta duas linha solmente| par li di zer q*ue* eu vou bem di.| xergada bem mais não pergei| o cerviço Ainda Estommo| mais bejamim olho vanmos| ver q*ue* A Ranja Cerviso olhi A| esta muto [?]onis sim cando| eu enprega eu mando dizer sim| mando salber da nouticia di| meu 2 filho sim A menina q*ue*| ficou doenti eu quero salber da| notisa di loudo[8] da qui| lenbançia A toudo da qui sim| Deiti ummas bensas u nu mus| f f filhos sim p onpadi|

pitanga farsa A mia[9] vesis| por mia farmiria| cando eu min pergar eu| mando dizer Au sinhor| min mandi dizer commo vai| toudo da qui eu vou com saudi| garsa noso bom Deus nada|
mais du seu Depesado|
Antonio Fortunato da Silva|

[8] Por "todos". Rasurado.
[9] Há traço vertical após a palavra.



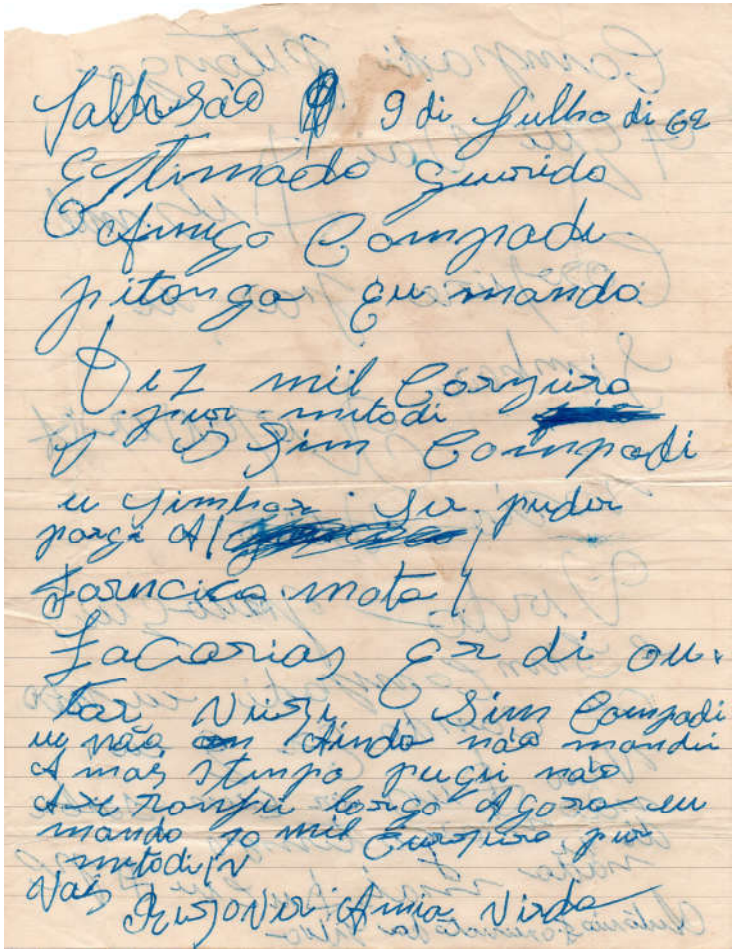
Antonio F*ortunato* da Silva|
Rua 7 n*úmero* 120 jardim|
Marieta V*ila* dos Remedios S*ão* Paulo|



[.][10] S*enho*r João Pitanga|
Fazenda morrinho Municipio|
Riachão Jacuipe|

Estado da Bahia|

[10] Rasurado.

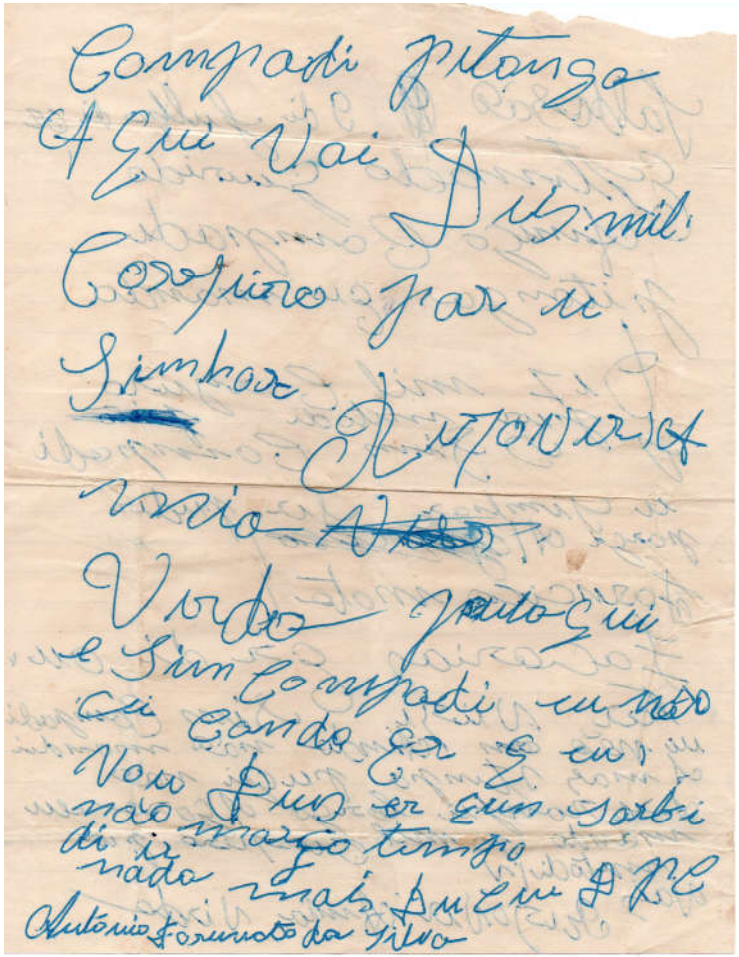


Carta 3

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e rasgo na margem superior, à esquerda. A mancha escrita do recto é visível no verso e vice-versa. Acompanha envelope.

Saldasão [.][11] 9 di julho di 62|
Estimado querido| Amigo Compadi| pitanga Eu mando| Dez mil Corzeiro| pur metodi [.][12]|s s sim compadi| u simhor sir puder| pargi A [.][13]|Farncico mota[14]| Zacarias Er di ou| tar veizi sim Compadi| eu não [.][15] Ainda não mandei| A mas s tenpo puqui não| Ar ranjei lorgo Agora eu| mando 10 mil Curzeiro pur | metodi [?]|
vais Resover A mia virda|

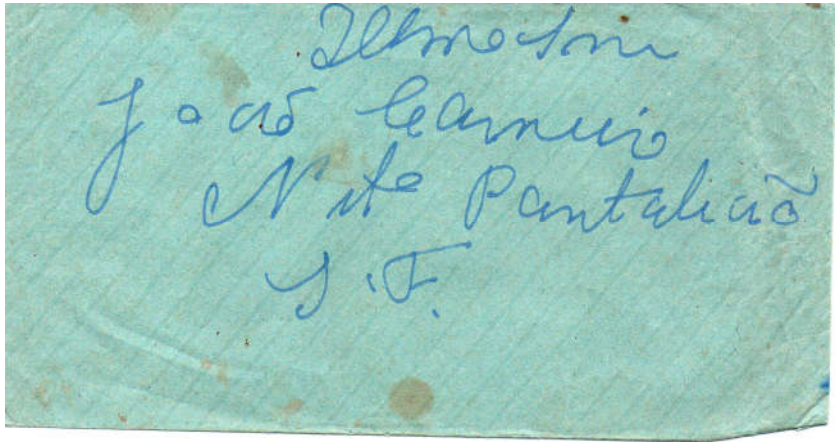
[11] Rasurado.
[12] Rasurado.
[13] Rasurado.
[14] Após a palavra há linha vertical.
[15] Rasurado.



[fol. 1v]

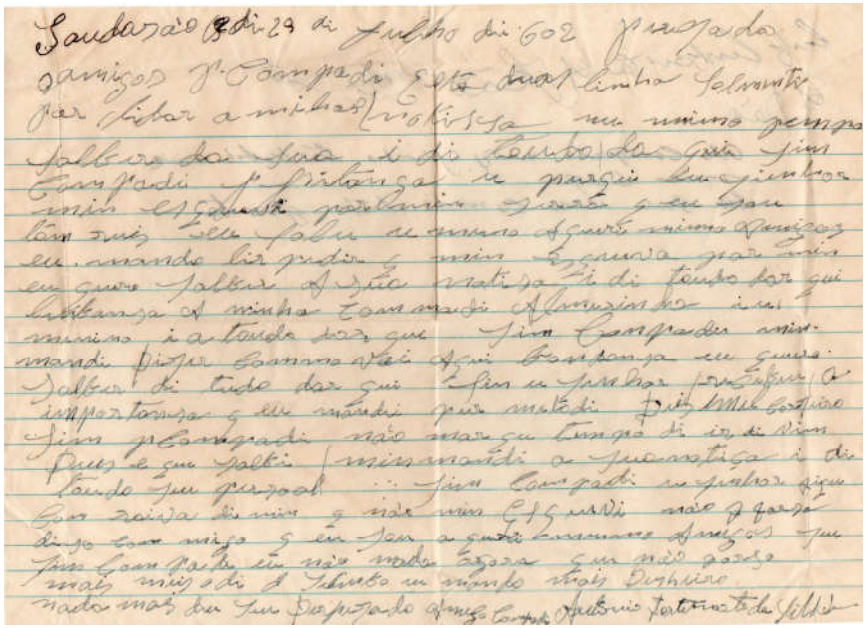
Compadi pitanga|
Aqui vai Dez mil| Corzeiro par u| simhor Resover A| mia ~~vier~~|
Virda pulaqui| e sim Compadi eu não| cei cando Er q*ue* eu| vou Deus er
qein sarbi| não marco[16] tempo|
di ir|
nada mais Du ceu DpC|
Antonio Forunato da Silva|

[16] Escreveu com a letra "g" e corrigiu com a letra "c".





Illustríssimo senhor |
João Carneiro |
Nesta Pantalião |
s. F. |

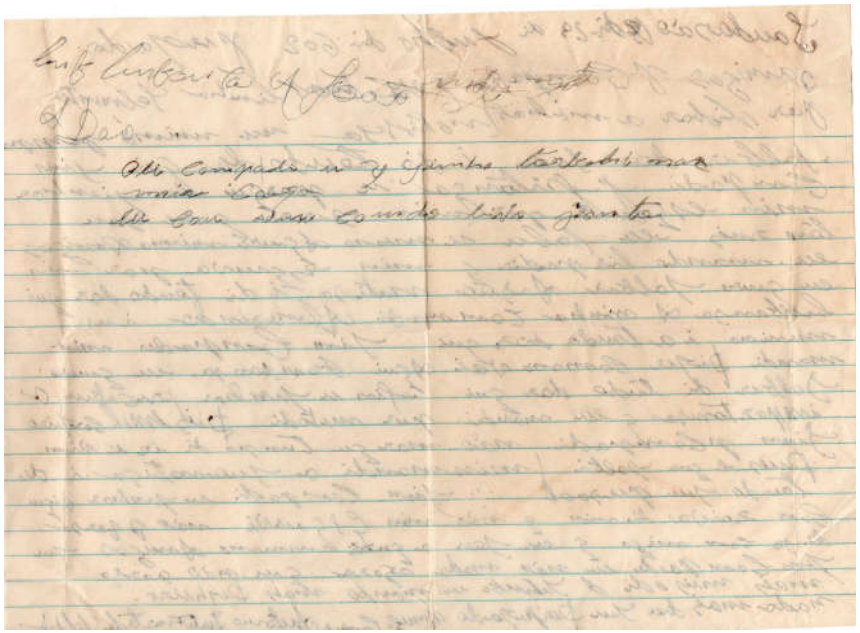


Carta 4

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 210mm x 300mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

Saudasão [.][17]di 29 di julho di 602 perzado| a amigor p. Compadi Esta duas linha solmenti[18]| par lidar a mihas[19] notissa nu mimo pempo| salber da sua i di toudo da qui sim| Compadi p pitanga u purqui u sinhor| min esqrevi par mim serra q*ue* eu sou| tom rui eu solu u memo Aqueri minno Amigos| eu mando lir pidir q*ue* min esqreva par min| eu quero salber A sua notisa i di toudo dar qui| lenbansa A minha Commadi Almerinda i u| minino i a toudo dar qui sim Compadi min| mandi Dizer Commo vai Aqui bonpansa eu quero| Salber di tudo dar qui Sin u sinhor recebeu[20] a| importansa q*ue* eu mandei pur metodi Deis mil corzeiro| Sim p Compadi não marqei tempo di ir di vim| Deus e qui salbi[21] min mandi a sua notiça i di| toudo seu persoal sim compadi u sinhor fiqu| com raiva di min q*ue* não min Esquevi não f farsa| diso com migo q*ue* eu sou a queri menmo Amigos seu| Sim Compadi eu não mado agora que não porso| mais meis o di [?] setenbo eu mando mais Dinheiro|
nada mas du seu Despesado Amigo Compadi <u>Antonio Fortunato da Silva[22]</u>|

[17] Rasurado.
[18] As duas primeiras linhas estão escritas na margem superior.
[19] Após a palavra há linha vertical.
[20] Antes e após a palavra há linha vertical.
[21] Após a palavra há linha vertical.
[22] Escrito na margem inferior.



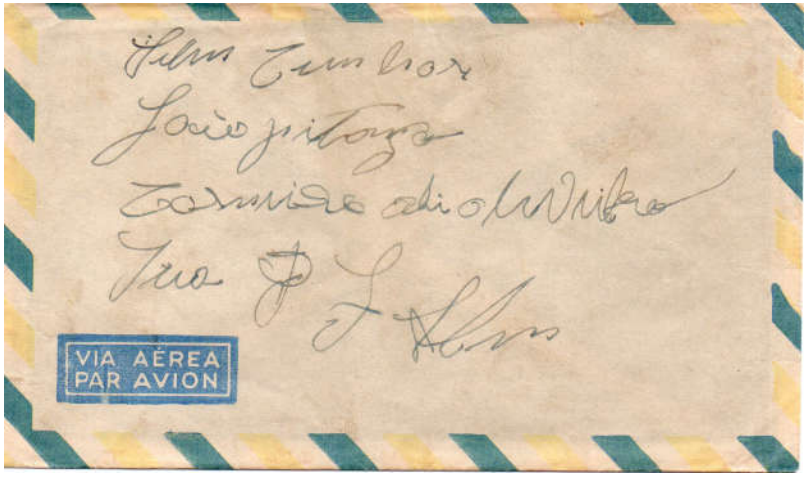
[fol. 1v]

lnb lenbansa A João [.][23] | A Dão |[24]
Oli Compadi u s simho tarbahi nar |
mia casa |
eu vou vim comdo live pronta |

[23] Rasurado.
[24] Escrito na margem superior.

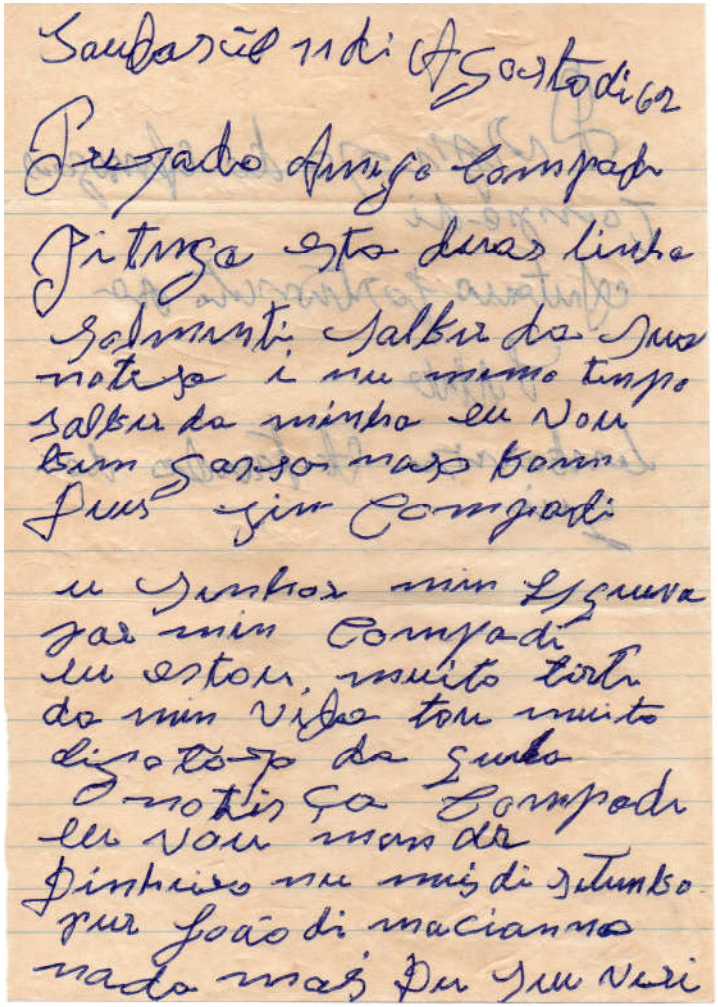


Antonio Fortunato da Silva[25] |



Ill*ustríssi*mo Semhor |
João pitanga |
Carneiro di oliveira |
Sua [.] F [.][26] |

[25] Acima da assinatura há traços aleatórios.
[26] Ilegível.



Carta 5

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 200mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha escrita do recto é visível no verso e vice-versa. Acompanha envelope.

Saudasão 11 di Agosto di 62[27] |

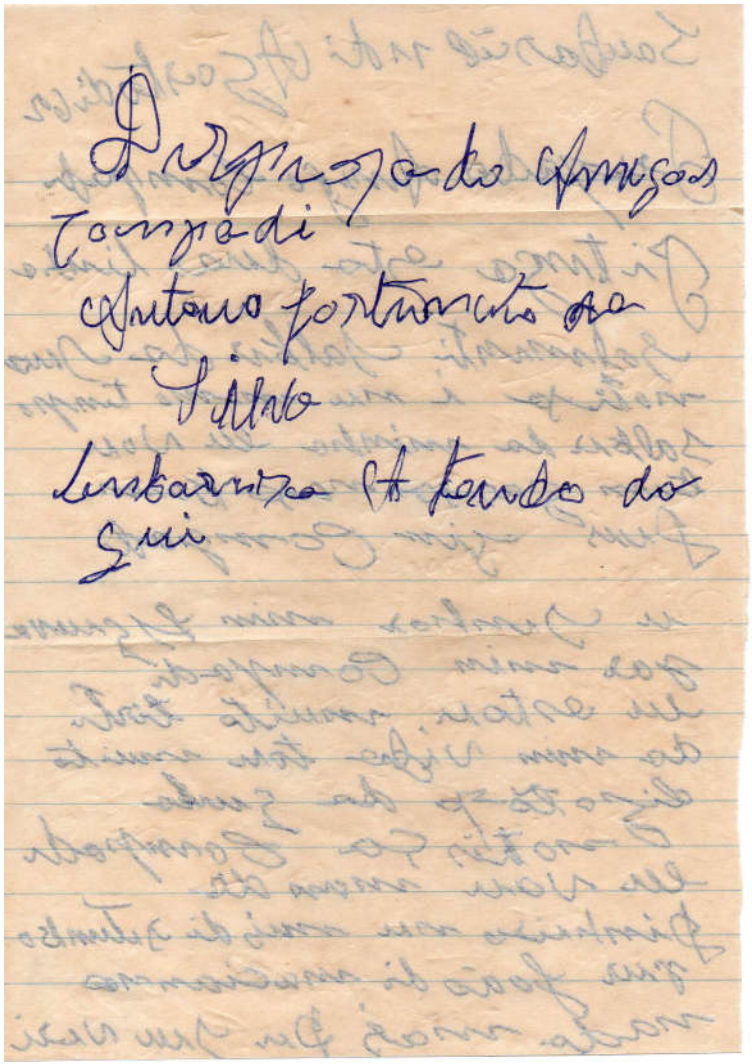
Prezado Amigo Compadi |

Pitnga esta duas linha |

solmenti salber da sua | notisa i nu memo tenpo | salber da minha eu vou | bem garsa noso bom | Deus sim Compadi |

u senhor min esqueva | par min Compadi | eu estou muito tirti | da min vida tou muito | digotoso da qur[.]a[28] | notis ça Compadi | eu vou manda | Dinheiro nu meis di setembo | pur João di macianno | nada mas Du seu viri[29] |

[27] Escrito na margem superior.
[28] Rasurado.
[29] Escrito na margem inferior.



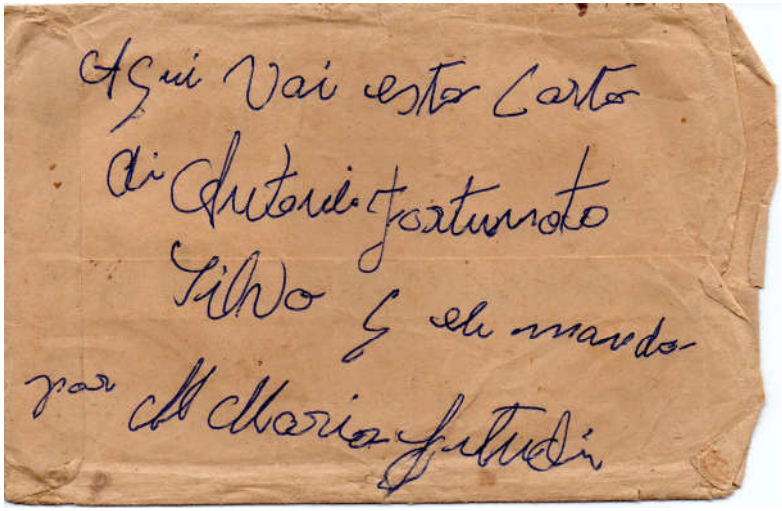
[fol. 1v]
Despesado Amigos|

Compadi|

Antonio Fortunato da|

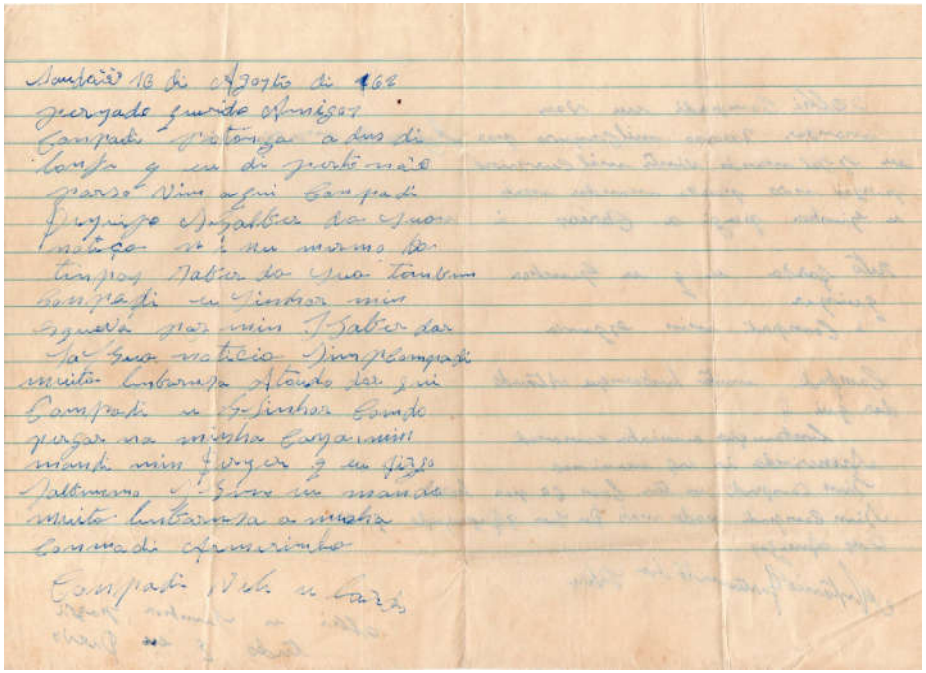
Silva|

lenbarnsa A toudo da|
qui|



Aqui vai esta carta |
di Antonio Fortunato |
Silva q*ue* ele manda |

Por M Maria Jetudi |

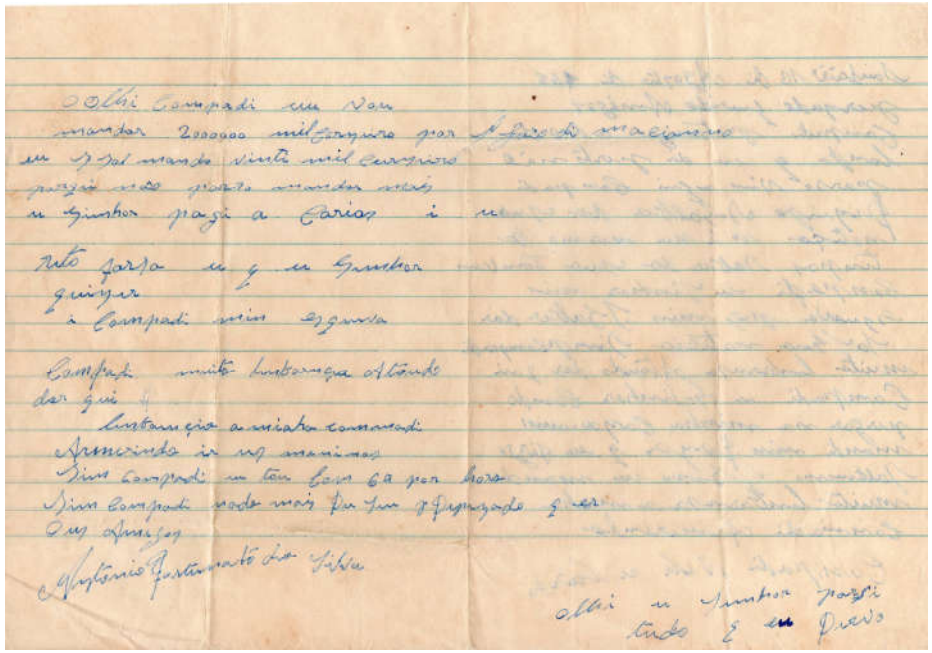


Carta 6

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 210mm x 300mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha escrita está estruturada à esquerda, no recto e no verso, de modo invertido (o texto inicia onde deveria ser a margem inferior do fólio). Acompanha envelope.

Sauda[?] 16 di Agosto di [.][30]62|
perzado querido Amigos| Conpadi pitanga a dus di| lonji q*ue* eu di perto não| porso vim aqui Conpadi| Dezeijo ssalber de sua| notiça n i nu mermo [.][31]| tenpos saber da sua tanbem| Conpadi u simhor min| esqueva par mim ssaber das| sa ssua noticia sim p compadi| muita lenbarnsa Atoudo dar qui| Compadi u ssinhor Comdo| pergar na minha caza nim| mandi min Dirzer q*ue* eu firgo| salbemno s sim eu mando| muita lenbarnsa a minha| Conmadi Armerinda|
Conpadi vili u lardo[32]|

[30] Rasurado.
[31] Rasurado.
[32] Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]
o olhi Compadi eu vou| mandar 2000000 mil Corzeiro por [?] João di macianno|eu s sol mando vinti mil curzeiro| porqui não porso mandar mais| u sinhor paqi a Carias i u|

reto farsa u q*ue* u simhor| quizer|
i compadi min esqueva|

Compadi muita lenbarnçia Atoudo|
dar qui|
lenbarnçia a miaha commadi|
Armerinda ir us mininos|
Sim compadi eu tou com 65 por hora|
Sim compadi nada mais Du seu p Depezado q*ue* er| o ur Amigor|
Antonio Fortunato da Silva[33]|

Olhi u simhor parqi| tudo q*ue* eu Dervo[34]|

[33] Escrito na margem inferior.
[34] Escrito na margem inferior.

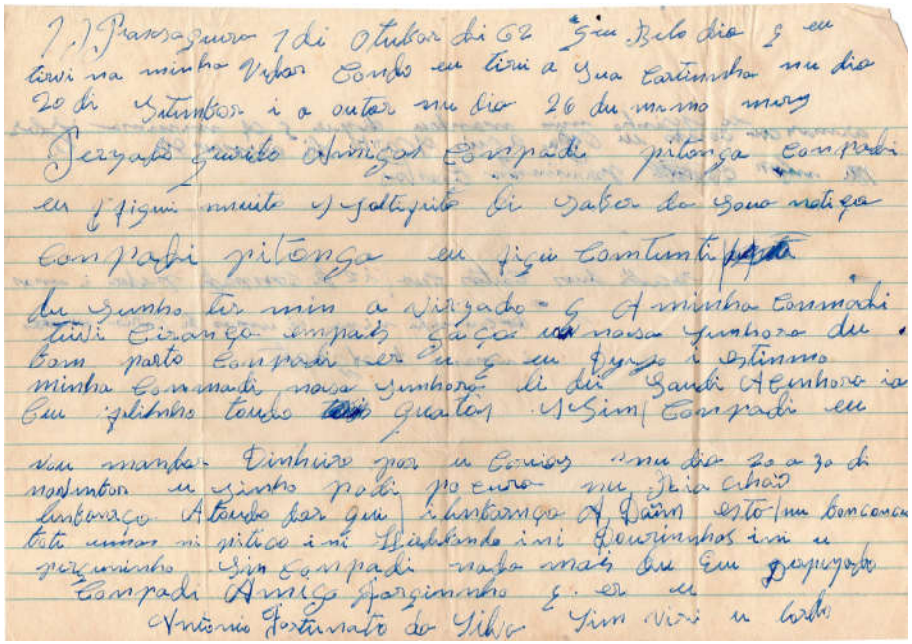


Il*ustríssi*m*o* s s Sinhor João pitanga carneiro|

Sau[?] s F [?] Amagôzo|
monicipi di Riachão do|
jauguipi|[35]
P [?] Bahia[36]|

Antonio Fortunato da Silva|
Conpaniaha Ciderugica paulista|
Cozipa Piassaguera São Paulo|

[35] Rasurado.
[36] Há traços aleatórios abaixo.



Carta 7

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 210mm x 300mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha escrita do verso e do recto é visível.

Piassaguera[37] 1 di Otubor di 62 que Belo dia q*ue* eu| tirvi na minha vidar condo eu tirei a sua Cartinnha nu dia| 20 di setembor i a outar nu dia 26 du memo mer[?]|[38]

Perzado querido Amigor Conpadi pitanga conpadi|

eu ffiquei muito ssaltifeito di saber da soua notiça|

Conpadi pitanga eu fiqei Comtemti [.][39]|

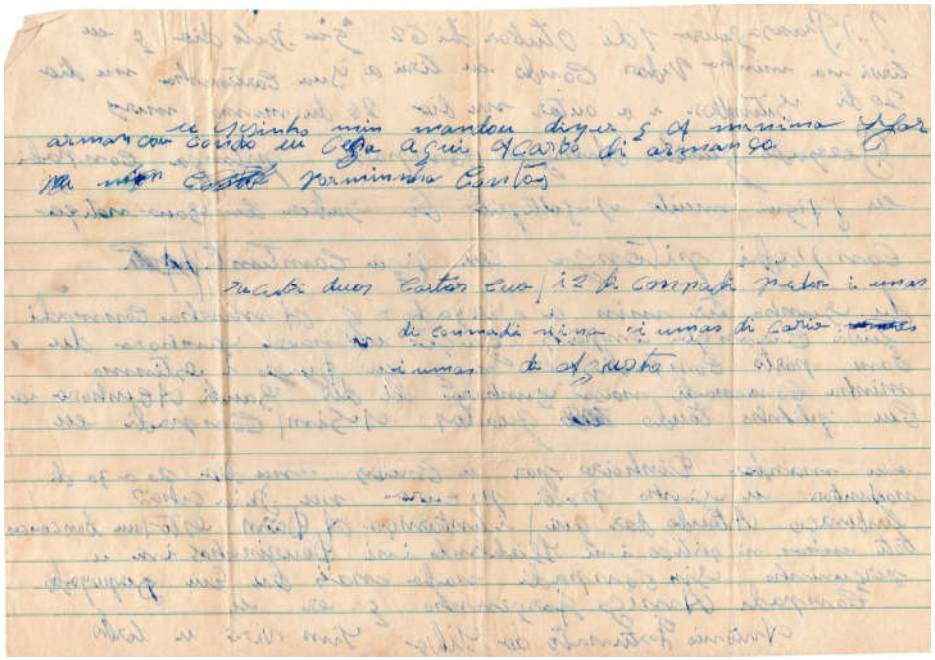
du senho ter min a virzado q*ue* A minha Conmadi| teivi Cirança empais gaça a[40] nosa senhora du| bom parto Conpadi er u q*ue* eu Dezejo i estinmo| minha Conmadi nosa senhora li dei saudi A cenhora ia| Ceu filinho[41] toudo [.][42]| quatos ssim[43] Conpadi eu|

vou mandar Dinheiro por u coreios nu dia 20 a 30 di| novenbor u sinho podi pocura nu Riachão| lenbanrça A toudo dar qui[44] i lenbarnça A Dãm esto[45] nu bonconcio| bote umas ni pitico i ni Hirdebando i ni Dourinnhas i ni u| perqeninho sin Conpadi nada mais du Ceu Derpezado| Conpadi Amigo ffarqinnho q*ue* er u|

Antonio Fortunato da Silva sim viri u lardo[46]|

---

[37] Antes da palavra há dois traços na tentativa de desenho da letra "P".
[38] Trecho escrito na margem superior.
[39] Rasurado.
[40] Rasurado.
[41] Rasurado.
[42] Rasurado.
[43] Há traço vertical após a palavra.
[44] Há traço vertical após a palavra.
[45] Há traço vertical após a palavra.
[46] Escrito na margem inferior.



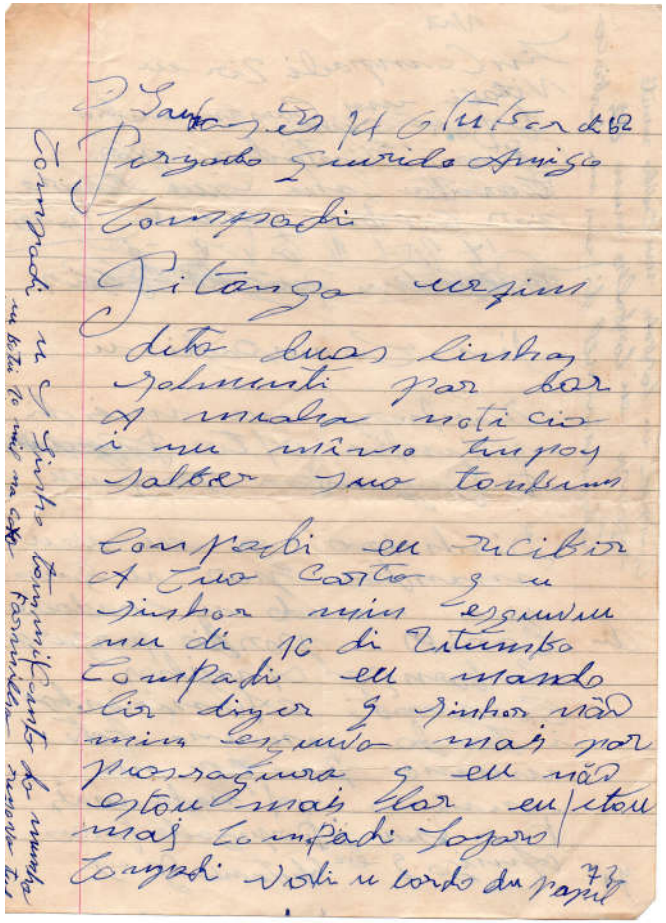
[fol. 1v]

u ssinho min mandou dizer q*ue* A minina jjar| armancou cando eu cega[47] aqui Acarbo di armança| ~~por min conta~~ por minnha Contas|

recebi duas cartas cua[48] i 2 di conpadi pedor i unas|

di conmadi nina i umas di caria [.][49]|
i umas di Agusto|

[47] Rasurado.
[48] Há traço vertical após a palavra.
[49] Rasurado.



Carta 8

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 230mm x 155mm. Apresenta marcas de dobras. Há anotações anteriores: o número "73" na margem inferior do recto, à direita, e "74" na margem inferior do verso, à esquerda. Acompanha envelope.

Saudasão[50] 14 Otubor di 62|
Perzado querido Amigo|

Compadi|

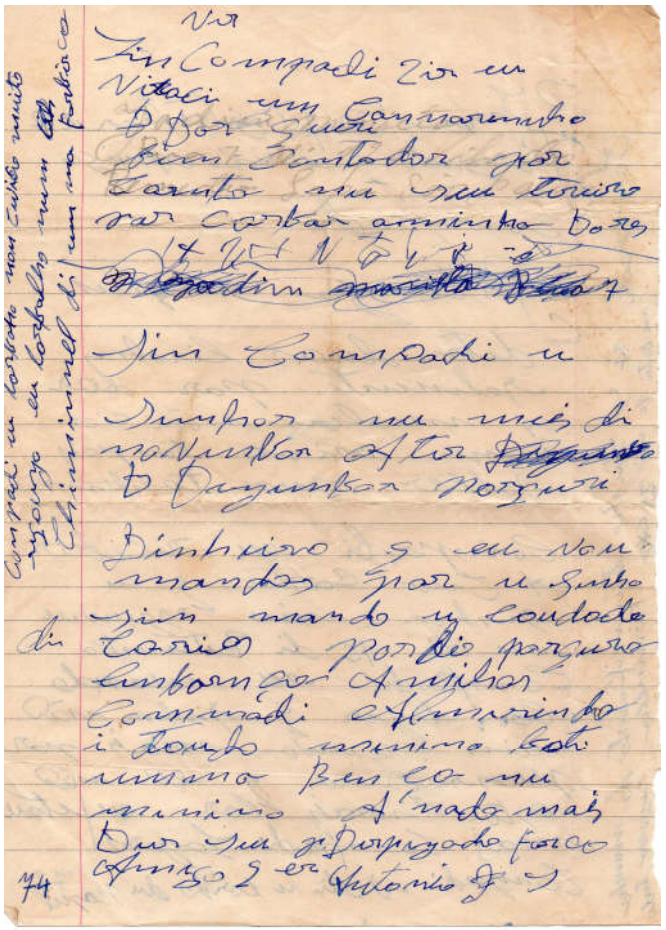
Pitanga urfim|

deta duas linhas| solmenti par dar| A miaha noticia| i nu mêmo tenpos| salber sua tonbem|

Conpadi eu recibir| A Cua carta q*ue* u| sinhor min esqueveu| nu di 16 di Setembo| compadi eu mando| lir dizer q*ue* sinhor não| mim esqueva mais par| piassaguera q*ue* eu não| estou mais lar eu[51] etou| mas Compadi Lazaro|
Compadi virli u lardo du papel[52]|

<compadi u s sinho tommi[53] comta da minha| farmilha resova tudo| eu botei 10 mil na caxa>[54]|

[50] Há um rabisco antes da palavra.
[51] Há um traço vertical após a palavra.
[52] Escrito na margem inferior.
[53] Há um traço vertical após a palavra.
[54] Escrito verticalmente de cima para baixo na margem esquerda.



[fol. 1v]

vir|
Sin compadi Sir eu| viraci um cannarinnho| D Dar queri| bem cantador par| carnta nu seu tereiro| par carbar aminha Dores|
[ilegível][55]
~~Jadim marila Rua 7~~|[56]

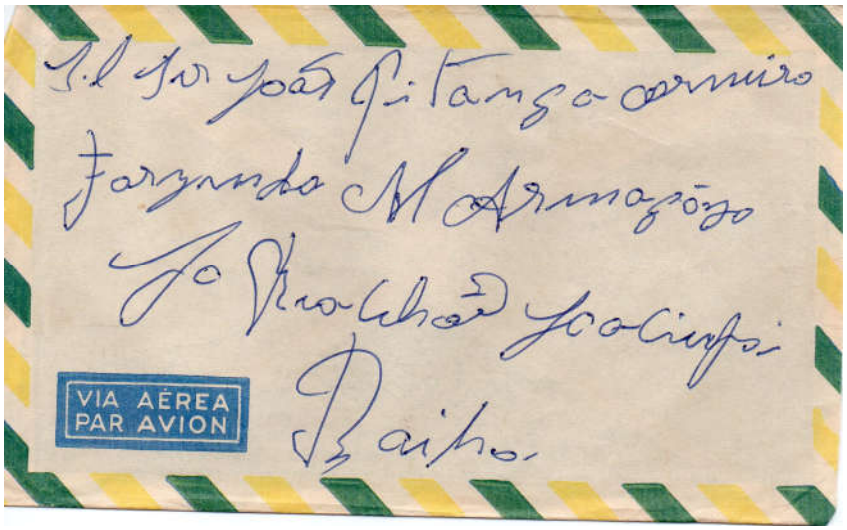
Sim Compadi u|

Simhor nu meis di| novenbor Ater ~~Dezembo~~| D Dezembor porquri|

Dinheiro q*ue* eu vou| mandar par u sinho| sim mando u coudado| di Carias pordi porqura| lenbarnça A mihar| commadi Almerinda| i toudo minino boti| umma Bem ça nu| minino A nada mais| Dur seu p Despezado Farco| Amigo q*ue* er Antonio F*ortunato Silva*|

<Conpadi eu larbaho[57] non civico muito| riqouzo eu larbalho num [.][58]| Chiminnel di um ma Farbirca>[59]|

[55] Rabiscos.
[56] Trecho rasurado.
[57] Por "trabalho"
[58] Rasurado.
[59] Escrito verticalmente de baixo para cima na margem esquerda.

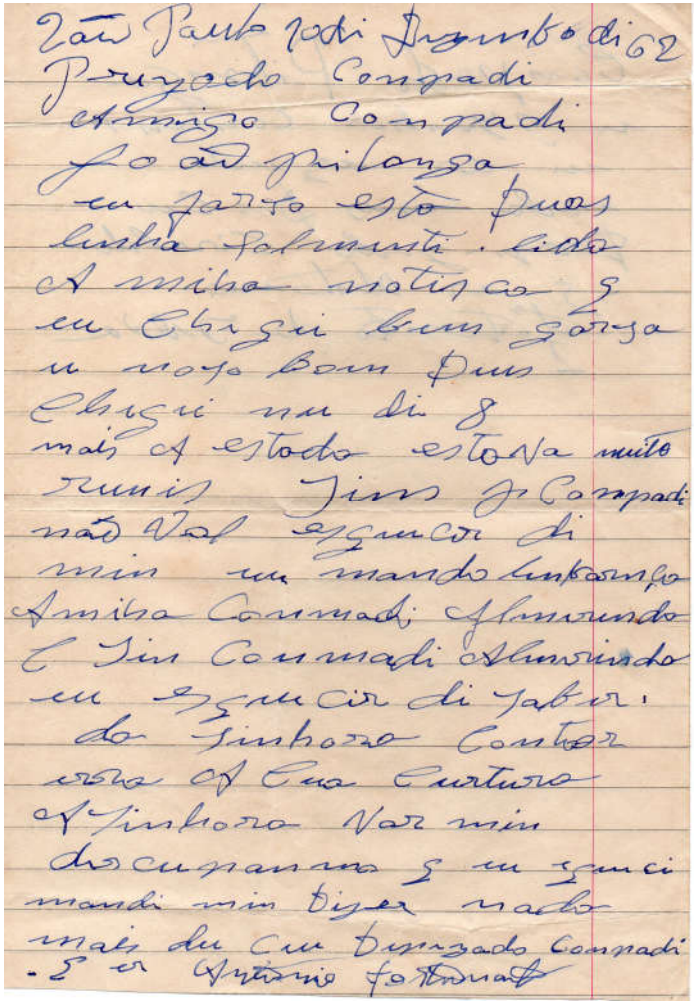


s. s sir*nhor* João Pitanga carneiro|
Farzenda M Armagôso|
So Riachão Joaciupi|

Baiha|



Antonio Fortunato da|
Silva São paulo|

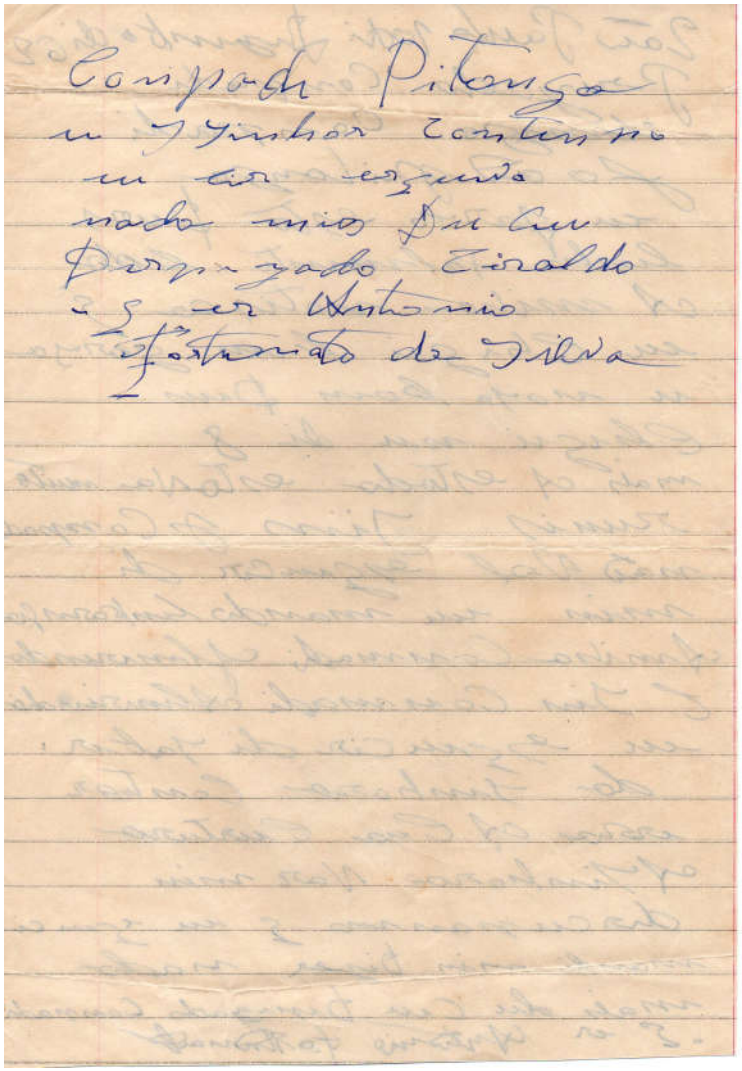


Carta 9

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 195mm x 138mm. Apresenta marcas de dobras.

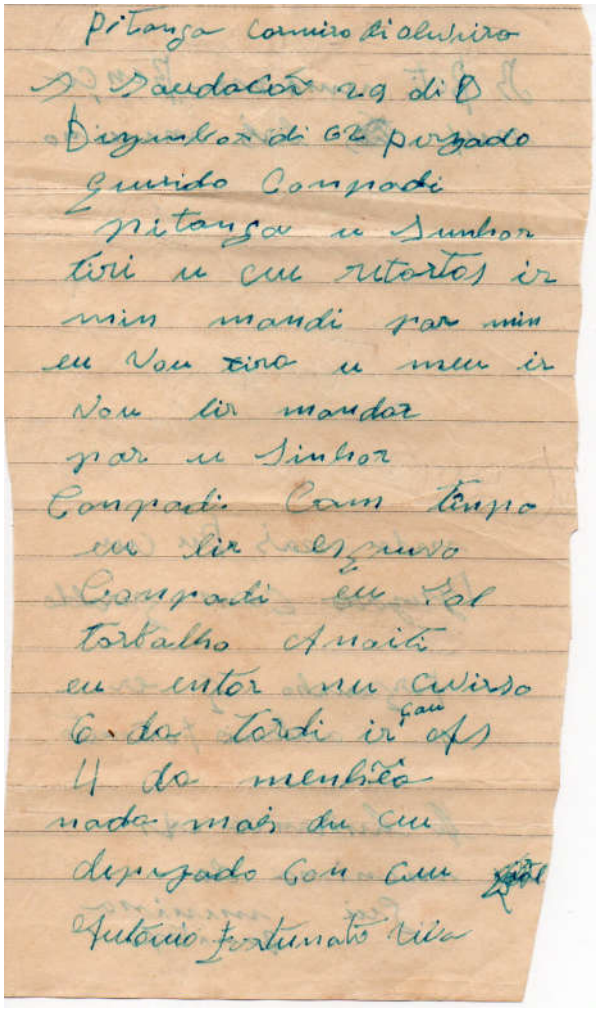
São Paulo 10di Dezmbo[60] di 62|
Prezado conpadi| Amigo conpadi| João pilanga[61]| eu farso esta Duas| linha solmenti . lida| A miha notis ca q*ue*| eu chegei bem garsa| u noso bom Deus| Chegei nu di 8| mais A estada estava muito| runis sim p Conpadi| não val esquecer di| min eu mando lenbarnça| A miha Conmadi Almerinda| C sim Conmadi Almerinda| eu esquecir di saber.| da sinhora contar| essa A Cua Curtura| A sinhora var min| descupanmo q*ue* eu equeci| mandi min Dizer nada| mais du ceu Depezado conpadi| q*ue* er Antonio Fortunato[62]|

[60] Rasurado.
[61] Por "pitanga".
[62] Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]

Conpadi Pitanga| u s sinhor con tem po| eu lir esquevo| nada mias Du ceu| Despezado Ziraldo| q*ue* er Antonio| Fortunato da Silva|

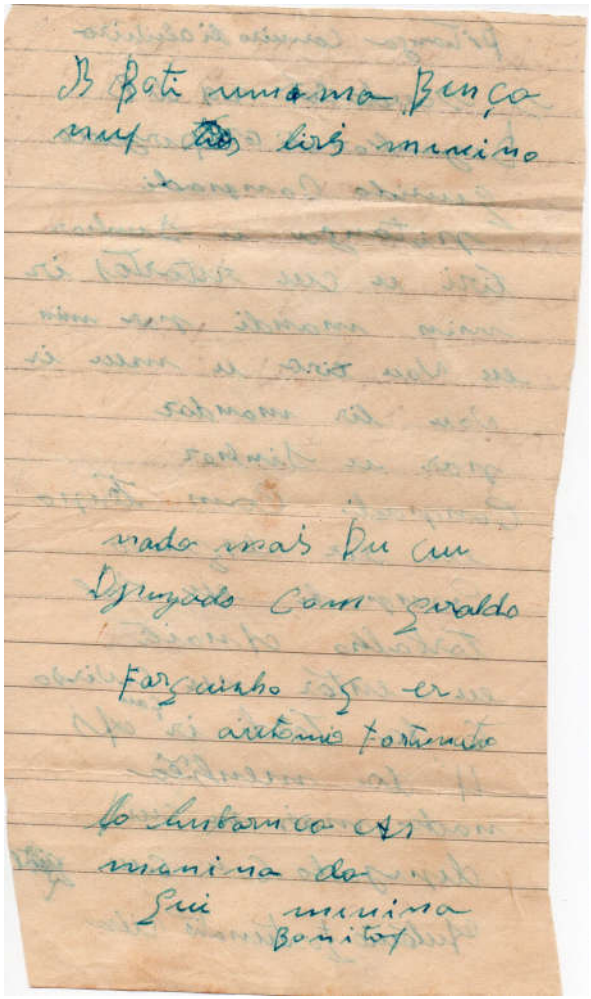

Pitanga Carneiro di oliveira
s Saudação 29 di [illegible]
Dezenbor di 62 perzado
querido Conpadi
pitanga u Sinhor
tiri u ceu retartos ir
min mandi par min
eu Vou tiro u meu ir
Vou lir mandar
par u Sinhor
Conpadi Com tênpo
eu lir esquevo
Conpadi eu Sol
tarbalho A noiti
eu entor nu civirso
6 da tardi ir cau As
4 da menhẽo
nada mais du ceu
depezado Com ceu
Antonio fortunato siva

Carta 10

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 176mm x 105mm. Apresenta marcas de dobras e as margens foram recortadas. A mancha escrita do recto e do verso é visível. Acompanha envelope.

Pitanga Carneiro di oliveira|
s saudação 29 di [.][63]| Dezenbor di 62 perzado| querido conpadi| pitanga u sinhor | tiri u ceu retartos ir| min mandi par min| eu vou tira u meu ir| vou lir mandar| par u sinhor| conpadi com tênpo| eu lir esquevo| conpadi eu sol| tarbalho A noiti| eu entor nu civirso| 6 da tardi ir <↑çau> As| 4 da menhẽo| nada mais du ceu| depezado com ceu [.][64]|
Antonio Fortunato siva|

[63] Rasurado.
[64] Rasurado.



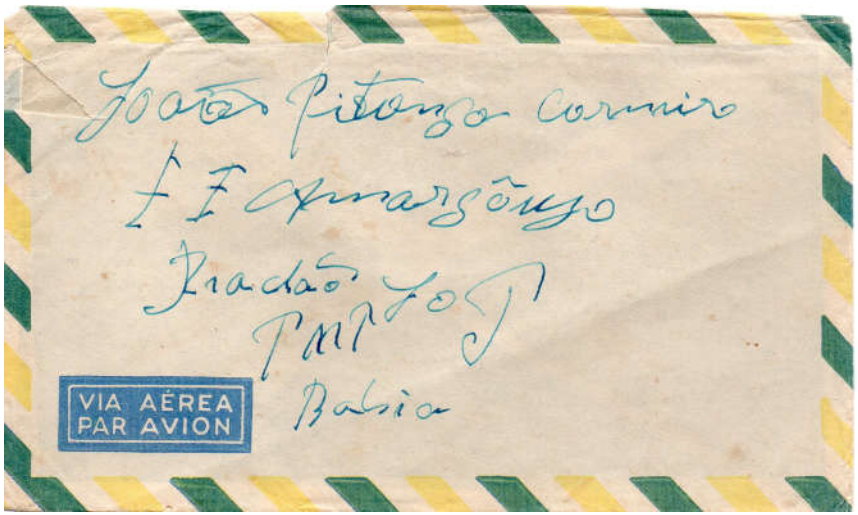
[fol. 1v]
B Boti umma[65] Bença|
nus [.][66] liris menino|

nada mas Du ceu|
Dpezado com*padre* qiraldo|

Farquinho q*ue* er|
antonio Fortunato|

[.][67] lenbarnca As|
menina da|
qui menina|
Bonitas|

[65] Rasurado.
[66] Rasurado.
[67] Rasurado.

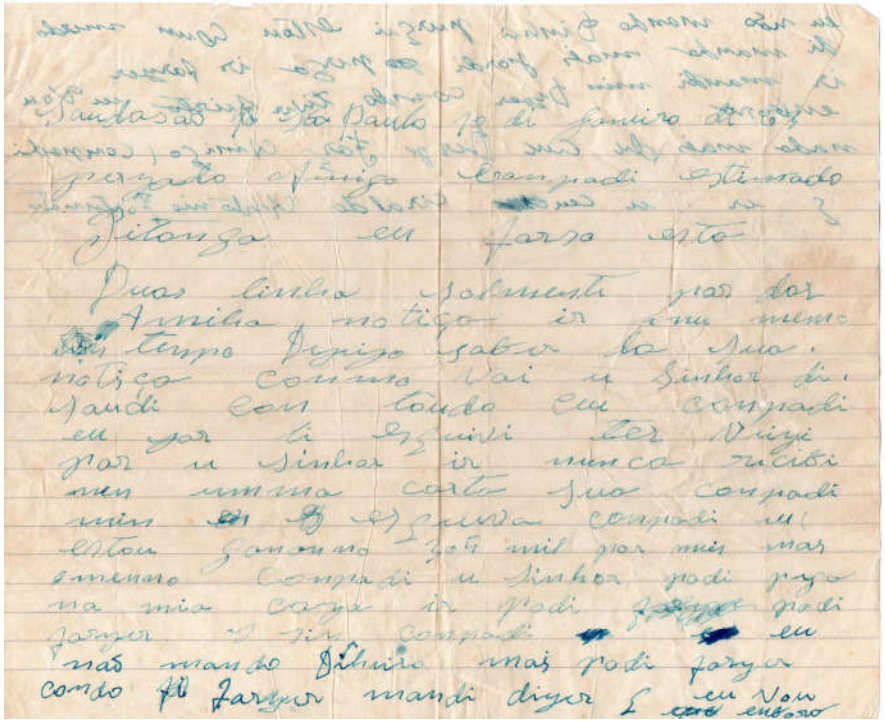


João Pitanga Carneiro|
F F*azenda* Amargôuso|
Riachão so|
P MP P|
Bahia|



J P

antonio fortunato da silva|
São Pallo|



Carta 11

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 210mm x 255mm. Apresenta pequenos furos devido às marcas de dobras e um rasgo à direita. A mancha escrita do recto é visível no verso e vice-versa.

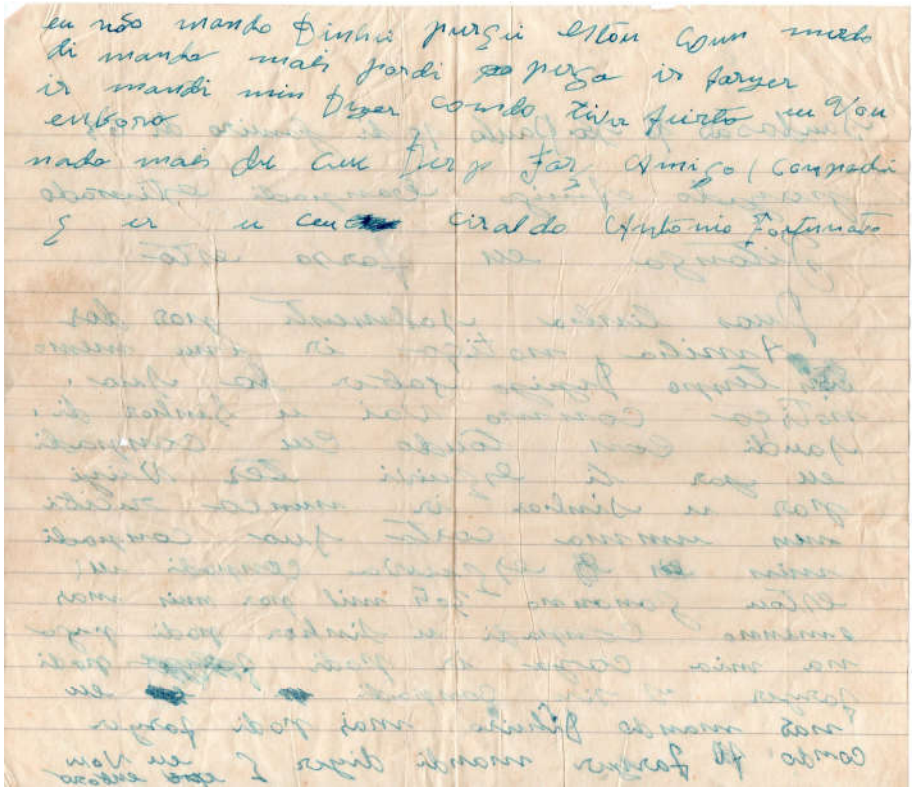
Saudasão 10 São Paulo 10 di janeiro di 63|

perzado Amigo conpadi estimado|

Pitanga eu farso esta|

Duas linha solmente par dar| A miha notiça ir i nu memo| [.][68] tenpo Dejeijo saber da sua.|notiça conmo vai u sinhor di.| saudi con toudo ceu conpadi[69]| eu jar li esquivi ter veizi| par u sinhor ir nunca ricibi| nen umma carta sua conpadi| min [.][70] [.][71] esqueva conpadi eu| estou gananno 305 mil por meis mas| o menno conpadi u sinhor podi pega| na mia caza ir podi [.][72] podi| farzer s sin conpadi [.][73] [.][74] eu| não mando Diheiro mas podi farzer|
condo [.][75] farzer mandi dizer q*ue* eu vou|
[.][76] enbora[77]|

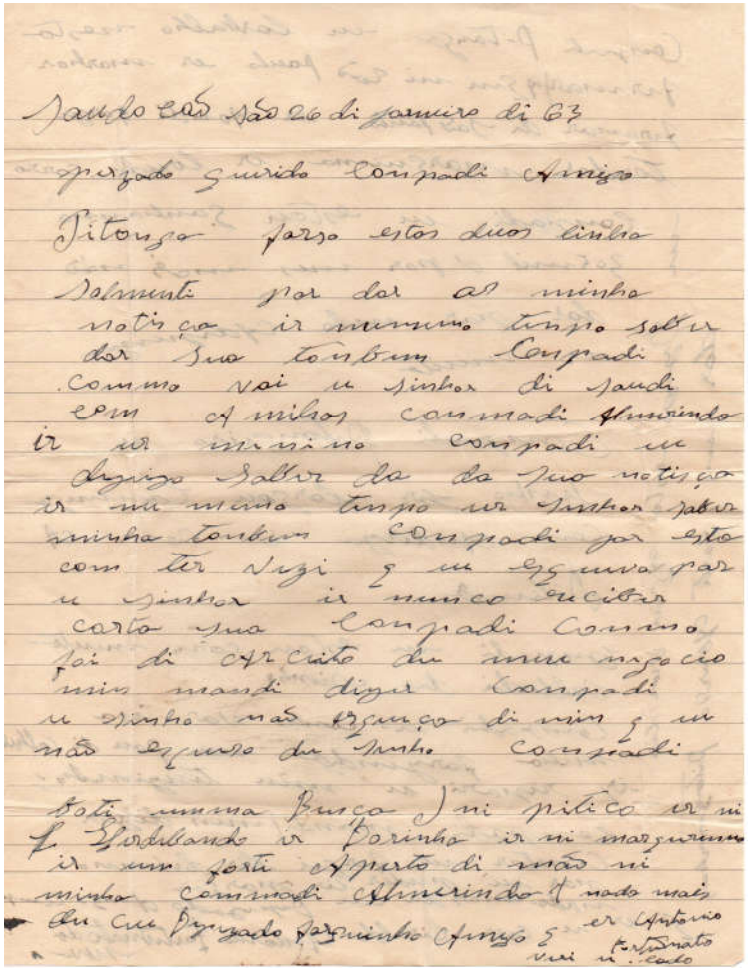
[68] Rasurado.
[69] Há um furo antes da letra "p".
[70] Rasurado.
[71] Rasurado.
[72] Rasurado.
[73] Rasurado.
[74] Rasurado.
[75] Rasurado.
[76] Rasurado.
[77] Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]
eu não mando Dinhei purqei estou com merdo| di manda mais pordi [.][78] perga ir farzer| ir mandi min Dizer condo tiver feirta eu vou| enbora[79] |
nada mais du ceu Der p Farq Amigo[80] conpadi|

q*ue* er u ceu [.][81] ciraldo Antonio Fortunato|

[78] Rasurado.
[79] Escrito na margem superior.
[80] Há traço vertical após a palavra.
[81] Rasurado.



Carta 12

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e uma mancha de tinta na margem inferior. Acompanha envelope. A primeira linha da mancha escrita do envelope não está visível no fac-símile, devido às dobras.

Saudacão são 26 di jarneiro di 63|

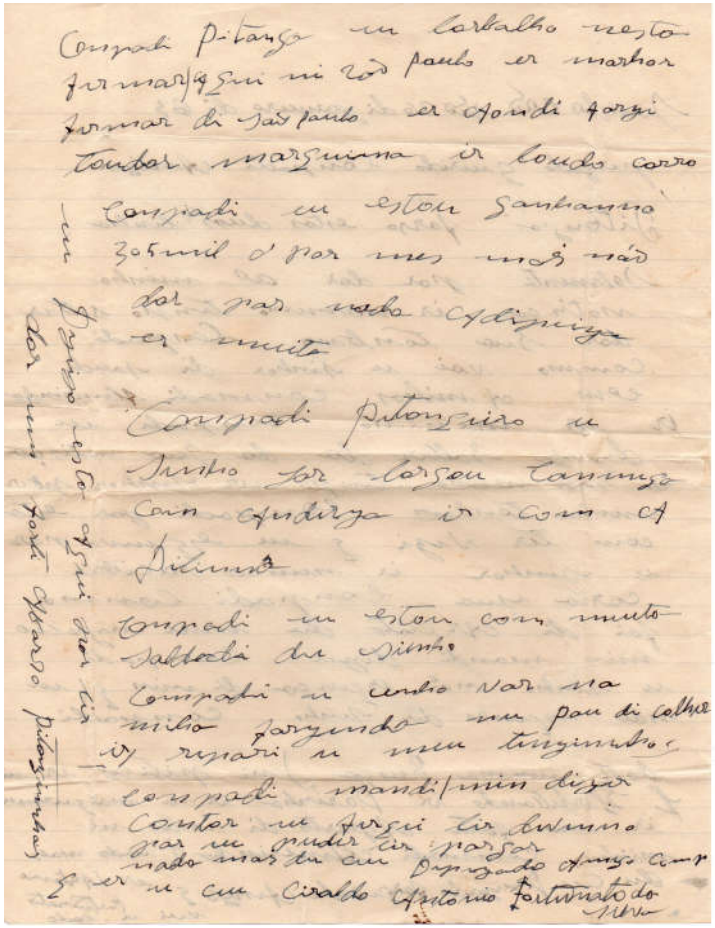
perzado querido conpadi Amigo|

Pitanga farso estas duas linha|

solmenti[82] par dar as minha| notis ça ir mememo tenpo saber| dar sua tonbem conpadi| commo vai u sinhor di saudi| com A mihas conmadi Almerinda| ir ur menino conpadi eu| dejeijo saber da da sua notisça| ir nu memo tenpo ur senhor saber| minha tonbem conpadi par esta| com ter vezi q*ue* eu esquevo par| u sinhor ir nunca recibir| carta sua conpadi conmo| foi di Ar ceito du meu negocio| min mandi dizer conpadi| u sinho não esqueça di min q*ue* eu| não esqueso du sinho conpadi|

boti umma Bença ni[83] pitico ir ni| [.] Hirdebando ir Dorinha ir ni marqurinno| ir um forti Aperto di mão ni| minha commadi Almerinda[84] nada mais|
du ceu Depezado farquinho Amigo q*ue* er <u>Antonio</u>| <u>Fortunato</u>| viri u lado[85]|

[82] Não é nítida a diferença entre o "s" maiúsculo e o minúsculo.
[83] Há traço vertical antes da palavra.
[84] Há traço vertical depois da palavra.
[85] Escrito na margem inferior.



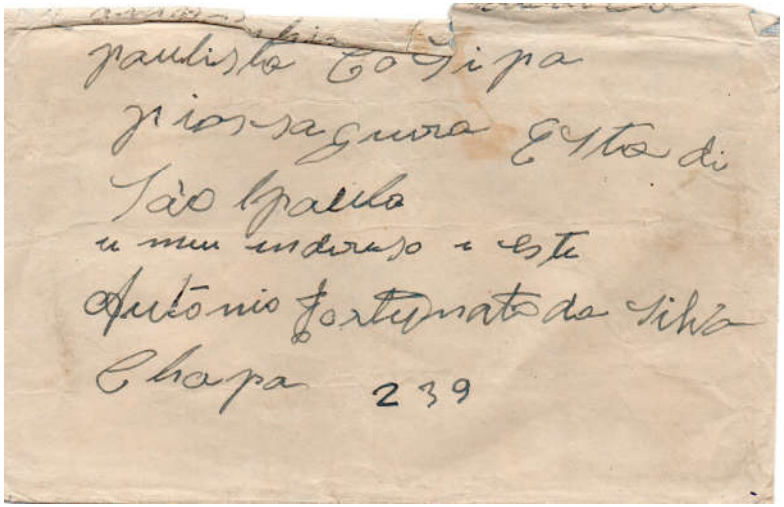
[fol. 1v]
Conpadi Pitanga eu larbalho[86] nesta| firmar[87] Aqui ni São paulo er marhor| firmar di são paulo er Aondi farzi| toudas marquina ir loudo carro| conpadi eu estou ganhanno| 305 mil por[88] mes mas não| dar par nada A dipeiza| er muita|

Compadi pitangeiro u| senho jar largou conmigo| com Aderza ir com A| Dilinna|

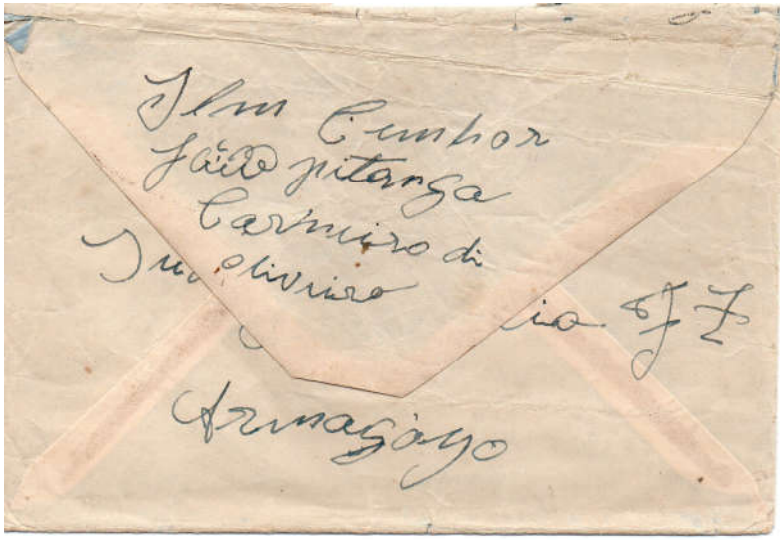
Conpadi eu estou com muita| saldadi du sinho|
Compadi u cenho var na| miha farzenda nu pau di colher| ir repari u meu tenzinnho|
conpadi mndi[89] min dizer| contor eu firqei lir devenno| par eu puder lir pargar| nada mas du ceu Depezado Amigo comp*adre*| q*ue* er u ceu Ciraldo <u>Antonio Fortunato da</u>|
<u>Silva</u>|

<eu Dejeijo esta Aqui par lir| dar um forti Abarso pitanginnhas|>[90]

[86] Por "trabalho".
[87] Há traço vertical depois da palavra.
[88] Há rabisco antes da palavra.
[89] Há traço vertical depois da palavra.
[90] Escrito verticalmente de cima para baixo na margem esquerda.

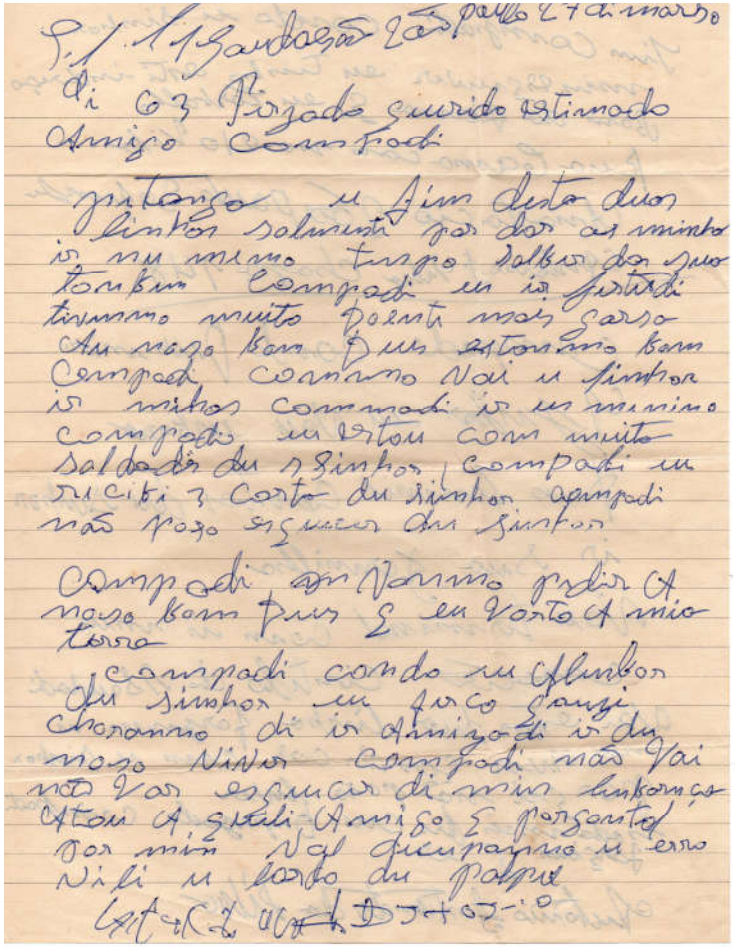


Companhia sideruca|
paulista Cosipa|
piassaguera Esta di|
São lpaulo|
u meu endereso e este|
Antonio Fortunato da Silva|
Chapa 239|



Il*ustríssi*m*o* Cemhor|
joão pitanga|
Carneiro di|
Oliveira|

Sua Residencia F*aZenda*|
Armagozo|



Carta 13

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras.

saudasão[91] São Paulo 27 di marso[92]|

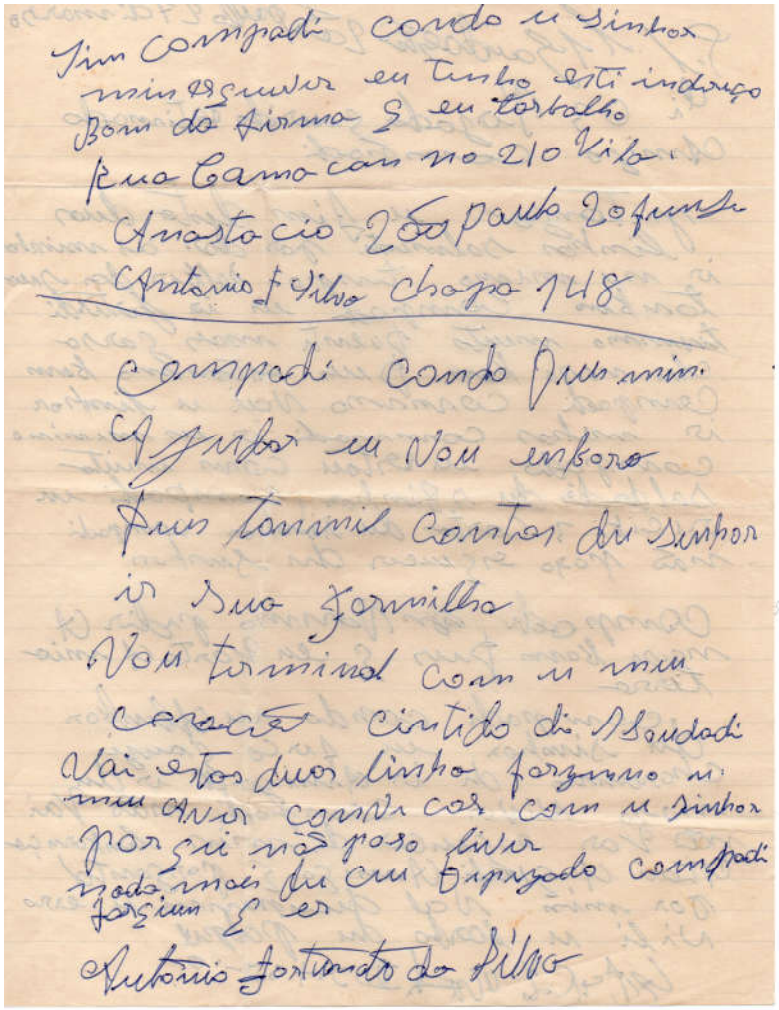
di 63 Pirzado querido estimado|
Amigo compadi|

pitanga u fim desta duas| linhas solmenti par dar as minha| ir nu memo tenpo salber da sua| tonbem compadi eu ir jertudi| tivenmo muito Doente mais garsa| Au noso bom Deus estonmo bem| Compadi commo vai u simhor| ir mihas commadi ir us menino| compadi eu estou com muita| saldade du s sinhor compadi eu| recibi 3 carta du sinhor compadi| não poso esquecer du sinhor|

compadi [.][93] vanmo pedir A| noso bom Deus q*ue* eu vorto A mia| terra| compadi condo eu Alenbor| du simhor eu firco qauzi| choranno di ir Amizadi ir du| noso viver compadi não vai| não var esquecer di min lenbarnça| A tou A queli Amigo q*ue* porgonta[94]| por mim val dicupanno u erro| vili u lardo du palpel|

[?] ANTONIO[95]|

[91] Antes da palavra 'saudasão' há traços e pontos aleatórios.
[92] Escrito na margem superior.
[93] Rasurado.
[94] Há traço inclinado após a palavra.
[95] Escrito na margem inferior, com as letras deitadas. Ao lado dessa palavra há vários traços aleatórios.

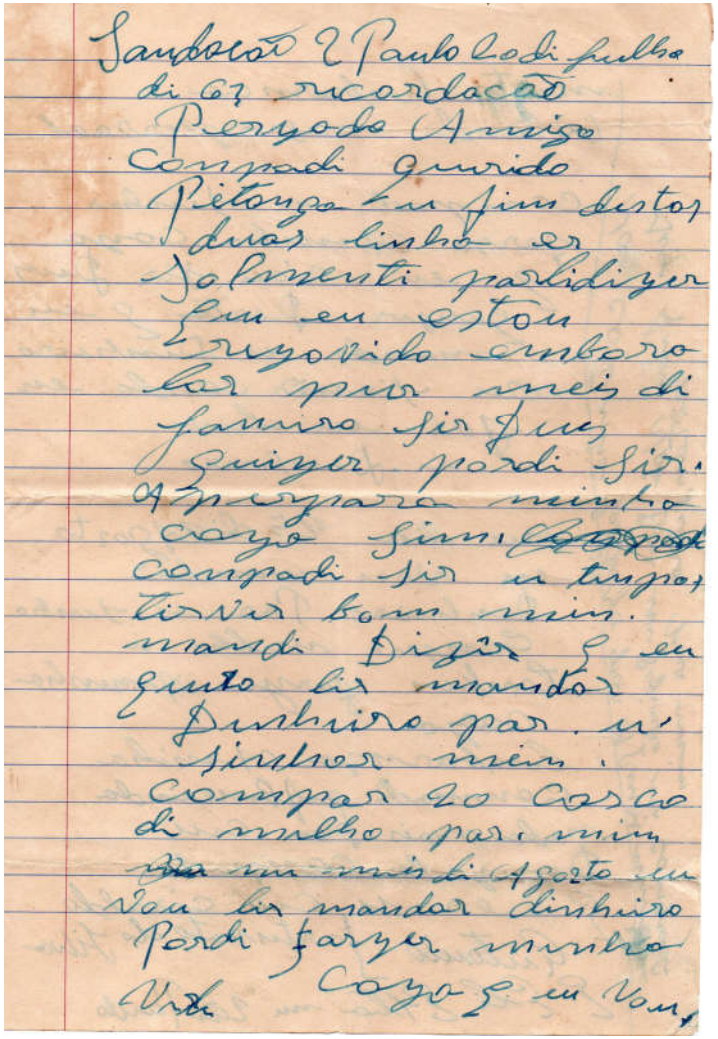

Sim compadi condo u sinhor
min esquever eu tenho esti indereço
Bom da firma q eu tarbalho
Rua Camacan nº 2/0 Vila.
Anastacio São paulo So funji
Antonio Fortunato Silva chapa 148

compadi condo Deus min
Ajudar eu Vou enbora
Deus tonmil Contar du Senhor
ir Sua Farmilha
Vou terminal com u meu
coracão cintido di Saudadi
Vai estas duas linha farzenno u
meu Aver convecar com u sinhor
porqui não poso liver
nada mais du ceu Dapezado compadi
farqiun q er
Antonio Fortunato da Silva

[fol. 1v]
Sim compadi condo u sinhor| min esquever eu tenho esti indereço| Bom da firma q*ue* eu tarbalho| Rua Camacan nº 2/0 Vila.| Anastacio São Paulo So funji|
Antonio F*ortunato* Silva chapa 148|

Compadi condo Deus min| Ajudar eu vou enbora| Deus tonmil contar du senhor| ir sua Farmilha|
Vou terminal com u meu| coracão cintido di s saudadi| Vai estas duas linha farzenno u| meu Aver convecar com u sinhor| porqui não poso liver|
nada mais du ceu Depezado compadi| farqiun q*ue* er|

Antonio Fortunato da Silva|

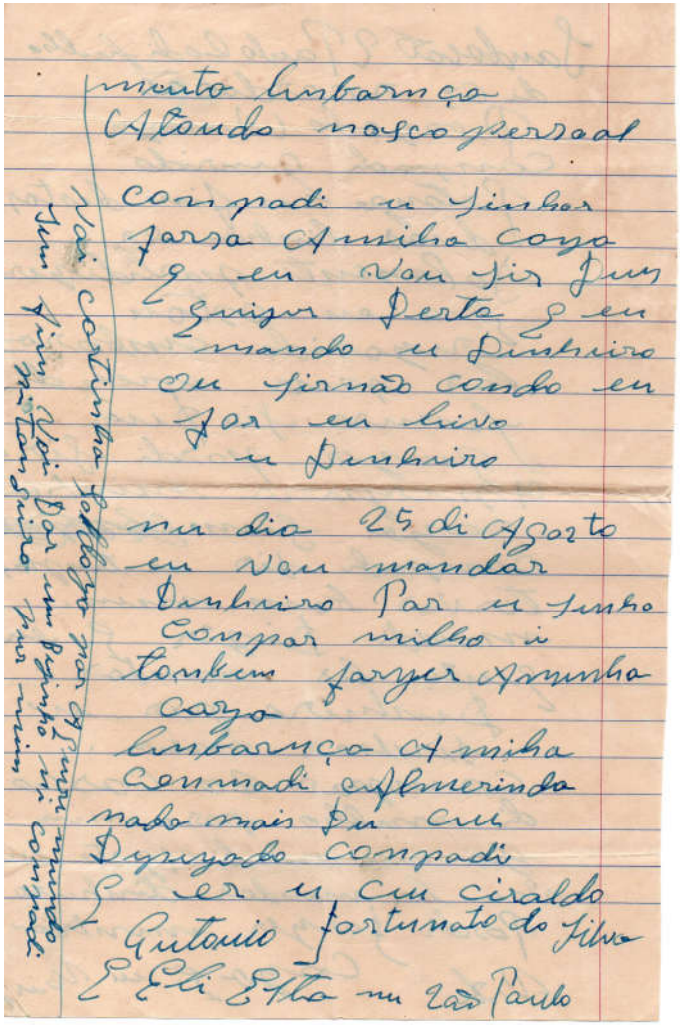


Carta 14

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 225mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras. No verso, há traço desenhado verticalmente para separar a margem esquerda.

Saudacão S*ão* Paulo 20 di julho|
di 63 recordacão|
Perzado Amigo| conpadi querido| Pitanga u fim destas| duas linha er| solmenti parlidizer| que eu estou| rezovido embora| lar pur meis di| janeiro sir Deus| quizer pordi sir.| Aperpara minha| caza sim. ~~conpadi~~| conpadi sir u tenpos| tirver bom min.| mandi Dizêr q*ue* eu| quero lir mandar| Dinheiro par. u | sinhor min.| compar 20 casco| di milho par. mim| [.][96] nu meis di Agosto eu| vou lir mandar dinheiro|
Pordi fazer minha| caza q*ue* eu vou|
viri|[97]

[96] Rasurado.
[97] As três últimas linhas estão scritas na margem inferior.



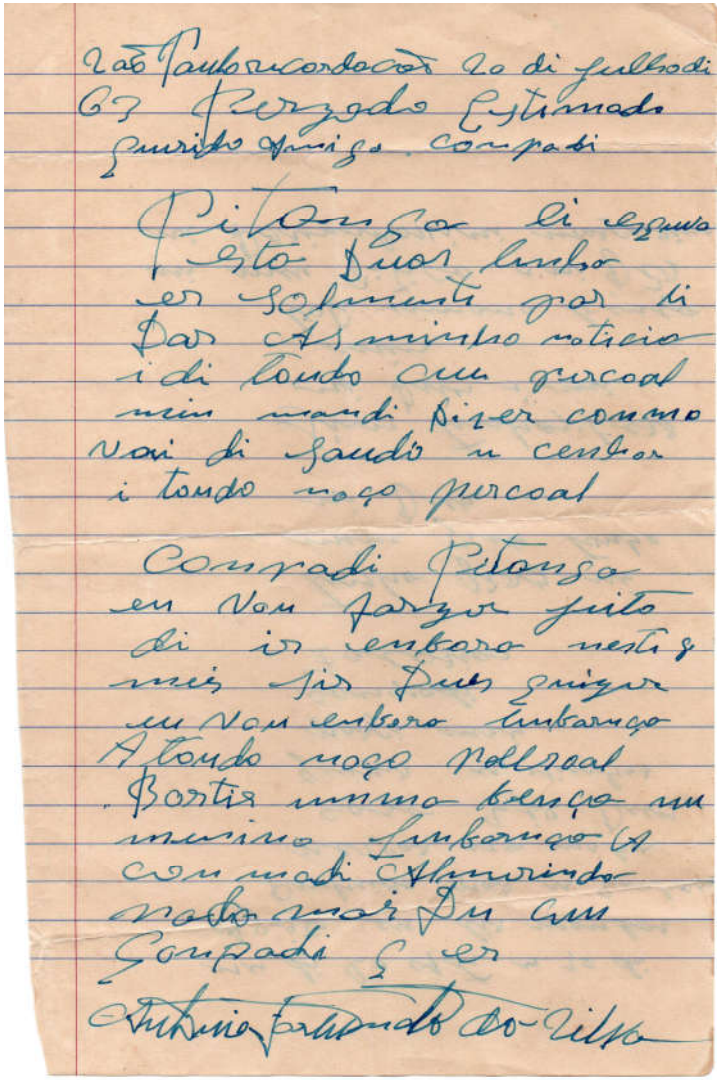
[fol. 1v]
muita lenbarnça| A toudo nosco persoal|

conpadi u sinhor| farsa A miha caza| q*ue* eu vou sir Deus| quizer Derta q*ue* eu| mando u Dinheiro| ou sirnão condo eu| for eu leivo| u Dinheiro|

nu dia 25 di Agosto| eu vou mandar| Dinheiro Par u sinho| conpar milho i| tonbem farzer A minha| caza| lenbarnça A miha| conmadi Almerinda| nada mais Du ceu| Depezado conpadi| q*ue* er u ceu ciraldo|
Antonio Fortunato da Silva|
q*ue* Eli Esta nu São Paulo|[98]

<vai cartinha soldoza por Aqueri mundo| sem fim vai Dar um Bejinho ni conpadi| pitangeiro pur mim|>[99]

[98] Escrito na margem inferior.
[99] Escrito verticalmente de cima para baixo na margem esquerda.



Carta 15

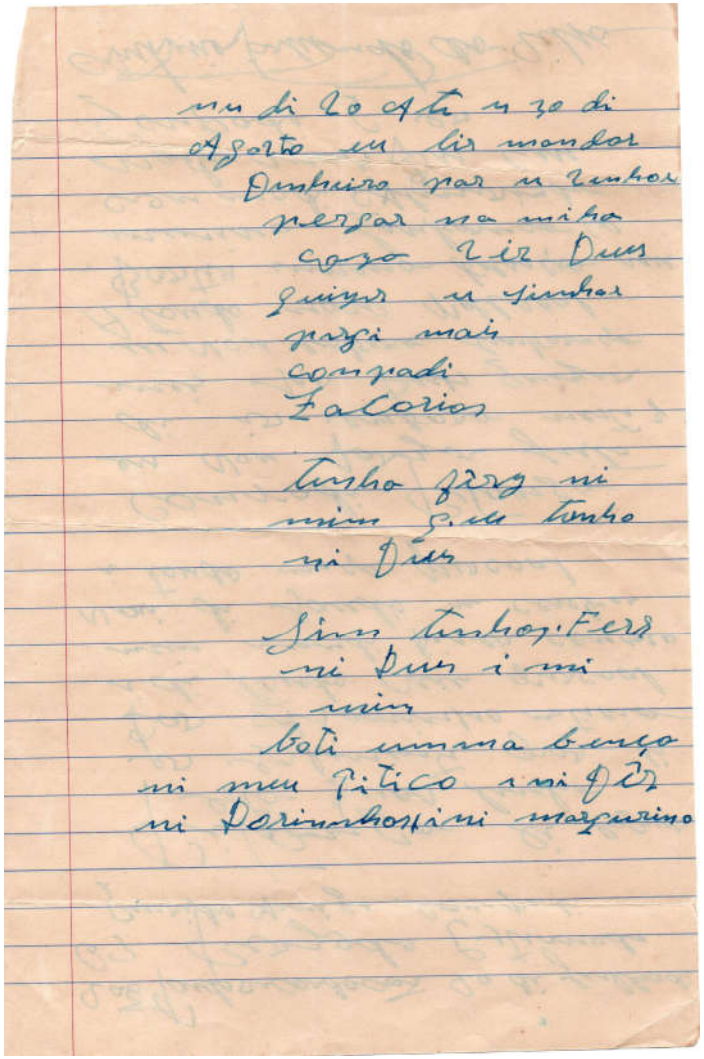
AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 225mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras e parte da margem esquerda foi cortada. A mancha escrita do recto está estruturada no sentido inverso do fólio (o início do texto onde deveria ser a margem inferior).

São Paulo recordacão 20 di julho di| 63 Perzado Estimado| querido Amigo conpadi|

Pitanga li esquevo| esta Duas linha| er solmenti par li| Dar As minho noticia| i di toudo ceu percoal| min mandi Dizer conmo| vai di saudi u cenhor| i toudo noço percoal|

Conpadi Pitanga| eu vou farzer jeito| di ir enbora neste 8 meis sir Deus quizer| eu vou enbora lenbarnça| A toudo noço poelsoal| Bortir umma bença nu| menino lenbarnça A| conmadi Almerinda| nada mais Du ceu| Conpadi q*ue* er|

Antonio Fortunato da Silva|

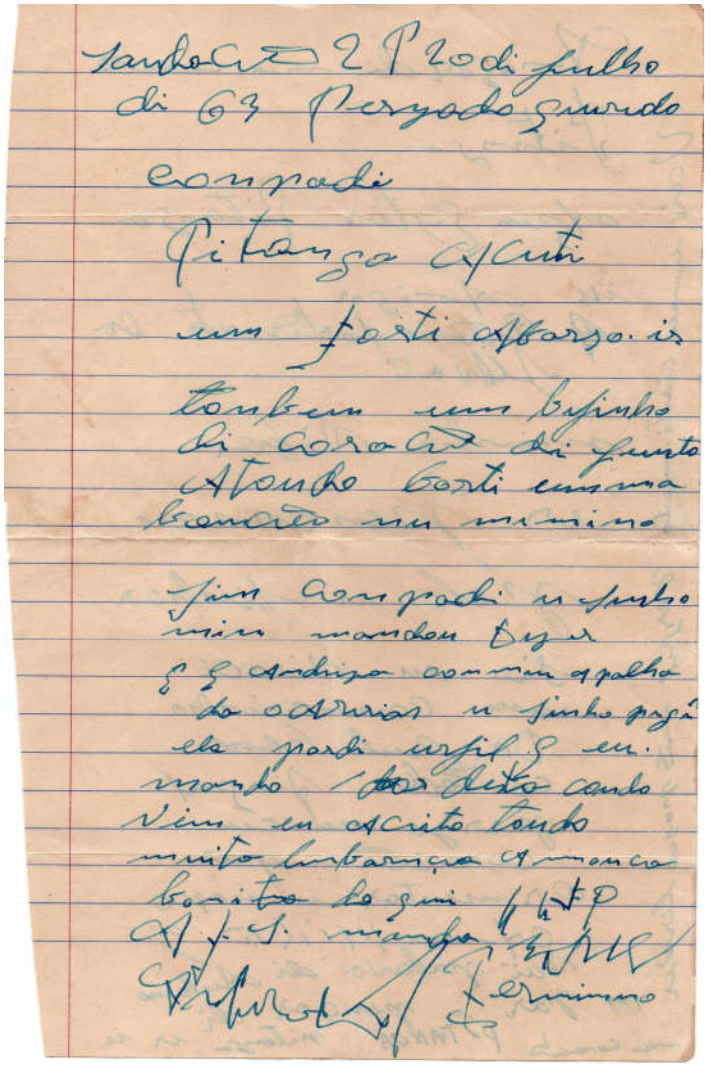


[fol. 1v]

nu di 20 Ate u 30 di|
Agosto eu lir mandor|
Dinheiro par u Senhor|
pergar na miha|
caza Sir Deus|
quizer u sinhor|
pergi mais|
conpadi|
Zacarias|

tenha fêrz ni|
mim q*ue* eu tenho|
ni Deus|

Sim tenhor Fers|
ni Deus i mi|
mim|
boti umma bença|
ni meu Pitico i ni Dês|
ni Dorinnhar i ni marqurino|



Carta 16

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 225mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras e a margem esquerda está recortada. Há rabiscos na margem inferior do recto.

Saudacão S*ão* P*aulo* 20 di julho| di 63 Perzado querido|

conpadi|

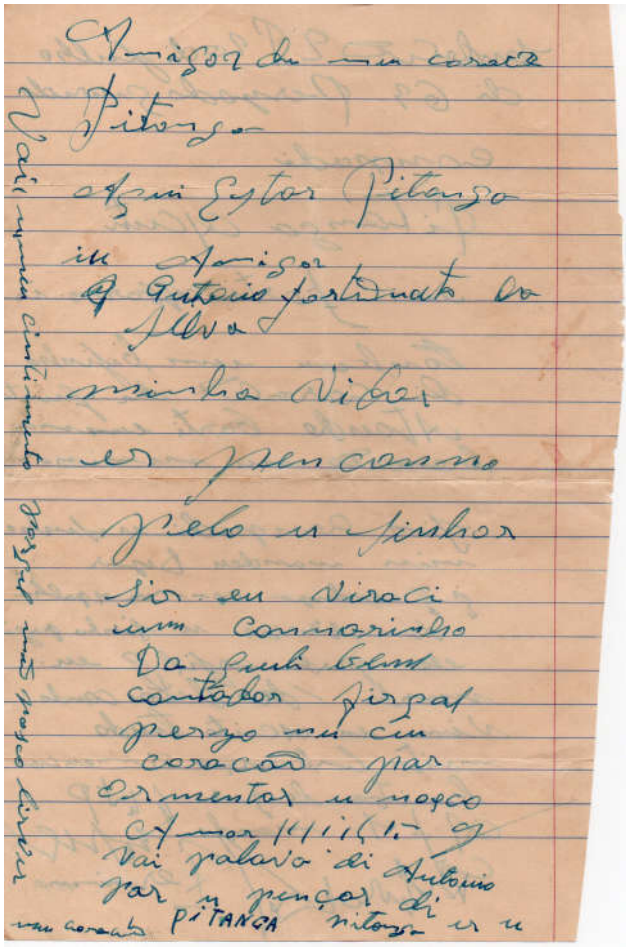
Pitanga Aceiti|

um forti Abarso. ir|

tonbem um bejinho| di coracão di junto| A toudo borti umma| bemcão nu minino|

Sim conpadi u sinho| min mandou Dizer| q*ue* q*ue* Andriza conmeu A palha| da o Aririas u sinho pegi| ela pordi urjil q*ue* eu.| mando dar[100] desta condo| vim eu Aceito toudo| muita lenbarnça A mouca| bonita da qui|
A*ntonio* F*ortunato* S*ilva* manda [?]|
[?] Fermimno|

[100] Rasurado.



[fol. 1v]
Amigos du meu coracão|

Pitanga|

Aqui Estor Pitanga|

iu amigos|
[.][101]Antonio Fortunato da|
Silva|

minha vida|

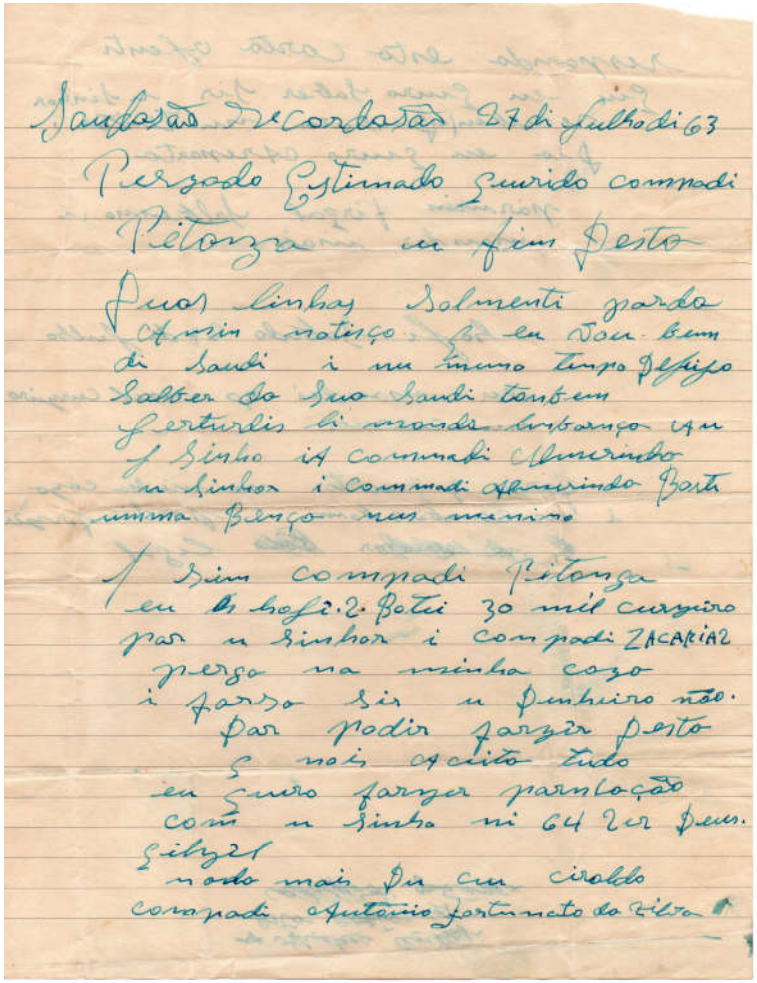
er pencanno|

pelo u sinhor|

sir eu viraci| um cannarinho| Da queli bem| cantador firgal| perzo nu ceu| coracão par| ormentar u nosco| Amor[102]|
vai palava di Antonio| par u pençar di ir u| meu coracão PITANGA pitanga[103]|

<Vai u meu cintimento porque não posco lirver|>[104]

[101] Rasurado.
[102] Há traços verticais depois da palavra.
[103] Escrito na margem inferior.
[104] Escrito verticalmente de cima para baixo na margem esquerda.


Saudasão recordasão 27 di julho di 63
Perzado Estimado querido commadi
Pitonza u fim Desto
Duas linhas solmenti parda
A min notirça que eu vou bem
di saudi i nu memo tenpo Dejeijo
Salber da sua saudi tonbem
Jerturdis li manda lenbarnça Au
s sinho iA commadi Almerinda
u sinhor i commadi Almerinda Borti
umma Bença nus menino
Sim commadi Pitonza
eu hoje botei 30 mil curzeiro
par u sinhor i compadi ZACARIAS
perga na minha caza
i farsa sir u Dinheiro não.
Par podir farzêr Desta
que nois aceito tudo
eu quero farzer parnlação
com u sinho ni 64 Sir Deus.
Qilzêl
nada mais Du ceu ciraldo
compadi Antonio Fortunato da Silva

Carta 17

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras, um pequeno rasgo no canto superior direito e a mancha escrita do recto é visível no verso e vice-versa. No envelope, há anotações de terceiros "D 585" e "1092".

Saudasão recordasão 27 di julho di 63|

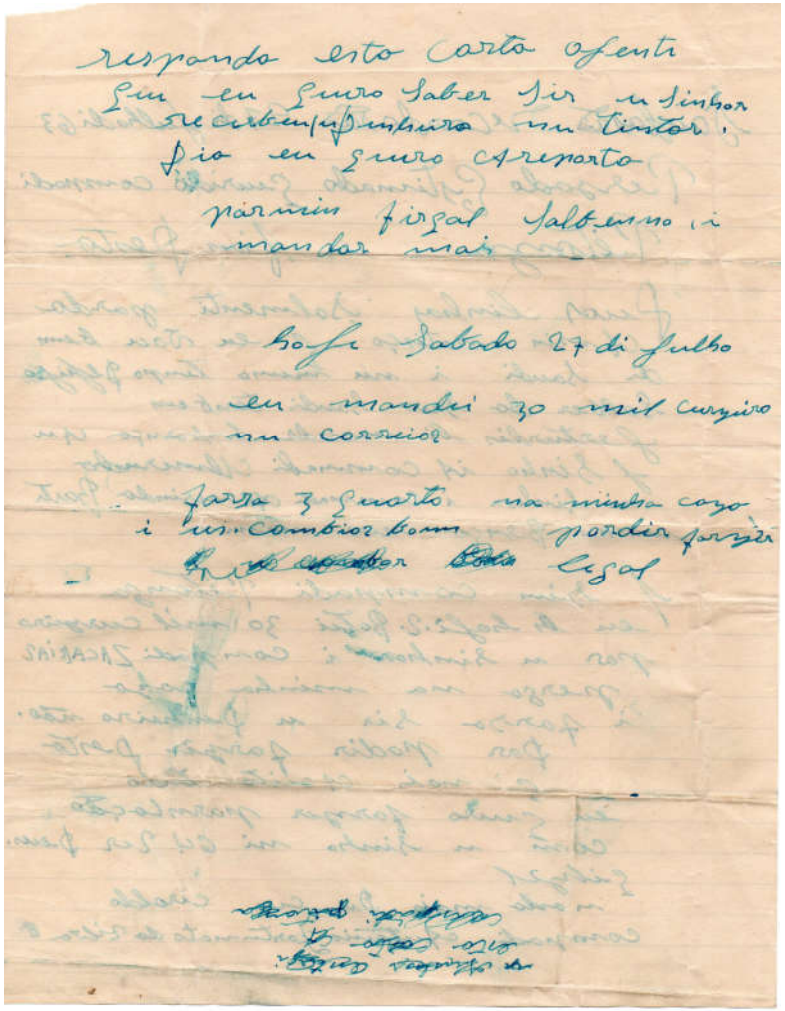
Perzado Estimado querido compadi|

Pitanga u fim Desta|

Duas linhas solmenti parda| A min notirça q*ue* eu vou bem| di saudi i nu memo tenpo Dejeijo| salber da sua saudi tonbem| jerturdis li manda lenbarnça Au| s sinho iA commadi Almerinda| u sinhor i commadi Almerinda Borti| umma Bença nus menino|

sim[105] compadi Pitanga| eu [.][106] hoje [?] Botei 30 mil curzeiro| par u sinhor i conpadi ZACARIAS| perga na minha caza| i farsa sir u Dinheiro não.| Dar podir farzêr Desta| q*ue* nois Aceita tudo| eu quero farzer parnlação[107]| com u sinho ni 64 Sir Deus.| qilzêl|
nada mais Du ceu ciraldo| compadi Antonio Fortunato da Silva|

[105] Há um rabisco antes da palavra.
[106] Rasurado.
[107] Por "plantação".



[fol. 1v]
responda esta carta ojenti | que eu quero saber sir u sinhor[108] |
recerbeu[109] u Dinheiro nu tintar. | Dia eu quero Areporta |

par min firgal salbenno i | mandar mais |

hoji sabado 27 di julho |

eu mandei 30 mil curzeiro |
nu correios |

farsa 3 quarto na minha caza |
i us combios bom pordir farzêr |
~~i us combor bom~~ legal |

<~~U sinhor entergi~~ |
~~esta carta A~~ |
~~conpadi pitanga~~ | >[110]

[108] Escrito na margem superior.
[109] Há traço vertical após a palavra.
[110] Escrito no sentido inverso do fólio. Rasurado.

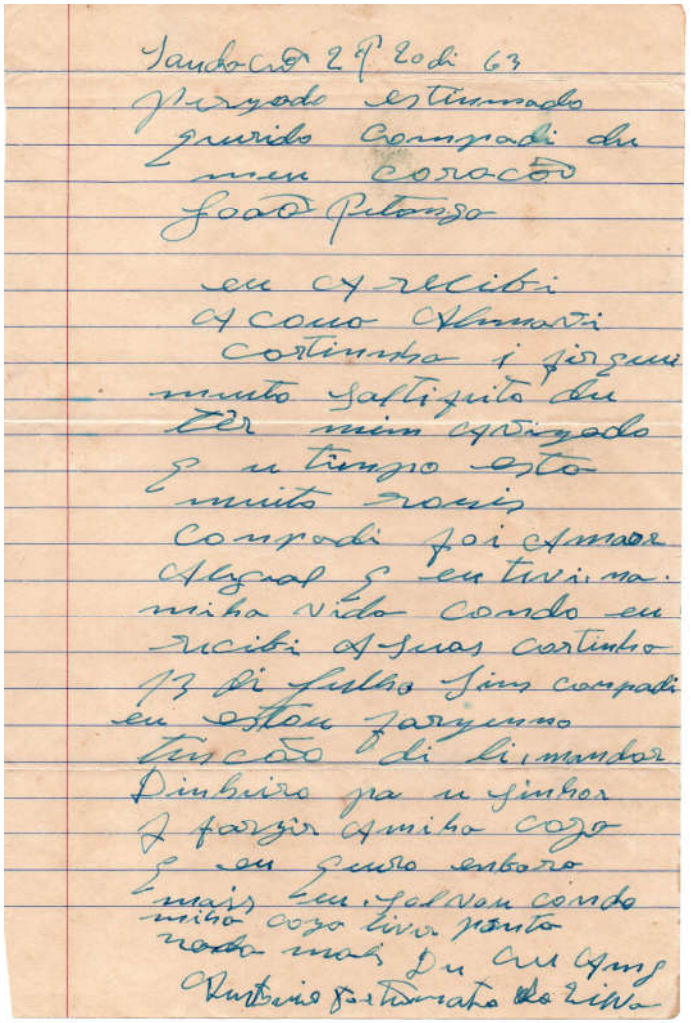


c*enh*or João carneiro di oliveira|

Riachão du joacuipe Bahia|



antonio Fortunato Silva|
Jardim marita vila dos|
Remedior lapa São Paulo|



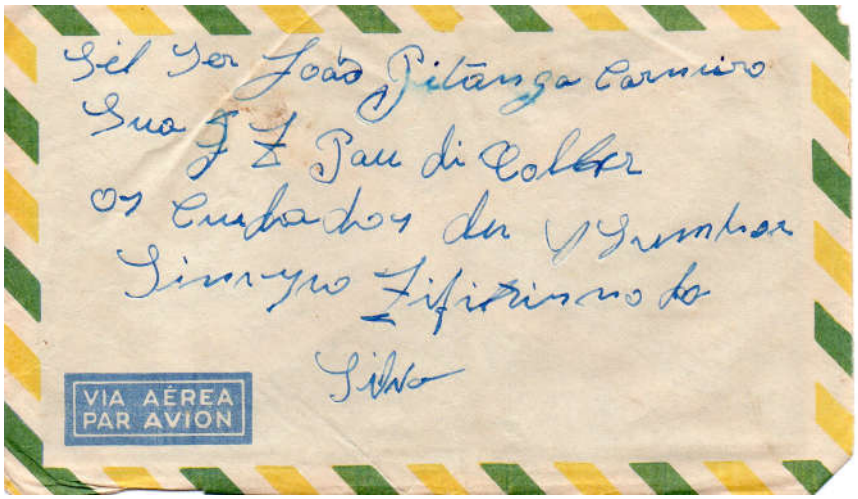
Carta 18

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 225mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

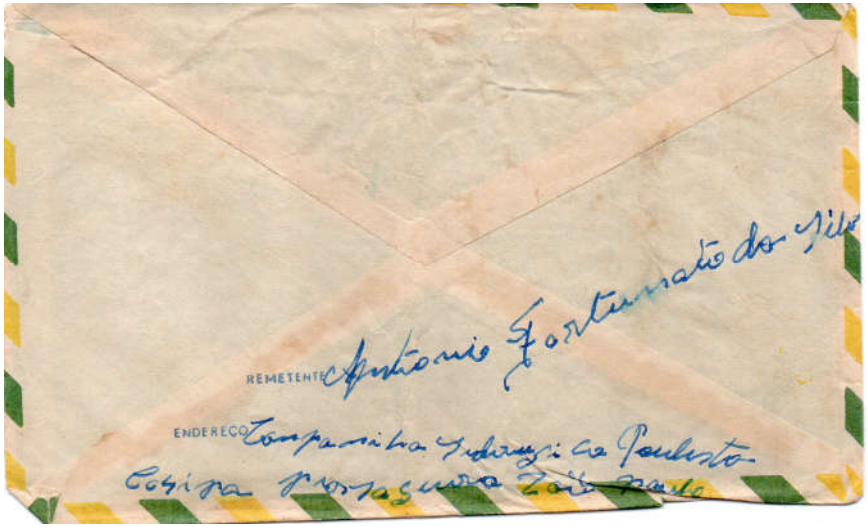
Saudacão S*ão* P*aulo* 20 di 63|
perzado estinmado| querido compadi du| meu coracão| João Pitanga|

eu Arecibi| A coua Almavi| cartinnha i firquei| muito saltifeito du| têr mim Avizado| q*ue* u têmpo esta| muito rouis| conpadi foi A maor| Aligial q*ue* eu tivi. na.| miha vida condo eu| recibi A suas cartinha| 13 di julho sim conpadi| eu estou farzenno| tencão di li mandar| Dinheiro pa u sinhor| f farzêr A miha caza| q*ue* eu quero enbora| mais eu solvou condo|
miha caza liver[111] ponta|
nada mais Du ceu Am*igo*|
Antonio Fortunato da Silva|[112]

[111] Por "tiver".
[112] As três últimas linhas estão escritas na margem inferior.

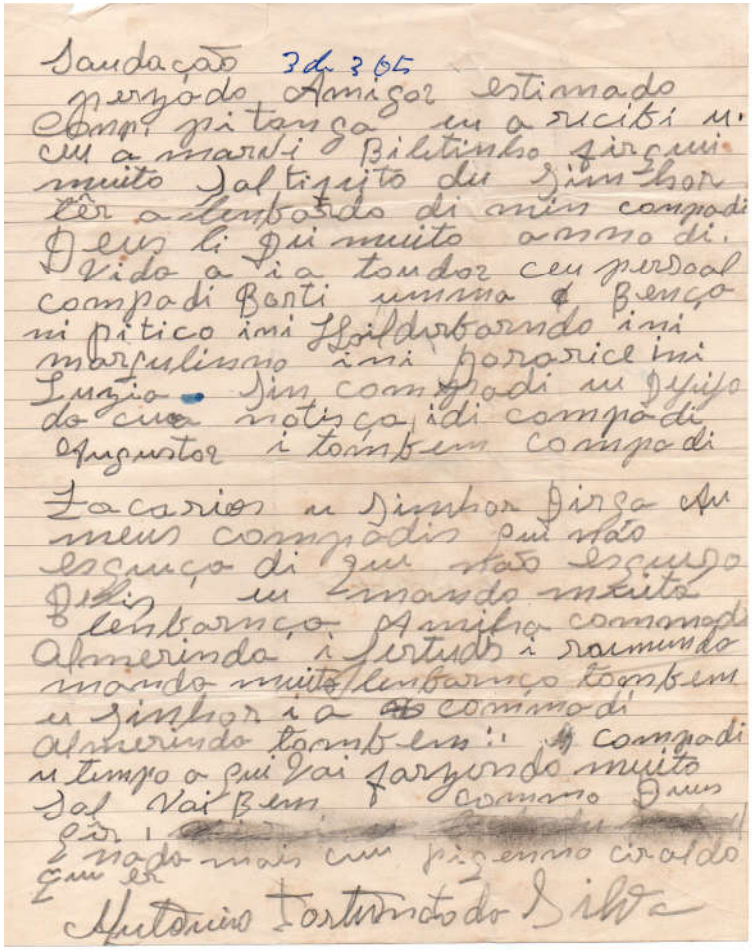


Sil Ser João Pitanga Carneiro|
Sua F F*aZenda* Pau di Colher|
Os cuidados du s Semhor|
Sinezio Zifirinno da|
Silva|



Antonio Fortunato da Silv|

Companiha Siderugica Paulista|
Cosipa Piassaguera São paulo|



Carta 19

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, apenas a data em tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope. Há trecho apagado e rasurado na última linha.

saudação 3 di 3 65|
perzado Amigo[?] estimado| conp*adre* pitanga eu a recibi u.| ceu a marvi Biletinho firquei| muito saltifeito du simhor| têr a lenbardo di min conpadi| Deus li Dei muito anno di.| vida a i a toudo[?] ceu persoal| compadi Borti umma [.][113] Bença| ni pitico i ni Hilderbarndo i ni| marqulinno i ni Dorarice ini| Luzia [.][114] sin compadi eu Dejeijo| da cua notisça i di compadi| Augusto[?] i tombem compadi|

Zacarias u simhor Dirga Au| meus compadis qui não| esqueça di que não esqueso| Delis eu mando muita| lenbarnça A miha commadi| Almerinda i Jertudis i raimunda| manda muito lenbarnça tombem| u sinhor i a [.][115]commadi| Almerinda tombem:.[.][116] compadi| u tempo a qui vai farzendo muito| sol vai Bem commo Deus| qêr|
nada mais ceu piqenno ciraldo|
qui er|
Antonio Fortunato da Silva[117]|

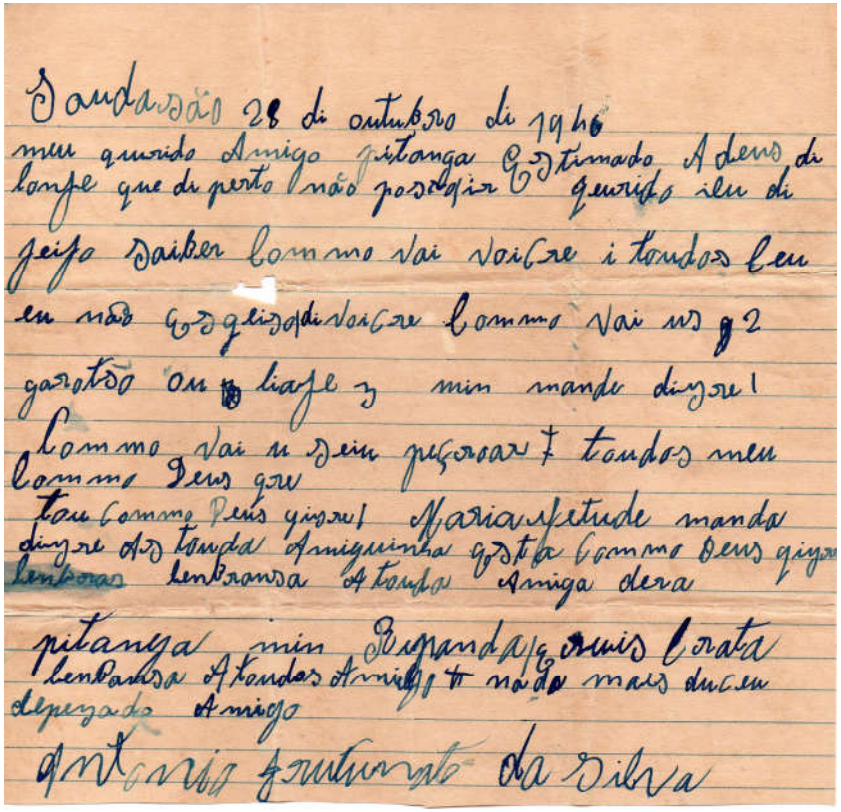
[113] Rasurado.
[114] Há mancha de tinta.
[115] Rasurado.
[116] Rasurado.
[117] As três últimas linhas estão escritas na margem inferior.



S*enho*r João pitanga|



Antonio Fortunato Silva|



Carta 20

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 207mm x 218mm. Apresenta pegueno rasgo, devido às dobras, e a margem inferior foi recortada. Acompanha envelope.

Saudasão 28 di outubro di 19[.][118]|
meu querido Amigo pitanga Estimado Adeus di| lonje que di perto não posso[119] ir querido ieu di|

jeijo saiber Commo vai voicre i toudos ceu|

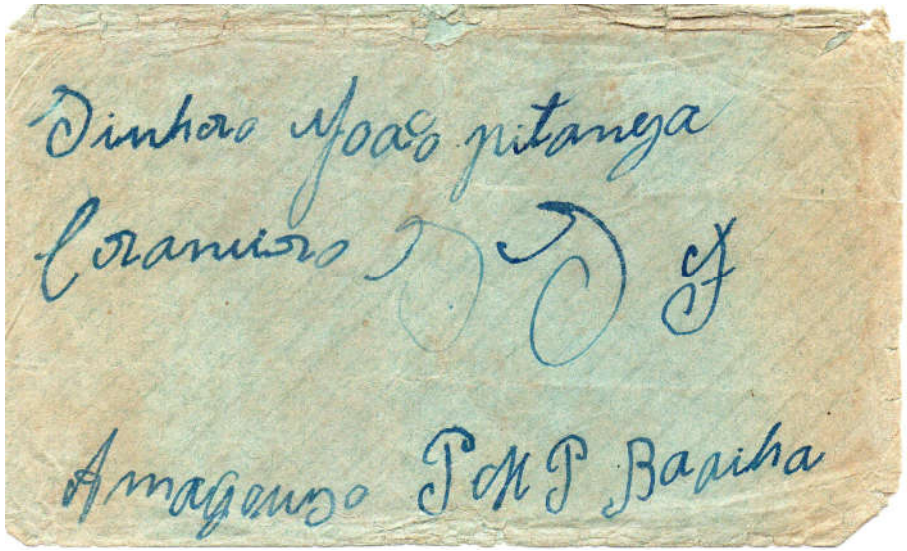
eu não Esgeisodi voicre Commo vai us [.][120] 2|

garotão ou [.][121] ou liage [?] min manda dizre|

Commo vai u seiu peçroar [.][122] toudos meu| commo Deus qre|
tou commo Deus qisre[123] Maria Jetude manda| dizre As touda Amiguinha Esta Commo Deus qizre|lenbras[124] lenbransa A touda Amiga dera|

pitanga min Reponda[125] E [.]uis[126] Crata| lenbansa A toudos Amigo [.][127] nada mais du ceu| depezado Amigo|
Antonio frutunato da silva|

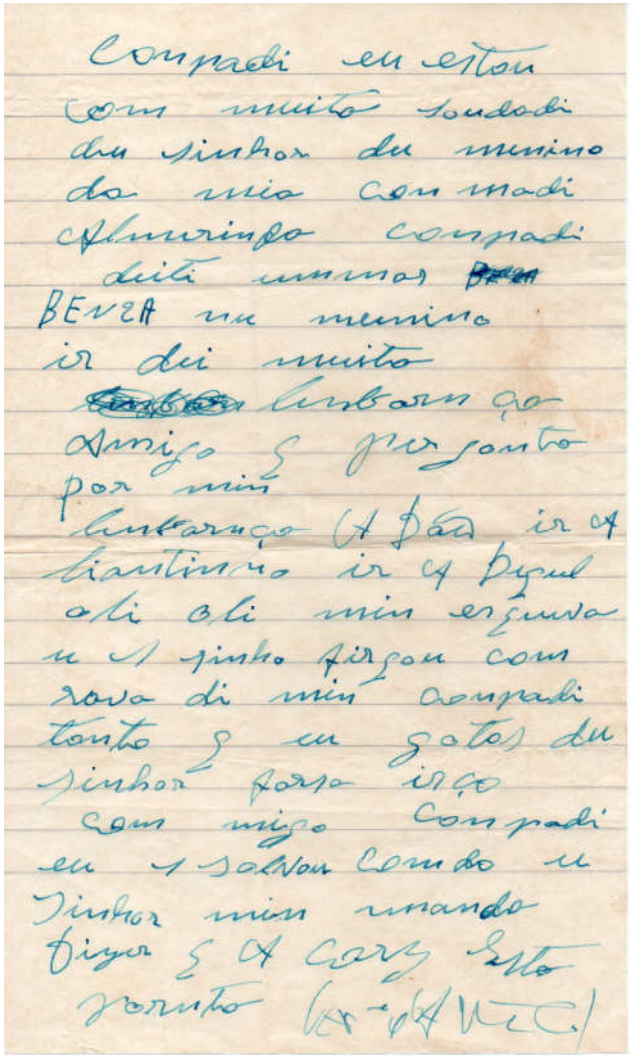
[118] Rasurado.
[119] Há traço vertical após a palavra.
[120] Rasurado.
[121] Rasurado.
[122] Rasurado.
[123] Há traço vertical após a palavra.
[124] Rasurado.
[125] Há traço vertical após a palavra.
[126] Rasurado.
[127] Rasurado.



Sinhro João pitanga|

Craneiro S S F|

Amagouso P M P Baaiha|

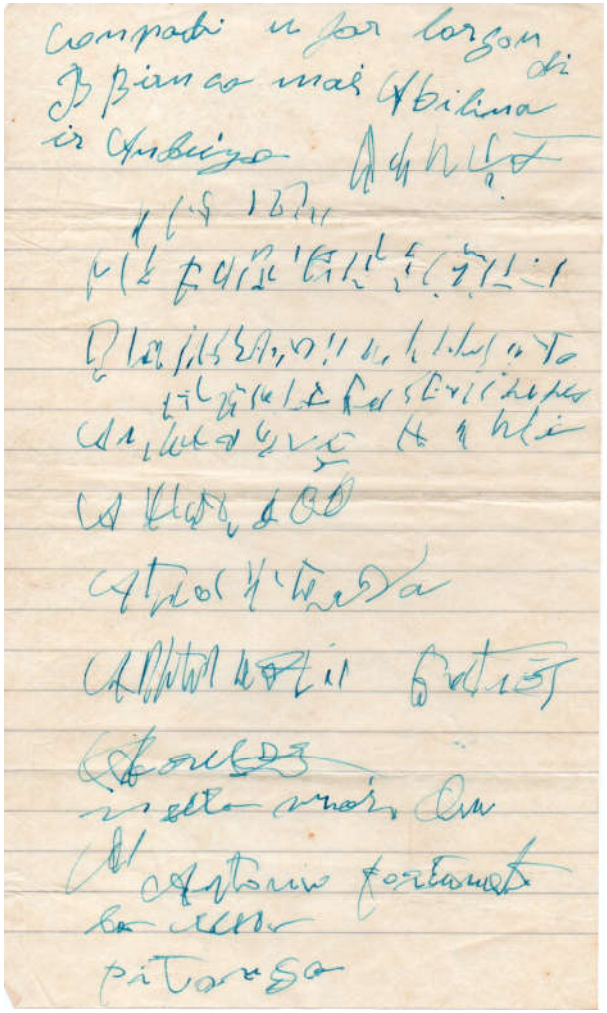


Carta 21

AJCO. Documento contendo dois fólios, escritos apenas no recto. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 210mm x 127mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha escrita do primeiro fólio está estruturada de modo invertido (o texto inicia onde deveria ser a margem inferior do fólio). Há traços aleatórios na margem inferior do primeiro fólio e também em toda a extensão do segundo fólio.

Conpadi eu estou| com muita saudadi| du sinhor du menino| da mia con madi| Almerinda conpadi| deiti ummas ~~BESA~~ | BENSA nu menino| ir dei muita| ~~lenbarn~~ lenbarn ça| Amigo q*ue* pergonta| por min|
lenbarnça A Dão ir A| liontinno ir A Dequl| oli oli min esqueva| u s sinho firqou com| rava di min conpadi| tanto q*ue* eu gotos du| sinhor farsa irço| com migo conpadi| eu s solvou comdo u|
sinhor min manda|
Dizer q*ue* A carz esta|
pornta[.]|[128]

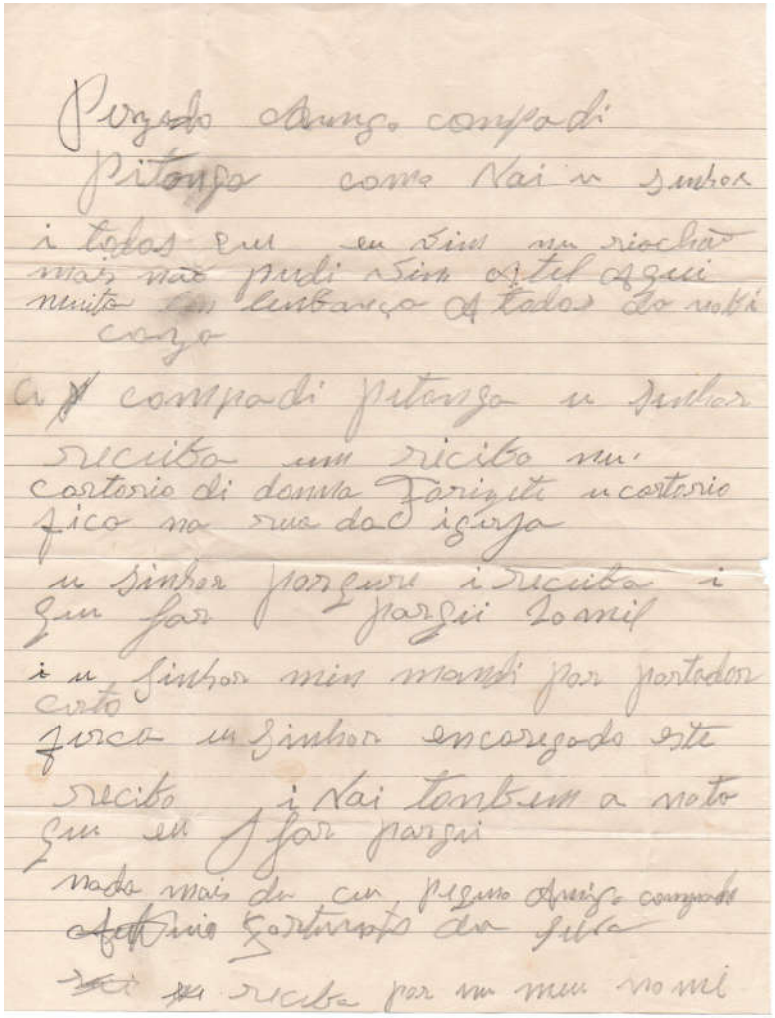
[128] As três últimas linhas estão escritas na margem inferior.



[fol. 1v]
Conpadi u jar largou di|
B Birnca mas Ubilina|
ir Andeiza|[129]

Antonio Fortunato|
da Silva|
pitanga|[130]

[129] Trecho escrito na margem superior.
[130] Palavra escrita na margem inferior.



Carta 22

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

Perzado Amigo compadi|

pitanga como vai u sinhor|

i todos ceu eu vim nu riachão| mais não pudi vim Atel Aqui| muita lenbança A todos da nobi| caza|

A [.][131] compadi pitanga u sinhor|

receiba um ricibo nu| cartorio di donna Forizete u cartorio| fica na rua da igerja|

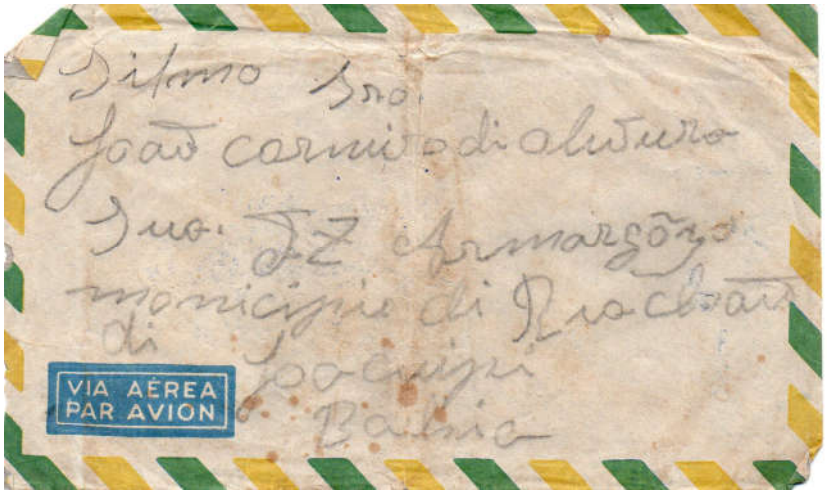
u sinhor porqure i receiba i| que jar pargei 20 mil|

i u sinhor min mandi por portador| certo|
firca u sinhor encaregado este|

recibo i vai tonbem a nota| que eu j jar pargei|

nada mais du ceu peqeno Amigo compadi|
Antonio Fortunato da Silva|
[.][132] receba por nu meu nomi|

131 Rasurado.
132 Rasurado.



S il*ustríssi*mo s*enh*or|
João carneiro di oliveira|

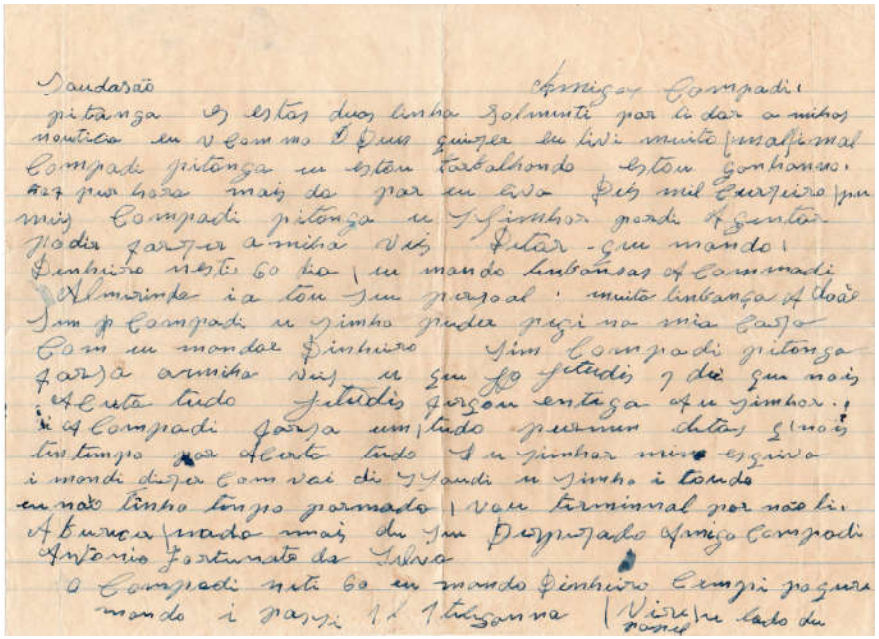
Sua F*azend*a Armargôzo|
monicipio di Riachão
di Joacuipi|
Bahia|



antonio Fortunato da Silv[133]|
F*azenda* terra Vermêlha|
monicipio di IPIRA BAHA|

[133] Dano no suporte.

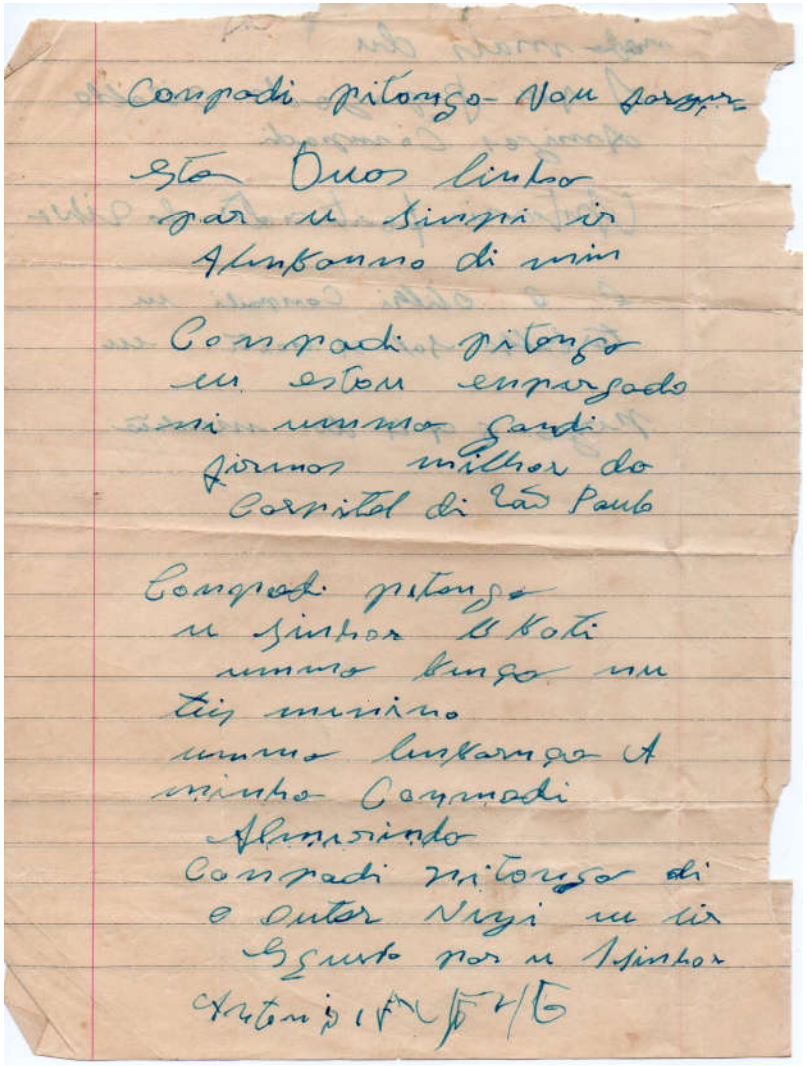
Carta 23



AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 195mm x 288mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas de tinta.

Saudasão Amigos Compadi.|
pitanga es estas duas linha solmenti par li dar a mihas| nouticia eu v commo D Deus quizer eu livi[134] muito mal[135] i mal| Compadi pitanga eu estou tarbalhando estou ganhanno.| 527 pur hora mais da par eu liva Deis mil curzeiro pu| meis Compadi pitanga u s simhor pordi Agentar| podir farzer a miha veis Detar .que mando| Dinheiro nesti 60 dia eu mando lenbansas A commadi| Almerinda i a tou seu persoal . muita linbança A doão| sim p[136] Compadi u simho puder pegi na mia caza| com eu mandar Dinheiro sim Compadi pitanga| farsa armiha veis u que j[137] jetudis dei que nois| Aceita tudo jetudis firgou entega Au simhor.| i A compadi farsa um tudo purmin detas q*ue* nois| ten tempo par Acerta tudo s u simhor min[138] esqeiva| i mandi dizer com vai di s saudi u simho i toudo| eu não tênho tenpo parmada vou terminnal par não li.| Aburecer nada[139] mais du seu despezado Amigo Compadi|
Antonio Fortunato da Silva|
O compadi neti 60 eu mando Dinheiro cempi poquri|
mando i passi 1 t 1 teleganna|[140]
<viri u lado du| papel|>[141]

134 Por "tive".
135 Antes e depois da palavra há traços verticais.
136 Rasurado.
137 Rasurado.
138 Borrado.
139 Há traço vertical antes da palavra.
140 Escrito na margem inferior.
141 Escrito no canto direito da margem inferior. Não há texto no verso.



Carta 24

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 157mm. Apresenta marcas de dobras e rasgos na margem superior e na margem direita. A mancha escrita do verso foi estruturada com o fólio invertido.

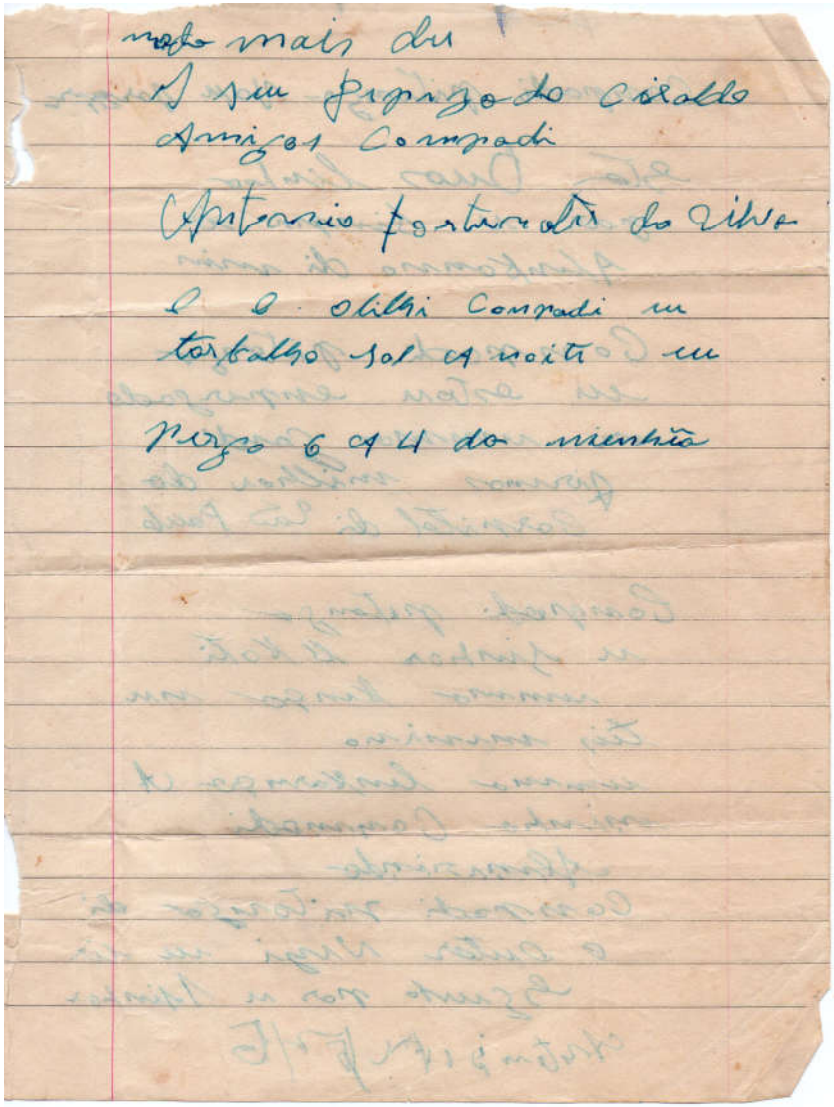
Conpadi pitanga vou farzer|

esta Duas linha| par u sinpi ir| Alenbanno di min|

Conpadi pitanga| eu estou enpergado| ni umma gandi| firmas milhor da| caspital di São Paulo|

Conpadi pitanga| u sinhor b boti| umma bença nu| teis menino| umma lenbarnça A| minha Conmadi|
Almerinda|
conpadi pitanga di| o outar vezi eu lir| esquevo par u s sinhor|
Antonio[142]|

[142] Há rabiscos após a assinatura.

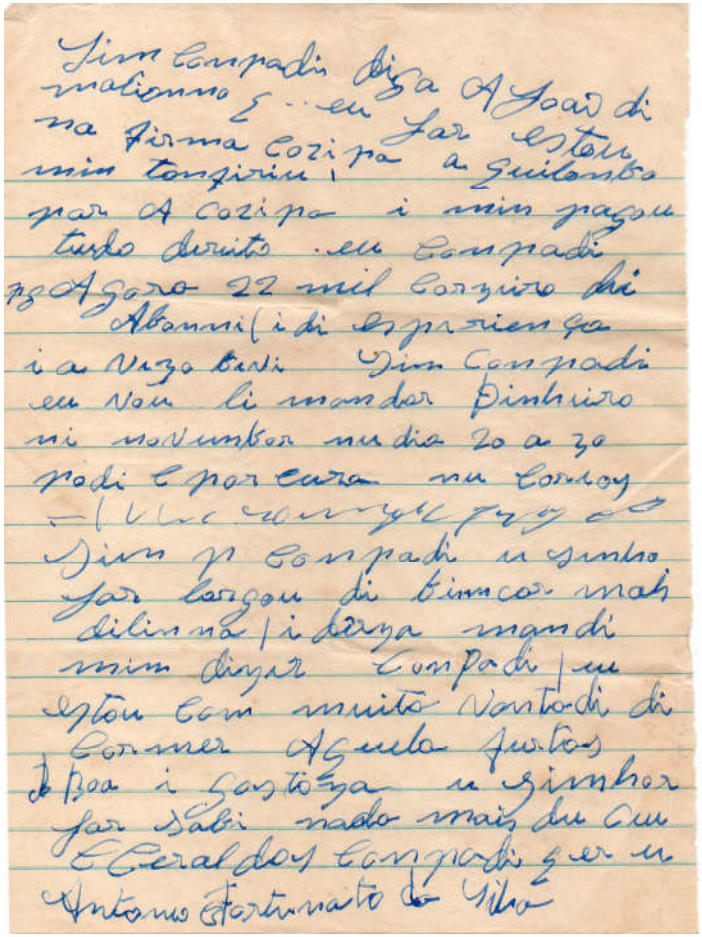


[fol. 1v]
nada mais du|
s seu Depezado ciraldo|
Amigos compadi|

Antonio Fortunato da Silva|

o o olilhi conpadi eu|
tarbalho sol A noite eu|

pergo 6 A 4 da menheã|



Carta 25

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 210mm x 148mm. Apresenta marcas de dobras. Na 13ª linha da mancha escrita, há rabiscos. Acompanha envelope.

Sim conpadi diga A joão di| macianno q*ue* eu jar estou| na firma cozipa a quilonbo| min tanfiriu|[143]
par A cozipa i min pagou| tudo direito eu conpadi| p*agou* Agora 22 mil corzeiro di| Abonni[144] i di esperiença| i a vizo bevi sim conpadi| eu vou li mandar Dinheiro| ni novembor nu dia 20 a 30| podi c por cura nu coreos|[145]

Sim p conpadi u sinho| jar largou di birmcar mais| dilinna[146] i dêrza mandi| mim dizer conpadi[147] eu| estou com muita vontadi di| cormer Aquela furtas| B Boa i gostoza u simhor| jar sabi nada mais du ceu| C Ciraldos Conpadi q*ue* er u|
Antonio Fortunato da Silva|

[143] Trecho escrito na margem superior.
[144] Há traço vertical após da palavra.
[145] Na linha seguinte há apenas rabiscos.
[146] Há traço vertical após da palavra.
[147] Há traço vertical após da palavra.



Sim Ce[148] João Pitanga|
AC Zacarias Felix di oliveira|
Riachão do joacuipe|
F*azenda* Pau di colher|

Baia|



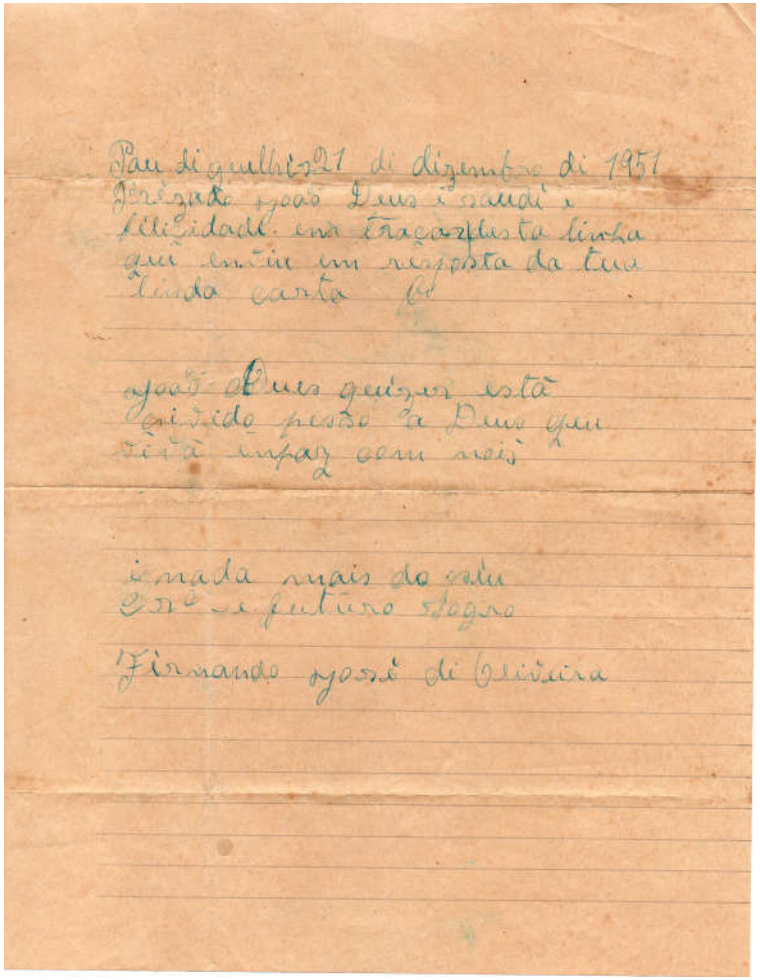
Antonio Fortunato da Silv[149]|
Jardin Marieta Vila dos|
Remedio rua 70 n*úmero* 120|
lapa São Paulo|

[148] Rasurado.
[149] Dano no suporte.

REMETENTE N° 2

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Fernando José de Oliveira (1).
Nome Completo: Fernando José de Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe (zona rural), BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:** (não identificada).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil: casado com Ana Joaquina de Oliveira.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:
(1) Pai de Almerinda Maria de Oliveira.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.



Carta 26

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 263mm x 205mm. Apresenta marcas de dobras e escurecimento do papel, pela ação do tempo. Acompanha envelope.

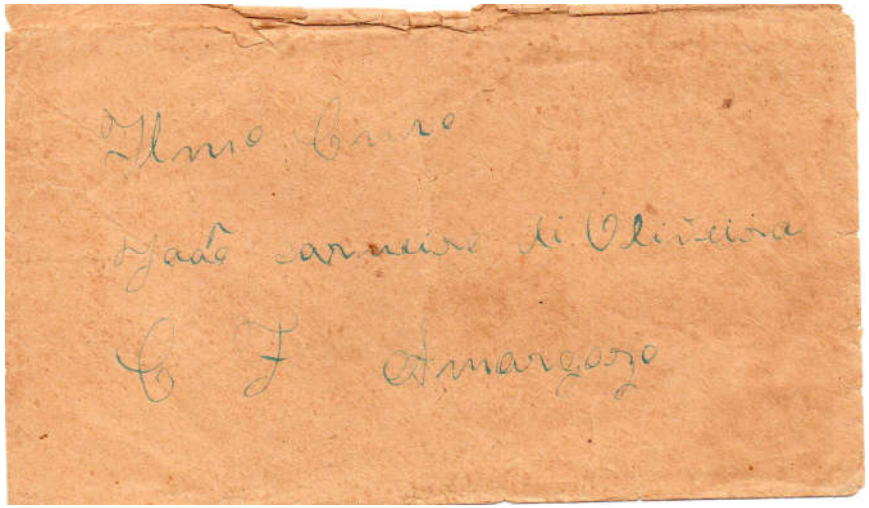
Pau di guelhir[150] 21 di dizembro di 1951|
Prêzado João Deus e saudi e| féliçidade em traçardesta[151] linha| que enviu em resposta da tua| linda carta [.][152]|

João Deus quizer está| civido pesso a Deus que| vivá inpaz com nois|

i nada mais do séu| cr*iad*o e futuro sogro|

Firnando[153] José di Oliveira|

[150] Por "colher"
[151] Há um traço vertical separando "traçar" de "desta".
[152] Rasurado.
[153] Por "Fernando".





Il*ustríssi*mo C*enh*ro |

João Carneiro di Oliveira |

C. F*azenda* Amargozo |

REMETENTE N° 3

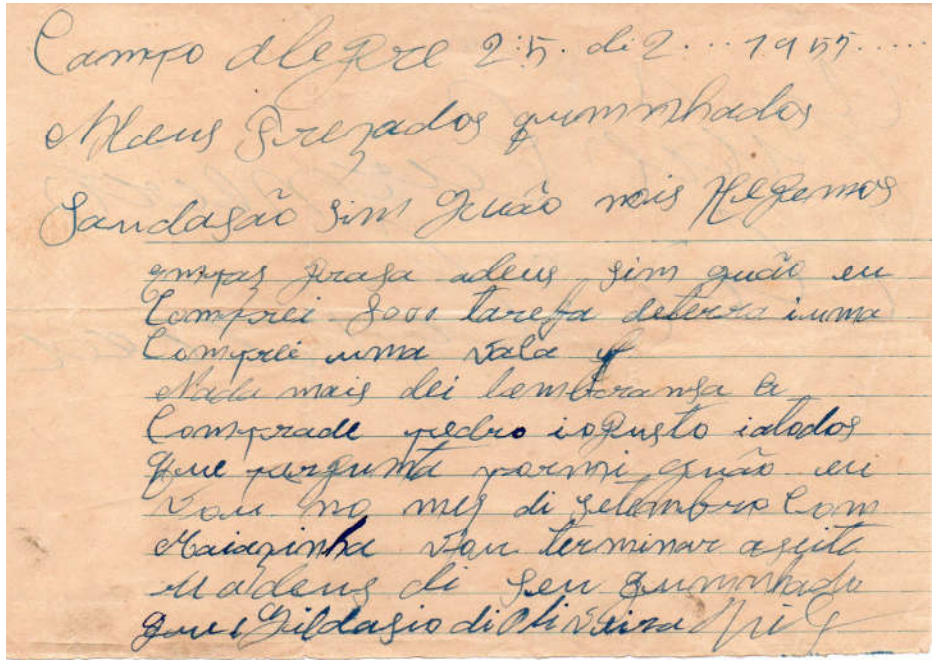
DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Gildásio de Oliveira Rios.
Nome Completo: Gildásio de Oliveira Rios.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Conceição do Coité, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1935 (aproximadamente). **Data de falecimento:** (não identificada).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 20 anos (idade aproximada).
Estado civil: casado com Maria Carneiro de Oliveira (Mariazinha) (1).
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador (2).
Observações:

(1) Gildásio é cunhado e compadre de João Carneiro de Oliveira (Sr. Pitanga).
(2) Foi trabalhar em Brasília em 1959, conforme carta destinada a João Carneiro, datada de "Brazilha Goais 21 di Novembro 1959|": "Compadre quando eu xegei a em brazilha| quaize moro gastei muito mais fiquei são| Grasa au bom deus Compadre eu não vou| Agora porque estou trabalhando com um| patrão muito bom mi dar toda comfiansa|"

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.



2. Gildásio de Oliveira Rios.



Carta 27

AJCO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas o nome do destinatário. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 147mm x 208mm. Acompanha envelope.

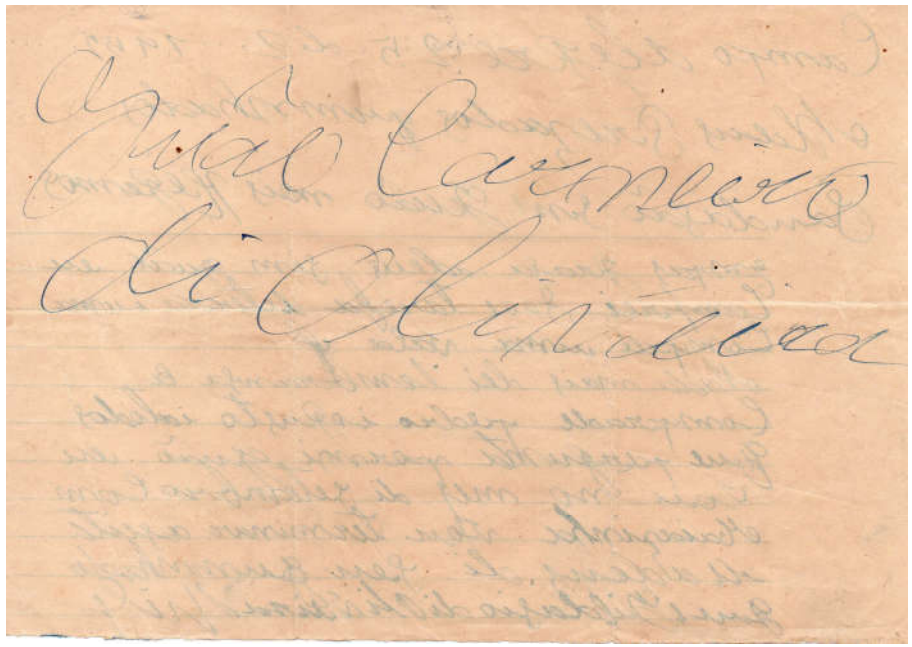
Campo alegre 25. di 2 . . . 1955.....|[154]

Adeus Prezados qumnhados|[155]

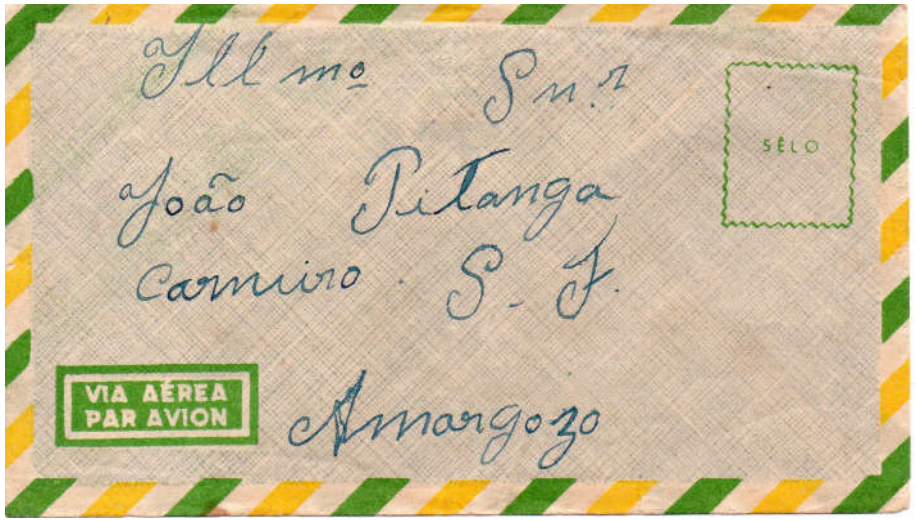
Saudasão sim Jução nois Cegemos| Empaz grasa adeus sim Jução eu| Comprei 8000 tarefa deterra i uma| Comprei uma vaca [.][156]| Nada mais dei lembransa a| Comprade pedro i agusto i atodos| que pergumta pormi Jução eu| vou no mes di setembro com| Maiazinha vou terminar aseite| u adeus di seu qumnhado| que e Gildasio di Oliveira Rios|[157]

[154] Há pontinhos entre os números.
[155] Escrito na margem superior.
[156] Rasurado.
[157] Há traços aleatórios após a assinatura.

[fol. 1v]



João Carneiro |
di Oliveira |



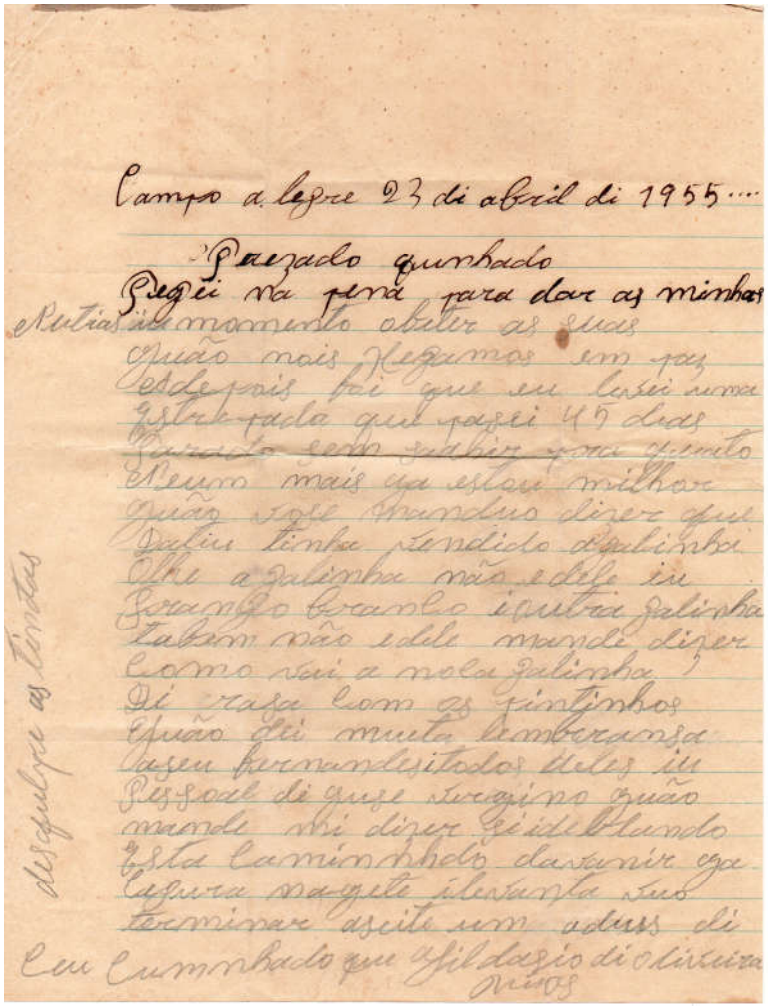


Ill*ustríssi*mo Sen*hor*|

João Pitanga|

Carneiro S. F*azenda*|

Amargozo|



Carta 28

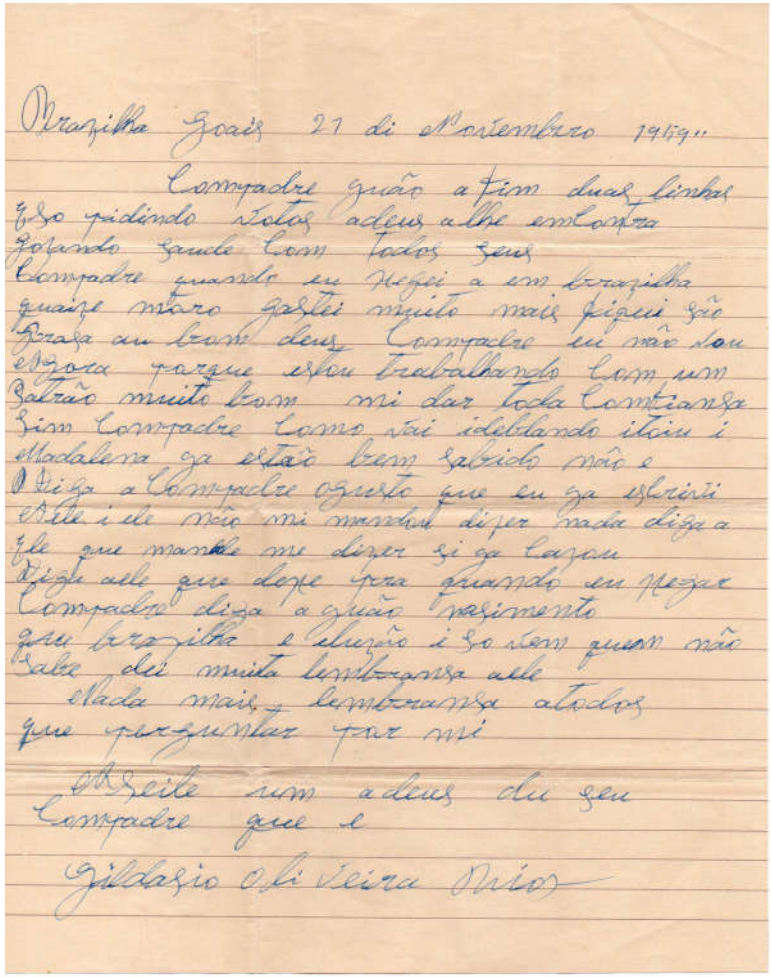
AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, apenas as três primeiras linhas foram escritas a tinta preta, em papel de carta, com pautas, medindo 275mm x 208mm. Apresenta marcas de dobras.

Campo alegre 23 di abril di 1955....|

Prezado qunhado|
Pegei na pena para dar as minhas| Nutias iu momento obeter as suas| Jução nois xegamos em paz| Adepois foi que eu levei uma| Estrepada que pasei 45 dias| Parado sem saahir pra quato| Neum mais ja estou milhor| Jução vose manduo dizer que| Datiu tinha vendido a galinha| Olhe a galinha não e dele iu| Frango branco i outra galinha| tabem não e dele mande dizer| como vai a noca galinha| Di rasa com os pintinhos| Jução dei muita lembransa| aseu fernandes i todos deles iu| Pessoal di Juse virgino Jução| mande mi dizer si ideblando| Esta caminnhdo davanir ja| Cegura nagete ilevanta vuo| terminar aseite um adeus di|
Ceu Cumnhado que Gildasio di Oliveira| Rios|[158]

<desqulpe as tintas|>[159]

[158] Escrito na margem inferior.
[159] Escrito verticalmente, de baixo para cima, na margem esquerda.



Carta 29

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

Brazilha Goais 21 di Novembro 1959..|

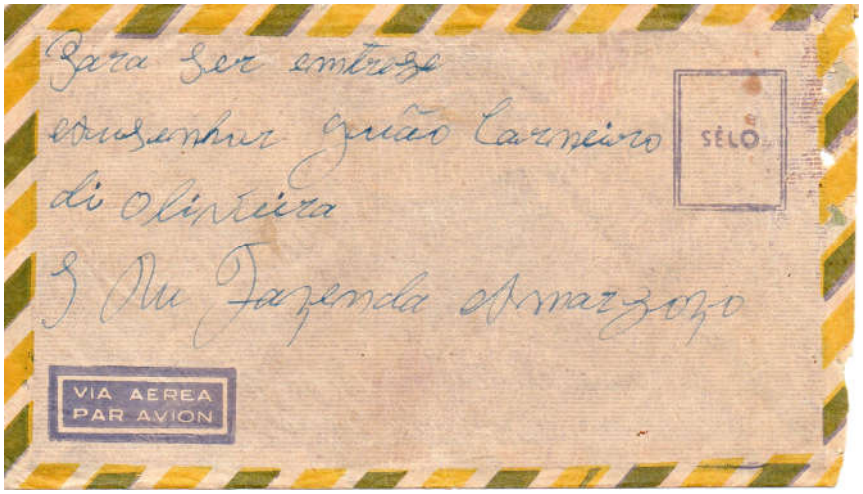
Compadre Jução o fim duas linhas| E so pidindo votos adeus a lhe emcontra| gozando saude com todos seus|
Compadre quando eu xegei a em brazilha| quaize moro gastei muito mais fiquei são| Grasa au bom deus Compadre eu não vou| Agora porque estou trabalhando com um| Patrão muito bom mi dar toda comfiansa| Sim compadre como vai ideblando itoiu i| Madalena ja estão bem sabido não e| [.][160] Diga a compadre ogusto que eu ja escrivi| A ele i ele não mi mandou dizer nada diga a| Ele que mande[161] me dizer si ja cazou| Diga aele que dexe pra quando eu xegar| Compadre diga a Jução nasimento| que brazilha e iluzão i so vem quem não| sabe dei muita lembransa aele|

Nada mais lembransa atodos|
que perguntar por mi|

Aseile[162] um adeus du seu|
Compadre que e|

Gildasio Oliveira Rios|

[160] Rasurado.
[161] Rasurado.
[162] Por "Aceite".



Para ser emtrege|

Ausenhor Juão Carneiro|

di Oliveira|

S [.][163]u Fazenda Amargozo|



Gildasio Oliveira Rios|
Brazilha Goais|

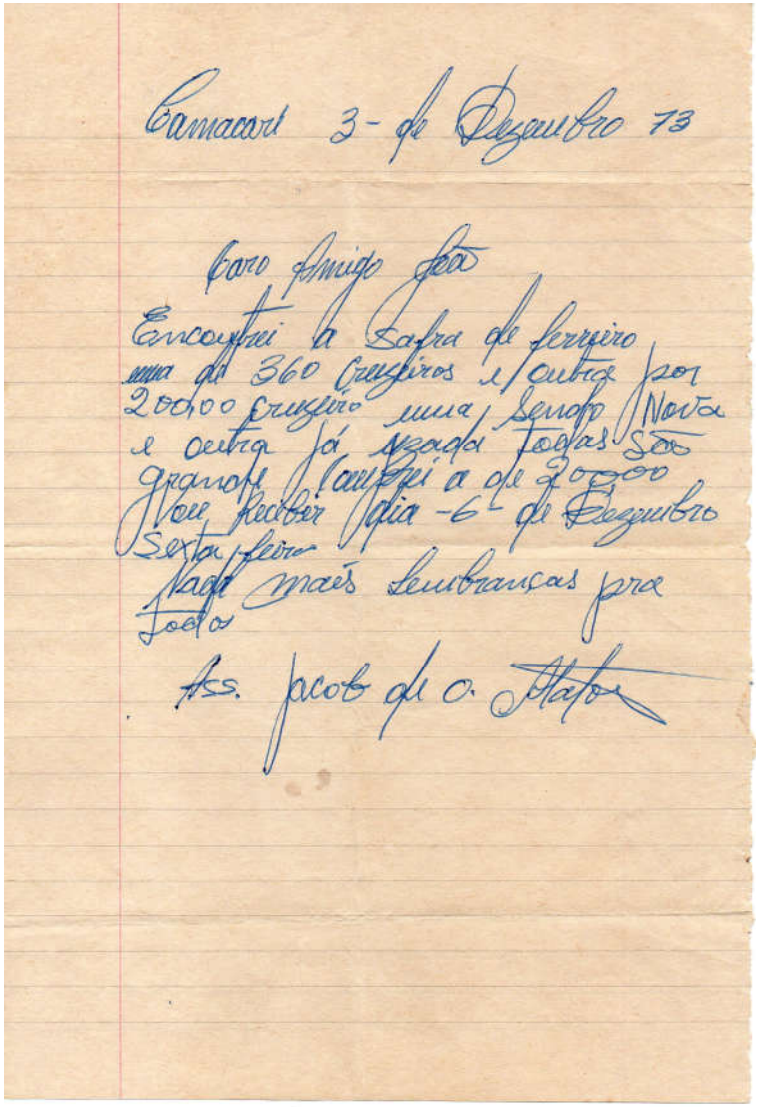
[163] Ilegível.

REMETENTE N° 4

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Jacob de Oliveira Matos.
Nome Completo: Jacob de Oliveira Matos.
Filiação: Margaridinha.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Mamona, município de Riachão do Jacuípe, BA (1).**Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1950 (data aproximada). **Data de falecimento:** (vivo).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 20 anos (idade aproximada).
Estado civil:
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:

(1) Quando escreveu a carta Jacob estava em Camaçari-BA.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.


Camacari 3 - de Dezembro 73

Caro Amigo João
Encontrei a Safra de ferreiro
uma de 360 Cruzeiros e outra por
200,00 cruzeiro uma sendo Nova
e outra já uzada todas São
grande comprei a de 200,00
Vou Receber dia -6- de Dezembro
Sexta feira
Nada mais Lembranças pra
todos

Ass. Jacob de O. Matos

Carta 30

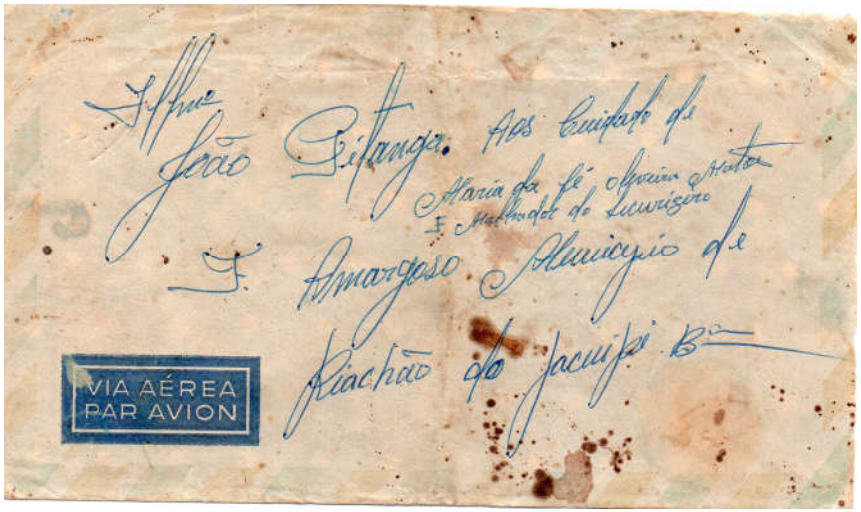
AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 218mm x 149mm. Acompanha envelope, contendo anotações posteriores feitas a lápis: "Matos".

Camacari 3 - de Dezembro 73|

Caro Amigo João|

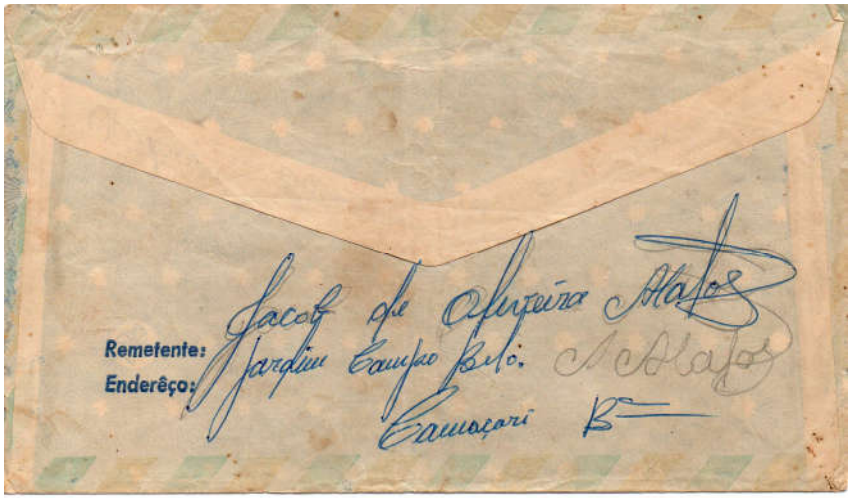
Encontrei a Safra de ferreiro| uma de 360 cruzeiros e outra por| 200,00 cruzeiro uma sendo Nova| e outra já uzada todas São| grande comprei a de 200,00| Vou receber dia -6 - de Dezembro| Sexta feira|
Nada mais Lembranças pra| todos|

Ass*ina* Jacob de O. Matos|



Ill*ustríssi*mo|
João Pitanga Aos Cuidado de|
Maria da fé oliveira Matos|
F*azenda* Malhada do Licurizeiro|
F*azenda* Amargoso Municipio de|

Riachão do Jacuipe Ba*hia*|



Jacob de Oliveira Matos|
Jardim Campo Belo[164].|
Camaçari Ba*hia*|

[164] Em seguida, há anotações posteriores feitas a lápis: um traço aleatório e a palavra "Matos".

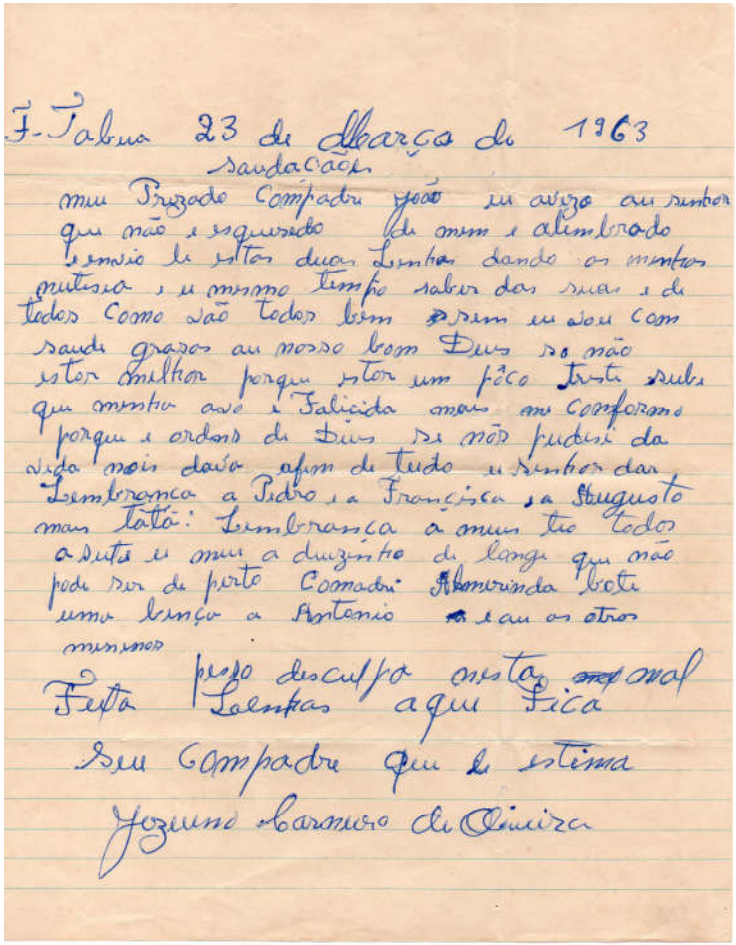
REMETENTE N° 5

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Jesuino Carneiro de Oliveira.
Nome Completo: Jesuino Carneiro de Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Morrinho, município de Riachão do Jacuípe, BA (1).**Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1940 (data aproximada). **Data de falecimento:** (vivo).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 23 anos (idade aproximada).
Estado civil: casado.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:
(1) O endereço que aparece no envelope de sua correspondência é "Faz*enda* Tábua Pintadas| Ipirá Bahia|"

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.



3. Jesuino Carneiro da Silva


F. Tabua 23 de Março de 1963
saudaçaõs.
meu Prezado Compadre João eu avizo ao senhor
que não e esquisido de mim e alimbrado
e envio li estas duas Linhas dando as minhas
nutisia e u mesmo tempo saber das suas e de
todos como vão todos bem sim eu vou com
saude grasas au nosso bom Deus so não
estor melhor porque estor um pôco triste subi
que minha avo e Falicida mais me comformo
porque e ordens de Deus se nós pudesi da
vida nois dava afim de tudo u Sinhor dar
Lembrança a Pedro e a Françisca e a Augusto
mais tatá: Lembrança a meus tio todos
aseite u meu a deuzinho de longe que não
pode ser de perto Comadri Almerinda bote
uma bença a Antonio e au os otros
mininos
pesso desculpa nesta mal
Feita Lenhas aqui Fica
seu Compadre que li estima
Jezuino Carneiro di Oliveira

Carta 31

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 255mm x 199mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

F*azenda* Tabua 23 de Março de 1963|

saudações|

meu Prezado compadre João eu avizo ao senhor| que não e esquisido di mim e alimbrado| e envio li estas duas Linhas dando as minhas| nutisia e u mesmo tempo saber das suas e de| todos como vão todos bem [.][165]sim eu vou com| saude grasas au nosso bom Deus so não| estor melhor porque estor um pôco triste subi| que minha avo e Falicida mais me comformo| porque e ordens de Deus se nós pudesi da| vida nois dava afim de tudo u sinhor dar| Lembrança a Pedro e a Françisca e a Augusto| mais tatá: Lembrança a meus tio todos| aseite u meu a deuzinho de longe que não| pode ser de perto comadri Almerinda bote| uma bença a Antonio [.][166] e au os otros| mininos|

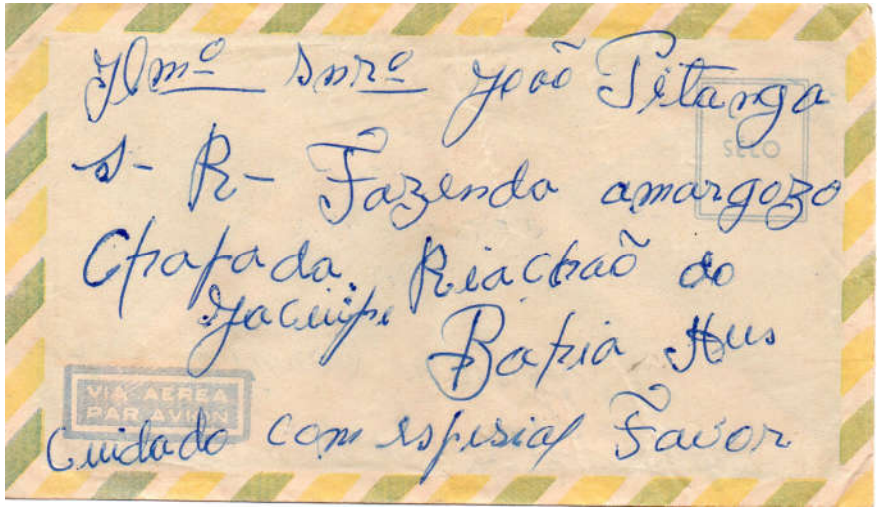
pesso desculpa nesta [.][167] mal|

Feita Lenhas aqui Fica|

seu compadre que li estima|

Jezuino Carneiro di Oliveira|

[165] Rasurado.
[166] Rasurado.
[167] Rasurado.

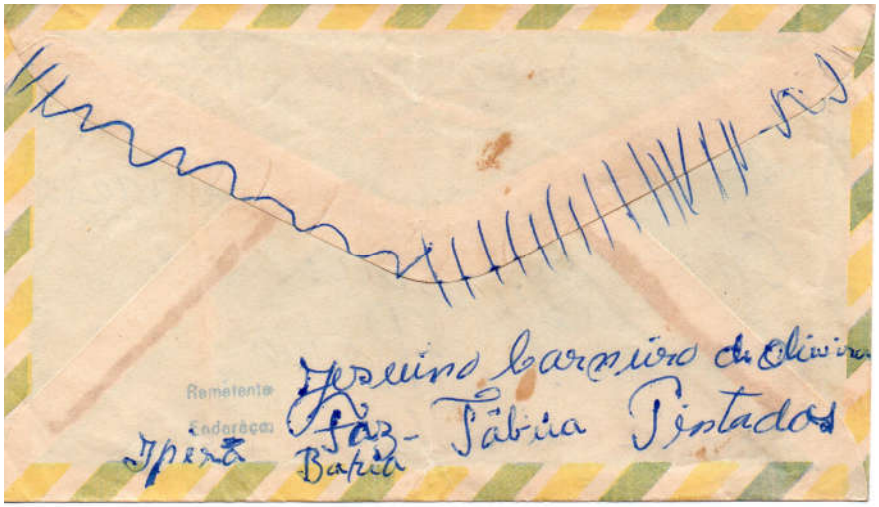


Il*ustríssi*mo S*enh*or João Pitanga |

S. R. Fazenda amargozo |

Chapada Riachão do |
Jacuipe |
Bahia Aus |

Cuidado com espesial Favor |



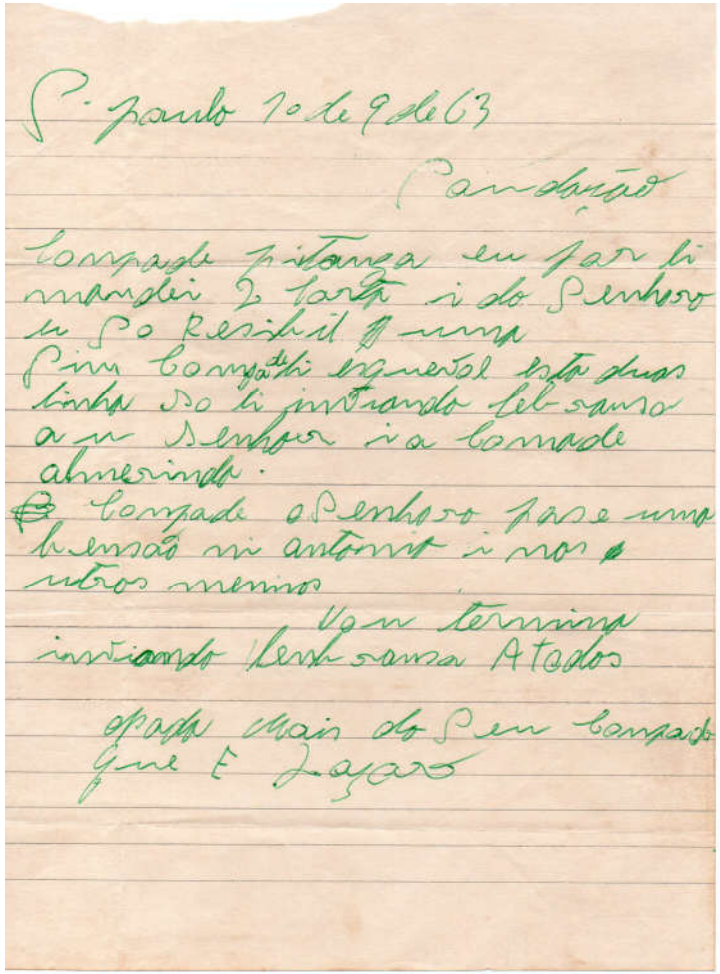
Jesuino Carneiro de Oliveira |
Faz*enda* Tábúa Pintadas |
Ipirá Bahia |

REMETENTE N° 6

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Lázaro.
Nome Completo: Lázaro Félix de Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Morrinho, município de Riachão do Jacuípe, BA (1). **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:** (vivo).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil: casado com Angélica.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades:
Observações:

(1) O endereço que aparece em sua correspondência é Vila Leopoldina, São Paulo, SP.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.



Carta 32

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel de carta com pautas, medindo 220mm x 160mm. Apresenta rasgo na margem superior. Acompanha envelope.

São paulo 10 de 9 de 63|

Caudação|

Conpade pitanga eu jar li| mandei 2 carta i do Senhora| eu So Resibil [.][168] uma|
Sim Compa<↑de>li esquevol esta duas| linha so li inviando lebransa| au senhor i a Comade| almerinda.|
[.][169]Conpade o Senhora pase uma| bensão ni antonia i nos [.][170] | utros meninos|
Vou termina|
inviando lenbransa A todos|

Nada Mais do Seu Conpade|
que E Lazaro|

[168] Rasurado.
[169] Rasurado.
[170] Rasurado.



S*enhr*o PITANGA|

M.P.|



Lazaro felix de oliveira|
RUA AVENIDA MOFARRES N*úmero* 971|
VILA LEOPOLDINA[171] S*ÃO* PAULO CAPITAL|

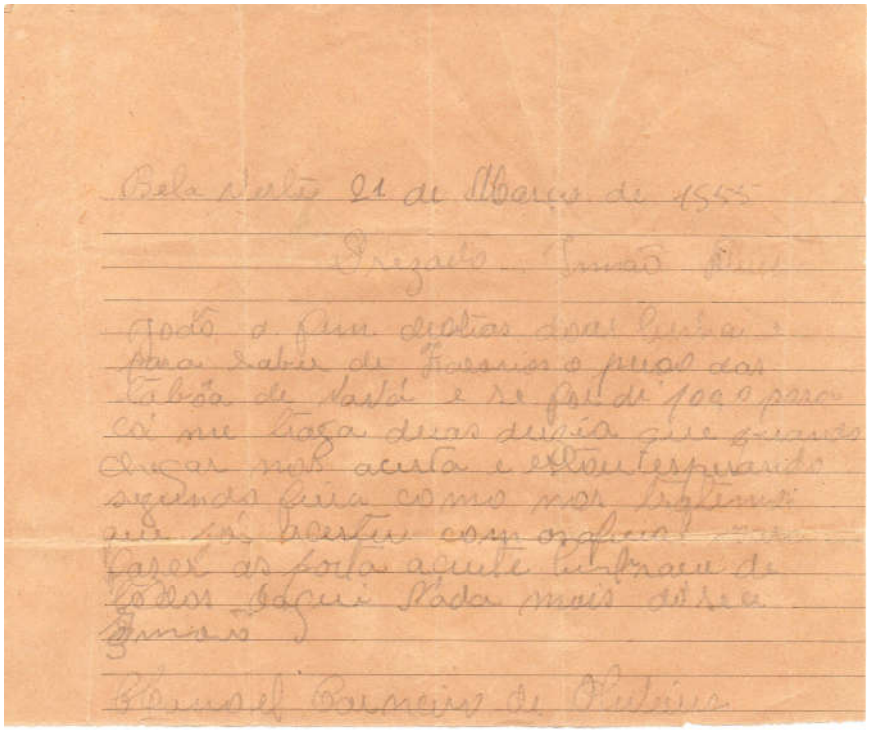
[171] Borrado.

REMETENTE N° 7

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Manoel Carneiro de Oliveira (1).
Nome Completo: Manoel Carneiro de Oliveira.
Filiação: Demétrio Carneiro de Oliveira e Izabel Francisca de Oliveira.
Avós paternos/maternos: Antonio Pantaleão Carneiro da Silva e Joana (maternos).
Naturalidade: Fazenda Pau de Colher, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1930 (aproximadamente). **Data de falecimento:** Não identificada.
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 25 anos (aproximadamente).
Estado civil:
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:

(1) Irmão mais velho de João Carneiro de Oliveira (Sr. Pitanga).

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.



Carta 33

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, em papel de carta com pautas, medindo 170mm x 204mm. Apresenta marcas de dobras e a parte inferior do fólio foi cortada.

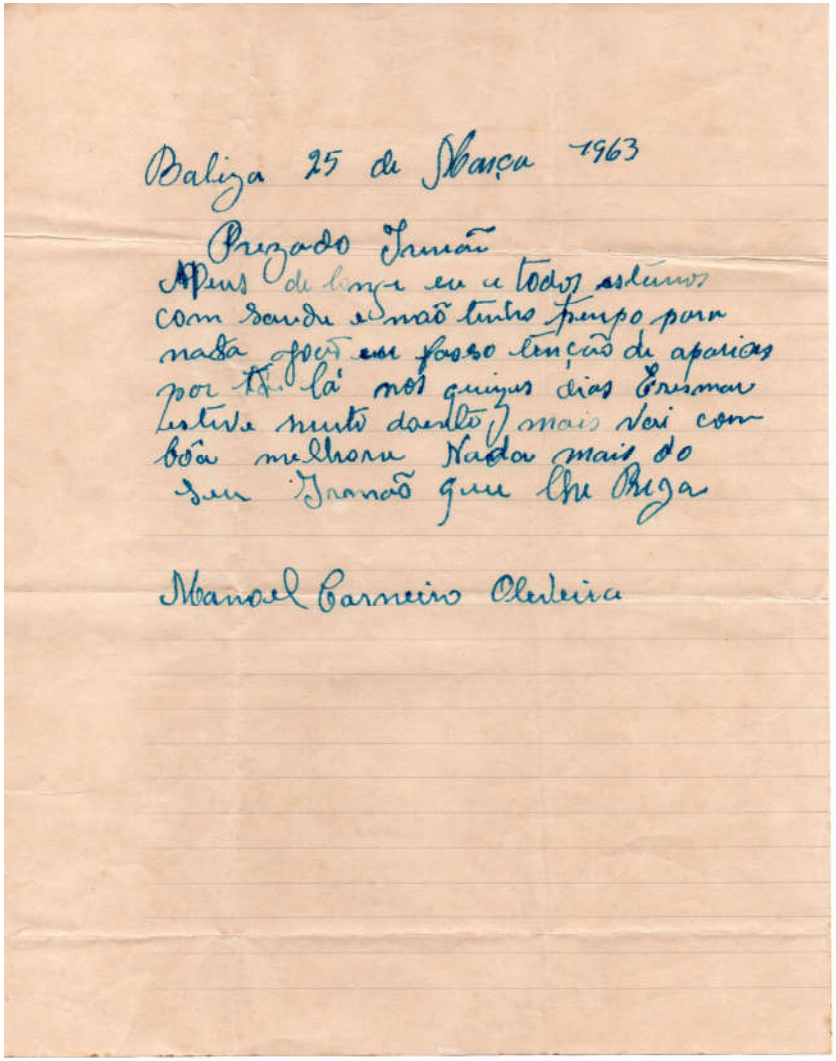
Bela Vista 21 de Março di 1955|

Prezado Irmão ADeus|

João o fim destas doas linha e| para saber de Zacarias o preço das| tabôa de Vavá e se for di 1000 para| cá me traga duas duzia que quando| chegar nos acerta e estou esperando| segunda feira como nos tratemos| que já acertei com os oficial para| fazer as porta aceite lembraça de| todos daqui Nada mais do seu| Irmão[172]|

Manoel Carneiro de Oliveira|

[172] Rasurado.


Baliza 25 de Março 1963

Prezado Irmão
ADeus de longe eu e todos estamos
com saude e não tenho tempo para
nada João eu fasso tenção de aparicer
por tá lá nos quinzes dias Erismar
esteve muito doente mais vai com
bôa melhora Nada mais do
seu Irmão que lhe Preza

Manoel Carneiro Oliveira

Carta 34

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 255mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

Baliza 25 de Março 1963|

Prezado Irmão|
ADeus[173] de longe eu e todos estamos| com saude e não tenho tenpo para| nada João eu fasso tenção de aparicer| por ~~tá~~ lá nos quinzes dias Erismar| esteve muito doente mais vai com| bôa melhora Nada mais do| seu Irmão que lhe Preza|

Manoel Carneiro Oliveira|

[173] Borrado.



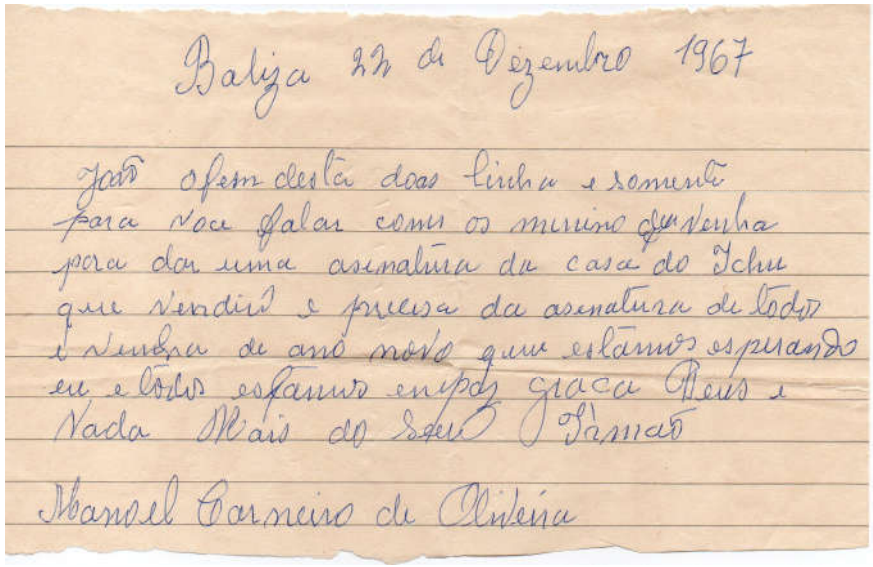
Ill*ustríssi*mo Se*nhor*|

João Carneiro Pitanga |

S. F*azenda* Amargozo|



Manoel Carneiro|


Baliza 22 de Dezembro 1967

João o fim desta doas linha e somente
para voce falar com os menino que venha
para dar uma asinatura da casa do Ichu
que vendiro e precisa da asinatura de todos
e venha de ano novo que estamos esperando
eu e todos estamos enpaz graça Deus e
Nada Mais do seu Irmão

Manoel Carneiro de Oliveira

Carta 35

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 105mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e a parte inferior do fólio foi recortada. Acompanha envelope.

Baliza 22 de Dezembro 1967|[174]

João o fim desta doas linha e somente| para voce falar com os menino que venha| para dar uma asinatura da casa do Ichu| que vendiro e precisa da asinatura de todos| e venha de ano novo que estamos esperando| eu e todos estamos enpaz graça Deus e| Nada Mais do seu Irmão|

Manoel Carneiro de Oliveira |

[174] Escrito na margem superior.



Ill*ustríssi*mo S*enho*r |

João Pitanga Carneiro |

F*azenda* Amargozo |



Manoel Carneiro |
Oliveira |

REMETENTE N° 8

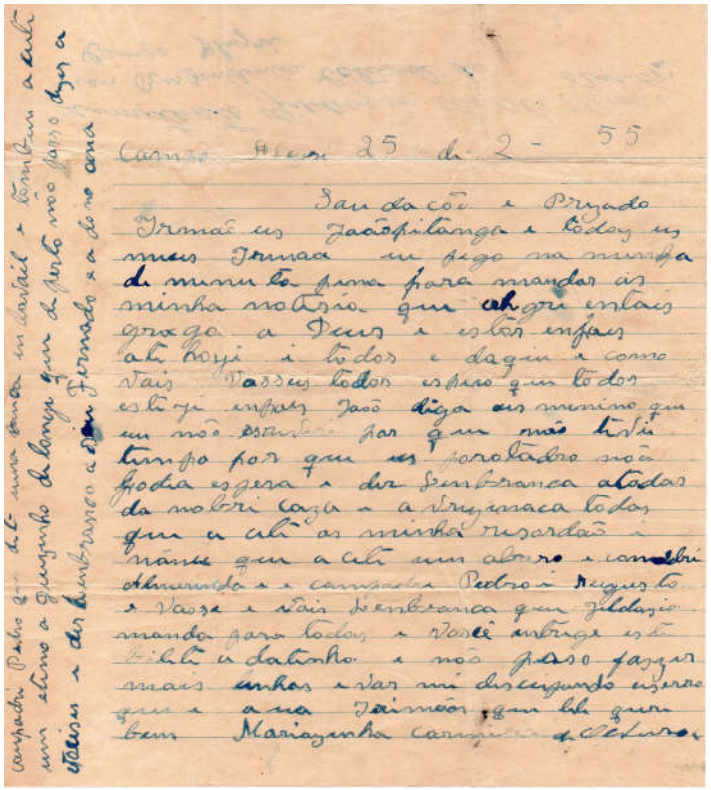
DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Mariazinha Carneiro de Oliveira.
Nome Completo: Maria Carneiro de Oliveira.
Filiação: Demétrio Carneiro de Oliveira e Izabel Francisca de Oliveira..
Avós paternos/maternos: Antonio Pantaleão Carneiro da Silva e Joana (maternos).
Naturalidade: Fazenda Pau de Colher, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1927. **Data de falecimento:** 1990.
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 28 anos (por inferência).
Estado civil: casada com Gildásio de Oliveira Rios.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: dona de casa; lavradora.
Observações:

(1) Irmã de João Carneiro de Oliveira (Sr. Pitanga).

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.



4. Mariazinha com os irmãos, Manequinha e João Pitanga (à esquerda).



Carta 36

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. No verso, há apenas a indicação do remetente e seu endereço. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 272mm x 208mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas de tinta.

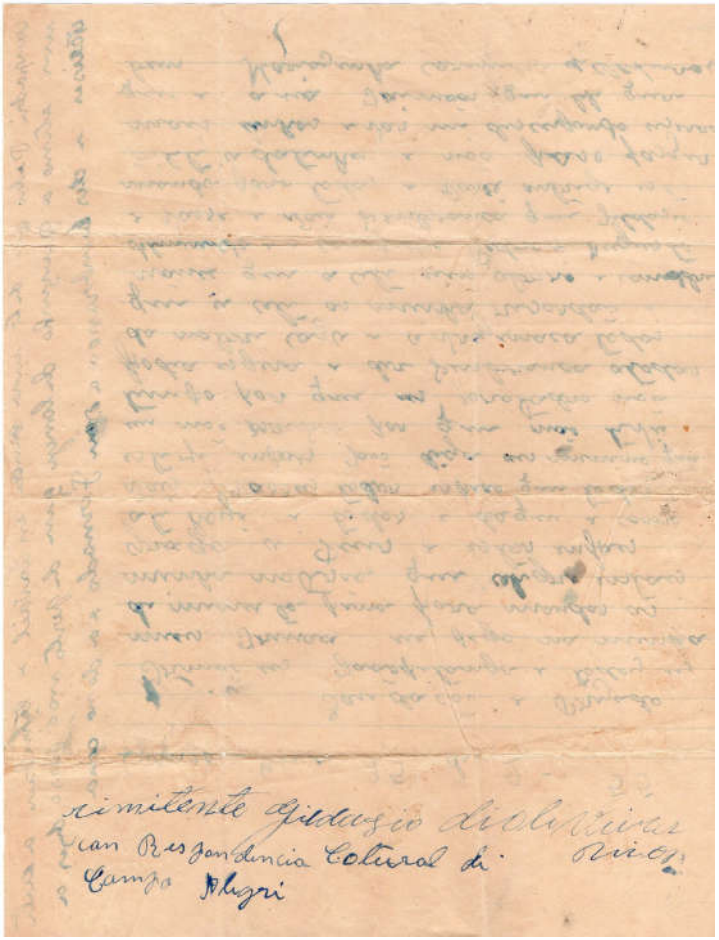
Campo Alegri 25 di 2 - 55|

Saudacão e Prezado|

Irmão us João pitanga e todos us| meus Irmao eu pego na minha| di minu ta pena para mandar as| minha notisia que cehgri[175] entais| graga a Deus e estor enpais| ate hoji i todos e daqui e como| vais vosseis todos espero que todos| esteji enpais João diga us menino que| eu não esriviri[176] por que não tivi| tempo por que us porotadro[177] não| podia espera e der Lenbranca atodos| da nobri caza e a vrizinaca todas| que a cete[178] as minha resordão[179] i| manu que a cete um abraso e comadri[180]| Almerinda e e compadri Pedro i Augusto| e Vass[.][181] e vais Lenbranca que gildasio| manda para todos e voscê entrege este| bilete a datinho e não poso faszer| mais linhas e var mi descupando us erro| que e sua Irimãn[182] que lhi qur| bem Mariazinha Carneiro di Oliveira|

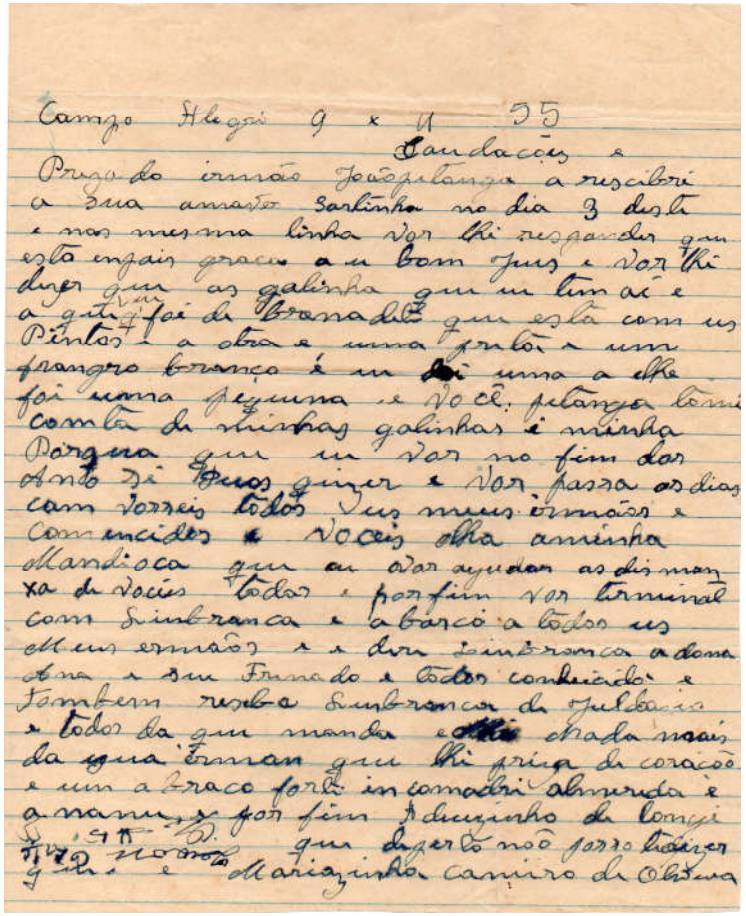
<conpadri Pedro que deti uma benca en davail e tambem a ceite| um eteno a Deuzinho di longe que di perto não posso dizer a| [.][183]isar e der lenbranca a seu[184] Fernado e a dona ana>[185]|

175 Rasurado.
176 Rasurado.
177 Por "portador".
178 Por "aceite"
179 Por "recordação".
180 Borrado.
181 Rasurado.
182 Rasurado.
183 Rasurado.
184 Borrado.
185 Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.



[fol. 1v]

rimitente Gildasio di oliveira|
Rios|
con Respondencia Cotural di|
Campo Alegri|

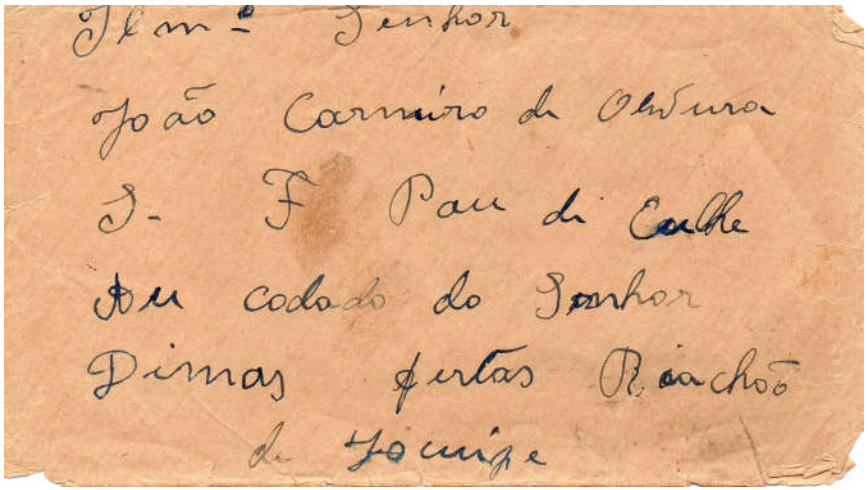


Carta 37

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 278mm x 218mm. Apresenta manchas de tinta. Acompanha envelope.

Campo Alegri 9 x 4 55|
C[186]audacões e|
Prezado irmão Joãopitanga a rescibri| a sua amaver cartinha no dia 3 deste| e nas mesma linha vor lhi responder que| esto enpais graca a u bom Jeus e vor lhi| dizer que as galinha que eu tem aí e| a que q <↑?> foi de brenadete que esta com us| Pintos e a otra e uma preta e um| frangro branço é iu [.][187]i uma a elhe| foi uma pequena e você pitanga tomi| comta de minhas galinhas i minha| Porqua que eu vor no fim dos| Ano si Deus quizer e vor passa os dias| com vosseis todos us meus irmãos e| com incidos[188] [.][189] voceis olha aminha| Mandioca que eu vor ajudar as disman-|xa de voceis todos e por fim vor terminal| com Linbranca e abarco a todos us| Meus ermãos e e dere Linbranca a dona| Ana e seu Frinado e todos conheicido e| tambem reseba Linbranca di Jildasio| e todos da que manda e [.][190] Nada mais| da sua erman que lhi priza de coração| e um abraco forti in comadri almerida e| a nanu e por fim Adeuzinho de longi| que deperto não posso traizer|
qui e[191] Mariazinha Caneiro di Oliveira|

[186] Rasurado.
[187] Borrado.
[188] Por "conhecidos".
[189] Rasurado.
[190] Rasurado.
[191] Há letras ilegíveis acima desse trecho.



Il*ustríssi*mo Senhor|

João Carneiro de Oliveira|

S. F*azenda* Pau di Culhe|

Au Codado do Senhor|

Dimas fertas Riachão|
de Jocuipe|



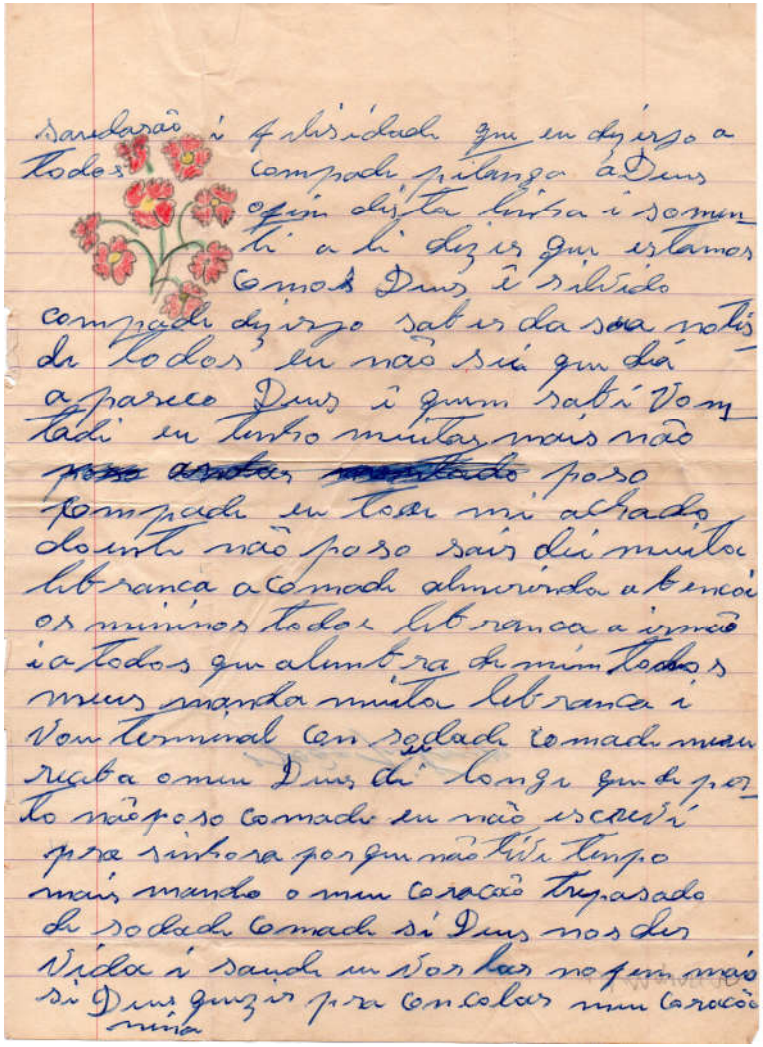
Remitente Maria carneiro de Oliveira|
campo Alegri|

REMETENTE N° 9

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Nina.
Nome Completo: Francisca Carneiro de Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Morrinho, município de Riachão do Jacuípe, BA. (1) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1945 (aproximadamente). **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil: casada.
Escolaridade: estudou até a quarta série.
Principais atividades: dona de casa; lavradora.
Observações:

(1) Nasceu na fazenda Morrinho e aí permaneceu até 1964, quando se mudou para a fazenda Taboa, hoje pertencente ao município de Pintadas-Ba.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.
Depoimentos concedidos por Francisca Carneiro, em 26 de janeiro de 2017.



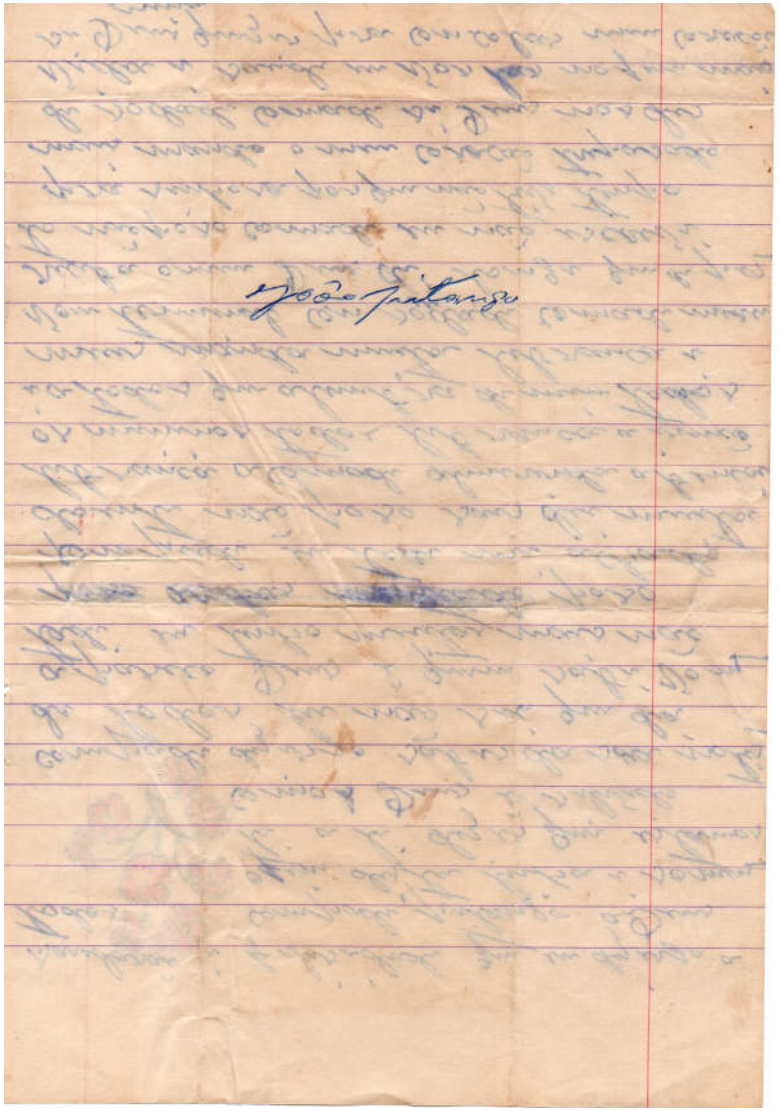
Carta 38

AJCO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas o nome do destinatário. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 155mm. Apresenta marcas de dobras. Há ornamento no canto superior da margem esquerda: desenho de flores.

saudasão i felisidade que eu dizirjo a| todos compade pitanga aDeus| o fim desta linha i somen|ti a li dizer que estamos| como~~s~~ Deus ê silvido| compade dezirjo saber da sua notis| di todos eu não sei que dia| apareco Deus ê quem sabi vom_|tadi eu tenho muitas mais não| ~~poso andar montado~~ poso| compadi eu tou mi achado| doente não poso sair dei muita| lebranca a comade almerinda abencoi| os mininos todos lebranca a irmão| i a todos que alembra de mim todos| meus manda muita lebranca i| vou terminal com sodade comade meu[192]| receba o meu Deus di longe que de per_| to não poso comade eu não escrevi| pra sinhora porque não tive tenpo| mais mando o meu coracão trepasado| de sodade comade si Deus nos der| vida i saude eu vor lar no fim maio| si Deus quezir pra concolar meu coracão|[193]

nina|

[192] Rasurado.
[193] Escrito na margem inferior.



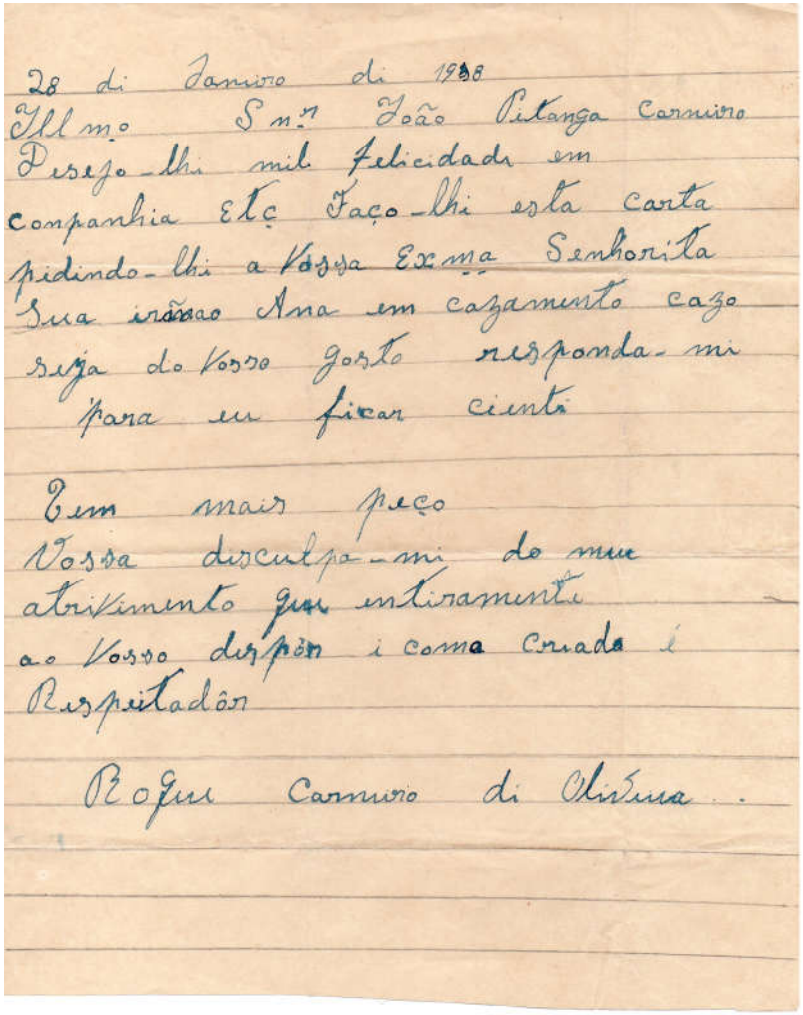
[fol. 1v]

João pitanga|

REMETENTE N° 10

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Roque Carneiro da Silva.
Nome Completo: Roque Carneiro da Silva.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Morrinho, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1920 (data aproximada). **Data de falecimento:** Não identificada.
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil: (A carta escrita por ele solicita a mão da irmã de Sr. Pitanga em casamento).
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.


28 di Janeiro di 1948
Ill.mo Snr. João Pitanga Carneiro
Desejo-lhi mil felicidade em
companhia Etç Faço-lhi esta carta
pidindo-lhi a Vossa Exma Senhorita
Sua irmão Ana em cazamento cazo
seja do Vosso gosto responda-mi
para eu ficar cienti

Sem mais peço
Vossa desculpa-mi do meu
atrivimento que entiramente
ao Vosso dispôr i como Criado é
Respeitadôr

Roque Carneiro di Oliveira.

Carta 39

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 240mm x 193mm. Apresenta marcas de dobras.

28 di janeiro di 19[.][194]8|
Ill*ustríssi*mo S*enhor* João Pitanga Carneiro|
Desejo-lhi mil felicidade em| conpanhia Etc Faço-lhi esta carta| pidindo-lhi a Vossa Ex*celentíssi*ma Senhorita| sua irmão[195] Ana em cazamento cazo| seja do Vosso gosto responda-mi|
para eu ficar cienti|

Sem mais peço| Vossa desculpa-mi do meu| atrivimento que entiramente| ao Vosso dispôr i como criado é| Respeitadôr|

Roque Carneiro di Oliveira|

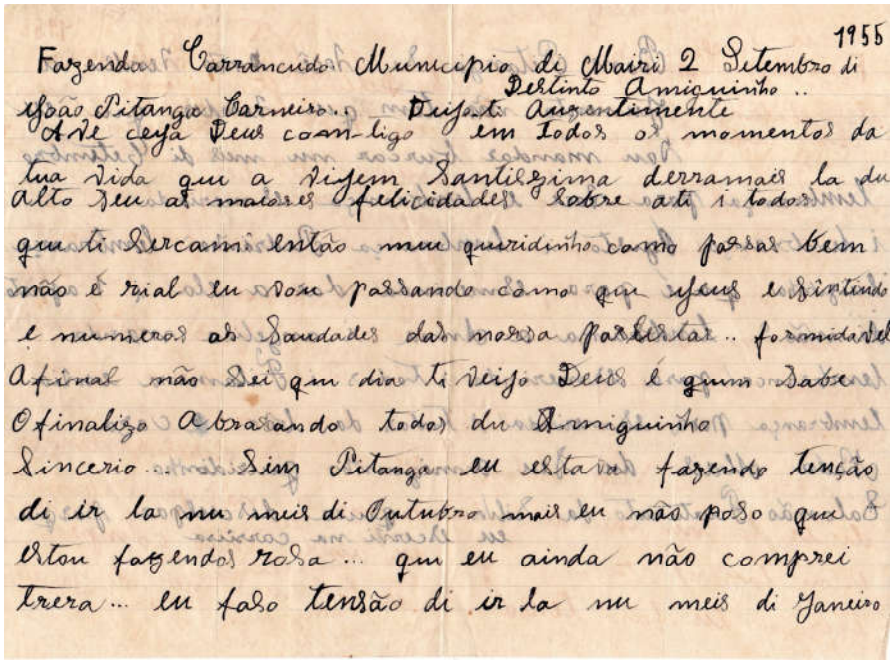
[194] Borrado.
[195] Rasurado. O sinal gráfico til está sobre a letra *m*.

REMETENTE N° 11

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Salomão Fortunato da Silva (1).
Nome Completo: Salomão Fortunato da Silva.
Filiação: José Vitorino de Souza e Maria Conceição da Silva.
Avós paternos/maternos: Antonio Brás Souza e Antonia Brás Souza/José Zeferino da Silva e Angélica Zeferino da Silva.
Naturalidade: Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1925. **Data de falecimento:** 1988.
Idade do remetente (quando da escrita das cartas): entre 30 e 31 anos.
Estado civil: casado com Isabel.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:

(1) Irmão mais velho de Antônio Fortunato, Angélica e Filomena.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011. Depoimento concedido por Antonio Fortunato da Silva e Maura Ribeiro da Silva no dia 12 de março de 2011.

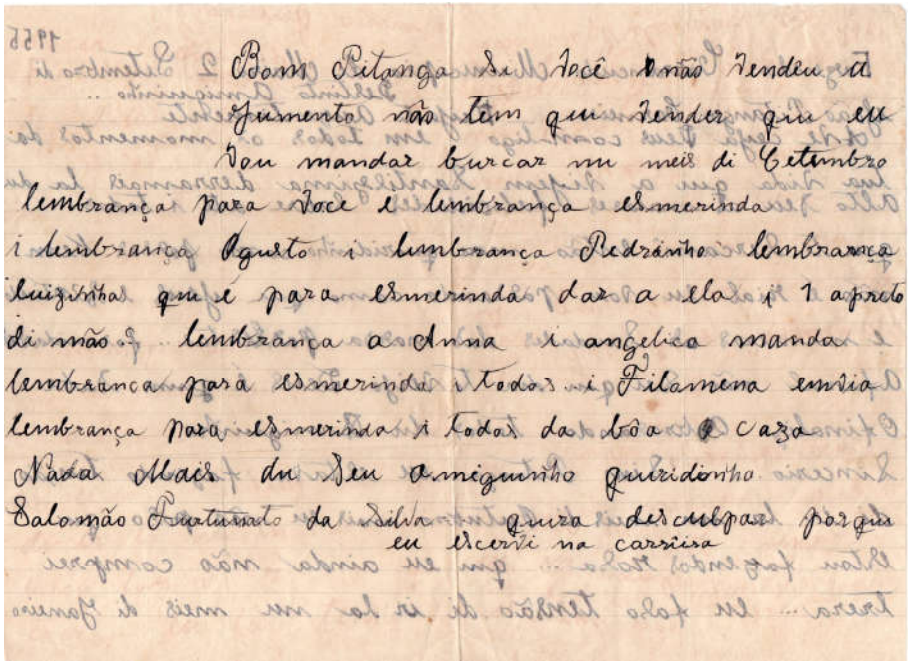

Fazenda Carrancudo Municipio di Mairi 2 Setembro di 1955
Destinto Amiguinho..
João Pitanga Carneiro.. Beijo-ti ausentimente
Ave ceja Deus com-tigo em todos os momentos da
tua vida que a vijem santiszima derramais la du
alto seu as maiores felicidades sobre ati i todos
que ti sercam: então meu queridinho como passas bem
não é rial eu vou passando como que Jeus e sintindo
e numeros as saudades das nossa paslestar.. formidavel
afinal não sei que dia ti veijo Deus é quem sabe
O finalizo abrasando todos du Amiguinho
sincerio... sim Pitanga eu estava fazendo tenção
di ir la nu meis di Outubro mais eu não poso que
estou fazendos rosa... qui eu ainda não comprei
trera ... eu faso tensão di ir la nu meis di janeiro

Carta 40

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 205mm x 293mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha esccrita do verso é visível. Acompanha envelope.

Fazenda Carrancudo Municipio di Mairi 2 Setembro di <↑1955>|
Destinto Amiguinho..|
João Pitanga Carneiro.. Beijo-ti ausentimente|
Ave ceja Deus com-tigo em todos os momentos da| tua vida que a vijem santiszima derramais la du| alto seu as maiores felicidades sobre a ti i todos| que ti sercam: então meu queridinho como passas bem| não é rial eu vou passando como que Jeus e sîntindo| e numeros as saudades das nossa paslestar[196].. formidavel| afinal não sei que dia ti veijo Deus é quem sabe| O finalizo abrasando todos du Amiguinho[197] |
sincerio... sim Pitanga eu estava fazendo tenção| di ir la nu meis di Outubro mais eu não poso que| estou fazendos rosa... qui eu ainda não comprei| trera ... eu faso tensão di ir la nu meis di janeiro|

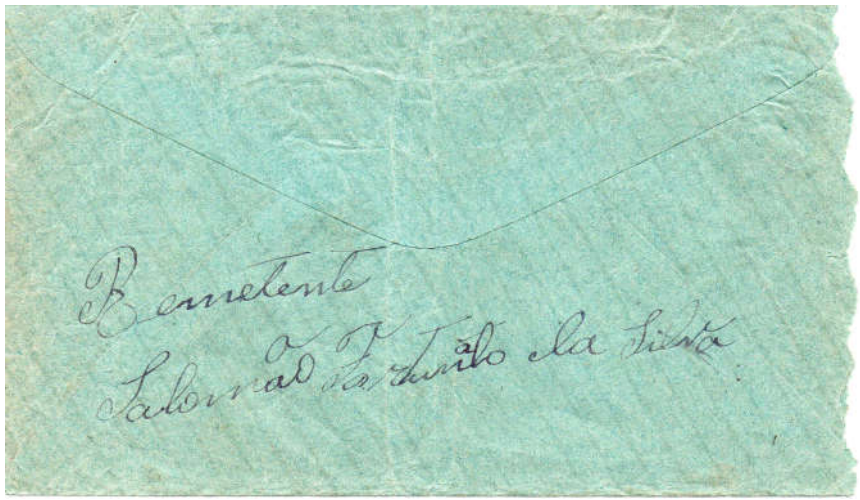
[196] Rasurado.
[197] Rasurado.


Bom Pitanga si você [.] não vendêu u|
Jumento não tem que vender que eu|
vou mandar burcar nu meis di Cetembro|
lembrança para voce i lembrança esmerinda| i lembrança Ogusto i lembrança Pedrinho lembrança| luizinha que é para esmerinda dar a ela i 1 apreto| di mão.. lembranca a Anna i angelica manda| lembranca para esmerinda i todos.. i Filomena emvia| lembrança para esmerinda i todos da bôa [.] caza| Nada Mais du seu amiguinho queridinho| Salomão Furtunato da Silva.. quera desculpar porque|
eu escervi na carrêira|

[fol. 1v]

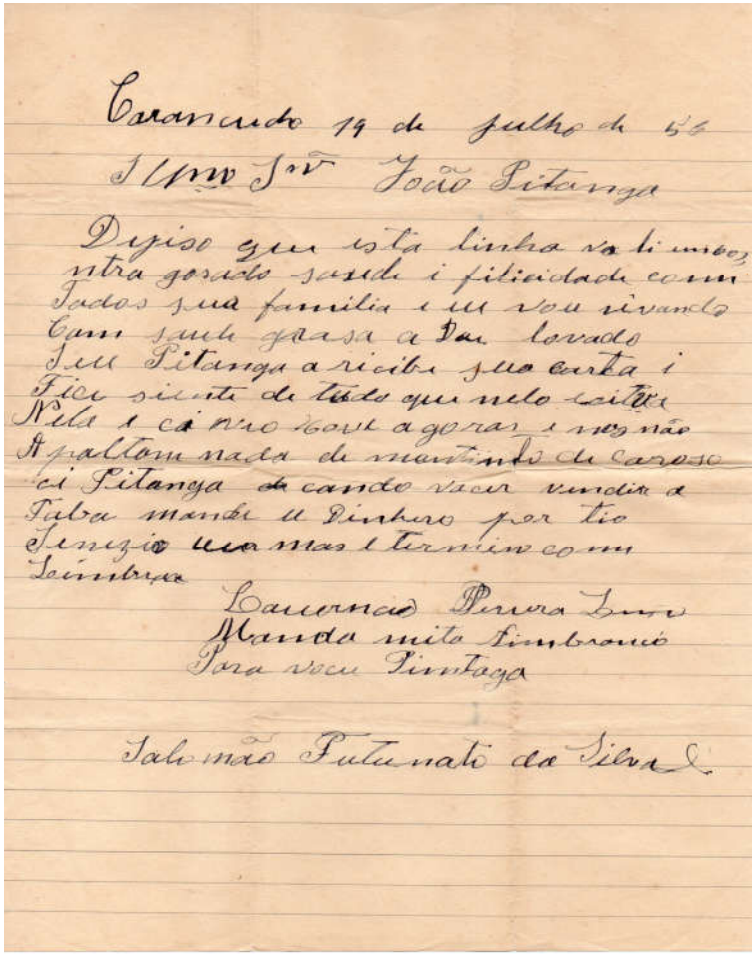
Bom Pitanga si você [.][198]não vendêu u|
Jumento não tem que vender que eu|
vou mandar burcar nu meis di Cetembro|
lembrança para voce i lembrança esmerinda| i lembrança Ogusto i lembrança Pedrinho lembrança| luizinha que é para esmerinda dar a ela i 1 apreto| di mão.. lembranca a Anna i angelica manda| lembranca para esmerinda i todos.. i Filomena emvia| lembrança para esmerinda i todos da bôa [.][199] caza| Nada Mais du seu amiguinho queridinho| Salomão Furtunato da Silva.. quera desculpar porque|
eu escervi na carrêira|

[198] Rasurado.
[199] Rasurado.



Remetente|

Salomão Fortun<↑a>to da Silva|


Carancudo 19 de julho de 56
Illm Snr João Pitanga
Dejiso que esta linha va li emco
ntra gosado saude i filicidade com
Todos sua familia i eu vou vivando
Com saude grasa a Dr lovado
Seu Pitanga a ricibi sua carta i
Fice siente de tudo que nelo eici
Nela e ci vio cove agora e nos não
Apaltam nada de mantinto de caroso
ci Pitanga [illegible] cando vocer vendir a
Taba mande u Dinhero por tio
Sinezio [illegible] mas e termino com
Limbraca
Lauerncio Pereira Lima
Manda mita limbranci
Para vocu Pimtaga
Salomão Futunato da Silva

Carta 41

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras.

Carancudo 19 de julho de 56|

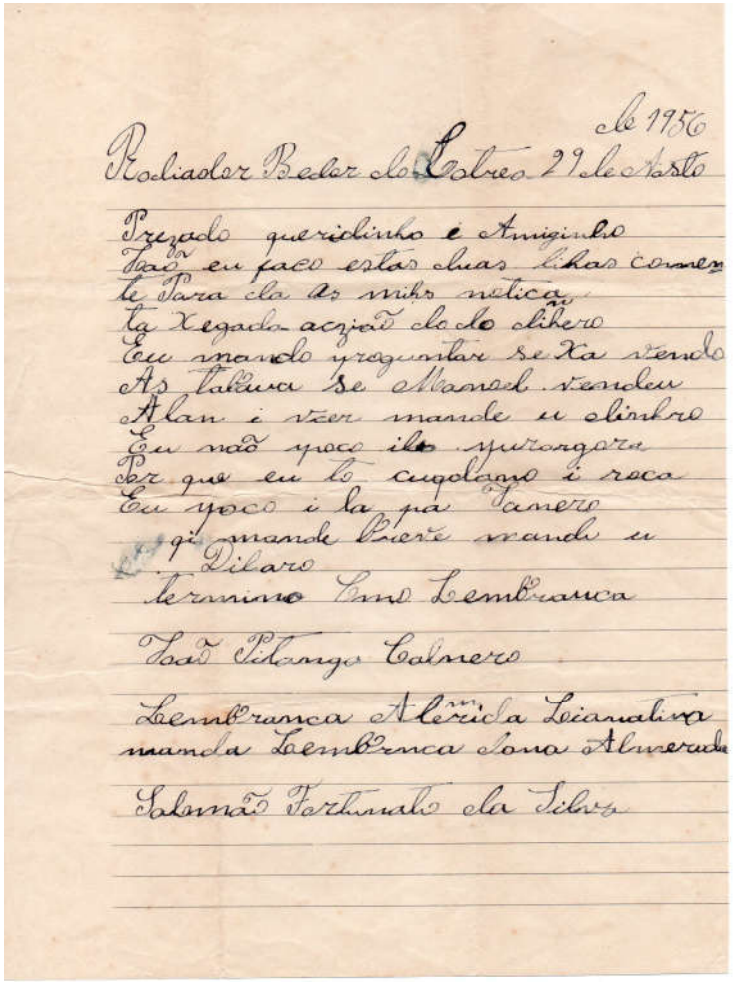
Ill*ustríssi*mo S*enho*r João Pitanga|

Dejiso que esta linha va li emco|ntra gosado saude i filicidade com| Todos sua familia i eu vou vivando| Com saude grasa a D[.][200] lovado| Seu Pitanga a ricibi sua carta i| Fice siente de tudo que nelo eci[?]va | Nela e ci[201] vio [?]ove agora e nos não| Apaltam nada de mantinto de caroso| ci Pitanga [.][202] cando vocer vendir a| Taba mande u Dinhero por tio| Sinezio [.][203] mas e termino com| Limbraca|

Lauerncio Pereira Lima|
Manda mita limbranci|
Para vocu Pimtaga|

Salomão Futunato da Silval|

[200] Rasurado.
[201] Borrado.
[202] Rasurado.
[203] Rasurado.



Carta 42

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 255mm x 192mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas de tinta, que não prejudicam a leitura.

Rodiador Bedor do Catrea[204] 29 de Aosto <↑de 1956>|

Prezado queridinho e Amiginho| João eu faco estas duas lihas comen<u>n</u>| te Para da as mihs notica| ta xegada oczião do do di<↑n>hero| Eu mando proguntar se xa vendo| As tabaua se Manoel vendeu| Alan i vcer mande u dinhro| Eu não poco il[205] purargora| Por que eu to cu[?]dano i roca| Eu poco i la pa Janero| qi mande breve mandi u|

Diharo[206]|

termino Cmo Lembranca|

João Pitanga Calnero|

Lembranca Al<↑m>erida Liouatina|
manda Lembrnca dona Almerida|

<u>Salomão Fortunato da Silva</u>|

[204] Rasurado.
[205] Rasurado.
[206] Por "dinheiro".

3.2 CARTAS PARA ALMERINDA MARIA DE OLIVEIRA

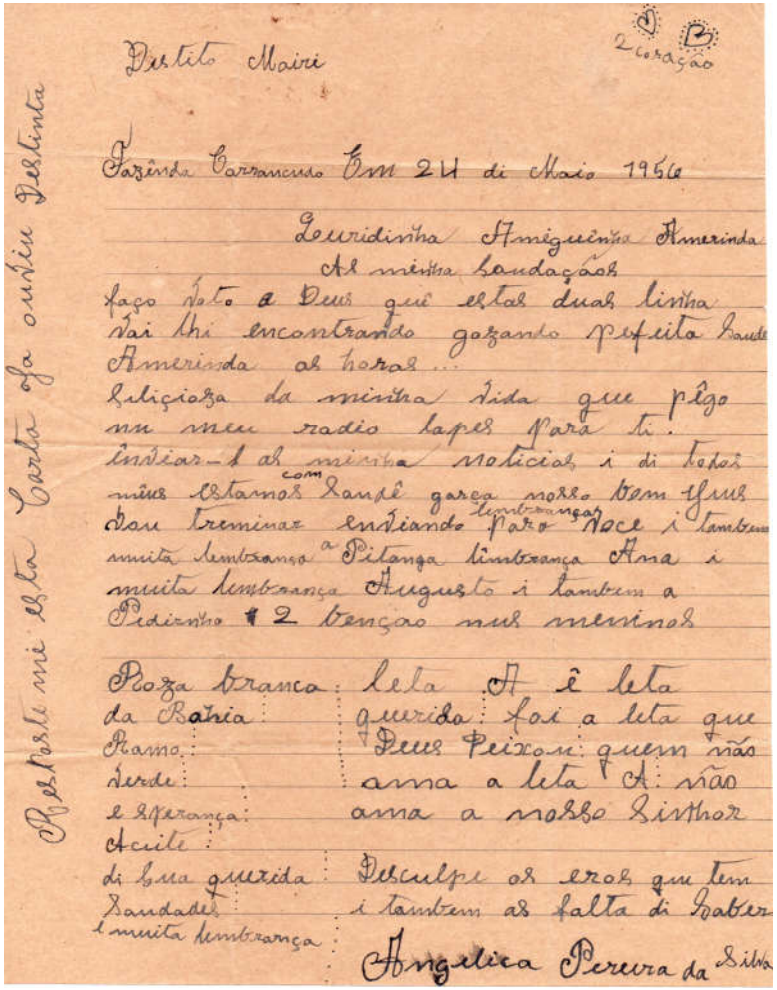
REMETENTE N° 12

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Angélica Pereira da Silva (1).
Nome Completo: Angélica Pereira da Silva.
Filiação: José Vitorino de Souza e Maria Conceição da Silva.
Avós paternos/maternos: Antonio Brás Souza e Antonia Brás Souza/José Zeferino da Silva e Angélica Zeferino da Silva.
Naturalidade: Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1932. **Data de falecimento:** 1994.
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 24 anos.
Estado civil: casada.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: dona de casa.
Observações:
(1) Irmã de Antonio Fortunato, Salomão Fortunato e Filomena.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.
Depoimento concedido por Antonio Fortunato da Silva e Maura Ribeiro da Silva no dia 12 de março de 2011.



5. Angélica Pereira da Silva.



Carta 43

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 265mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Há desenho de dois corações no canto direito da margem superior e logo abaixo está escrito "2 coração".

Distito Mairi[207] |

Fazênda Carrancudo Em 24 di Maio 1956 |

Quridinha Amiguînha Amerinda |

As minha saudações |

faço voto a Deus quê estas duas linha | vai lhi encontrando gozando perfeita saude | Amerinda as horas... |

siliçioza da minha vida que pêgo | nu meu radio lapes para ti. | ênviar-l as minha noticias i di todos | mêus estamos <↑com> saudê garça nosso bom Jeus | vou treminar enviando <↑lembranças> para voce i tambem | muita lembrança <↑a> Pitanga lêmbrança Ana i | muita lembrança Augusto i tambem a | Pedirnho [.][208] 2 bençao nus meninos |

Roza branca |	leta A ê leta |
da Bahia |	querida foi a leta que |
Ramo |	Deus Deixou quem não |
verde |	ama a leta A não |
e sperança |	ama a nosso sinhor |
Aceite |	
di sua querida |	Desculpe os eros que tem |
saudades |	i tambem as falta di saber |
e muita lembrança |	

Angelica Pereira da silva |

< Resposte mi esta Carta ja ouviu Destinta \| >[209]

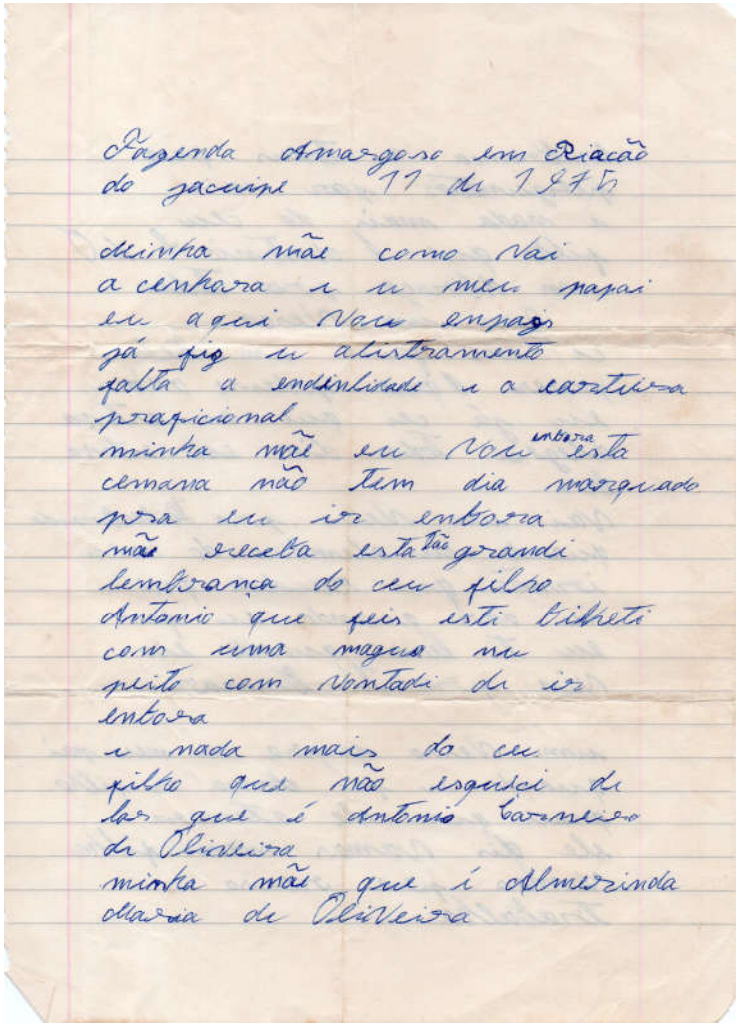
[207] Escrito na margem superior.
[208] Rasurado.
[209] Escrito na margem esquerda.

REMETENTE N° 13

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Antonio Carneiro de Oliveira.
Nome Completo: Antonio Carneiro de Oliveira**.**
Filiação: João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira.
Avós paternos/maternos: Demétrio Carneiro de Oliveira e Izabel Francisca de Oliveira/Fernando José de Oliveira e Ana Joaquina de Oliveira.
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA (1). **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1957. **Data de falecimento:** (vivo).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 18 anos.
Estado civil: casado com Zenilta Bispo Oliveira.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: pedreiro e carpinteiro.
Observações:

(1) No envelope de uma das correspondências, aparece o seguinte endereço: "pau da lima Salvador Bahia|".

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011. Depoimento concedido por Antonio Carneiro de Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.


Fazenda Amargoso em Riacão
do jacuipe 11 de 1975

Minha mãe como vai
a cenhora i u meu papai
eu aqui vou enpais
já fiz u alistramento
falta a endinlidade e a carteira
proficional
minha mãe eu vou enbora esta
cemana não tem dia marquado
pra eu ir enbora
mãe receba esta tão grandi
lembrança do ceu filho
Antonio que feis esti bilheti
com uma magua nu
peito com vontadi di ir
enbora
i nada mais do ceu
filho que não esqueci di
lar que é Antonio Carneiro
di Oliveira
minha mãe que é Almerinda
Maria de Oliveira

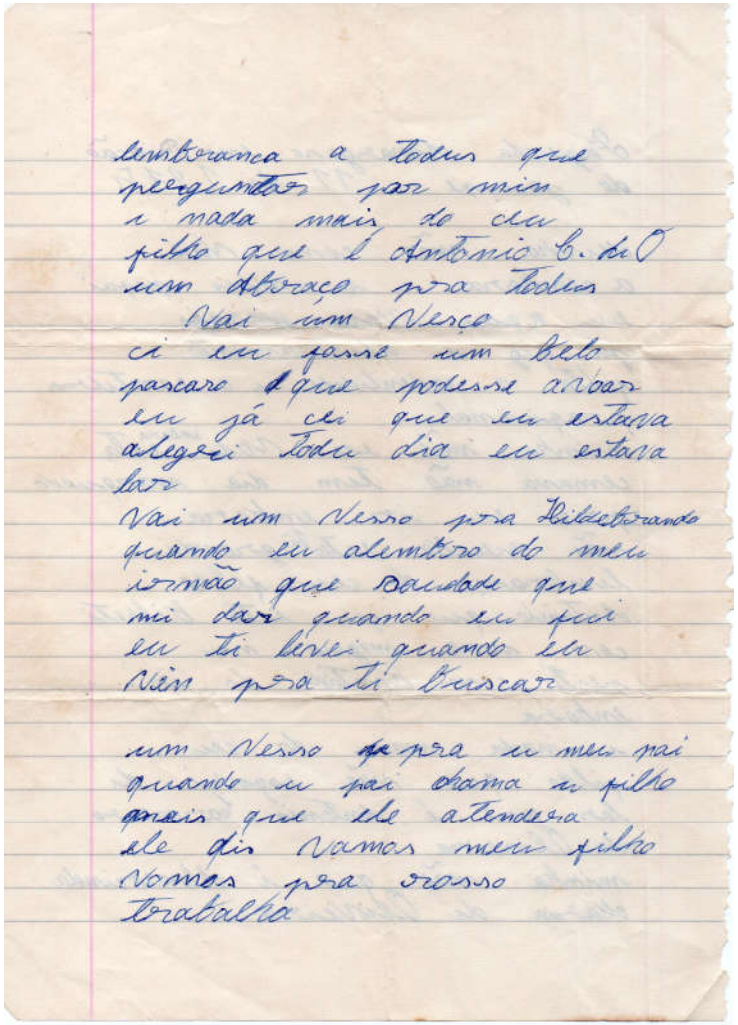
Carta 44

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 155mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

Fazenda Amargoso em Riacão|
do jacuipe 11 de 1975|

Minha mãe como vai| a cenhora i u meu papai| eu aqui vou enpais[210]| já fiz u alistramento| falta a endinlidade e a carteira| proficional|
minha mãe eu vou <↑enbora> esta| cemana não tem dia marquado| pra eu ir enbora| mãe receba esta <↑tão> grandi| lembrança do ceu filho| Antonio que feis esti bilheti| com uma magua nu| peito com vontadi di ir| enbora|
i nada mais do ceu| filho que não esqueci di| lar que é Antonio Carneiro|
di Oliveira|
minha mãe que é Almerinda|
Maria de Oliveira|

[210] Rasurado.



[fol. 1v]
lembranca a todus que| perguntar por min| e nada mais do ceu| filho que é Antonio C*arneiro* de O*liveira*| um Abraço pra todus| vai um verço| ci eu fosse um belo| pascaro [.][211] que podesse avoar| eu já cei que eu estava| alegri todu dia eu estava|
lar|
vai um vesso pra Hildebrando| quando eu alembro do meu| irmão que saudade que| mi dar quando eu fui| eu ti levei quando eu| vin pra ti buscar|

um vesso [.][212] pra u meu pai| quando u pai chama u filho| mais[213] que ele atendera| ele dis vamos meu filho| vamos pra rosso|
trabalha|

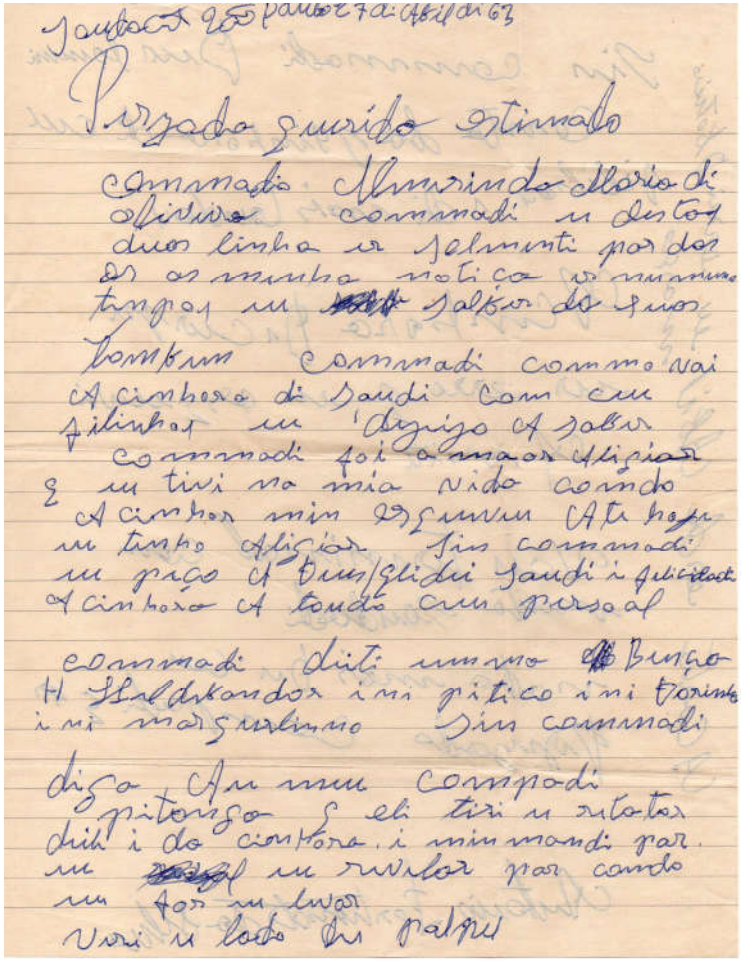
[211] Rasurado.
[212] Rasurado.
[213] Rasurado.



Antonio Carneiro de Oliveira|
pau da lima Salvador Bahia|

REMETENTE N° 1 (Cf. ficha do remetente nº 1)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Antonio Fortunato da Silva.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita das cartas):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais Atividades:
Lugares onde viveu:
Observações:
Fontes:



Carta 45

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras.

saudacão São Paulo 27 di Abil di 63[214]|

Perzada querido estimado|

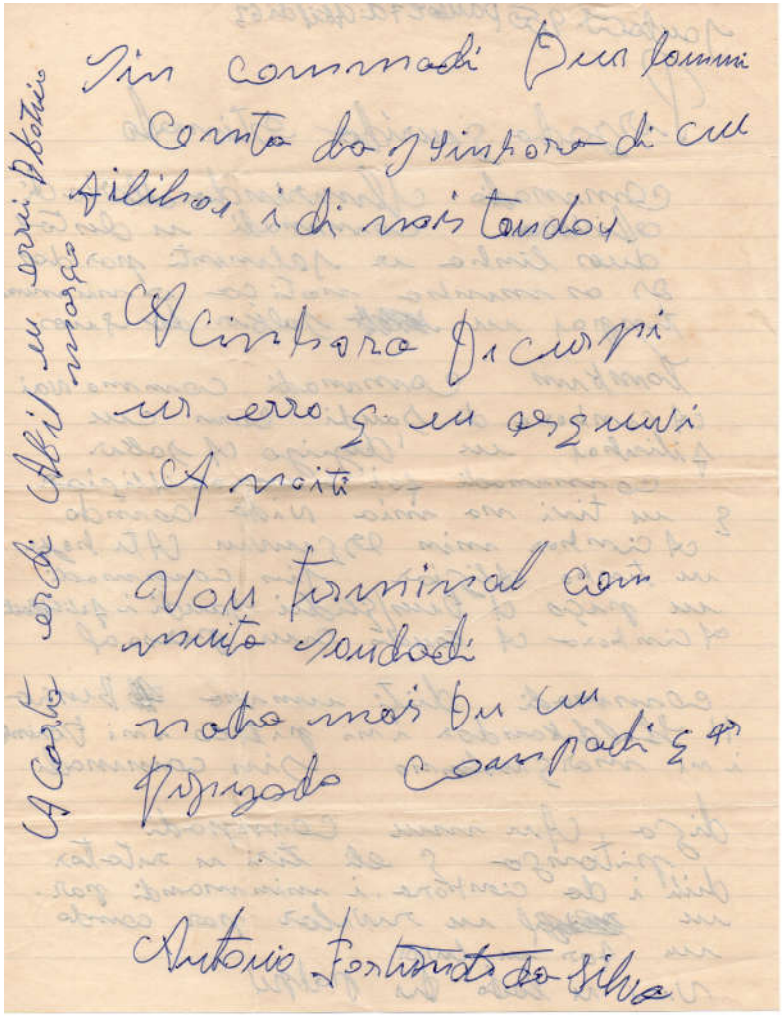
Commadi Almerinda Maria di| Oliveira commadi u destas| duas linha ir solmenti par dar| as as minha notiça ir nu memo| tenpos eu ~~salb~~ salber da suas|

tombem commadi commo vai| A cinhora di saudi com ceu| filinhos eu dejeijo A saber| commadi foi a maor Aligiar| q*ue* eu tivi na mia vida comdo| A cinhor min esqueveu Ate hoje| eu tenho Aligiar sin commadi| eu peço A Deus[215] q*ue*lidei saudi i felicidadi| A cinhora A toudo ceu persoal|

commadi deiti umma [.][216] Bença| H Hildebandor i ni pitico i ni Dorinha| i ni marqurlinno sin commadi|

diga Au meu compadi| pitanga q*ue* eli tiri u retator| deili i da cinhora i min mandi par| eu ~~reveal~~ eu revelar par cando| eu for eu levar|
viri u lado du palpel[217]|

[214] Escrito na margem superior.
[215] Há barra separando as duas palavras.
[216] Rasurado.
[217] Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]
sin commadi Deus lommi[218]| comta da s sinhora di ceu| filihos i di nois toudos|

A cinhora Dicurpi| us erro q*ue* eu esquevi| A noiti|

Vou terminal com|
muita saudadi|
nada mais Du ceu|
Depezado compadi q*ue* er|

Antonio Fortunato da Silva|

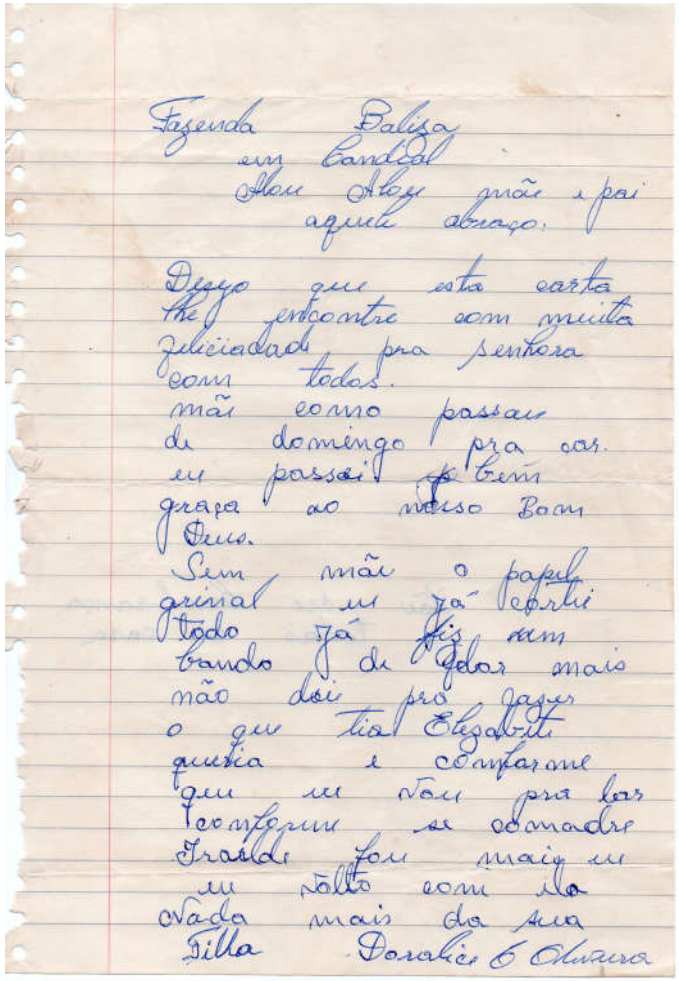
<A carta er di Abil eu errei B botreio| março|>[219]

[218] Por "tome".
[219] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.

REMETENTE N° 14

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Doralice de Oliveira.
Nome Completo: Doralice Carneiro de Oliveira Jesus.
Filiação: João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira.
Avós paternos/maternos: Demétrio Carneiro de Oliveira e Izabel Francisca de Oliveira/Fernando José de Oliveira e Ana Joaquina de Oliveira.
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 23 de outubro de 1960. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita das cartas): 17 anos, aproximadamente.
Estado civil: casada com José Sebastião Carneiro de Jesus.
Escolaridade: estudou os primeiros anos.
Principais atividades: costureira; dona de casa.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011. Depoimentos concedidos por Doralice Carneiro de Oliveira Jesus, em 30 de junho de 2016.


Fazenda Baliza
em Candial
Alou Alou mãi e pai
aquele abraço.

Desejo que esta carta
lhe encontre com muita
feliciadade pra senhora
com todos.
mãi como passou
de domingo pra car.
eu passei [illegible] bem
graça ao nosso Bom
Deus.
Sim mãi o papel
grinal eu já cortei
todo já fiz um
bando de flor
mais não deu
pra fazer o que
tia Elizabete
queria e comforme
que eu vou pra lar
conforme se comadre
Irailde for mais eu
eu volto com ela
Nada mais da sua
Filha Doralice C. Oliveira

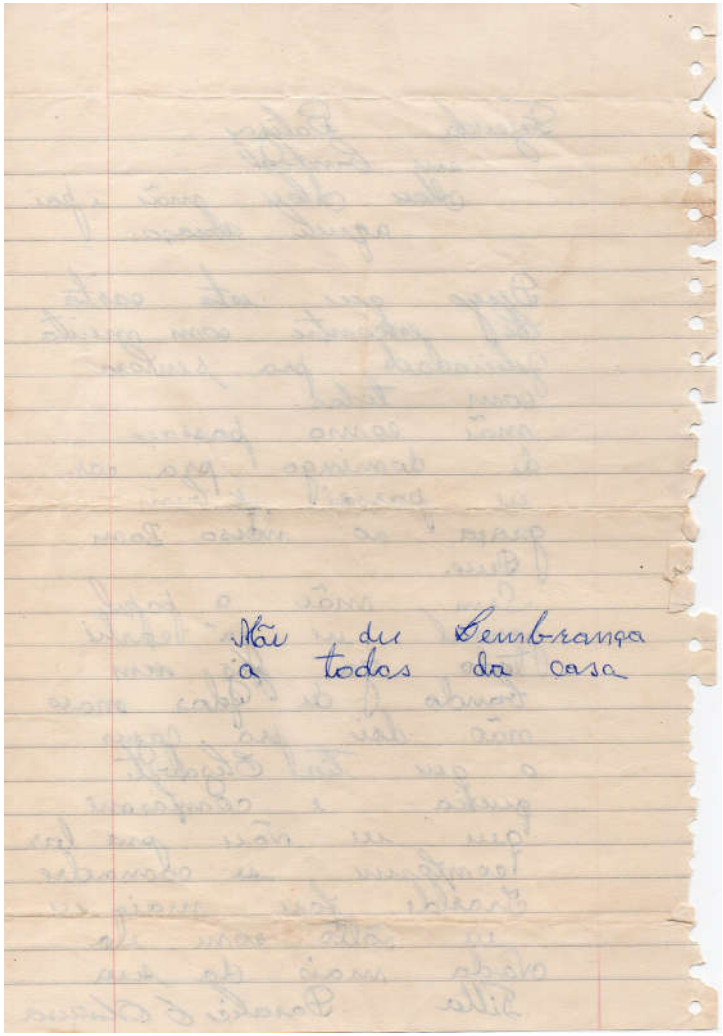
Carta 46

AJCO. Documento contendo um fólio. No verso, a mancha escrita ocupa apenas duas linhas. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 150mm.

Fazenda Baliza|
em Candial|
Alou Alou mãe e pai|
aquele abraço.|

Desejo que esta carta| lhe encontre com muita| feliciadade pra senhora| com todos.|
mãe como passou| de domingo pra car.| eu passei [.][220] bem| graça ao nosso Bom| Deus.|
Sim mãe o papel| grinal eu já cortei| todo já fiz um| bando de flor[221] mais| não deu[222] pra fazer| o que tia Elizabete| queria e comforme| que eu vou pra lar| conforme se comadre| Irailde for mais eu| eu volto com ela| Nada mais da sua|
Filha Doralice *Carneiro* Oliveira[223]|

[220] Rasurado.
[221] Rasurado.
[222] Rasurado.
[223] Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]

Mãe du Lembrança |
a todos da casa |

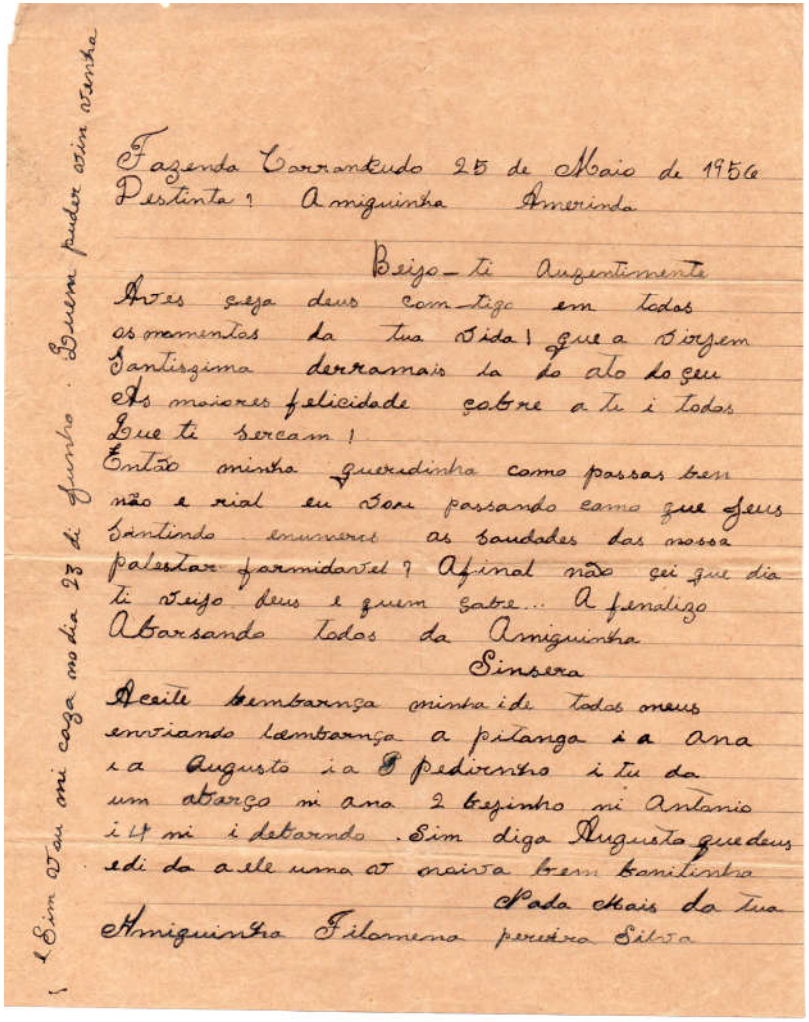
REMETENTE N° 15

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Filomena Pereira da Silva (1).
Nome Completo: Filomena Pereira da Silva.
Filiação: José Vitorino de Souza e Maria Conceição da Silva.
Avós paternos/maternos: Antonio Brás Souza e Antonia Brás Souza/José Zeferino da Silva e Angélica Zeferino da Silva.
Naturalidade: Fazenda Varjota, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1934. **Data de falecimento:** 1998 (aproximadamente).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 22 anos.
Estado civil: casada.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais Atividades: dona de casa.
Observações:
(1) Irmã de Antonio Fortunato, Salomão Fortunato e Angélica.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011. Depoimento concedido por Antonio Fortunato da Silva e Maura Ribeiro da Silva no dia 12 de março de 2011.



6. Filomena Pereira da Silva.



Carta 47

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 262mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope, que contém anotação posterior: "João".

Fazenda Carrancudo 25 de Maio de 1956|
Destinta ! Amiguinha Amerinda|

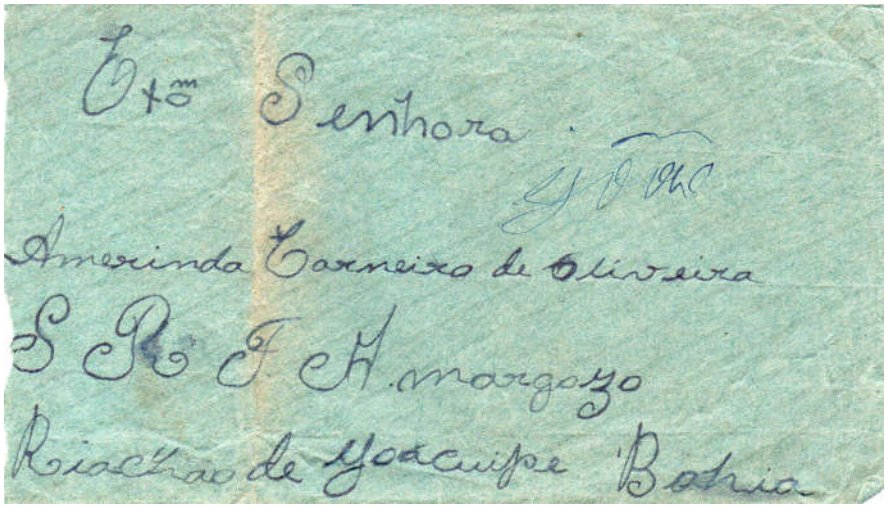
Beijo-ti Auzentimente|
Aves çeja deus com-tigo em todos| os momentos da tua vida! que a virjem| Santiszima derramais la do ato do çeu| As maiores felicidade çobre a ti i todos| Que ti sercam!|
Então minha queridinha como passas ben| não e rial eu vou passando como que Jeus| sintindo enumeras as saudades das nossa| palestar formidavel ! Afinal não çei que dia| ti veijo deus e quem çabe... A finalizo| Abarsando todos da Amiguinha|

Sinsera|
Aceite lembarnça[224] minha i de todos meus| enviando lembarnça a pitanga i a ana| e a Augusto i a ~~P~~ pedirnho i tu da| um abarço ni ana 2 bejinho ni Antonio| i 4 ni idebarndo. Sim diga Augusto que deus| e di da a ele uma v noiva bem bonitinha|

Nada Mais da tua|
Amiguinha Filomena pereira Silva|

<e Sim vou mi caza no dia 23 di junho. Quem puder vin venha|>[225]

[224] Rasurado.
[225] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.

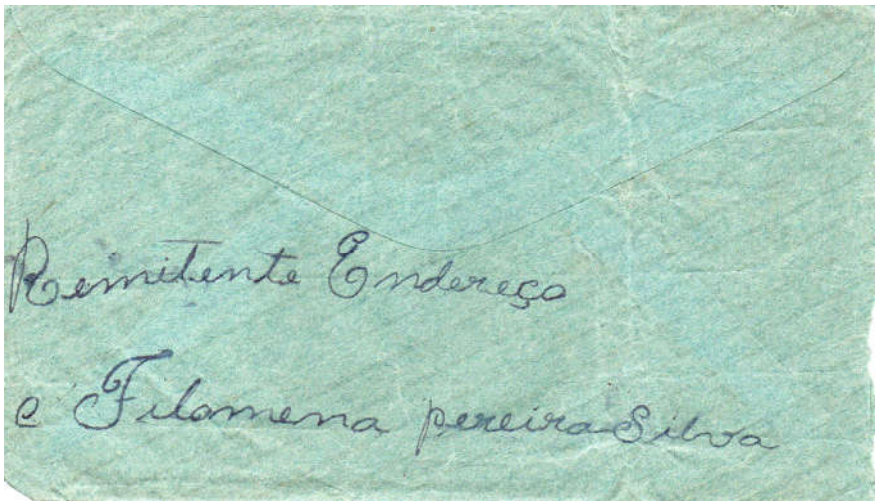


Ex*celentíssi*mo Senhora|

Amerinda Carneiro de Oliveira|

S R F*azenda* Amargozo|

Riachão de Joacuipe Bahia|



Remitente Endereço|

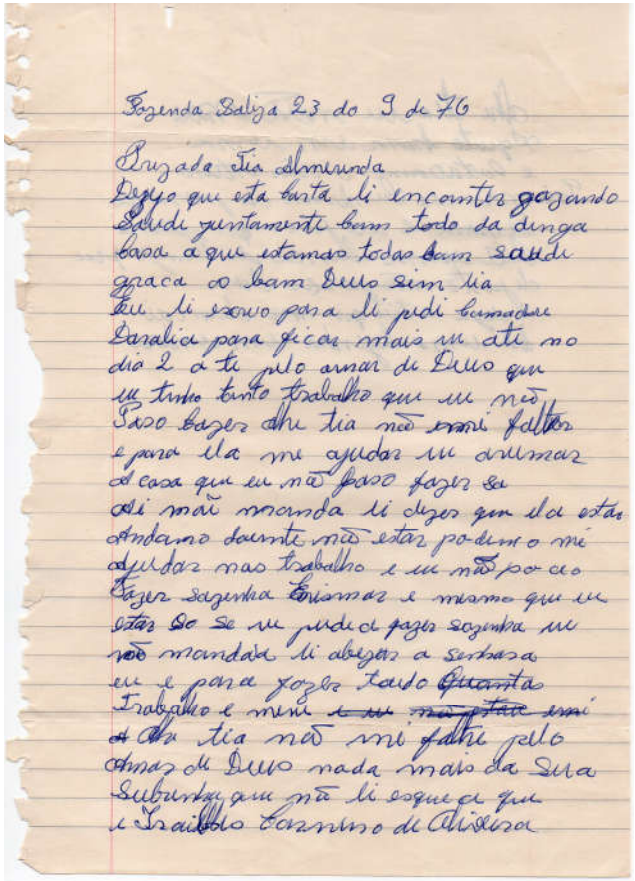
e Filomena pereira Silva|

REMETENTE N° 16

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Iraildes Carneiro de Oliveira.
Nome Completo: Iraildes Carneiro de Oliveira. (01)
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: [Riachão do Jacuípe, BA] (02) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1957. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 19 anos.
Estado civil: casada com José Joaquim de Oliveira.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: dona de casa.
Observações:

(1) Iraildes é sobrinha de Almerinda Maria de Oliveira, conforme trecho da carta: "A olhi tia não mi faltre pelo| Amor de Deus nada mais da sua| subrinha que não li esquece que|".
(2) O local de origem da carta é Fazenda Baliza, que fica no município de Candeal, BA.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.


Fazenda Baliza 23 do 9 de 76

Prezada Tia Almerinda
Dezejo que esta Carta li enconter gozando
Saude juntamente Com todo da dinga
Casa aqui estamos todos com saude
graca ao bom Deus sim lia
Eu li escrevo para li pedi Comadre
Doralice para ficar mais eu ate no
dia 2 a te pelo amor de Deus que
eu tenho tanto trabalho que eu não
Poso fazer olhe tia não mi falter
e para ela me ajudar eu arumar
A casa que eu não poso fazer so
Ai mãe manda li dizer que ela estar
Andano doemte não estar podemo mi
Ajudar nos trabalho e eu não po s o
Fazer sozinha Erismar e mesmo que eu estar so se eu pudece fazer sozinha eu
não mandava li abusar a Senhora
eu e para fazer toudo Quantos
Trabalho e meu e eu não estou emi
A olhi tia não mi faltre pelo
Amor de Deus nada mais da Sua
Subrinha que não li esquece que
e Iraildes Carneiro de Oliveira

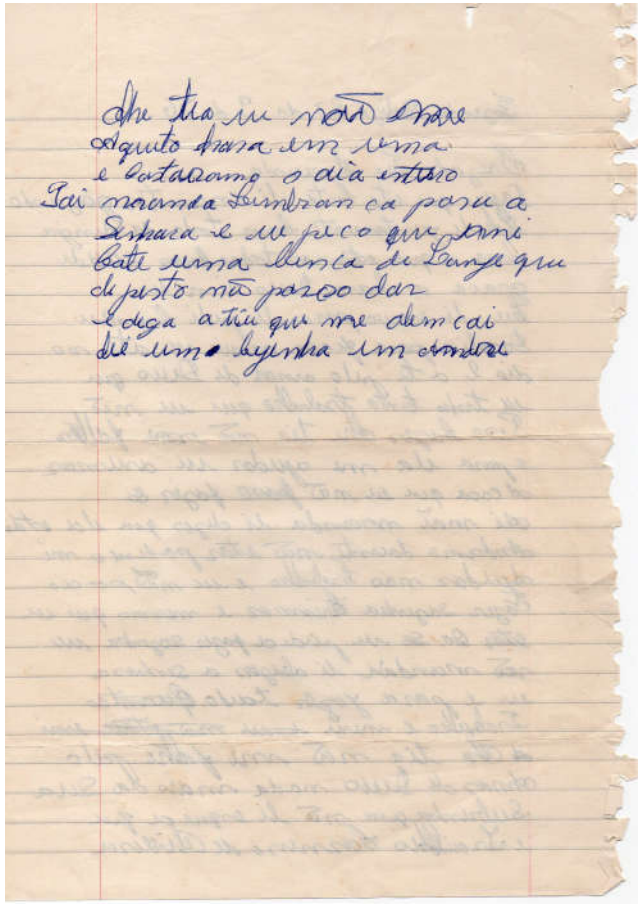
Carta 48

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 145mm. Acompanha envelope.

Fazenda Baliza 23 do 9 de 76|

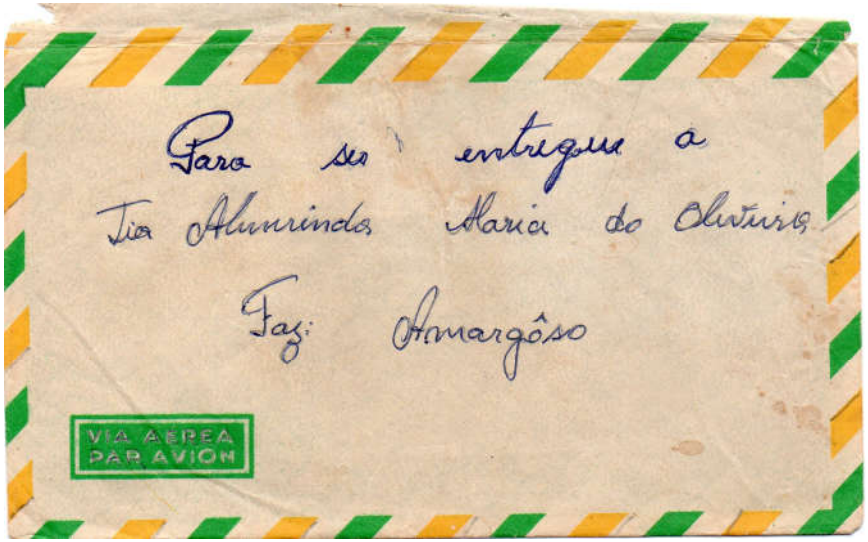
Prezada Tia Almerinda|
Dezejo que esta Carta li enconter gozando| Saude juntamente Com todo da dinga[226]| Casa aqui estamos todos com[227] saude| graca ao bom Deus sim lia[228]| Eu li escrevo para li pedi Comadre| Doralice para ficar mais eu ate no| dia 2 a te pelo amor de Deus que| eu tenho tanto trabalho que eu não| Poso fazer olhe tia não mi[229] falter[230]| e para ela me ajudar eu arumar| A casa que eu não poso fazer so| Ai mãe manda li dizer que ela estar| Andano doemte não estar podemo mi| Ajudar nos trabalho e eu não po s o| Fazer sozinha Erismar e mesmo que eu|estar so[231] se eu pudece fazer sozinha eu| não mandava li abusar a Senhora| eu e para fazer toudo ~~Quantos~~| Trabalho e meu ~~e eu não estou emi~~| A olhi tia não mi faltre pelo| Amor de Deus nada mais da Sua| subrinha que não li esquece que|
e Iraildes[232] Carneiro de Oliveira|

[226] Por "digna".
[227] Rasurado.
[228] Por "tia".
[229] Rasurado.
[230] Rasurado.
[231] Rasurado.
[232] Rasurado.



[fol. 1v]
olhe tia eu não me[233] | Aqueto hora em uma | e costoramo o dia entero[234] | Pai manda Lembraca para a | Senhora e eu peco que mi[235] | bote uma benca de Lonje que | de perto não posso dar | e diga a tiu que me abmcoi[236] | dei um[.][237] bejinho em Andre[238] |

[233] Rasurado.
[234] Rasurado.
[235] Rasurado.
[236] Por "abençoe".
[237] Rasurado.
[238] Rasurado.



Para ser entregue a|
Tia Almerinda Maria de Oliveira|

Faz*enda* Amargôso|

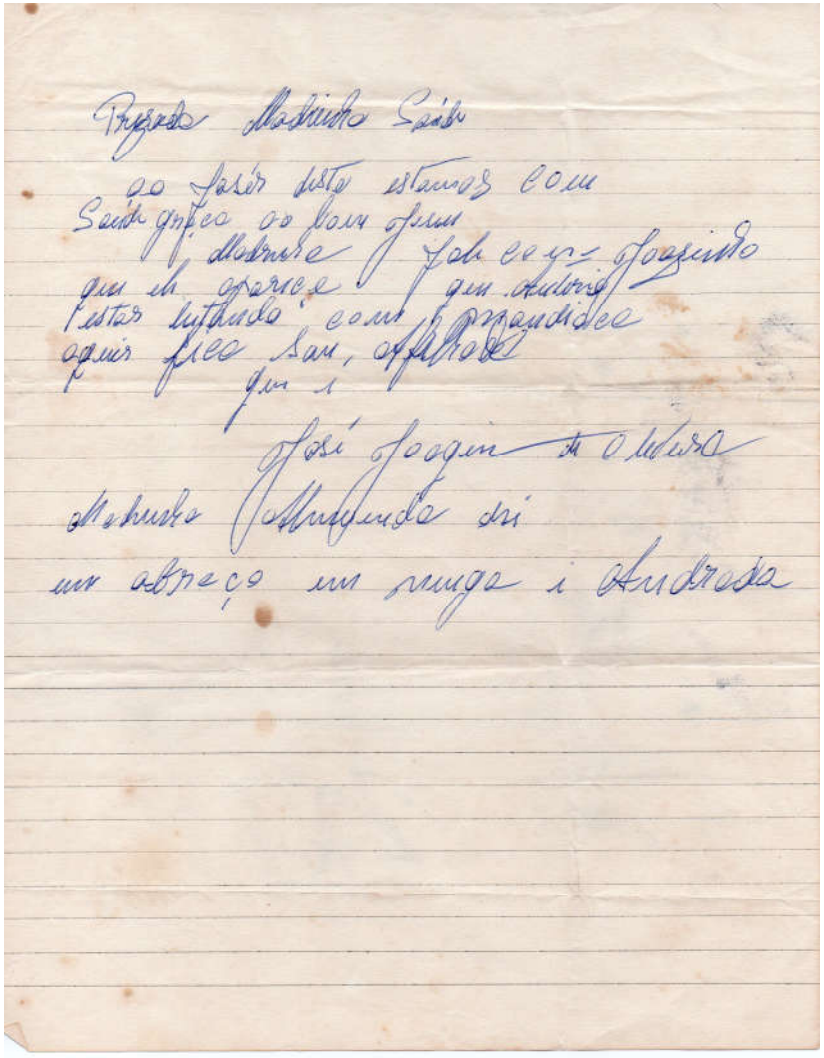


Irailde Carneiro Oliveira|
Faz*enda* Baliza Candial|

REMETENTE N° 17

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): José Joaquim de Oliveira.
Nome Completo: José Joaquim de Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: [Riachão do Jacuípe, BA] **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1950. **Data de falecimento:** (vivo).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil: casado com Iraildes Carneiro de Oliveira.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.



Carta 49

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 255mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas pela ação do tempo. Acompanha envelope.

Prezada Madrinha Saúde|

Ao fasér deste estamos com| Saúde graça ao bom Jesus|
Madrinha fale com Joazinho| que ele aparece que Aulerio|
estar lutando com mandioca| aquir fica sau[239] Afilhado|
que é|

José Joaqin de Oliveira|

Madrinha Almerinda dri|

um abraço em nenga i Andrade|

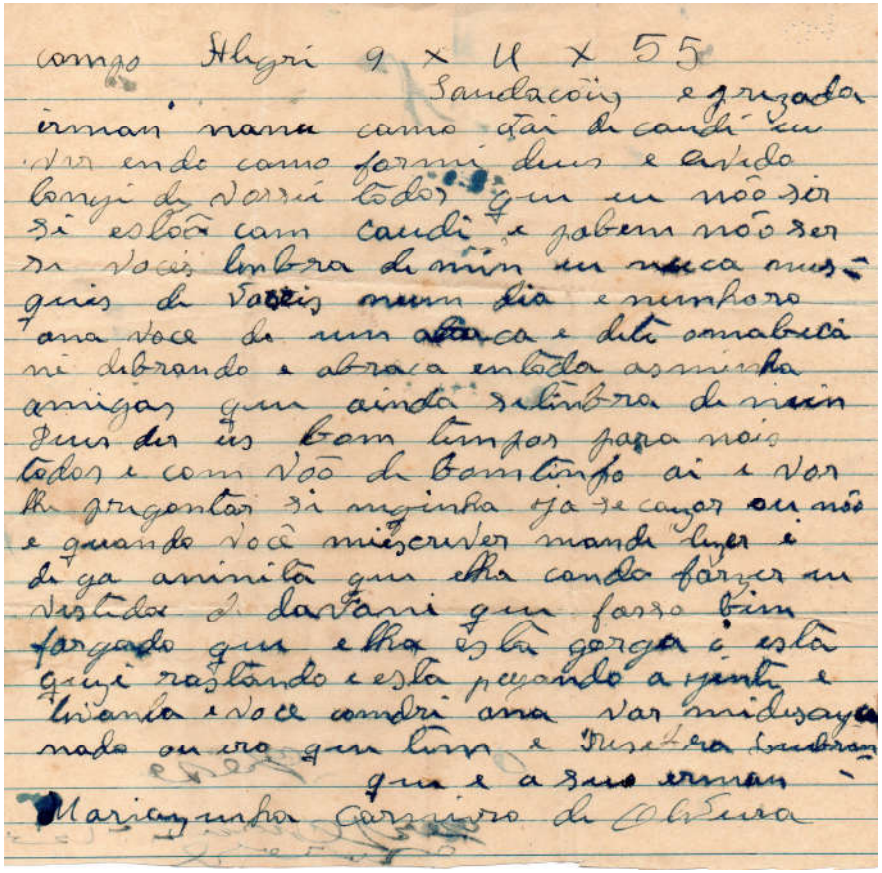
[239] Por "seu".



José Joaqim |

REMETENTE N° 8 (Cf. ficha do remetente nº 8)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Mariazinha Carneiro de Oliveira.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:
Fontes:



Carta 50

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 215mm x 218mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas de tinta.

campo Alegri 9 x 4 x 55|

Saudacõis e prezada|

irman nanu como vai de caudi eu| vor indo como formi deus e civido| longi di vosses todos que eu não sir| si estão com caudi e pabem não ser| se voces lenbra de min eu nuca mis-|quis de voceis[240] num dia e nunhora| ana voce de um abraco e dete omabeca[241]| ni debrando e abraco en toda as minha| amigas que ainda selinbra de min| Deus der us bom tempos para nois| todos e com vão de bom tinpo ai e vor| lhe pregontar si niqinha ja se cazor ou não| e quando você miescrever mande dizer i| di ga aninita que elha cando farzer u| vestido d davani que fassa bim| forgado que e lha esta gorga i esta| quzi rastando e esta pujando a jenti e| levanla[242] e voce comdri ana var midescu[.][243]| nado os ero que tem e resebra Lenbran|

que e a sua irman|

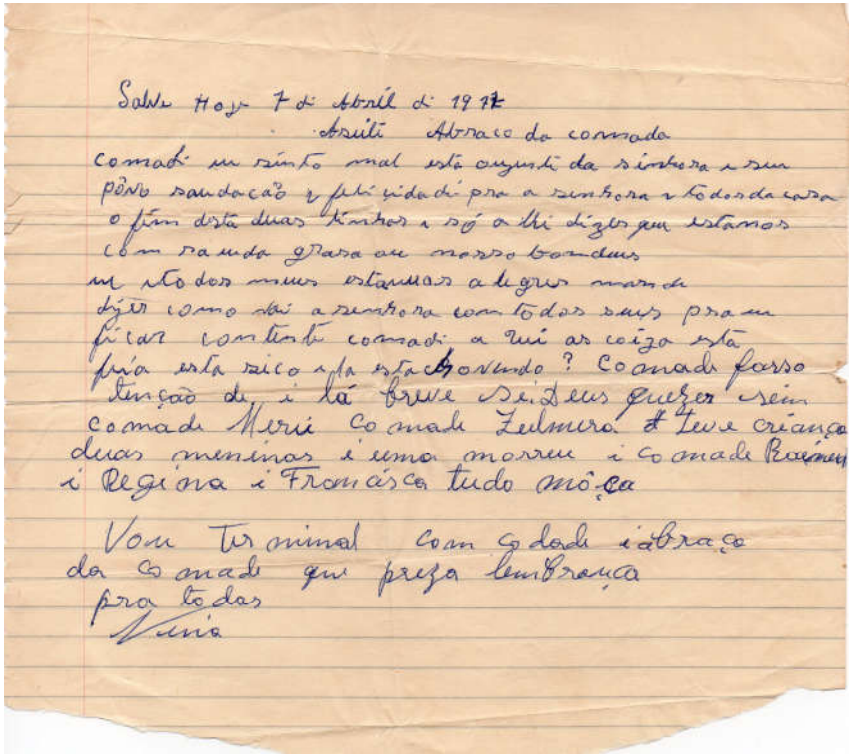
Mariazinha[244] Carneiro de Oliveira|

[240] Rasurado.
[241] Por "uma bença".
[242] Por "levanta".
[243] Rasurado.
[244] Borrado.

REMETENTE N° 9 (Cf. ficha do remetente nº 9)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Nina.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:
Fontes:

Carta 51


Salve Hoje 7 di Abril di 1977
Aseite Abraco da comade
comadi eu sinto mal esta auzente da sinhora e seu
pôvo saudacão i feliçidadi pra a senhora i todos da casa
o fim desta duas linhas i só a lhi dizer que estamos
com sauda grasa au nosso bom deus
eu itodos meus estamos alegres mande
dizer como vai a senhora com todos seus pra eu
ficar contente comadi a qui as coiza esta
feia esta sico e la esta chovendo ? Comadi fasso
tenção de i lá breve se: Deus quizer sim
comadi Merie comadi Zulmira t teve criança
duas meninas e uma morreu i comade Raimua
i Regina i Francisca tudo môça

Vou terminal com codade i abraço
da comadi que preza lembrança
pra todos
Nina

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 180mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e rasgo na parte inferior.

Salve Hoje 7 di Abril di 1977|
Aseite Abraco da comade|
Comadi eu sinto mal esta auzente da sinhora e seu| pôvo saudacão i feliçidadi pra a senhora i todos da casa| o fim desta duas linhas i só a lhi dizer que estamos| com sauda[245] grasa au nosso bom deus| eu itodos meus estamos alegres mande| dizer como vai a senhora com todos seus pra eu| ficar contente comadi a qui as coiza esta| feia esta sico e la esta chovendo[246]? Comadi fasso| tenção de i lá breve se: Deus quizer sim| comadi Merie comadi Zulmira t teve criança| duas meninas e uma morreu i comade Raimua| i Regina i Francisca tudo môça[247]|

Vou terminal com codade i abraço|
da comadi que preza lembrança|
pra todos|
Nina|

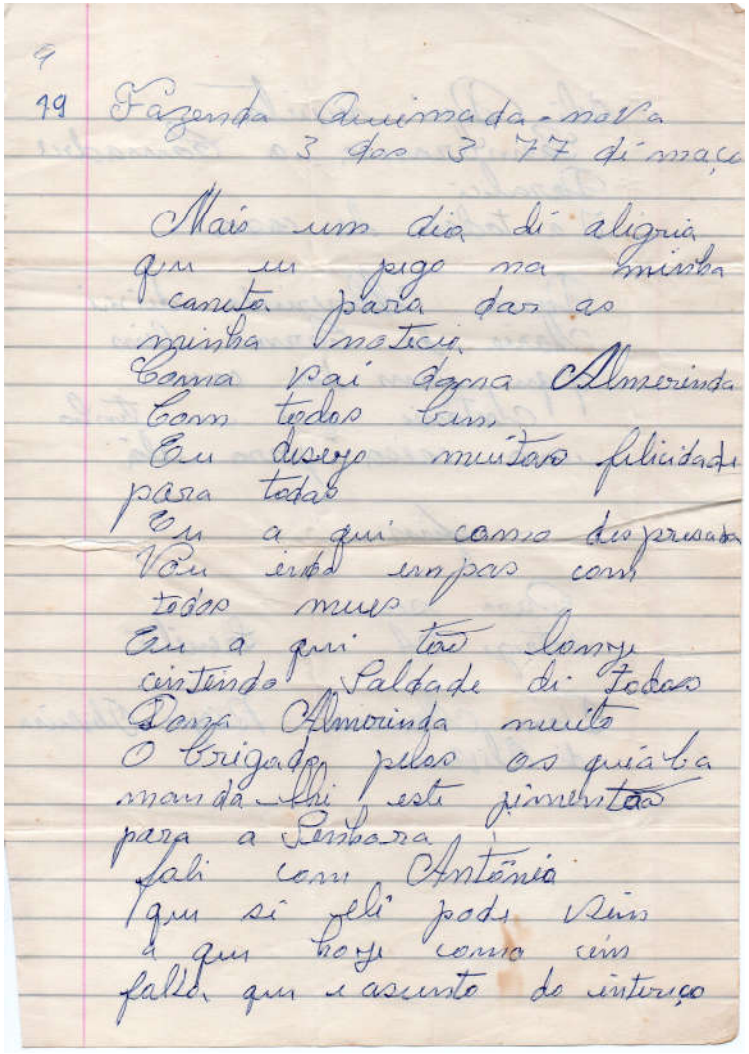
[245] Por "saúde".
[246] Rasurado.
[247] Rasurado.

REMETENTE N° 18

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Zenilta Bispo Oliveira.
Nome Completo: Zenilta Bispo Oliveira.
Filiação: Manuel Virgínio e Maria.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. (1) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 20 de agosto de 1957. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita das cartas): entre 15 e 20 anos.
Estado civil: casada com Antonio Carneiro de Oliveira.
Escolaridade: estudou até a quinta série.
Principais atividades: dona de casa; costureira.
Observações:
(1) Passou a infância na fazenda Queimada Nova. Depois que casou, morou de oito a dez anos na fazenda Amargozo. Atualmente, mora em Riachão do Jacuípe.
Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011. Depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.



7. Casamento de Antonio Carneiro e Zenilta Oliveira.


9
19 Fazenda Queimada - nova
3 dos 3 77 di maço
Mais um dia di aligria
qu eu pego na minha
caneta para dar as
minha noticia
Como vai dona Almerinda
Com todos bem
Eu desejo muitas felicidade
para todos
Eu a qui como despresada
Vou indo empas com
todos meus
Eu a qui tão lonje
cintendo Saldade di todos
Dona Almerinda muito
O brigado pelos os quiaba
mando-lhi este pimentão
para a Senhora
fali com Antônio
qu si elê pode vim
a qui hoje como cem
falla qu e asunto do intereço

Carta 52

AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 158mm. Apresenta marcas de dobras e há o número "9" na margem superior esquerda e, logo abaixo o número "19".

Fazenda Queimada - nova|
3 dos 3 77 di maço|

Mais um dia di aligria| que eu pego na minha| caneta para dar as| minha noticia|

Como vai dona Almerinda| Com todos bem|

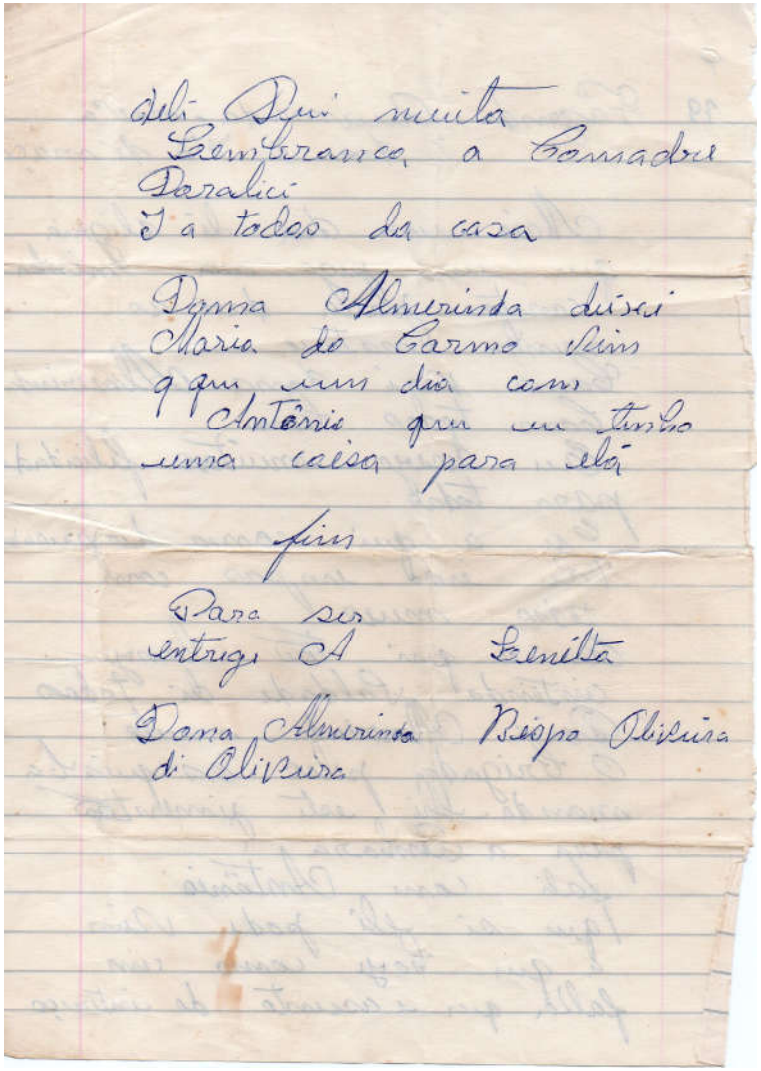
Eu desejo muitas felicidade| para todos|

Eu a qui como despresada| Vou indo empas com| todos meus|

Eu a qui tão lonje| cintendo Saldade di todos| Dona Almerinda muito| O brigado pelos os quiabo| mando-lhi este pimentão| para a Senhora|

fali com Antônio| qui si elê pode vim| a qui hoje como cem| falla[248] que e asunto do intereço|

[248] Por "falta".



[fol. 1v]
deli Dei muita|
Lembranca a Comadre|
Doralici|
I a todos da casa|

Doma Almerinda deixi| Maria do Carmo vim| a qui um dia com| Antônio qui eu tenho| uma coisa para elá|

fim|

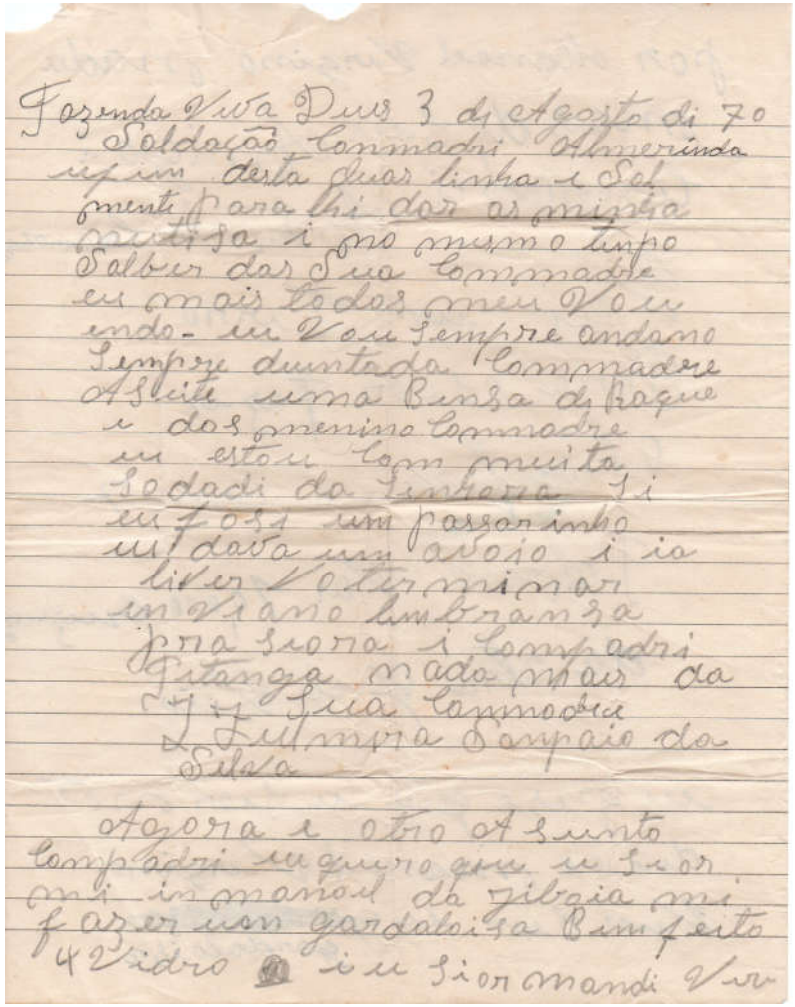
Para ser|
entregue A| Zenilta|

Dona Almerinda| Bispo Oliveira|
di Oliveira|

REMETENTE N° 19

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Zulmira Sampaio da Silva.
Nome Completo: Zulmira Sampaio da Silva.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Taboa, município de Pintadas, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: setembro de 1939. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 31 anos.
Estado civil: casada com Antônio.
Escolaridade: estudou apenas os primeiros anos.
Principais atividades: dona de casa.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.
Depoimentos concedidos por Antônio e Zulmira Sampaio da Silva, em 26 de janeiro de 2017.



Carta 53

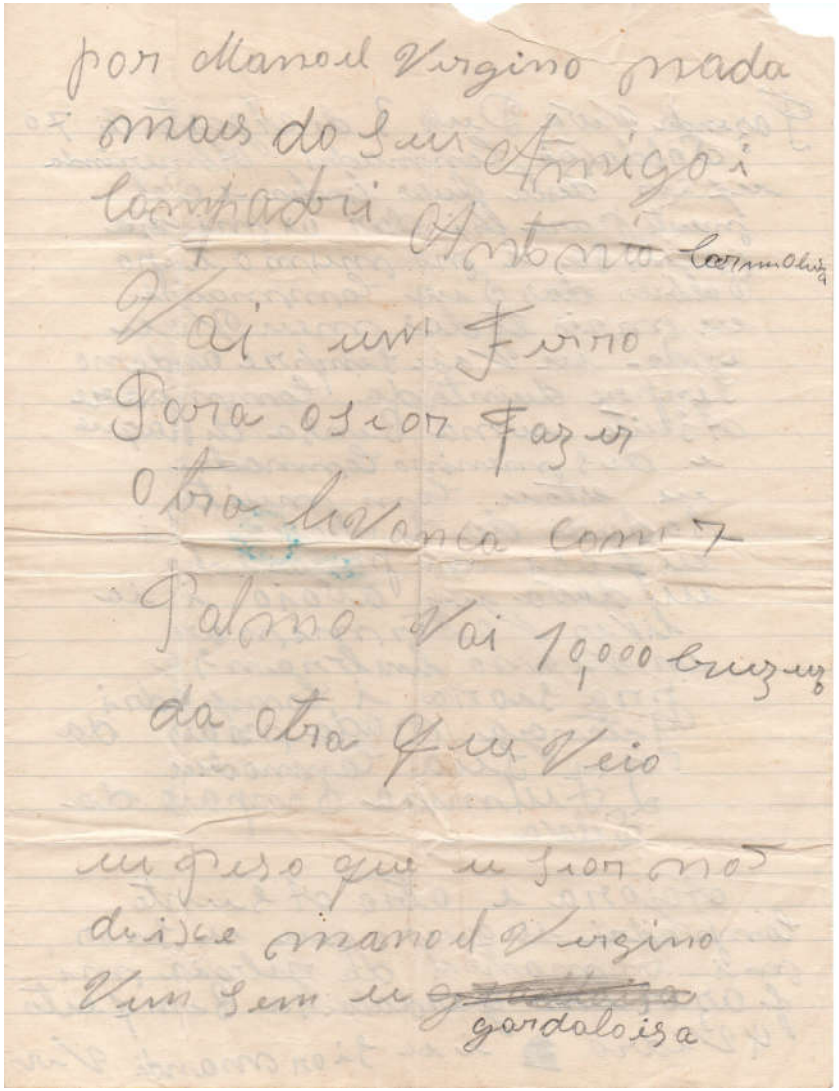
AJCO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito a lápis, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e rasgos pequenos na margem superior.

Fazenda Viva Deus 3 di Agosto di 70|
Saldação Conmadri Almerinda|
ufim desta duas linha e Sol| mente para lhi dar as minha| nutisa i no mesmo tenpo| Salber das Sua commadre| eu mais todos meu Vou| indo- eu Vou sempre andano| sempre duentada commadre| Aseite uma Bensa de Raque| e dos menino conmadre| eu estou com muita| sodadi da senhora si| eu fosi um passarinho| eu dava um avoio i ia| liver Vo terminar| in viano lembransa| pra siora i compadri| Pitanga nada mais da|

sua conmadre|
Z Zulmira Sanpaio da|
Silva|

Agora e otro Asunto| compadri eu quero que u sior| mi in manoel da jiboia mi| fazer um gardaloisa Bem feito|
4 vidro [.][249] i u sior mandi Viri[250]|

[249] Rasurado.
[250] Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]
por Manoel Virgino nada| mais do seu Amigo i| compadri Antonio Carneiro Oliveira

Vai um Ferro| Para o seor Fazer| otra levanca com 7| Palmo Vai 10,000 cruzeiro| da otra que Veio|

eu Peso que u sior não| deixe manoel Virgino| Vim sem u ~~gradloisa~~ <↓gardaloisa>|

3.3 CARTAS PARA JOSÉ MENDES DE ALMEIDA

REMETENTE N° 20

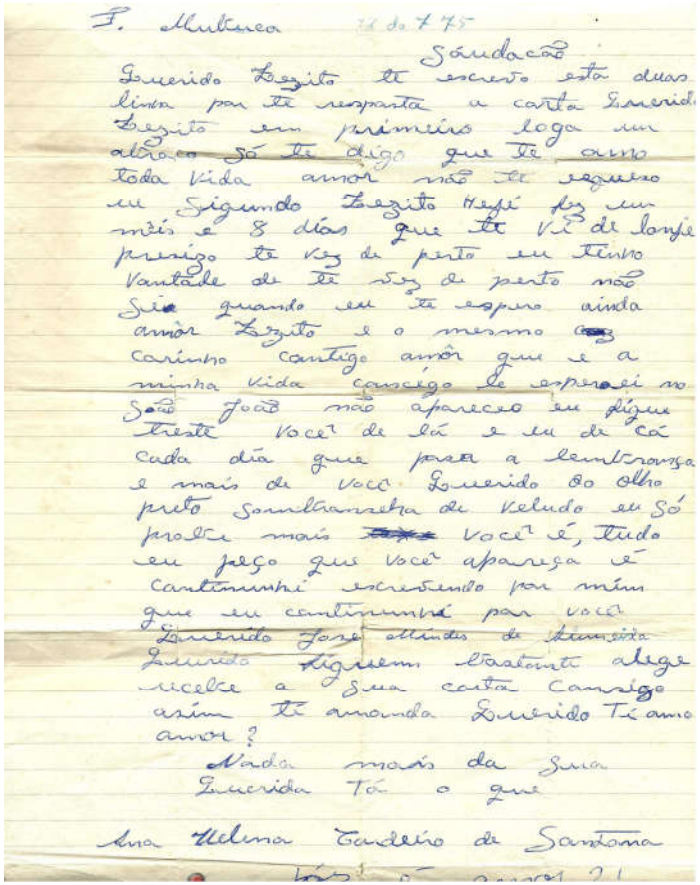
DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Ana Helena Cordeiro de Santana.
Nome Completo: Ana Helena Cordeiro de Santana.
Filiação: Manoel Cordeiro de Oliveira e Ana Santana Cordeiro.
Avós paternos/maternos: Alvino Antônio de Santana e Francisca de Almeida Santana (maternos).
Naturalidade: Fazenda Cabana, município de Ichu, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 26 de abril de 1961. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 15 anos.
Estado civil: casada com José Mendes de Almeida (2).
Escolaridade: até a quarta série do primário.
Principais atividades: lavradora (1).
Observações:

(1) Trabalhou na colheita do sisal.
(2) Quando escreveu as cartas, Ana Helena era namorada de José Mendes de Almeida (1952-1998), com quem se casou anos depois.

Fontes: Depoimentos concedidos por Jadione Cordeiro de Almeida.



8. Ana Helena Cordeiro de Santana



Carta 54

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 300mm x 210mm. Apresenta marcas de dobras. Há ornamento na margem inferior, cuja visualização não é possível pelo fac-símile, apenas pelo original: desenho de dois corações e logo abaixo está escrito "EU E TU". Acompanha envelope.

F*azenda* Mubuca 18 do 7 75|

Sáudacão|

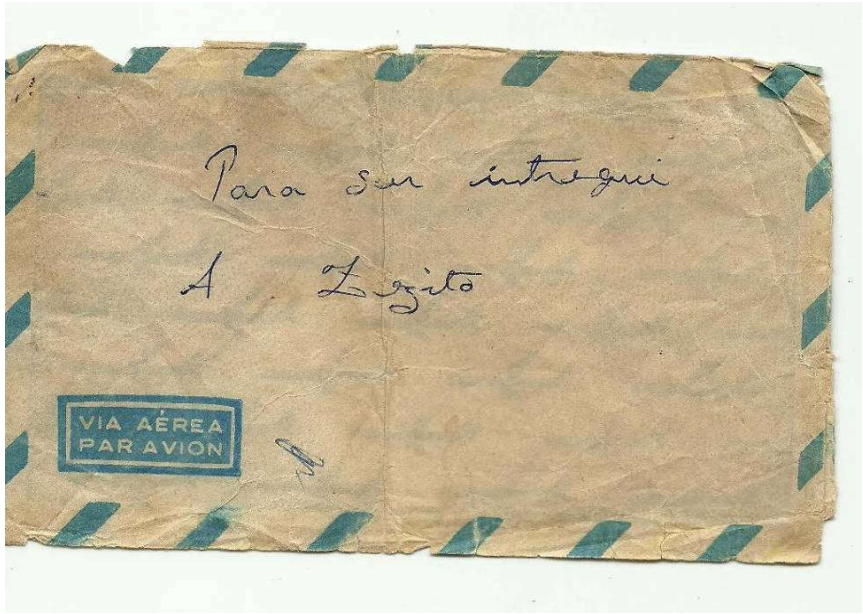
Querido Zezito te escrevo esta duas| linha par te resposta a carta querido| Zezito em primeiro loga un| abraco Só te digo que te amo| toda vida amor não te esqueso| un Sigundo Zezito Hejé fez um| mêis e 8 dias que te vi de lonje| presizo te vê[?] de perto eu tenho| vontade de te vê[?] de perto não| Sé[.][251] quando eu te espero ainda| amôr Zezito e o mesmo [.] [252] carinho contigo amôr que e a| minha vida cancigo le esperaei[253] no| São[254] João não apareceo eu fique| treste você de lá e eu de cá| cada dia que pasa a lembrança| e mais de você querido do olho| preto sombranseha de veludo eu Só| probi mais [.][255] você é, tudo| eu peço que você apareça é| continunhi escrevendo par mim| que eu continunhi par você| Querido José Mindes de Almeida| Querido fiquem bastante alege| recebe a Sua carta consigo| asim ti amando Querido Ti amo| amor?|

Nada mais da Sua|
Querida Tá o que|

Ana Helena Cordeiro de Santana|

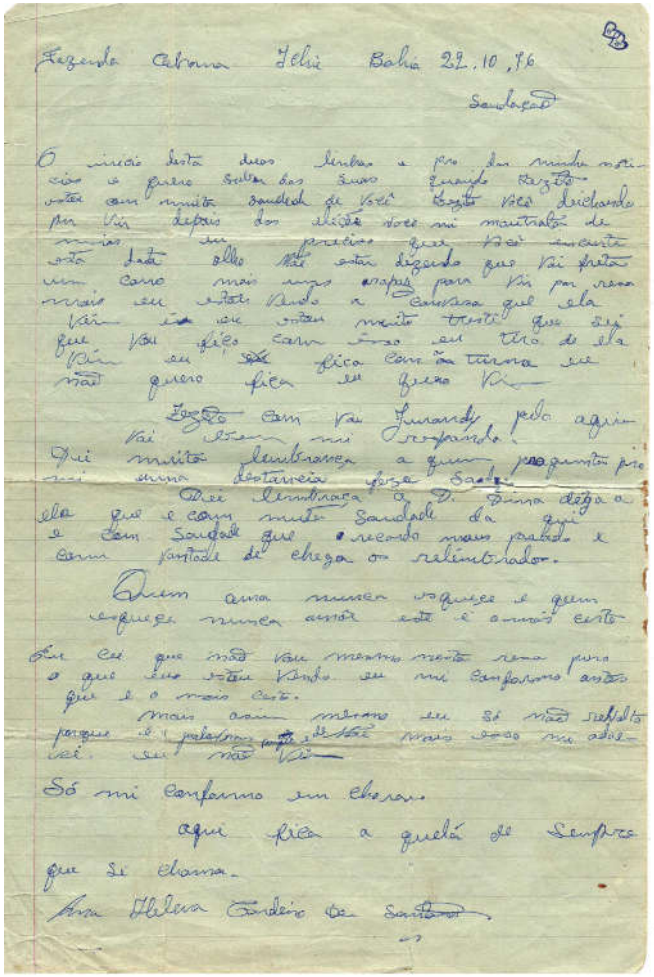
páz é amor?![256]|

[251] Rasurado.
[252] Rasurado.
[253] Rasurado.
[254] Rasurado.
[255] Rasurado.
[256] Escrito na margem inferior.



Para Ser intregui |

A Zezito |



Carta 55

AAHCS. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, azulado, medindo 280mm x 193mm. Apresenta marcas de dobras. Há ornamento na margem superior, à direita: desenho de dois corações.

Fazenda Cabana Ichú Bahia 22 . 10 . 76|

Saudação|

O inicio desta duas linhas e pra dar minha noti-|cias e quero saber das Suas querido Zezito| estou com muita saudade de você Zezito você deichando|pra vir depois das eleção você mi mautrata de| mias eu preciso que você encurte| esta data olha Mãe estar dizendo que vai freta| um carro mais um rapaz[257] para vir par sear| mais eu estou vendo a convesa que ela| vem ~~it~~ eu estou muito triste que Sei| que vou fiça com isso eu tiro de ela| vim eu ~~eu~~ fico com ~~a~~<↑a> turma eu| não quero fica eu quro vim|

Zezito com vai Jurandy pelo aqui| Vai bem mi responda.|

Dei muita lembrança a quem proguntar[258] pro| mi uma destancia feze Sa[.][259] |

Dei lembraça a D*ona* Dina diga a| ela que e com muita Saudade da qui| e com Saudade que [.][260] recordo meus pasado e| com vontade de chega os relembralo.|

Quem ama nunca esqueçe e qum|
esqueçe nunca amôr este é o mais certo|

Eu cei que não vou mesmo nesta resa pero| o que eu estou vendo. eu mi conformo antes| que e o mais certo.|

mais asim mesmo eu Só não revolto| porque e palavras ~~dc~~ <porque> e de Mãe mais esso mi adoe-| si. eu não vim|

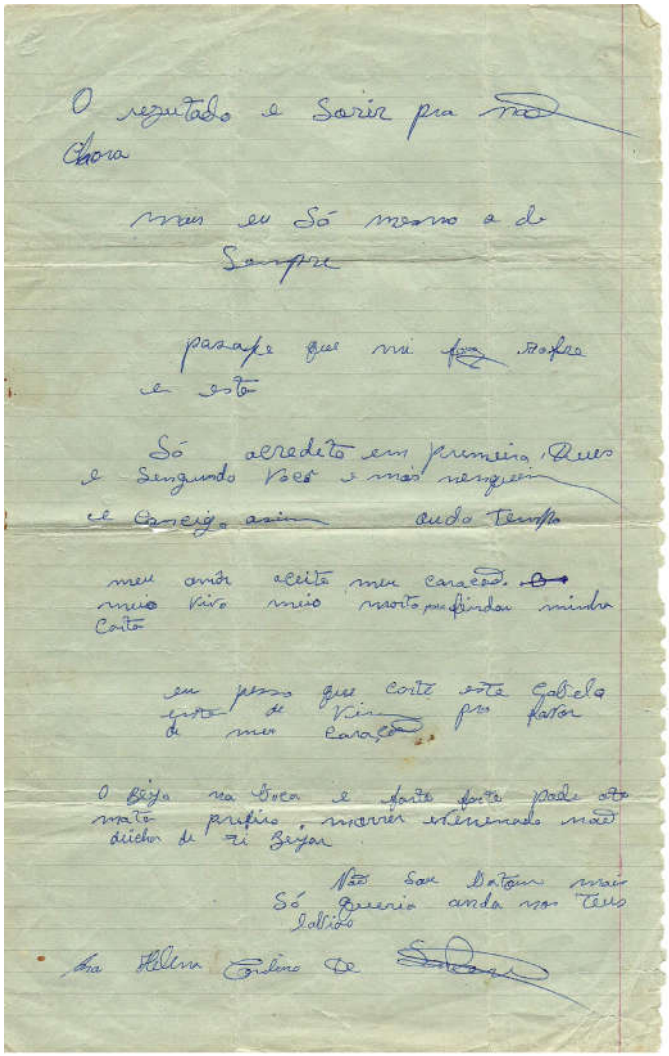
Só mi conformo em chorar.|

aqui fica a quelá de Sempre|

que Se chama.|

Ana Helena Cordeiro De Santana|

[257] Rasurado.
[258] Rasurado.
[259] Dano no suporte.
[260] Rasurado.



[fol. 1v]

O resutado e sorir pra não|
Chora|

mais eu Só mesmo a de|
Sempre|

pasaje que mi faz sofre|
e esta|

Só acredito em primeiro Deus|
e Sengundo você e mais nenquem|

e concigo assim oudo Tempo|

meu amôr aceite meu coracão.[261]| 
meio vivo meio morto para findar minha|
carta|

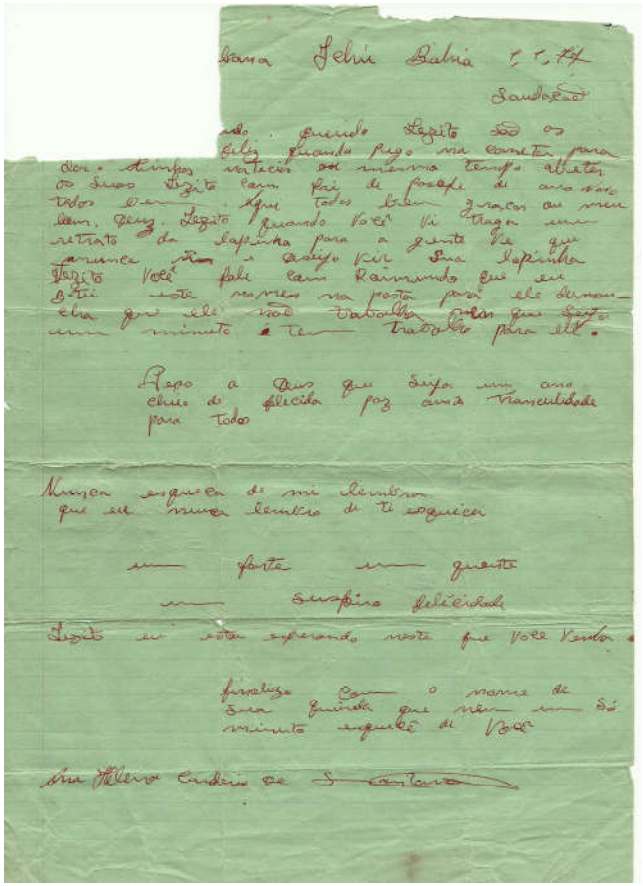
eu pesso que corte este cabelo|
ente de vim pro favor|
de meu coração.|

o Beijo na boca e forte forte pode ate|
mata prefiro morrer evenenado não|
deichar de ti Beijar|

Não Sou batom mais|
Só queria anda nos teus|
labios|

Ana Helena Cordeiro De Santana|

[261] A seguir há desenho de coração.



Carta 56

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta vermelha, em papel pautado esverdeado, de caderno, medindo 287mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e um rasgo no canto superior esquerdo, que compromete a leitura.

[.][262] bana Ichú Bahia 1,1,77|
Saudação|
[.][263] querido Zezito são as|
[.][264] feliz quando pego na caneta para| dar. Minhas noticias au mesmo tempo obeter| as Suas Zezito com foi de pasaje de ano Novo| todos bem. Aqui todos bem graças au meu| bom. Deuz. Zezito quando você vi traga um| retrato da lapinha para a gente ve que| nunca[265] vi[.][266] e Deseijo vir Sua lapinha| zezito você fale com Raimundo que eu| Botei este nome[267] na pasta para ele desman-| cha que ele não trabalha nem que Seja| um minuto [.][268] tem trabalho para ele.|

Peço a Deus que Seija um ano|
cheio de felicida paz amôr tranculidade|
para todos|

Nunca esqueca de mi lembra|
Que eu nunca lembro de ti esquecer

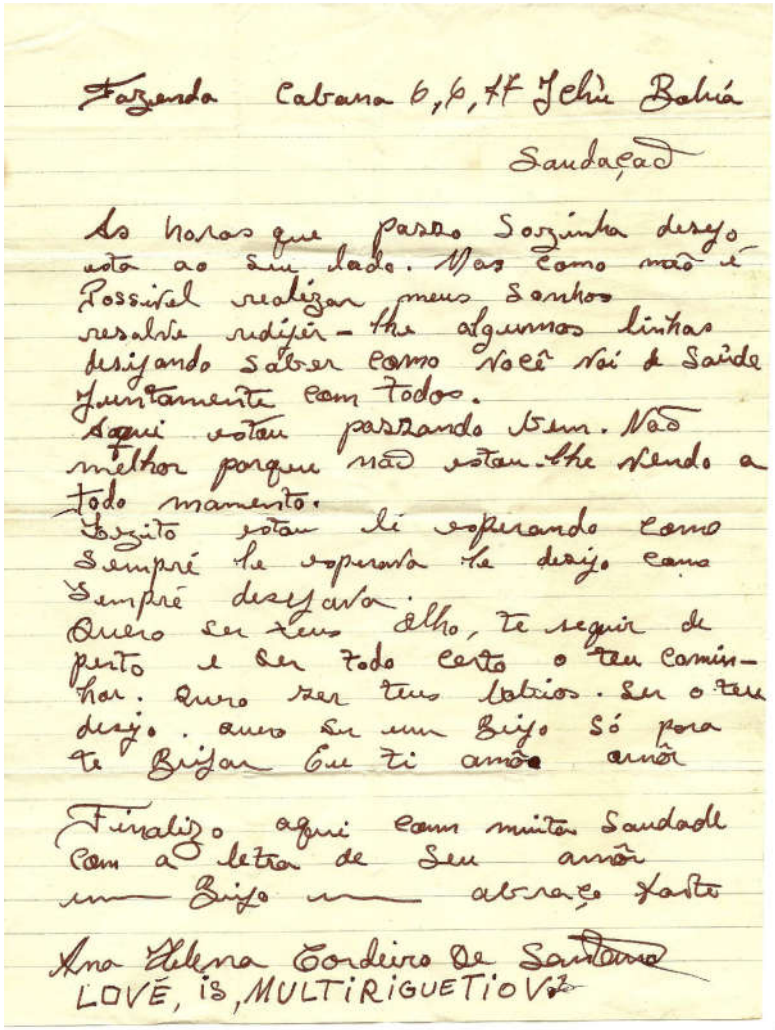
um forte um quente|
um Suspiro felicidade|

Zezito eu estou esperando neste que voce venha|

finalizo com o nome de|
Sua querida que nem um Só|
minuto esquecê de você|

Ana Helena Cordeiro De Santana|

[262] Dano no suporte.
[263] Dano no suporte.
[264] Dano no suporte.
[265] Rasurado.
[266] Rasurado.
[267] Rasurado.
[268] Rasurado.


Fazenda Cabana 6,6,77 Ichù Bahía

Saudaçad

As horas que passo Sozinha desejo
esta ao Seu lado. Mas como não é
Possivel realizar meus Sonhos
resolvi redijir-lhe algumas linhas
desijando Saber como Você vai de Saúde
juntamente com todos.
Aqui estou passando bem. Não
melhor porque não estou-lhe vendo a
todo momento.
Zezito estou li esperando como
Sempri le esperava le desijo como
Sempre desejava.
Quero Ser teus olho, te sequir de
perto e Ser todo certo o teu camin-
har. Quero ser teus labios. Ser o teu
desijo. quero Ser um Beijo Só para
te Beijar Eu ti amô amôr

Finalizo aqui com muita Saudade
com a letra de Seu amôr
um Beijo um abraço forte

Ana Helena Cordeiro De Santana
LOVÉ, IS, MULTIRIGUETIOV

Carta 57

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel pautado, de caderno, medindo 235mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

Fazenda Cabana 6,6,77 Ichù Bahía|

Saudação|

As horas que passo Sozinha desejo| esta ao Seu lado. Mas como não é| Possivel realizar meus Sonhos| resolvi redijir-lhe algumas linhas| desijando Saber como você vai de Saúde| juntamente com todos.|
Aqui estou passando bem. Não| melhor porque não estou-lhe vendo a| todo momento.|
Zezito estou li esperando como| Sempri le esperava le desijo como| Sempre desejava.|
Quero Ser teus olho, te sequir de| perto e Ser todo certo o teu camin-|har. Quero ser teus labios. Ser o teu| desejo. Quero Ser um Beijo Só para| te Beijar Eu ti amô[269] amôr|

Finalizo aqui com muita Saudade| com a letra de Seu amôr| um Beijo um abraço forte|

Ana Helena Cordeiro De Santana|
LOVÉ, IS, MULTIRIGUETIOV[.][270]|

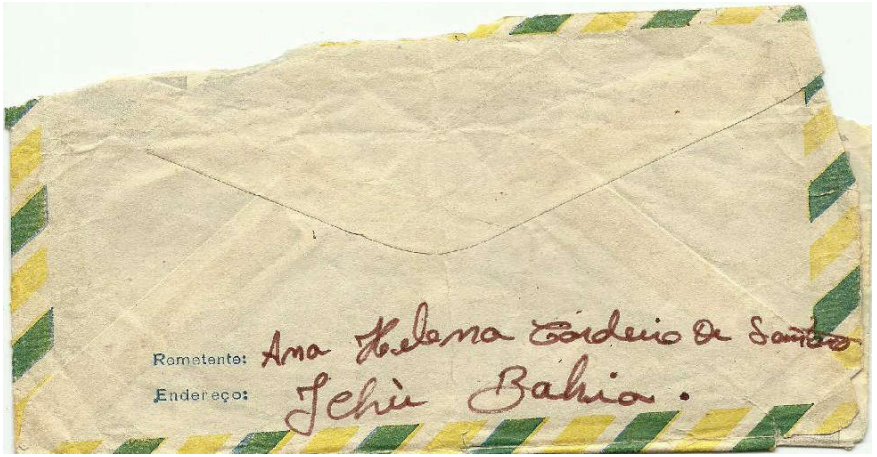
[269] Rasurado.
[270] Rasurado.



Para Ser entregue|

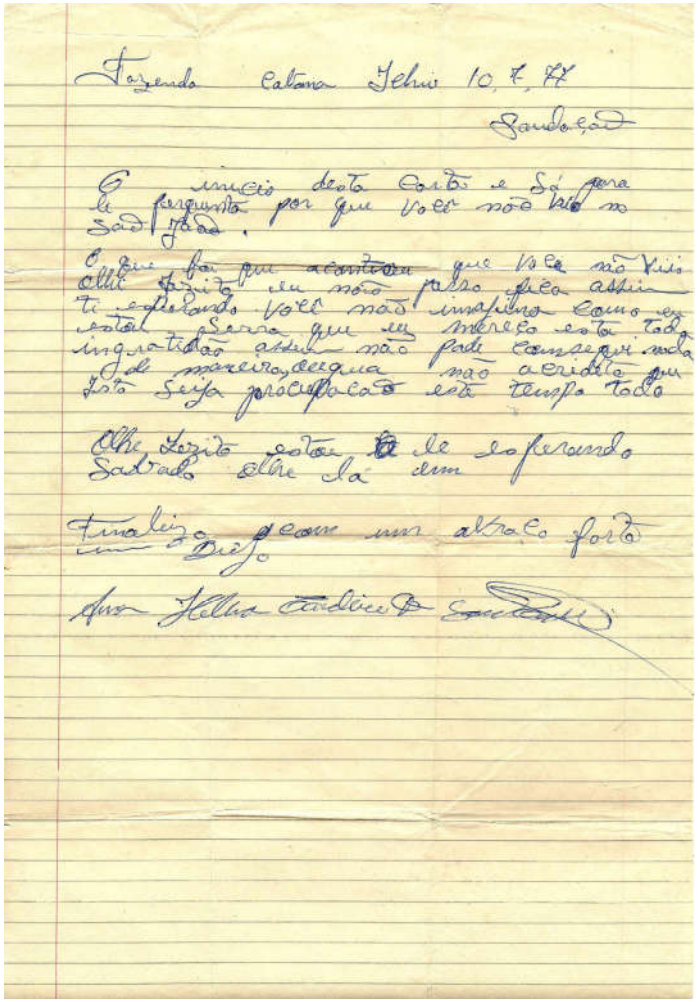
Ao jovem Zezito|

em goiabeira|



Ana Helena Cordeiro De Santana|

Ichù Bahia.|



Carta 58

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 280mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras.

Fazenda Cabana Ichu 10, 7, 77|
Saudação|

O inicio desta Carta e Só para| le pergunta por que você não veio[271] no| São João.|

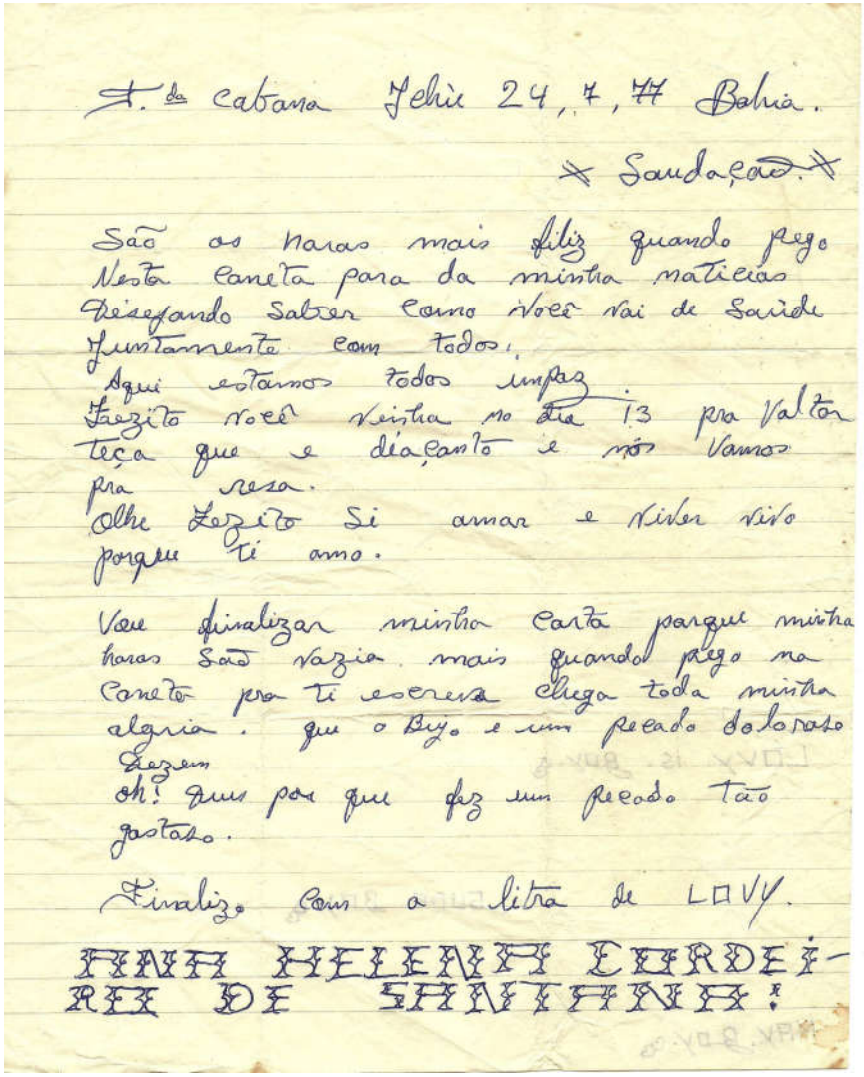
O que foi que aconteceu que voce não veio| olhe Zezito eu não posso fica assim| ti esperando. você não imajina como eu| estou Serra que eu mereço esta toda| ingratidão assim não pode consegui nada| de maneira augua não acredito que| Isto Seija procupacão este tempo todo|

Olhe Zezito estou ~~te~~ le esperando|
Sabado olhe lá eim|

Finalizo [.][272] com um abraço forte|
Um Beijo|

Ana Helena Cordeiro De Santana|

[271] Rasurado.
[272] Rasurado.



Carta 59

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 236mm x 190mm. A mancha escrita do verso é de apenas três linhas e há desenhos de dois corações no fim de cada linha.

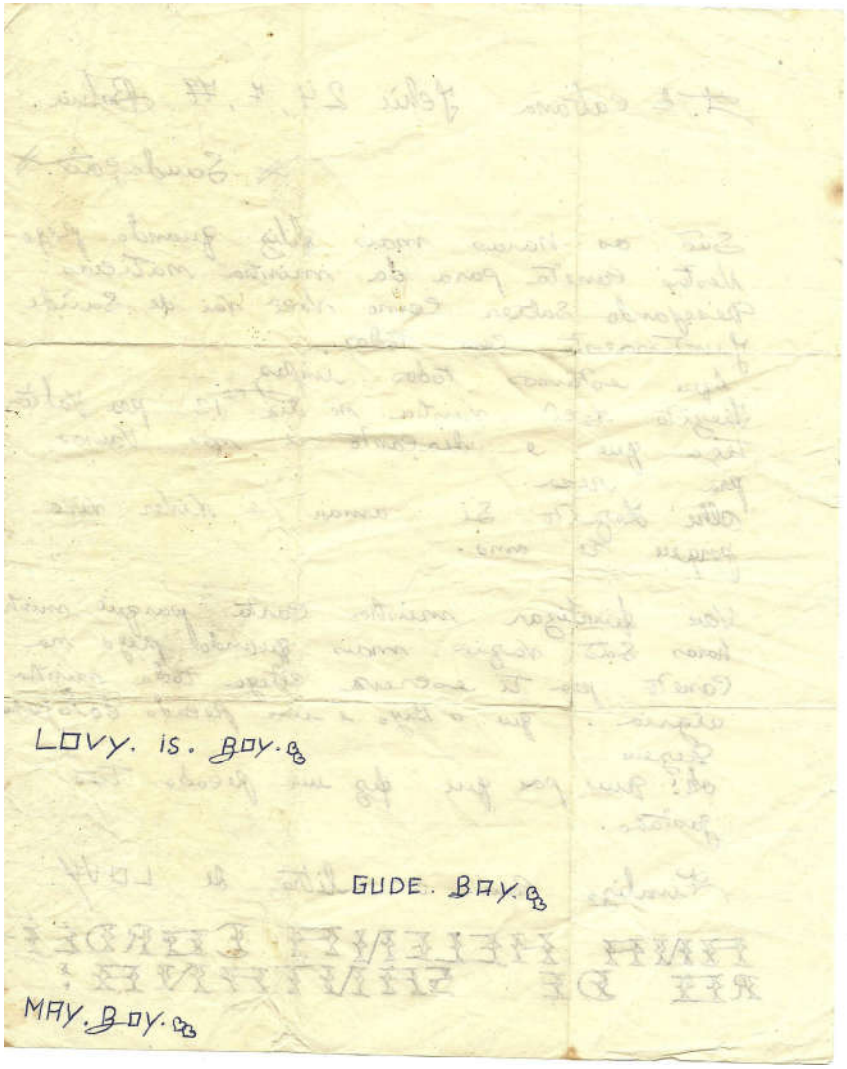
F*azen*da Cabana Ichú 24, 7, 77 Bahia.|

Saudação. #|

São as horas mais filiz quando pego| Nesta caneta para da minha noticias| Desejando Saber como você vai de Saúde| Juntamente com todos.|
Aqui estamos todos impaz.|
Zezito você venha no dia 13 pra voltar| teça que e diaçanto e nós vamos| pra resa.|
Olhe Zezito Si amar e viver vivo| porque ti amo.|

Vou finalizar minha carta porque minha| horas São vazia mais quando pego na| caneta pra ti escreve chega toda minha| alegria. que o Beijo e um pecado doloroso|
Dizem|
Oh! Deus por que fez um pecado tão|
gostoso.|
Finalizo com a litra de LOVY.|
ANA HELENA CORDEI-|RO DE SANTANA![273]|

[273] Em letras grandes, decoradas.

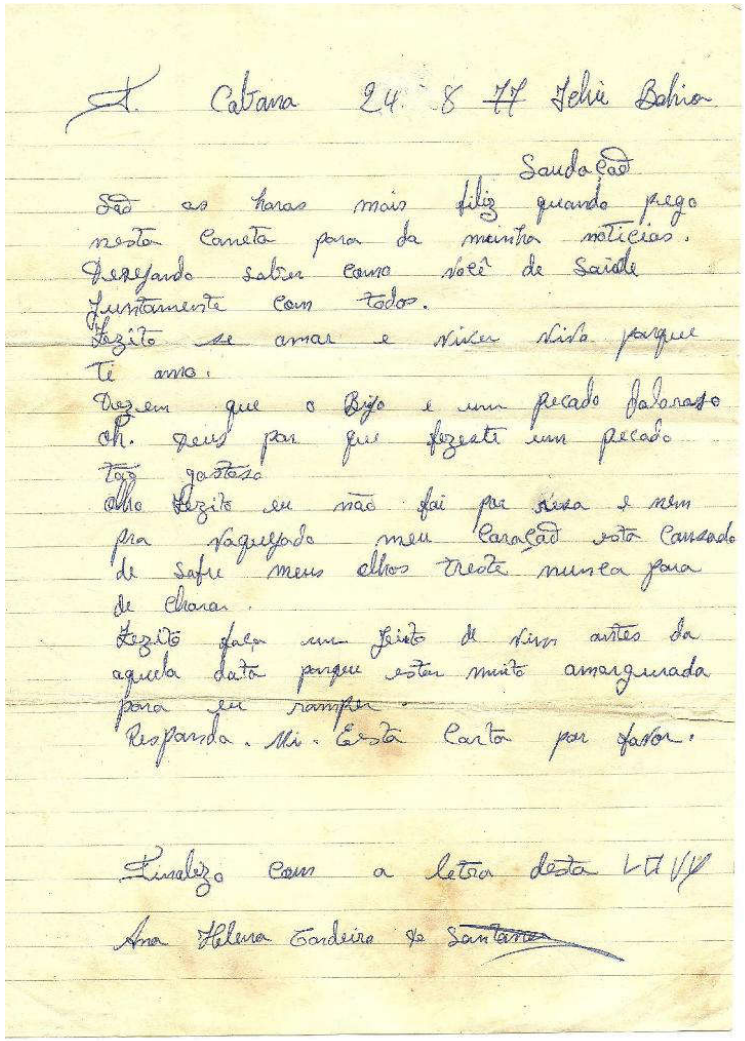


[fol. 1v]

LOVY. IS. BOY.

GUDE. BOY.

MAY. BOY.


Fazenda Cabana 24 8 77 Ichú Bahia

Saudação

São as horas mais filiz quando pego nesta Caneta para da minha noticias. Desejando saber como você de Saúde juntamente com todos.
Zezito se amar e viver vivo porque
Ti amo.
Dezem que o Beijo e um pecado doloroso oh. Deus por que fizeste um pecado tão gostoso
Olho Zezito eu não foi par resa e nem pra vaquejada meu Coração esta Cansado de Sofre meus olhos triste nunca para de Chorar.
Zezito faça um jeito de vim antes da aquela data porque estou muito amargurada para eu romper.
Responda . Mi . Esta Carta por favor.

Finalizo com a letra desta LOVY

Ana Helena Cordeiro de Santana

Carta 60

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 236mm x 188mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas.

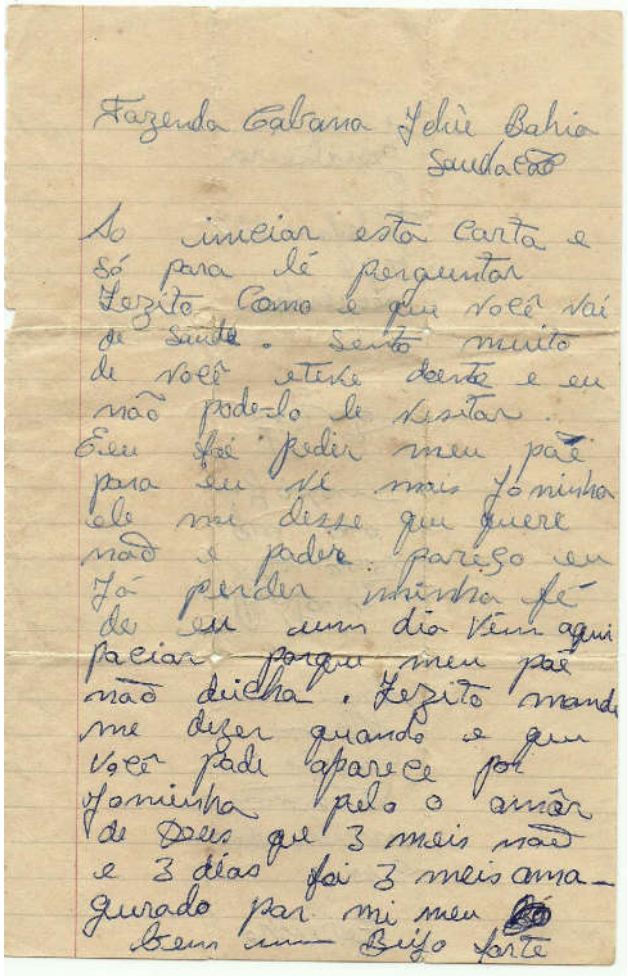
F*azenda* Cabana 24 8 77 Ichú Bahia|

Saudação|
São as horas mais filiz quando pego| nesta caneta para da minha noticias.| Desejando saber como você de Saúde| juntamente com todos.|
Zezito se amar e viver vivo porque|
Ti amo.|
Dezem que o Beijo e um pecado doloroso[274]| oh. Deus por que fizeste um pecado| tão gostoso|
Olho Zezito eu não foi par resa e nem| pra vaquejada meu coração esta cansado| de Sofre meus olhos triste nunca para| de chorar.|
Zezito faça um jeito de vim antes da| aquela data porque estou muito amargurada| para eu romper.|
Responda . Mi . Esta carta por favor.|

Finalizo com a letra desta LOVY|

Ana Helena Cordeiro de Santana|

[274] Rasurado.


Fazenda Cabana Ichú Bahia
Saudacão

Ao iniciar esta carta e
Só para lé perguntar
Zezito Como e que você vai
de saude. Sento muito
de você eteve doente e eu
não pode-lo le vesitar.
E eu foi pedir meu paê
para eu vi mais Joninha
ele mi desse que quere
não e poder. poriço eu
Já perder minha fé
de eu um dia vim aqui
paciar porque meu paê
não deicha. Zezito mande
me dizer quando e que
você pode aparece por
Joninha pelo o amôr
de Deus que 3 meis não
e 3 dias foi 3 meis ama-
gurado par mi meu
bem um Beijo forte

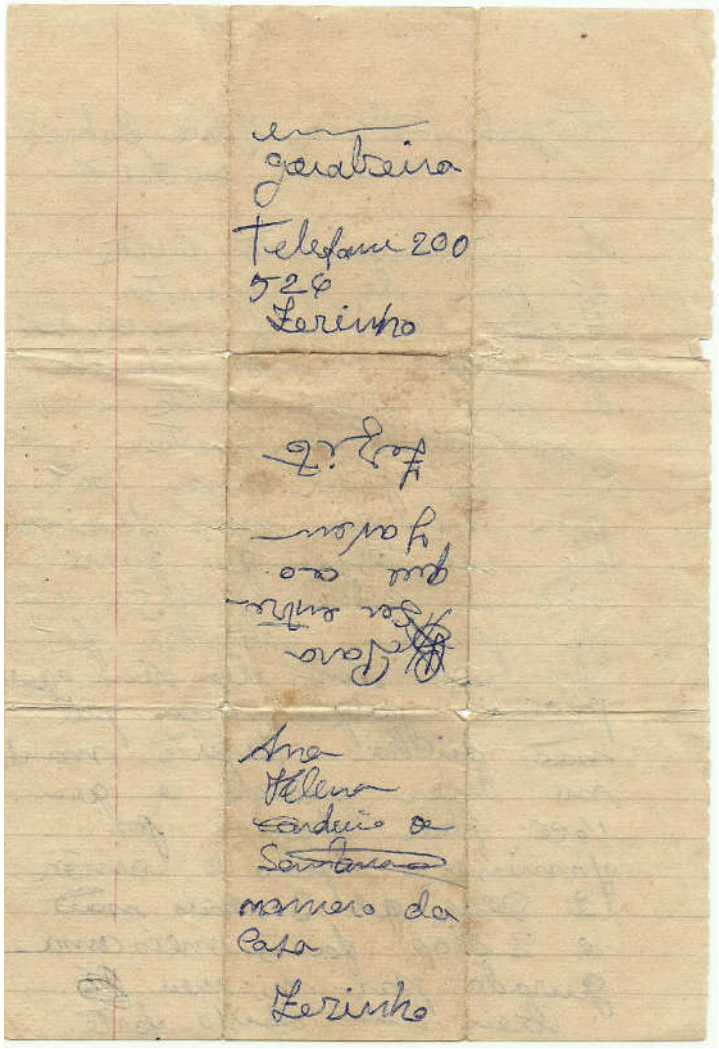
Carta 61

AAHCS. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 197mm x 137mm. Apresenta um pequeno rasgo devido a uma das marcas de dobras. A mancha escrita do verso é estruturada no centro, entre as marcas das dobras.

Fazenda Cabana Ichú Bahia|
Saudacão|

Ao iniciar esta carta e| Só para lé perguntar| Zezito como e que você vai| de Saude[275]. Sinto muito| de você eteve doente e eu| não pode-lo le visitar.| E eu foi pedir meu pae[276]| para eu vi mais Joninha| ele mi desse que quere| não e poder poriço eu| Já perder minha fé| de eu um dia vim aqui| paciar porque meu paê| não deicha. Zezito mande| me dizer quando e que| você pode aparece por| Joninha pelo o amôr de Deus que 3 meis não| e 3 dias foi 3 meis ama-| gurado par mi meu [.][277]|
bem um Beijo forte[278]|

[275] Rasurado.
[276] Rasura acima do 'e'.
[277] Rasurado.
[278] Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]

em|
goiabeira|

Telefone 200|
526|
Zerinho|

<~~P~~Para|
Ser entre-|
gue ao|
jovem|
Zezito|>[279]

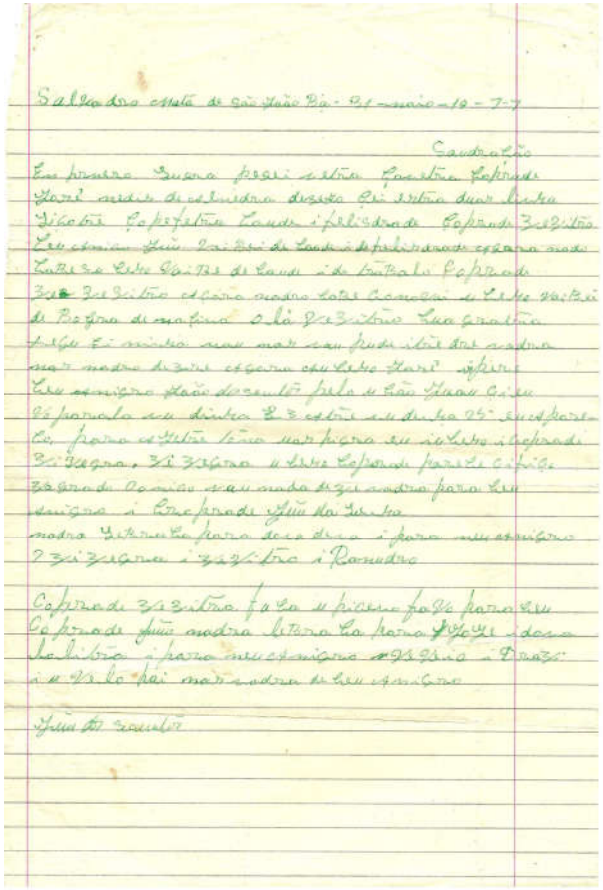
Ana|
Helena|
Cordeiro De|
Santana|
nomero da casa|
Zerinho|

[279] Escrito no sentido inverso do fólio.

REMETENTE N° 21

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): João dos Santos.
Nome Completo: João dos Santos.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Goiabeira, município de Conceição do Coité, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:** (vivo).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por Jadione Cordeiro de Almeida.



Carta 62

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 280mm x 187mm. A margem esquerda foi recortada.

Salvadro Mata de São João Ba - 31-maio-10-1-1|

Saudração|

Em prmero Lugra pegei Netra Çanetra Çoprade| José medis[280] de Almedra dezejo Çei estra duas linha| Liçotre çopefetra caude i felisdrade çoprade zezitro| Ceu Amigo[281] Juão vai Bei de Caude i de felisdrade Agora mado| Cabe Su Cere Vai Be de Caude i de traBalo çoprade| ze[.][282] zezitro Agora madro caBe comovai u cero vai Bei| de Begria de maçina o lá zezitro Cua grata| xegu ci minha nau mas vou pude [?] dri madro| mas madro dizre Agora Au Cero Josê ipere| ceu Amigro João dos Santos pelo u Cão Juau qi eu| vo parala i u dinha [.][283] 3 Atre e u dinha 25 eu Apare-| co para A jetre toma uar pigra eu iu cero i coprade| zizegra. zizegra u cere coprade parece [?]| zagrado comigo nau mada dize nadra para ceu| Amigro i Croprade Ju[?] [?]|
madro LeBraca para dona dina i para meu Amigro| [.][284] zizegra i zezitro i Ramudro|

Coprade zezito faca u piceno favo para ceu| coprade João madra leBraca para [.][285] Joje i dona| lolitra i para meu Amigro [.][286] Veveio i Drazi| i u Velo pai mas nadra de Ceu Amigro|

João dos Santos|

[280] Ao longo do texto, o "m" maiúsculo é usado pelo minúsculo.
[281] O "g" está escrito com letra de imprensa, mas em tamanho pequeno.
[282] Rasurado.
[283] Rasurado.
[284] Traço aleatório.
[285] Rasurado.
[286] Rasurado.

3.4 CARTAS PARA ANA HELENA CORDEIRO DE SANTANA

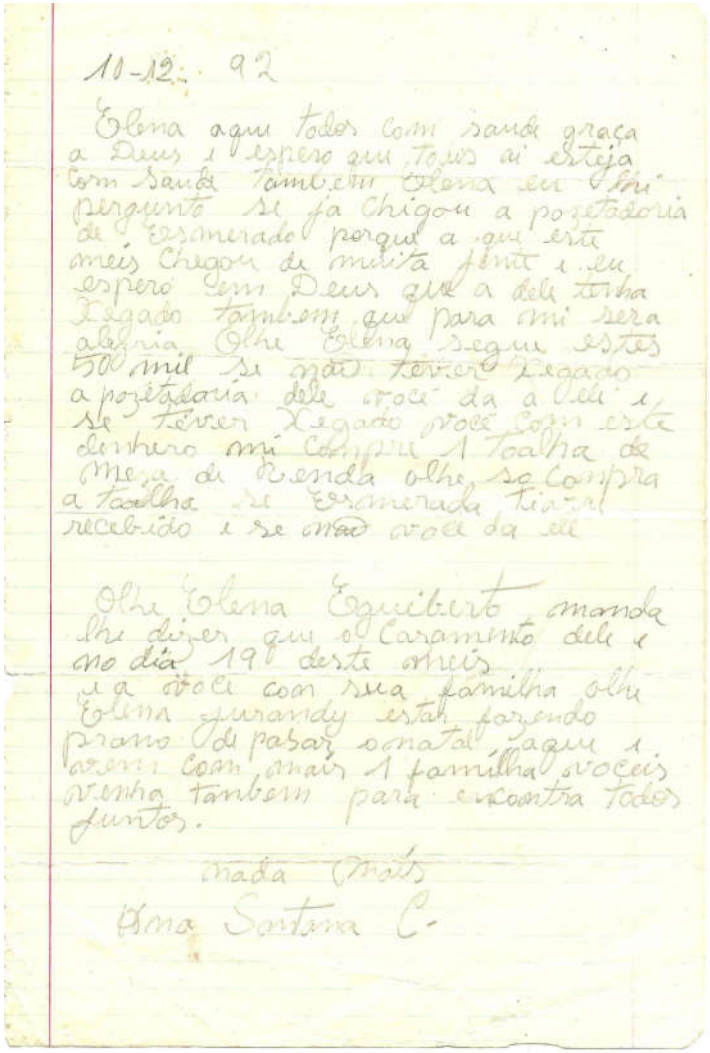
REMETENTE N° 22

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Ana Santana C.
Nome Completo: Ana Santana Cordeiro.
Filiação: Alvino Antonio de Santana e Francisca de Almeida Santana.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Lameiro Remoaldo, município de Conceição do Coité. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 01 de janeiro de 1936. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 56 anos.
Estado civil: casada.
Escolaridade: 4ª série do primário.
Principais atividades: dona de casa.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por Jadione Cordeiro de Almeida.



9. Ana Santana Cordeiro



Carta 63

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, em papel pautado, de caderno, medindo 265mm x 185mm. Apresenta marcas de dobras.

10-12 . 92|

Elena aqui todos com saude graça| a Deus e espero que todos ai esteja| com saude tambem Elena eu lhi| pergunto se já chigou a pozetadoria| de Esmerado porque a que este| meis chegou de muita jente e eu| espero em Deus que a dele tenha| xegado tambem que para mi sera| alegria Olhe Elena segue estes| 50 mil se não tever xegado| a pozetadoria dele você da a ele e| se tever xegado você com este| dinhero mi conpre 1 Toalha de| meza de Renda olhe so conpra| a toalha se Esmerado tivre| recebido e se não voce da ele|

Olhe Elena Eguiberto manda| lhe dizer que o cazamento dele e| no dia 19 deste meis| e a voce com sua familha olhe| Elena Jurandy estar fazendo| prano de pasar o natal aqui e| vem com mais A familha voceis| venha tanbem para encontra todos| juntos.|

nada maís|
Ana Santana C*ordeiro*|

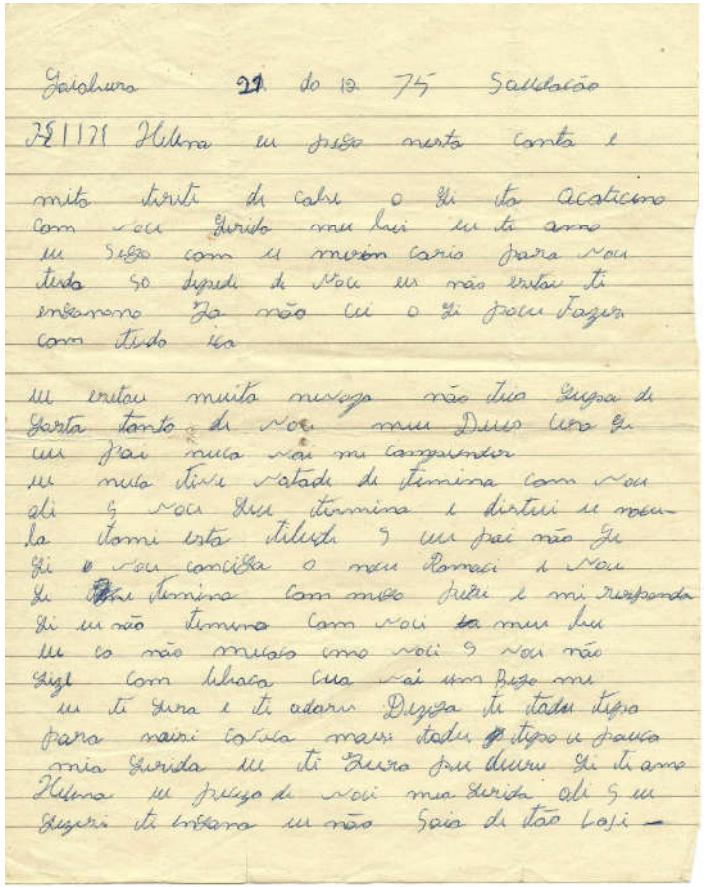
REMETENTE N° 23

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): José Mendes de Almeida.
Nome Completo: José Mendes de Almeida.
Filiação: José Cândido de Almeida e Enedina Mendes de Oliveira.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Pedras, município de Conceição do Coité, BA (2). **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 14 de outubro de 1952. **Data de falecimento:** 26 de junho de 1998.
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 25 anos.
Estado civil: casado com Ana Helena Cordeiro de Santana.
Escolaridade: estudou pouco (1ª série do primário).
Principais atividades: lavrador (1).
Observações:
(1) Trabalhou durante muito tempo na extração do sisal.
(2) Depois foi morar em Vila Carneiro (atual Goiabeira), município de Conceição do Coité, BA.

Fontes: Depoimentos concedidos por Jadione Cordeiro de Almeida.



10. José Mendes de Almeida.



Carta 64

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 238mm x 185mm. Acompanha envelope.

Goiabeira 21 do 12 75 Saudacão|

H[287] Helena eu pego nesta canta e|

mito tirite de cabe o gi ta acoteceno| com voce gerida mu bei eu ti amo| eu sigo com u mesim cario para voce| tudo so depede de voce eu não esitou ti| enganano ja não cei o gi pocu Fazer| com tudo ico|

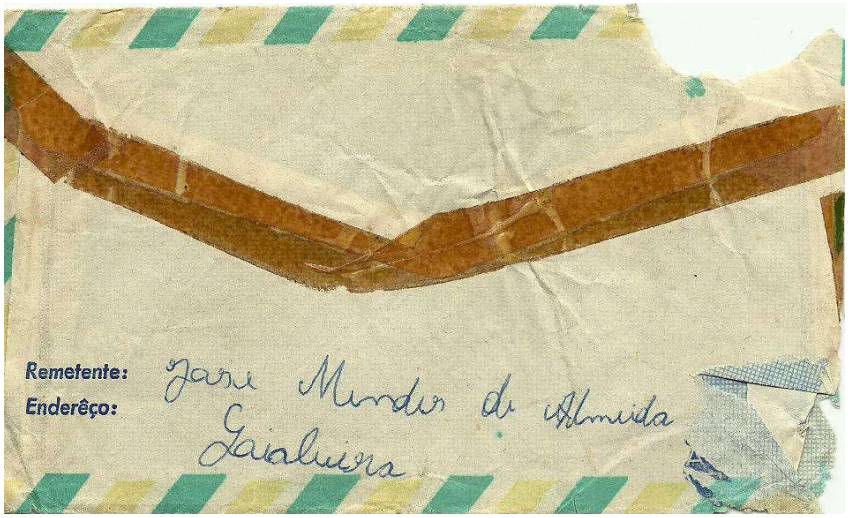
eu esitou muito nevozo não teio gupa de| gosta tanto de voce meu Deus cera gi| ceu pai nuca vai mi compiender|
eu nuca tive votadi de temina com voce| oli S*e* voce gue termina e distui u nocu-|la tomi esta tiludi[288] S*e* ceu pai não ge| gi [.][289] voce conciga o nocu Romaci e voce| ge [.][290] temina com migo peri e mi responda| gi eu não temino com voci [.][291] meu bei| eu co não micaco[292] cmo voci S*e* voci não| gize com liliaca cua vai um Bejo me| eu ti gero e ti adoru Dezejo te todu tipo| para noisi coveca mais todu [.][293] tipo e pouco| mia gerida eu ti gero pu diceru gi ti amo| Helena eu pecizo de voci mia gerida oli S*e* eu| gezesi ti engana eu não Saia de tão Loji_|

[287] Há quatro traços horizontais em seguida à letra.
[288] O segundo *t* não está cortado.
[289] Rasurado.
[290] Rasurado.
[291] Rasurado.
[292] Por "me caso"
[293] Rasurado.



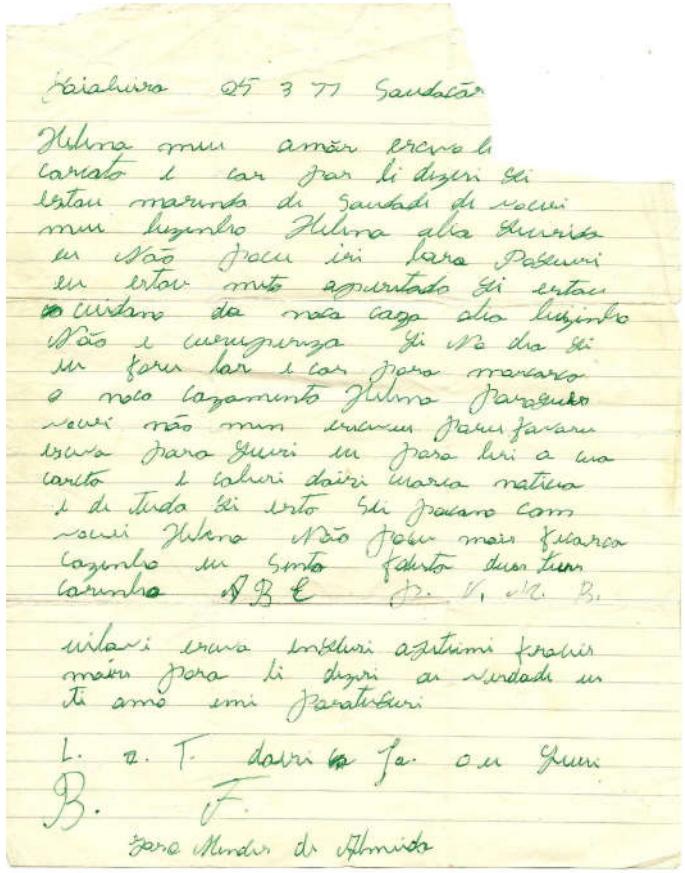
Para S en entegue|

A Helena|



Jose Mendes de Almeida|

Goiabeira|



Carta 65

AAHCS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel pautado, medindo 238mm x 185mm. Apresenta marcas de dobras e um rasgo no canto superior direito, que compromete a leitura de três linhas da mancha escrita.

Goiabeira 25 3 77 Saudaçõ[.][294]|

Helena meu amõr ercivo [.][295]|
carata e cor par li dizeri gi| estou morendo de saudade de vociei| meu bezinho Helena olia quirida| eu Não pocu iri lara Poqueri eu estou mito apertado gi estou| [.][296] cuidano da noca caza olia beizinho| Não e curupereza[297] gi No dia gi| eu forer lar e cor para marcarca| o noco cazamento Helena poroguer| vociei não min erceveu poru favoru| esceva para queri eu posa leri a cua| carta e caberi daisi [?]arca noticia| e de tudo gi esta Sei pacano com| vociei Helena Não pocu mais ficarca| cozinho eu Sinto fauta dus teus| carinho[298] ABC p.V. M. B.|

uilovi esceva engleisi ajeteimi franceis| mais para li dizeri a verdade eu| ti amo emi porotugesi|

L. a.T. daeri [.][299] ja. ou gueri|

B. F.
Jose Mendes de Almeida[300]|

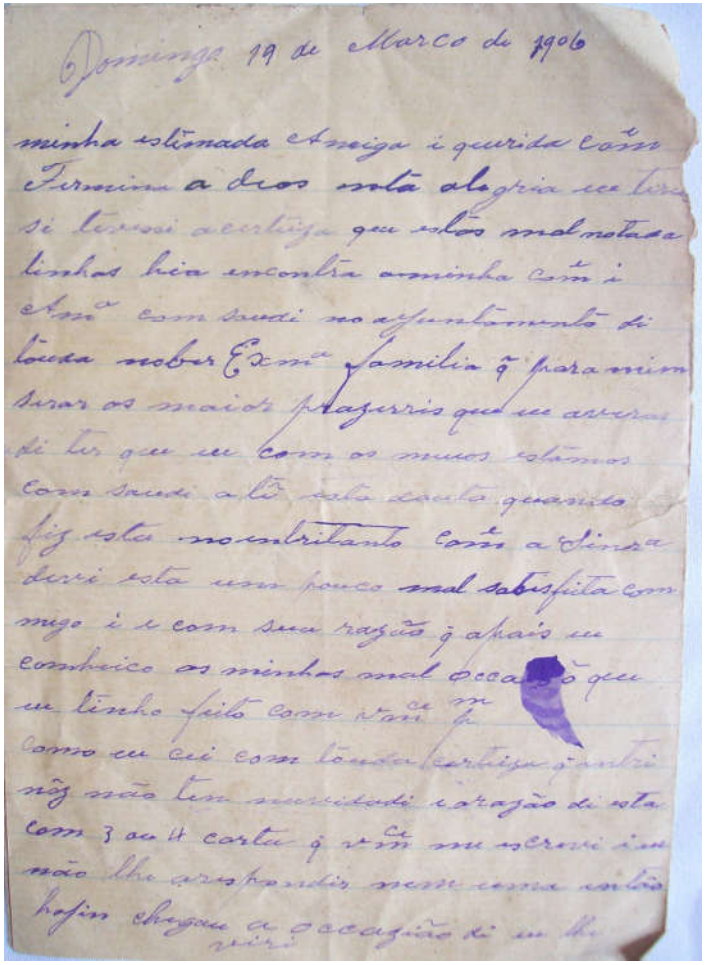
[294] Dano no suporte.
[295] Dano no suporte.
[296] Rasurado.
[297] Por 'surpresa'.
[298] Rasurado.
[299] Rasurado.
[300] Escrito na margem inferior.

3.5 CARTAS PARA FIRMINA PETORNILHA DOS SANTOS

REMETENTE N° 24

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Josepha Maria da Silva.
Nome Completo: Josepha Maria da Silva.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: [século XIX] **Data de falecimento:** (não identificada).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por Josefa Josina da Silva Pinto, no dia 23 de abril de 2011.



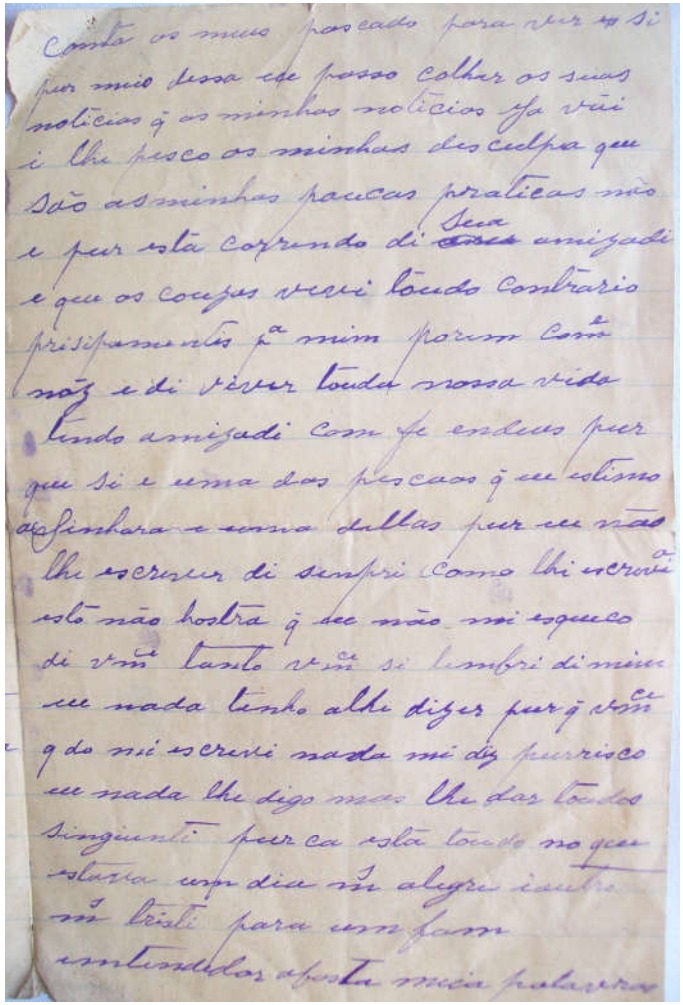
Carta 66

AJJS. Documento contendo dois fólios, escritos em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 168mm x 110mm. Há borrão de tinta no primeiro fólio.

Domingo 19 de Marco de 1906[301] |

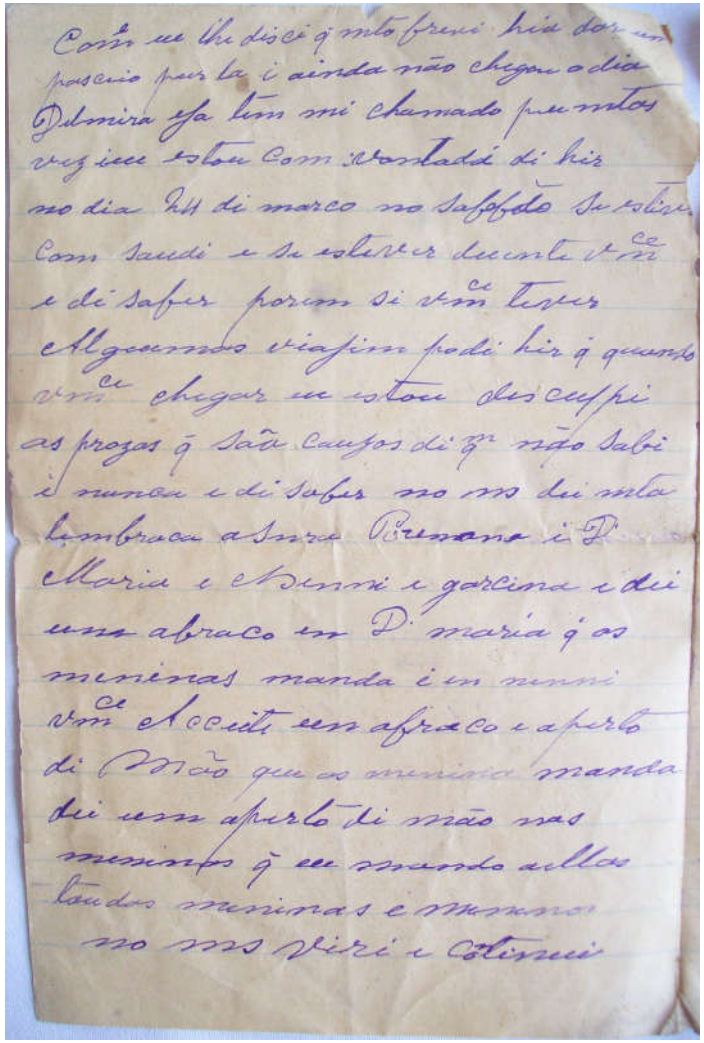
minha estimada Amiga i querida com*adre* | Firmina a deos m*ui*ta alegria eu tiria[302] | si tivessi a certeiza que estas mal notada | linhas hia encontra aminha com*adre* i | Am*i*ga com saudi no ajuntamento di | touda nober Ex*celentíssi*ma familia q*ue* para mim | serar os maior prazerris que eu averas | di ter que eu com os meus estamos | com saudi a tê esta dauta quando | fiz esta no entritanto com*adre* a Sin*ho*ra | devi esta um pouco mal satisfeita[303] com | migo i e com sua razão q*ue* apois eu | conheico as minhas mal occa[.][304] que | eu tinha feito com v*os*m*e*ce [?] |
como eu cei com touda certeiza q*ue* entri | nõz não ten nuvidadi e arazão di esta | com 3 ou 4 carta q*ue* v*os*m*e*ce me escrevi i eu | não lhe arespondir nem uma então | hojin chegou a occazião di eu lhe |
viri |

[301] Escrito na margem superior.
[302] Dano no suporte.
[303] Rasurado.
[304] Borrado.



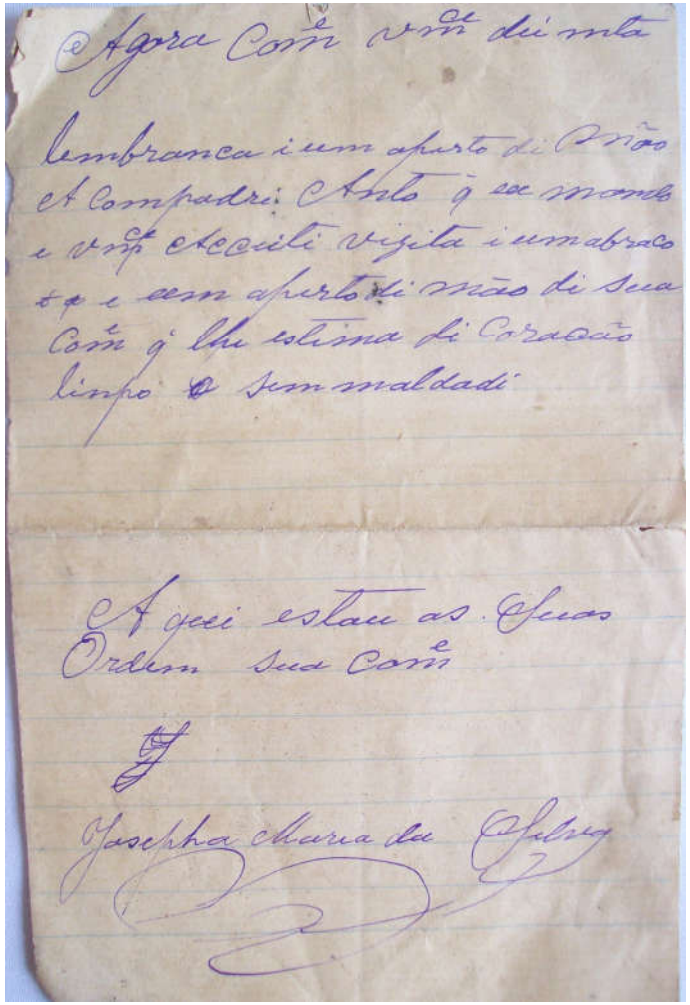
[fol. 1v]
comta os meus pascado para ver [.][305] si| pur meio dessa eu posso colher as suas| noticias q*ue* as minhas noticias ja vai| i lhi pesco as minhas desculpa que| são as minhas poucas praticas não| e pur esta correndo di [.] [306] <↑sua> amizadi| e que as couzas vevi toudo contrario| prisipamentis p*ar*a mim porem com*adr*e| nóz e di viver touda nossa vida| tendo amizadi com fe endeus pur| que si e uma das pescoas q*ue* eu estimo| a Sinhora e uma dellas pur eu não| lhe escrever di sempri como lhi escrevi<↑a>| esto não hostra q*ue* eu não mi esqueco| di v*os*m*e*ce tanto v*os*m*e*ce si lembri di mim| eu nada tenho a lhi dizer pur q*ue* v*os*m*e*ce| q*uan*do mi escrevi nada mi diz purrisco| eu nada lhi digo mas lhe dar toudos| singuinti pur ca esta toudo no que| estava um dia m*ai*s alegre i outro| m*ai*s tristi para um bom| emtendedor abasta meia palavras|[307]

[305] Rasurado.
[306] Rasurado.
[307] A última frase foi escrita na margem inferior.



[fol. 2r]
Com*adr*e eu lhe disci q*ue* m*ui*to brevi hia dar um| pasceio pur la i ainda não chegou o dia| Delmira ja tem mi chamado [?] m*ui*tas| vez ieu estou com vontadi di hir| no dia 24 di marco no sababado[308] si estiv[.][309]| com saudi e se estiver duente v*os*m*ec*e| e di saber porem si v*os*m*ec*e tiver| Algumas viajim podi hir q*ue* quando| v*os*m*ec*e chegar eu estou desculpi| as prozas q*ue* são cauzos di q*ue*m não sabi| i nunca e di saber no m*ai*s dei m*ui*ta| lembraca as*enho*ra Rumana i D*ona*| Maria e Nenni e garcina e dei| um abraço em D*ona* maria q*ue* as meninas manda i em nenni| v*os*m*ec*e Acceite um abraço e aperto| di mão que as menina manda| dei um aperto di mão nas| meninas q*ue* eu mando aellas| toudas meninas e meninos| no m*ai*s viri e co<↑n>tinui|

[308] Há risco horizontal sobre a letra 'd'.
[309] Dano no suporte.



[fol. 2v]
Agora Com*adr*e v*os*m*e*ce dei m*ui*ta[310] |

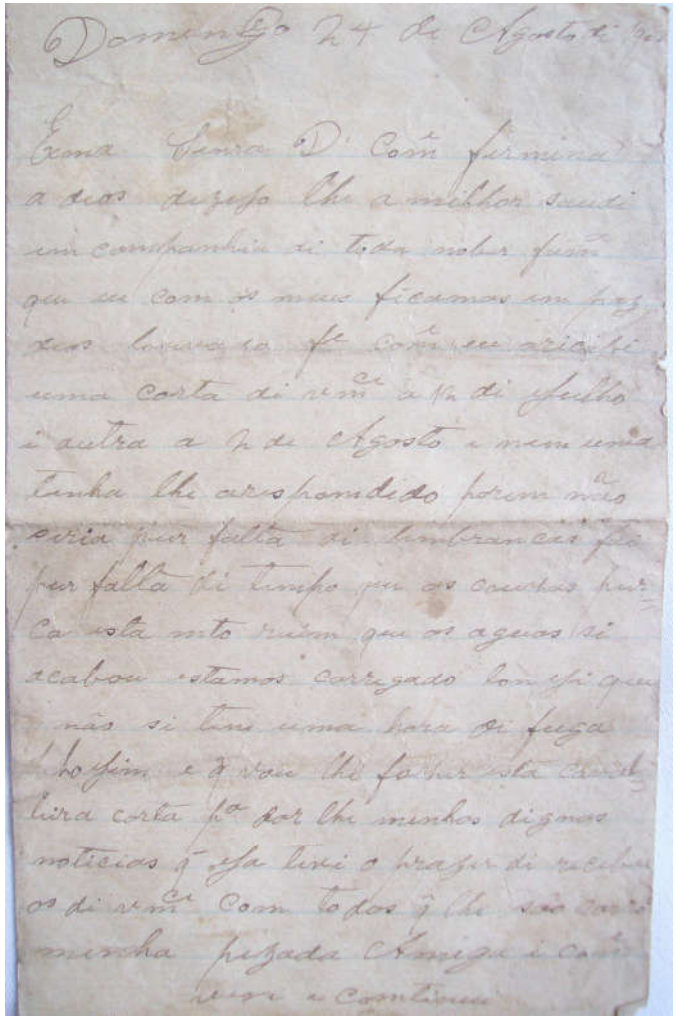
lembranca i um aperto di mão | A compadri Ant*oni*o q*ue* eu mando | e v*os*m*e*ce Acceiti vizita i um abraco | [.][311] e um aperto di mão di sua | com*adr*e q*ue* lhi estima di coracão | linpo [.][312] sem maldadi |

Aqui estou as Suas |
Ordem sua Com*adr*e |

J

Josepha Maria da Silva |

[310] Escrito na margem superior.
[311] Rasurado.
[312] Rasurado.



Carta 67

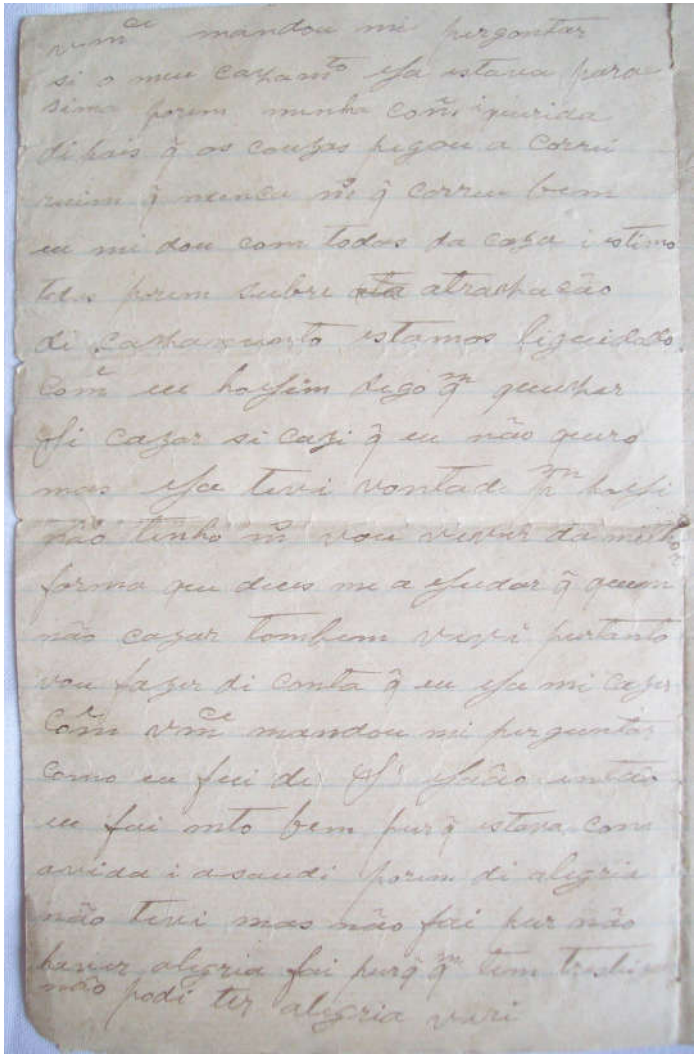
AJJS. Documento contendo dois fólios, escritos em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel pautado, medindo 170mm x 105mm.

Domingo 24 di Agosto di 1908[313] |

Ex*celentíssi*ma Sen*hor*a D*ona* Com*adr*e firmina | a dias dezejo lhi a milhor saudi | em companhia di toda nober fam*ilia* | que eu com os meus ficamos em paz | deus louvado fe Com*adr*e eu aricibi | uma carta di v*os*m*e*ce a 12 di Julho | i outra a 2 di Agosto i nem uma | tinha lhi arespomdido porem não | seria pur falta di lembranças foi | pur falta di tempo qui as couzas pur | ca esta m*ui*to ruim que as aguas si | acabou estamos carregado lonji que | não si tem uma hora di fuga | hojim e q*ue* vou lhi fazer esta caval | leira carta p*ar*a dar lhi minhas dignas | noticias q*ue* ja tivi o prazer di recibir | as di v*os*m*e*ce com todos q*ue* lhi são carro | minha pezada Amiga i com*adr*e |

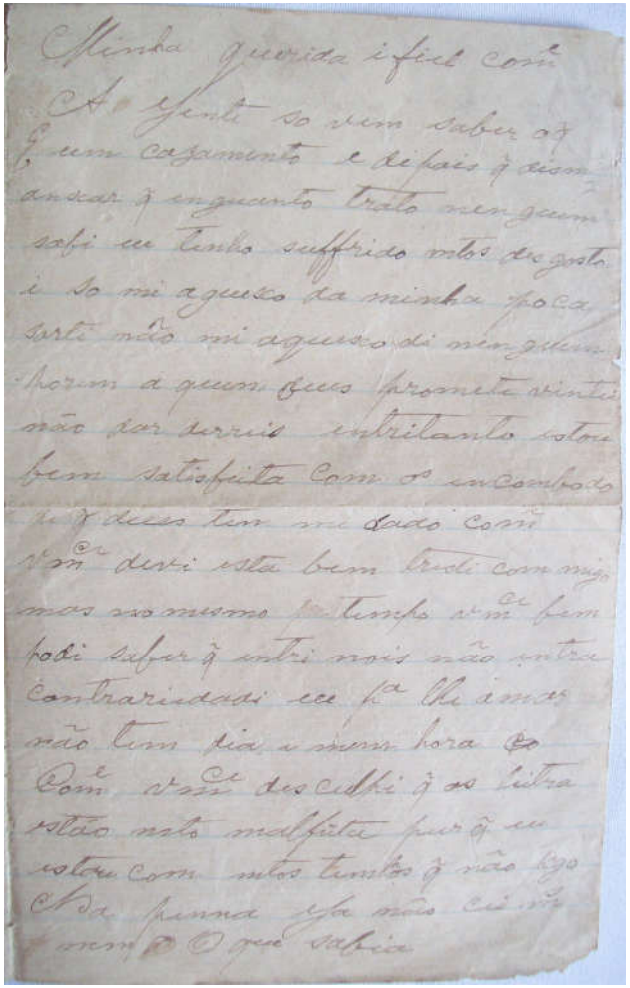
viri i comtinui |

[313] Escrito na margem superior.



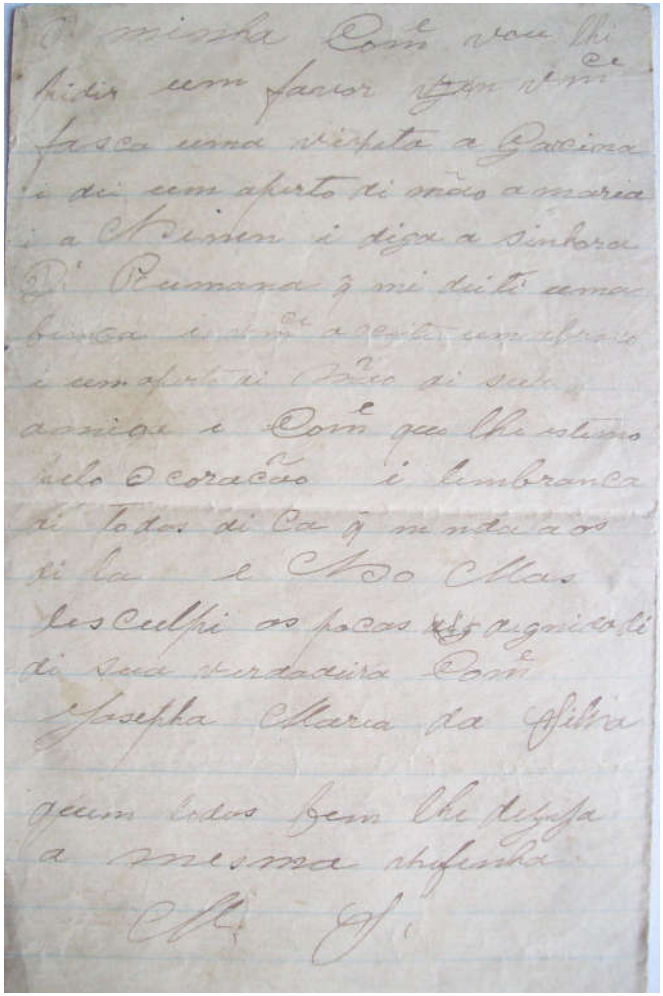
[fol. 1v]
v*os*m*e*ce mandou mi pergontar| si o meu cazam*en*to ja estava para| sima porem minha com*adr*e i querida| dipois q*ue* as couzas pegou a correr| ruim q*ue* munca m*ai*s q*ue* correu bem| eu mi dou com todos da caza i istimo| todas porem subre ~~ata~~ atrazacão| di cazamento estamos liguidado| com*adr*e eu hojim digo q*ue*m quizer| Si cazar si cazi q*ue* eu não quero| mas ja tevi vontadi [?] hoji| não tenho m*ai*s vou viver da milho<↓r>| forma que deus me a judar q*ue* quem| não cazar tambem vivi purtanto| vou fazer di conta q*ue* eu ja mi cazer| com*adr*e v*os*m*e*ce mandou mi perguntar| como eu fui di S*ão* João então| eu fui m*ui*to bem pur q*ue* estava com| avida i a saudi porem di alegria| não tevi mas não foi pur não| haver alegria foi purq*ue* q*ue*m tem tristeza| não podi ter alegria viri[314]|

[314] A última linha foi escrita na margem inferior.



[fol. 2r]
Minha querida i fiel com*adr*e|[315]
A jente so vem saber o q*ue*| E um cazamento e depois q*ue* dis<u>m</u>|amxar q*ue* enguanto trato ninguem| sabi eu tenho suffrido m*ui*tos desgosto| i so mi aquexo da minha poca| sorti não mi aquexo di ninguem| porem a quem deus prometi vintei| não dar dirreis entritanto estou| bem satisfeita com os incombodo| de q*ue* deus tem mi dado com*adr*e| v*os*m*e*ce devi esta bem tristi com migo| mas no mesmo [.][316] tempo v*os*m*e*ce bem| podi saber q*ue* entri nois não entra| contrariedadi eu [?] lhi amar| não tem dia i mem hora [.][317]|Com*adr*e v*os*m*e*ce desculpi q*ue* as leitra| estão m*ui*to malfeita pur q*ue* eu| estou com m*ui*tos tempos q*ue* não p^go| Na penna ja não cei m*ai*s| nem [.][318] O que sabia|

[315] Escrito na margem superior.
[316] Rasurado.
[317] Rasurado.
[318] Rasurado.

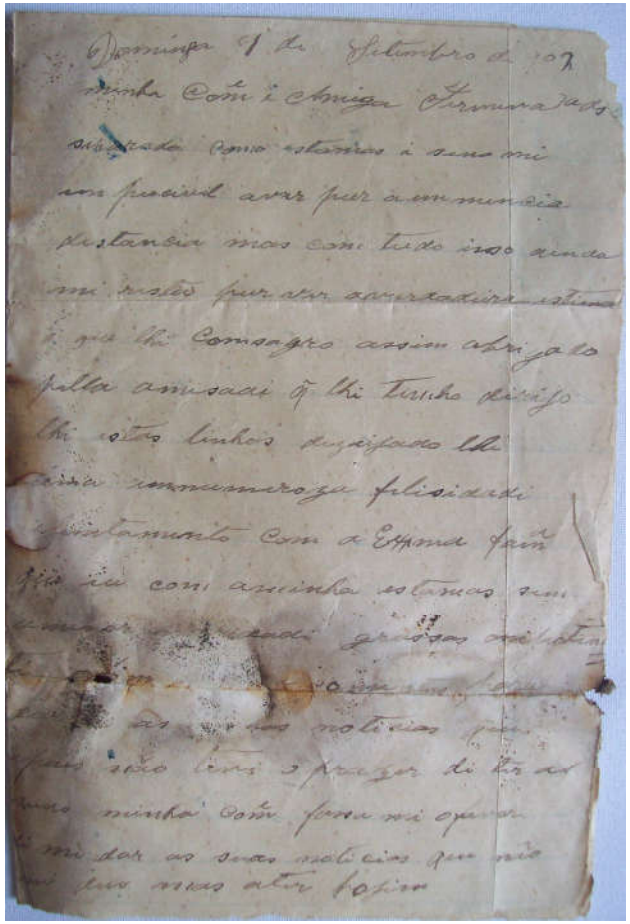


[fol. 2v]
[?] minha Com*adr*e vou lhi| pidir um favor [.][319] v*os*m*e*ce|[320] fasca uma vizita a Garcina| i dei um aperto di mão a maria| i a Nenen i diga a sinhora| D*ona* Rumana q*ue* mi deiti uma| benca i v*os*m*e*ce acceite um abraco| i um aperto di mão di sua| amiga i Com*adr*e que lhi estima| pelo O coracão i lembranca| di todos di ca q*ue* m nda a os| di la e No Mas| desculpi as pocas ~~dig~~ dignidadi| di sua verdadeira Com*adr*e|
Josepha Maria da Silva|

quem todos[321] bem lhi dezeja|
a mesma Zifinha|

M J|

[319] Rasurado.
[320] Escrito na margem superior.
[321] A letra 't' não está cortada.

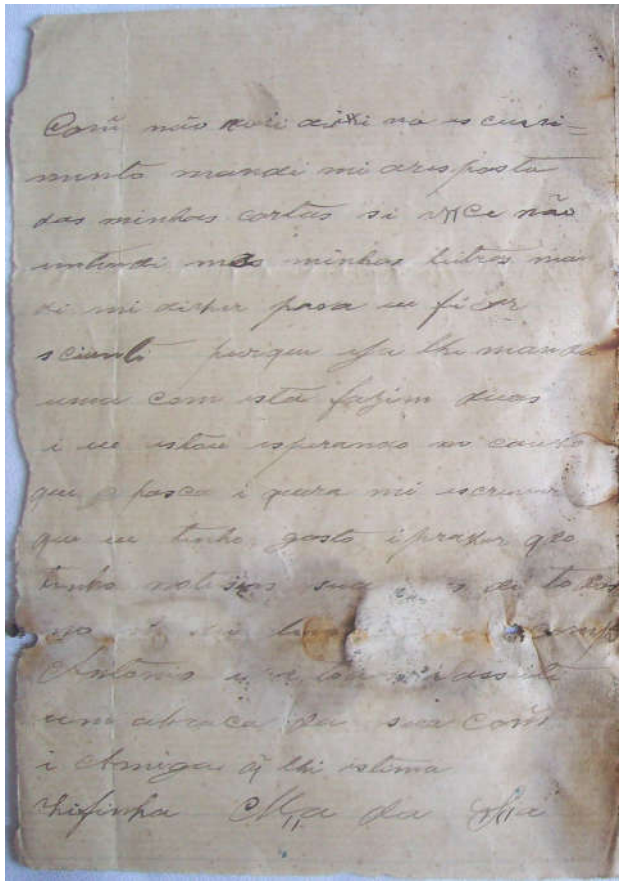


Carta 68

AJJS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel pautado, medindo 115mm x 78mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, devido à ação do tempo, comprometendo a leitura de três linhas da mancha escrita.

Domingo [?] di Setembro di 90 [?]|[322]
minha com*adr*e i Amiga Firmina [?]| separada como estamos i seno mi| impucivil aver pur a em mencia[323]| distancia mas com tudo isso ainda| mi resta pur ver averdadeira estima| a que lhi comsagro assim obrigado| pella amisadi q*ue* lhi tenho dirijo| lhi estas linhas dezeijado lhi| uma imnumeroza felisidadi| juntamento com a Ex*celentíssi*ma fam*ília*| que eu com aminha estamos sim| amenor n[.][324]vidadi grassas [?]| ti [.][325] somentes para| dar as minhas noticias que| apais não tem o prazer di ter as| suas minha com*adr*e fassa mi o favor| di mi dar as suas noticias que não| mi deu mas ater hojim|

[322] Escrito na margem superior.
[323] A letra "e" é escrita como um "i" sem o pingo. A separação entre essas duas letras, ao longo da transcrição do documento, é duvidosa. Optou-se por manter a transcrição como um "i" principalmente quando apresentar o pingo.
[324] Dano no suporte.
[325] Dano no suporte.



[fol. 1v]
Com*adr*e não [.][326] deixi no es cursi-|mento mandi mi aresposta| das minhas cartas si v*osmec*e[327] não| emtendi m[.]s minhas leitras man| di mi dizir para eu ficar| s cienti purque ja lhi mandei| uma com esta fazim duas| i eu estou esperando no cauzo| que [.][328] pasca i quera mi escrever| que eu tenho gosto i prazer q*uan*do| tenho notisias sua [.][329] di todos| no m*a*is dei lem[.][330] compa[.][331] | Antonio i a todos[332] i asseiti| um abraco da sua com*adr*e| i Amiga q*ue* lhi estima|
Zifinha Ma*ri*a da S*ilv*a|

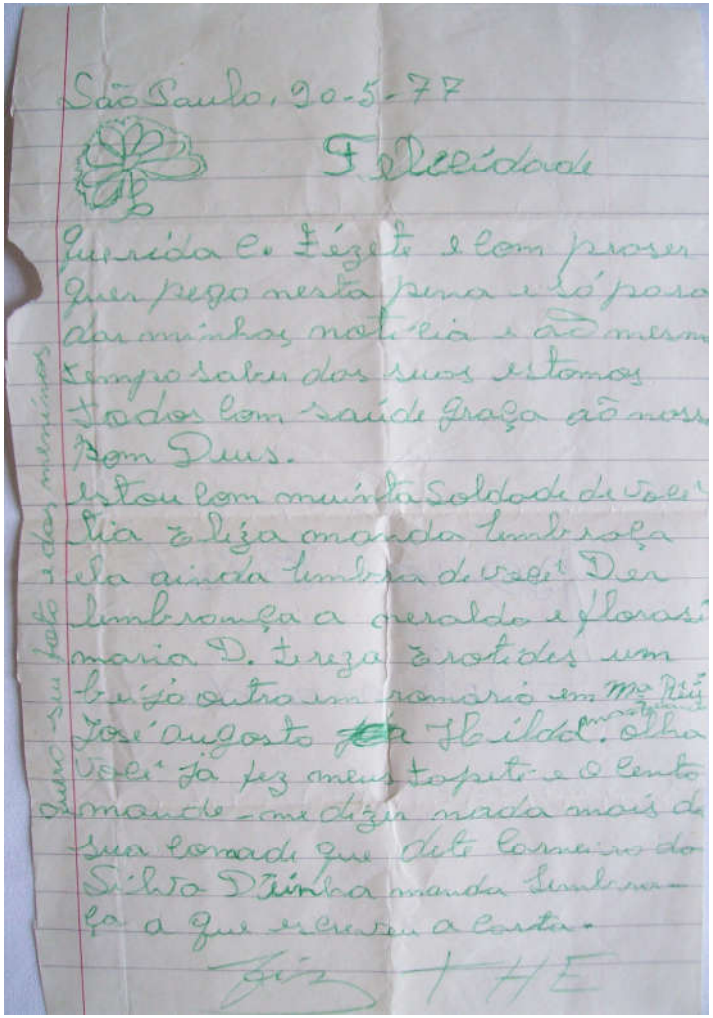
[326] Rasurado.
[327] O desenvolvimento da abreviatura por "v*osmec*e" é uma suposição.
[328] Rasurado.
[329] Dano no suporte.
[330] Dano no suporte.
[331] Dano no suporte.
[332] Dano no suporte.

3.6 CARTAS PARA JOSEFA JOZINA DA SILVA

REMETENTE N° 25

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Dete Carneiro da Silva.
Nome Completo: Maria Bernadete Carneiro da Silva.
Filiação: Erivado Lopes Pinto e Josefa Carneiro da Silva.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1960 (aproximadamente). **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 17 anos (aproximadamente).
Estado civil: casada com Martinho.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: dona de casa.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por Josefa Josina da Silva Pinto, no dia 23 de abril de 2011.


São Paulo, 20-5-77

F. Felicidade

querida C. Zézete e com praser
quer pego nesta pena e só para
dar minhas noticia e ão mesmo
tempo saber das suas estamos
todos com saúde graça ão nosso
Bom Deus.
estou com muinta Soldade de você
tia Eliza manda lembraça
ela ainda lembra de você Der
lembrança a neraldo e florasi
maria D. Tereza Erotides um
beijo outro em romário em Mª Rêis
José Augosto [illegible] Hilda. olha
você já fez meus tapeti e o cento
mande-me dizer nada mais da
sua comadi que dete Carneiro da
Silva Deinha manda lembra-
ça a que escreveu a carta.

fin THE

Carta 69

AJJS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 133mm. No verso, há apenas a indicação da remetente e da destinatária, em tinta azul. Apresenta marcas de dobras, pequeno rasgo na margem esquerda e ornamento: desenho de flor no canto superior esquerdo.

São Paulo. 20-5-77|

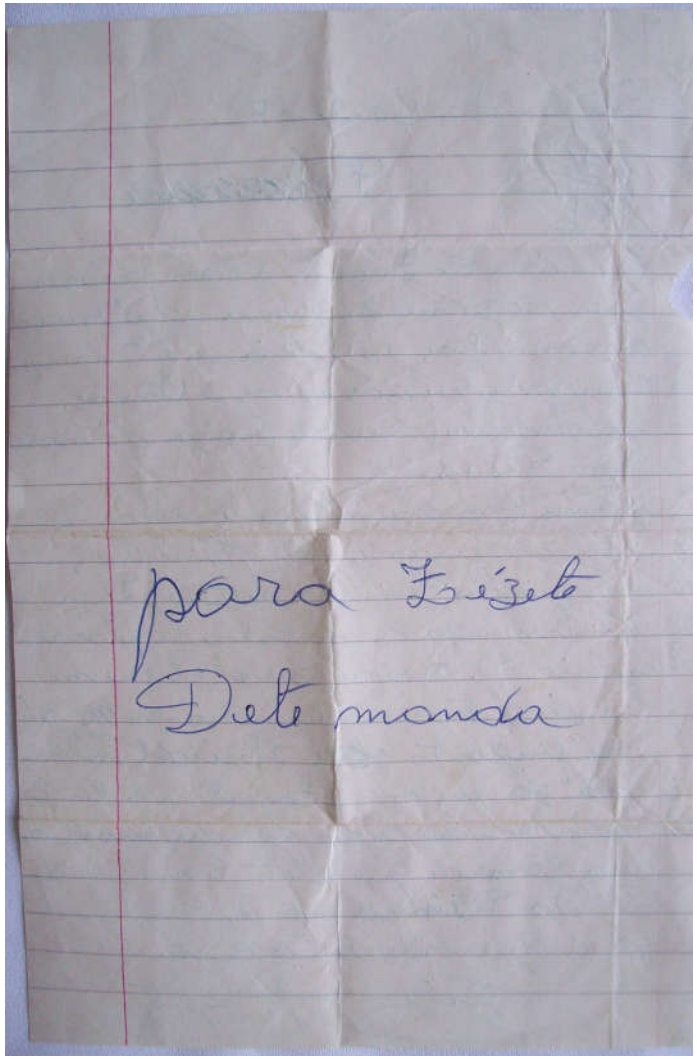
Felicidade|

querida C*omadre* Zézete e com praser| quer pego nesta pena e só para| dar minhas noticia e ão mesmo| tempo saber das suas estamos| todos com saúde graça ão nosso| Bom Deus.
estou com muinta Soldade de você| tia Eliza manda lembraça| ela ainda lembra de você Der| lembrança a neraldo e florasi| maria D. Tereza Erotides um| beijo outro em romário em Mª Rêis| José Augosto [.][333] Hilda[334]. olha| você já fez meus tapeti e o cento| mande-me dizer nada mais da| sua comadi que dete Carneiro da| Silva Deinha manda lembra-| ça a que escreveu a carta.|

fin THE|

<quero seu foto e dos meninos|>[335]

[333] Rasurado.
[334] Há trecho de difícil leitura na entrelinha superior.
[335] Escrito de baixo para cima na margem esquerda.



[fol. 1v]

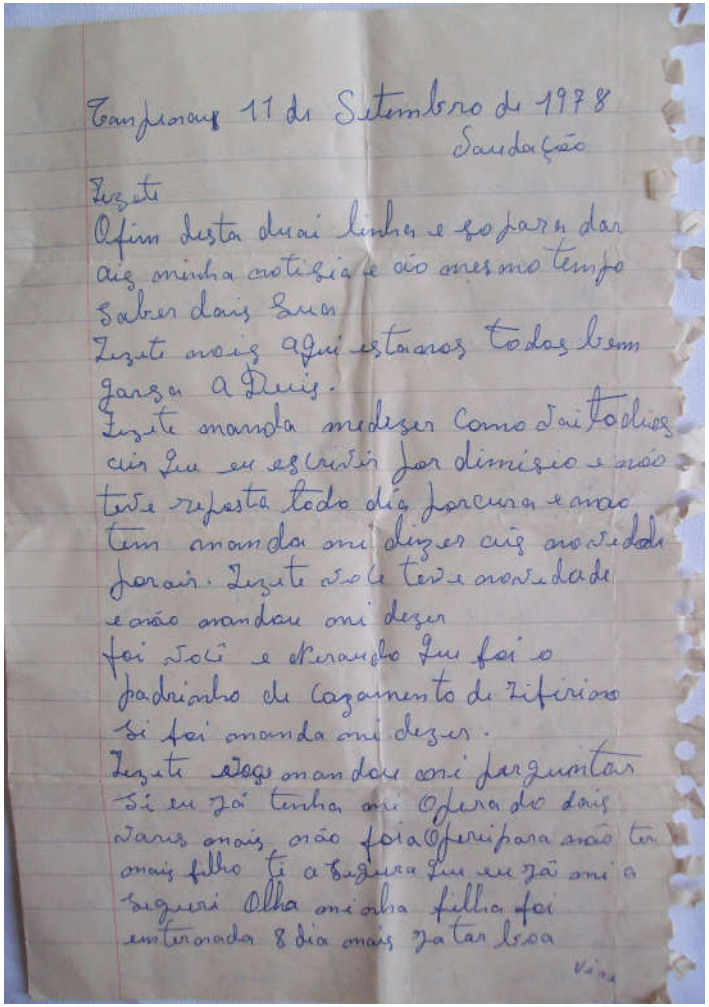
para Zézete|

Dete manda|

REMETENTE N° 26

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Zita Lima Silva.
Nome Completo: Zita Lima Silva.
Filiação: Bartolomeu Ambrósio da Silva e Izabel Lima da Silva.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Cipó, município de Conceição do Coité, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1950. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 28 anos.
Estado civil: casada.
Escolaridade: estudou apenas os primeiros anos.
Principais atividades: dona de casa.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por Josefa Josina da Silva Pinto, no dia 23 de abril de 2011.


Campinas 11 de Setembro de 1978
Saudação
Zezete
O fim desta duai linha e so para dar
ais minha notisia e ão mesmo tempo
saber dais Sua
Zezete nois aqui estanos todos bem
garsa a Deus.
Zezete manda me dizer Como vai todios
air Que eu escrivir par dimisio e não
teve reposta todo dia porcura e mao
tem manda mi dizer ais novidade
por air. Zezete voce teve novidade
e não mandou mi dizer
foi você e Neraudo que foi o
padrinho de cazamento de Zifirino
si foi manda mi dizer.
Zezete voçe mandou mi perguntar
si eu já tinha mi Operado dais
varis mais não foi a Operei para não ter
mais filho ti asegura que eu já mi a
seguri Olha minha filha foi
emternada 8 dia mais ja tar boa
vire

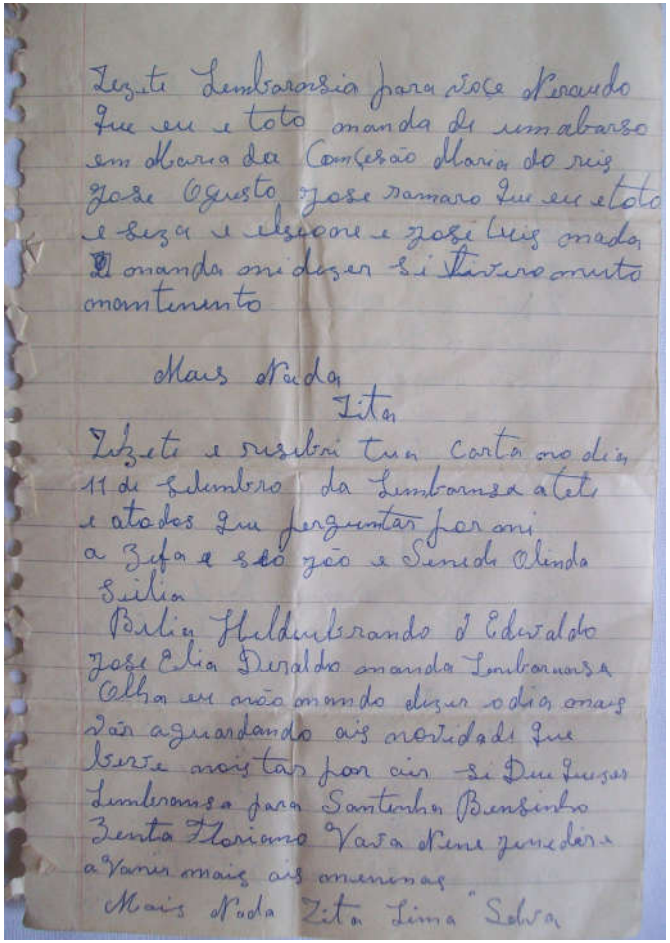
Carta 70

AJJS. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 135mm. Apresenta marcas de dobras. O papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso.

Campinas[336] 11 de Setembro de 1978|
Saudação|

Zezete|
O fim desta duai linha e so para dar| ais minha notisia e ão mesmo tempo| saber dais sua|
Zezete nois aqui estanos todos bem| garsa a Deus.|
Zezete manda me dizer como vai todios| air que eu escrivir par dimisio e não| teve reposta todo dia porcura e mao| tem manda mi dizer ais novidade| por air. Zezete voce teve novidade| e não mandou mi dizer| foi você e Neraudo que foi o| padrinho de cazamento de Zifirino| si foi manda mi dizer.|
Zezete voçe[337] mandou mi perguntar| si eu já tinha mi Operado dais| varis mais não foi a Operei para não ter| mais filho ti asegura que eu já mi a| seguri Olha minha filha foi| emternada 8 dia mais ja tar boa|
vire|

[336] Rasurado.
[337] Rasurado.
[338] Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]

Zezete Lembarnsia para voçe Neraudo| que eu e toto manda de um abarso| em Maria da Comçesão Maria do reis| Jose Ogusto Jose romaro que eu e toto| e Liza e elsione e Jose Luis mada| [.][339] manda mi dizer si tivero muto| mantinento|

Mais Nada|

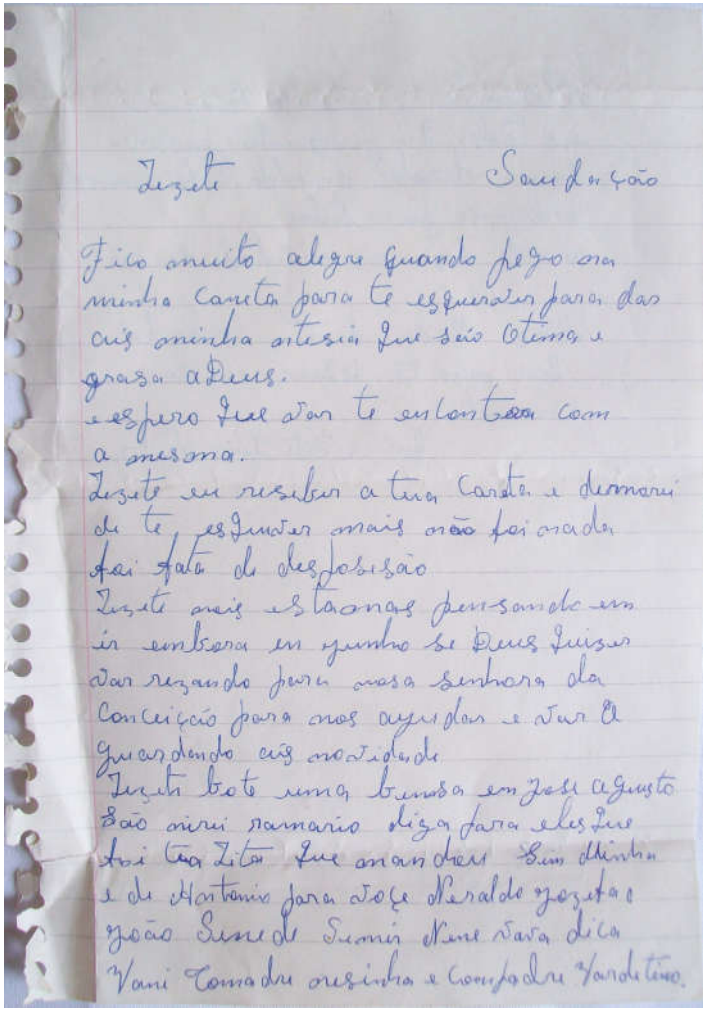
Zita|

Zezete e resebri tua carta no dia| 11 de setembro[340] da Lembarnsa a tete| e atodos que pergumtar por mi| a zefa e seo[341] jão e Senedi Olinda| Lilia|

Bilia Hildenbrando [.] [342] Edivaldo| Jose Elia Deraldo manda Lenbarnnsa| Olha eu não mando dizer o dia mas| vár aguardando ais novidadi que| berve nois tar por air si Deu quiser| Lembransa para Santinha Bensinho| [?]ento Floriano Vava Nene Jenedir e| a Vanir mais ais meninas.|

Mais Nada Zita Lima Selva[343]|

[339] Rasurado.
[340] A letra "t" não está cortada.
[341] Rasurado.
[342] Traço aleatório.
[343] Escrito na margem inferior.


Zezete Saudação

Fico muito alegre quando pego na
minha caneta para te esquerver para dar
ais minha ntisia que são Otima e
grasa a Deus.
e espero que var te encontra com
a mesma.
Zezete eu resebir a tua Carta e demorei
de te esquever mais não foi nada
foi falta de desposisão
Zezete nois estamos pensando em
ir embora en junho se Deus quizer
var rezando para nosa senhora da
Conceição para nos ayudar e var A
guardando ais novidade
Zezete bote uma bensa em Jose agusto
são nirei romario diga para eles que
foi tia Zita que mandou Sim Minha
e de Antonio para voçe Neraldo Jozefa e
João Sinede Semir Nene Vava dica
Vani Comadre nesinha e compadre Varditino.

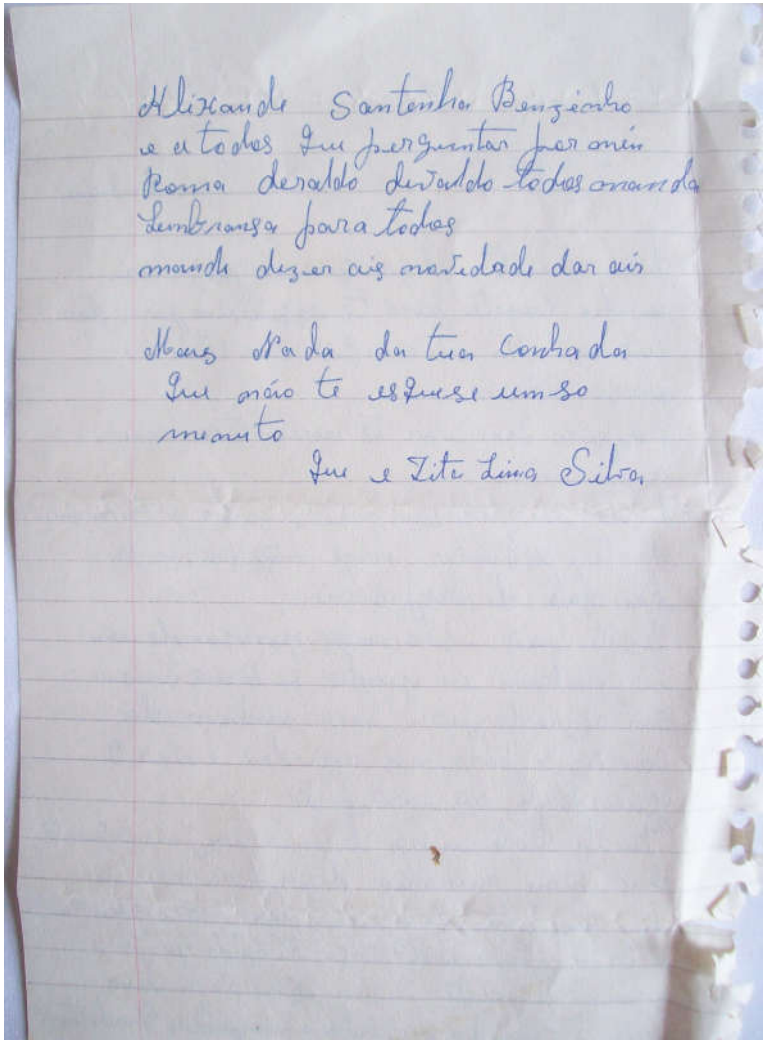
Carta 71

AJJS. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 205mm x 135mm.

Zezete Saudação|

Fico muito alegre quando pego na| minha caneta para te esquerver para dar| ais minha ntisia que são Otima e| grasa a Deus.|
e espero que var te encontra[344] com| a mesma.|
Zezete eu resebir[345] a tua carta e demorei| de te esquever mais não foi nada| foi falta de disposisão|
Zezete nois estamos pensando em| ir embora en junho se deus quizer| var rezando para nosa senhora da| Conceição para nos ajudar e var A| guardando ais novidade|
Zezete bote uma bensa em Jose agusto| são nirei romario diga para eles que| foi tia Zita que mandou sim Minha| e de Antonio para voçe Neraldo Jozefa e| João Sinede Semir Nene Vava dica| Vani Comadre nesinha e compadre Varditino.|[346]

[344] Rasurado.
[345] Não é clara a distinção entre "e" e "i" ao longo da carta.
[346] A última linha foi escrita na margem inferior.



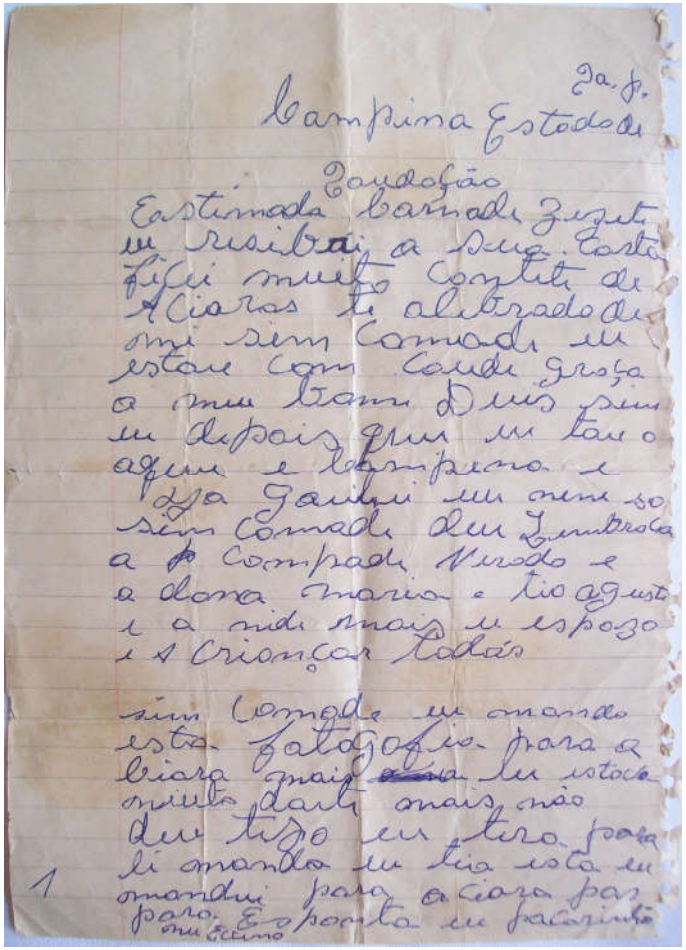
[fol. 1v]
Alixande Santenha Benzinho| e a todos que perguntar por min|
Roma deraldo devaldo todos manda| Lembransa para todos|
mande dizer ais novidade dar air|

Mais Nada da tua conhada|
que não te esquese um so|
minuto|
que e Zita Lima Silva|

REMETENTE N° 27

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Antonia Oliveira Lima.
Nome Completo: Antonia Oliveira Lima.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA. (01) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1960 (aproximadamente). **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 20 anos (aproximadamente).
Estado civil: casada.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades:
Observações:
(01) Mora em São Paulo.

Fontes: Depoimentos concedidos por Josefa Josina da Silva Pinto, no dia 23 de abril de 2011.



Carta 72

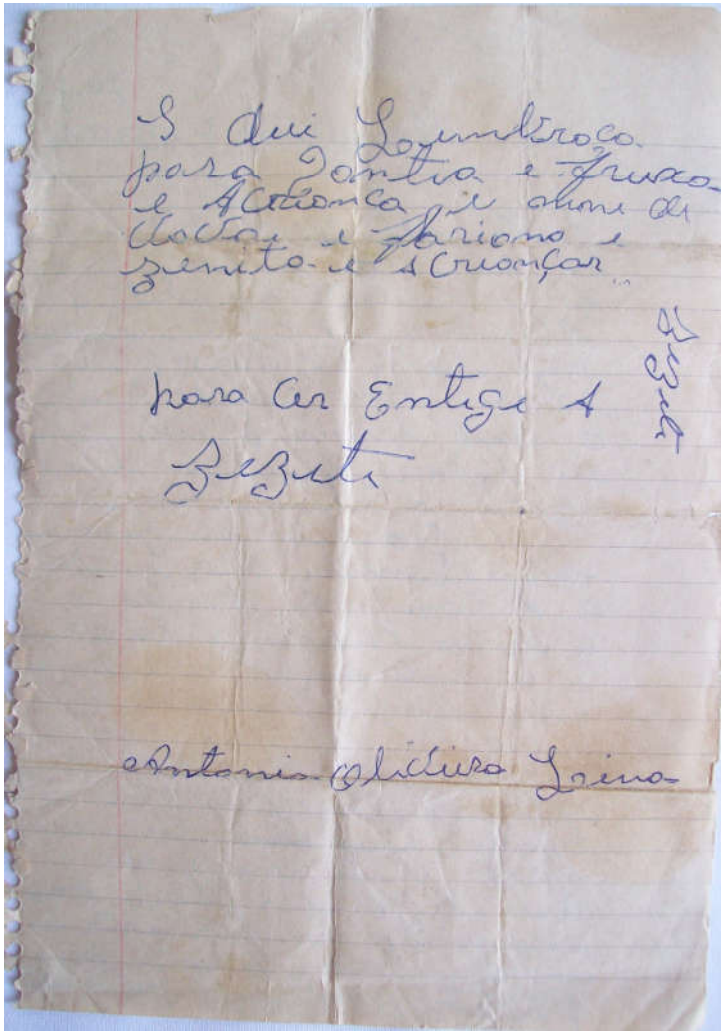
AJJS. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 203mm x 140mm. Apresenta marcas de dobras e manchas. O papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso. Há um rabisco no canto inferior esquerdo.

Campina Estado de <↑S*ão* p*aulo* >|

Saudação|
Estimada Comade[347] zezete| eu resib[.]i[348] a sua. carta| ficei muito contete de| A cioras te alebrado de| mi sim comade eu| estou com coude graça| a meu bom Deus sim| eu depois que eu tou o| aqui e Campina e| ja Ganhei uu nene so| sim comade deu Lembraca| a [.][349] compade Nerado e| a dona maria e tio agusti| e a nide mais u espozo| e A criançar todás|

sim Comade eu mando| esta fotogafia para a| ciora mais [.][350] eu estava| miuto doiti mais não| deu tepo eu tira para| li manda eu tia esta eu| mandei para a ciora pas| para Esponta u pacarinho| nu Evino[351]|

[347] Não é clara a distinção entre "e" e "i" ao longo da carta.
[348] Rasurado.
[349] Rasurado.
[350] Rasurado.
[351] As duas últimas linhas foram escritas na margem inferior.



[fol. 1v]
s deei Lembraça| para Sontia e fruxo-| e Aceionca e nene de| Vava e floriano e| zenita e A criançar|

para cer Entege A|
zezete|

Antonia Oliveira Lina|

<zezete>[352]|

[352] Escrito na margem direita, de cima para baixo.

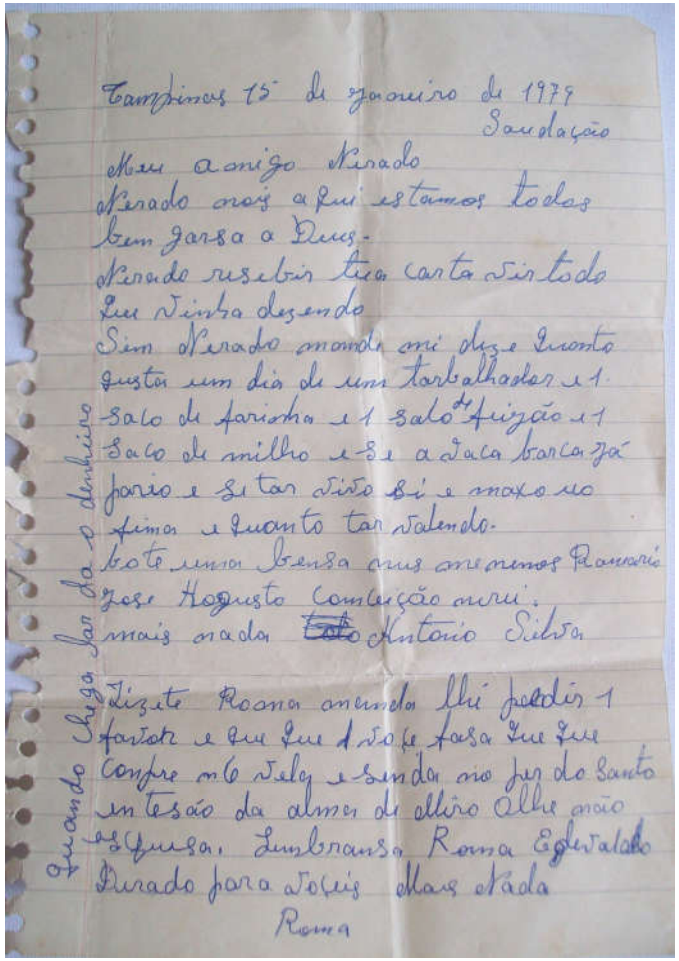
3.7 CARTAS PARA NERALDO LOPES PINTO

REMETENTE N° 28

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Roma.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Zona rural de Conceição do Coité, BA. (01) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil: casada com Antonio Silva. (02)
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades:
Observações:

(01) Quando escreveu a carta estava morando em Campinas.
(02) No meio da carta aparece a indicação de Antonio Silva como remetente, mas por fim aparece o nome de Roma. A letra é a mesma em toda extensão do documento.

Fontes: Depoimentos concedidos por Josefa Josina da Silva Pinto, no dia 23 de abril de 2011.


Campinas 15 de janeiro de 1979
Saudação
Meu amigo Nerado
Nerado nois aqui estamos todos
bem garsa a Deus.
Nerado resebir tua carta vir todo
que vinha dizendo
Sim Nerado mande mi dize quanto
qusta um dia de um tarbalhador e 1
saco de farinha e 1 saco de feijão e 1
saco de milho e se a vaca barca já
pario e se tar vivo si e maxo uo
fima e quanto tar valendo.
bote uma bensa nus meninos Romario
Jose Hogusto Comceição nevi.
mais nada Antonio Silva
Quando Chega lar da o denheiro
Zizete Roma manda lhi pedir 1
favor e que que [illegible] voçe fasa que que
conpre n 6 vela e senda no per do santo
in tesão da alma de Miro Olhe não
esquesa. Lembransa Roma Edevaldo
Derado para voçeis Mais Nada
Roma

Carta 73

AJJS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 203mm x 135mm. Apresenta marcas de dobras.

Campinas 15 de janeiro de 1979|
Saudação|
Meu amigo Nerado|
Nerado nois aqui estamos todos| bem garsa a Deus.|
Nerado resebir tua carta vir todo| que vinha dizendo|
Sim Nerado mande mi dize quanto| qusta um dia de um tarbalhador e 1| saco de farinha e 1 saco <↑de> feijão e 1| saco de milho e se a vaca barca já| pario e se tar vivo si e maxo uo| fima e quanto tar valendo.|
bote uma bensa nus meninos Romario| Jose Hogusto Comceição nevi.|
mais nada [.][353] Antonio Silva|

Zizete Roma manda lhi pedir 1| favor e que que [.][354] voçe fasa que que| conpre n 6 vela e senda no per do santo| in tesão da alma de Miro Olhe não| esquesa. Lembransa Roma Edevaldo[355]| Derado para voçeis Mais Nada|
Roma|

<quando chega lar da o denheiro[356]|>

[353] Rasurado.
[354] Rasurado.
[355] Rasurado.
[356] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.

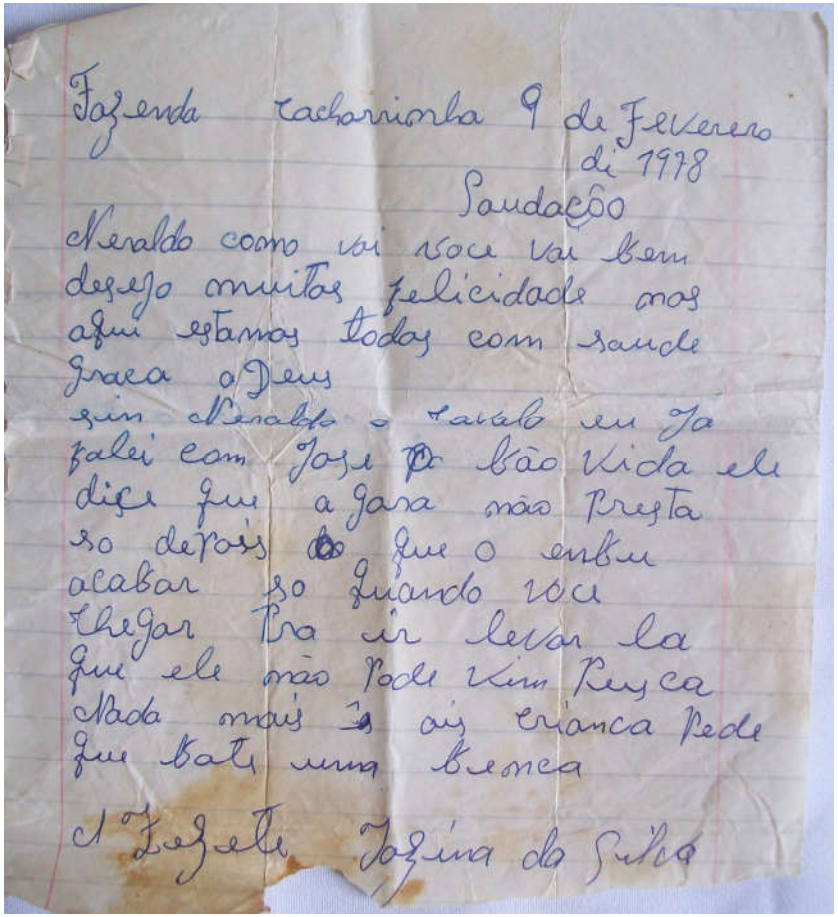
REMETENTE N° 29

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Zezete Josina da Silva.
Nome Completo: Josefa Josina da Silva Pinto.
Filiação: Agostinho Ambrósio da Silva e Maria Josina Santana da Silva.
Avós paternos/maternos: Josepha Maria da Silva
Naturalidade: Fazenda Cachorrinha, município de Conceição do Coité, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 13 de novembro de 1940. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 38 anos.
Estado civil: casada com Neraldo Lopes Pinto.
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: dona de casa. Lavradora.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por Josefa Josina da Silva Pinto, no dia 23 de abril de 2011.



11. Josefa Josina da Silva Pinto.


Fazenda Cachorrinha 9 de Feverero
di 1978
Saudação
Neraldo como vai voce vai bem
desejo muitas felicidade nos
aqui estamos todos com saude
graca a Deus
sim Neraldo o cavalo eu ja
falei com Jose [illegible] bão vida ele
diçe que a gora não presta
so depois [illegible] que o enbu
acabar so quando voce
chegar pra ir levar la
que ele não pode vim pusca
Nada mais [illegible] ais crianca pede
que bote uma benca
Zezete Jozina da Silva

Carta 74

AJJS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 168mm x 140mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, que não dificultam a leitura. Há um rasgo na parte inferior do papel.

Fazenda Cachorrinha 9 de Feverero|
di 1978|
Saudação|
Neraldo como vai voce vai bem| desejo muitas felicidade nos| aqui estamos todos com saude| graca a Deus|
sim Neraldo o cavalo eu ja| falei com Jose [.][357] bão vida ele| diçe que a gora não presta| so depois [.][358] que o enbu| acabar so quando voce| chegar pra ir levar la| que ele não pode vim pusca| Nada mais [.][359] ais crianca pede| que bote uma benca|

Zezete[360] Jozina da Silva|

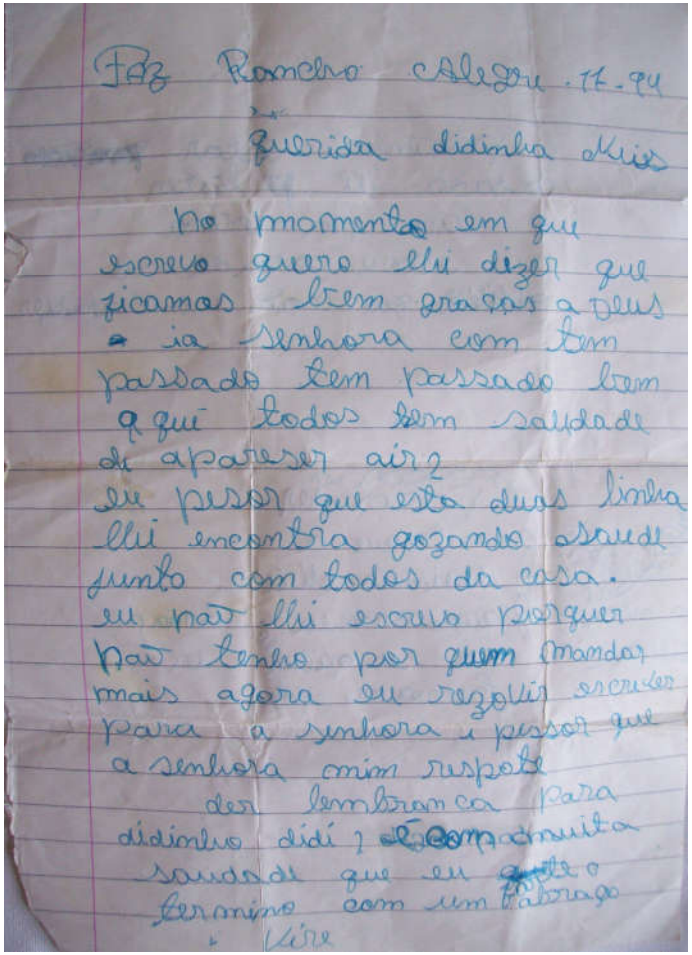
[357] Rasurado.
[358] Rasurado.
[359] Rasurado.
[360] Há traço aleatório antes da palavra.

3.8 CARTAS PARA MARIA INÊS OLIVEIRA COSTA

REMETENTE N° 30

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Luciana Matos.
Nome Completo: Luciana Matos da Silva.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Mamona, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1976 (aproximadamente). **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 20 anos (aproximadamente).
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes: Depoimento concedido por Selma, sobrinha de Maria Inês, no dia 02 de outubro de 2011.


Faz Rancho Alegre .17-94

querida didinha Neis

no momento em que escrevo quero lhi dizer que ficamos bem graças a Deus ia senhora com tem passado tem passado bem q qui todos tem saudade de apareser air2 eu pesor que esta duas linha lhi encontra gozando asaude junto com todos da casa. eu nãt lhi escrevo porquer nãt tenho por quem mandar mais agora eu rezolvir escrever para a senhora i pessor que a senhora mim respote der lembranca para didinho didi ? com muita saudade que eu termino com um abraço Vire

Carta 75

AMIOC. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 140mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas. Parte da mancha escrita do verso foi escrita com o papel dobrado, indicando remetente e destinatário, e apresenta ornamento: desenho de folhagem.

Faz*enda* Rancho Alegre .17-94|

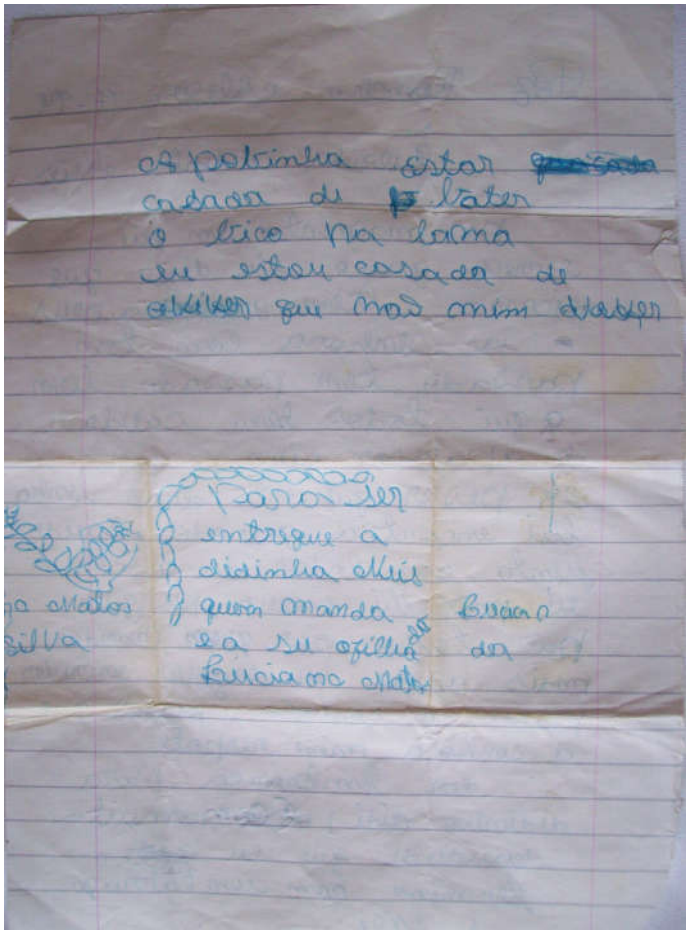
querida didinha Neis[361]|

no momento em que| escrevo quero lhi dizer que| ficamos bem graças a Deus|[.][362] ia senhora com tem| passado tem passado bem| a qui todos tem saudade| de apareser air[?]| eu pesor que esta duas linha| lhi encontra gozando saude| junto com todos da casa.| eu não lhi escrevo porquer| não tenho por quem[363] mandar| mais agora eu rezovir escrever| para a senhora e pessor que| a senhora mim respote|

der lembranca para| didinho didi [.][364] é com[365] muita| saudade que eu ~~que~~|termino com um <↑forte>abraço|

Vire|

[361] Rasurado.
[362] Rasurado.
[363] Rasurado.
[364] Rasurado.
[365] Rasurado.



[fol. 1v]

A pobinha Estar ~~quacada~~ |
casada[366] de ~~p~~ bater |
o bico na lama |
eu estou casada de |
viver[367] que não mim vever[368] |

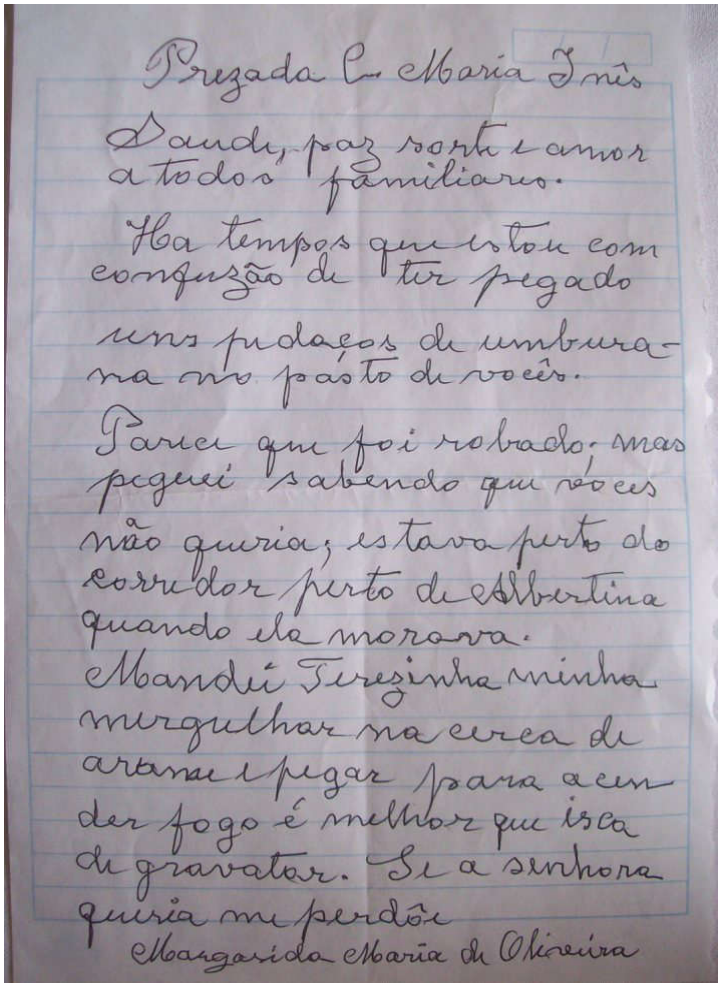
para ser |
entregue a |
didinha Neis |
quem manda | Luciana Matos |
e a su ofilha<↑da> | da Silva |[369]
Luciana Matos |

[366] Rasurado.
[367] Rasurado.
[368] Rasurado.
[369] Escrito com o papel dobrado, por isso as palavras continuam na extremidade oposta do fólio.

REMETENTE N° 31

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Margarida Maria de Oliveira.
Nome Completo: Margarida Maria de Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Jiboia, município de Conceição do Coité, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1920 (aproximadamente). **Data de falecimento:** (não identificada).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escoalridade: estudou até a quarta série.
Principais atividades:
Observações:

Fontes: Depoimento concedido por Selma, sobrinha da destinatária Maria Inês, em 02 de outubro de 2011.


Prezada Cma Maria Inês
Saude, paz sorte e amor
a todos familiares.
Ha tempos que estou com
confuzão de ter pegado
uns pedaços de umbura-
na no pasto de vocês.
Parece que foi robado, mas
peguei sabendo que vóces
não queria; estava perto do
corredor perto de Albertina
quando ela morava.
Mandei Terezinha minha
mergulhar na cerca de
arame e pegar para a cen
der fogo é melhor que isca
de gravatar. Se a senhora
queria me perdôe
Margarida Maria de Oliveira

Carta 76

AMIOC. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel pautado, de caderno, medindo 197mm x 135mm. O papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso.

Prezada C*omadre* Maria Inês|

Saude, paz sorte e amor|
a todos familiares.|

Ha tempos que estou com| confuzão de ter pegado|

uns pedaços de umbura-|na no pasto de vocês.|

Parece que foi robado; mas| peguei sabendo que voces|

não queria; estava perto do| corredor perto de Albertina| quando ela morava.|
Mandei Terezinha minha| mergulhar na cerca de| arame[370] e pegar para acen-|der fogo é melhor que isca| de gravatar. se a senhora| queria me perdôe|
Margarida Maria de Oliveira|

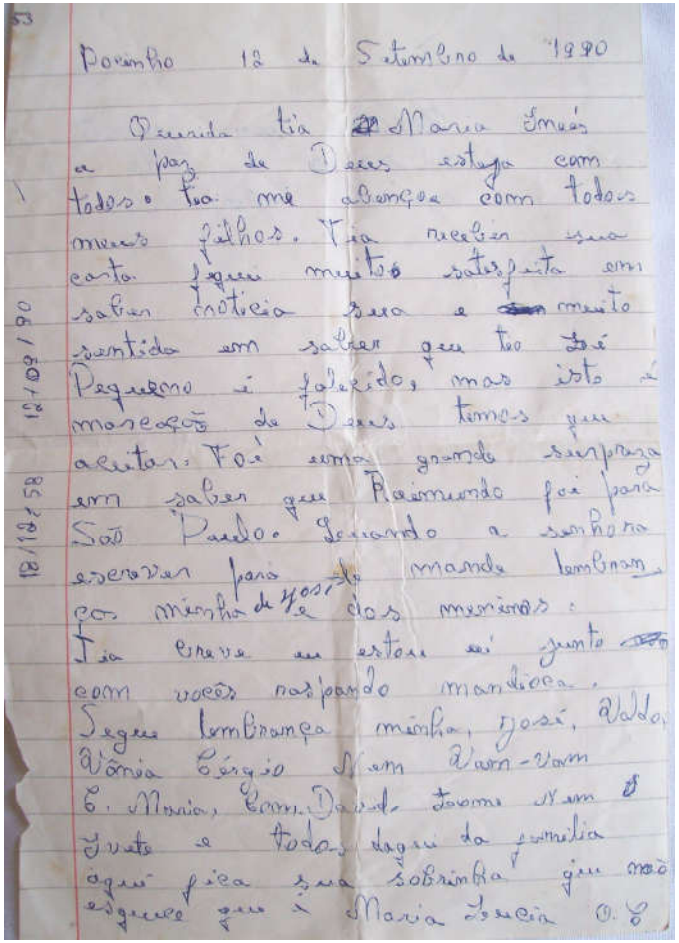
[370] Rasurado.

3.9 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS

REMETENTE N° 32

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Maria Lucia O. C. (01)
Nome Completo: Maria Lucia Oliveira Carneiro.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:** (viva)
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:
(01) Maria Lucia é sobrinha de Maria Inês, a destinatária.

Fontes: Depoimento concedido por Selma, sobrinha de Maria Inês, no dia 02 de outubro de 2011.



Carta 77

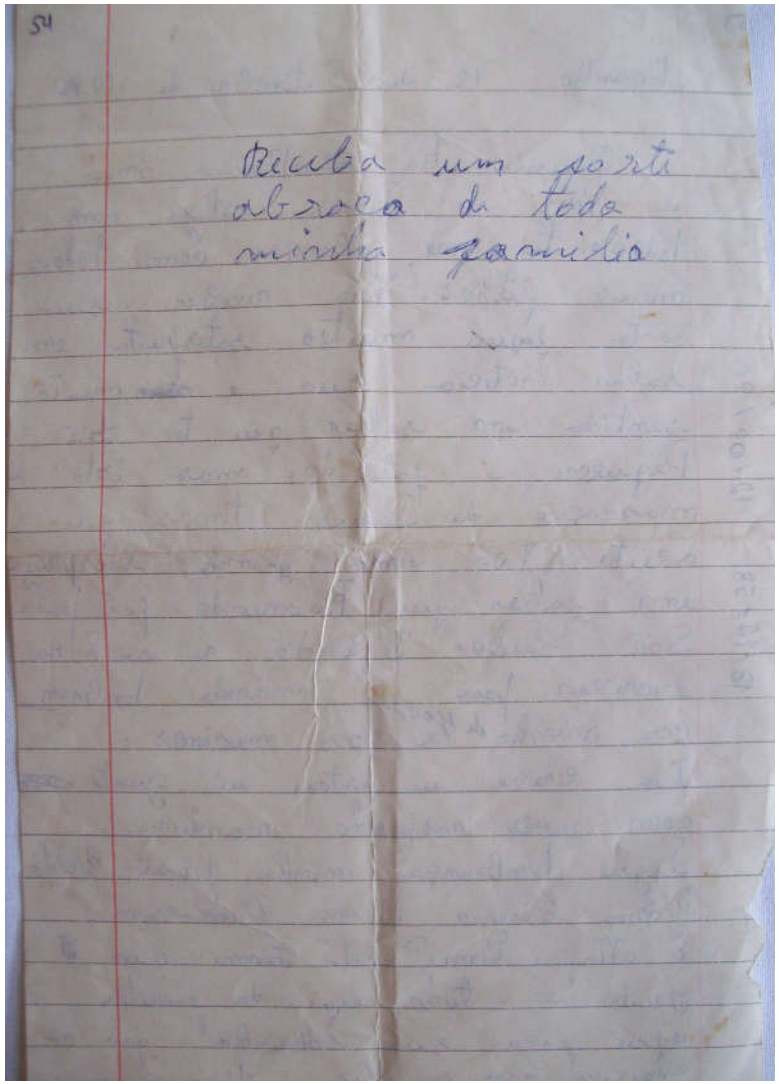
AMIOC. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 198mm x 132mm. A mancha escrita do verso ocupa apenas três linhas. Apresenta marcas de dobras e pequeno rasgo na margem esquerda. Há o número "53" na margem superior esquerda do recto e "54" na margem superior esquerda do verso.

Pocinho 12 de Setembro de 1990|

Querida tia ~~M~~ Maria Ineis| a paz de Deus esteja com| todos. tia me abençoe com todos| meus filhos. Tia recebir sua| carta fiquei muito~~s~~ satisfeita em| saber noticia sua e [.][371] muito| sentida em saber que tio Zé| Pequeno é falecido, mas isto é| marcação de Deus temos que| aceitar. Foi uma grande surpreza| em saber que Raimundo foi para| São Paulo. Quando a senhora| escrever para ele mande lembra<u>n</u>| ças minha <↑de josé> e dos meninos.|
Tia breve eu estou ai junto [.][372]| com vocês raspando mandioca.| Segue lembrança minha, José, Valdo,| Vânia Cérgio Nem Vam-Vam| C*omadre* Maria, Com*padre* David. Zome Nem [.][373]| Ivete e todos daqui da familia| aqui fica sua sobrinha que não| esquece que é <u>Maria Lucia O. C.[374]</u>|

<18/12/58 12/09/90|[375]>

[371] Rasurado.
[372] Rasurado.
[373] Rasurado.
[374] A última linha foi escrita na margem inferior.
[375] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.



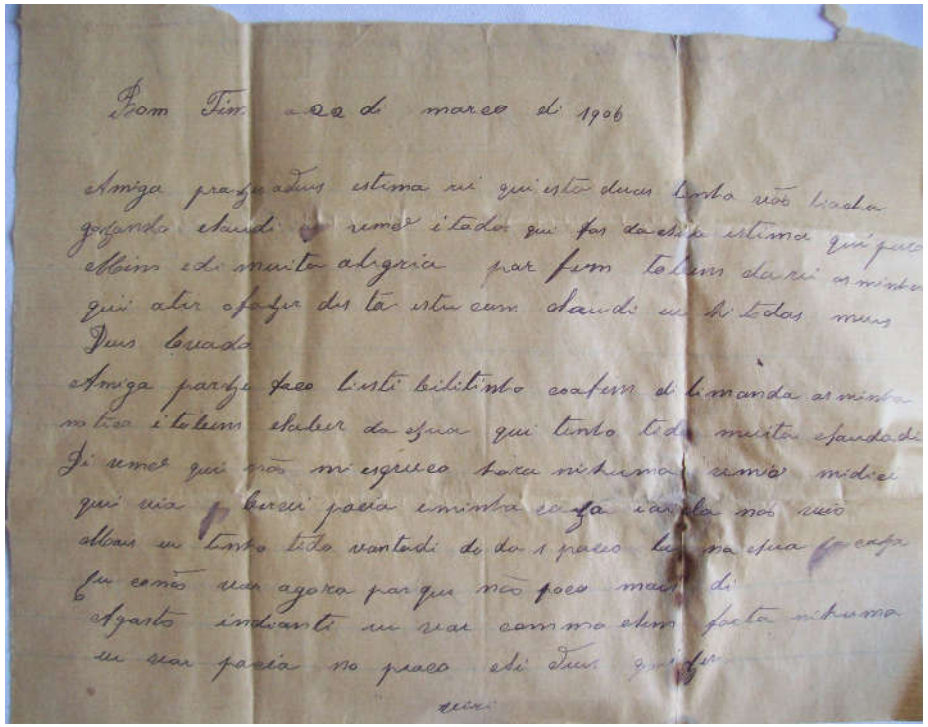
[fol. 1v]

Receba um forti|
abraço de toda|
minha familia|

REMETENTE N° 33

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Firmina Petornilha do Santo.
Nome Completo: Firmina Petornilha dos Santos.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: [Zona rural de Conceição do Coité]
Nacionalidade: Brasileira.
Data de nascimento: [século XIX]
Data de falecimento: (não identificada).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades:
Observações:

Fontes: Depoimento concedido por Josefa Josina da Silva Pinto, no dia 23 de abril de 2011.



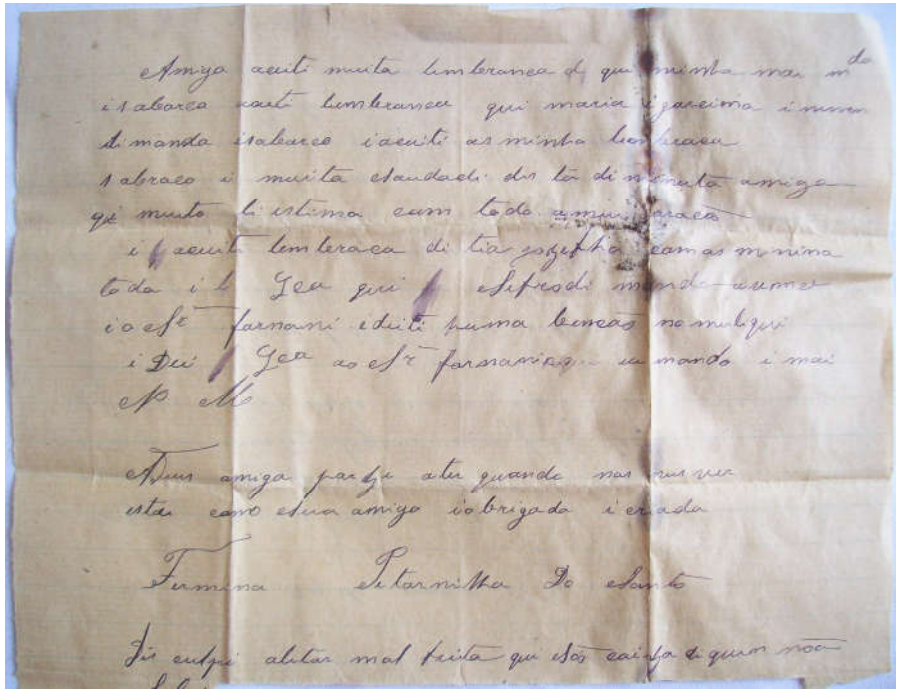
Carta 78

AJJS. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 155mm x 203mm. Apresenta rasgo na margem superior e manchas, causadas pelas dobras e pela tinta. A mancha escrita do verso é apresentada de forma invertida: inicia onde deveria ser a margem inferior.

Bom Fim a 22 di marco di 1906|

Amiga prazer adeus estima rei qui esta duas linha vão liacha| gozando saudi [.][376] v*os*m*ece* i todos qui fas da sua estima qui para| Mim e di muita alegria por fim tobem darei as minha| qui ater ofazer des ta estu cum Saudi eu hi todos meus| Deus lovado|
Amiga parze faco li esti bilitinho co ofim di li manda as minha| notica i tobem saber da sua qui tenho tido muita saudadi| Di v*os*m*ece* qui não mi esqueco hora nihuma v*os*m*ece* midici| qui via [.][377] bervi pacia e minha caza i aida[378] não veio| Mais eu tenho tido vontadi di da 1 paceo la na sua [.][379] caza| Eu co não vor agora porque não poco mais di|
Agosto indianti eu vor commo sem farta nihuma| eu vor pacia no peaco[380] si Deus quizer|
viri|

376 Rasurado.
377 Rasurado.
378 Dano no suporte.
379 Rasurado.
380 Leitura duvidosa.



[fol. 1v]

Amiga aceiti muita lembranca di qui minha mai m*an*da| i 1 abarco aceiti lembranca qui maria i garcina i nenen| li manda i1abarco i aceiti as minha lenbraca|
1 abraco i muita saudadi des ta di minuta amiga| qui muito li estima com todo o meu coracão[381] |

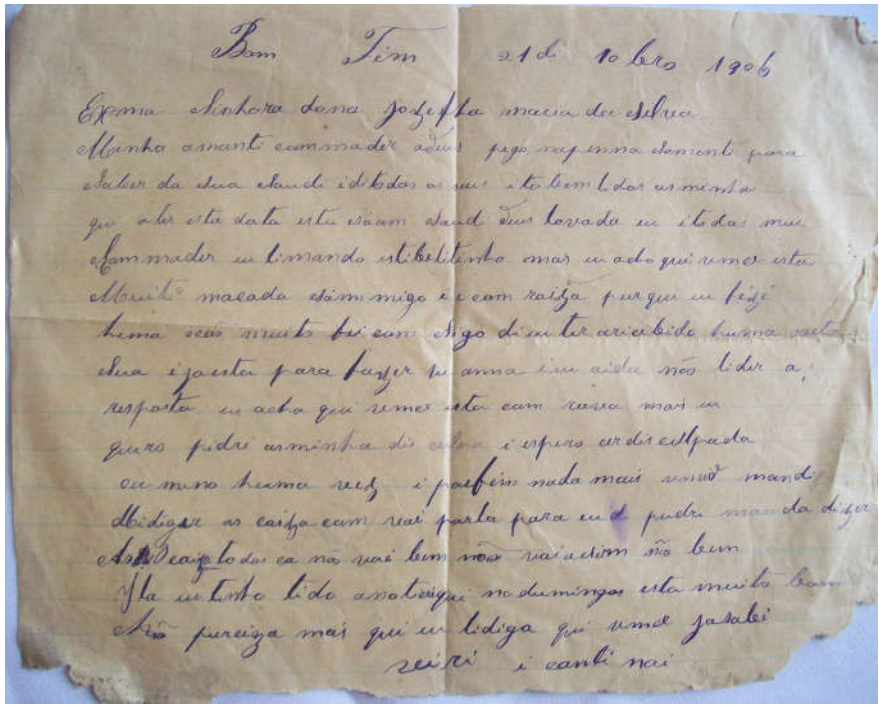
i [.][382] aceiti lembraca di tia jozefha com as minina| toda i li Gea qui [.][383] Sifrodi manda a v*os*m*e*ce| i o S*enho*r farnani i deiti huma bencão no muliqui| i Dei [.][384] Gea ao S*enho*r farnani[?] eu mando i mai|
N M|

Adeus amiga parze ater quando nos nus ver|
estou como sua amiga i obrigada i criada|

Firmina Petornilha Do Santo|

Dis culpi aletar mal feita qui são coiza di quen não|
Sabi[385] |

[381] Dano no suporte.
[382] Rasurado.
[383] Rasurado.
[384] Borrado.
[385] Dano no suporte.



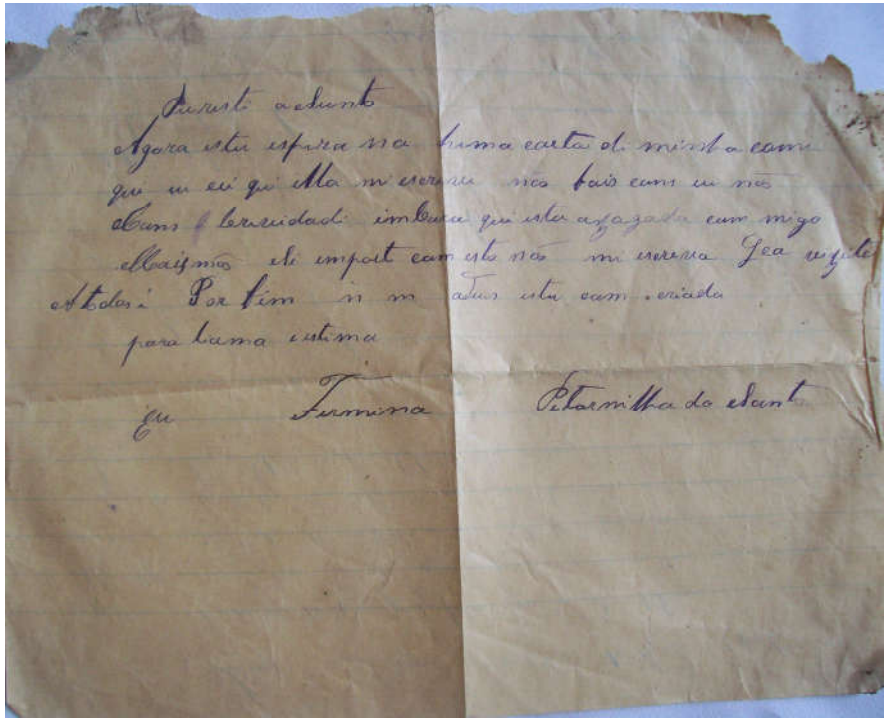
Carta 79

AJJS. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta, com pautas, medindo 155mm x 203mm. Há rasgos na margem inferior e marcas de dobras. A mancha escrita do verso é apresentada de forma invertida: inicia-se onde deveria ser a margem inferior.

Bom Fim 21 di *dezem*bro 1906[386]|

Ex*celentíssi*ma Sinhora dona jozepha maria da Silva|
Minha amanti commader adeus pego napenna somenti para| Saber da Sua Saudi i di todos os seus i tobem li dar as minha| qui ater esta data estu [?]am Saudi deus lovado iu i todos meu| Commader eu limando estibilitinho mas eu acho qui v*os*m*e*ce esta| Muito macada [?]m migo i e com raizã purqui eu fizi|huma acão muito fei com Sigo di eu ter aricibido huma carta| sua i ja esta para fazer 1u anno i eu aida não li der a| resposta eu acho qui v*os*m*e*ce esta com rava mais eu| quero pidri as minha dis culpa i espero cer dis culpada| ou meno huma vez i porfim nada mais v*os*m*e*ce mandi| Mi dizer[387] as coiza com vai porla para eu [.][388] pudri manda dizer| As [.][389] coiza todas ca não vai bem não vai asim não bem|
I la eu tenho tido anoticiaqui no dumingos esta muito bom| Não perciza mas qui eu li diga qui v*os*m*e*ce jasalei|
viri i conti noi|

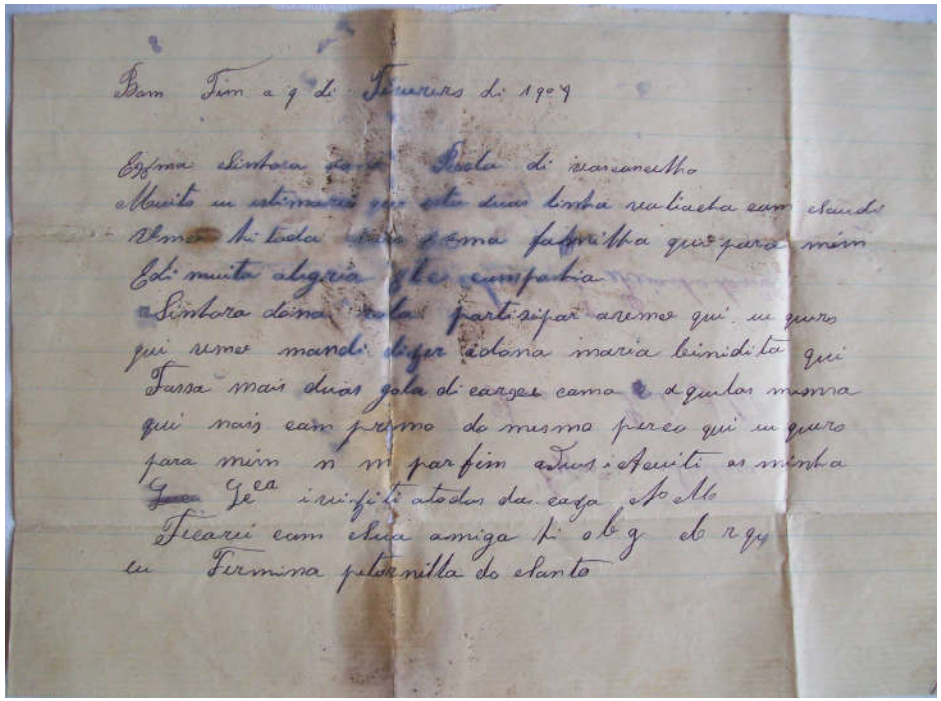
[386] Escrito na margem superior.
[387] Rasurado.
[388] Rasurado.
[389] Rasurado.



[fol. 1v]
Puristi aSunto|
Agora estu espera no huma carta di minha com*adre*|qui iu cei qui ella mi escrevi não faiz com eu não| Com [.][390] brevidadi imbora qui esta azagada com migo| Mais mão si importi com esto não mi escreva Gea vizite| A todos i Por fim n m adeus estu com*adre* criada|
para liama i estima|

Eu Firmina Petornilha do Santo|

[390] Rasurado.



Carta 80

AJJS. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta, com pautas, medindo 155mm x 203mm. Na parte central, o papel está desgastado e escurecido pela ação do tempo, além de apresentar marcas de dobras.

Bom Fim a 9 di Feverero di 1907|

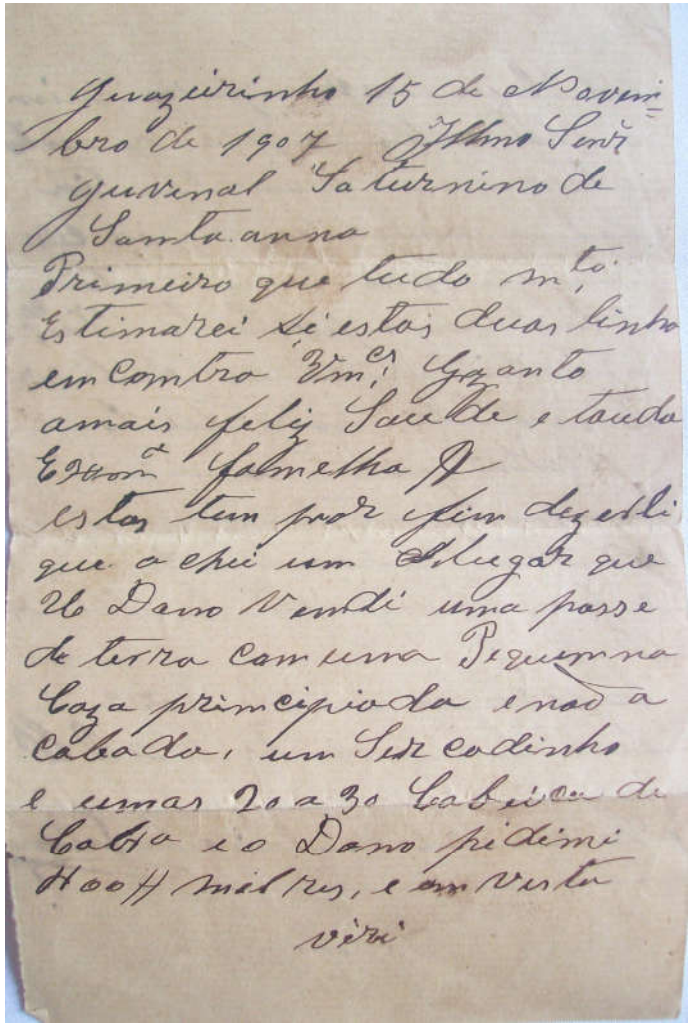
Ex*celentíssi*ma Sinhora dona Perola[391] di vasconcelho|
Muito eu estimarei que esta duas linha va liacha com saude| v*os*m*e*ce hi toda sua Ex*celentíssi*ma familha qui para mim| Edi muita alegria [.][392] cumpahia|
Sinhora dona [.][393] partisipar av*os*m*e*ce qui eu quero| qui v*os*m*e*ce mandi dizer a dona maria binidita qui| Fassa mais duas gola di corxe como [.][394] aquelas mesma| qui nois com premo[395] do mesmo perco qui eu quero| para mim n m por fim adeus i Aceiti as minha|
[.][396] [?] i viziti atodos da caza N M|
Ficarei com*adre* Sua amiga hi ob*rigadíssimo* [?]|
eu Firmina petornilla do Santo|

[391] Dano no suporte.
[392] Dano no suporte.
[393] Dano no suporte.
[394] Rasurado.
[395] Dano no suporte.
[396] Rasurado.

REMETENTE N° 34

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Antonio Marcellino de Lima.
Nome Completo: Antonio Marcellino de Lima.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: [Zona rural de Conceição do Coité, BA.] **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: [século XIX] **Data de falecimento:** (não identificada).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades: lavrador.
Observações:

Fontes: Depoimentos concedidos por Josefa Josina da Silva Pinto, no dia 23 de abril de 2011.



Carta 81

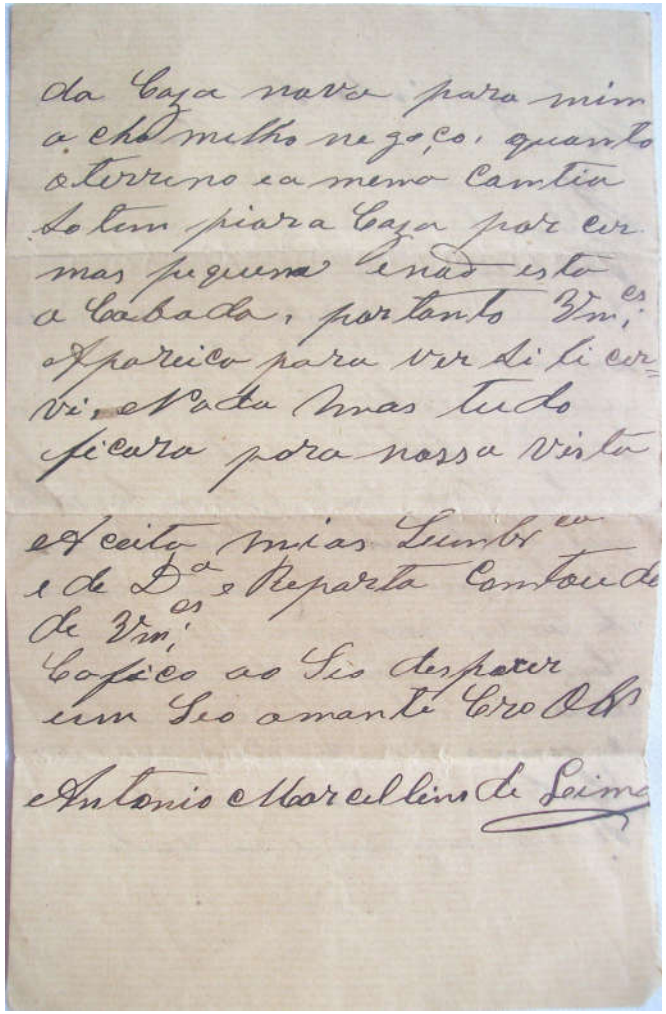
AJJS. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel pautado, medindo 170mm x 110mm. Apresenta marcas de dobras horizontais.

Juazeirinho 15 de Novem_|
bro de 1907| Ill*ustríssi*mo Sen*hor*|
Juvenal Saturnino de|
Santa anna|

Primeiro que tudo m*ui*to| Estimarei si estas duas linha| em contra V*os*m*e*ce Gozanto| amais feliz Saude e touda| Ex*celentíssi*ma famelha[397]| estas tem por fim dezerli| que a chei um [.][398]lugar que| U Dono vemdi uma posse| de terra com uma Pequenna| Caza primcipiada e não a| cabada, um Ser cadinho| e umas 20 a 30 cabeica de|Cabra e o Dono pidimi| [?] mil res, e em vista|

viri|

[397] Há rabisco após a palavra.
[398] Rasurado.



[fol. 1v]
da Caza nova para mim| acho milho negoço. quanto| o terreno e a mema camtia| so tem pior a Caza por cer| mas pequena enão esta| a Cabada, portanto V*os*m*ece* | Apareica para ver si li cer|vi. Nada mas tudo| ficara para nossa vista|

Aceita mias Lembr*an*ca| e de D*on*a e Reporta Comtou[399] de| de V*os*m*ece* |
Ca fico ao Seo despocer| um Seo amante Cr*iad*o Obr*igadíssimo*|

Antonio Marcellino de Lima|

[399] Leitura duvidosa.

REMETENTE N° 35

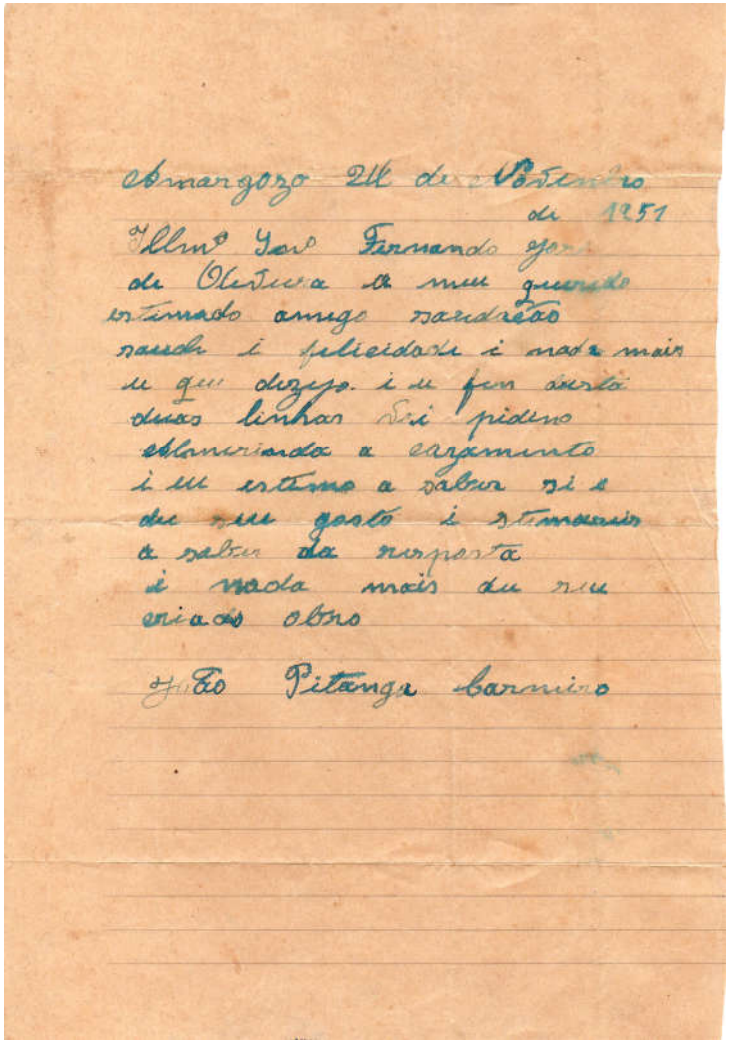
DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): João Pitanga Carneiro.
Nome Completo: João Carneiro de Oliveira.
Filiação: Demétrio Carneiro de Oliveira e Izabel Francisca de Oliveira.
Avós paternos/maternos: Antonio Pantaleão Carneiro da Silva e Joana.
Naturalidade: Fazenda Pau de Colher, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 04 de julho de 1929. **Data de falecimento:** 09 de agosto de 2013.
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 22 anos.
Estado civil: casado com Almerinda Maria de Oliveira (1).
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:

(1) Na carta, Sr. Pitanga pede Almerinda em casamento ao futuro sogro, Fernando José.

Fontes: Depoimentos concedidos por João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira nos dias 05 de setembro de 2010 e 30 de janeiro de 2011.



12. João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria de Oliveira



Carta 82

AJCO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 263mm x 185mm, escurecido e com pequenas manchas, pela ação do tempo. Apresenta marcas de dobras.

Amargozo 24 de Novenbro|
di 1951|
Ill*ustríssi*mo S*enhor*[400] Fernando Jose| de Oliveira o meu querido| estimado amigo saudacão| saudi i felicidadi i nada mais| u que dezejo. i u fin desta| duas linhas vai pidino| Almerinda a cazamento| i eu estimo a saber si e| du seu gosto i stimareis| a saber da resposta| i nada mais du seu| criado obr*igad*o|

João Pitanga Carneiro|

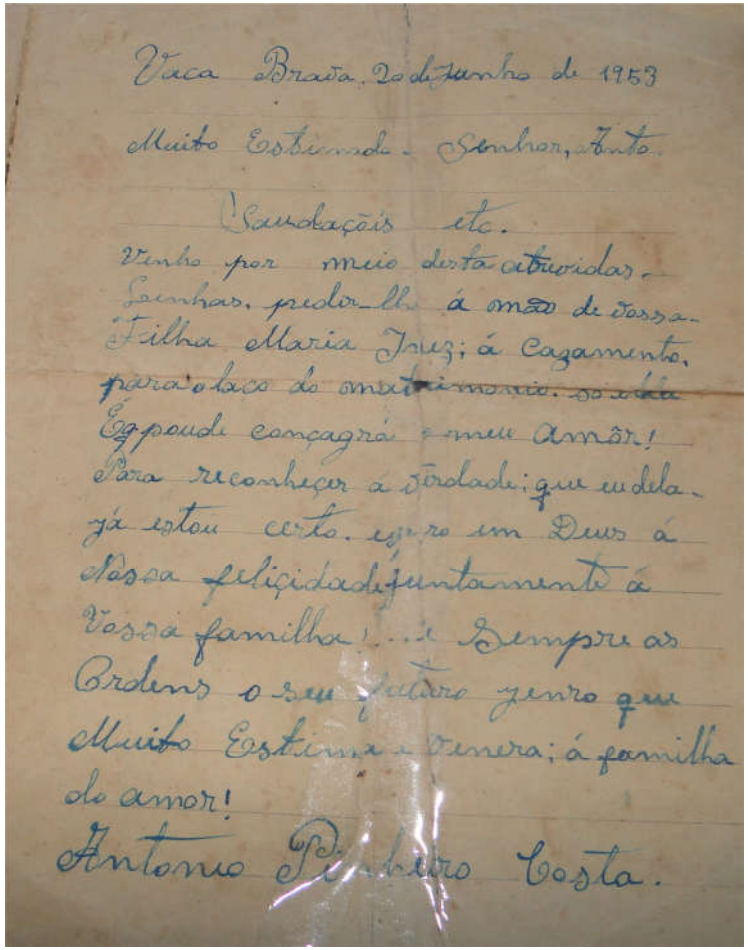
[400] Rasurado.

REMETENTE N° 36

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Antonio Pinheiro Costa.
Nome Completo: Antonio Pinheiro Costa.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Mamona, município de Riachão do Jacuípe, BA. (01) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1930 (aproximadamente). **Data de falecimento:** (não identificada).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 23 anos (aproximadamente).
Estado civil: casado com Maria Inês (02).
Escolaridade: estudou pouco em casa.
Principais atividades: lavrador.
Observações:

(01) Viveu na Fazenda Mamona, mas depois se mudou para a fazenda Cansanção, no município de Conceição do Coité, BA, onde faleceu.
(02) Na carta, ele pede Maria Inês em casamento.

Fontes: depoimento concedido por Selma, sobrinha de Maria Inês, no dia 02 de outubro de 2011.


Vaca Brava. 20 de junho de 1953

Muito Estimado - Senhor, Anto.

Saudaçõis etc.

Venho por meio desta atrevidas-
Linhas. pedir-lhi á mão de vossa-
Filha Maria Inez; á Cazamento.
para o laço do matrimonio. so ella
É q poude conçagrá o meu amôr!
Para reconheçer á verdade; que eu dela-
já estou certo. espero em Deus á
Nossa feliçidade juntamente á
Vossa familha!...e Sempre as
Ordens o seu futuro jenro que
Muito Estima e venera; á familha
do amor!

Antonio Pinheiro Costa.

Carta 83

AMIOC. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 263mm x 185mm, escurecido e com pequenas manchas, pela ação do tempo. Apresenta um furo ao centro, devido às dobras, e rasgos na parte inferior.

Vaca Brava. 20 de junho[401] de 1953|

Muito Estimado . Senhor, Ant*onio*|

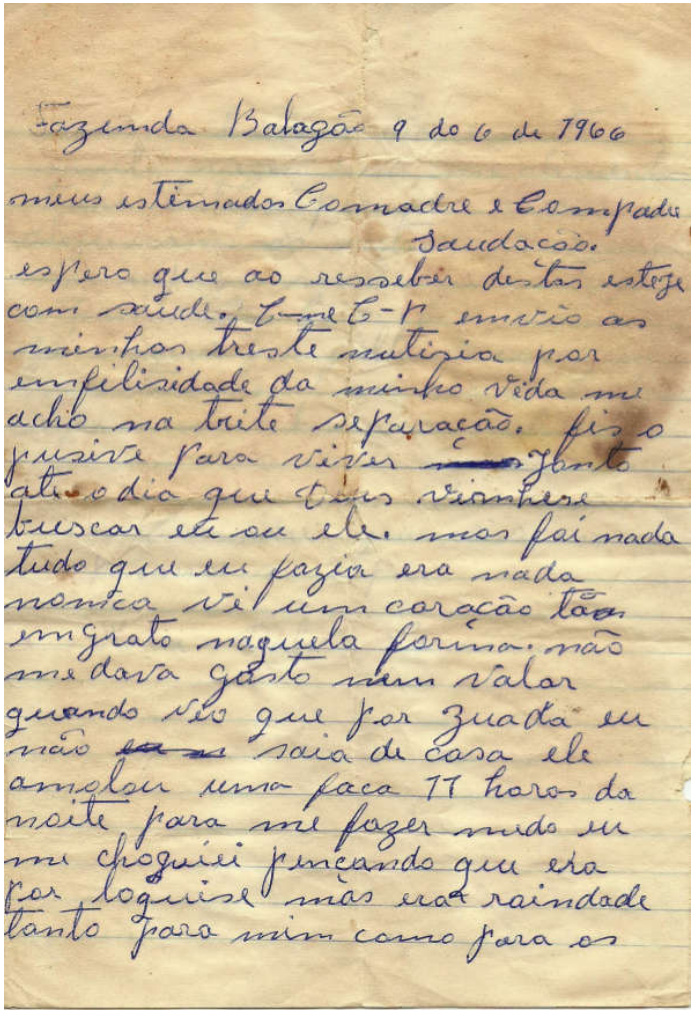
Saudaçõis etc.|
Venho por meio desta atrevidas.| Linhas. pedir-lhi á mão de vossa.| Filha Maria Inez: á cazamento.| para o laço do mat[.][402]imonio. so ella[403] É q*ue* poude conçagrá o meu amôr!| Para reconheçer á verdade: que eu dela-| já estou certo. espero[404] em Deus á| Nossa feliçidade juntamente á| Vossa familha!...e sempre as| Ordens o seu futuro jenro que| Muito Estima e venera: á familha| do amor!|

Antonio Pinheiro Costa.|

401 Rasurado.
402 Dano no suporte.
403 Rasurado.
404 Dano no suporte.

REMETENTE N° 37

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Maria Dalva Carneiro.
Nome Completo: Maria Dalva Carneiro.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Zona rural de Conceição do Coité, BA.
Nacionalidade: Brasileira.
Data de nascimento:
Data de falecimento: (não identificada).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:
Fontes: depoimento concedido por Maria Delvacy Cedraz.


Fazenda Balagão 9 do 6 de 1966
meus estimados Comadre e Compadre
saudação.
espero que ao resseber destas esteje
com saude. Comadre e Compadre emvio as
minhas treste nutisia por
imfilisidade da minha vida me
acho na trite separação. fis o
pusive para viver [illegible] jonto
ate o dia que Deus vimhese
buscar eu ou ele. mas foi nada
tudo que eu fazia era nada
nomca vi um coração tão
imgrato naquela forma. não
me dava gosto nem valor
quando vio que por zuada eu
não ~~eu~~ ~~n~~ saia de casa ele
amolou uma faca 11 horas da
noite para me fazer medo eu
me choquiei pençando que era
por loquise mas era roindade
tanto para mim como para os

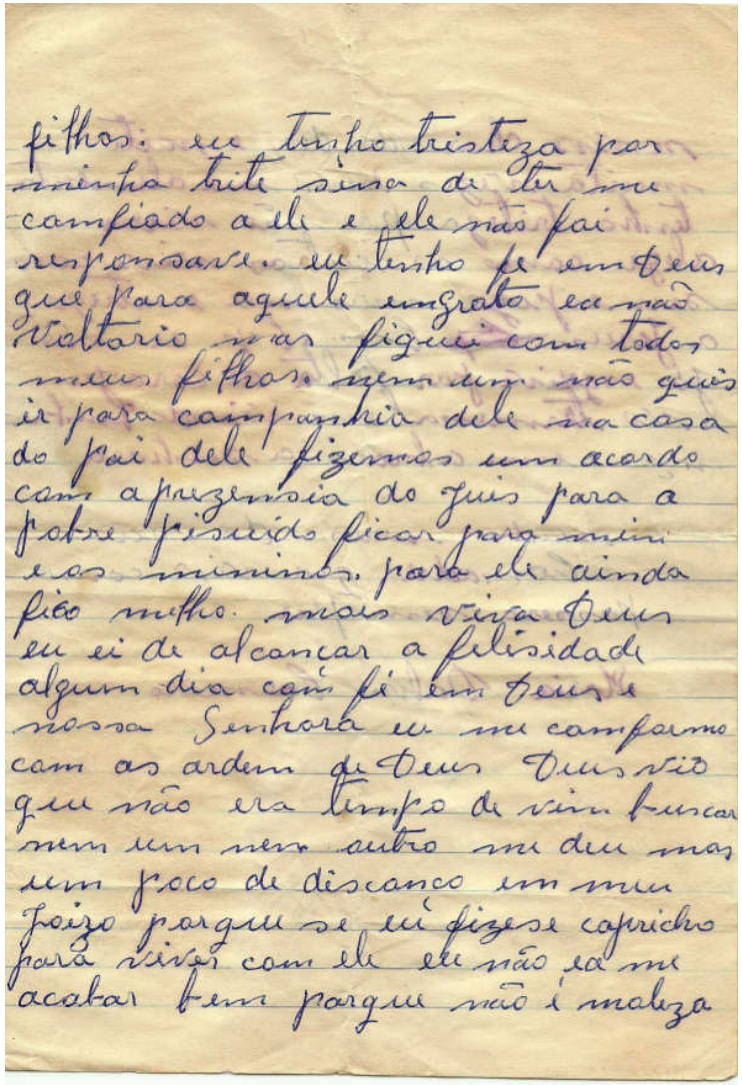
Carta 84

AMDC. Documento contendo dois fólios; apenas o segundo fólio é escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 210mm x 145mm, escurecido e com pequenas manchas, pela ação do tempo. Há uma mancha maior na parte superior direita, que não compromete a leitura. A mancha escrita do verso, do segundo fólio, é visível no recto e vice-versa.

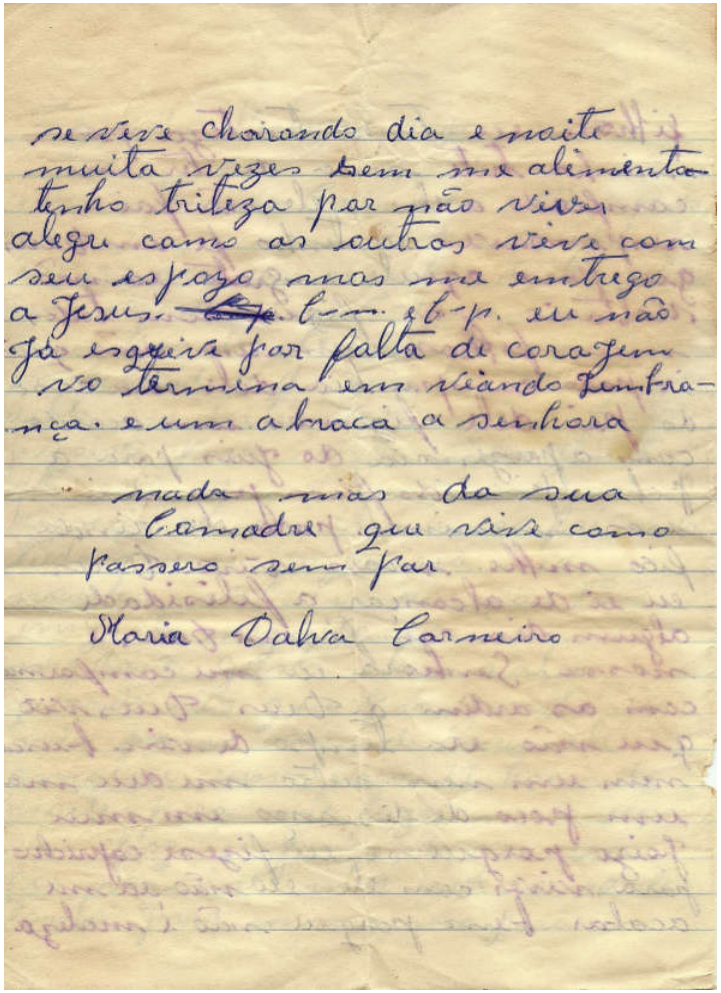
Fazemda Balagão 9 do 6 de 1966|

meus estimados Comadre e Compadre|
saudação.|
espero que ao resseber destas esteje| com saude. C*om**adr*e e C*ompadr*e emvio as| minhas treste nutisia por| imfilisidade da minha vida me| acho na trite separação. fis o| pusive para viver [.][405] jonto| ate o dia que Deus vimhese| buscar eu ou ele. mas foi nada| tudo que eu fazia era nada| nomca vi um coração tão| imgrato naquela forma. não| me dava gosto nem valor|quando vio que por zuada eu| não ~~eu~~ ~~n~~saia de casa ele| amolou uma faca 11 horas da| noite para me fazer medo eu| me choquiei pençando que era| por loquise mas era roindade| tanto para mim como para os|

[405] Rasurado.



[fol. 2r]
filhos. eu tenho tristeza por| minha trite sina de ter me| comfiado a ele e ele não foi| responsave. eu tenho fe em Deus| que para aquele emgrato eu não| voltario mas fiquei com todos| meus filhos. nem um não quis| ir para companhia dele na casa| do pai dele fizemos um acordo| com a prezencia do Juis para o| pobre pisuido ficar para mim| e os mininos. para ele ainda| fico melho. mais viva Deus| eu ei de alcançar a felisidade| algum dia com fé em Deus e| nossa Senhora eu me comformo| com as ordem de Deus Deus vio| que não era tempo de vim buscar| nem um nem outro me deu mas| um poco de discanço em meu| Joizo porque se eu fizese capricho| para viver com ele eu não ia me| acabar bem porque não é moleza|



[fol. 2v]
se veve chorando dia e noite| muita vezes sem[406] me alimenta-| tenho triteza por não viver| alegre como as outras vive com| seu espozo mas me emtrego| a Jesus. [.][407] Com*adre* e Co*mp*a*dre* eu não| já esqrivi[408] por falta de corajem| vo termina em viando Lembra-|nça. e um abraco a senhora|

nada mas da sua| Comadre que vive com o| passero sem par|

Maria Dalva Carneiro|

406 Rasurado.
407 Rasurado.
408 Rasurado.

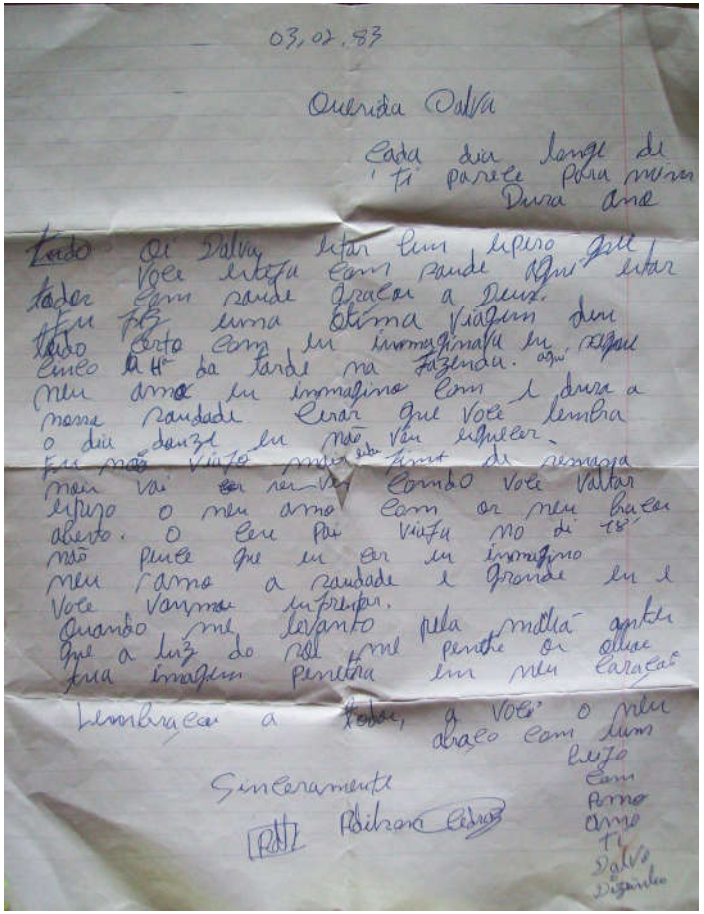
REMETENTE N° 38

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Adilson Cedraz.
Nome Completo: Raimundo Adilson Cedraz.
Filiação: José Cedraz Filho e Clarice Carneiro Cedraz.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Zona rural de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 17 de abril de 1961. **Data de falecimento:** (vivo).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 22 anos**.**
Estado civil: casado com Lucidalva Cordeiro Cedraz. (01)
Escolaridade: estudou até a 4ª série.
Principais atividades: lavrador.
Observações:
(01) As cartas correspondem ao período de namoro com Lucidalva, com quem se casou.

Fontes: depoimento concedido por Lucidalva Cordeiro Cedraz, em 22 de setembro de 2011.
Depoimento concedido por Raimundo Adilson, em 15 de fevereiro de 2018.



13. Raimundo Adilson Cedraz e Lucidalva Cordeiro Cedraz.



Carta 85

ALCC. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 275mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

03, 02, 83|

Querida Dalva|

Çada dia longe de|
ti parece para mim|
Dura ano|

~~Tudo~~ Oi Dalva estar bem espero que| voce esteja com saude aqui estar| todos com saude graças a Deus.|

Eu fiz uma otima viagem deu| tudo certo com eu inmaginava eu xeguei| cinco [.][409] H*o*ra da tarde na Fazenda. aqui|
meu amo[410] eu inmagino com e dura a| nossa saudade cerar que você lembra| o dia douze eu não vou esquecer.|
Eu não viajo mais <↑?> fim[.][411] de semana| nois vai [.][412] ser ver comdo voce voltar| espero o neu amo com or meu braços| aberto. O ceu pai viaja no di 18| não pence que eu cer eu inmagino| meu amo a saudade e grande eu e| voce vanmu enfrentar.|
Quando me levanto pela ma<↑n>hã antes| que a luz do sol me penetre[413] os olhos| tua imagem penetra em meu coração|
Lembraça a todos, a você o meu|
abraço com um|
beijo|

Sinceramente
Adilson Cedraz
[.][414]

com|
Amo|
amo|
Tí|
Dalva|
E|
Dezinho|

[409] Rasurado.
[410] Rasurado.
[411] Rasurado.
[412] Rasurado.
[413] Rasurado.
[414] Rasurado.



Para a jover|

Lucidalva[415] Cordeiro Cedraz|



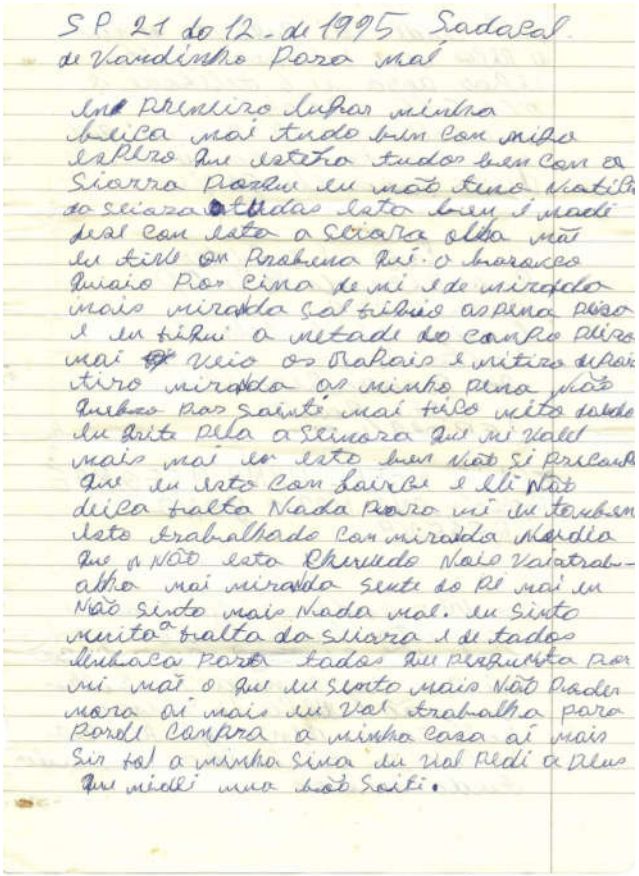
Raimundo Adilson Cedraz|

[415] Rasurado.

REMETENTE N° 39

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Vandinho.
Nome Completo: Pedro Vando Paulino de Oliveira.
Filiação: Antonio Paulino de Oliveira e Regina Maria de Jesus Oliveira.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Pedra Branca, município de Ichu, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 4 de junho de 1970. **Data de falecimento:** (vivo).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 25 anos.
Estado civil: solteiro.
Escolaridade: estudou até a 4ª série. (01)
Principais atividades: lavrador.
Observações:
(01) Anos após a escrita da carta, Pedro Vando continuou os estudos e concluiu o 2º ano do Ensino Médio.

Fontes: depoimentos concedidos por Helena de Oliveira, irmã de Pedro Vando, em 01 de outubro de 2011.



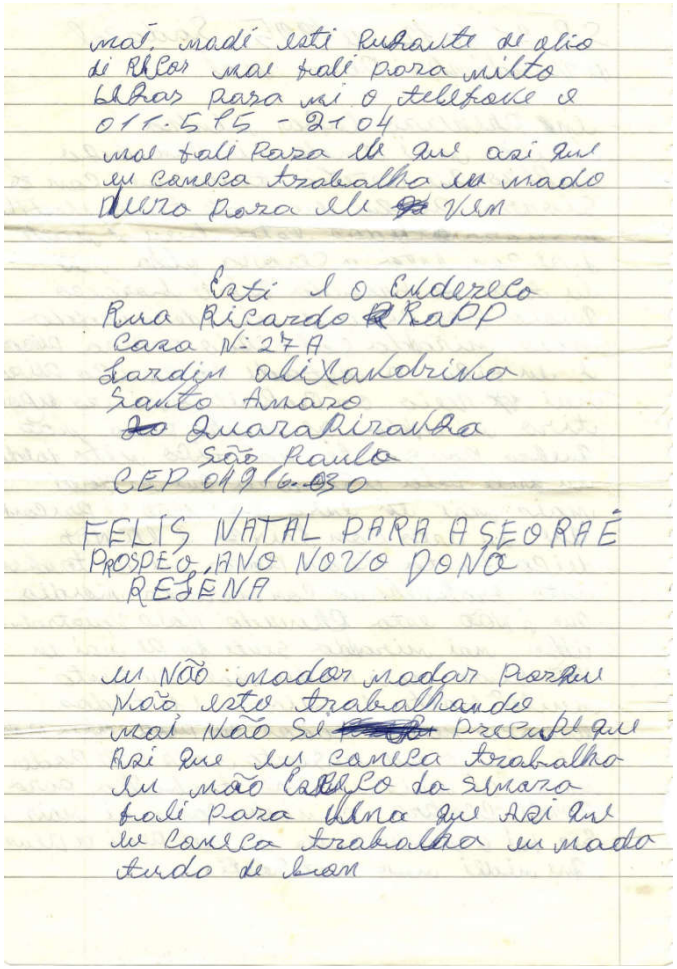
Carta 86

AMDC. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 267mm x 190mm.

S*ão* P*aulo* 21 do 12 - de 1995 Sadasol|
de Vandinho para mai[416]|

em[.][417] Premeiro lugar minha| beica mai tudo bem com migo| espero que esteha tudor bem com a| siorra porque eu não teno noticia| da Seiora [.][418] tudos[419] esta bem i madi| dese com esta a Seiora oliha[420] mãe| eu tive om probema qui o baracco| quiaio por cima de mi e de mirada| mais miranda Sol fiquio as pena peisa| e eu fiqui a metade do compo peiso| mai [.][421] veio os rapais e mitiro depois| tiro miranda as minho pena não| quebro por Soimte mai fico mito doedo| eu grite pela a Seinora que mi Valel| mais mai eu esto bem não si precoupe| que eu esto com [?] e eli Não| deixa falta Nada para mi eu tombem| esto trabalhado com miranda Nudia| que Não[422] esta chuvedo Nois vai atrab-|alha mai miranda sente do pe mai eu| Não sinto mais Nada mae. eu sinto| muita <↑a> falta da seiora e de todos| linbaca para[423] todos que pergunta por| mi mãe o que eu sinto mais Não poder| mora ai mais eu Vol trabalha para| porde compra a minha casa aí mais| Sir fol a minha Sina eu Vol pedi a Deus| que midei uma bõa Soiti.|

[416] Ao longo do documento o "n" é grafado igual ao "m".
[417] Rasurado.
[418] Rasurado.
[419] Rasurado.
[420] Rasurado.
[421] Rasurado.
[422] Há rabisco antes da palavra.
[423] Rasurado.


mai. madi esti Rubante de olio
di Rico mae fali para milto
Ligar para mi o telefone e
011.515 - 2104
mae fali Para ele que asi que
eu Comeca trabalha eu mado
diero Para ele ~~Ve~~ Ven

Esti e o Endereco
Rua Ricardo ~~R~~RaPP
Casa N: 27 A
Jardim alixandrina
Santo Amaro
~~Sa~~ Quarapiranga
São Paulo
CEP 049 16.030

FELIS NATAL PARA A SEORA É
PROPEO ANO NOVO DONA
REJENA

eu NÃO mador nadar porque
Não esto trabalhando
mai NÃO Si ~~Pre~~ Precupe que
Asi que eu Comeca trabalha
eu não Esceco da Senora
fali Para Lena que Asi que
eu Comeca trabalha eu mado
tudo de bom

[fol. 1v]
mai madi esti pugante de olio| di ricor mae fali para milto| Ligar para mi o telefone e| 011.515 - 2104|
mae fali para ele que asi que| eu comeca trabalha eu mado| diero para ele [.][424] vem|

Esti e o Endereco|
Rua Ricardo ~~R~~RaPP|
Casa Nº 27 A|
Jardim alixandrina|
Santo Amaro|
[.][425] Quarapiranga|
São Paulo|
CEP 049 16.030|

FELIS NATAL PARA A SEORA Ê|
PROPEO ANO NOVO DONA|
REJENA|

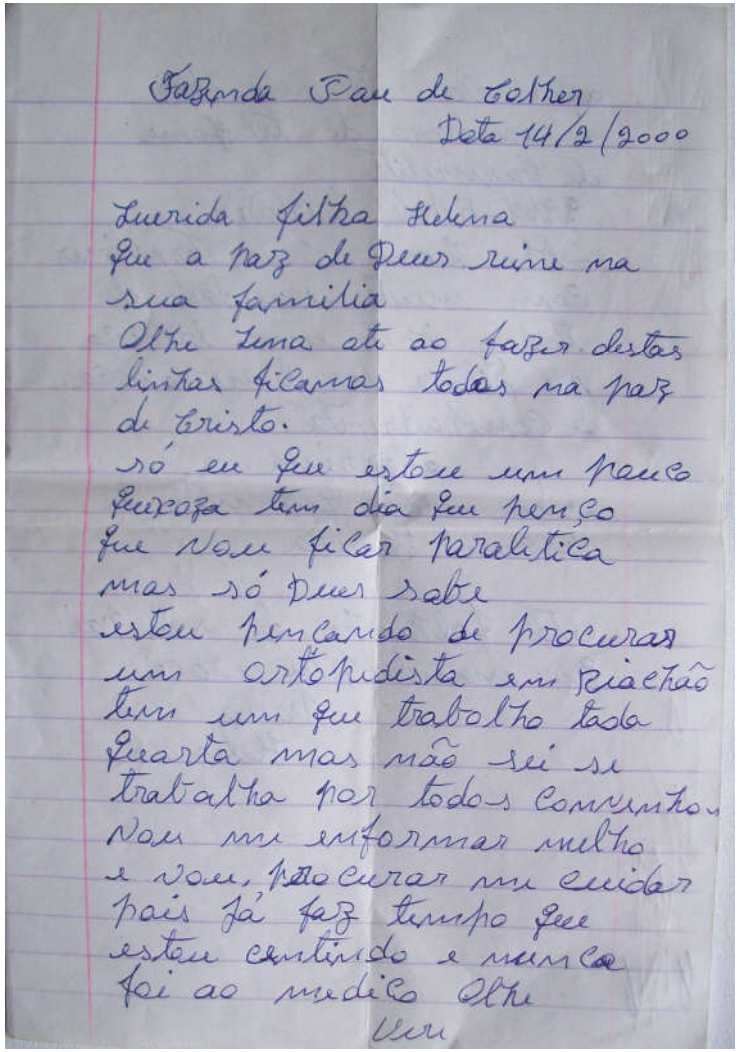
eu Não mador nadar porque|
Não esto trabalhando|
Mai Não si [.][426] precupe que|
Asi que eu comeca trabalha|
eu não Esceco da Senora|
fali para lena que Asi que|
eu comeca trabalha eu mado|
tudo de bom|

[424] Rasurado.
[425] Rasurado.
[426] Rasurado.

REMETENTE N° 40

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Izaura.
Nome Completo: Izaura Cedraz de Oliveira.
Filiação: Manuel José e Aída Cedraz.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Pau de Colher, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 06 de maio de 1948. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 52 anos.
Estado civil: casada com João, irmão de Almerinda.
Escolarização: estudou pouco em casa.
Principais atividades: dona de casa.
Observações:

Fontes: depoimento concedido por sua filha, Helena, no dia 30 de setembro de 2011.
Depoimento concedido por Izaura, no dia 30 de junho de 2016.


Fazenda Pau de Colher
Data 14/2/2000

Querida filha Helena
que a paz de Deus reine na
sua familia
Olhe Lena ate ao fazer destas
linhas ficamos todos na paz
de Cristo.
só eu que estou um pouco
quexoza tem dia que penço
que vou ficar paralitica
mas só Deus sabe
estou pencando de procurar
um ortopedista em Riachão
tem um que trabalha toda
quarta mas não sei se
trabalha por todos convenhos
vou me informar melho
e vou, procurar me cuidar
pois já faz tempo que
estou centindo e nunca
foi ao medico Olhe
Viri

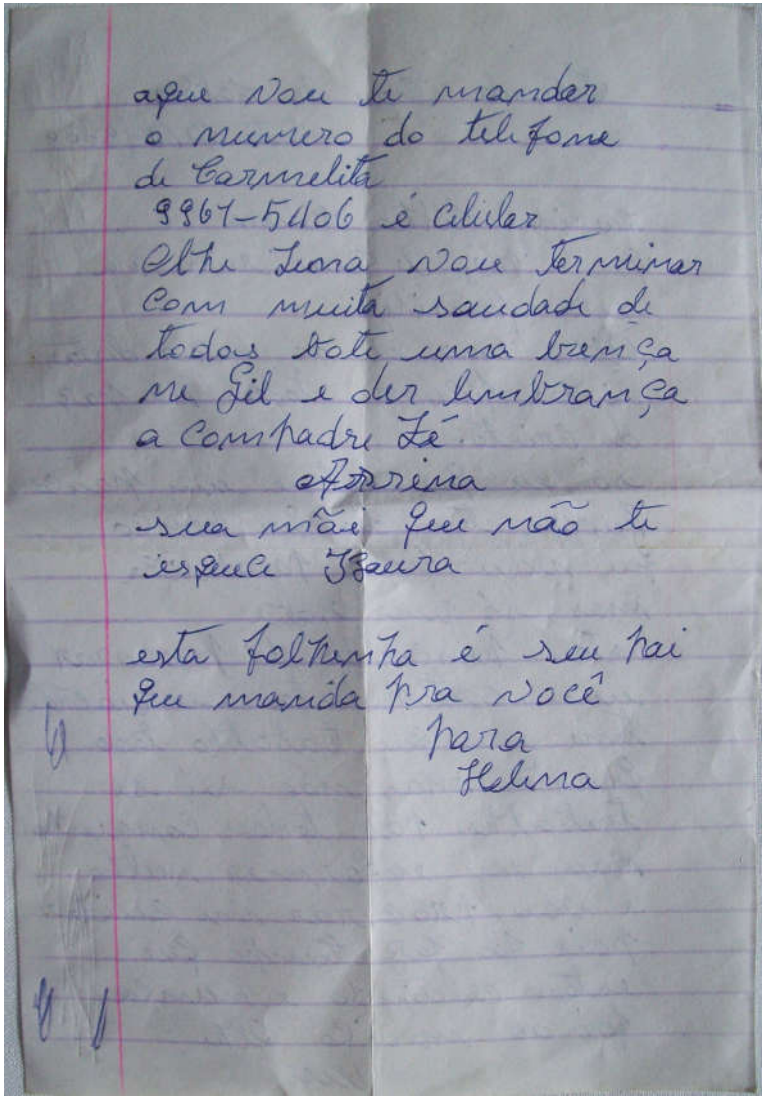
Carta 87

AHO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 205mm x 135mm. Há traços aleatórios na margem esquerda do verso.

Fazenda Pau de Colher|
Data 14/2/2000|

Querida filha Helena|
que a paz de Deus reine na| sua familia|
Olhe Lena ate ao fazer destas| linhas ficamos todos na paz| de Cristo.|
só eu que estou um pouco| quexoza tem dia que penço| que vou ficar paralitica| mas só Deus sabe| estou pençando de procurar| um ortopedista em Riachão| tem um que trabalha toda| quarta mas não sei se| trabalha por todos convenhos| vou me informar melho| e vou, procurar me cuidar| pois já faz tempo que| estou centindo e nunca| foi ao medico Olhe|

Viri|


aqui vou te mandar
o numero do telefone
de Carmelita
9961-5406 é celular
Olhe Lena vou terminar
com muita saudade de
todos bote uma bença
ne Gil e der lembrança
a compadre Zé.
Assina
sua mãi que não te
esquece Izaura

esta folhinha é seu pai
que manda pra você
para
Helena

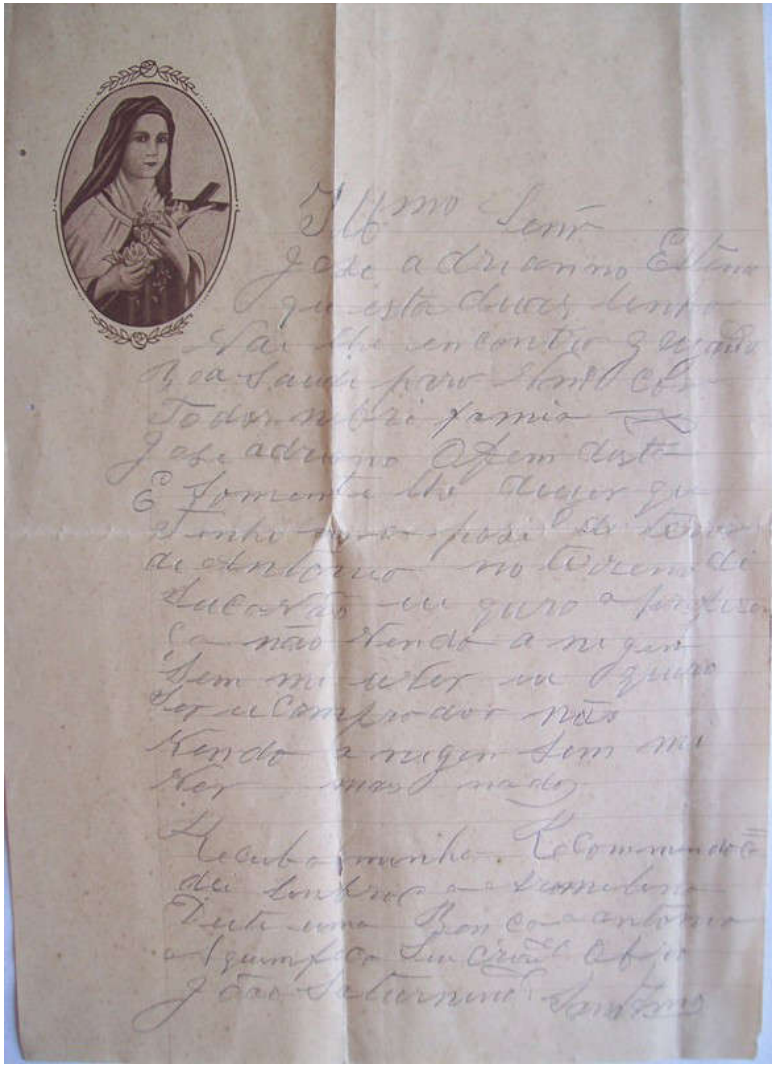
[fol. 1v]
aqui vou te mandar| o numero do telefone| de Carmelita| 9961-5406 é celular| Olhe Lena vou terminar| com muita saudade de| todos bote uma bença| Ne Gil e der lembrança| a compadre Zé|
Assina|
sua mãi que não te|
esquece Izaura|

esta folhinha é seu pai|
que manda pra você|
para|
Helena|

REMETENTE N° 41

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): João Saturnino Santa Anna.
Nome Completo: João Saturnino Santa Anna.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: [Zona rural de Conceição do Coité, BA.] **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: [século XIX] **Data de falecimento:** (não identificada).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes: depoimentos concedidos por Josefa Josina da Silva Pinto, no dia 23 de abril de 2011.



Carta 88

AJJS. Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, em papel pautado, medindo 242mm x 170mm. Há imagem religiosa (Santa Terezinha) no canto superior da margem esquerda.

Ill*ustríssi*mo Sen*hor*|
Jose adrianno Estimo| qu*e* esta duas linha| Vai lhi encontra gozando| Boa saudi para V*os*m*ec*ê com| Todos nobri famia[427]| Jose adriano Ofim desta| E somente lhi dizer que| Tenho uma posi de terra| de Antonio no terreno di| sucavão eu quro a preferen|ça não Venda a nigem| sem mi uver eu quero| Ser u comprador não| Venda a nigem sem mi| Ver mas nada|

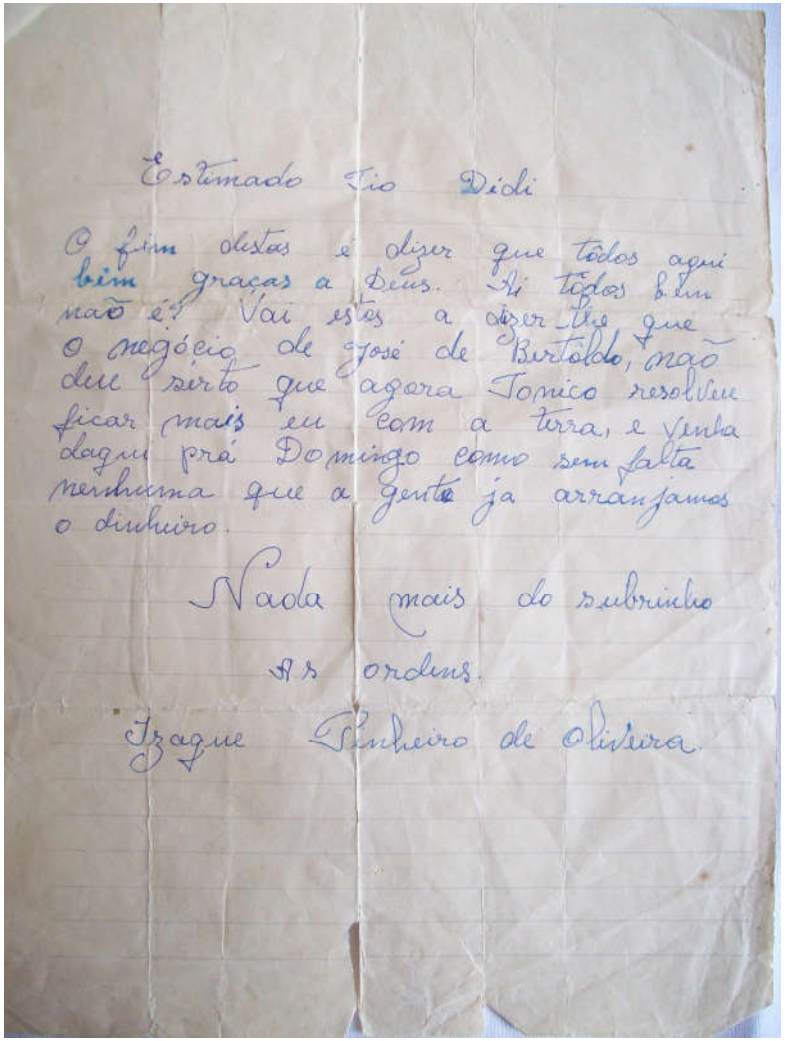
Receba minha Recommendaca| dei lenbraca Armelina| Deite uma Bença a antonio| A quimfica Seu cria*do* Obri*gadíssimo*|
João Saturnino SanAnna|

[427] Há traços aleatórios após a palavra.

REMETENTE N° 42

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Izaque Pinheiro de Oliveira.
Nome Completo: Izaque Pinheiro de Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Mamona, município de Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolarização:
Principais atividades: lavrador.
Observações:

Fontes: depoimento concedido por Selma, sobrinha de Maria Inês, no dia 02 de outubro de 2011.


Estimado Tio Didi

O fim destas é dizer que tôdos aqui bém graças a Deus. Ai tôdos bem não é? Vai estas a dizer-lhe que o negóçio de José de Bertôldo, não deu serto que agora Tonico resolveu ficar mais eu com a terra, e venha daqui prá Domingo como sem falta nenhuma que a gente já arranjamos o dinheiro.

Nada mais do subrinho

As ordens.

Izaque Pinheiro de Oliveira.

Carta 89

AMIOC. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 245mm x 192mm.. Apresenta marcas de dobras e pequenos rasgos na margem inferior.

Estimado Tio Didi|

O fim destas é dizer que tôdos aqui| bém graças a Deus. Ai tôdos bem| não é? Vai estas a dizer-lhe que| o negóçio de José de Bertôldo, não| deu serto que agora Tonico resolveu| ficar mais eu com a terra, e venha| daqui prá Domingo como sem falta| nenhuma que a gente [428] ja arrajamos| o dinheiro.|

Nada mais do subrinho|

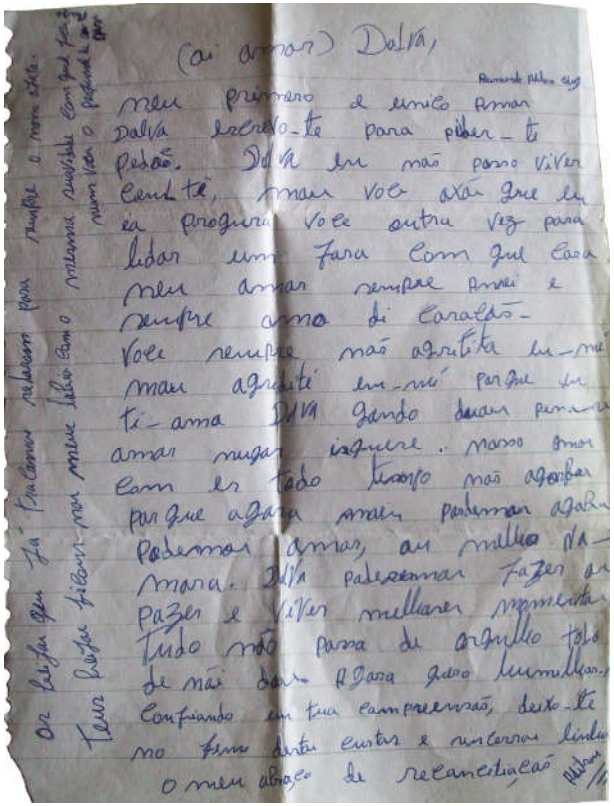
As ordens.|

Izaque Pinheiro de Oliveira.|

[428] Rasurado.

REMETENTE N° 38 (Cf. ficha do remetente nº 38)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Adilson Cedraz.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:
Fontes:



Carta 90

ALCC. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 275mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras.

(oi amor) Dalva,[429]|

Raimundo Adilson Cedraz|

Meu[430] primero e unico Amor| Dalva escrevo-te para pider-te[431]| pedão. Dalva eu não posso viver| cem ti, mais voce axá que eu| ia progura voce outra vez para| lidar um fora com que cara| Meu amor sempre Amei e| sempre amo di coracão.|

Voce sempre não agritita em-mi| mais agrediti em-mi porque eu| Ti – amo Dalva gando duas pesoa se| amar nugar isquese. nosso amor| com er todo tempo[432] não agarbor| por que agora mois[433] pordemos agaba| podemos amar, ou melho Na-|mora. Dalva podesemos[434] fazer as| pazer e viver melhores momentos| Tudo não passa de orgulho tolo| de nói dois. Agora quero humilhar-[?]| confiando em tua compreensão, deixo-te| no fim destas curtas e sincerras linha| o meu abraço de reconciliação Adilson[435]|

<or beijos que já trocamos selaram para sempre o nosso afeto.|
Teus beijos ficam nos meus lábio com o mesma suavidade com que fica|
num vo[.][436] o perfume de [?]|>[437]

[429] Escrito na margem superior.
[430] A letra "m" maiúscula é escrita de forma semelhante ao "n".
[431] Rasurado.
[432] Rasurado.
[433] Rasurado.
[434] Rasurado.
[435] A última linha foi escrita na margem inferior.
[436] Rasurado.
[437] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.

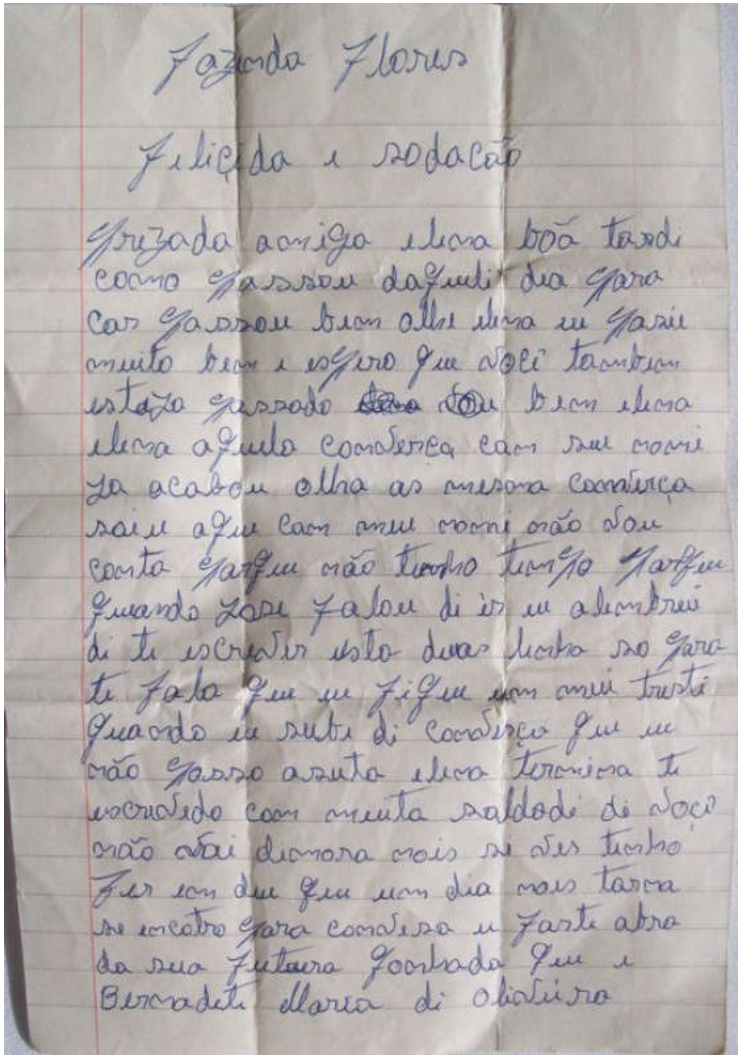
REMETENTE N° 43

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Bernadete Maria di Oliveira.
Nome Completo: Bernadete Maria de Oliveira.
Filiação: Izaque André de Oliveira e Maria Izabel de Oliveira.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Fazenda Flores, município de Conceição do Coité, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 29 de janeiro de 1972. **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta): 18 anos (aproximadamente).
Estado civil: casada com Rosenildo Carneiro de Oliveira.
Escolaridade: estudou até a 4ª série.
Principais atividades: dona de casa, lavradora.
Observações:

Fontes: depoimento concedido por Bernadete Maria de Oliveira em 30 de setembro de 2011.



14. Bernadete Maria de Oliveira.



Carta 91

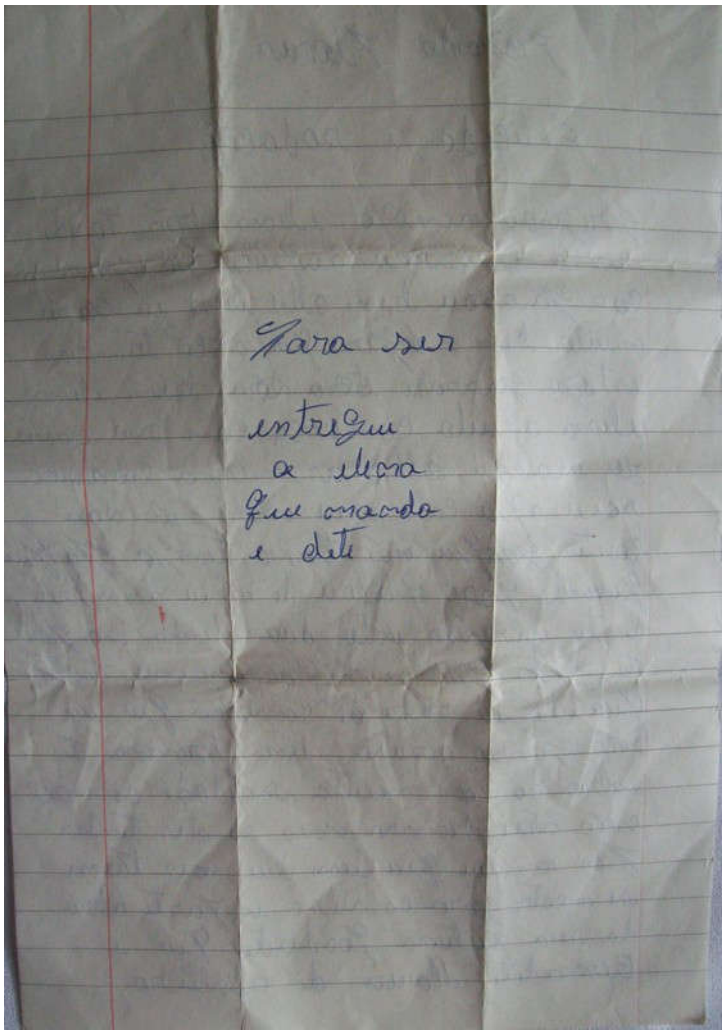
AHO. Documento contendo um fólio. No verso, a mancha escrita é centralizada, ocupando cinco linhas. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 205mm x 135mm. Apresenta marcas de dobras.

fazenda flores|

feliçida e sodacão|

prezada amiga elena boã tarde| como passou daqueli dia para| car passou bem olhe elena eu pasei| muito bem e espero que você tambem| esteja passado ~~Elena~~ ~~vou~~ bem elena|elena aquela converça com seu nomi| ja acabou olha as mesma converça| saiu aqui com meu nomi não vou| conta porque não tenho[438] tempo porque| quando jose falou de ir eu alembrei| di te escrever esta duas linha so para| te fala que eu fique um mui tristi| quando eu subi di converça que eu| não posso aseita elena termina te| escrevedo com muita saldadi di voçê| não vai demora nois si ver tenho| fer em deu que um dia nois torna| se encotra para convesa u forte abra| da sua futura qonhada que e|
Bernadete Maria di Oliveira|

[438] Rasurado.



[fol. 1v]

para ser|

entregue|
a elena|
que manda|
e dete|

PARTE II

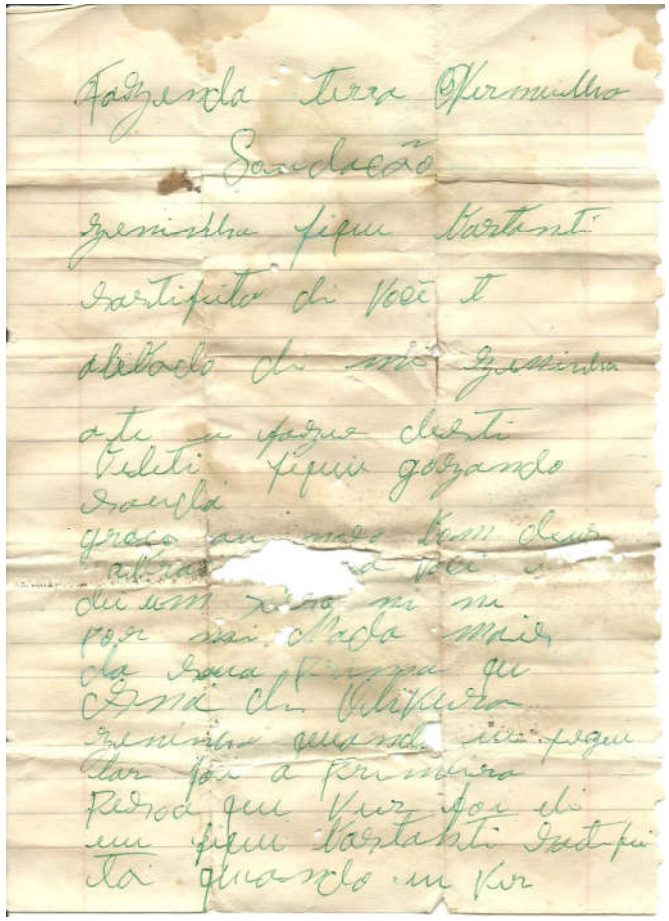
3.10 CARTAS PARA ZENILTA BISPO DE OLIVEIRA

REMETENTE N° 44

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Ana de Oliveira.
Nome Completo: Ana de Oliveira. (1)
Filiação: Izabel e Agostinho.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. (2) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:** (viva)
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil: casada com Manoel Bispo dos Santos.
Escolaridade: estudou pouco. (3)
Principais atividades:
Observações:

(1) Prima e cunhada de Zenilta Bispo Oliveira.
(2) Atualmente mora em Junco, BA.
(3) Estudou pouco com uma professora (Margarida) na Faz. Jibóia, município de Riachão do Jacuípe

Fontes: depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.



Carta 92

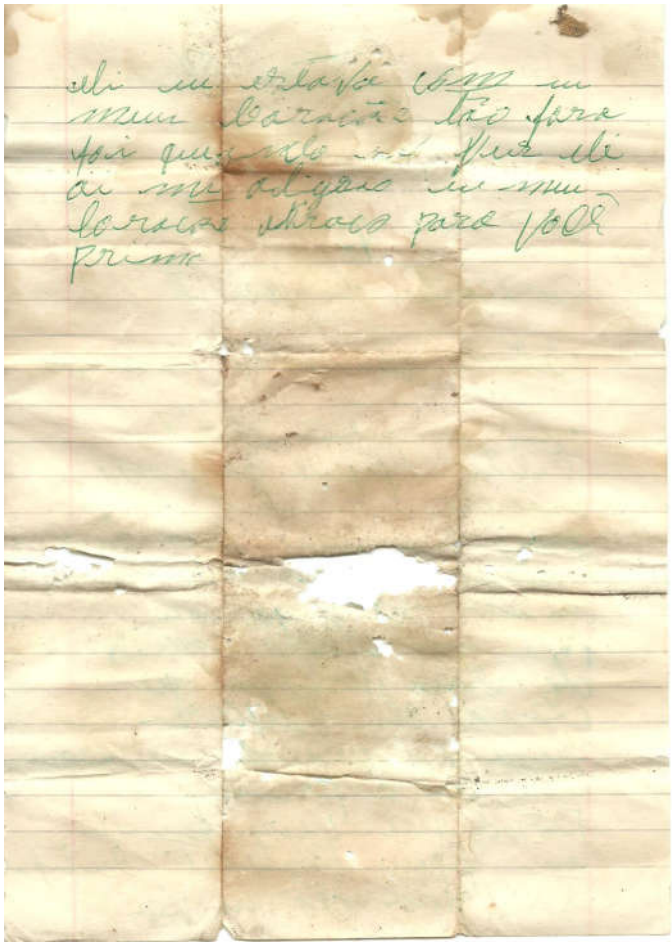
AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, manchas, pequenos furos e um rasgo maior na parte central, que impede a leitura de parte de três linhas da mancha escrita do recto.

Fazenda terra Vermeilha|

Saudacão[439]|

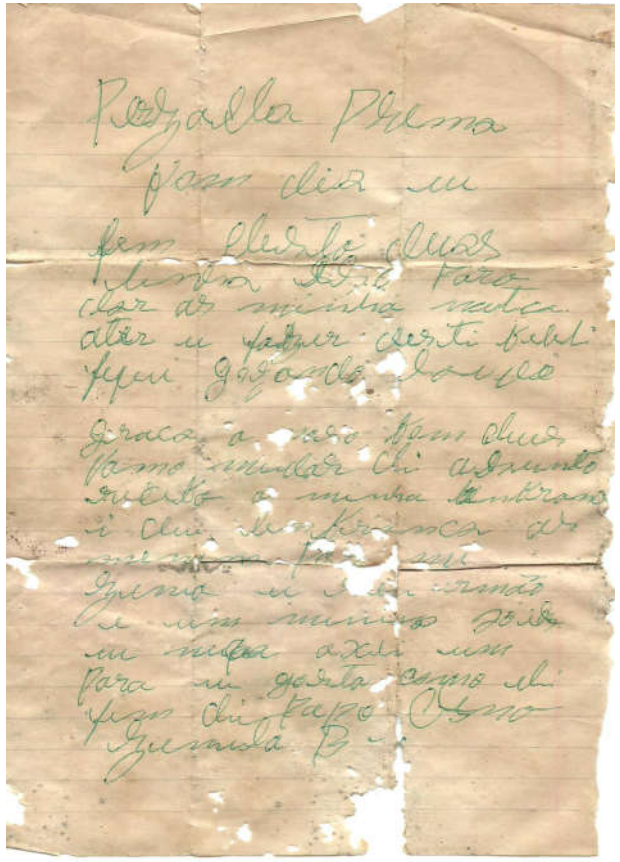
zeninha fique bastanti| sastifeito de você t| alebado di mi zeninha| ate u fazer desti[440]| beleti fiquei gozando| saudi|
graca[441] ao nosso bom deus| abrac[.][442] a você i| dei um xero ni ni| por nai Nada mais| da sua[443] prima qu| Ana di Oliveira| zeninha quand[.][444] eu xegui| lar foi a primeira| pesoa que viir foi eli| eu fiqui bastanti satifei|ta quando eu vir|[445]

[439] Há um furo na letra *a*.
[440] Há uma linha em branco separando cada uma das três primeiras linhas da mancha escrita.
[441] Há um furo na letra *c*.
[442] Dano no suporte.
[443] Rasurado.
[444] Dano no suporte.
[445] A última linha é escrita na margem inferior.



[fol. 1v]

eli eu estava com u|meu coracão tão fora| foi quando viir ele| ai mi aligrio u meu|coracão abraco para você| prima|



Carta 93

AZBO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 135mm. No verso, há apenas o nome da destinatária e da remetente, além de alguns traços aleatórios, em tinta azul. Apresenta marcas de dobras, pequenos rasgos e o papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso.

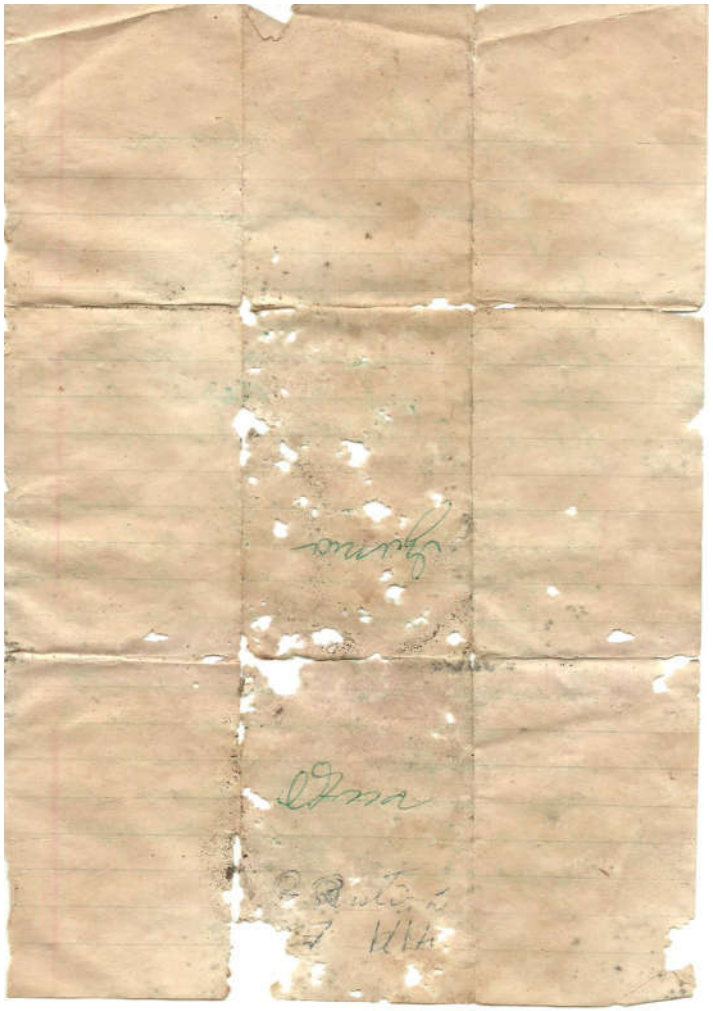
Perzada Prima|

bom dia u|

fim desta duas| linha eso para| dar as minha notica| ater u fazer[446] desti beleti[447]|fiqui gozando saudi|

graca a noso[448] bom deus| vamo mudar di asunto| reciba a minha lenbranc[.][449]| i dei lenbranca as| menina por[.][450] mi| zenia u seu[451] irmão| e um menino joia| eu nuca[452] axei um| para eu gosta como eli| fim di papo <u>Ana</u>| Zemita[453] B*ispo*|

[446] Rasurado.
[447] A letra t não está cortada.
[448] Dano no suporte na letra *n*.
[449] Dano no suporte.
[450] Dano no suporte.
[451] Dano no suporte.
[452] Rasurado.
[453] Não é clara a distinção entre "Z" e "z" ao longo da carta.



[fol. 1v]

<Zenia|>[454]

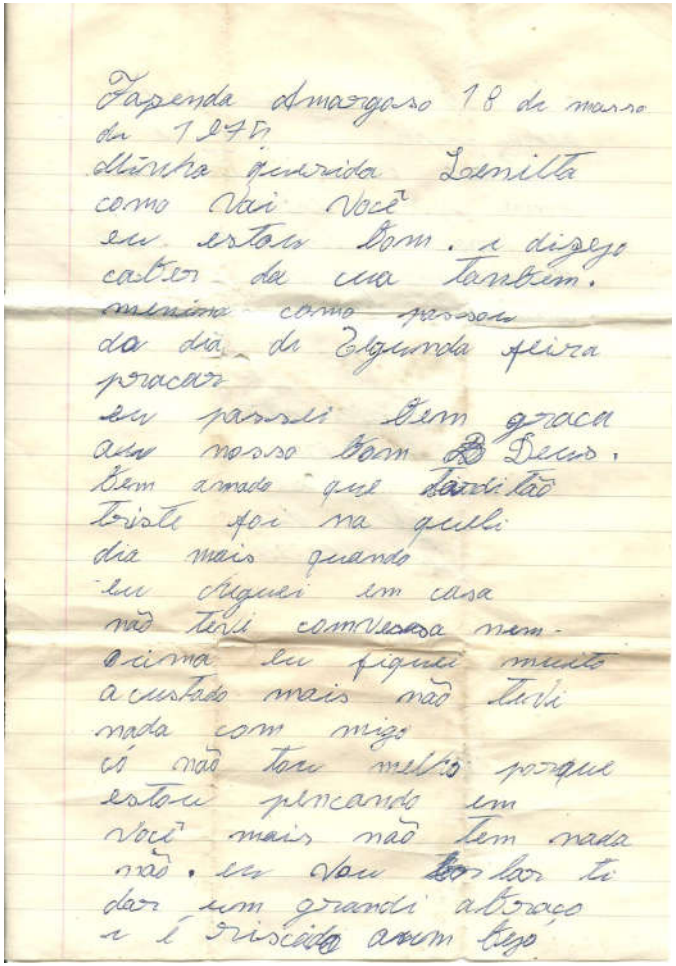
Ana|

[454] Escrito no sentido inverso, provavelmente, com o papel dobrado.

REMETENTE N° 13 (Cf. ficha do remetente nº 13)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Antonio Carneiro de Oliveira.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade:Nacionalidade:
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes:

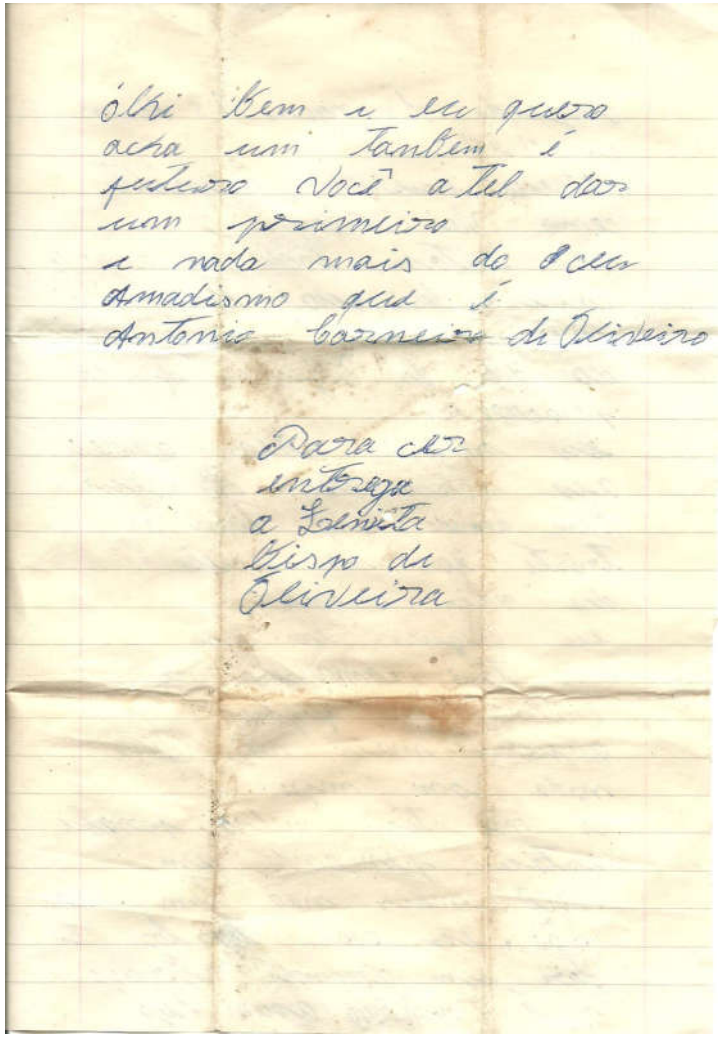

Fazenda Amargoso 18 de marso
de 1975
Minha querida Zenilta
como vai você
eu estou bom. e dizejo
caber da cua tambem.
menina como passou
do dia de Segunda feira
pracar
eu passei bem graca
ao nosso bom Deus.
bem amado que tardi tão
triste foi na queli
dia mais quando
eu cheguei em casa
não tevi comversa nem-
cima eu fiquei muito
acustado mais não tevi
nada com migo
có não tou melho porque
estou pencando em
você mais não tem nada
não. eu vou lar ti
dar um grandi abraço
e é riscado aum bejo

Carta 94

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 145mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, principalmente nas dobras do verso.

Fazenda Amargoso 18 de marso|
de 1975|
Minha querida Zenilta| como vai você|
eu estou bom. e dizejo| caber da cua tanbém.| menina como passou| do dia de Segunda feira| pracar|
eu passei bem graca| au nosso bom [.][455] Deus.| bem amado que tardi tão| triste foi na queli| dia mais quando| eu cheguei em casa| não tevi comversa[456] nem.| [.][457]cima eu fiquei muito| acustado mais não tevi| nada com migo| có não tou melho porque| estou pencando em| você mais não tem nada| não. eu vou [.][458] lar ti| dar um grandi abraço| e é riscado[459] aum bejo|

[455] Rasurado.
[456] Rasurado.
[457] Rasurado.
[458] Rasurado.
[459] Rasurado.

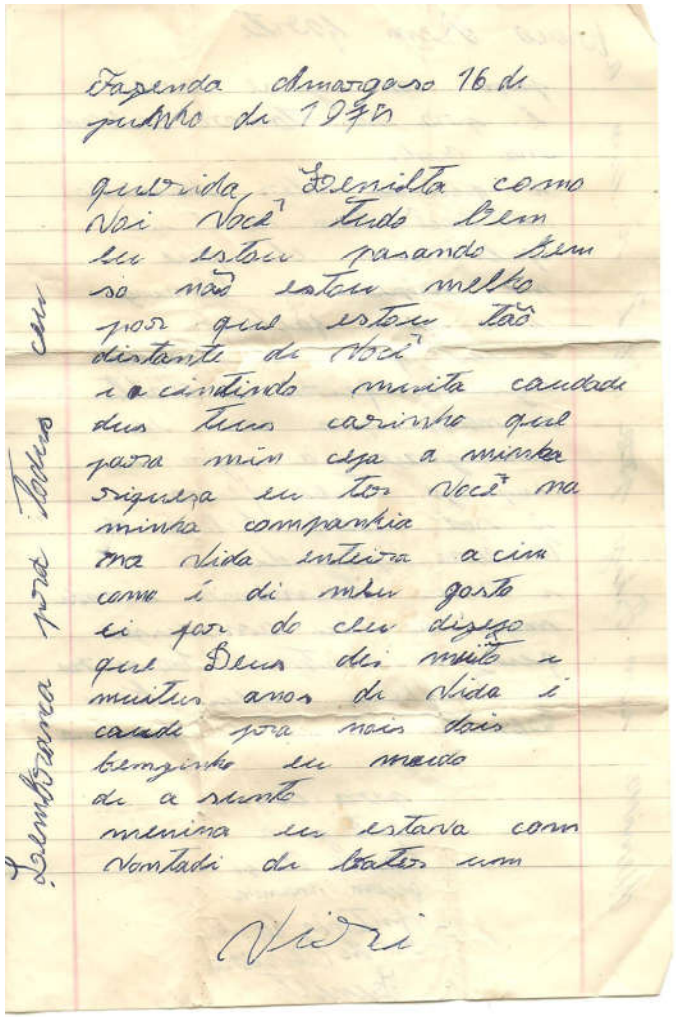


[fol. 1v]

ólhi bem e eu quero| acha um também é| futuro você a til dar| um primeiro| e nada mais do [.][460]ceu| Amadismo que é|
Antonio Carneiro de Oliveira|

Para cer|
entrega|
a Zenilta|
bispo de|
Oliveira|

[460] Rasurado.


Fazenda Amargoso 16 de junho de 1975

querida Zenilta como vai você tudo bem eu estou pasando bem so não estou melho por que estou tão distante de você e cintindo muita caudade dus teus carinho que para min ceja a minha riqueza eu ter você na minha companhia na vida inteira a cim como é di meu gosto ci for do ceu dizejo que Deus dei muito e muitus anos de vida i caude pra nois dois bemzinho eu mudo de a sunto
menina eu estava com vontadi de bater um
viri

Lembranca pra todus ceu

Carta 95

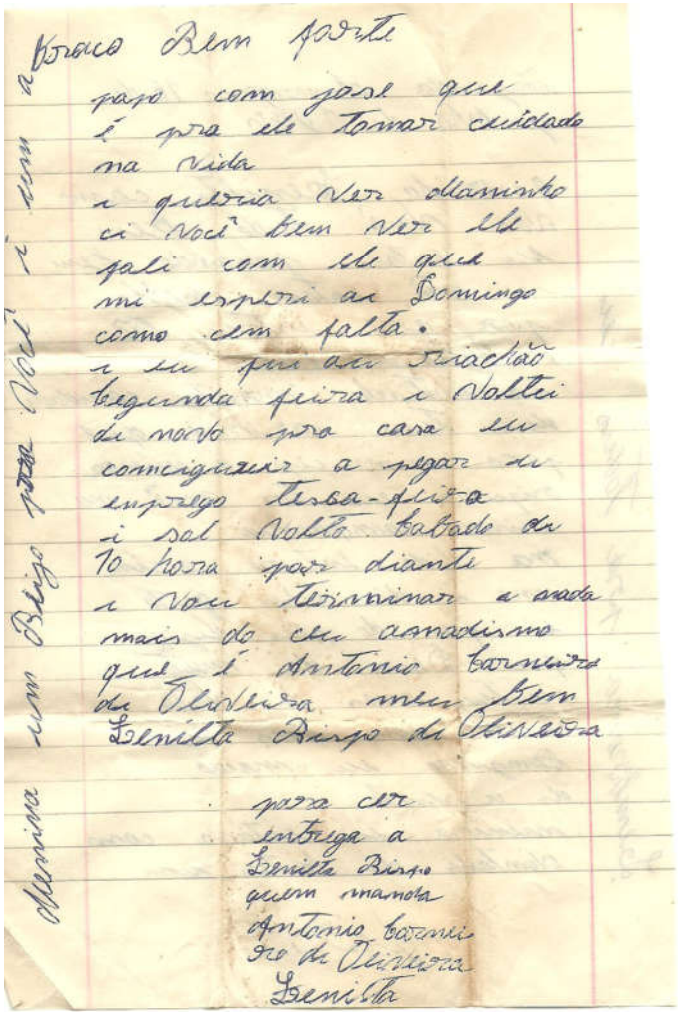
AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 133mm. Apresenta marcas de dobras e a margem esquerda foi cortada de forma irregular (a parte inferior está mais larga que a superior).

Fazenda Amargoso 16 de| junho de 1975|

querida Zenilta como| vai você tudo bem| eu estou pasando bem| so não estou melho| por que estou tão| distante de você| e [.][461] cintindo muita caudade| dus teus carinho que| para min ceja a minha| riqueza eu ter você na| minha companhia| na vida inteira a cim|como é di meu gosto| ci for do ceu dizejo| que Deus dei muito e| muitus anos de vida i| caude pra nois dois| bemzinho eu mudo| de a sunto|
menina eu estava com| vontadi de bater um|
viri|

<Lembranca pra todus ceu|>[462]

[461] Rasurado.
[462] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.


Menina um Beijo para você i um abraco Bem forte
papo com jose que
é pra ele tomar cuidado
na vida
e queria ver Maninho
ci você bem ver ele
fali com ele que
mi esperi o Domingo
como cem falta.
e eu fui au riachão
Cegunda feira e voltei
de novo pra casa eu
comcigureir a pegar u
enprego terca-feira
i sol volto Sabado de
10 hora por diante
e vou terminar a nada
mais do ceu amadismo
que é Antonio Carneiro
de Oliveira meu bem
Zenilta Bispo de Oliveira

para cer
entrega a
Zenilta Bispo
quem manda
Antonio Carnei-
ro de Oliveira
Zenilta

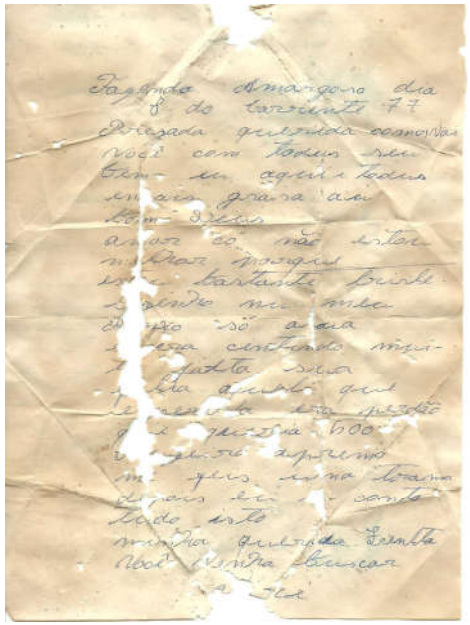
[fol. 1v]

papo com jose que| é pra ele tomar cuidado| na vida| e queria ver Maninho| ci você bem ver ele| fali com ele que| mi esperi o Domingo| como cem falta.|
e eu fui au riachão| Cegunda feira e voltei| de novo pra casa eu| comcigureir[463] a pegar u| enprego terca-feira| i sol volto Sabado de| 10 hora por diante| e vou terminar [.][464] nada| mais do ceu amadismo| que é Antonio Carneiro| de Oliveira meu bem| Zenilta Bispo de Oliveira|

para cer|
entrega a|
Zenilta Bispo|
quem manda|
Antonio Carnei-|
ro de Oliveira|
Zenilta|

<Menina um Beijo para você i um abraco Bem forte|>[465]

[463] Rasurado.
[464] Rasurado.
[465] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.

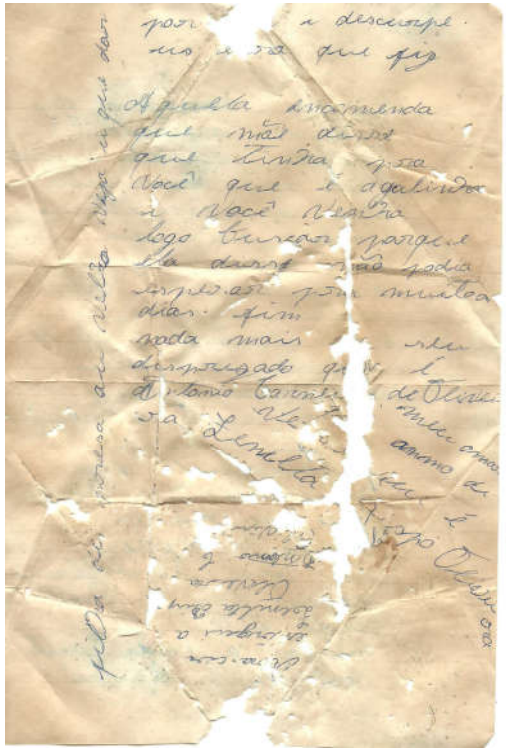


Carta 96

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 140mm. Apresenta marcas de dobras e rasgos, nas margens superior e inferior e no centro do papel. O rasgo central compromete a leitura de palavras de onze linhas da mancha escrita.

Fazenda Amargoso dia|
8 do Corrente 77|
Presada[466] querida como vai| você com todus seu| bem eu aqui e todus| em[.][467]ais grasa au| bom Deus|
amor có não estou| melhor porque| es[.][468]u bastante triste| s[.][469]zinho nu meu| R[.][470]nxo só a[.][471]ua| [.][472] era cintindo mui-|t[.][473] falta sua| f[.][474]lha aqueli que|e[.][475] er[.][476]va era perdão| q[.][477]e queria 500| [.][478]zeiro [.][479]aprimo| m[.][480] feis uma trama| depois eu conto| tudo isto|
minha querida Zenlta| você venha buscar|
[.][481]ri|

466 Há rasura na letra *s*.
467 Dano no suporte.
468 Dano no suporte.
469 Dano no suporte.
470 Dano no suporte.
471 Dano no suporte.
472 Dano no suporte.
473 Dano no suporte.
474 Dano no suporte.
475 Dano no suporte.
476 Dano no suporte.
477 Dano no suporte.
478 Dano no suporte.
479 Dano no suporte.
480 Dano no suporte.
481 Dano no suporte.



[fol. 1v]

Aquela encomenda| que mãe disse| que tinha pra| você que é a galinha| e você venha| logo buscar porque| ela disse não podia| esperar pra muitos| dias. fim|
nada mais [.][482] seu| desprezado q[.][483] é|
Antonio Carnei[.][484] de Olivei-|ra|

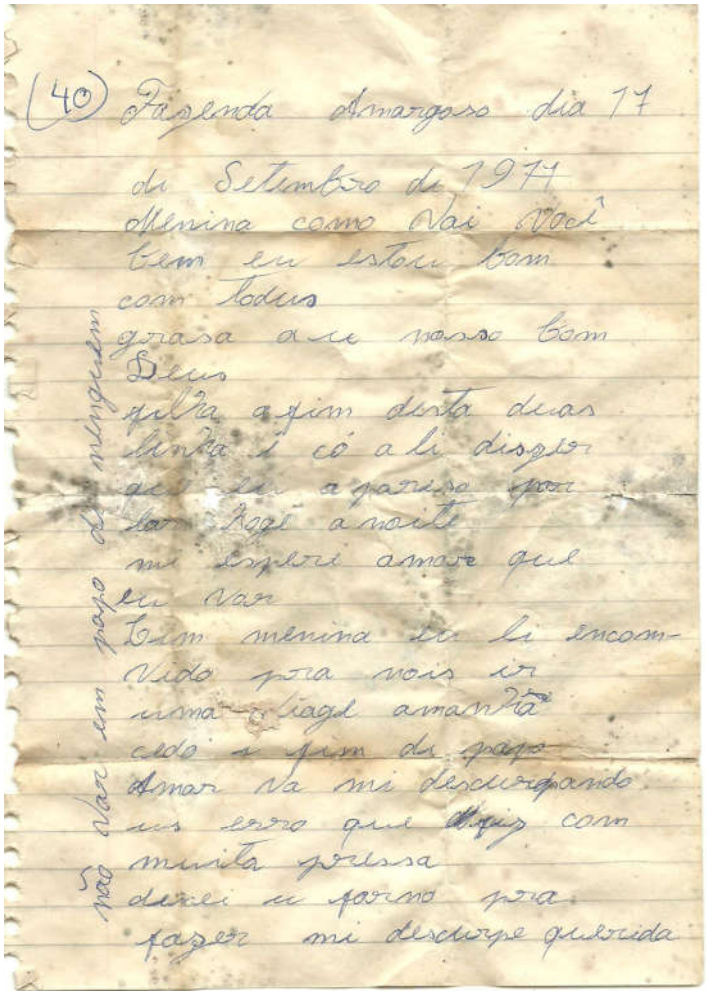
<meu amor| anmo de| ve[.][485] que é| Zenilta [.][486]ispo Oliveira|>[487]

<Para cer| entregui a| Zenilta Bisp[.][488]| Oliveira| Antonio C*arneiro*| [.][489]|>[490]

<filha de presa au velho veja u que dar|>[491]

<por [.][492] e descurpe| us e[.][493]ra que fiz|>[494]

[482] Dano no suporte.
[483] Dano no suporte.
[484] Dano no suporte.
[485] Dano no suporte.
[486] Dano no suporte.
[487] Escrito de modo inclinado.
[488] Dano no suporte.
[489] Dano no suporte.
[490] Escrito no sentido inverso do fólio.
[491] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.
[492] Dano no suporte.
[493] Dano no suporte.
[494] Escrito na margem superior.



Carta 97

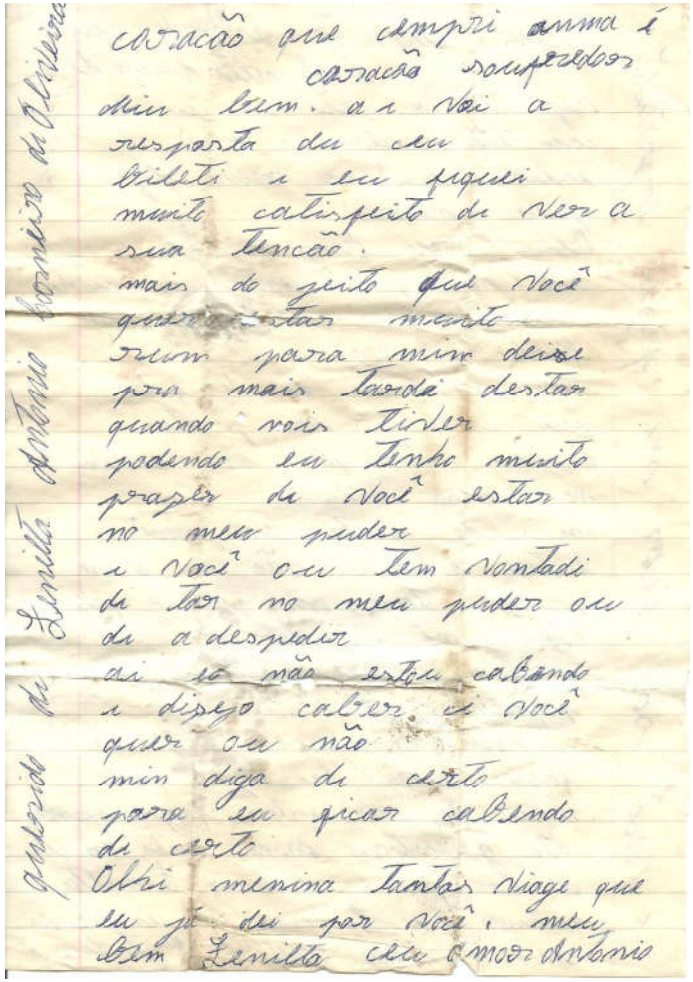
AZBO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 250mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e pequenos rasgos, causados, provavelmente, pela umidade, mas que não comprometem a leitura. Há a anotação "(40)" na margem superior, à esquerda.

Fazenda Amargoso dia 17|

de Setembro de 1977|
Menina como vai você|
bem eu estou bom| com todus|
grasa au nosso bom| Deus|
filha o fim desta duas| linha é có a li diszer| que eu apareso por| lar hoge a noite| mi esperi amor que| eu vor|
Cim menina eu li encom-|vido pra nois ir| uma [.][495]viagem amanhã| cedo e fim de papo| Amor va mi descurpando| us erro que [.][496] fiz com| muita pressa|
dexei u forno pra| fazer mi descurpe querida|

<não var em papo di ninguem|>[497]

[495] Dano no suporte.
[496] Rasurado.
[497] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.


querido de Zenilta Antonio Carneiro de Oliveira

coracão que cempri anma é
coracão soufredor
Miu bem . a i vai a
resposta du ceu
bileti i eu fiquei
muito catisfeito de ver a
sua tencão .
mais do jeito que você
quer [illegible]star muito
rum para mim deise
pra mais tardi destar
quando nois tiver
podendo eu tenho muito
prazer de você estar
no meu puder
i você ou tem vontadi
di tar no meu puder ou
di a despedir
ai eo não estou cabendo
i disejo caber ci você
quer ou não
min diga di certo
para eu ficar cabendo
di certo
Olhi menina tantas viage que
eu já dei por você . meu
bem Zenilta ceu amor Antonio

Carta 98

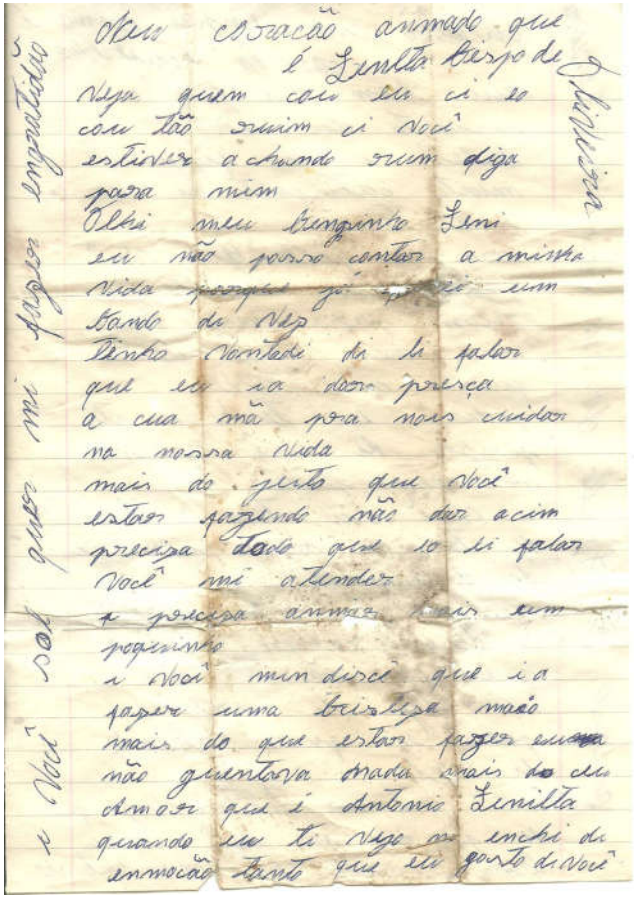
AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 145mm. Apresenta pequenos rasgos e manchas, principalmente, nas marcas de dobras. Acompanha envelope.

Miu bem . a i vai a| resposta du ceu| bileti e eu fiquei|muito catisfeito de ver a| sua tencão.|
mais do jeito que você| quer [.][498]star muito| rum para mim deise| pra mais tardi destar| quando nois tiver| podendo eu tenho muito| prazer de você estar| no meu puder|
e você ou tem vontadi| di tar no meu puder ou| de a despedir|
ai eo não estou cabendo| e disejo caber ci você| quer ou não|
min diga de certo|
Olhi menina tantas viage que| eu já dei por você . meu| bem Zenilta ceu amor Antonio|

<querido de Zenilta Antonio Carneiro de Oliveira|>[499]

<coracão que cempri anma é| coracão soufredor|>[500]

[498] Dano no suporte.
[499] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.
[500] Escrito na margem superior.



[fol. 1v]

veja quem cou eu ci eo| cou tão ruim ci você| estiver a chando rum diga| para mim|
Olhi meu benzinho Zeni| eu não posso contar a minha| vida porque já [.][501] um| bando de vez|
tenho vontadi di li falar| que eu ia dar presça| a cua mã pra nois cuidar| na nossa vida|
mais do jeito que você| estar fazendo não dar acim| precisa todo que io li falar| você mi atender|
[.][502] precisa anmar mais[503] um| poquinho|
e você min disci que ia| fazer uma tristeza maio| mais do que estar fazer eu[.][504]| não guentava nada mais do ceu| Amor que é <u>Antonio</u> Zenilta| quando eu ti vejo n[.][505] enchi de| enmocão tanto que eu gosto de você|

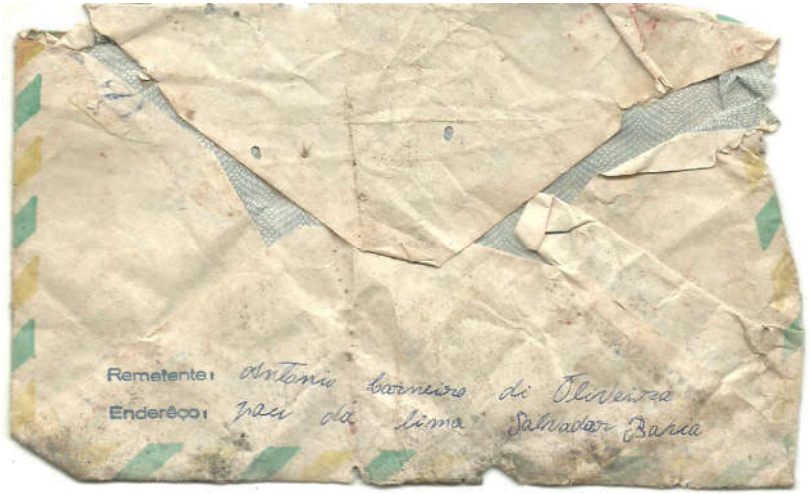
<e você sol quer mi fazer engratidão|>[506]

<Meu coracão anmado que| é Zenilta bispo de| Oliveira|>[507]

[501] Dano no suporte.
[502] Rasurado.
[503] Há um dano no suporte na letra *m*.
[504] Rasurado.
[505] Ilegível, escrito na dobra.
[506] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.
[507] Escrito na margem superior; a última palavra na margem esquerda.



para cer entregue[508] a Zenilta|
Bispo de Oliveira na|
Fazenda quemada nova|



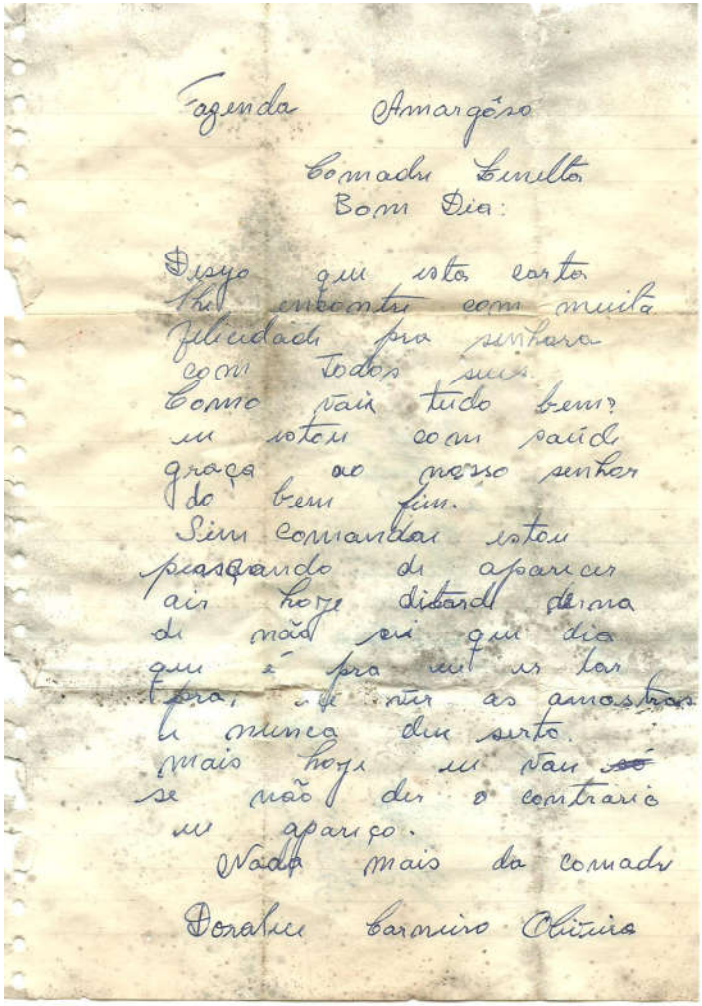
Antonio Carneiro di Oliveira|
pau da lima Salvador Bahia|

[508] Rasurado.

REMETENTE N° 14 (Cf. ficha do remetente nº 14)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Doralice de Oliveira.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita das cartas):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes:


Fazenda Amargôso

Comadre Zenilta
Bom Dia:

Desejo que esta carta
lhe encontre com muita
felicidade pra senhora
com todos seus.
Como vai tudo bem?
eu estou com saúde
graça ao nosso senhor
do bem fim.
Sim comandre estou
pensando de aparecer
air hoje ditarde derna
de não sei que dia
que é pra eu ir lar
para [.] ver as amostras
e nunca deu serto.
mais hoje eu vou [.]
se não der o contrario
eu apareço.
Nada mais da comadre

Doralice Carneiro Oliveira

Carta 99

AZBO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 280mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, um pequeno rasgo na 17ª linha da mancha escrita e manchas, causadas, provavelmente, pela umidade.

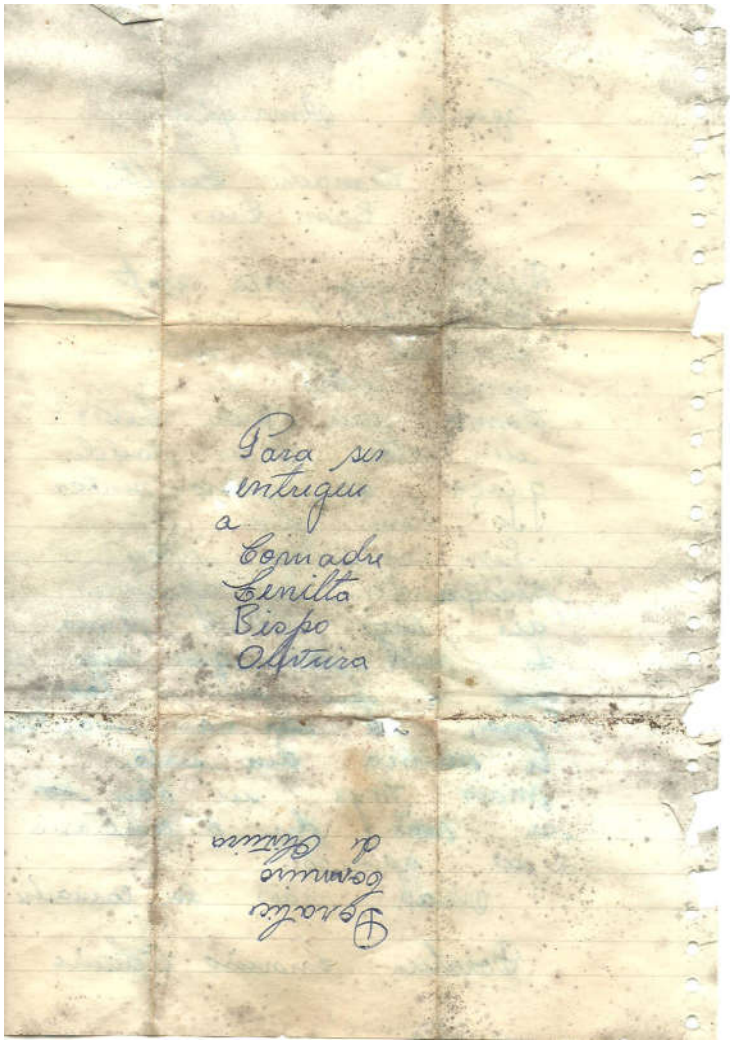
Fazenda Amargôso|

Comadre Zenilta|
Bom Dia:|

Desejo que esta carta| lhe encontre com muita| felicidade pra senhora| com todos seus| Como vai tudo bem? eu estou com saúde| graça ao nosso senhor| do bem fim.
Sim comandre estou| pençando de aparecer| air hoje ditarde derna| de não sei que dia| que é pra eu ir lar| para [.][509] ver as amostras| e nunca deu serto.| mais hoje eu vou [.][510]| se não der o contrario eu apareço.|
Nada mais da comadre|

Doralice Carneiro Oliveira|

[509] Dano no suporte.
[510] Rasurado.

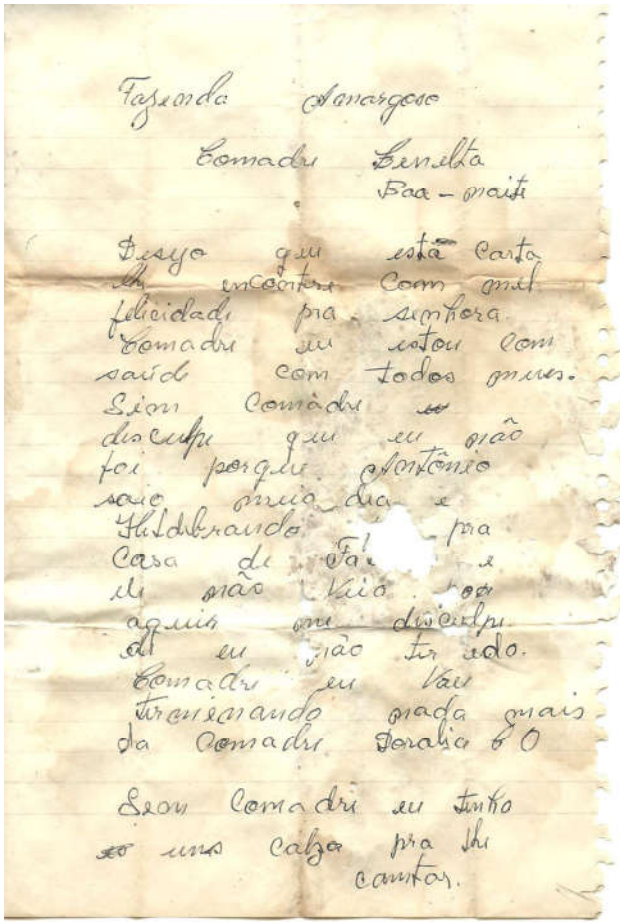


[fol. 1v]

Para ser |
entregue |
a |
Comadre |
Zenilta |
Bispo |
Oliveira |

<Doralice Carneiro de Oliveira | >[511]

[511] Escrito no sentido inverso do fólio.


Fazenda Amargoso

Comadre Zenilta

Boa-noite

Desejo que esta carta lhi encontre com mil felicidade pra senhora. Comadre eu estou com saúde com todos meus. Sim comadre eu desculpe que eu não foi porque Antônio saio meio dia e Hildebrando pra Casa de Fa[illegible] e ele veio [illegible]or aquir mi desculpe. de eu não ter ido. Comadre eu vou terminando nada mais da comadre Doralice Carneiro Oliveira

Sem comadre eu tenho [illegible] uns calzo pra lhe comtar.

Carta 100

AZBO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta preta, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 130mm. Apresenta marcas de dobras e rasgos que impedem a leitura de palavras de quatro linhas da mancha escrita. Há manchas, causadas, provavelmente, pela umidade.

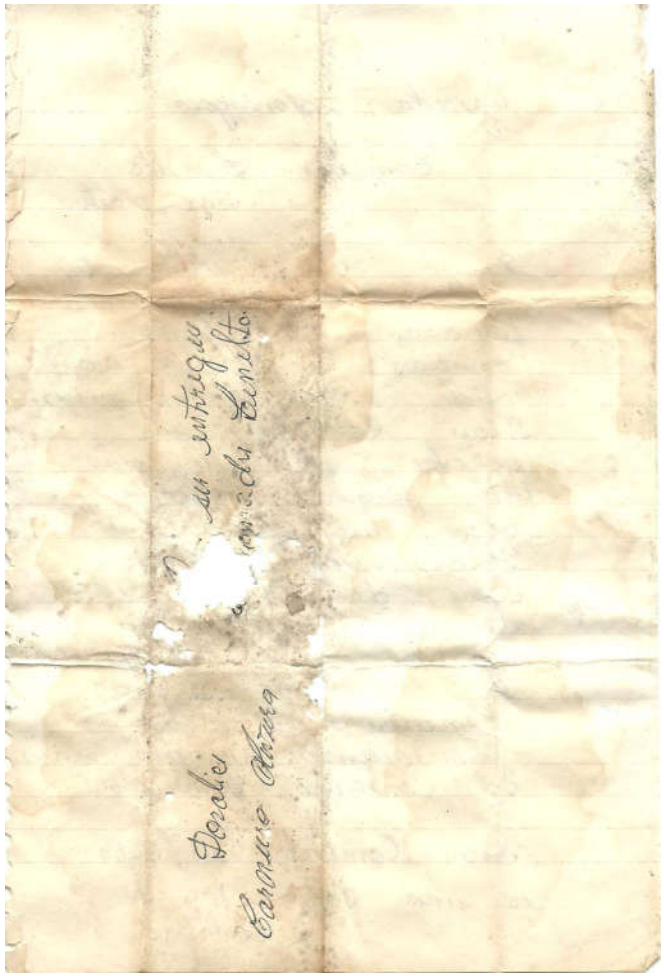
Fazenda Amargoso|

Comadre Zenilta|
Boa-noite|

Desejo que esta carta[512]| lhi encontre com mil| felicidade pra senhora.| Comadre eu estou com| saúde com todos meus.| Sim comadre [.][513]| desculpe que eu não| foi porque Antônio| saio meio dia e| Hildebrando [.][514] pra| Casa de Fa[.][515] e| ele veio [.][516]or| aquir mi desculpe.|de eu não ter ido.| Comadre eu vou| terminando nada mais| da comadre Doralice *Carneiro Oliveira*|

Sem comadre eu tenho|
[.][517] uns calzo pra lhe|
comtar.|

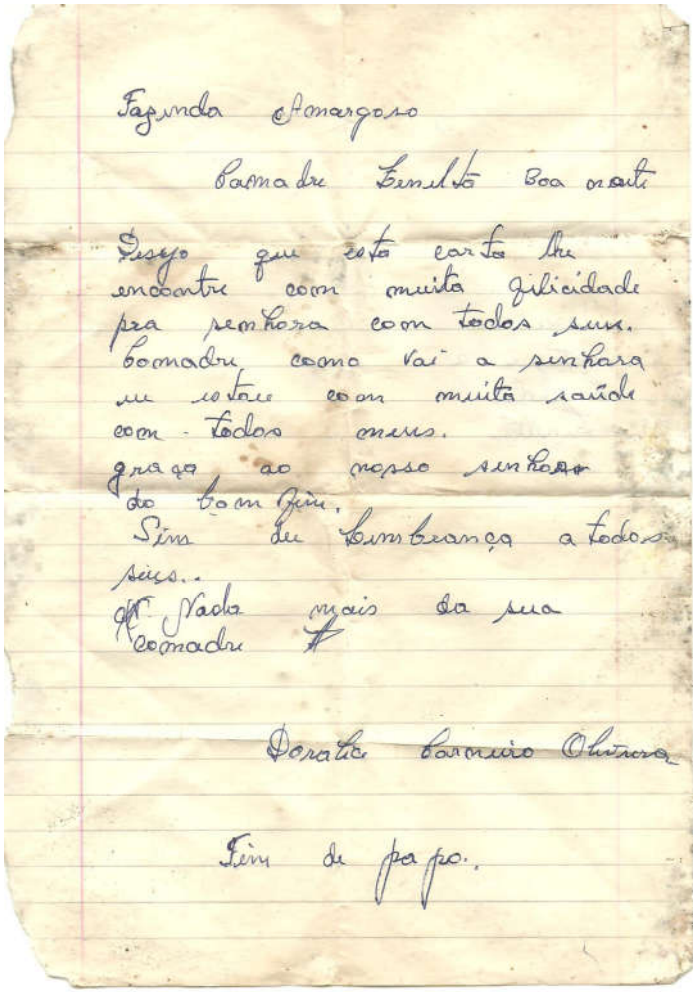
[512] Há uma rasura sobre o *a*.
[513] Rasurado.
[514] Dano no suporte.
[515] Dano no suporte.
[516] Dano no suporte.
[517] Rasurado.



[fol. 1v]

<Doralice| Carneiro Oliveira|>[518]
<[.][519] ser entregue| [.][520]madre Zenilta>[521]

[518] Escrito no sentido vertical, de baixo para cima, provavelmente, com o papel dobrado.
[519] Dano no suporte.
[520] Dano no suporte.
[521] Escrito no sentido vertical, de baixo para cima, provavelmente, com o papel dobrado.


Fazenda Amargoso

Comadre Zenilta Boa noite

Desejo que esta carta lhe encontre com muita filicidade pra senhora com todos seus. Comadre como vai a senhora eu estou com muita saúde com todos meus.
graça ao nosso senhor do bom fim.
Sim dei Lembrança a todos seus..
Nada mais da sua Comadre

Doralice Carneiro Oliveira

Fim de papo.

Carta 101

AZBO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 148mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, causadas, provavelmente, pela umidade, principalmente nas extremidades do papel.

Fazenda Amargoso|

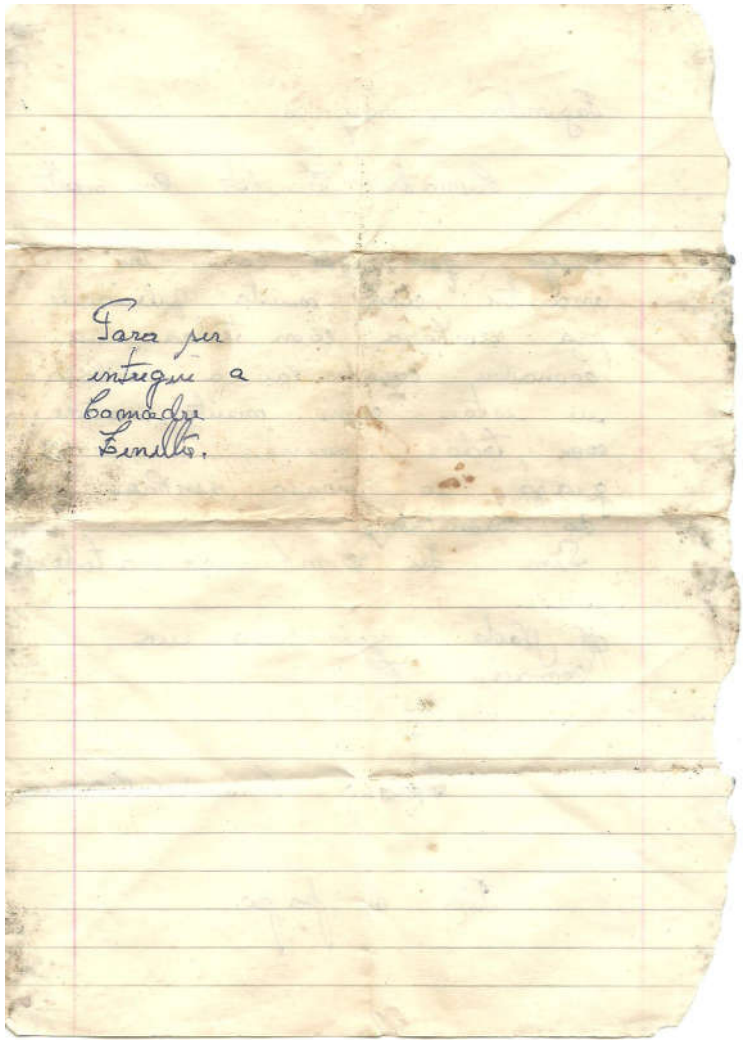
Comadre Zenilta Boa noite|

Desejo que esta carta lhe| encontre com muita filicidade| pra senhora com todos seus.| Comadre como vai a senhora| eu estou com muita saúde| com todos meus.|
graça ao nosso senhor[.][522] do bom fim.|
Sim dei Lembrança a todos| seus.|
[.][523] Nada mais da sua|
Comadre [.][524]|

<u>Doralice Carneiro de Oliveira</u>|

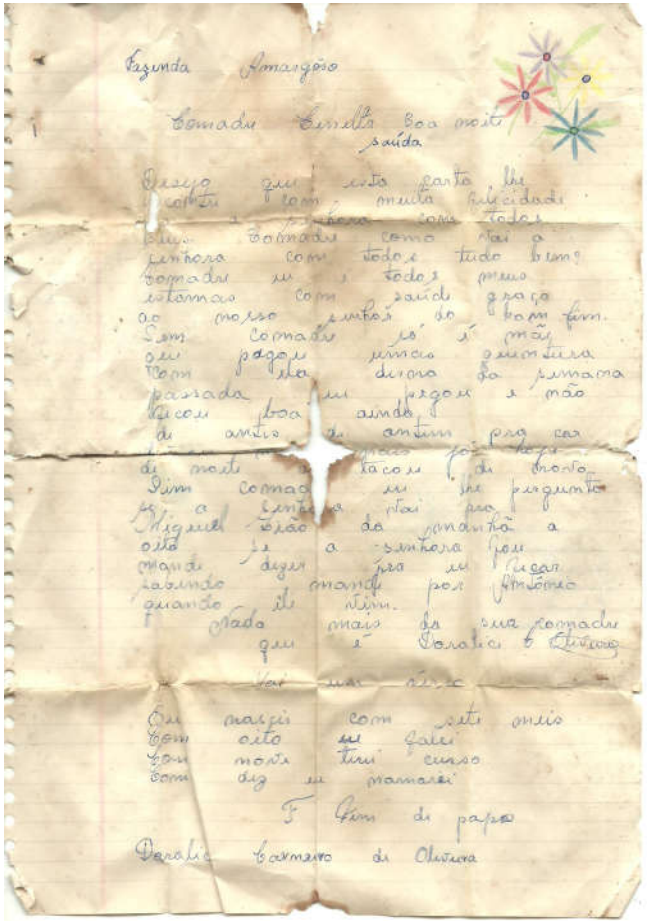
Fim de papo.|

[522] Rasurado.
[523] Rasurado.
[524] Rasurado.



[fol. 1v]

Para ser|
entregui a|
Comadre|
Zenilta.|



Carta 102

AZBO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 275mm x 190mm. Apresenta rasgos, causados pelas dobras, que comprometem a leitura de palavras de cinco linhas do centro da mancha escrita. Há ornamento no canto superior direito: desenho de flores coloridas.

Fazenda Amargôso|

Comadre Zenilta Boa noite|
saúda|

Desejo que esta carta lhe|[.][525]contre com muita felicidade| [.][526] a senhora com todos| seus comadre como vai a| senhora com todos tudo bem?| Comadre eu é todos meus| estamos com saúde graça| ao nosso senhor do bom fim.| Sim comadre só é mãe| que pegou umas quentura| com ela derna da semana| passada [.][527]eu pegou e não| ficou boa ainda|
de antes de ontem pra car| liviou m[.][528] mais já hoje| de noite a tacou de novo.| Sim comad[.][529] eu lhe pergunto| se a senhora vai pra| Miguel Lião da manhã a| oito se a senhora fou| mande dizer pra eu ficar| sabendo mande por Antônio| quando êle vim.|

Nada mais da sua comadre|
que é Doralice *Carneiro* Oliveira[530]|

Vai um verso|

Eu nascir com sete meis|
Com oito eu falei|
Com nove tirei curso|
Com dez eu namorei|

F Fim de papo|

Doralice *Carneiro* Oliveira

[525] Dano no suporte.
[526] Dano no suporte.
[527] Dano no suporte.
[528] Dano no suporte.
[529] Dano no suporte.
[530] Há um traçado sobre a palavra, como sinal de assinatura.



[fol. 1v]

Para ser|
entregue a|
Comadre|
Zenilta|
Bispo|
Oliveira|

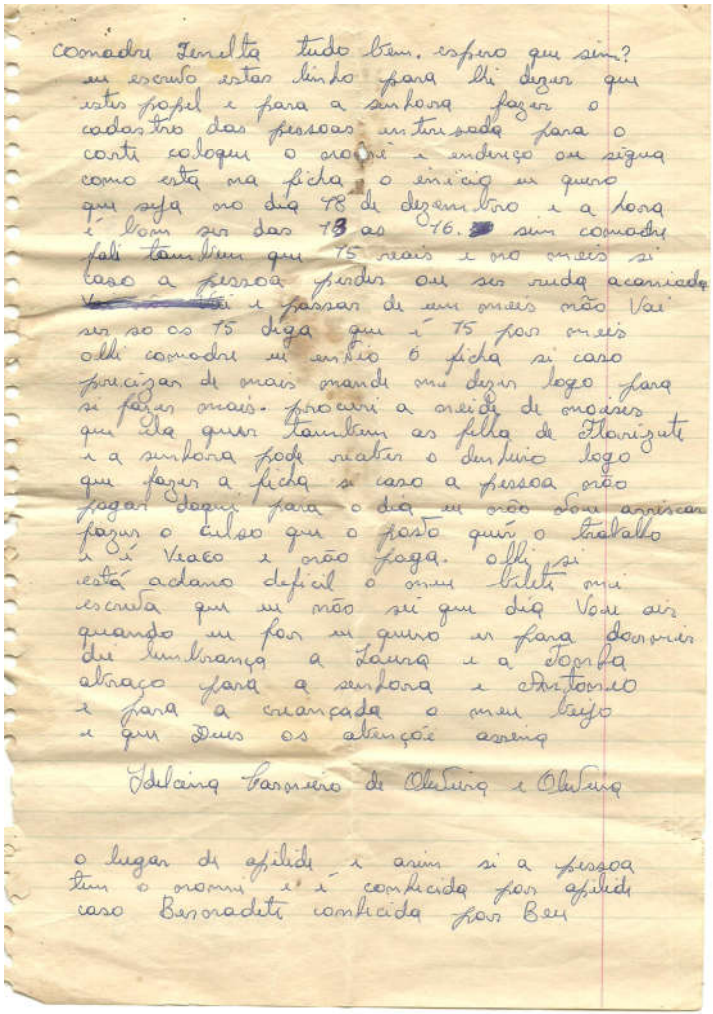
Doralice|
Carneiro|
Oliveira[531]|

[531] Os nomes da destinatária e da remetente estão escritos nos limites das dobras do papel.

REMETENTE N° 45

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira.
Nome Completo: Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira.
Filiação: João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria Oliveira.
Avós paternos/maternos: Demétrio Carneiro de Oliveira e Izabel Francisca de Oliveira/Fernando José de Oliveira e Ana Joaquina de Oliveira.
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1958 (aproximadamente) (1) **Data de falecimento:** (viva)
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade: estudou pouco.(2)
Principais atividades:
Observações:
(1) É uma das filhas mais velhas, depois de sua irmã Doralice. Irmã, também, de Antonio Carneiro de Oliveira.
(2) Há informações de que frequentou aulas do Mobral, com prof. Lezinho, na faz. Dormida, Riachão do Jacuípe.

Fontes: depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.


Comadre Zenilta tudo bem. espero que sim?
eu escrevo estas linha para lhi dizer que
estes papel e para a senhora fazer o
cadastro das pessoas interesada para o
corti coloque o nomi i endereço ou sigua
como esta na ficha o inicio eu quero
que seja no dia 18 de dezembro e a hora
é bom ser das 13 as 16. sim comadre
fali tambem que 15 reais e no meis si
caso a pessoa perder ou ser ruda aconiada
~~vai não vai~~ e passar de um meis não vai
ser so os 15 diga que é 15 por meis
olhi comadre eu envio 6 ficha si caso
precizar de mais mande mi dizer logo para
si fazer mais. procuri a neide de moises
que ela quer tambem as filha de Florizete
e a senhora pode receber o dinheiro logo
que fazer a ficha si caso a pessoa não
pagar daqui para o dia eu não vou arriscar
fazer o culso que o povo quér o trabalho
e é veaco e não paga. olhi si
está achano deficil o meu bilete mi
escreva que eu não sei que dia vou
air quando eu for eu quero ir para dormir
dei lembrança a Laura e a Tonha
abraço para a senhora e Antonio
e para a criançada o meu beijo
e que Deus os abençói assina

Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira

o lugar de apilide e asim si a pessoa
tem o nomi e é conhecida por apilide
caso Bernadete conhecida por Beu

Carta 103

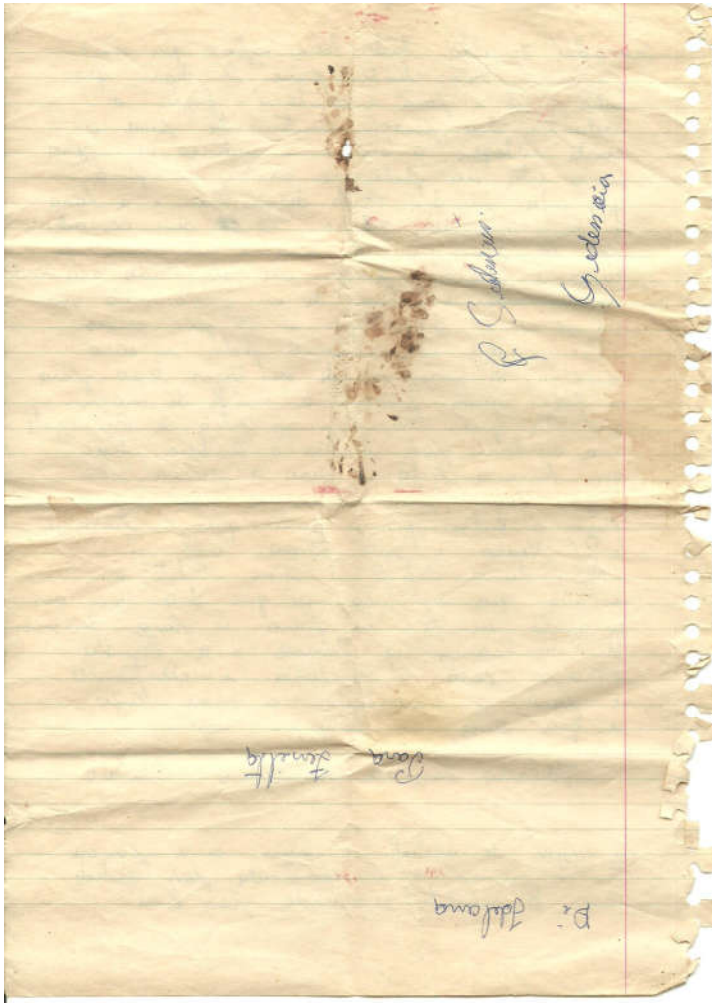
AZBO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente, além de duas palavras aleatórias. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 273mm x 187mm. Apresenta marcas de dobras, algumas manchas, principalmente no verso, e um furo na quinta linha da mancha escrita.

Comadre Zenilta tudo bem. espero que sim?|
eu escrevo estas linha para lhi dizer que| estes papel e para a senhora fazer o| cadastro das pessoas interesada para o| corte coloque o no[.][532]i e endereço ou sigua| como esta na ficha o inicio eu quero| que seja no dia 18 de dezembro e a hora| é bom ser das 13[533] as 16. [.][534] sim comadre| fali tambem que 15 reais e no meis si| caso a pessoa perder ou ser ruda aconiada| ~~vai não vai~~ e passar de um meis não vai| ser so os 15 diga que é 15 por meis| olhi comadre eu envio 6 ficha si caso| precizar de mais mande mi dizer logo para| si fazer mais. procuri a neide de moises| que ela quer tambem as filha de Florizete| e a senhora pode receber o dinheiro logo| que fazer a ficha si caso a pessoa não| pagar daqui para o dia eu não vou arriscar| fazer o culso que o povo quér o trabalho| e é veaco e não paga. olhi si| está achano deficil o meu bilete mi| escreva que eu não sei que dia vou air| quando eu for eu quero ir para dormir| dei lembrança a Laura e a Tonha| abraço para a senhora e Antonio| e para a criançada o meu beijo| e que Deus os abençói assina|

Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira|

o lugar de apilide e asim si a pessoa| tem o nomi e é conhecida por apilide| caso Bernadete conhecida por Beu|

[532] Dano no suporte.
[533] Rasurado.
[534] Rasurado.



[fol. 1v]

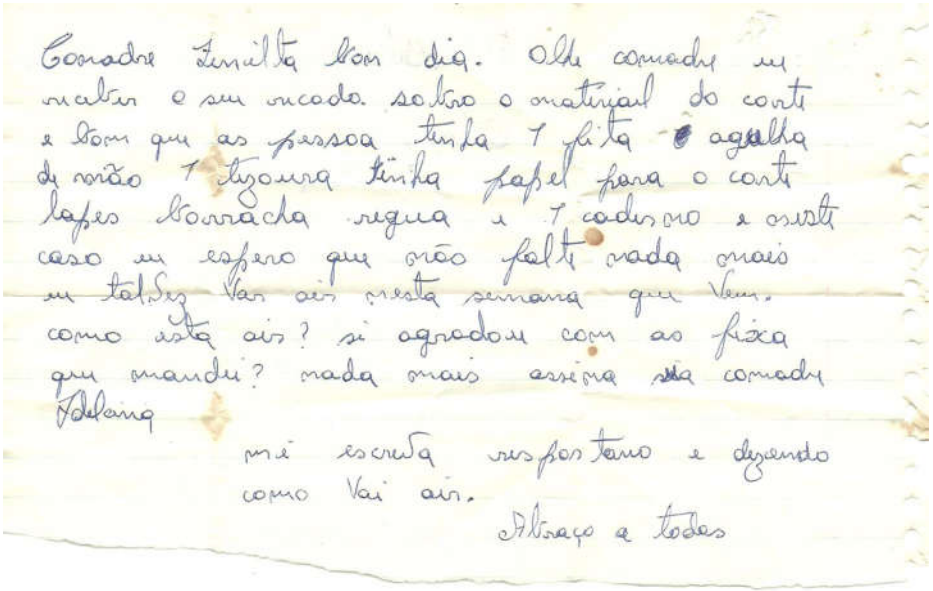
<Di Idelcina|

Para Zenilta|>[535]

<Sedeneia|[536]

Sedeneia|>[537]

[535] Escrito no sentido inverso do fólio, provalvelmente, com o papel dobrado.
[536] Há traço aleatório, antes da palavra.
[537] Escrito no sentido vertical.


Conadre Zenilta bon dia. Olhe comadre eu
receber o seu recado. sobro o matérial do corte
e bom que as pessoa tenha 1 fita [illegible] agulha
de mão 1 tezoura tinha papel para o corte
lapes borracha regua e 1 caderno e neste
caso eu espero que não falte nada mais
eu talvez Var air nesta semana que vem.
como esta air? si agradou com as fixa
que mandei? nada mais assina sua comadre
Idelina

mi escreva respostano e dizendo
como Vai air.
Abraço a todos

Carta 104

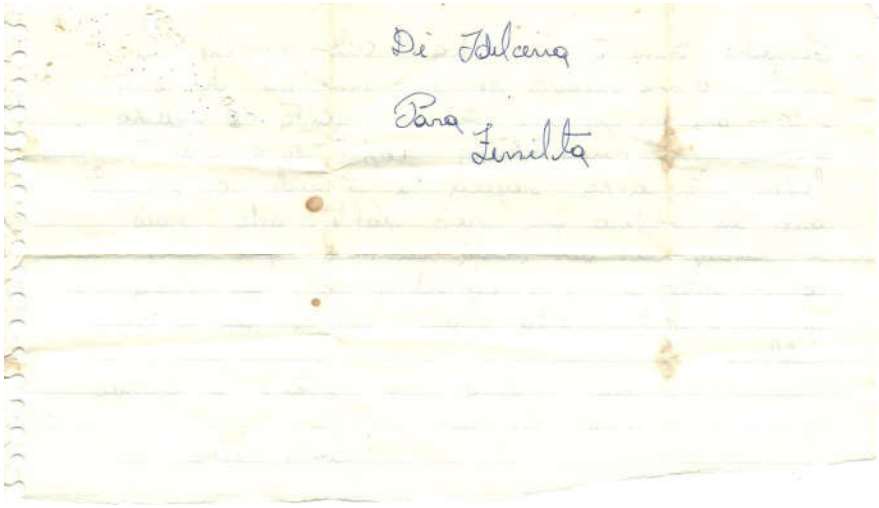
AZBO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 118mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas. A parte inferior do fólio foi cortada e o papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso.

Conadre Zenilta bon dia. Olhe comadre eu| receber o seu recado. sobro o matérial do corte| e bom que as pessoa tenha 1 fita [.][538] agulha| de mão 1 tezoura tinha papel para o corte| lapes borracha regua e 1 caderno e neste| caso eu espero que não falte nada mais| eu talvez Var air nesta semana que vem.| como esta air? si agradou com as fixa| que mandei? nada mais assina sua comadre| Idelcina|

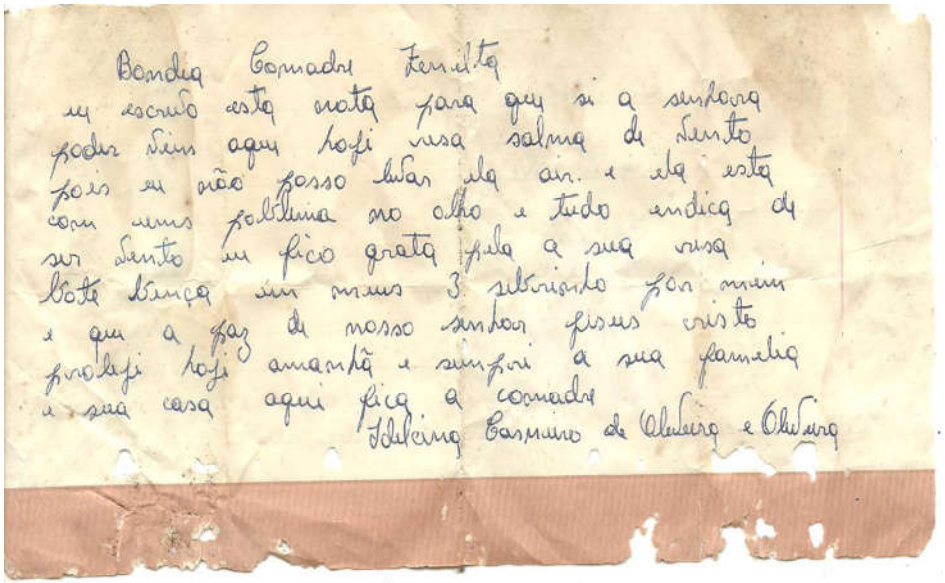
mi escreva respostano e dizendo|
como Vai air.|
Abraço a todos|

[538] Rasurado.

[fol. 1v]



Di Idelcina|
Para|
Zenilta|


Bondia Comadre Zenilta
eu escrevo esta nota para qui si a senhora
poder vim aqui hoji resa salma de vento
pois eu não posso levar ela air. e ela esta
com uns poblema no olho e tudo endica de
ser vento eu fico grata pela a sua resa
bote bença em meus 3 sebrinho por mim
e que a paz de nosso senhor jesus cristo
proteji hoji amanhã e sempri a sua familia
e sua casa aqui fica a comadre
Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira

Carta 105

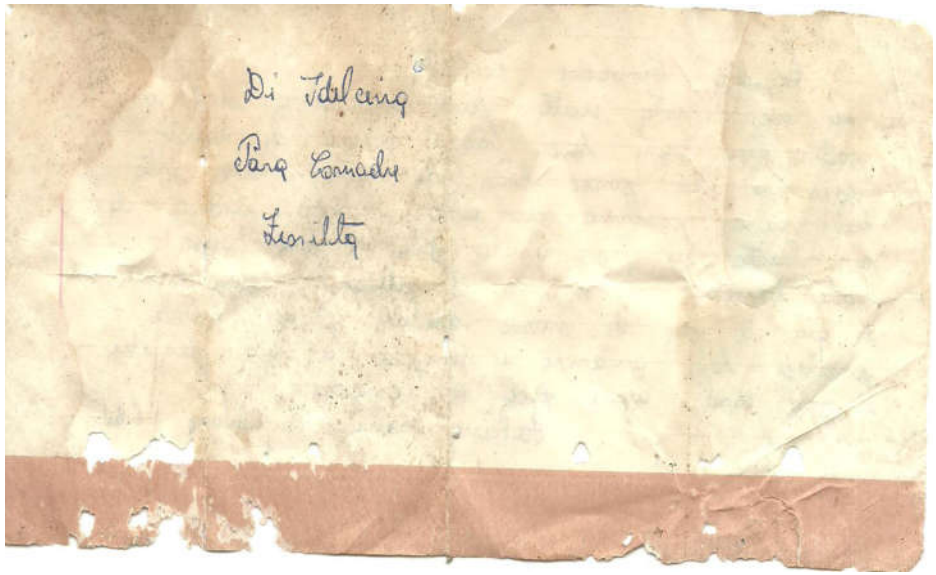
AZBO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 87mm x 198mm, com borda na margem inferior. Apresenta marcas de dobras, escurecimento do papel e pequenos rasgos na parte inferior.

Bondia Comadre Zenilta|
eu escrevo esta nota para que si a senhora| poder vim aqui hoji resa salma de vento| pois eu não posso levar ela air. e ela esta| com uns poblema no olho e tudo indica de| ser vento eu fico grata pela a sua resa| bote bença em meus 3 sebrinho por mim| e que a paz de nosso senhor jesus cristo| proteji[539] hoji amanhã e sempri a sua familia| e sua casa aqui fica a comadre|

Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira|

[539] A letra *t* não está cortada.

[fol. 1v]



<Di Idelcina|

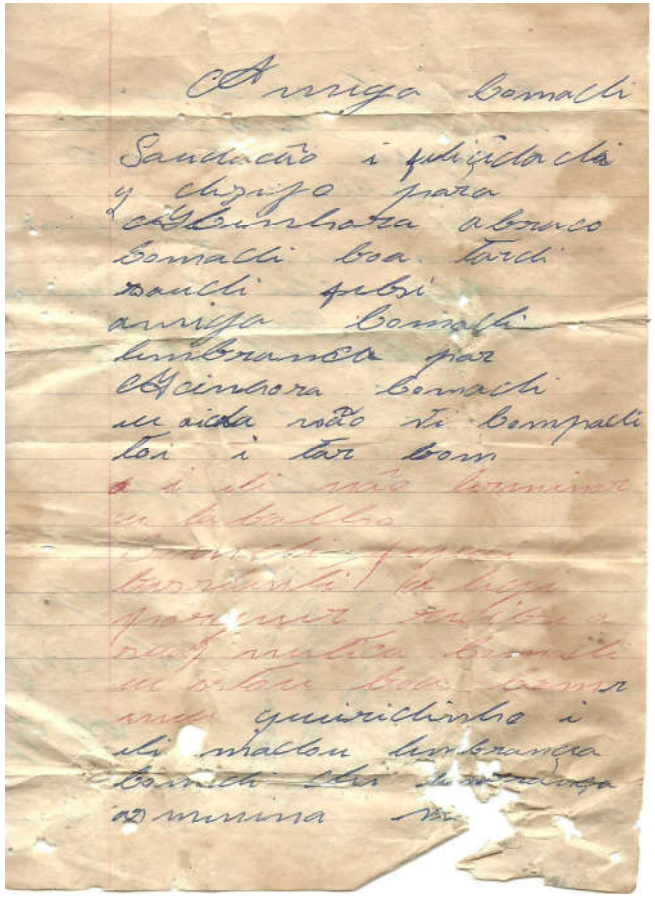
Para Comadre|

Zenilta|

REMETENTE N° 46

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Maria Dusanjo Oliveira.
Nome Completo: Maria dos Anjos Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: [Riachão do Jacuípe, BA.] **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes: depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.



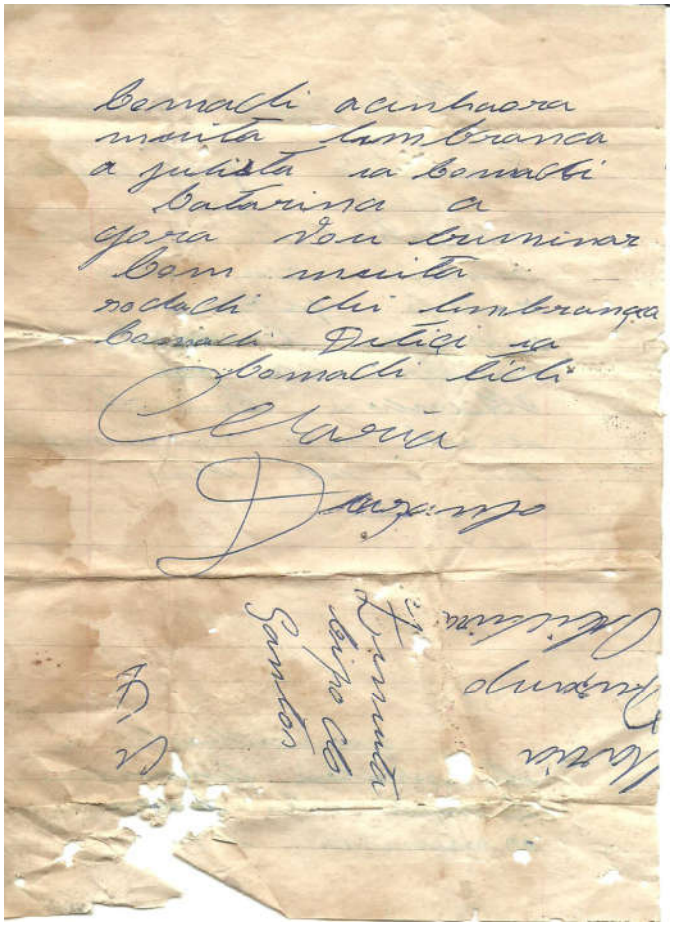
Carta 106

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 198mm x 140mm. Da 12ª à 19ª linha da mancha escrita do recto, foi usada tinta vermelha. Apresenta marcas de dobras, manchas, pequenos rasgos e um rasgo maior na parte inferior que impede a leitura de algumas palavras das três últimas linhas do recto.

Amiga Comadi|

Saudacão i feliçidadi| q*ue* dizijo para| A Cinhora abraco| Comadi boa tardi| saudi pilsi| amiga Comadi| lembranca par| A cinhora Comadi| eu aida não vi Compadi| toi i tar bom| [.][540] i eli não terminor[541]| u tabalho[542]| Comadi fiquei| basstanti[543] a legi| porquir[544] recibi a| sua nutica Comadi| eu estou boa comr meu quiiridinho i| eli madou lembrançia| Comadi dei l[.]rança[545]| as menina [.][546]|

[540] Rasurado.
[541] A letra *t* não está cortada.
[542] A letra *t* não está cortada.
[543] A letra *t* não está cortada.
[544] Furo do papel na letra *q*.
[545] Dano no suporte.
[546] Dano no suporte.



[fol. 1v]

Comadi a cienhuora| muita lembraca| a juli[.][547]ta ea Comadi| Catarina a| gora vou treminar[548]| Com muita| sodadi dei lembrança| Comadi Deliçi ia| Comadi tidi|

Maria|

Dusanjo[549]|

<Maria| Dusanjo|Oliveira|>[550]

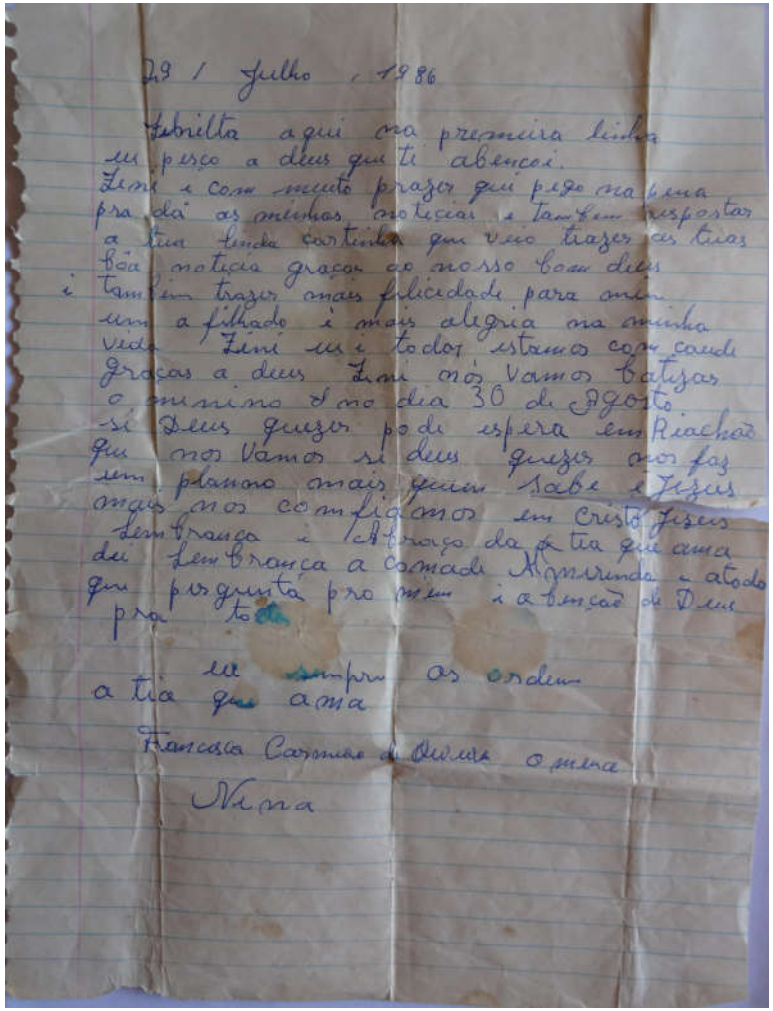
<Zeniuta| bipo do| Santos|>[551]

[547] Rasurado.
[548] A letra *t* não está cortada.
[549] Há uma rasura na letra *n*.
[550] Escrito no sentido inverso no papel, provavelmente, depois de dobrado, pois parte dos riscos das letras continuam na margem esquerda.
[551] Escrito no sentido vertical, de cima para baixo, provavelmente, depois que o papel foi dobrado.

REMETENTE N° 9 (Cf. ficha do remetente nº 9)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Nina.
Nome Completo: Francisca Carneiro de Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes:


29 / Julho / 1986

Zelnilta aqui na premeira linha
eu pesço a deus que ti abençoi.
Zeni e com muito prazer que pego na pena
pra dá as minhas notiçias e tambem respostar
a tua linda cartinha que veio trazer as tuas
bôa notiçia graças ao nosso bom deus
i também trazer mais felicidade para
mim um a filhado é mais alegria na minha
vida Zéne eu i todos estamos com çaude
Graças a deus Zeni nós vamos batizar
o menino [illegible] no dia 30 de Agosto
si Deus quizer pode espera em Riachão
que nos vamos se deus quizer nos faz
um planno mais quem sabe é Jezus
mais nos comfiamos em Cristo Jesus
Lembrança i Abraço da a tia que ama
dei Lembrança a comade Almerinda e a todo
que pergunta pro mim i a benção de Deus
pra todos

eu sempri as ordem
a tia que ama

Francisca Carneiro de Oliveira o mena

Nina

Carta 107

AZBO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 287mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras, um rasgo na dobra central, que não compromete a leitura, e pequenas manchas.

29 / Julho / 1986|

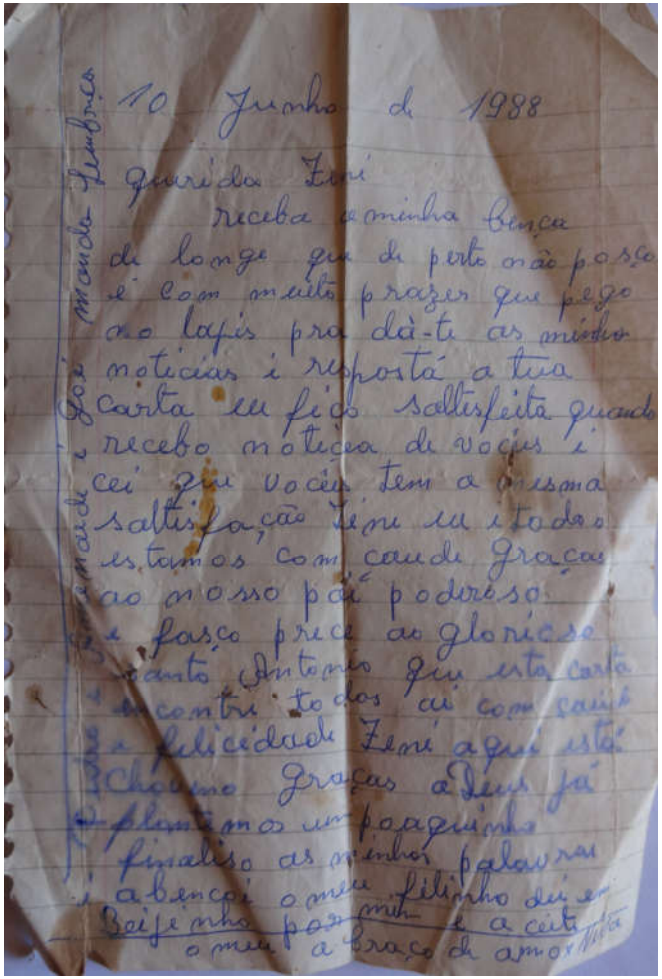
Zelnilta aqui na premeira linha| eu pesço a deus que ti abençoi.| Zeni e com muito prazer que pego na pena| pra dá as minhas notiçias e tambem respostar| a tua linda cartinha que veio trazer as tuas| bôa notiçia graças ao nosso bom deus| i também trazer mais felicidade para mim| um a filhado é mais alegria na minha| vida Zéne eu i todos estamos com çaude| graças a deus Zeni nós vamos batizar| o menino [.][552] no dia 30 de Agosto| si Deus quizer pode espera em Riachão| que nos vamos se deus quizer nos faz| um planno mais quem sabe é Jezus| mais nos comfiamos em Cristo Jesus| Lembranca i Abraço da ~~a~~ tia que ama| dei Lembrança a comade Almerinda e a todos| que pergunta pro mim i a benção de Deus| pra todos|

eu sempri as ordem|
a tia que ama|

Francisca Carneiro de Oliveira o mena|

Nina|

[552] Traço aleatório.



Carta 108

AZBO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 280mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, alguns furos e pequenas manchas. A pauta na margem inferior foi desenhada a caneta.

10 Junho de 1988|

Querida Zeni|

receba a minha bença| de longe que de perto não posço| é com muito prazer que pego| no lapis pra dà-te as minha| noticias i respostá a tua| carta eu fico saltisfeita quando| recebo noticia de vocêis i| cei que vocêis tem a mesma[553]| saltisfação Zéne eu i todos| estamos com çaude graças| ao nosso pai poderoso| e fasço prece ao glorioso| [.][554]anto Antonio que esta carta| encontri todos ai com çaude| e felicidade Zeni aqui está| choveno graças a Deus já| plantemos um pouquinho| finaliso as minhas palavras| i abencoi o meu filinho dei um| Beijinho por mim e a ceite| o meu abraço de amor Nina|[555]

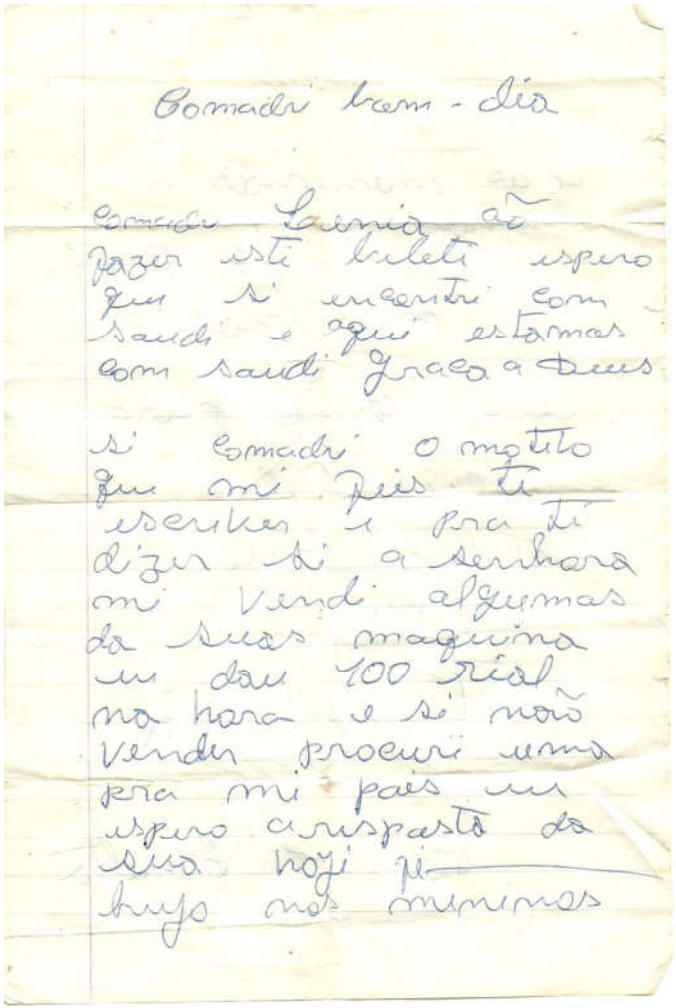
<Pedro e Amenaide i Goi manda Lembraça|>[556]

[553] Há um furo na letra *m*.
[554] Dano no suporte.
[555] As duas últimas linhas estão escritas na margem inferior.
[556] Escrito de baixo para cima, na margem esquerda.

REMETENTE N° 47

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Terezinha Bispo.
Nome Completo: Terezinha Bispo Oliveira.
Filiação: Manuel Virgínio e Maria.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. (1) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: (1) **Data de falecimento:** (viva).
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade: estudou até a quarta série.
Principais atividades: dona de casa
Observações:
(1) Irmã caçula de Zenilta.

Fontes: depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.


Comadri bom-dia

Comade Zenia ão
fazer esti bileti espero
que si encontri com
saudi e aqui estamos
com saudi graca a Deus

si comadri o motivo
que mi feis ti
escrever e pra ti
dizer si a senhora
mi vendi algumas
da suas maquina
eu dou 100 rial
na hora e si não
vender procuri uma
pra mi pois eu
espero a resposta da
sua hoji fi
beijo nos meninos

Carta 109

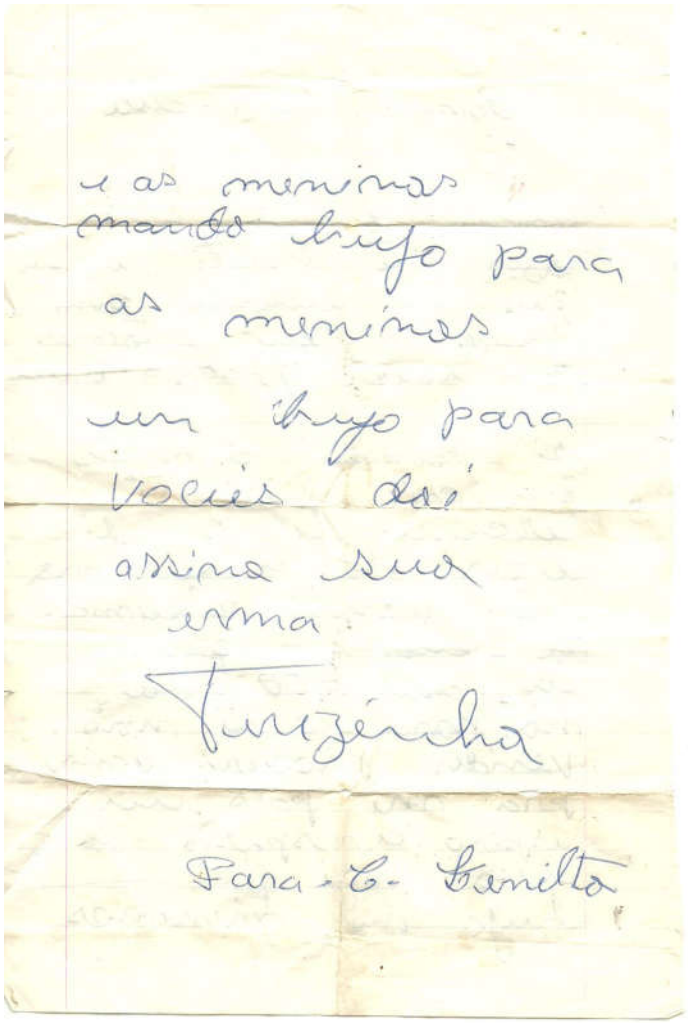
AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 250mm x 135mm. Apresenta pequenos furos, causados pelas dobras, que não comprometem a leitura.

Comadri bom-dia|

Comade Zenia ão| fazer esti bileti espero| que si encontri com| saudi e aqui estamos| com saudi graca a Deus|

si comadri o motivo| que mi feis ti| escrever e pra ti| dizer si a senhora| mi vendi algumas| da suas maquina| eu dou 100 rial| na hora e si não| vender procuri uma| pra mi pois eu| espero a resposta da| sua hoji fi[557]| beijo nos meninos|

[557] Traço horizontal.



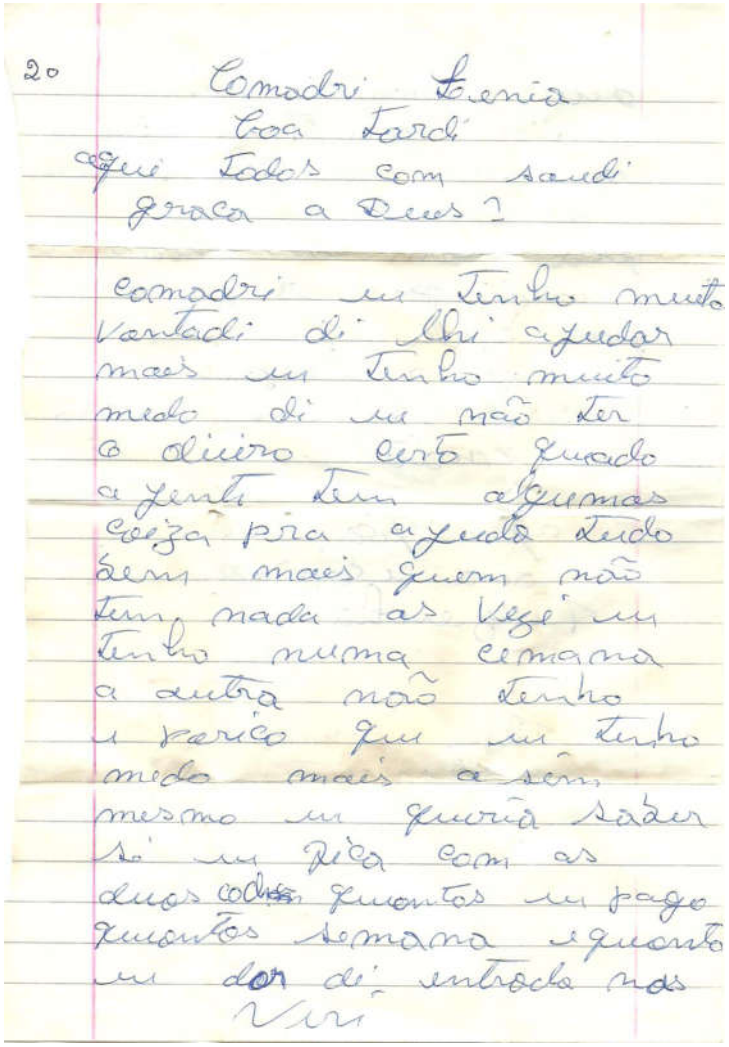
[fol. 1v]

e as meninas|manda beijo para| as meninos[558]| um beijo para| voceis dai| assina sua| irma|

Terezinha|

Para . C*omadre* Zenilta|

[558] Não é clara a distinção entre *o* e *a* nesta palavra.


20
Comadri Zenia
boa tardi
aqui todos com saudi
graca a Deus?

comadri eu tenho muita
vontadi di lhi ajudar
mais eu tenho muito
medo di eu não ter
o dieiro certo quado
a jente tem algumas
coiza pra ajuda tudo
bem mais quem não
tem nada as vezi eu
tenho numa cemana
a outra não tenho
e porico que eu tenho
medo mais a sim
mesmo eu queria saber
si eu fica com as
duas coch~~m~~a quantos eu pago
quantas semana e quanto
eu dor di entrada nas
viri

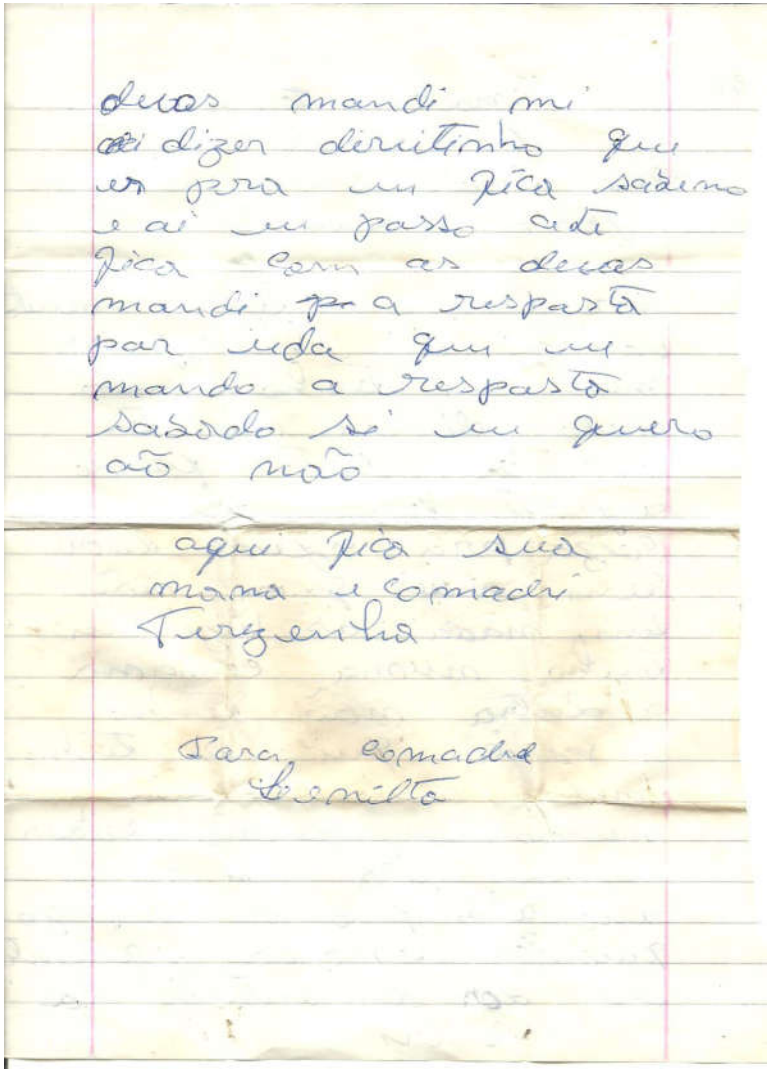
Carta 110

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 136mm. Apresenta um pequeno furo na marca da dobra central e manchas, principalmente, no verso. Há a anotação "20" na margem superior, à esquerda.

Comadri Zenia|
boa tardi|
aqui todos com saudi| graca a Deus?|

comadri eu tenho muita| vontadi di lhi ajudar| mais eu tenho muito| medo di eu não ter| o dieiro certo quado| a jente tem algumas| coiza pra ajuda tudo| bem mais quem não| tem nada as vezi eu| tenho numa cemana| a outra não tenho| e porico que eu tenho| medo mais a sim| mesmo eu queria saber| si eu fica com as| duas coch<↑a>~~m~~ quantos eu pago| quantas semana e quanto| eu dor di entrada nas|
viri|[559]

[559] Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]

duas mandi mi| ~~di~~ dizer direitinho que| er pra eu fica sabeno| e ai eu posso ate| fica com as duas| mandi p a resposta| por ieda que eu| mando a resposta| sabado si eu quero| aõ não|

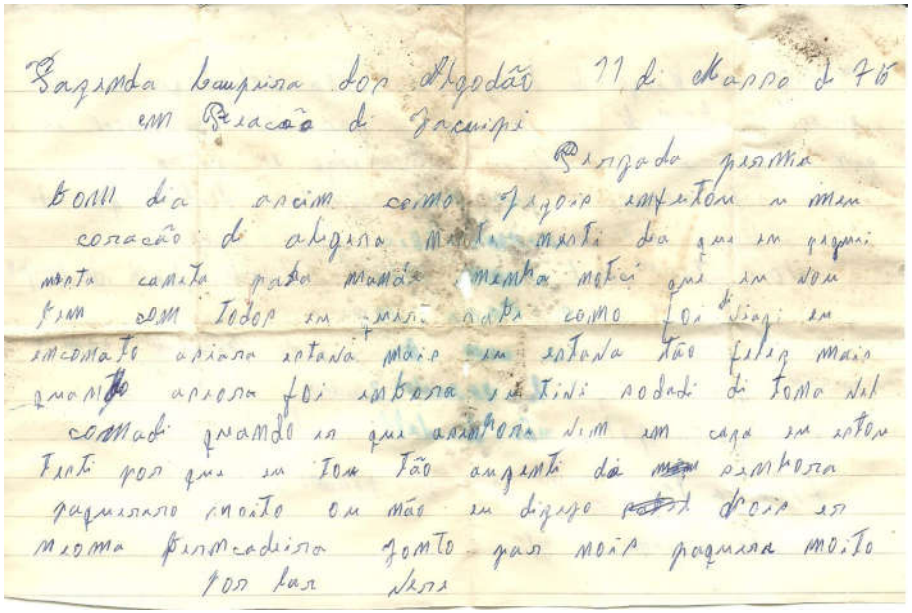
aqui fica sua|
mana e comadri|
Terezinha|

Para comadre|
Zenilta|

REMETENTE N° 48

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Valdelice de Oliveira.
Nome Completo: Valdelice de Oliveira.
Filiação: Cândida. (1)
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. (1) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1955 (aproximadamente) **Data de falecimento:** (viva)
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:
(1) Prima de Zenilta Bispo Oliveira.

Fontes: depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.



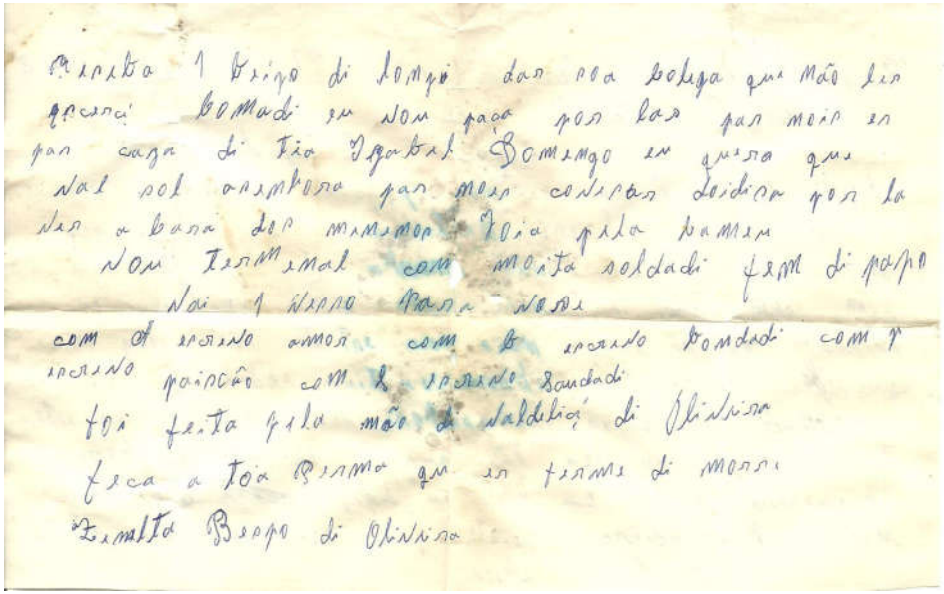
Carta 111

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 123mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras, pequenos rasgos e manchas, principalmente na parte central, causadas, provavelmente, por umidade. A parte inferior foi recortada.

Fazinda Caupeira dos Algodão 11 di Masso di 75|
em Riacão di Jacuipi|
Perzada pirma|
bom dia ascim como Jezois enfeitou u meu| coracão di aligira n[.][560] nesti dia que eu peguei| nesta caneta para manda minha notici que iu vou| bem com todos eu quir[.][561] sabe como foi <↑di> viaji eu| enconato asiora estava mais eu estava tão feliz mais| quando[562] asiora foi enbora e u tivi sodadi di tona[563] vil| comadi quando er que asinhora vem em caza eu estou| testi por que eu tou tão auzenti da[564] ~~mim~~ sinhora| paqueraro moito ou não eu dizejo ~~sabe~~ d[.]ois er ne oma| birncadeira jonto par nois paquera moito|
por lar viri|

[560] Dano no suporte.
[561] Dano no suporte.
[562] Rasurado.
[563] Dano no suporte.
[564] Rasurado.

[fol. 1v]



Reseba 1 beijo di lonji dar soa colega que não lir| Escerci Comadi eu vou paça por lar par nois er| par caza di tia Izabel Domingo eu quero que| val sol asenhora par nois covesar doidisa por la| ver a Casa dos meninos Joia pelo camin|

vou terminal com moita soldadi fim di papo|

vai 1 vesso para vose[565]|

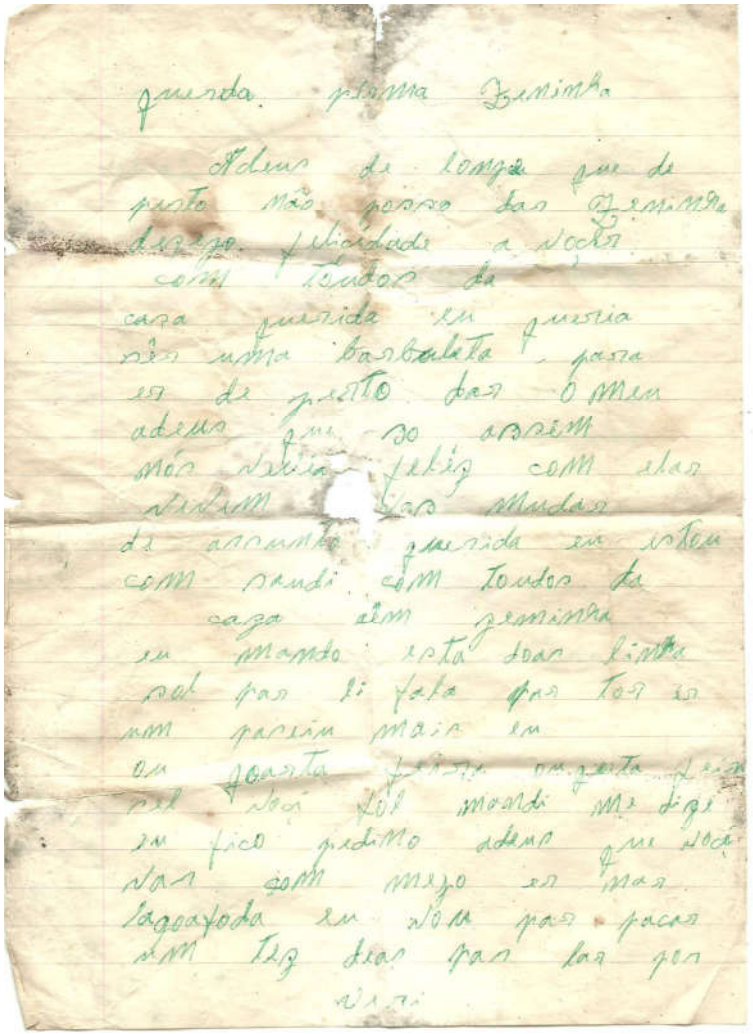
com A escrevo amor com b escrevo bondadi com p| escrevo paixão com s escrevo saudadi|

foi feita pela mão di Valdelici di Oliveira|

fica a toa Pirma que er firmi di morre|

Zenilta Bispo di Olveira|

[565] Rasura na letra *s*.



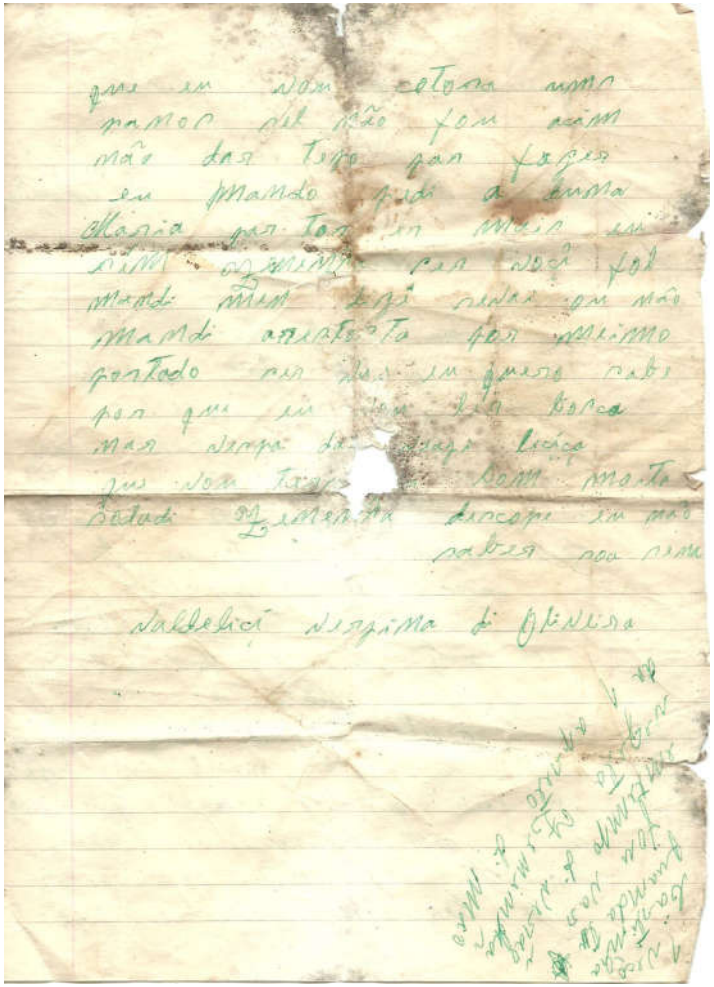
Carta 112

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 213mm x 152mm. Apresenta pequenos rasgos, causados pelas dobras, e um rasgo maior no centro, que impede a leitura de uma palavra na 11ª linha da mancha escrita do recto. Há manchas, provavelmente causadas por umidade.

querida pirma Zeninha|

Adeus de lonje que de| perto não posso dar Zeninha| dezejo felicidade a voçer| com toudos da| caza querida eu queria| sêr uma barbuleta para| er de perto dar o meu| adeus que so assim| nós vivia feliz com elar| vivem [.][566]vas mudar| di assunto querida eu istou| com saudi com toudos da| caza cim[567] zeminha| eu mando esta doas linha| sol par li fala par tor ir| um paseiu mais eu|
ou qoarta feira ou qeita feira| sel voçi fol mandi me dize| eu fico pedino adeus que voçi| var com migo er nar| lagoafoda eu vou par pacar| um tez dias par lar por|
viri|

[566] Dano no suporte.
[567] Rasurado.



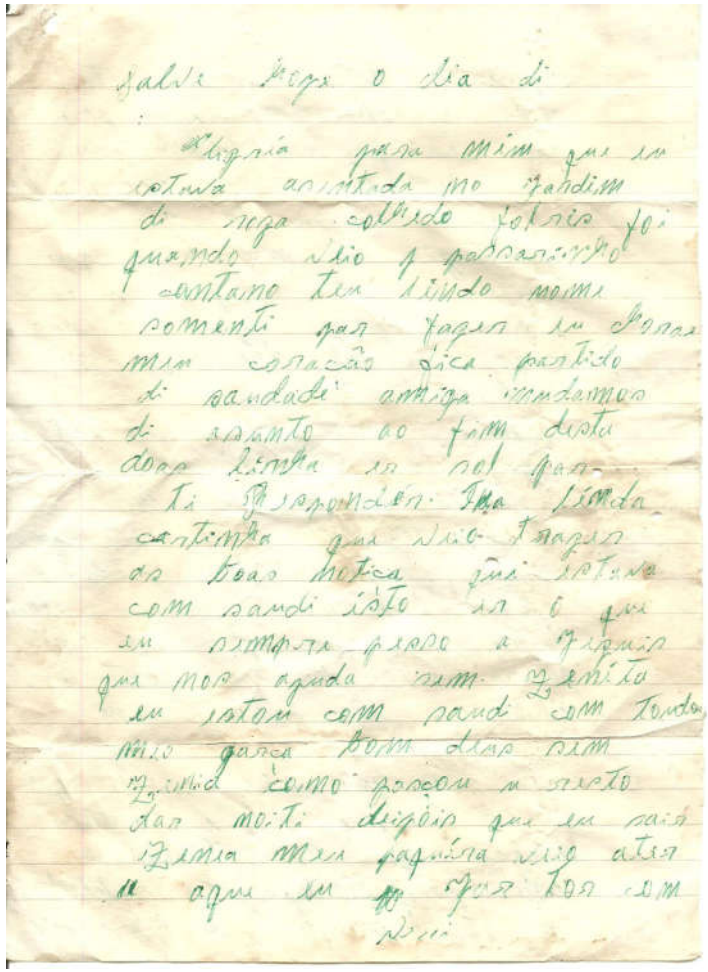
[fol. 1v]

que eu vou cotora ums| panos sel não fou acim| não dar tepo par fazer| eu mando pedi a duna| Maria par tor ir mais eu| sim Zeninha sir voçi fol| mandi min dizê sevai ou não| mandi arestosta por meimo| portado sir vir[.][568] eu quero sabe| por que eu vou[569] ler bosca| nar vespa da viaji liçiça| que vou ter[.][570] com moita| sodadi Zenenha discope eu não| saber soa sena|

Valdeliçi Vergina di Oliveira|

<1 veço| Cartinha| quando tu [.]| fou var| em tempo di verão| vezita Zeninha| da 1 apreto di mão|>[571]

[568] Dano no suporte.
[569] Dano no suporte.
[570] Dano no suporte.
[571] Escrito no canto inferior direito, no sentido inverso do papel.



Carta 113

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 213mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e pequenos furos que não comprometem a leitura.

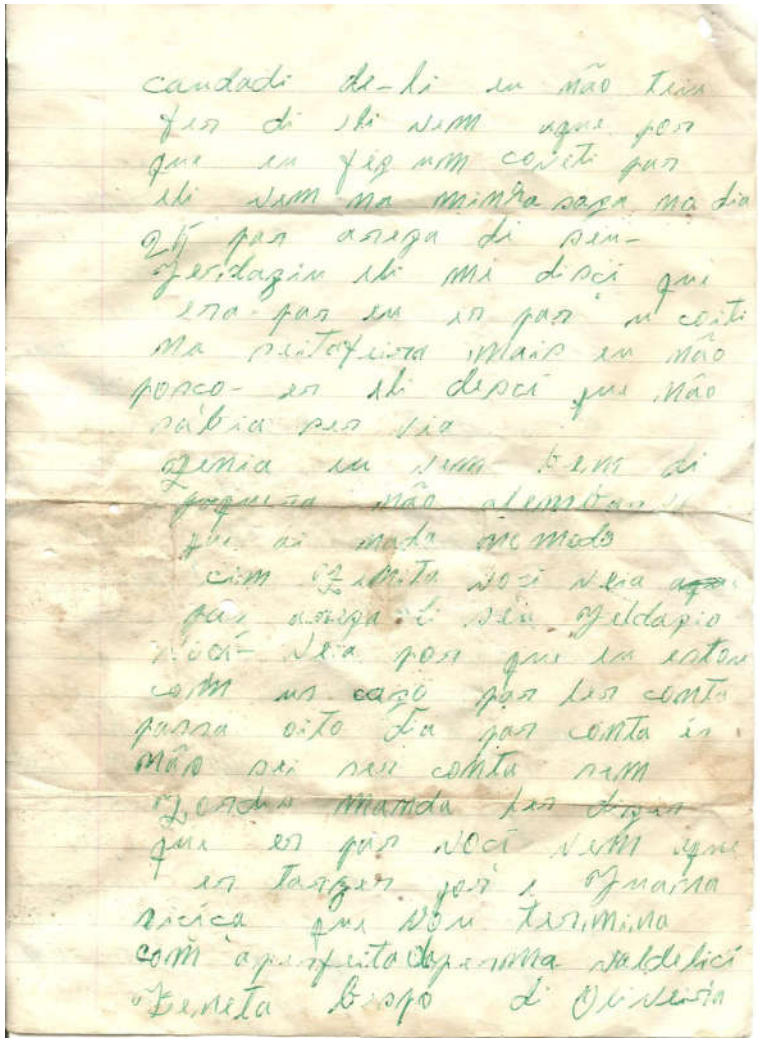
Salve hoje o dia di|

Aligria para mim que eu| estava asentada no jardim| di roza colhedo folris foi| quando veio p passarinho| cantano teu lindo nome| somenti par fazer eu chorar| meu coração fica partido| di saudadi amiga mudamos| di asunto ao fim desta| doas linha er sol par|

ti Responder tua linda| cartinha que veio trazer| as boas notiça qui istava| com saudi isto er o que| eu sempre pesso a Jezuis| que nos ajuda sim Zenita| eu estou com saudi com toudo| meo garça bom deu s sim| Zenia como pasçou u resto| das noiti deipois que eu sair| Zenia meu paquéra veio ater| [.][572] aqui eu [.][573] jar tor com|

viri|

[572] Rasurado.
[573] Rasurado.



[fol. 1v]

caudadi de-li eu não teiu| fer di eli vim aqui por| que eu fiz um coviti par| eli vim na minha saza no dia| 25 par a reza di seu-| Jerdaziu eli mi disçi qui| era par eu ir par u coiti| na seitafeira mais eu não| porço. ir eli desci que não| sabia sir via|
Zenia eu vim bem di| paquera não alembor| qui ai nada no modo| cim Zenita voci veio ~~aqui~~|par a reza di seu Jeldazio| voci – vea por que eu estou| com us cazo par lir conta| passa oito dia par conta ir| não sei ser conta sim| Lordis manda lir dizir| qui er par voçi vim aqui| ir tarzer jor e Juana| sicica que vou termina| com a perfeita dapirma <u>valdelici</u>|
Zenita bispo di Oliveira[574]|

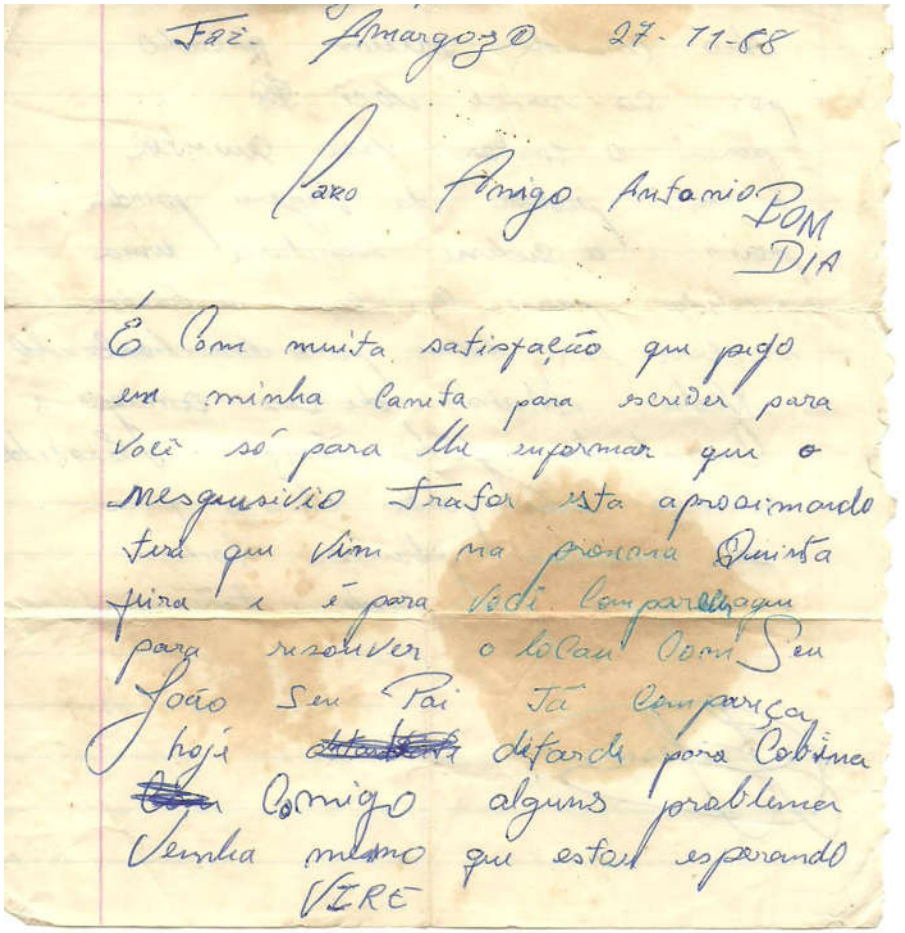
[574] Escrito na margem inferior.

3.11 CARTAS PARA ANTONIO CARNEIRO DE OLIVEIRA

REMETENTE N° 49

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Júlio Luiz
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. (1) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes: depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.


Faz. Amargozo 27-11-88

Paro Amigo Antonio BOM DIA

É Com muita satisfação que pego em minha caneta para escrever para você só para lhe informar que o Mesquesivio Trasa esta aproximando tera que vim na prosima Quinta feira e é para vocé comparecer aqui para resouver o locau com Seu João Seu Pai Já compareça hoje ~~ditardeate~~ ditarde para Cobina ~~com~~ Comigo alguns problemer Venha mesmo que estou esperando VIRE

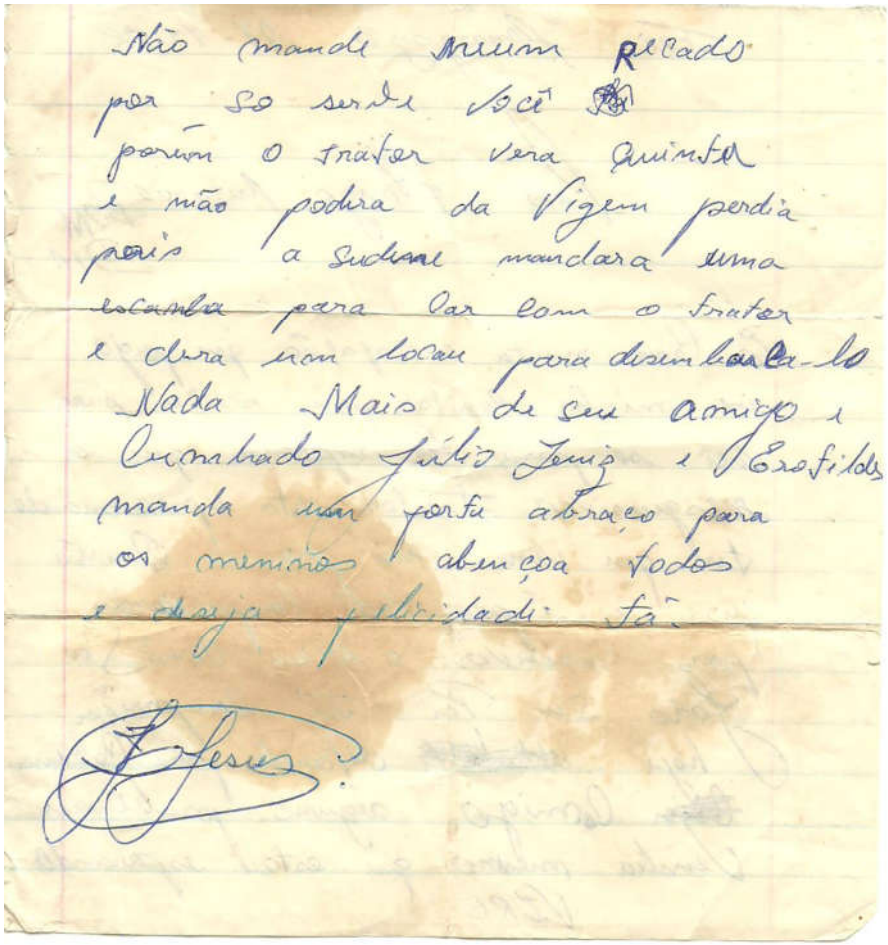
Carta 114

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 143mm x 133mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, bastante visíveis, mas que não comprometem a leitura. A parte superior do papel foi cortada.

Faz*enda* Amargozo 27- 11-88|

Para Anigo Antonio|
BOM|
DIA|

É Com muita satisfação que pego| em minha caneta para escrever para| você só para lhe informar que o| Mes quesivio tratar esta aprosimando| tera que vim na prosima Quinta| feira e é para você comparecer aqui| para resouver o locau com Seu| João Seu Pai já compareça| hoje ~~ditardeate~~ ditarde para Cobina| ~~com~~ Comigo alguns problema| Venha mesmo que estou esperando|
VIRE|



[fol. 1v]

Não mande neum Recado| por so serve você [.][575]| porém o trator vera Quinta| e não podera da Vigem perdia| pois a Sudene mandara uma| escanha para lar com o trator| e dera um locau para desembarca-lo| Nada Mais de Seu amigo e| Cumhado Júlio Luiz e Erotildes| manda um forte abraço para| os meninos abençoa todos| e deseja felicidadi tá.|

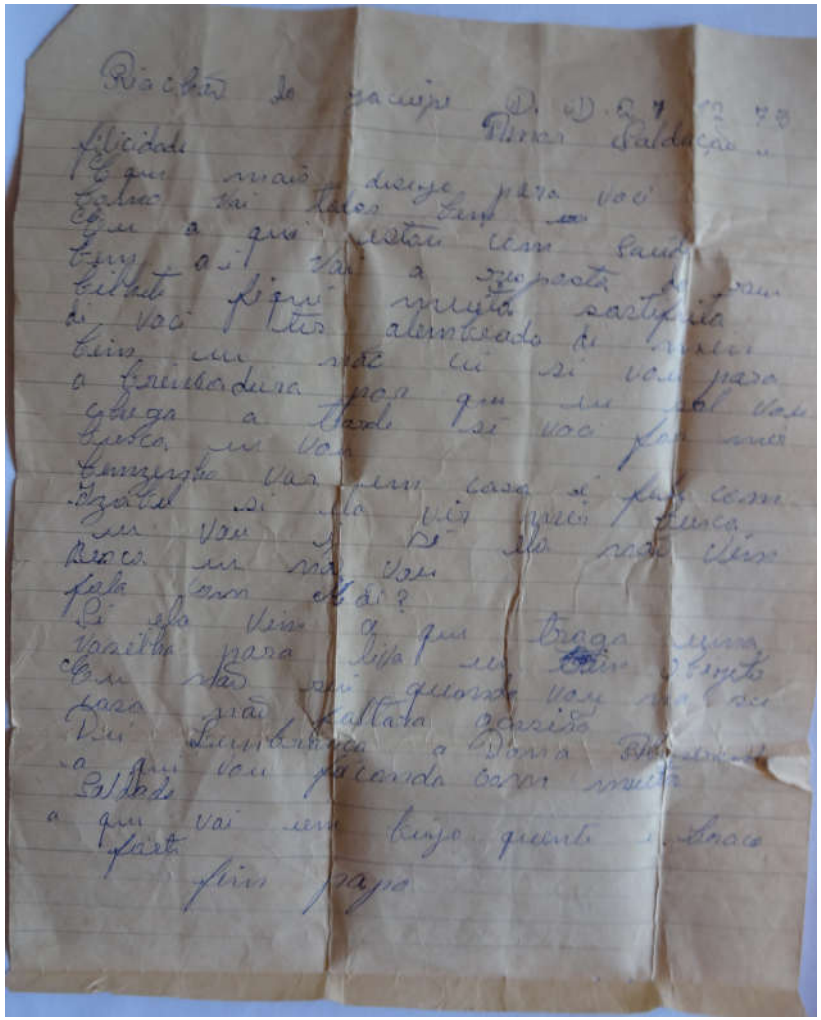
JLJesus[576]|

[575] Rasurado.
[576] Rubrica.

REMETENTE N° 18 (Cf. ficha do remetente nº 18)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Zenilta Bispo Oliveira.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita das cartas):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes:



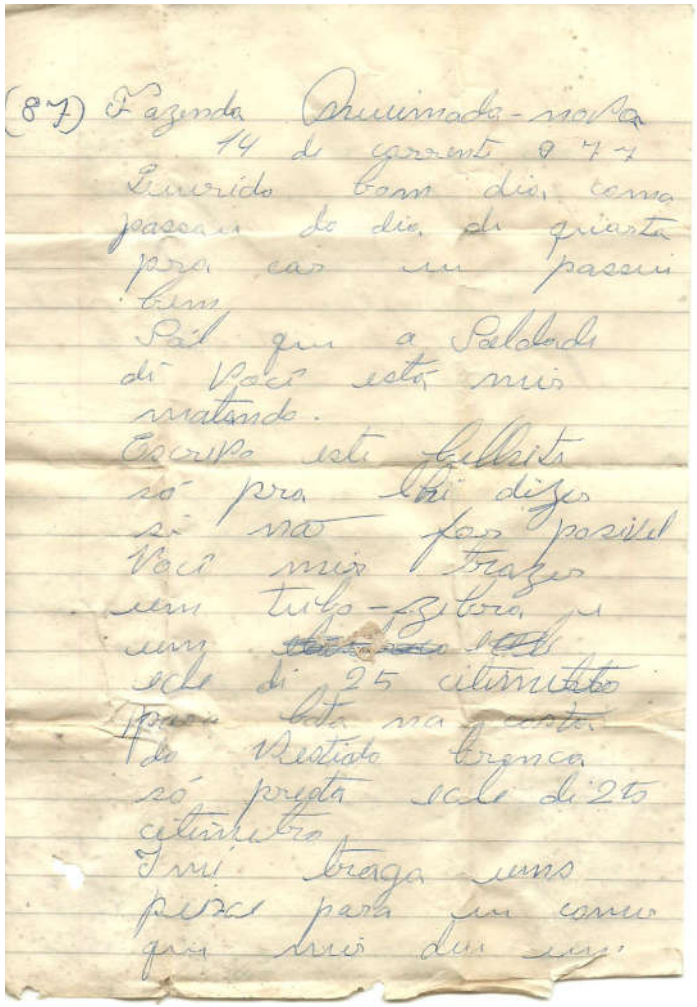
Carta 115

AZBO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 275mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras e partes machucadas. Não está assinada, mas Zenilta Bispo confirma a autoria e, além disso, a letra é a mesma das outras cartas dessa remetente.

Riachão do jacuipe D. D. 27 12 75|
Amor Saldação e|

filicidade|
E qui mais desejo para você| Como vai todos bem [.][577]| Eu a qui estou com Saúde|bem ai vai a resposta do seu| bilhete fiqui muita sastifeita| di você ter alembrado di min| bem eu não cei si vou para| a brincadeira por que eu sol vou| chega a tarde si voci for mir| busca eu vou|
bemzinho var em casa é fale com| Izabel si ela vir mir busca| eu vou i si ela não vim| Busca eu não vou|
fala com Mãi?|
Si ela vim a qui traga uma| vasilha para liva us ~~trein~~ objeto| Eu não sei quando vou na su| casa não faltara ocasião|
Dei Lembrança a Dona Almerinda| a qui vou ficando com muita| Saldade|
a qui vai um beijo quente e braco| forte|
fim papo|

[577] Rasurado.

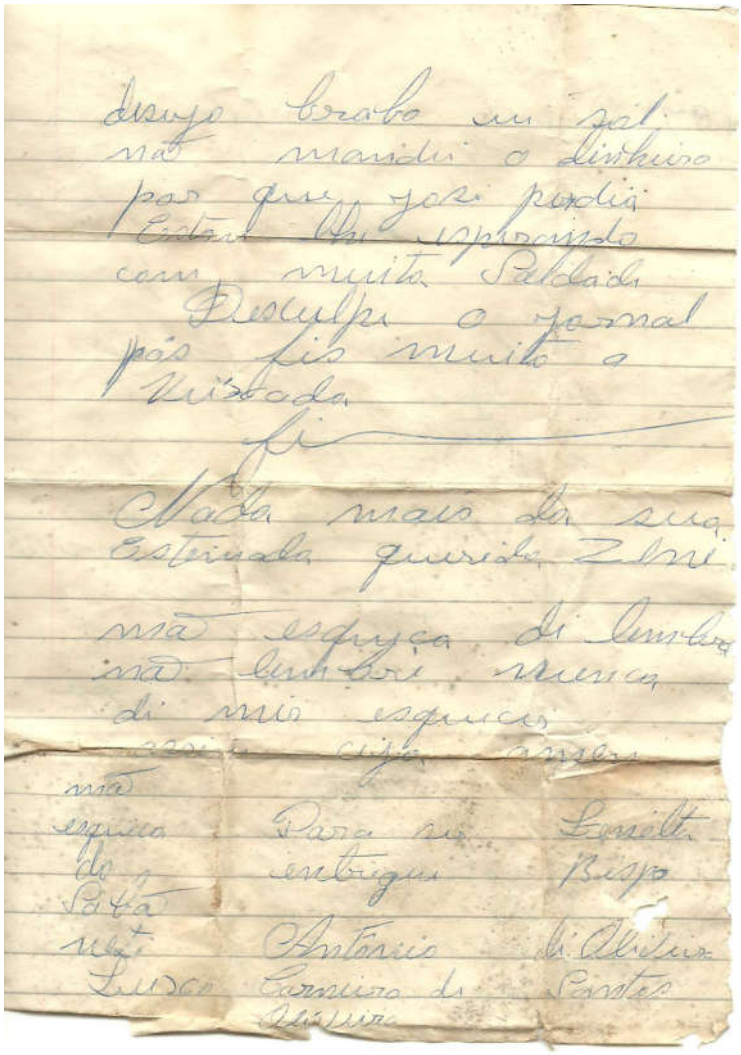


Carta 116

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 203mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras, manchas, e pequenos rasgos na extremidade inferior. Há a anotação "(87)" na margem superior, à esquerda.

Fazenda Queimada-nova|
14 de corrente 9 77|
Querido bom dia como| passou do dia de quarta| pra car eu passei| bem|
Sól que a Saldade| di você está mir| matando.|
Escrevo este bilhite| só pra lhi dizer| si não for posivel| você mir trazer| um tubo-zebra e| um ~~clas[.]~~[578] ~~co~~ [.][579]| ecle di 25 citimetro[580]| para bota na costa| do vestido branco| só presta ecle di 25| citimetro|
I mi traga ums| peixe para eu comer| qui mir deu um|

[578] Dano no suporte.
[579] Rasurado.
[580] Rasurado.



[fol. 1v]

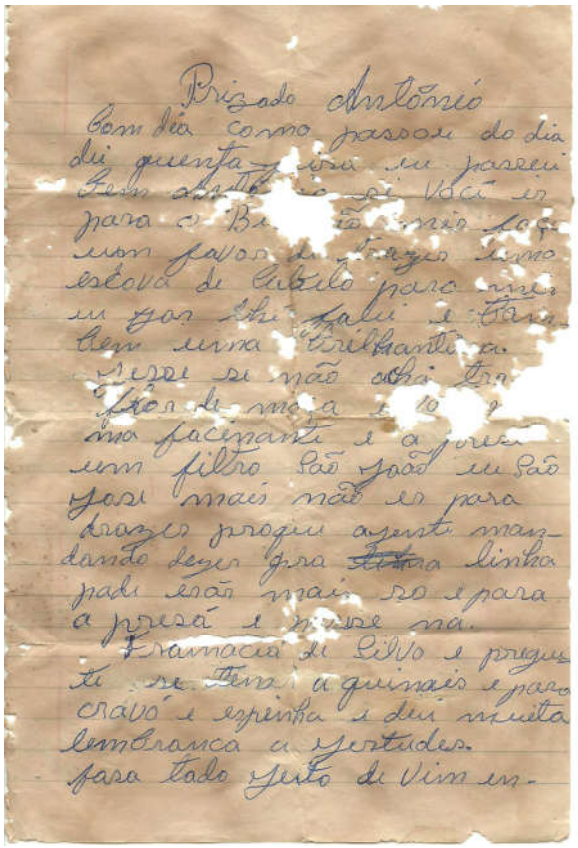
desejo brabo eu sol| não mandei o dinheiro| por que josi perdio| Estou lhe esperando| com muita Saldade|
Desculpe o jornal| pôs fis muito a| veixada|
fim|[581]

Nada mais da sua| Estimada querida Zeni|

mão esqueça di lembra| não lembre nunca| di mir esquecer| assim cija amen|

mão		
esqueca	Para ser	Zenilta|
do	entregue	Bispo|
Sabão		
neti	Antônio	di Oliveira|
Luxo	Carneiro de	Santos|
	Oliveira|	

[581] A letra "m" foi feita em forma de traço horizontal.

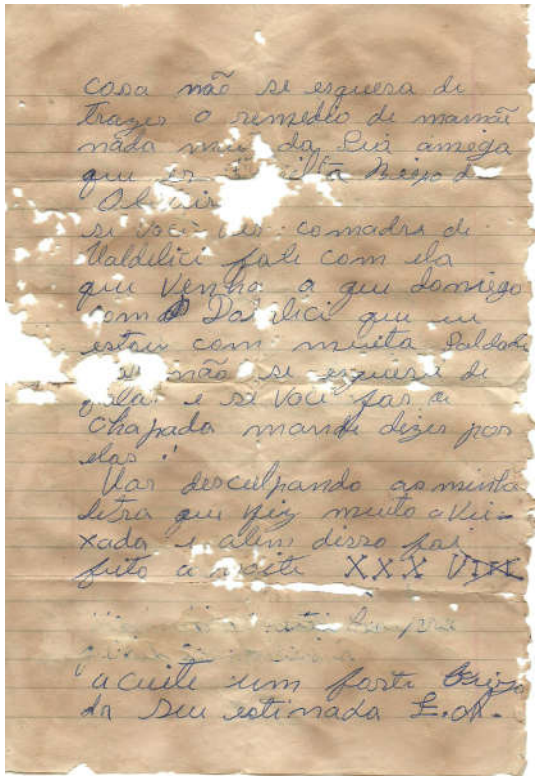


Carta 117

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 212mm x 138mm. Apresenta marcas de dobras e vários rasgos, comprometendo a leitura de palavras de 5 linhas da mancha escrita do recto e do verso.

Prizado Antônio|
bom dia como passou do dia| dei quenta-f[.][582]ira eu passei| bem Ant[.][583] si você ir| para o B[.][584]ão mir faça| um favor de trazer uma| escova de cabelo para mir| eu jar lhi falei e tam-| bem uma brilhantina.| jesoe si não acha tra[.][585] flor de moça[586] [.][587]| ma facinante e a presi[588]| um filtro São João eu São| Jose mais não er para| drazer proque ajente man-|dando dezer pra ~~lihna~~ linha| pode erár mais so e para| a presá e p[.][589]sse na.| Framacia de Silvo e pregu-|te se tem a guinais e para| cravó e espinha e dei muita| lembranca a Jertudes.|
fasa todo jeito de vim en.|

[582] Dano no suporte.
[583] Dano no suporte.
[584] Dano no suporte.
[585] Dano no suporte.
[586] Dano no suporte na letra *ç*.
[587] Dano no suporte.
[588] Dano no suporte na letra *p*.
[589] Dano no suporte na letra *a*.

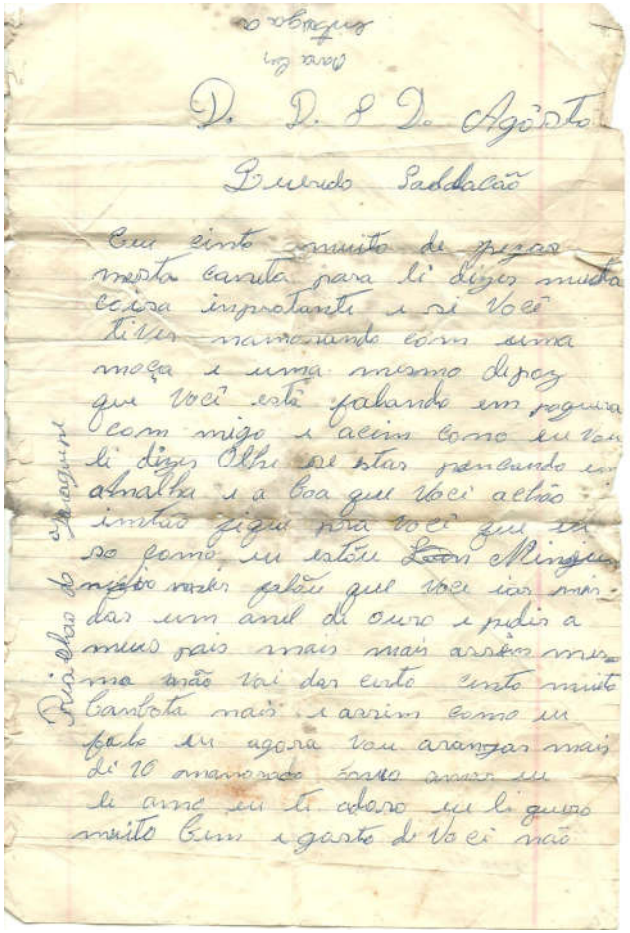


[fol. 1v]

casa não se esquesa de| trazer o remedio de mamãe| nada ma[.][590] da Sua amiga| que er [.][591]ilta Bispo d[.][592] Oliveir[593]|
se voce ver[594] comadre de| Valdelici fale com ela| que venha a qui domigo| com[595] [.][596] Doralici[597] que eu| estou com muita Saldade| [.][598] não se esquesa de| falar[599] e se voce[600] for a| chapada mande dizer por| elas:|
Var desculpando as minha| letra que fiz muito a vei-| xada e alem disso foi| feito a noite XXX ~~VIII~~|

aceeite um forte beijo| da sua estimada *Zenilta Oliveira*|

[590] Dano no suporte.
[591] Dano no suporte.
[592] Dano no suporte.
[593] Dano no suporte nas letras *i, v* e *e*.
[594] Dano no suporte na letra *v*.
[595] Dano no suporte na letra c.
[596] Rasurado.
[597] Dano no suporte na letra *r*.
[598] Dano no suporte.
[599] Dano no suporte nas letras *f* e *a*.
[600] Dano no suporte no lugar onde seria o acento.



Carta 118

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 205mm x 132mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, mais escurecidas na parte central, causadas, provavelmente, por umidade.

<para cer| entrega a|>[601]

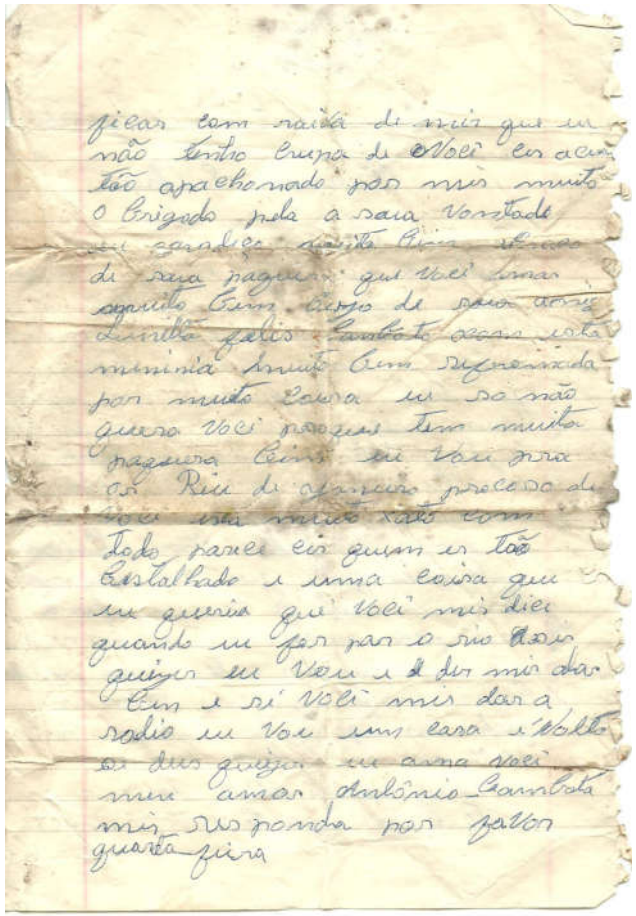
D. D. 8 D. Agôsto|

Querido Saldacão|

Eu cinto muito de pegar| mesta caneta para li dizer muita| coisa inprotante e se você| tiver namorando com uma| moça e uma mesmo depoz| que você está falando em paquera| com migo e acim cono eu vou| li dizer Olhe se estar pencando em| Analha e a boa que você achão| imtão fique pra você que eu| so como eu estõu [.][602] Ningun[603]| nin[604] mir falõu que voce iar mir| dar um anel de ouro e pedir a| meus pais mais mais assim mes-|mo não vai dar certo cinto muito| Canbota nais e assim como eu| falo eu agora vou aranjar mais| di 10 manorado meo amor eu| le amo eu ti adoro eu li quero| muito bem e gosto di você não|

<Riachao do Juaguipe>[605]

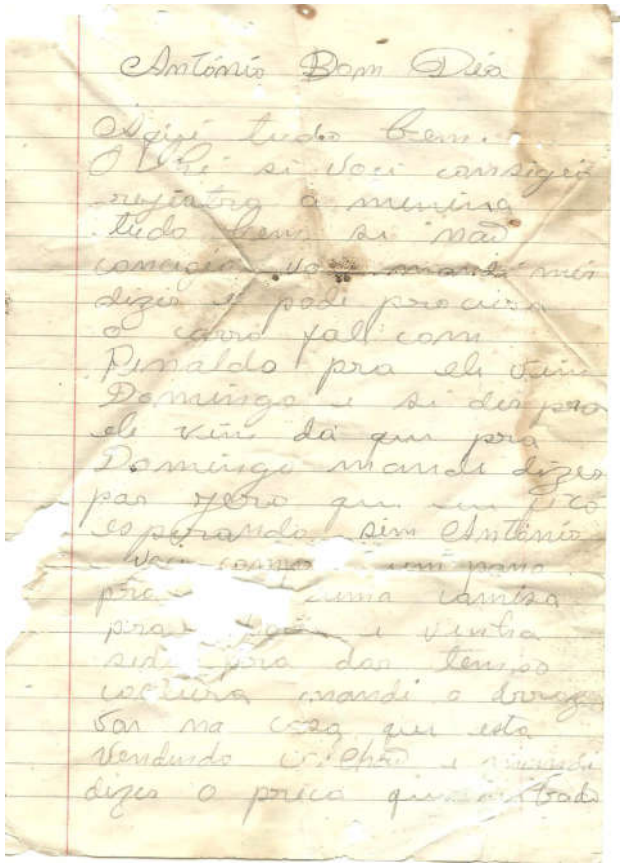
[601] Escrito na margem superior, no sentido inverso do fólio.
[602] Rasurado.
[603] Rasurado.
[604] Rasurado.
[605] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.



[fol. 1v]

ficar com raiva de mir que eu| não tenho crupa de [.][606]você cer acin| tão apachonado por mir muito| o brigado pela a sua vontade| eu agradeço muito[607] bem abraco| de sua paquera que você amar| muito bem bejo de sua amig[.][608] | Zenilta felis Canbota ocom esta| meninia muito bem sifromada| por muita cousa eu so não| quero você proque tem muita| paquera Cim eu vou pra| or Riu de Janeiro procoso de| você esta muito xato com| todo parece cer quem er tão| bestalhado e uma coisa que| eu queria que você mir dice| quando eu for par o rio [.][609] sir| quizer eu vou e [.][610] der mir dar| bem e si você mir dar a| valio eu vou em casa e volto| se dus queizer eu amo você| meu amor Antônio[611]_Cambota| mir responda por favor| quarta-feira|

606 Rasurado.
607 Dano no suporte nas letras *m* e *u*.
608 Dobra do papel.
609 Rasurado.
610 Rasurado.
611 A letra *t* não está cortada.



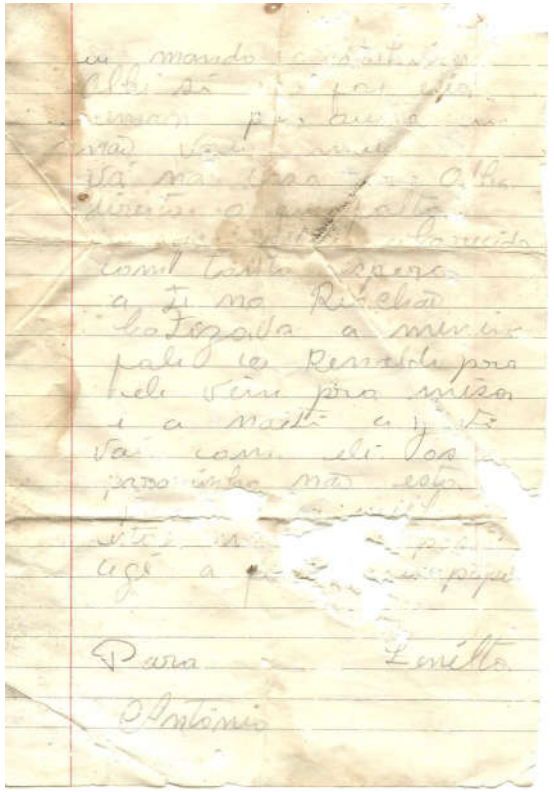
Carta 119

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito a lápis, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 135mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e rasgos. Há um rasgo maior que compromete a leitura de palavras de 4 linhas da mancha escrita do recto.

Antônio Bom[612] Dia|

Aqui tudo bem.| O lhi si você consigio| rejistra a menina| tudo bem si não| concigio voci[613] mandi mir| dizir e pode procura| o carro fale com| Renaldo pra ele vim| Domingo e si der pra| ele vim da qui pra| Domingo mande dizer| por Jero que eu fico| esperando sim Antônio| voce[614] comp[.][615] um pano| pra [.][616] uma camisa| pra [.][617] e venha| sedo[618] pra dar tempo| costura mandi o arroz| var na casa que esta| vendendo colchão e mandi| dizer o preco que sabado[619]|

[612] Há uma rasura na letra *B*.
[613] Dano no suporte.
[614] Há dano no suporte em parte das letras *c* e *e*.
[615] Dano no suporte.
[616] Dano no suporte.
[617] Dano no suporte.
[618] Há dano no suporte na letra *o*.
[619] Há machucamento do papel nas letras *s* e *a*.



[fol. 1v]

eu mando o dinheiro[620]| Olhi si [.][621] for esta| cemana p[.][622] outra [.][623]| não v[.][624] mais| vá na casa para olha| direito o que falta| [.][625] aborecida| com tanta espera| a te no Riachão| batizava a menina| fale a Renaldo pra| ele vim pra misa| e a noiti a j[.][626]nti| vai com eli os| pasa[.][627]inho não esta| [.][628] |esta [.][629]| [.][630] papel|

Para Zenilta|

Antônio|

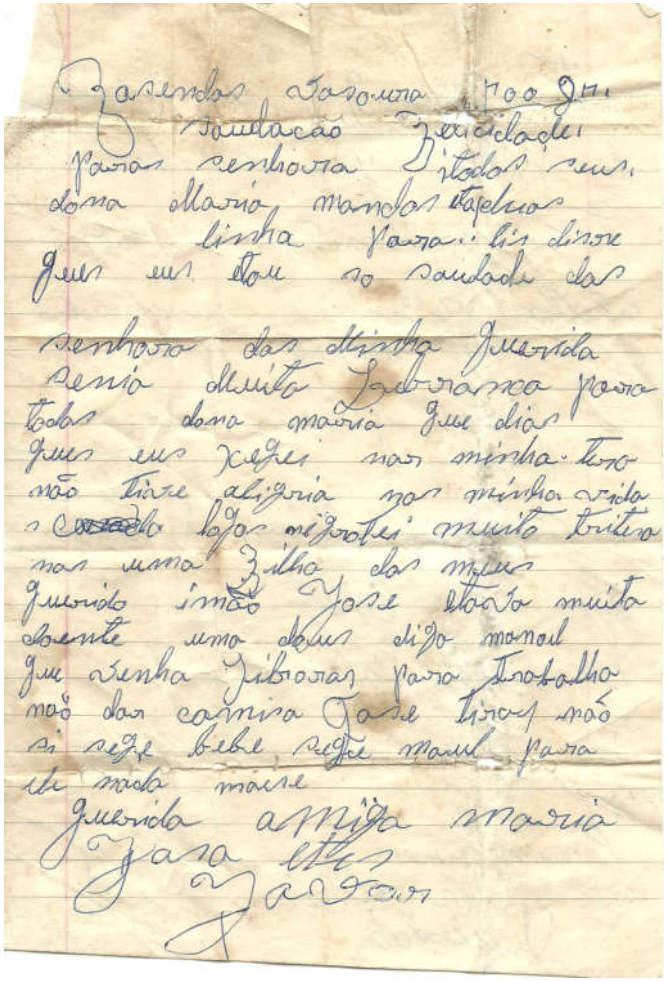
[620] Desgaste do papel e da tinta.
[621] Dano no suporte.
[622] Desgaste do papel e da tinta.
[623] Desgaste do papel e da tinta.
[624] Dano no suporte.
[625] Dano no suporte.
[626] Dano no suporte.
[627] Dano no suporte.
[628] Há dano no suporte, comprometendo a leitura de três linhas.
[629] Dano no suporte.
[630] Dano no suporte.

3.12 CARTAS PARA MARIA BISPO DOS SANTOS

REMETENTE N° 50

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Lindaura Almeida.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. (1) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes: depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.



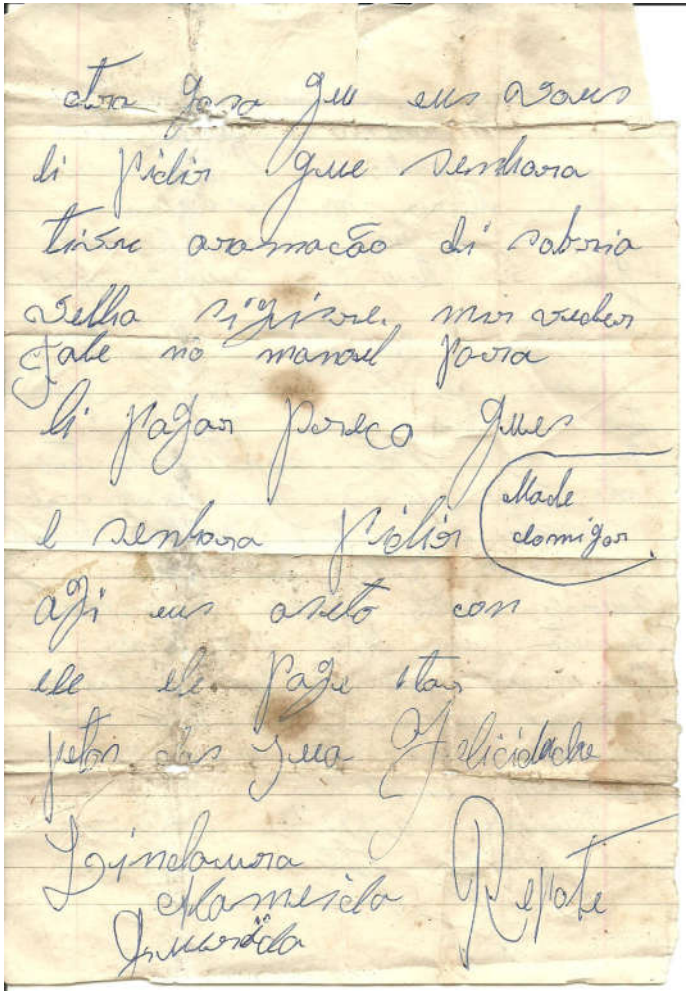
Carta 120

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 140mm. Apresenta manchas, partes machucadas e pequenos rasgos nas marcas de dobras.

Fazendas vasoura [?]|
saudacão felicidade.|
paras[631] senhora itodos seus.| dona Maria mandos etaduas[632]|
linha para.. lis disre| quer eus etou so saudade das|

senhora das Minha querida[633]| senia Muita Lebranca para| todos dona maria que dias| quer eus xegei nar minha. tera| não tive aligria nas minha vida| [.] logos nigratei muito tritesa| nas uma filha dos meus| querido imão Jose etava muito| doente uma dous diga manoel| que venha siboras para trabalha| não dar camisa Jose tirar não| si sege bebe sege maul para| ele nada mais e|
guerida amiga maria|
Fasa etes|
Favor|

[631] Não é clara a distinção entre 's' e 'r' no fim de palavra, ao longo do texto.
[632] Há uma barra vertical separando as duas palavras.
[633] Não é clara a distinção entre 'q' e 'g' ao longo do texto.



[fol. 1v]

otra gosa que eus vous| li pidir que senhora| tivre aramacão di sobria| velha si gisre mir veder| Fale no manoel para| li pagar preco gues| e senhora pidir|<↑Made> domigor[634]| agi eus aseto con| ele ele page etas| petos das sua Felicidadre|[635]

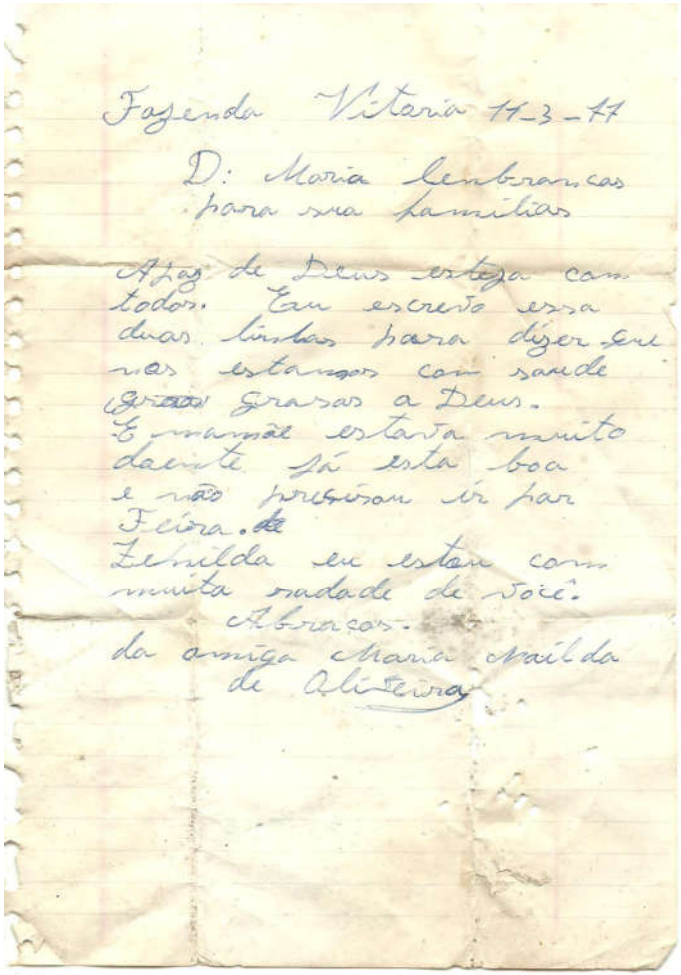
Lindaura|
Alameida Repote|
querida|[636]

[634] Há um traço circular separando a expressão "<↑Made> domigor|" do restante do texto.
[635] Há uma linha em branco entre cada linha escrita, exceto entre a quarta e quinta linhas.
[636] Escrito na margem inferior.

REMETENTE N° 51

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Maria Nailda de Oliveira.
Nome Completo: Maria Nailda de Oliveira.
Filiação: Ana Siriaca (Nanu).
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. (1) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1967 (aproximadamente) (2) **Data de falecimento:** (viva)
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:
(1) Atualmente mora em Vitória, próximo à cidade de Pé de Serra, Ba.
(2) Mais velha que Zenilta Bispo uns 10 anos.

Fontes: depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.


Fazenda Vitoria 11-3-77

D: Maria lenbrancas
para sua familias

A paz de Deus esteja com
todos. Eu escrevo essa
duas linhas para dizer que
nos estamos com saude
Graças graças a Deus.
E mamãe estava muito
doente já esta boa
e não precisou ir par
Feira. de
Zenilda eu estou com
muita sudade de voce.
Abraços.
da amiga Maria Nailda
de Oliveira

Carta 121

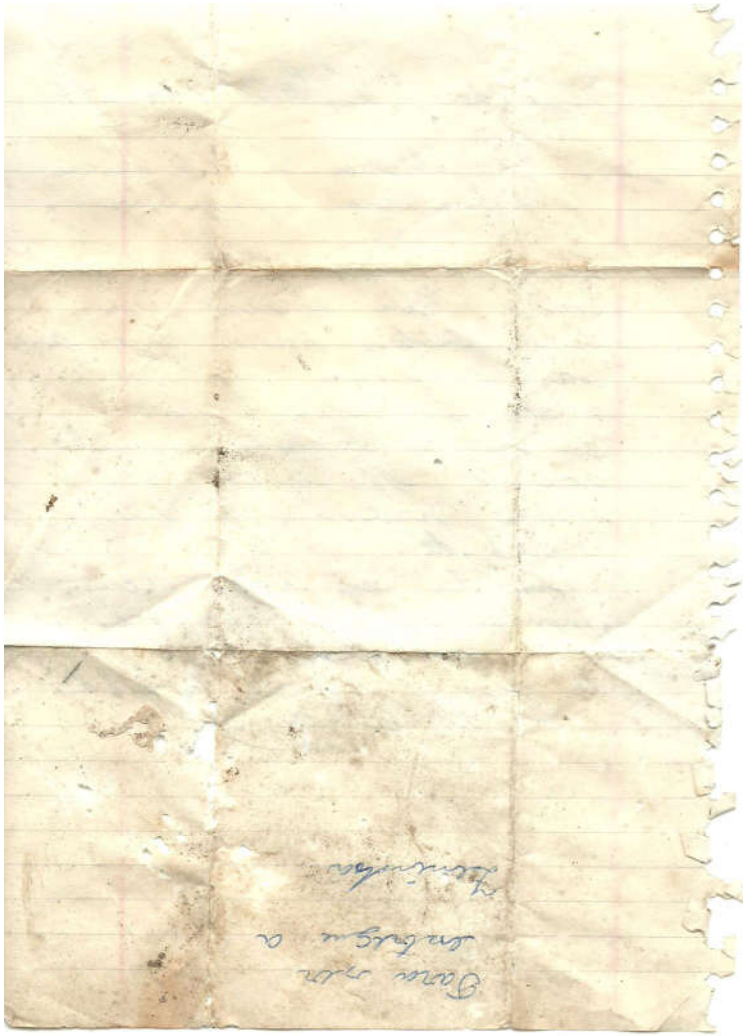
AZBO. Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e pequenos furos que não comprometem a leitura.

Fazenda Vitoria 11-3-77|

D*ona* Maria lenbrancas|
para sua familias|

A paz de Deus esteja com| todos. Eu escrevo essa| duas linhas para dizer que| nos estamos com saude| gra[.][637] grasas a Deus.|
E mamãe estava muito| doente já esta boa| e não precisou[638] ir par| Feira. ~~de~~|
Zenilta eu estou com| muita sadade de você.|
Abraços.|
da amiga Maria Nailda|
de Oliveira[639]|

[637] Rasura.
[638] A letra "c" está escrita sobre uma letra "s". Rasura.
[639] Há traço de assinatura abaixo de "Oliveira".



[fol. 1v]

<Para ser|
entregue a|

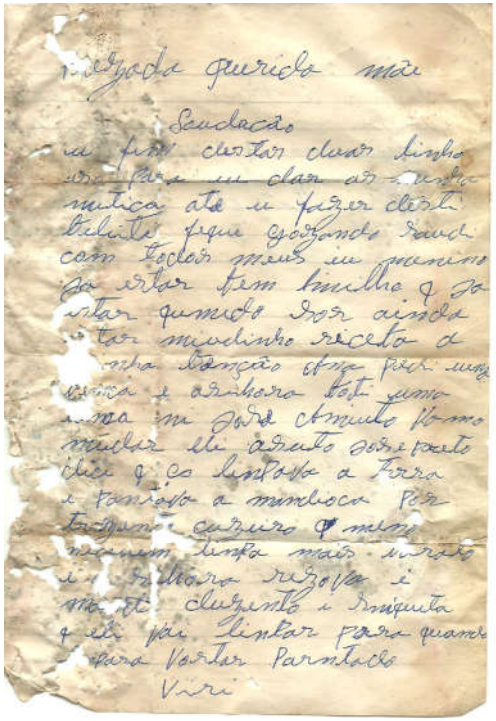
Zeninha|>[640]

[640] Escrito no sentido inverso, provavelmente, com o papel dobrado.

REMETENTE N° 52

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Manoel Bispo dos Santos.
Nome Completo: Manoel Bispo dos Santos.
Filiação: Manuel Virgínio e Maria.
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. (1) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: 1955 (aproximadamente). **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil: casado com Ana de Oliveira.
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:
(1) Irmão de Zenilta Bispo Oliveira.

Fontes: depoimentos concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.



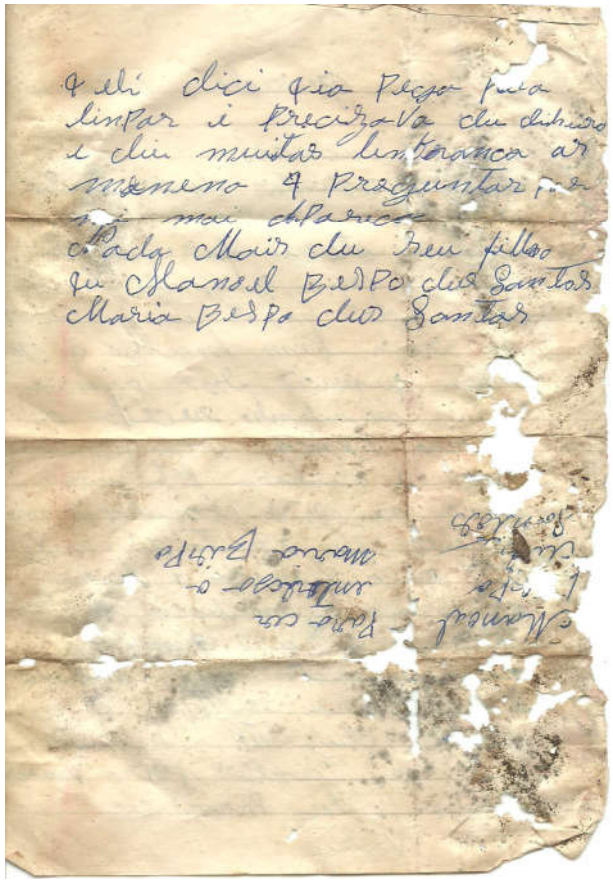
Carta 122

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 207mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e rasgos, causados, provavelmente, por umidade, comprometendo a leitura de várias palavras na extremidade esquerda da mancha escrita.

[.][641]ezada Querida mãe|

Saudacão|
u fim destas duas linha| eso para eu dar as minha[642]| nutica ate u fazer desti| bileite fiqui gozando saudi| com todos meus iu menino| já estar bem lmilho q*ue* ja| [.][643]star qumedo sor ainda| [.][644]tar miudinho riceba a| [.][645]nha benção Ana pedi uma| benca[646] e asinhora boti uma| [.][647]nca ni Jose Amiuto vamo| mudar de asuto jose preto| dici q*ue* ço limpava a terra[648]| e pantava a mandioca por|trezent[.][649] cuzeiro q*ue*[.][650] meno| niguem linpa mais barato[651]| e a senhora rezova i| m[.][652] duzento i sniqueta| q*ue* eli vai linpar para quando| [.]para vortar parntado|
Viri[653]|

641 Dano no suporte em parte das letras "p" e "r".
642 Dano no suporte em parte da letra "m".
643 Dano no suporte.
644 Dano no suporte.
645 Dano no suporte.
646 Dano no suporte.
647 Dano no suporte.
648 Dano no suporte em parte da letra "e".
649 Dano no suporte.
650 Rasura.
651 Dano no suporte em parte das letras "b" e "a".
652 Dano no suporte.
653 Escrito na margem inferior.



[fol. 1v]

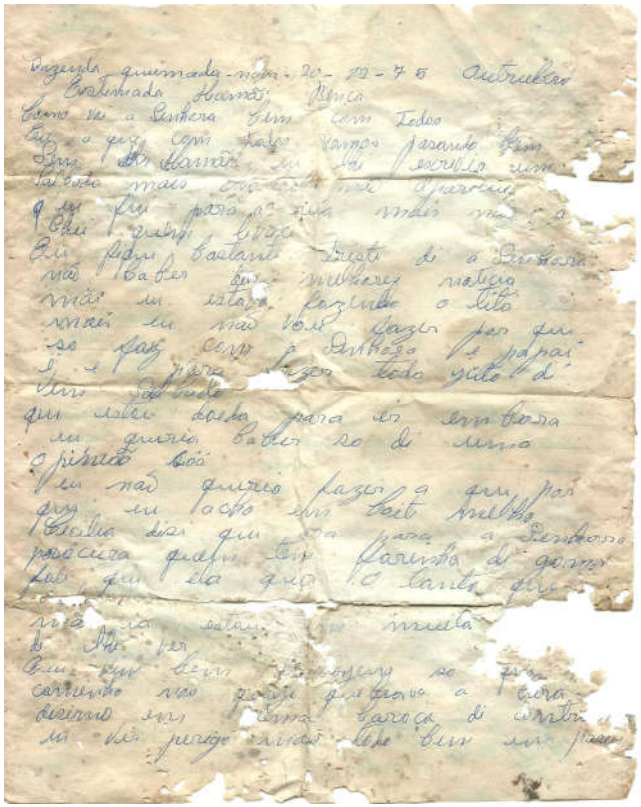
q*ue* eli dici q*ue* ia pega p[.][654]a| linpar i precizava du diheiro| e dei muitas lebranca[655] as| menena q*ue* preguntar por[656]| mi[657] mai Apareca|
Nada Mais du seu filho|qu <u>Manoel Bispo dus Santos</u>| Maria Bispo dus Santos|

<Manoel B[.][658]po dus Santos>[659] Para cer| entrega a| maria Bispo|

[654] Dano no suporte.
[655] Rasura na letra 'r'.
[656] Dano no suporte.
[657] Dano no suporte.
[658] Dano no suporte.
[659] Escrito no sentido inverso, provavelmente, com o papel dobrado.

REMETENTE N° 18 (Cf. ficha do remetente nº 18)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Zenilta Bispo Oliveira.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita das cartas):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:
Fontes:

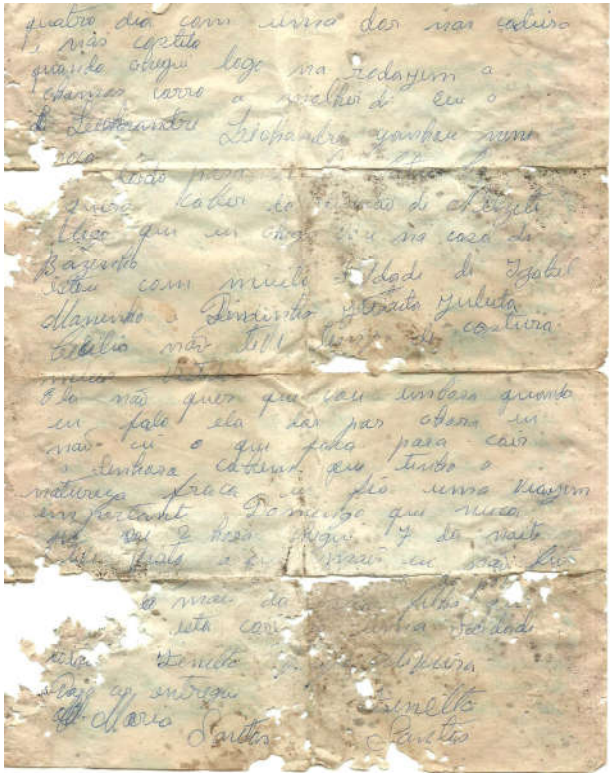


Carta 123

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 235mm x 185mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e rasgos. Um rasgo maior impede a leitura de palavras de 5 linhas da mancha escrita do recto.

Fazenda queimada-nova. 20-12-75 Outrubro|
Estimada Mamãe Bença|
Como vai a Senhora bem com todos|
Eu a qui com todos vamos pasando bem|
Sim [.][660] Mamãe eu lhi escrevir um| Salbado mais Manoel não apareceu| [.][661] eu fui para a rua mais não a| chei quem levace|
Eu fiqui bastante triste di a Senhora| não Caber das melhores noticia| mãi eu estava fazendo o tito| mais eu não vou fazer por que| so faz com a Senhora e papai| é e para fazer[662] todo jeito di| vim Salbado|
que estou doida para ir embora| eu queria Caber so di uma| opinião Côá[663]|
eu não queria fazer a qui por| que eu acho em Coite melho| Cecilia disi que era para a Senhora| procura quem tem farinha de goma| fale que ela quer o tanto que| [.][664]|
mã[.][665]ia estou com muita [.][666]| de lhe ver|
Eu vim bem de viajem so qui[667]| caminho nos quazi quebrava a cara| desimo em [.][668]ema baroça di contr[.][669]| eu vir perigo mais todo bem eu pasei|

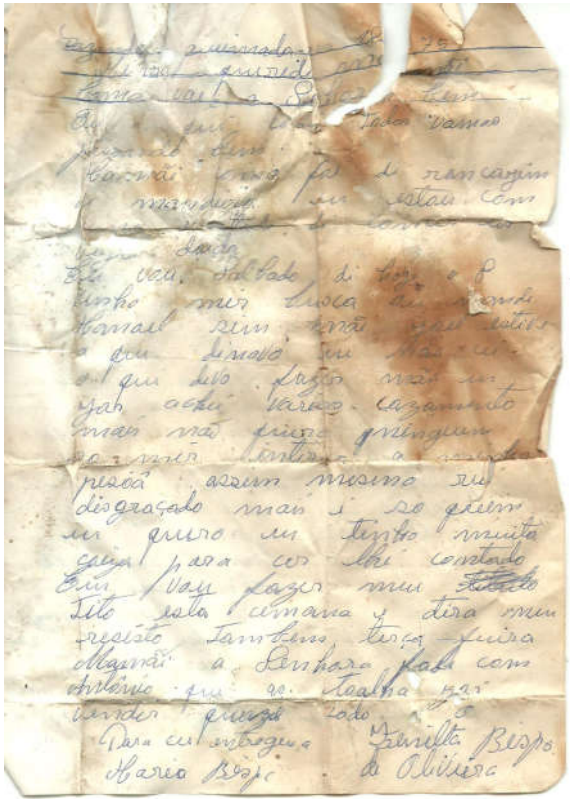
[660] Rasura.
[661] Rasura.
[662] Dano no suporte nas letras "f" e "a".
[663] Rasura na letra "C".
[664] Dano no suporte.
[665] Dano no suporte.
[666] Dano no suporte.
[667] Dano no suporte na letra "u".
[668] Dano no suporte.
[669] Dano no suporte.



[fol. 1v]

quatro dia com uma dor nas cadeira| e nas costela|
quando cheguei logo na rodajem a| chamar carro a molher di ceu a| ~~L~~ ~~Lechrandre~~ Lichandre ganhou nen[.][670]| [.][671]| [.][672] doida para [.] quira caber da [.][673] di Nilzete| logo que eu chega vou na casa de| Bazinha|
estou com muita S[.][674]ldade di Izabel| Maninho e Dindinha [.][675] Julieta|
Cecilia não teve tempo de costura| meus vestidos|
Ela não quer que vou embora quando| eu falo ela dar par chora eu| não cei o que faco para cair| a Senhora cabem que tenho a| natureza fraca eu fis uma viajem| importante Domingo que nuca| fis sai 2 hora chegu 7 da noite| teve festa a qui mais eu não fui| [.][676]|[.][677]|mais da sua filha que|
[.][678] esta cor[.][679] uma Saldade| doida[680] <u>Zenilta Bispo Oliveira</u>|
Para cer entregue Zenilta|
~~M~~ Maria Santos Santos|

[670] Rasura.
[671] Dano no suporte.
[672] Dano no suporte.
[673] Dano no suporte.
[674] Dano no suporte.
[675] Rasura.
[676] Dano no suporte.
[677] Dano no suporte.
[678] Dano no suporte.
[679] Dano no suporte.
[680] Dano no suporte.

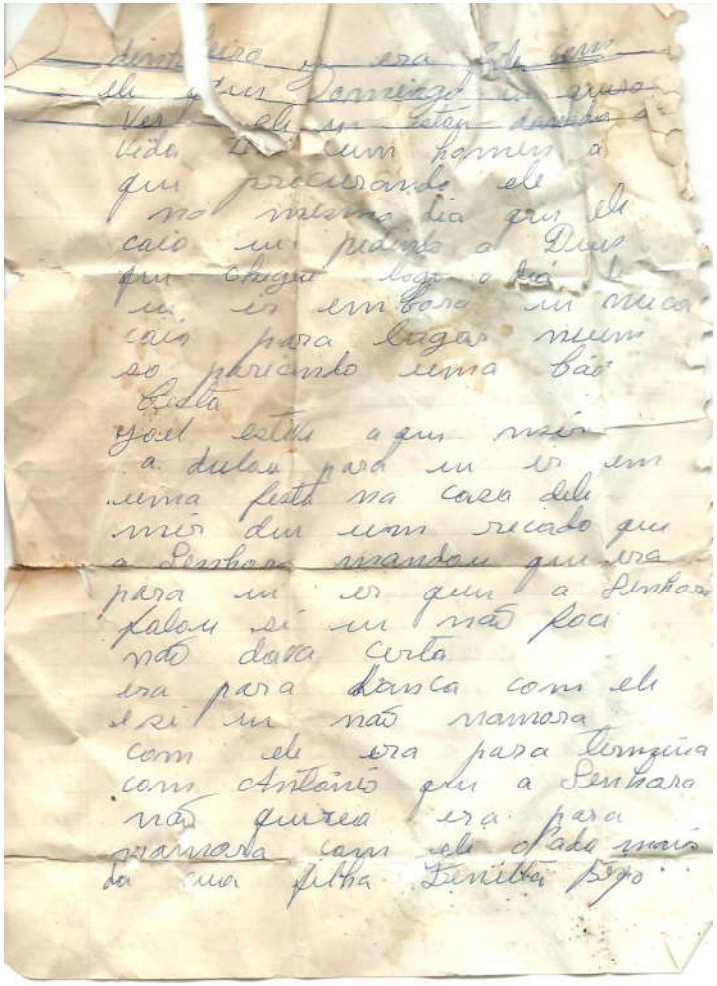


Carta 124

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 145mm. A pauta na margem superior foi desenhada a caneta. Apresenta marcas de dobras, manchas, rasgos e uma parte machucada. Um rasgo na parte superior impede a leitura de palavras das três primeiras linhas.

Fazenda queimada-nova 18 [.][681] 75|
Minha querida mamãe[682]|
Como vai a Sehora[683] bem|
Eu a qui com todos vamos| passando bem|
Mamãe como foi de rancajim|di mandioca eu estou com| uma vontade[684] di comer us|[.][685] doida|
Eu vou Salbado di hoje a 8| venha mir busca ou mande[686]| Manoel sim mãe Joel estive| a qui dinovo eu não cei| o qui devo fazer mãi eu| jar achei varios cazamento| mais não quero [.][687]ninguem| so mir intereca a minha| pesoâ assim mesmo ru[.][688]| disgraçado mais é so quem| eu quero eu tinho muita| coiza para cer lhi contado| Eu vou fazer meu ~~titulo~~| tito esta cemana e tira meu| resisto tambem terça-feira| Mamãi a Senhora fali com| Antônio que as toalha jar| vendir quase[689] todo o|
Para cer entregue a Zenilta Bispo|
Maria Bispo de Oliveira|[690]

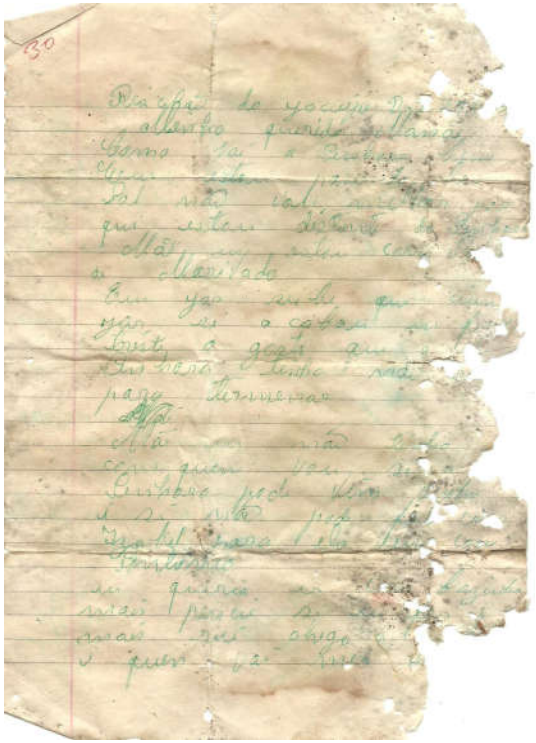
[681] Dano no suporte.
[682] Há dano no suporte no meio da palavra.
[683] Há dano no suporte no meio da palavra.
[684] Há dano no suporte no meio da palavra.
[685] Dano no suporte.
[686] Mancha na letra "m".
[687] Rasura.
[688] Dano no suporte.
[689] Rasura na letra "s".
[690] As duas últimas linhas foram escritas na margem inferior.



[fol. 1v]

dinheiro [.][691] era fale com| ele qui[692] Domingo eu quero| ver ele eu estou danada da| vida tevi[693] um homen a| qui procurando ele| no mesmo dia que ele| caio eu pedindo a Deus| que chegui logo o dia de| eu ir embora eu nuca|cair para lugar neum| so parecendo uma báô| besta|
Joel estive a qui mir| a dulou para eu ir em| uma festa na casa dele| mir deu um recado qui| a Senhora mandou que era| para eu ir que a Senhora| falou si eu não foci| não dava certo.|
era para danca com ele| e si eu não namora| com ele era para termina| com Antônio que a Senhora| não quirea era para| namora com eli Nada mais| da cua filha Zenilta Bispo|

[691] Há dano no suporte no meio da palavra.
[692] Há dano no suporte no meio da palavra.
[693] Há dano no suporte no meio da palavra.

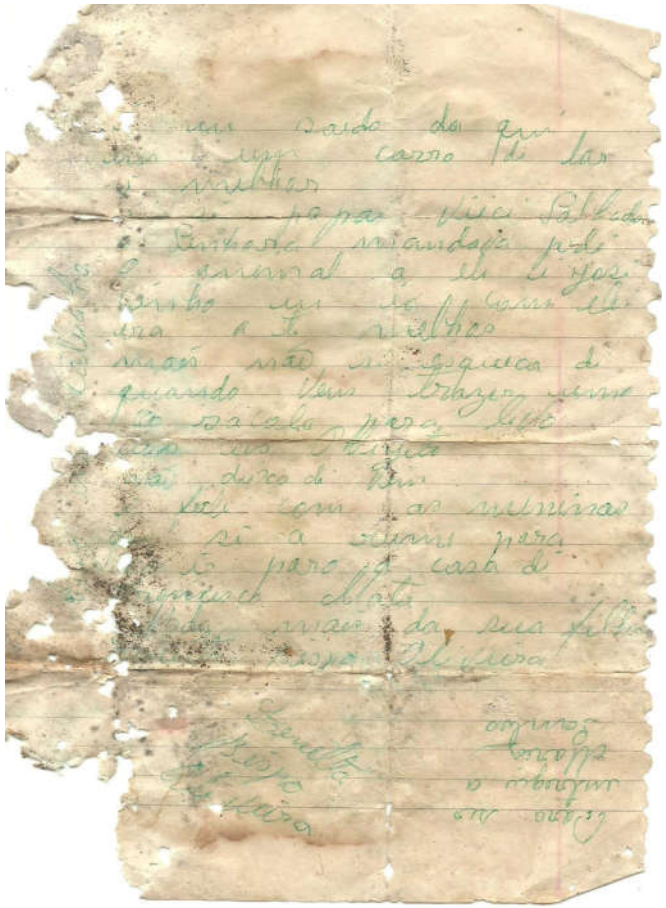


Carta 125

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 145mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e vários rasgos à direita, provavelmente causados pela umidade, comprometendo a leitura de várias palavras da mancha escrita. Há a anotação "30", em tinta vermelha, na margem superior, à esquerda.

Riachão do Jacuípe D.[.][694]|
Minha querida Mamãe|
Como vai a Senhora bem|
Eu estou pasando bem| Sol não vou melhor por| qui estou distanti da Senhora| Mãe eu estou com S[.][695]| di Marivado|
Eu jar subi qui ciun[.][696]| jar si a cabou eu fi[.][697]| triste o gosto qui a| Senhora tinha não| para termenar|
[.][698]|
Mãe eu não tenho|com quem vou si a| Senhora podi vim venha[699]| i si não pode f[.][700] co[.][701]| Izabel para ela vim com| Antônio|
eu quiria ir [.][702] bazinha| mais pencei si [.][703]| mais rui chego a [.][704]| i quen vai me [.][705]|

[694] Dano no suporte.
[695] Dano no suporte.
[696] Dano no suporte.
[697] Dano no suporte.
[698] Rasura.
[699] Dano no suporte na letra "e".
[700] Dano no suporte.
[701] Dano no suporte.
[702] Dano no suporte.
[703] Dano no suporte.
[704] Dano no suporte.
[705] Dano no suporte.



[fol. 1v]

eu saido da qui|em um carro di lar| é melhor|
[.][706] si papai vieci Salbado| a Senhora mandava pedi| o animal a eli i José| vinha eu ia com ele| era a te melhor|mais não si esqueca di| quando vein trazer uma| [.][707] sacola para levo| [.][708] us Obijeto|
não deixa di vim|
e fali com as meninas|que[709] si a rume para| ir para a casa di| [.]rancisco Mota|
Nada mais da sua filha|[.]enilta Bispo Oliveira|

<Zenilta Bispo Oliveira|>[710]
<Para ser entregue a Maria Santos|>[711]

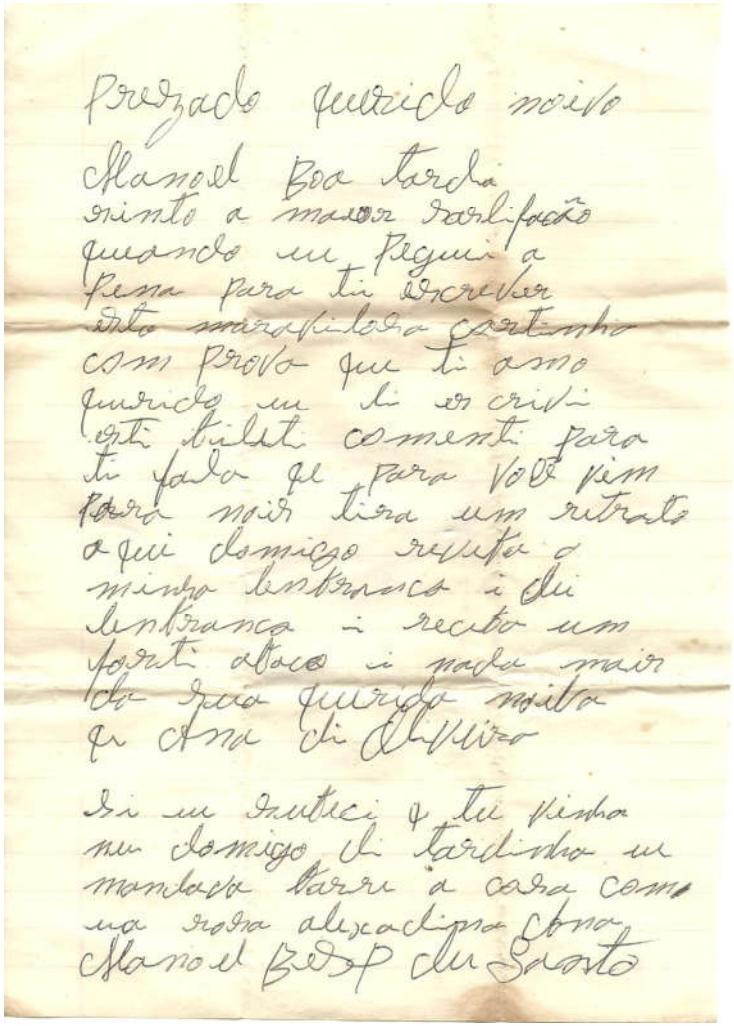
[706] Dano no suporte.
[707] Rasura.
[708] Dano no suporte.
[709] Dano no suporte.
[710] Escrito na diagonal.
[711] Escrito no sentido inverso, provavelmente, com o papel dobrado.

3.13 CARTAS AVULSAS PARA VÁRIOS DESTINATÁRIOS

REMETENTE N° 44 (Cf. ficha do remetente nº 44)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Ana de Oliveira.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade:**Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes:



Carta 126

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel pautado, de caderno, medindo 216mm x 147mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas.

Prezado querido noivo|

Manoel Boa tardi| sinto a maior sastifacão[712]| quando eu peguei a| pena para ti escrever| esta maravilosa cartinha| com prova que ti amo| querido eu li es crivi| esti bileti comenti para| ti fala qe para você vim| para nois tira um retrato| aqui domigo receba a| minha lenbranca i dei| lenbranca i reciba um| forti abaco i nada mair| da sua querida noiva| q*ue* Ana di Oliveira|

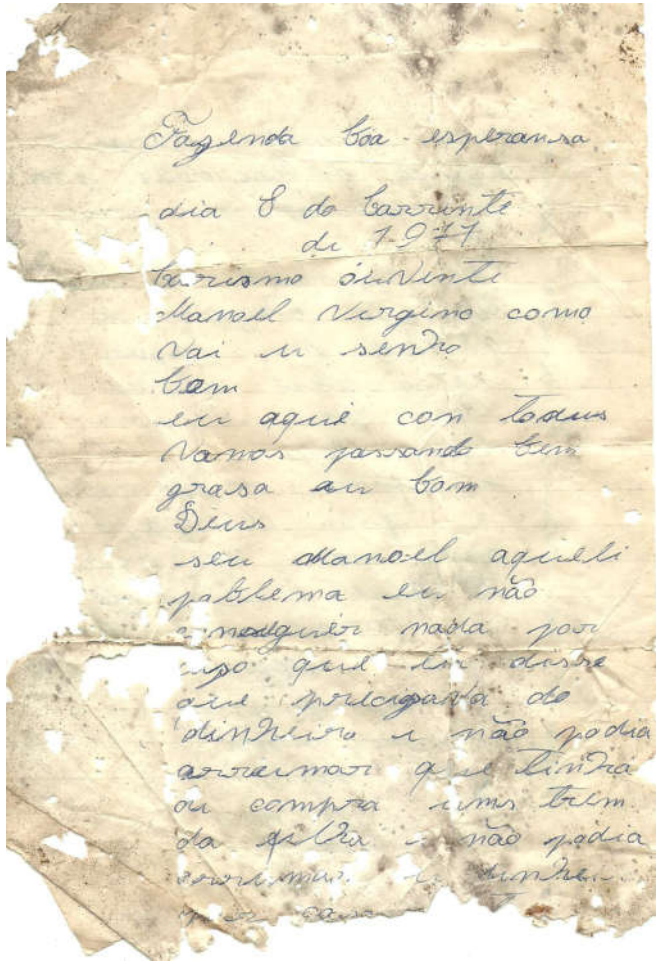
si eu subeci q*ue* tu vinha| nu domigo di tardinha eu| mandava barre a casa com [.][713]| ua rosa alexadina Ana|
Manoel Bispo du Santo|

[712] A letra *t* não foi cortada.
[713] Rasura.

REMETENTE N° 13 (cf. ficha de remetente nº 13)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Antonio Carneiro de Oliveira.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes:



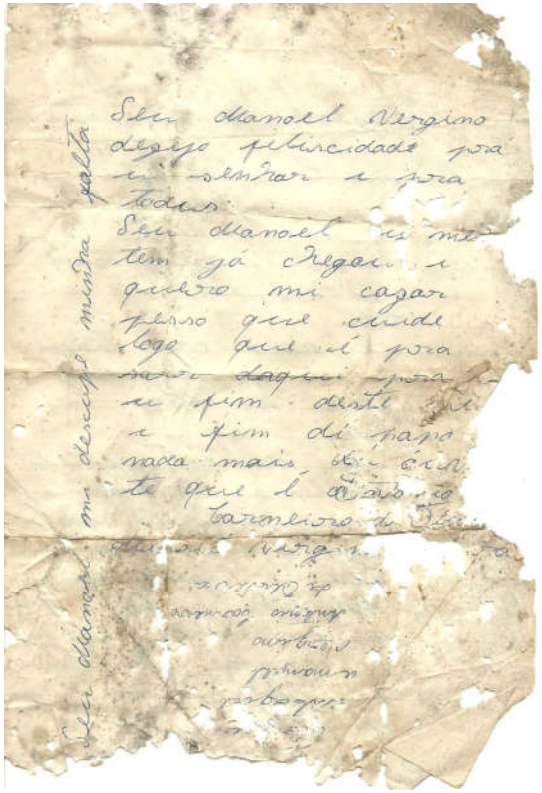
Carta 127

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e rasgos, provavelmente causados pela umidade. Alguns rasgos impedem a leitura de palavras de 2 linhas do recto e de 6 linhas do verso.

Fazenda boa - esperansa|

dia 8 do Corrente|
de 1977|
Carismo ouvinte|
Manoel Virgino como| vai u senho| bom|
eu aqui con todus| vamos passando bem| grasa au bom| Deus|
seu Manoel aqueli| poblema eu não| c[.][714]nseguir nada por| [.] que eu disse| que precisava[715] do| dinheiro e não podia| arrumar que tinha| de compra ums trem| da filha e não podia| arrumar u dinhei[.][716]| por ca[.][717]|

[714] Dano no suporte.
[715] Rasura na letra "s".
[716] Dano no suporte.
[717] Dano no suporte.



[fol. 1v]

Seu Manoel Vergino| desejo feliscidade pra| u senhor e pra| todus|
Seu Manoel u me[.][718]| tem já chegou e| quero mi cazar| pesso que cuide| logo que é pra| sair daqui pra|u fim deste me[.][719]| e fim di papo| nada mais du ouv[.][720]| te que é Antonio[721]|
Carneiro de Oliv[.][722]|
Ma[.][723]oel virgin[.][724]|

<[.][725]|
entregue|
a manoel|
vergino|
Antonio Carneiro|
de Oliveira|>[726]

<Seu Manoel mi descupe minha falta|>[727]

[718] Dano no suporte.
[719] Dano no suporte.
[720] Dano no suporte.
[721] Dano no suporte.
[722] Dano no suporte.
[723] Dano no suporte.
[724] Dano no suporte nas letras "t" e "n".
[725] Dano no suporte.
[726] Escrito no sentido inverso, provavelmente, com o papel dobrado.
[727] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.

REMETENTE N° 53

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Joana.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: Riachão do Jacuípe, BA. (1) **Nacionalidade:** Brasileira.
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes: depoimento concedidos por Zenilta Bispo Oliveira, em 10 de janeiro de 2016.



Carta 128

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 140mm x 185mm. Apresenta marcas de dobras e escurecimento do papel, causado, provavelmente, pela umidade. Dois rasgos no centro do papel impedem a leitura de palavras de 3 linhas do recto.

Fazenda queimanda – nova abril de 1977|

felicidede para você que e pitico|

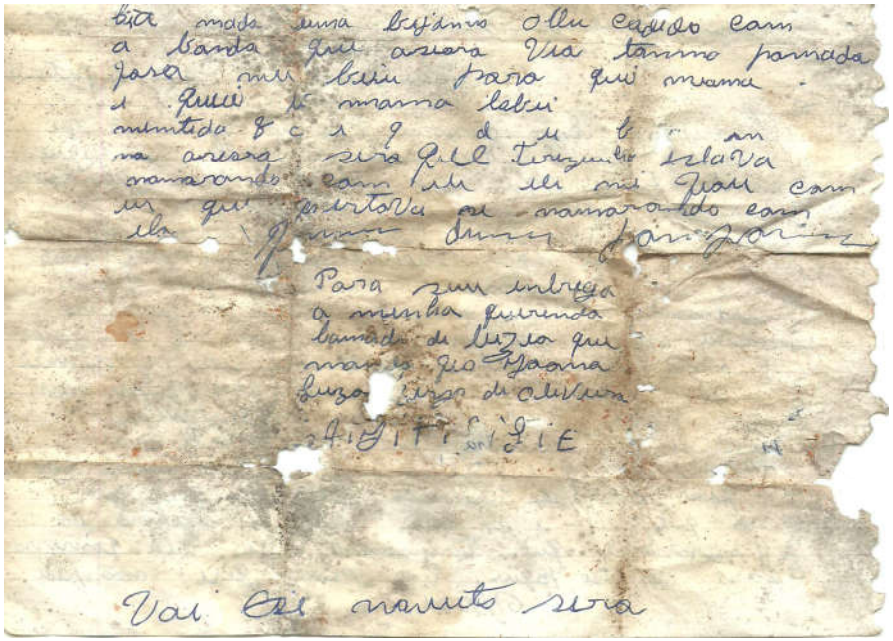
Comede de Lizia arsiora viu A que[728] mão vi| i asiora vio L i que mão vi olha que fique| muito tritre poque Eu na vou para Juazeiro| Domingo poque Eu mão foi com AIG ele fio| que [.][729]que fio para fasta da toca na onça[730]| não foi não que Dechou i poque Eu não| quero i a seora- se fio e A fio fiqui| reparando se ele namora com as ganama| mara NaNai pachou ma etrada e diu com| a mão para mi Eu chamei ele para mei| se covesa [.][731] diretrimnho [.][732] a ciora filou com| Lega para i para a casa de farinha.| Deise de ci ruinha para ele fale com| Aguilnado que Deise[.][733] e ci[.][734]simho para mi| e fare com ~~ele~~ Egibreto que ele mão fio| sei[735] qe ele i A i t i L via matero us| 4 namorado que tremimando que fio temina| com A [.][736] poque que [?] que não pedi|

Vire|

<LUZIA E JOANA LUIZA BISPO DI O*liveira*|>[737]

[728] Rasurado.
[729] Dano no suporte.
[730] Há um dano no suporte na letra "c" que impede a visualização da cedilha.
[731] Rasura.
[732] Dano no suporte.
[733] Rasurado.
[734] Dano no suporte.
[735] Rasurado.
[736] Rasurado.
[737] Escrito na margem esquerda, de baixo para cima.

[fol. 1v]



bia mada uma bejinho[738] olhe codido com| a banda que asiora via tanmo pamada| fasa mu beiu para qui miama| e quei li mama tabei[739]| mentida q c i q d u b m|
na asiora sera que Terezinha estava[740]| namorando com ele ele mi fiou com| us que [.][741] estava se namorando com| ela [?][742]|

Para sem entrega[743]|
a minha querinda|
Comade de luzia que|
mando fio Joana|
Luza [.][744]ispo de Oliveira|
A I J I T I[.][745]L I E|

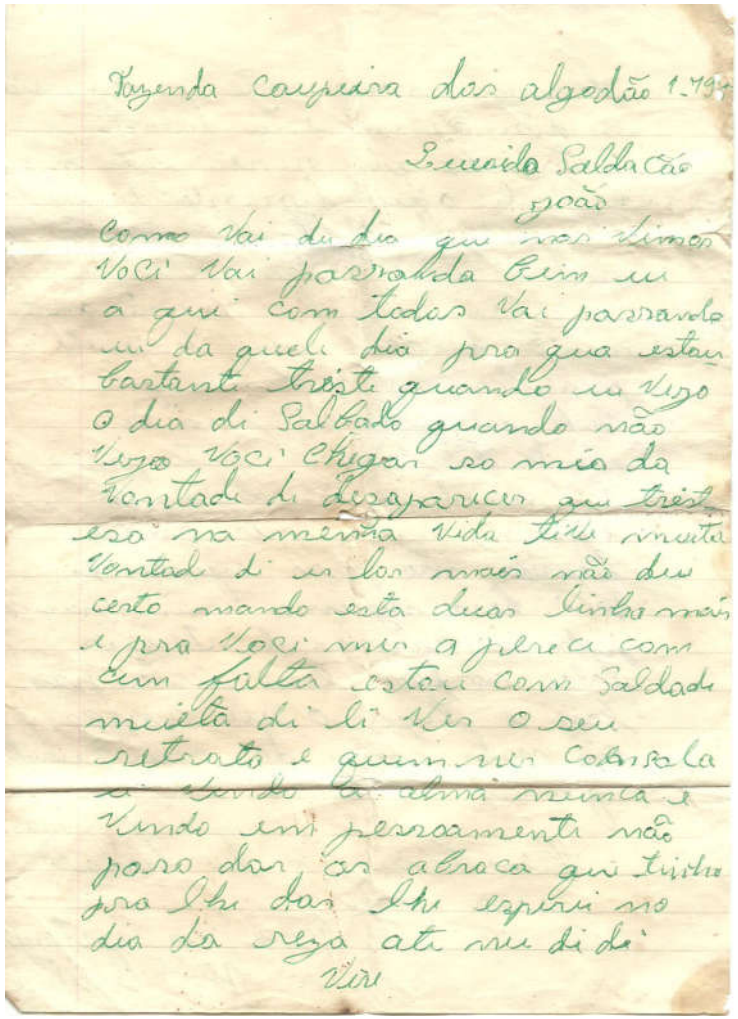
vai [.][746] [?][747]ito sera|

738 Há dano no suporte na letra "h".
739 A letra "t" não foi cortada.
740 A letra "t" não foi cortada.
741 Rasurado.
742 Trecho de difícil leitura.
743 A letra "t" não foi cortada.
744 Dano no suporte.
745 Dano no suporte.
746 Rasura.
747 Leitura duvidosa.

REMETENTE N° 48 (Cf. ficha do remetente nº 48)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Valdelice de Oliveira.
Nome Completo:
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita da carta):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes:



Carta 129

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 150mm. No verso, 11 linhas foram esritas com tinta azul, além do nome do destinatário. Apresenta marcas de dobras, pequenas manchas e um furo central que não compromete a leitura.

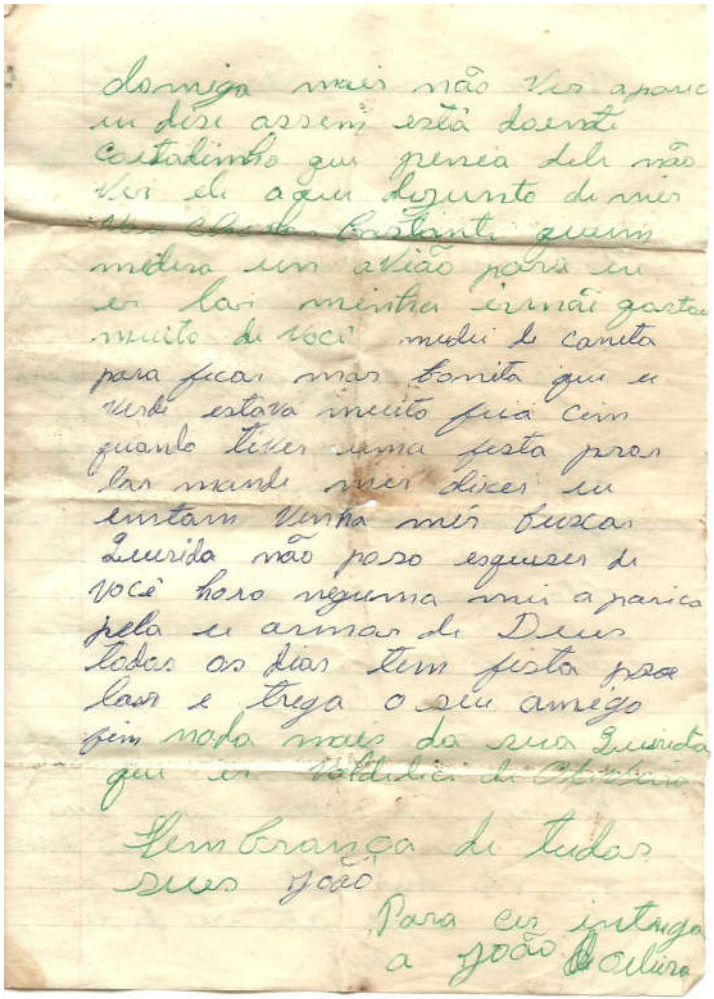
Fazenda Caupeira dos algodão 1 – 199[.][748]|

Querido Saldacão|
João|

Como vai du dia que nos vimos| você vai passando bem eu| a qui com todos vai passando| eu da quele dia pra qua estou| bastante triste quando eu vejo| o dia di Salbado quando não| vejo você chegar so mir da| vontade de desaparecer que trist-| esa na minha vida tive muita| vontade di ir lar mais não deu| certo mando esta duas linha mais| e pra você mir a perece com| cem falta estou com Saldade| muita di li ver o seu| retrato e quem mir consola| i vendo a alma nunca e| vendo em pessoamente não| poso dar os abraco que tinha| pra lhe dar lhe esperei no| dia da reza ate nu di di|

Vire|

[748] Dano no suporte.



[fol. 1v]

domigo mais não vir o povo| eu dise assim está doente| coitadinho que pensea dele não| vir ele aqui dejunto de mir| vou chorar bastante queim| midera um avião para eu| ir lar minha irmãe gostou| muito de você mudei de caneta| para ficar mas bonita que u| verde estava muito feio cim| quando tiver uma festa prar| lar mande mir dixer eu| emtam venha mir buscar| Querido não poso esqueser de| você hora neguma mir a parica| pelo u armor de Deus| todos os dias tem festa pra| lar[749] e trega o seu amigo| fim nada mais da sua Querida| que er <u>Valdelici de Oliveira</u>|

Lembrança de tudos|
seus João|

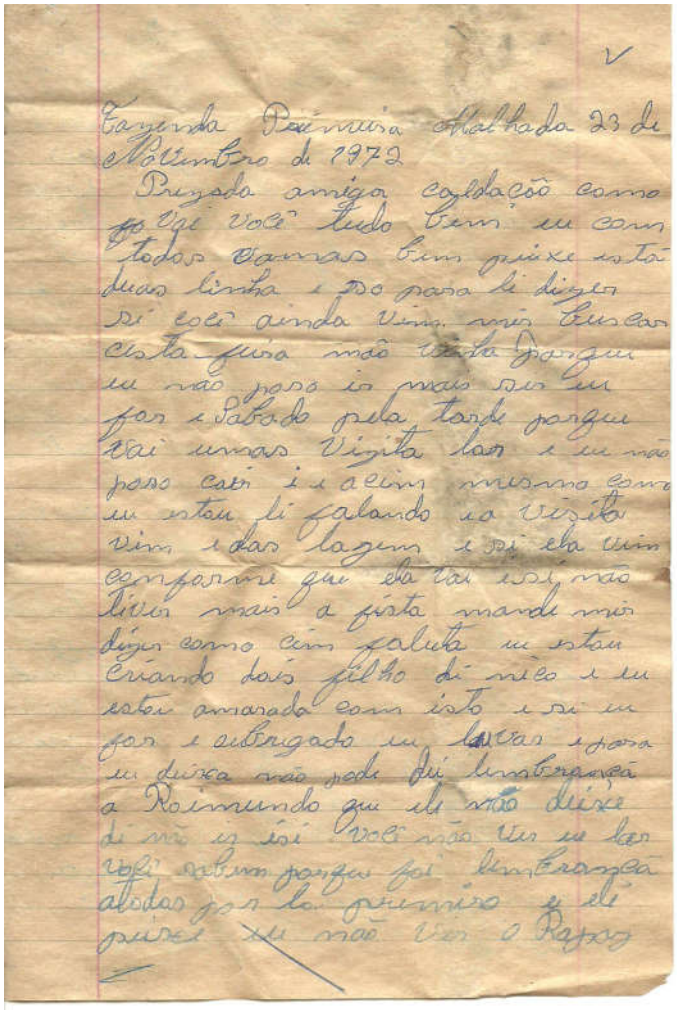
Para cer intrega|
a João [.][750] Oileira|

[749] Rasurado.
[750] Rasurado.

REMETENTE N° 18 (Cf. ficha do remetente nº 18)

DADOS PESSOAIS
Nome (conforme a carta): Zenilta Bispo Oliveira.
Nome Completo: Zenilta Bispo Oliveira.
Filiação:
Avós paternos/maternos:
Naturalidade: **Nacionalidade:**
Data de nascimento: **Data de falecimento:**
Idade do remetente (quando da escrita das cartas):
Estado civil:
Escolaridade:
Principais atividades:
Observações:

Fontes:



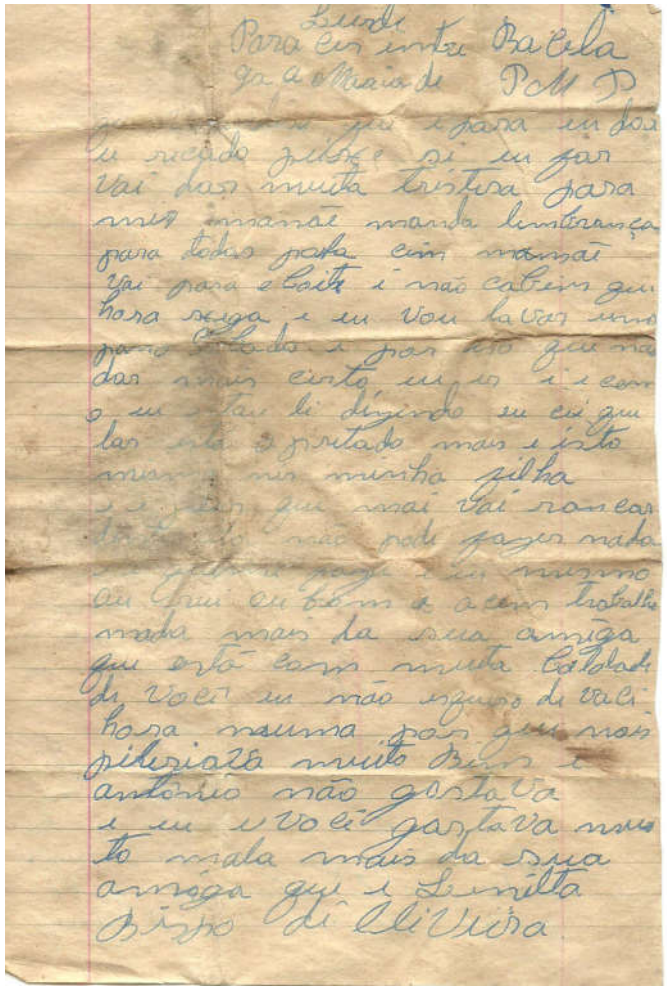
Carta 130

AZBO. Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras e escurecimento do papel. Há traços aleatórios na margem inferior e na superior.

Fazenda Primeira[751] Malhada 23 de|
Novembro de 1972|

Prezada amiga caldação como| [.] vai você tudo bem eu com| todos vamos bem [?] está| duas linha e so para li dizer| si você ainda vim mir buscar| cesta-feira mão vinha porqui| eu não poso ir mais sir eu| for e Sabado pela tarde porque| vai umas vizita lar e eu não| poso cair i e acim mesmo como| eu estou li falando e a visita| vim e das lajem e si ela vim| conforme que ela vai i si não| tiver mais a festa mandi mir| dizer como cem faluta eu estou| criando dois filho di nico e eu| estou amarada com isto e si eu| for e oubrigado eu levar[752] e para| eu deixa não pode dei lembrança| a Raimundo que ele não deixe| di não ir isi você não ver eu lar| você sabem porque foi lembrança| atodos por la premiro e ele| [?] eu não vir o Rapaz|

[751] Rasura na primeira letra "r".
[752] Rasura na letra "e".

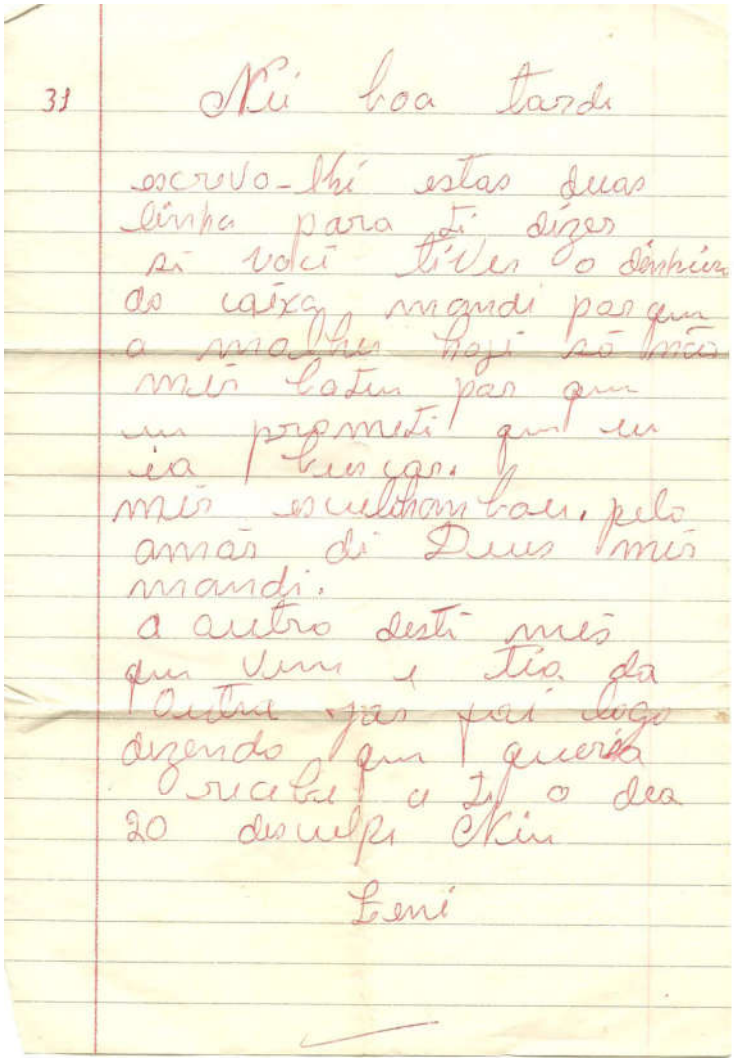


[fol. 1v]

<Lurde|
Para cer emtre| Bacela
ga a Maria de| P M P>[753]

[.][754] que e para eu dar| u recado [?] si eu for| vai dar muita tristesa para| mir mamãe manda lembrança| para todos porla cim mamãe| vai para o Coite é não cabem que| hora xega e eu vou lavar ums| pano Sabado e por isso que não| dar mais certo eu ir i e com| o eu estou li dizendo eu cei que| lar está apretado mais e isto| mesmo nir minha filha| e é por que mai vai rancar| dente ela não pode fazer nada| e quem faz e eu mesmo| ou rui ou bom e acim trabalho| mada mais da sua amiga| que está com muita Caldade| de você eu não esqueso de você| hora niuma por que nois| pileriava muito Bem e| antônio não gostava| e eu e você gostava mui| to nada mais da sua| amiga que e Zenilta| Bispo di Oliveira|

[753] Escrito na margem superior, provavelmente, com o papel dobrado.
[754] Desgaste do papel e da tinta.


31

Nei boa tard

escrevo-lhi estas duas
linha para ti dizer
si voci tiver o dinhei
do caixa mandi por qu
a molher hoji só não
mir bateu por qu
eu prometi qu eu
ia buscar.
mir esculhanbou. pelo
amor di Deus mir
mandi.
o outro desti mês
qu vem e tia da
outra jar foi logo
dizendo qu queria
recebe a te o dia
20 desculpi Nin

Zeni

Carta 131

AZBO. Documento contendo um fólio. Escrito com tinta vermelha, em papel pautado, de caderno, medindo 203mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras e a anotação "31" na margem superior, à esquerda.

Nei boa tarde|

escrevo-lhi estas duas| linha para ti dizer| si você tiver o dinheiro| do caixa mandi por que| a molher hoji só não| mir bateu por que| eu prometi que eu| ia buscar.|
mir esculhanbou. pelo| amor di Deus mir| mandi.|
o outro desti mês| que vem e tia da| outra jar foi logo| dizendo que queria| recebe a te o dia| 20 desculpe Nin|

Zeni|

ÍNDICE ANALÍTICO DAS CARTAS

PARTE I

Nº da carta e cota do arquivo. A datação, o nome do destinatário e o nome do remetente mantêm a grafia original.	**Assunto**	**Aspectos materiais**
Cartas para João Carneiro de Oliveira		
Carta 1. AJCO Cararancudo 28 di albil di 1956 Para: perzado queridinho estimado Amigso pitanga De: seu Depezado Amigo Antonio frutunato silva	Informa sobre notícias familiares, expressa afeto e diz que talvez irá aparecer no São João.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 262mm x 205mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 2. AJCO (sem local) 31 di Albil di 62 Para: Amigo Estimado Compadi pitanga De: seu Depesado Antonio Fortunato da Silva	Informa e solicita notícias familiares. Expressa afeto.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.
Carta 3. AJCO (sem local) 9 di julho di 62 Para: Estimado querido Amigo Compadi pitanga De: Antonio Forunato da Silva	Informa sobre envio de dinheiro para pagamento de suas dívidas.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e rasgo na margem superior, à esquerda. A mancha escrita do recto é visível no verso e vice-versa. Acompanha envelope.
Carta 4. AJCO (sem local) 29 di julho di 602 Para: perzado a amigor p. Compadi De: seu Despesado Amigo Compadi Antonio Fortunato da Silva	Solicita notícias, pergunta se recebeu o dinheiro e justifica demora no envio de mais dinheiro.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 210mm x 300mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.
Carta 5. AJCO (sem local) 11 di Agosto di 62 Para: Prezado Amigo Compadi Pitnga De: Despesado Amigos Compadi Antonio Fortunato da Silva	Expressa tristeza, solicita notícias familiares e informa sobre envio de dinheiro.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 200mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha escrita do recto é visível no verso e vice-versa. Acompanha envelope.

Carta 6. AJCO (sem local) 16 di Agosto di 62 Para: Perzado querido Amigos Conpadi pitanga De: ur Amigor Antonio Fortunato da Silva	Solicita notícias familiares e informa sobre envio de dinheiro.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 210mm x 300mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha escrita está estruturada à esquerda, no recto e no verso, de modo invertido (o texto inicia onde deveria ser a margem inferior do fólio). Acompanha envelope.
Carta 7. AJCO Piassaguera 1 di Otubor di 62 Para: Perzado querido Amigor conpadi pitanga De: conpadi Amigo ffarqinnho q*ue* er u Antonio Fortunato da Silva	Expressa satisfação pela carta recebida e informa sobre envio de dinheiro.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 210mm x 300mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha escrita do verso e do recto é visível.
Carta 8. AJCO (sem local) 14 Otubor di 62 Para: Perzado querido Amigo Compadi Pitanga De: Amigo q*ue* er Antonio F*ortunato Silva*	Informa o recebimento da carta, fala sobre mudança de endereço e sobre envio de dinheiro.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 230mm x 155mm. Apresenta marcas de dobras. Há anotações anteriores: o número "73" na margem inferior do recto, à direita, e "74" na margem inferior do verso, à esquerda. Acompanha envelope.
Carta 9. AJCO São Paulo 10di Dezmbo di 62 Para: Prezado conpadi Amigo conpadi João pilanga De: ceu Depezado conpadi q*ue* er Antonio Fortunato	Informa sobre sua chegada e envia lembranças.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 195mm x 138mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 10. AJCO (sem local) 29 di Dezenbor di 62 Para: perzado querido conpadi pitanga De: Antonio Fortunato siva	Apresenta notícias do seu trabalho. Pede que o compadre mande um retrato.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 176mm x 105mm. Apresenta marcas de dobras e as margens foram recortadas. A mancha escrita do recto e do verso é visível. Acompanha envelope.
Carta 11. AJCO são Paulo 10 di janeiro di 63 Para: Perzado Amigo conpadi estimado Pitanga De: Antonio Fortunato	Solicita notícias e informa sobre construção da casa e envio de dinheiro.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 210mm x 255mm. Apresenta pequenos furos devido às marcas de dobras e um rasgo à direita. A mancha escrita do recto é visível no verso e vice-versa.

Carta 12. AJCO (sem local) 26 di jarneiro di 63 Para: perzado querido conpadi Amigo Pitanga De: Depezado Amigo comp*adre* q*ue* er u ceu Ciraldo Antonio Fortunato daSilva	Solicita notícias familiares e informações sobre negócios. Fala sobre seu trabalho em São Paulo e sobre o dinheiro que ganha, mas não dá para as despesas.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e uma mancha de tinta na margem inferior. Acompanha envelope. A primeira linha da mancha escrita do envelope não está visível no fac-símile, devido às dobras.
Carta 13. AJCO São Paulo 27 di marso di 63 Para: Perzado querido estimado Amigo compadi De: Depezado compadi farqiun q*ue* er Antonio Fortunato da Silva	Expressa saudades e informa sobre notícias familiares.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 14. AJCO S*ão* Paulo 20 di julho di 63 Para: Perzado Amigo conpadi querido Pitanga De: Depezado conpadi q*ue* er u ceu ciraldo Antonio Fortunato da Silva	Informa sobre o desejo de voltar e sobre envio de dinheiro. Pergunta sobre o tempo e lembra a construção da sua casa.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 225mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras. No verso, há traço desenhado verticalmente para separar a margem esquerda.
Carta 15. AJCO São Paulo recordacão 20 di julho di 63 Para: 63 Perzado Estimado querido Amigo conpadi Pitanga De: ceu conpadi q*ue* er Antonio Fortunato da Silva	Informa sobre o desejo de voltar e sobre envio de dinheiro. Pergunta pela saúde de todos e manda lembranças.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 225mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras e parte da margem esquerda foi cortada. A mancha escrita do recto está estruturada no sentido inverso do fólio (o início do texto onde deveria ser a margem inferior).
Carta 16. AJCO S*ão* P*aulo* 20 di julho di 63 Para: Perzado querido conpadi Pitanga De: A*ntonio* F*ortunato Silva*	Expressa afeto e envia lembranças.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 225mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras e a margem esquerda está recortada. Há rabiscos na margem inferior do recto.

Carta 17. AJCO (sem local) 27 di julho di 63 Para: Perzado Estimado querido compadi Pitanga De: compadi Antonio Fortunato da Silva	Informa sobre sua saúde e pergunta pela saúde de todos. Informa sobre envio de dinheiro. Pede que o compadre construa sua casa.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras, um pequeno rasgo no canto superior direito e a mancha escrita do recto é visível no verso e vice-versa. No envelope, há anotações de terceiros "D 585" e "1092".
Carta 18. AJCO S*ão* P*aulo* 20 di 63 Para: perzado estinmado querido compadi du meu coracão João Pitanga De: ceu Am*igo* Antonio Fortunato da Silva	Acusa o recebimento da carta enviada pelo compadre. Informa sobre envio de dinheiro para a construção da casa.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 225mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.
Carta 19. AJCO (sem local) 3 di 3 65 Para: perzado Amigo[?] estimado conp*adre* pitanga De: ceu piqenno ciraldo qui er Antonio Fortunato da Silva	Acusa o recebimento do bilhete enviado pelo compadre. Informa sobre o tempo. Expressa afeto e envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, apenas a data em tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope. Há trecho apagado e rasurado na última linha.
Carta 20. AJCO (sem local) 28 di outubro di 19[.] Para: meu querido Amigo pitanga De: ceu depezado Amigo Antonio Frutunato da Silva	Apresenta e solicita notícias familiares. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 207mm x 218mm. Apresenta pegueno rasgo, devido às dobras, e a margem inferior foi recortada. Acompanha envelope.
Carta 21. AJCO (sem local e sem data) Para: Conpadi De: Antonio Fortunato da Silva	Expressa saudades e envia lembranças. Pede que o compadre escreva para ele.	Documento contendo dois fólios, escritos apenas no recto. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 210mm x 127mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha escrita do primeiro fólio está estruturada de modo invertido (o texto inicia onde deveria ser a margem inferior do fólio). Há traços aleatórios na margem inferior do primeiro fólio e também em toda a extensão do segundo fólio.
Carta 22. AJCO (sem local e sem data) Para: Perzado Amigo compadi pitanga De: ceu peqeno Amigo compadi Antonio Fortunato da Silva	Solicita o recebimento de um documento no cartório.	Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

Carta 23. AJCO (sem local e sem data) Para: Amigos Compadi De: seu despezado Amigo compadi Antonio Fortunato da Silva	Apresenta notícias familiares, informa sobre o quanto está ganhando no trabalho e informa sobre envio de dinheiro.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 195mm x 288mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas de tinta.
Carta 24. AJCO (sem local e sem data) Para: Conpadi pitanga De: seu Depezado ciraldo amigos compadi Antonio Fortunato da Silva	Apresenta notícias do trabalho.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 157mm. Apresenta marcas de dobras e rasgos na margem superior e na margem direita. A mancha escrita do verso foi estruturada com o fólio invertido.
Carta 25. AJCO (sem local e sem data) Para: conpadi De: conpadi q*ue* er u Antonio Fortunato da Silva	Apresenta notícias do trabalho e informa sobre envio de dinheiro.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 210mm x 148mm. Apresenta marcas de dobras. Na 13ª linha da mancha escrita, há rabiscos. Acompanha envelope.
Carta 26. AJCO Pau di guelhir 21 di dizembro di 1951 Para: Prezado João De: futuro sogro Fernando José di Oliveira	Resposta positiva ao pedido de casamento do futuro genro.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 263mm x 205mm. Apresenta marcas de dobras e escurecimento do papel, pela ação do tempo. Acompanha envelope.
Carta 27. AJCO Campo alegre 25. di 2 . . . 1955..... Para: Prezados qumnhados De: seu qumnhado que e Gildasio di Oliveira Rios	Apresenta notícias sobre a chegada e sobre negócios.	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas o nome do destinatário. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 147mm x 208mm. Acompanha envelope.
Carta 28. AJCO Campo alegre 23 di abril di 1955... Para: Prezado qunhado De: Ceu cumnhado que Gildasio di OliveiraRios	Apresenta notícias sobre a chegada e informa sobre negócios com as galinhas.	Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, apenas as três primeiras linhas foram escritas a tinta preta, em papel de carta, com pautas, medindo 275mm x 208mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 29. AJCO Brazilha Goais 21 di Novembro 1959.. Para: Compadre Juão De: seu Compadre que e Gildasio Oliveira Rios	Informa sobre seu trabalho em Brasília e solicita notícias familiares.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta, com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.
Carta 30. AJCO Camacari 3 – de Dezembro 73 Para: Caro Amigo João	Informa sobre a compra realizada.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 218mm x 149mm. Acompanha envelope, contendo anotações

De: Jacob de O. Matos		posteriores feitas a lápis: "Matos".
Carta 31. AJCO F*azenda* Tabua 23 de Março de 1963 Para: meu Prezado compadre João De: seu compadre que li estima Jezuino Carneiro di Oliveira	Apresenta e solicita notícias familiares. Expressa tristeza por saber do falecimento da avó. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 255mm x 199mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.
Carta 32. AJCO S*ão* paulo 10 de 9 de 63 Para: Conpade pitanga De: Seu Conpade Que E Lazaro	Acusa recebimento da carta e envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel de carta com pautas, medindo 220mm x 160mm. Apresenta rasgo na margem superior. Acompanha envelope.
Carta 33. AJCO Bela vista 21 de Março di 1955 Para: Prezado Irmão De: seu Irmão Manoel Carneiro de Oliveira	Sobre compra de tábuas. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, em papel de carta com pautas, medindo 170mm x 204mm. Apresenta marcas de dobras e a parte inferior do fólio foi cortada.
Carta 34. AJCO Baliza 25 de Março 1963 Para: Prezado Irmão De: seu Irmão que lhe Preza Manoel Carneiro Oliveira	Apresenta notícias familiares. Diz que pretende aparecer.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 255mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.
Carta 35. AJCO Baliza 22 de Dezembro 1967 Para: João De: seu Irmão Manoel Carneiro de Oliveira	Sobre assinatura para venda da casa.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 105mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e a parte inferior do fólio foi recortada. Acompanha envelope.
Carta 36. AJCO Campo Alegri 25 di 2 – 55 Para: Saudacão e Prezado Irmão us João pitanga De: sua Irimãn que lhi qur bem Mariazinha Carneiro di Oliveira	Informa sobre a chegada. Apresenta notícias familiares.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. No verso, há apenas a indicação do remetente e seu endereço. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 272mm x 208mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas de tinta.
Carta 37. AJCO Campo Alegri 9 x 4 55 Para: Prezado irmão Joãopitanga De: Mariazinha Caneiro di Oliveira	Solicita ao irmão que cuide dos animais e da plantação de mandioca. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 278mm x 218mm. Apresenta manchas de tinta. Acompanha envelope.

Carta 38. AJCO (sem local e sem data) Para: compade pitanga De: nina	Expressa saudades e apresenta notícias familiares.	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas o nome do destinatário. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 155mm. Apresenta marcas de dobras. Há ornamento no canto superior da margem esquerda: desenho de flores.
Carta 39. AJCO (sem local) 28 di janeiro di 19[.]8 Para: Ill*ustríssi*mo S*enho*r João Pitanga Carneiro De: Roque Carneiro di Oliveira	Pede a sua irmã em casamento.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 240mm x 193mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 40. AJCO Fazenda Carrancudo Municipio di Mairi 2 Setembro di <↑1955> Para: Destinto Amiguinho João Pitanga Carneiro De: seu amiguinho queridinho Salomão Furtunato da Silva	Expressa saudades e notícias familiares. Comenta que pretende ir em janeiro. Pede que o amigo não venda o jumento.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 205mm x 293mm. Apresenta marcas de dobras e a mancha esccrita do verso é visível. Acompanha envelope.
Carta 41. AJCO Carancudo 19 de julho de 56 Para: Ill*ustríssi*mo S*enho*r João Pitanga De: Salomão Futunato da Silval	Expressa notícias familiares e trata de negócios.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 42. AJCO Rodiador Bedor do Catrea 29 de Aosto <↑de 1956> Para: Prezado queridinho e Amiginho João De: Salomão Fortunato da Silva	Informa sobre negócios. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 255mm x 192mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas de tinta, que não prejudicam a leitura.
Cartas para Almerinda Maria de Oliveira		
Carta 43. AJCO Distito Mairi Fazênda Carrancudo Em 24 di Maio 1956 Para: Quridinha Amiguînha Amerinda De: Angelica Pereira da silva	Apresenta notícias familiares, diz que todos estão com saúde e envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 265mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Há desenho de dois corações no canto direito da margem superior e logo abaixo está escrito "2 coração".
Carta 44. AJCO Fazenda Amargoso em Riacão do jacuipe 11 de 1975 Para: Minha mãe De: ceu filho que não esqueci di lar que é Antonio Carneiro di Oliveira	Apresenta notícias, informa que já fez alguns documentos, mas faltam outros. Expressa saudades familiares.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 155mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.

Carta 45. AJCO São Paulo 27 di Abil di 63 Para: Perzada querido estimado Commadi Almerinda Maria di Oliveira De: Depezado compadi q*ue* er Antonio Fortunato da Silva	Expressa alegria pelo recebimento da carta e envia lembranças. Pede que envie um retrato.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 46. AJCO Fazenda Baliza em Candial (sem data) Para: mãe e pai De: sua Filha Doralice C*arneiro* Oliveira	Sobre confecção de flores.	Documento contendo um fólio. No verso, a mancha escrita ocupa apenas duas linhas. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 150mm.
Carta 47. AJCO Fazenda Carrancudo 25 de Maio de 1956 Para: Distinta ! Amiguinha Amerinda De: tua Amiguinha Filomena pereira Silva	Expressa saudades e envia lembranças. Informa sobre a data de seu casamento.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 262mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope, que contém anotação posterior: "João".
Carta 48. AJCO Fazenda Baliza 23 do 9 de 76 Para: Prezada Tia Almerinda De: sua subrinha que não li esquece que e Iraildes Carneiro de Oliveira	Solicita que a tia mande a filha para o auxílio nos trabalhos. Informa sobre a dificuldade que tem para fazer tudo sozinha.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 145mm. Acompanha envelope.
Carta 49. AJCO (sem local e sem data) Para: Prezada Madrinha De: sau Afilhado que é José Joaqin de Oliveira	Envia recado para o auxílio com a mandioca.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 255mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas pela ação do tempo. Acompanha envelope.
Carta 50. AJCO Campo Alegri 9 x 4 x 55 Para: prezada irman nanu De: sua irman Mariazinha Carneiro de Oliveira	Envia e solicita notícias familiares. Pede desculpas pelos erros.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 215mm x 218mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas de tinta.
Carta 51. AJCO (sem local) 7 di Abril di 1977 Para: Comadi De: Nina	Apresenta notícias sobre a seca e apresenta notícias familiares.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 180mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e rasgo na parte inferior.

Carta 52. AJCO Fazenda Queimada - nova 3 dos 3 77 di maço Para: dona Almerinda De: Zenilta Bispo Oliveira	Expressa saudades. Agradece recebimento de quiabos e envia um pimentão. Solicita a vinda de Antonio e Maria do Carmo.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 158mm. Apresenta marcas de dobras e há o número "9" na margem superior esquerda e, logo abaixo o número "19".
Carta 53. AJCO Fazenda Viva Deus 3 di Agosto di 70 Para: Conmadri Almerinda De: sua conmadre Z Zulmira Sanpaio da Silva	Encomenda um guarda-louça e expressa saudades.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito a lápis, em papel de carta com pautas, medindo 260mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e rasgos pequenos na margem superior.
Cartas para José Mendes de Almeida		
Carta 54. AAHCS F*azenda* Mubuca 18 do 7 75 Para: Querido Zezito De: da Sua Querida Tá o que Ana Helena Cordeiro de Santana	Expressa seu amor e manifesta necessidade de vê-lo. Acusa recebimento da carta e solicita que ele continue escrevendo.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 300mm x 210mm. Apresenta marcas de dobras. Há ornamento na margem inferior, cuja visualização não é possível pelo fac-símile, apenas pelo original: desenho de dois corações e logo abaixo está escrito "EU E TU". Acompanha envelope.
Carta 55. AAHCS Fazenda Cabana Ichú Bahia 22. 10. 76 Para: Zezito De: Ana Helena Cordeiro De Santana	Expressa saudade e pede que ele não deixe para vir depois das eleições. Envia lembranças. Apresenta versos de amor.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, azulado, medindo 280mm x 193mm. Apresenta marcas de dobras. Há ornamento na margem superior, à direita: desenho de dois corações.
Carta 56. AAHCS [Fazenda Ca]bana Ichú Bahia 1, 1, 77 Para: querido Zezito De: Ana Helena Cordeiro De Santana	Apresenta e solicita notícias. Pede que ele traga uma foto da lapinha. Apresenta votos para um feliz ano novo.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta vermelha, em papel pautado esverdeado, de caderno, medindo 287mm x 200mm. Apresenta marcas de dobras e um rasgo no canto superior esquerdo, que compromete a leitura.
Carta 57. AAHCS Fazenda Cabana 6,6,77 Ichù Bahia Para: jovem Zezito (no envelope) De: Ana Helena Cordeiro De Santana	Informa que todos estão bem de saúde. Diz que está esperando por ele. Apresenta versos de amor.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel pautado, de caderno, medindo 235mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.
Carta 58. AAHCS Fazenda Cabana Ichu 10, 7, 77	Pergunta sobre o que aconteceu que ele não veio no São João. Solicita sua vinda, pois não merece essa ingratidão.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 280mm x

Para: Zezito (indicação no meio da carta) De: Ana Helena Cordeiro De Santana		200mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 59. AAHCS F*azen*da Cabana Ichú 24, 7, 77 Bahia Para: Zezito (indicação no meio da carta) De: Ana Helena Cordeiro De Santana	Pergunta sobre a saúde e informa que todos estão em paz. Solicita sua vinda para irem à reza. Finaliza com versos de amor.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 236mm x 190mm. A mancha escrita do verso é de apenas três linhas e há desenhos de dois corações no fim de cada linha.
Carta 60. AAHCS F*azenda* Cabana 24 8 77 Ichú Bahia Para: Zezito (indicação no meio da carta) De: Ana Helena Cordeiro De Santana	Expressa seu amor. Comenta sobre seu sofrimento e informa que não foi para reza e nem para vaquejada. Solicita sua vinda.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 236mm x 188mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas.
Carta 61. AAHCS Fazenda Cabana Ichú Bahia (sem data) Para: Zezito (indicação no meio da carta) De: Ana Helena Cordeiro De Santana	Pergunta pela saúde e expressa tristeza por não ter ido visitá-lo, pois o pai não permite.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 197mm x 137mm. Apresenta um pequeno rasgo devido a uma das marcas de dobras. A mancha escrita do verso é estruturada no centro, entre as marcas das dobras.
Carta 62. AAHCS Salvadro Mata de São João Ba- 31 Maio -19-7-7 Para: çoprade José Medis de Almedra De: João dos Santos	Apresenta e solicita notícias da saúde. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 280mm x 187mm. A margem esquerda foi recortada.
Cartas para Ana Helena Cordeiro de Santana		
Carta 63. AAHCS (sem local)10-12. 92 Para: Elena De: Ana Santana C*ordeiro*	Pergunta pela aposentadoria de Esmerado. Informa que o dinheiro enviado deve ser para ele ou para compra da toalha de renda. Informa sobre data de casamento de Eguiberto e vinda de Jurandy.	Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, em papel pautado, de caderno, medindo 265mm x 185mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 64. AAHCS Goiabeira 21 do 12 75 Para: Helena De: Jose Mendes de Almeida (no envelope)	Expressa tristeza pela falta de compreensão do pai dela em relação ao relacionamento dos dois. Expressa seu amor.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 238mm x 185mm. Acompanha envelope.
Carta 65. AAHCS Goiabeira 25 3 77	Expressa saudades. Comenta sobre construção da casa e o casamento. Solicita que escreva para ele e expressa	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel pautado, medindo 238mm x 185mm. Apresenta

Para: Helena meu amor De: Jose Mendes de Almeida	saudade.	marcas de dobras e um rasgo no canto superior direito, que compromete a leitura de três linhas da mancha escrita.
Cartas para Firmina Petornilha dos Santos		
Carta 66. AJJS (sem local) Domingo 19 de Marco de 1906 Para: minha estimada Amiga i querida com*adre* Firmina De: Josepha Maria da Silva	Expressa afeto e informa sobre saúde da família. Pede desculpa pela demora em responder às cartas. Envia lembranças e abraços às pessoas da família.	Documento contendo dois fólios, escritos em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 168mm x 110mm. Há borrão de tinta no primeiro fólio.
Carta 67. AJJS (sem local) Domingo 24 di Agosto di 1908 Para: Ex*celentíssi*ma Sin*hor*a D. Com*adre* firmina De: Josepha Maria da Silva	Informa sobre recebimento de cartas e pede desculpas pela falta de respostas. Comenta sobre falta de água e desgosto no casamento. Envia lembranças a todos.	Documento contendo dois fólios, escritos em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel pautado, medindo 170mm x 105mm.
Carta 68. AJJS (sem local) Domingo [.] di Setembro di 90[?] Para: minha Com*adre* i Amiga Firmina De:Zifinha M*ari*a da S*ilva*	Solicita notícias familiares e expressa afeto.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel pautado, medindo 115mm x 78mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, devido à ação do tempo, comprometendo a leitura de três linhas da mancha escrita.
Cartas para Josefa Jozina da Silva		
Carta 69. AJJS São Paulo, 20 – 5 - 77 Para: querida c*omadre* Zézete De: sua comadi que dete Carneiro da Silva	Solicita e apresenta notícias familiares. Expressa saudades e questiona se ela já fez o tapete e o centro.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 133mm. No verso, há apenas a indicação da remetente e da destinatária, em tinta azul. Apresenta marcas de dobras, pequeno rasgo na margem esquerda e ornamento: desenho de flor no canto superior esquerdo.
Carta 70. AJJS Campinas 11 di Setembro di 1978 Para: Zezete De: Zita Lima Selva	Solicita informações sobre as novidades. Informa sobre sua operação e sobre internamento de sua filha. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 135mm. Apresenta marcas de dobras. O papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso.

Carta 71. AJJS (sem local) [1978] Para: Zezete De: Zita Lima Silva	Informa que estão pensando em ir embora em junho. Envia lembranças para os familiares.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 205mm x 135mm.
Carta 72. AJJS Campina Estado de <↑São p*aulo*> (sem data) Para: Estimada Comade zezete De: Antonia Oliveira Lima	Expressa afeto. Informa sobre envio de fotografia. Manda lembranças.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 203mm x 140mm. Apresenta marcas de dobras e manchas. O papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso. Há um rabisco no canto inferior esquerdo.
Cartas para Neraldo Lopes Pinto		
Carta 73. AJJS Campinas 15 de janeiro de 1979 Para: Meu amigo Nerado De: Roma	Antonio pede informações sobre quanto custa o dia do trabalhador, um saco de farinha, de feijão e de milho. Pergunta se a vaca já pariu. Pede que compre seis velas e acenda para o santo.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 203mm x 135mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 74. AJJS Fazenda Cachorrinha 9 de Feverero di 1978 Para: Neraldo De: Zezete Jozina da Silva	Deseja felicidades e dá notícias da saúde. Informa sobre o cavalo.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 168mm x 140mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, que não dificultam a leitura. Há um rasgo na parte inferior do papel.
Cartas para Maria Inês Oliveira Costa		
Carta 75. AMIOC Fa*zenda* Rancho Alegre .17-94 Para: querida didinha Neis De: Luciana Matos	Expressa saudades, pergunta pela saúde e solicita resposta da carta.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 140mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas. Parte da mancha escrita do verso foi escrita com o papel dobrado, indicando remetente e destinatário, e apresenta ornamento: desenho de folhagem.
Carta 76. AMIOC (sem local e sem data) Para: Prezada C*omadre* Maria Inês De: Margarida Maria de Oliveira	Informa sobre os pedaços de umburana que pegou no pasto de Maria Inês.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel pautado, de caderno, medindo 197mm x 135mm. O papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso.

Carta 77. AMIOC Pocinho 12 de Setembro de 1990 Para: Querida tia Maria Ineés De: Maria Lucia O. C.	Expressa satisfação pela carta recebida e comenta sobre as notícias da família. Informa que breve estará lá raspando mandioca. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 198mm x 132mm. A mancha escrita do verso ocupa apenas três linhas. Apresenta marcas de dobras e pequeno rasgo na margem esquerda. Há o número "53" na margem superior esquerda do recto e "54" na margem superior esquerda do verso.
Cartas avulsas para vários destinatários		
Carta 78. AJJS Bom Fim 22 di marco di 1906 Para: Amiga [Jozepha Maria da Silva] De: Firmina Petornilha Do Santo	Apresenta e solicita notícias familiares. Expressa saudades.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 155mm x 203mm. Apresenta rasgo na margem superior e manchas, causadas pelas dobras e pela tinta. A mancha escrita do verso é apresentada de forma invertida: inicia onde deveria ser a margem inferior.
Carta 79. AJJS Bom Fim 21 di O*utu*bro 1906 Para: Ex*celentíssi*ma Sinhora dona Jozepha maria da silva De: Firmina Petornilha do Santo	Pede desculpas pela demora em responder a carta, expressa afeto e solicita notícias familiares.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel de carta, com pautas, medindo 155mm x 203mm. Há rasgos na margem inferior e marcas de dobras. A mancha escrita do verso é apresentada de forma invertida: inicia-se onde deveria ser a margem inferior.
Carta 80. AJJS Bom Fim a 9 di Feverero di 1907 Para: Ex*celentíssi*ma Sinhora dona Perola di vasconcello De: Firmina petornilha do Santo	Envia um recado para dona Maria solicitando uma encomenda pelo mesmo preço da anterior.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta preta, em papel de carta, com pautas, medindo 155mm x 203mm. Na parte central, o papel está desgastado e escurecido pela ação do tempo, além de apresentar marcas de dobras.
Carta 81. AJJS Juazeirinho 15 de Novembro de 1907 Para: Ill*ustríssi*mo S*enho*r Juvenal Saturnino de Santa anna De: Antonio Marcellino de Lima	Pergunta sobre a saúde e informa sobre uma terra e uma casa pequena que está a venda.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel pautado, medindo 170mm x 110mm. Apresenta marcas de dobras horizontais.
Carta 82. AJCO Amargozo 24 de Novenbro di 1951 Para: Ill*ustríssi*mo S*enho*r Fernando Jose de Oliveira De: seu criado obro João Pitanga Carneiro	Pede a filha Almerinda em casamento.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 263mm x 185mm, escurecido e com pequenas manchas, pela ação do tempo. Apresenta marcas de dobras.

Carta 83. AMIOC Vaca Brava 20 de junho de 1953 Para: Muito Estimado Senhor Anto*nio* De: Antonio Pinheiro Costa	Pede a mão de Maria Inês em casamento.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 263mm x 185mm, escurecido e com pequenas manchas, pela ação do tempo. Apresenta um furo ao centro, devido às dobras, e rasgos na parte inferior.
Carta 84. AMDC Fazenda Balagão 9 do 6 de 1966 Para: meus estimados Comadre e Compadre De: Maria Dalva Carneiro	Informa sobre notícias tristes da sua separação. Dá detalhes das causas de sua tristeza.	Documento contendo dois fólios; apenas o segundo fólio é escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 210mm x 145mm, escurecido e com pequenas manchas, pela ação do tempo. Há uma mancha maior na parte superior direita, que não compromete a leitura. A mancha escrita do verso, do segundo fólio, é visível no recto e vice-versa.
Carta 85. ALCC (sem local) 03, 02, 83 Para: Querida Dalva De: Adilson Cedraz	Informa que foi bem de viagem, declara sua imensa saudade. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 275mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras. Acompanha envelope.
Carta 86. AMDC SP 21 do 12 – de 1995 Para: Mãe De: Vandinho	Informa sobre sua saúde, solicita notícias e expressa o desejo de voltar para sua terra.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 267mm x 190mm.
Carta 87. AHO Fazenda Pau de Colher Data 14/2/2000 Para: Querida filha Helena De: sua mãe que não ti esquece Izaura	Informa sobre os problemas de saúde. Expressa saudades.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 205mm x 135mm. Há traços aleatórios na margem esquerda do verso.
Carta 88. AJJS (sem local e sem data) [1910] Para: Ill*ustríssi*mo Sen*hor* Jose adrianno De:João Saturnino SantaAnna	Informa sobre seu interesse pela terra que está à venda. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito a lápis, em papel pautado, medindo 242mm x 170mm. Há imagem religiosa no canto superior da margem esquerda.
Carta 89. AMIOC (sem local e sem data) Para: Estimado Tio Didi De: Izaque Pinheiro de Oliveira	Informa sobre negócios envolvendo compra de terra.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel de carta com pautas, medindo 245mm x 192mm.. Apresenta marcas de dobras e pequenos rasgos na margem inferior.
Carta 90. ALCC	Pede perdão e declara seu amor. Comenta que tudo foi	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul,

(sem local e sem data) Para: (oi amor) Dalva De: Adilson	orgulho dos dois e que podem fazer as pazes. Escreve versos de amor.	em papel pautado, de caderno, medindo 275mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras.
Carta 91. AHO fazenda flores (sem data) Para: prezada amiga elena De: Bernadete Maria di Oliveira	Solicita notícias, expressa saudades e quer encontrar-se logo com ela para conversar.	Documento contendo um fólio. No verso, a mancha escrita é centralizada, ocupando cinco linhas. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 205mm x 135mm. Apresenta marcas de dobras.

ÍNDICE ANALÍTICO DAS CARTAS (CARTA 92 A 131)

PARTE II

Nº da carta e cota do arquivo. A datação, o nome do destinatário e o nome do remetente mantêm a grafia original.	**Assunto**	**Aspectos materiais**
Cartas para Zenilta Bispo de Oliveira		
Carta 92. AZBO Fazenda terra Vermeilha (sem data) Para: zeninha De: sua prima qu Ana di Oliveira	Informa que está bem de saúde e expressa satisfação por ter encontrado uma pessoa.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, manchas, pequenos furos e um rasgo maior na parte central, que impede a leitura de parte de três linhas da mancha escrita do recto.
Carta 93. AZBO (sem local e sem data) Para: Perzada Prima De: Ana	Informa que está bem de saúde, envia lembranças e comenta que gosta do irmão da destinatária.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 135mm. No verso, há apenas o nome da destinatária e da remetente, além de alguns traços aleatórios, em tinta azul. Apresenta marcas de dobras, pequenos rasgos e o papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso.
Carta 94. AZBO Fazenda Amargoso 18 de marso Para: Minha querida Zenilta De: Antonio Carneiro di Oliveira	Comenta sobre como tem passado, informa que não para de pensar nela e que irá vê-la para abraçá-la e beijá-la.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 145mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, principalmente nas dobras do verso.
Carta 95. AZBO Fazenda Amargoso 16 de junho de 1975 Para: querida Zenilta De: do ceu amadismo que é Antonio Carneiro de Oliveira	Expressa saudade, pede saúde a Deus, envia recados e informa que começará o emprego na terça-feira.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 133mm. Apresenta marcas de dobras e a margem esquerda foi cortada de forma irregular (a parte inferior está mais larga que a superior).

Carta 96. AZBO Fazenda Amargoso dia 8 do Corrente 77 Para: Presada querida De: Antonio Carnei[.] de Olivei-ra	Expressa tristeza pela falta que sente e pede que ela vá buscar a encomenda que a mãe dele reservou: uma galinha.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 140mm. Apresenta marcas de dobras e rasgos, nas margens superior e inferior e no centro do papel. O rasgo central compromete a leitura de palavras de onze linhas da mancha escrita.
Carta 97. AZBO Fazenda Amargoso dia 17 de Setembro de 1977 Para: Menina De: [Antonio Carneiro de Oliveira]	Informa que irá aparecer à noite e convida para viajar no dia seguinte. Pede desculpa pelos erros.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 250mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e pequenos rasgos, causados, provavelmente, pela umidade, mas que não comprometem a leitura. Há a anotação "(40)" na margem superior, à esquerda.
Carta 98. AZBO (sem local e sem data) Para: Miu bem De: do ceu Amor que é Antonio	Responde, expressando prazer em estar com a amada e lamenta o modo de agir dela.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 145mm. Apresenta pequenos rasgos e manchas, principalmente, nas marcas de dobras. Acompanha envelope.
Carta 99. AZBO Fazenda Amargôso (sem data) Para: Comadre Zenilta De: da comadre Doralice Carneiro Oliveira	Informa que irá aparecer pela tarde, para ver as amostras.	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 280mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, um pequeno rasgo na 17ª linha da mancha escrita e manchas, causadas, provavelmente, pela umidade.
Carta 100. AZBO Fazenda Amargoso (sem data) Para: Comadre Zenilta De: da comadre Doralice *Carneiro Oliveira*	Pede desculpas por não ter ido e informa os motivos.	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta preta, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 130mm. Apresenta marcas de dobras e rasgos que impedem a leitura de palavras de quatro linhas da mancha escrita. Há manchas, causadas, provavelmente, pela umidade.
Carta 101. AZBO Fazenda Amargoso (sem data) Para: Comadre Zenilta De: Comadre [.] Doralice Carneiro de Oliveira	Expressa e solicita notícias. Envia lembranças.	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 148mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, causadas, provavelmente, pela umidade, principalmente nas

		extremidades do papel.
Carta 102. AZBO Fazenda Amargôso (sem data) Para: Comadre Zenilta De: da sua comadre que é Doralice C*arneiro* Oliveira	Informa as notícias da saúde de sua mãe e questiona sobre a ida da comadre para Miguel Leão. Envia versos.	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 275mm x 190mm. Apresenta rasgos, causados pelas dobras, que comprometem a leitura de palavras de cinco linhas do centro da mancha escrita. Há ornamento no canto superior direito: desenho de flores coloridas.
Carta 103. AZBO (sem local e sem data) Para: Comadre Zenilta De: Idelcina Carneiro de Oliveira e Oliveira	Apresenta infomações sobre como fazer o cadastro de pessoas interessadas para o curso de corte. Comenta que não sabe o dia que irá aparecer e envia lembranças.	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente, além de duas palavras aleatórias. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 273mm x 187mm. Apresenta marcas de dobras, algumas manchas, principalmente no verso, e um furo na quinta linha da mancha escrita.
Carta 104. AZBO (sem local e sem data) Para: Conadre Zenilta De: sua comadre Idelcina	Informa sobre os materiais necessários para o curso de corte.	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 118mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas. A parte inferior do fólio foi cortada e o papel foi usado de modo invertido: o texto começa onde deveria ser o verso.
Carta 105. AZBO (sem local e sem data) Para: Comadre Zenilta De: a comadre Ildecina Carneiro de Oliveira e Oliveira	Solicita que a comadre vá a sua casa rezar alguém que está com um problema no olho, "de vento".	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária e da remetente. Escrito com tinta azul, em papel pautado, medindo 87mm x 198mm, com borda na margem inferior. Apresenta marcas de dobras, escurecimento do papel e pequenos rasgos na parte inferior.
Carta 106. AZBO (sem local e sem data) Para: Amiga Comadi De: Maria Dusanjo	Solicita notícias das pessoas, expressa saudades e envia lembranças.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 198mm x 140mm. Da 12ª à 19ª linha da mancha escrita do recto, foi usada tinta vermelha. Apresenta marcas de dobras, manchas, pequenos rasgos e um rasgo maior na parte inferior que impede a leitura de algumas palavras das três últimas linhas do recto.

Carta 107. AZBO (sem local) 29 / Julho / 1986 Para: Zelnilta De: a tia que ama Francisca Carneiro de Oliveira	Comenta sobre o batizado do menino e envia lembranças.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 287mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras, um rasgo na dobra central, que não compromete a leitura, e pequenas manchas.
Carta 108. AZBO (sem local) 10 Junho de 1988 Para: Querida Zeni De: Nina	Expressa satisfação em receber notícias. Informa sobre a chuva e a plantação.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 280mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, alguns furos e pequenas manchas. A pauta na margem inferior foi desenhada a caneta.
Carta 109. AZBO (sem local e sem data) Para: Comade Zenia De: sua irma Terezinha	Pede informações sobre venda da máquina e manifesta seu interesse em comprá-la.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 250mm x 135mm. Apresenta pequenos furos, causados pelas dobras, que não comprometem a leitura.
Carta 110. AZBO (sem local e sem data) Para: Comadri Zenia De: sua mana e comadri Terezinha	Manifesta vontade de ajudar, mas alega falta de dinheiro. Questiona sobre preço das duas colchas.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 200mm x 136mm. Apresenta um pequeno furo na marca da dobra central e manchas, principalmente, no verso. Há a anotação "20" na margem superior, à esquerda.
Carta 111. AZBO Fazinda Caupeira dos Algodão 11 di Masso di 75 Para: Perzada pirma De: Valdelici di Oliveira	Envia notícias, expressa saudades e pergunta sobre as paqueras. Envia versos.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 123mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras, pequenos rasgos e manchas, principalmente na parte central, causadas, provavelmente, por umidade. A parte inferior foi recortada.
Carta 112. AZBO (sem local e sem data) Para: querida pirma Zeninha De: Valdeliçi Vergina di Oliveira	Envia versos. Convida para um passeio de três dias, pois irá costurar e pede que confirme sua ida.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 213mm x 152mm. Apresenta pequenos rasgos, causados pelas dobras, e um rasgo maior no centro, que impede a leitura de uma palavra na 11ª linha da mancha escrita do recto. Há manchas, provavelmente causadas por umidade.

Carta 113. AZBO (sem local e sem data) Para: Zenita bispo di Oliveira De: dapirma valdelici	Envia versos. Agradece a carta que recebeu e informa notícias de todos. Comenta sobre seu paquera e diz que tem uns casos para contar.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 213mm x 150mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e pequenos furos que não comprometem a leitura.
Cartas para Antônio Carneiro de Oliveira		
Carta 114. AZBO Fa*zenda* Amargozo 27- 11-88 Para: Para Anigo Antonio De: Seu amigo e Cumhado Júlio Luiz	Informa que o destinatário precisa comparecer para resolver uns problemas e comenta que o trator virá na quinta.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 143mm x 133mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, bastante visíveis, mas que não comprometem a leitura. A parte superior do papel foi cortada.
Carta 115. AZBO Riachão do jacuipe D. D. 27 12 75 Para: Amor De: [Zenilta Bispo de Oliveira]	Expressa satisfação por ter recebido o bilhete. Envia recados e informa que não sabe se vai para a brincadeira.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 275mm x 190mm. Apresenta marcas de dobras e partes machucadas. Não está assinada, mas Zenilta Bispo confirma a autoria e, além disso, a letra é a mesma das outras cartas dessa remetente.
Carta 116. AZBO Fazenda Queimada-nova 14 de corrente 9 77 Para: Antonio Carneiro de Oliveira De: da sua Estimada querida Zeni	Expressa saudade e solicita a compra de materiais para costura de um vestido, além de uns peixes. Envia verso.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 203mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras, manchas, e pequenos rasgos na extremidade inferior. Há a anotação "(87)" na margem superior, à esquerda.
Carta 117. AZBO (sem local e sem data) Para: Prizado Antônio De: da sua estimada *Zenilta Oliveira*	Solicita a compra uma escova de cabelo e uma brilhantina e pede para apreçar um filtro de água e um remédio para cravos e espinhas. Envia recados e pede desculpas pela letra.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 212mm x 138mm. Apresenta marcas de dobras e vários rasgos, comprometendo a leitura de palavras de 5 linhas da mancha escrita do recto e do verso.
Carta 118. AZBO Riachao do Juaguipe 8 D. Agôsto Para: Querido De: Zenilta	Questiona sobre o interesse do namorado por outra pessoa e ameaça arranjar outros namorados também. Expressa seu amor e comenta que irá ao Rio de Janeiro.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 205mm x 132mm. Apresenta marcas de dobras e manchas, mais escurecidas na parte central,

		causadas, provavelmente, por umidade.
Carta 119. AZBO (sem local e sem data) Para: Antônio De: Zenilta	Questiona sobre o registro da menina, manda recados e solicita a compra do pano para costurar uma camisa. Pede para apreçar um colchão.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito a lápis, em papel pautado, de caderno, medindo 220mm x 135mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e rasgos. Há um rasgo maior que compromete a leitura de palavras de 4 linhas da mancha escrita do recto.
Cartas para Maria Bispo dos Santos		
Carta 120. AZBO Fazendas vasoura (sem data) Para: dona Maria De: Lindaura Alameida	Expressa tristeza e envia recados. Pergunta se ela tem armação de sombrinha velha para vender.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 140mm. Apresenta manchas, partes machucadas e pequenos rasgos nas marcas de dobras.
Carta 121. AZBO Fazenda Vitoria 11-3-77 Para: D*ona* Maria De: da amiga Maria Nailda de Oliveira	Informa notícias da saúde e comenta que a mãe está bem.	Documento contendo um fólio. No verso, há apenas a indicação da destinatária. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 142mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e pequenos furos que não comprometem a leitura.
Carta 122. AZBO (sem local e sem data) Para: Querida mãe De: du seu filho qu Manoel Bispo dus Santos	Informa sobre notícias familiares e comenta sobre a limpeza da terra da mandioca.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 207mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e rasgos, causados, provavelmente, por umidade, comprometendo a leitura de várias palavras na extremidade esquerda da mancha escrita.
Carta 123. AZBO Fazenda queimada-nova. 20-12-75 Para: Estimada Mamãe De: Zenilta Bispo Oliveira	Apresenta notícias de todos e pede orientação sobre como fazer o título. Envia recados e comenta que fez uma importante viagem.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 235mm x 185mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e rasgos. Um rasgo maior impede a leitura de palavras de 5 linhas da mancha escrita do recto.
Carta 124. AZBO Fazenda queimada-nova 18 [.] 75 Para: Minha querida mamãe De: da cua filha Zenilta Bispo	Pergunta como foi o trabalho com a mandioca, comenta sobre namorados e diz que irá fazer documentos. Envia recados.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 145mm. A pauta na margem superior foi desenhada a caneta. Apresenta marcas de dobras, manchas, rasgos e uma parte machucada. Um

		rasgo na parte superior impede a leitura de palavras das três primeiras linhas.
Carta 125. AZBO Riachão do Jacuípe (sem data) Para: Minha querida Mamãe De: da sua filha [.]enilta Bispo Oliveira	Informa que está bem e comenta sobre sua ida. Envia recados.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 145mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e vários rasgos à direita, provavelmente causados pela umidade, comprometendo a leitura de várias palavras da mancha escrita. Há a anotação "30", em tinta vermelha, na margem superior, à esquerda.
Cartas avulsas para vários destinatários		
Carta 126. AZBO (sem local e sem data) Para: Prezado querido noivo Manoel De: da sua querida noiva q*ue* Ana di Oliveira	Expressa seu amor e pede que ele venha para tirar um retrato. Envia lembranças e um verso.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta preta, em papel pautado, de caderno, medindo 216mm x 147mm. Apresenta marcas de dobras e pequenas manchas.
Carta 127. AZBO Fazenda boa - esperança dia 8 do Corrente de 1977 Para: Carismo ouvinte Manoel Virgino De: Antonio Carneiro de Oliv[.]	Comenta que não conseguiu arrumar o dinheiro e afirma que quer se casar logo.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras, manchas e rasgos, provavelmente causados pela umidade. Alguns rasgos impedem a leitura de palavras de 2 linhas do recto e de 6 linhas do verso.
Carta 128. AZBO Fazenda queimanda – nova abril de 1977 Para: pitico De: Joana Luza [.]ispo de Oliveira	Comenta sobre namoro e envia recados.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 140mm x 185mm. Apresenta marcas de dobras e escurecimento do papel, causado, provavelmente, pela umidade. Dois rasgos no centro do papel impedem a leitura de palavras de 3 linhas do recto.
Carta 129. AZBO Fazenda Caupeira dos algodão 1 – 199[.] Para: João De: da sua Querida que er Valdelici de Oliveira	Expressa tristeza pela saudade e pede que ele apareça.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta verde, em papel pautado, de caderno, medindo 215mm x 150mm. No verso, 11 linhas foram esritas com tinta azul, além do nome do destinatário. Apresenta marcas de dobras, pequenas manchas e um furo central que não compromete a leitura.

Carta 130. AZBO Fazenda Primeira Malhada 23 de Novembro de 1972 Para: Maria de Lurde Bacela De: da sua amiga que e Zenilta Bispo di Oliveira	Informa que não poderá mais ir sexta, por causa das visitas e de outros motivos. Expressa saudades.	Documento contendo um fólio, escrito em ambos os lados. Escrito com tinta azul, em papel pautado, de caderno, medindo 210mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras e escurecimento do papel. Há traços aleatórios na margem inferior e na superior.
Carta 131. AZBO (sem local e sem data) Para: Nei De: Zeni	Solicita o dinheiro do caixa.	Documento contendo um fólio. Escrito com tinta vermelha, em papel pautado, de caderno, medindo 203mm x 137mm. Apresenta marcas de dobras e a anotação "31" na margem superior, à esquerda.

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

1. Antonio Fortunato da Silva. Arquivo pessoal de Antonio Fortunato.
2. Gildásio de Oliveira Rios. Arquivo pessoal de Antonio Fortunato.
3. Jesuino. Arquivo pessoal de João Carneiro Oliveira.
4. Mariazinha com os irmãos, Manequinha e João Pitanga (à esquerda). Arquivo pessoal de João Carneiro Oliveira.
5. Angélica Pereira da Silva. Arquivo pessoal de Antonio Fortunato.
6. Filomena Pereira da Silva. Arquivo pessoal de Antonio Fortunato.
7. Casamento de Antonio e Zenilta Oliveira. Arquivo pessoal de Zenilta Oliveira.
8. Ana Helena Cordeiro de Santana. Arquivo pessoal de Ana Helena Cordeiro.
9. Ana Santana Cordeiro. Arquivo pessoal de Ana Helena Cordeiro.
10. José Mendes de Almeida. Arquivo pessoal de Ana Helena Cordeiro.
11. Josefa Josina da Silva Pinto. Arquivo pessoal de Josefa Jozina da Silva.
12. João Carneiro de Oliveira e Almerinda Maria de Oliveira. Arquivo pessoal de Zenilta Oliveira.
13. Raimundo Adilson Cedraz e Lucidalva Cordeiro Cedraz. Arquivo pessoal de Lucidalva Cordeiro.
14. Bernadete Maria de Oliveira. Arquivo pessoal de Bernadete Maria.